

**Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**EDE CONCEIÇÃO BISPO CERQUEIRA**

**CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA E A DIVULGAÇÃO DE TEORIAS  
MÉDICO-PSICOLÓGICAS NO RIO DE JANEIRO  
(1940-1959)**

**RIO DE JANEIRO**  
**2019**

**EDE CONCEIÇÃO BISPO CERQUEIRA**

**CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA E A DIVULGAÇÃO DE  
TEORIAS MÉDICO-PSICOLÓGICAS NO RIO DE JANEIRO  
(1940-1959)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Teresa A. Venancio

**RIO DE JANEIRO**

**2019**

**EDE CONCEIÇÃO BISPO CERQUEIRA**

**CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA E A DIVULGAÇÃO DE TEORIAS MÉDICO-  
PSICOLÓGICAS NO RIO DE JANEIRO  
(1940-1959)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora. Área de Concentração: História das Ciências.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Professora Dra. Ana Teresa A. Venancio – Orientadora (COC/Fiocruz)

---

Professor Dr. Marcos Cueto – Coorientador (COC/Fiocruz)

---

Professora Dra. Giselle Martins Venancio (PPGH/ UFF)

---

Professora Dra. Jane Russo (IMS/UERJ)

---

Professora Dra. Maria Rachel Froes da Fonseca (PPGHCS/COC)

---

Professora Dra. Cristiana Facchinetti (PPGHCS/COC)

**SUPLENTES:**

Professora Dra. Ana Maria Jacó-Vilela (IP/UERJ)

Professor Dr. Robert Wegner (PPGHCS)

RIO DE JANEIRO

2019

Ficha Catalográfica

---

C416c Cerqueira, Ede Conceição Bispo.

Cláudio de Araújo Lima e a divulgação de teorias médico-psicológicas no Rio de Janeiro (1940-1959) / Ede Conceição Bispo Cerqueira. – Rio de Janeiro: Fiocruz - COC, 2019.  
324 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.  
Bibliografia: 288-324f.

1. Teoria Psicológica. 2. Comunicação e Divulgação Científica. 3. História do Século XX.

CDD 150.1

---

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

## AGRADECIMENTOS

Ao final de tão longa, árdua e muitas vezes penosa jornada que foi a escrita desta tese, posso reclamar de muita coisa, menos de ter estado sozinha. O trabalho acadêmico em geral é solitário, mas o meu felizmente não foi. Pude compartilhar minhas dúvidas e inseguranças com poucas pessoas, que porém valeram por muitas. É para este grupo seletivo e muito especial que tenho muito que agradecer. Então vamos começar...

A minha sincera gratidão à minha orientadora Profa. Dra. Ana Teresa A. Venancio pela compreensão nos vários momentos difíceis de problemas de saúde e incertezas acadêmicas, assim como pela leitura sempre muito atenta e minuciosa de cada detalhe da tese. Também agradeço a meu coorientador Prof. Marcos Cueto.

Agradeço muito aos professores da Casa de Oswaldo Cruz, pela acolhida desde o mestrado e o convívio sempre muito gentil, atencioso e colaborativo. Aos coordenadores do PPGHCS – Professoras Magali Romero Sá, Simone Kropf e Gisele Sanglard e o Prof. Robert Wegner que, ao longo dos sete anos em que estive ligada ao programa, sempre foram muito solícitos às minhas demandas acadêmicas. E à Capes pela bolsa que me possibilitou realizar a pesquisa e escrita da tese.

Também sou grata aos membros da banca de qualificação, Prof. Mariano Ben Plotkin, pela atenção e auxílio nas questões sobre a pesquisa na Argentina e o interesse em me orientar no estágio doutoral, que, porém, infelizmente não se efetivou. E à Profa. Maria Rachel F. Fonseca meu duplo agradecimento pela presença e comentários nas duas bancas, além das valiosíssimas indicações de leitura que me ajudaram muito na definição de meu objeto de estudo.

Agradeço à muito querida Profa. Cristiana Facchinetti, que tem acompanhado e incentivado minhas pesquisas desde o mestrado, por suas sugestões durante a defesa; à Profa. Ana Jacó-Vilela por disponibilizar o espaço do Clio-Psyché e sua valiosa biblioteca para aulas e consultas. Ao Prof. Robert Wegner tenho muito a agradecer pelo estágio doutoral na PUC-RJ, e por nossas conversas ao longo deste, que me possibilitaram pensar e repensar minha própria pesquisa e prática docente. Também sou muito grata às professoras Giselle Venancio e Jane Russo pelos pertinentes comentários e questões apresentados na minha banca de defesa. Agradeço muito também aos colegas Danielle Fialho, Rodrigo Ramos e Giulia Accorsi.

Como não ser repetitiva se ainda tenho muito que agradecer aos maravilhosos profissionais da secretaria da COC que me ajudaram a resolver problemas da sempre

inconveniente burocracia acadêmica, Sandro Hilário, Paulo Chagas e Maria Cláudia Cruz. À Amanda Gutierrez pela paciência e presteza nos pedidos urgentes de cópias para ontem. Aos funcionários das Bibliotecas da Fiocruz (COC e Manguinhos), da Biblioteca do Clío-Psyché, da Biblioteca Nacional, das Bibliotecas da USP, da Biblioteca do IPUB a querida colega e bibliotecária Cátia Mathias sempre tão atenciosa, meu muito obrigada.

Não posso deixar de mencionar o auxílio recebido de duas pesquisadoras argentinas que possibilitaram meu acesso ao arquivo de Gregório Bermann vinculado à Universidade de Córdoba, Lucía Pérez e Mariana Rodríguez, bem como ao organizador do arquivo, Fernando Ferrari, ao professor Adrian Carbonetti e à direção deste. Foram tantas as instituições que percorri ao longo da pesquisa e tantas pessoas prestativas que conheci que só posso pedir desculpas àqueles que esqueci de mencionar, pela memória fraca, e agradeço a colaboração.

Por fim, mas não em último lugar agradeço à minha família que suportaram minhas queixas e lamentações e me ajudaram ao longo destes anos a carregar o piano. À minha mãe Barbara e minha tia-avó Enaura pelo carinho e a compreensão em minhas longas ausências e visitas curtas. Aos meus sogros Marcos e Maristela Marcondes que acreditaram no sonho da carreira acadêmica, incentivaram de muitas maneiras e, mesmo nos momentos difíceis, apostaram na realização deste. Aos meus gatinhos pelo carinho diário e suas colaborações na bagunça da minha mesa. Ao meu amado Sérgio me faltam palavras para agradecer pelo desvelo e desdobramento em múltiplas funções de revisor, tradutor, pesquisador, terapeuta, enfermeiro, carregador de pilhas de livros, orientador e amigo. Tenho sentimentos que vão muito além da gratidão para este grande companheiro que não permitiu em nenhum momento que minha jornada fosse solitária.

Para Sérgio, um farol em meio à tempestade

## RESUMO

Esta tese analisa a divulgação de teorias médico-psicológicas realizada por intelectuais que atuaram como mediadores culturais. Por meio de diversos tipos de textos, estas teorias circularam em jornais diários e revistas dirigidos ao público em geral no Rio de Janeiro, nas décadas de 1940 e 1950. Apresento primeiramente o contexto mais amplo, a partir da década de 1920, de divulgação de ideias sobre a subjetividade provenientes da psiquiatria, psicanálise e psicologia, assim como da cultura literária as quais denomino de teorias médico-psicológicas. Neste contexto, por meio da análise de jornais e revistas de variedade, femininas e literárias, discuto a participação de intelectuais mediadores enquanto atores sociais que, desde a década de 1920, colaboraram na recepção, apropriação e divulgação de várias teorias, para além das instituições acadêmicas e científicas. Dentre estes intelectuais mediadores, destaco como estudo de caso, a participação do psiquiatra, médico legista e escritor amazonense Cláudio de Araújo Lima (1908-1978), na divulgação da psicanálise freudiana, da caracterologia definida pelo psiquiatra alemão Ernest Kretschmer (1888-1964) e da chamada “psicologia proustiana”, dentre outras. Para divulgar estas teorias ele utilizou diferentes práticas de mediação como a escrita de romances psicológicos, peças teatrais, ensaios e biografias, também trabalhando como editor de revistas de divulgação médica.

**Palavras-chave:** História, divulgação científica, décadas de 1940 e 1950, intelectuais mediadores, Cláudio de Araújo Lima



## ABSTRACT

This thesis analyzes the communication of medical-psychological theories made by a group of intellectuals that acted as cultural mediators. By means of different kinds of texts, these theories circulated in daily newspapers and magazines for the general public, in Rio de Janeiro, during the 1940s and 1950s. I present first the bigger context, since the 1920s, of the communication of ideas about subjectivity coming from psychology, psychiatry and psychoanalysis, as well as the literary culture, which I name as medical-psychological theories. Within this context, through the analysis of newspapers and variety, feminine and literary magazines, I discuss the participation of mediator intellectuals as social actors, who, since the decade of 1920, contributed to the reception, appropriation and communication of several theories beyond the academical and scientific institutions. Among these mediator intellectuals, I highlight, as a case study, the Amazonian psychiatrist, forensic doctor and writer Cláudio de Araújo Lima (1908-1978), which communicated the Freudian psychoanalysis, the characterology defined by the German psychiatrist Ernest Kretschmer (1888-1964) and the so called “Proustian psychology”, among others. For the communication of these theories, he used different practices of mediation, as the writing of psychological novels, theatricals plays, essays and biographies, working also as publisher in medical magazines.

**Keywords:** History, scientific communication, 1940s and 1950s, mediator intellectuals, Cláudio de Araújo Lima.

## Lista de Quadros

**Quadro I:** Divulgadores das teorias de Kraepelin em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

**Quadro II:** Divulgadores das teorias de Adler em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

**Quadro III:** Divulgadores da Higiene Mental em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

**Quadro IV:** Divulgadores das teorias de Pavlov em jornais e revistas cariocas (1930-1950)

**Quadro V:** Divulgadores da Medicina Psicossomática em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

**Quadro VI:** Médicos brasileiros colaboradores da revista *Pasteur* (1940-1943)

**Quadro VII:** Temas dos artigos publicados na revista *Pasteur* (1940-1943)

**Quadro VIII:** Temas dos artigos publicados na revista *Psyke* (1947-1948)

**Quadro IX:** Número de artigos publicados na *RLAP* por ano e país dos autores

**Quadro X:** Principais temáticas debatidas na *RLAP* (1951-1954)

**Quadro XI:** As teorias médico-psicológicas presentes na *RLAP* e seus comentadores (1951-1954)

## **Lista de Abreviaturas**

**ABI** – Associação Brasileira de Imprensa

**ABL** – Academia Brasileira de Letras

**AIB** – Ação Integralista Brasileira

**ANL** – Aliança Nacional Libertadora

**ANM** – Academia Nacional de Medicina

**CEJM** – Centro de Estudos Juliano Moreira

**DASP** – Departamento Administrativo do Serviço Público

**DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda

**FMRJ** – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

**HNA** – Hospital Nacional de Alienados

**IML** – Instituto de Medicina Legal

**INTERPOL** – Organização Internacional de Polícia Criminal

**PCA** – Partido Comunista Argentino

**RLAP** – Revista Latino Americana de Psiquiatria

**SBNPML** – Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1.....	22
CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA: MÉDICO, ESCRITOR E INTELLECTUAL MEDIADOR.....	22
1.1 Os primeiros anos de seu itinerário profissional .....	23
1.2 A produção intelectual de Araújo Lima nas décadas de 1940 e 1950.....	37
CAPÍTULO 2.....	50
OS INTELLECTUAIS MEDIADORES E A CIRCULAÇÃO DE TEORIAS MÉDICO- PSICOLÓGICAS .....	50
2.1 Teorias médico-psicológicas em jornais e revistas cariocas .....	53
CAPÍTULO 3.....	81
AS TEORIAS DE FREUD E KRETSCHMER NA IMPRENSA CARIOCA (1920-1959).....	81
3.1 A psicanálise freudiana em jornais e revistas cariocas .....	82
3.2 As teorias de Kretschmer em jornais e revistas cariocas.....	104
CAPÍTULO 4.....	131
A CIRCULAÇÃO DE TEORIAS PSICOLÓGICAS NA LITERATURA .....	131
4.1 O romance psicológico e seus autores.....	133
4.2 A “psicologia proustiana” na literatura brasileira.....	143
4.3 O romance psicológico brasileiro (1930-1940).....	151
4.4 A divulgação de teorias psicológicas nos romances <i>Babel</i> e <i>A Bruxa</i> .....	162
CAPÍTULO 5.....	176
MEDICINA, ARTE E MILITÂNCIA NAS REVISTAS DE DIVULGAÇÃO MÉDICA .....	176
5.1 Debates sobre medicina e arte na revista <i>Pasteur</i> .....	177
5.2 A revista <i>Psyke</i> na divulgação dos saberes “psi” .....	193
5.3 <i>Revista Latino-Americana de Psiquiatria: uma parceria transcultural</i> .....	201
5.3.1 A criação da <i>RLAP</i> : a colaboração de Bermann e os debates produzidos .....	201
CAPÍTULO 6.....	227
AS PATOGRAFIAS DE STEFAN ZWEIG E GETÚLIO VARGAS .....	227
6.1 Patografias e biografias psicanalíticas.....	228
6.2 Zweig, um “ciclotímico” atormentado?.....	241
6.3 Getúlio Vargas, “glacial ou vulcânico”?.....	251
6.4 “A alma do povo brasileiro”: Araújo Lima e os debates sobre o “caráter nacional” .....	259
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	268
ANEXOS .....	277
ANEXO I: Lista de fontes (jornais e revistas).....	277

<b>ANEXO II:</b> Cronologia de Cláudio de Araújo Lima (1908-1978) .....	279
<b>ANEXO III:</b> Quadro dos divulgadores com suas atividades profissionais .....	282
<b>ANEXO IV:</b> Quadro de combinações teóricas realizadas por divulgadores .....	284
<b>Anexo V:</b> Quadro de colaboradores da <i>Revista Latino Americana de Psiquiatria (RLAP)</i> (1951-1954) .....	285
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	288

## INTRODUÇÃO

Nesta tese, analiso as práticas desenvolvidas por intelectuais mediadores que divulgaram teorias médico-psicológicas<sup>1</sup> em jornais diários e revistas dirigidos ao público em geral no Rio de Janeiro, nas décadas de 1940 e 1950. Dentre estes intelectuais mediadores, destaco a participação do psiquiatra amazonense Cláudio de Araújo Lima (1908-1978), que procurou colaborar com a divulgação de mais de uma teoria – a psicanálise segundo Sigmund Freud (1856-1939), a caracterologia definida pelo psiquiatra alemão Ernest Kretschmer (1888-1964) e a chamada “psicologia proustiana”<sup>2</sup>, dentre outras –, utilizando diferentes veículos para tal fim: romances, revistas, peças teatrais, ensaios e biografias.

O recorte temporal escolhido para esta análise é o período entre 1940 e 1959. Em 1940, Cláudio de Araújo Lima publicou seu primeiro livro, *Babel*, que marcou o início de sua carreira como escritor e mediador cultural. Em 1959, ele publicou *Ensaio de psicologia médica*, em um momento de mudança nesta carreira, como veremos no capítulo 1. É neste período também que se observa o surgimento de novos percursos, no que se refere à produção e à divulgação do conhecimento psiquiátrico e psicológico da época. Neste momento, tanto no Brasil como em outros países, se intensificou o processo de diversificação das ciências médico-psicológicas assim como a aproximação destas com as ciências sociais e humanas.

A circunscrição deste objeto, contudo, foi marcada por várias reorientações dos rumos da pesquisa inicial. Meu projeto de tese, até a qualificação realizada em dezembro de 2016, intitulava-se “*Psiquiatria Latino-Americana – uma identidade e fisionomia peculiar*”: *Debates sobre a identidade da psiquiatria no Brasil e na Argentina (1939-1965)*. Buscava então compreender a divulgação, apropriação e rejeição da ideia de uma “psiquiatria latino-americana” entre psiquiatras argentinos e brasileiros, por meio da análise de livros e revistas especializados na área da medicina mental e publicados nos dois países. Também observava o

---

<sup>1</sup> Utilizo o termo teorias médico-psicológicas, ao longo da tese, para denominar um conjunto de ideias provenientes da psiquiatria, psicologia e psicanálise, mas que também abarca conhecimentos não especializados e institucionalizados como por exemplo, as teorias sobre a memória e o “eu” presentes na obra de Marcel Proust.

<sup>2</sup> O termo “psicologia proustiana” é empregado, aqui, como uma categoria nativa, utilizada por intelectuais mediadores como forma de expressar uma certa visão de mundo e da subjetividade do indivíduo implícita na obra do romancista francês Marcel Proust, *À la Recherche du Temps Perdu*. No Rio de Janeiro, podemos assegurar que o crítico literário Alceu de Amoroso Lima foi um dos primeiros a empregar e divulgar o termo em páginas de jornais e revistas na década de 1920, embora ele não faça referência direta a nenhum autor. Em um artigo de Prudente de Moraes Neto, de 1925, o termo foi utilizado a partir do livro de um dos críticos franceses que comentaram a obra de Proust no início dos anos de 1920, Benjamin Crémieux, crítico este que foi bastante citado e comentado por intelectuais brasileiros, como veremos no quarto capítulo, onde volto a tratar deste tema.

papel destes meios na difusão dos conhecimentos científicos e modelos assistenciais produzidos nesta área médica nos países em questão entre 1939 e 1965. As considerações apontadas pela banca de qualificação sinalizaram no sentido de que deveria definir melhor meu objeto, já que o mesmo apontava para um duplo foco analítico: de um lado priorizava a circulação de impressos científicos entre os diferentes países latino americanos; enquanto que, por outro lado, procurava historicizar a construção da ideia de uma “psiquiatria latino-americana”, o que envolveria o uso de outros tipos de fontes além do periódicos. Com base nestas observações, reformulei o objeto de pesquisa, procurando analisar projetos desenvolvidos pelos psiquiatras que defendiam a formação de uma “psiquiatria latino-americana”.

Para a realização deste projeto reformulado, eu contava com a possibilidade de desenvolver pesquisas na Argentina por meio de minha aprovação em seleção para bolsa de doutorado sanduíche/Capes, 2017. Entretanto, por problemas de saúde e a necessidade de acompanhamento médico não foi possível me afastar do Brasil. Assim, frente às dificuldades de realizar uma efetiva coleta de fontes que subsidiasse o desenvolvimento da tese no sentido apresentado, optei por reformular novamente o objeto de pesquisa, em 2018, em um recorte mais vertical que me possibilitasse trabalhar com as fontes já reunidas a partir do levantamento em bibliotecas físicas e virtuais. A análise das fontes me chamou a atenção para a trajetória de Cláudio de Araújo Lima. Ele era o psiquiatra brasileiro mais envolvido em projetos de uma “psiquiatria latino-americana” – como editor da *Revista de psiquiatria latino-americana* (1951-1954) –, ao mesmo tempo em que claramente utilizava-se de uma gama variada de teorias médico-psicológicas que incluíam tanto a psicanálise quanto as teorias de Kretschmer. Me interessei então em entender como diferentes teorias médico-psicológicas estavam circulando no contexto cultural e intelectual da cidade do Rio de Janeiro, focalizando o papel de Cláudio de Araújo como intelectual mediador na divulgação das mesmas entre as décadas de 1940 e 1950.

Além de psiquiatra e médico legista, Cláudio de Araújo Lima ou Araújo Lima, como será mencionado ao longo da tese, foi escritor de obras literárias, peças teatrais, biografias, atuando também como editor de revistas de divulgação médica, (ver anexo II). Seu itinerário intelectual seguiu um percurso que não era incomum; ao contrário, se assemelhava ao de outros intelectuais contemporâneos e anteriores a ele que, partindo de áreas diversas do conhecimento como literatura, educação, ciências biológicas e sociais, por exemplo, desempenharam papéis relevantes no processo de circulação das ideias científicas no Brasil. Estes atores sociais compartilhavam entre si o interesse e a preocupação em disseminar o conhecimento da ciência

para além das instituições acadêmicas e científicas, tornando-se comumente conhecidos como vulgarizadores ou divulgadores das ciências, desde o século XIX.

Recursos diversos eram utilizados nestes processos de divulgação, como a publicação de artigos em jornais e revistas não especializados ou produções literárias, como foi o caso de Araújo Lima. Entretanto, alguns destes divulgadores e vulgarizadores das ciências, apesar de terem suas práticas de popularização reconhecidas por diferentes segmentos do público leitor de sua época, simplesmente caíram no esquecimento ao longo dos anos, ocupando uma posição marginal na história. Este é o caso de Araújo Lima, como também de alguns outros intelectuais que procuro apresentar ao longo desta tese, que mesmo envolvidos em práticas de mediação dos saberes médico-psicológicos nas décadas de 1940 e 1950, passaram depois ao anonimato. Eles não são mencionados pela historiografia da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise desenvolvida no Brasil, que durante muito tempo foi realizada pelos próprios cientistas participantes e se concentrou em estudos sobre acadêmicos “ilustres” e instituições de renome.

O termo “intelectuais mediadores”<sup>3</sup> é empregado nesta pesquisa como uma categoria analítica que auxilia na compreensão do papel desempenhado por sujeitos históricos pertencentes a segmentos sociais e profissionais variados, dedicados ao processo de mediação cultural, que envolve tanto a produção como a circulação de conhecimentos e ideias. Estes intelectuais podem estar ou não ligados à academia e a instituições científicas. Além disso, as ideias e teorias por eles produzidas e divulgadas estão direta ou indiretamente vinculadas à intervenção social e política deles em contextos específicos (GOMES; HANSEN, 2016: 9-10).

Deste modo, esta tese parte da hipótese de que estes mediadores culturais foram os principais agentes responsáveis pela circulação dos conhecimentos médico-psicológicos para além das instituições acadêmicas e científicas, utilizando como veículos de circulação os jornais diários e revistas direcionados para um público mais amplo, dentre outros meios. Também defendo a ideia de que esta circulação de conhecimentos e teorias médico-psicológicas em veículos não especializados corroborou para o processo de popularização e legitimação dos saberes envolvidos.

Vale ressaltar que utilizo o termo circulação como um conceito que abrange os processos de divulgação, recepção e apropriação de conhecimentos que são transformados e ressignificados de acordo com cada leitura e com cada contexto em que esta é realizada. Dito

---

<sup>3</sup> Ao longo da tese utilizo também como sinônimos do conceito de intelectual mediador as categorias de mediador cultural e “divulgador”. O termo “vulgarizador”, pelo sentido pejorativo que assumira à época, não será usado na tese como equivalente à nossa categoria analítica; será mencionado apenas quando for citado por fontes primárias ou secundárias.



de outra forma, o processo de circulação de ideias implica na constante produção de conhecimentos ressignificados a partir de teorias e conceitos anteriores, proporcionando ou não a popularização destes. Porém, a circulação de conhecimentos não pode ser vista como sinônimo de “transmissão”, “comunicação” ou recepção passiva de ideias, descoladas de seus significados políticos e históricos. Ela é realizada por intermediários ou mediadores que, através de uma série de movimentos de negociação, acomodação e resistência, promovem a circulação entre culturas diversas, sejam estas entre áreas do conhecimento, disciplinas especializadas, públicos leitores heterogêneos e mesmo entre nações (RAJ, 2013:).

Para a melhor compreensão deste quadro mais amplo, composto por mediadores de teorias médico-psicológicas várias, é importante esclarecer alguns pontos. Em primeiro lugar cumpre ressaltar que os casos aqui apresentados como exemplos da ampla circulação destas teorias apontam para um processo de apropriação em fluxos, que não são contínuos ou ordenados. Estas formas de apropriação, que são múltiplas, dependem do arcabouço cultural, profissional, político, religioso e dos objetivos da divulgação empreendida por cada mediador, e apontam para um processo de combinação ou “hibridização”<sup>4</sup> de teorias que *a priori* poderiam parecer totalmente díspares, mas que foram lidas e reelaboradas de forma conjunta, em resposta a um leque de questões locais.

Um segundo ponto a ser destacado diz respeito à especificidade das fontes analisadas: os jornais e revistas não especializados em medicina, (ver anexo I). É importante salientar que escrever em jornais e revistas na primeira metade do século XX, assim como no século anterior, não era uma tarefa restrita aos jornalistas. Profissionais de formações diversas publicavam suas opiniões sobre os mais diversos assuntos relacionados à política, arte, medicina, religião, educação e cultura geral. Suas ideias vinham impressas nos textos das colunas fixas, dos ensaios ou de notas esporádicas. Fazia parte do papel tradicional atribuído ao intelectual, uma herança do imaginário oitocentista, se posicionar e tornar pública suas ideias por meio destes veículos de comunicação<sup>5</sup>, que, até a popularização do rádio e da televisão, foram os de maior alcance de público. Assim é importante ter em mente que ao analisar tais fontes, rotuladas simplesmente

---

<sup>4</sup> O termo foi utilizado pelo sociólogo argentino Nestor García Canclini em seu livro *Culturas híbridas*, de 1997. Ele define hibridização como sendo “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008: xix). Embora Canclini não se refira diretamente a teorias científicas, considero que seu conceito pode ser mobilizado de maneira produtiva para analisar o processo de circulação das teorias médico-psicológicas e as combinações resultantes deste processo nesta tese.

<sup>5</sup> Sobre a importância dos impressos na vida política e na prática intelectual ver: SODRÉ (2007); BARBOSA (2007); DUTRA; MOLIER (2015); ENGEL; SOUZA; GUERELLUS (2015).

como “leigas” ou “populares”, perdemos de antemão a perspectiva de que este era um dos espaços privilegiados de popularização do conhecimento tido como erudito.

E por fim, mas não menos importante, temos a questão do público leitor de tais impressos. O contexto brasileiro da primeira metade do século XX foi marcado por um baixo índice de alfabetização entre a maioria da população. Apesar de tal fato, se considerarmos que a prática da leitura não se restringe a um ato solitário e estéril, mas que, principalmente nos meios de baixo índice de letramento, se multiplica por ações de socialização do conhecimento. Ou dito de modo mais simples, a informação é passada adiante, a partir de leituras individuais ou coletivas, atingindo um público maior que o alfabetizado (CHARTIER, 2011). Neste sentido, o público de alcance dos impressos é maior que o público leitor e não é formado, exclusivamente, pelas pessoas letradas.

No Rio de Janeiro, a partir da década de 1920, é perceptível no conteúdo publicado nos jornais e revistas o incentivo por parte de intelectuais mediadores em constituir um público leitor nacional mais amplo, que se interessasse por ciência, arte, literatura, filosofia, e também por temas psicológicos. Alguns destes mediadores, como foi o caso de Araújo Lima, investiram na formação de leitores dos romances introspectivos e dos estudos que buscavam explicar o “eu” e a personalidade. Este investimento local respondia até certo ponto a uma tendência internacional, que nas primeiras décadas do século XX, foi caracterizada pelo surgimento de obras voltadas para a introspecção e reflexão do indivíduo moderno sobre si mesmo e a sociedade criada por ele (CARPEAUX, 2010: 2440-2450). Tal movimento produziu uma nova forma de ler o mundo, que era marcada pelo olhar sobre a existência “interior” do indivíduo – seus desejos, motivações e obstáculos psicológicos – de modo a que o próprio leitor acabava também refletindo sobre si mesmo: uma nova literatura que demandava um novo tipo de público leitor, ao mesmo tempo que servia a sua construção.

Os escritores e editores brasileiros da década de 1930 participantes desse processo estruturavam e foram estruturados por esse movimento, apostando em projetos literários, jornalísticos e editoriais que intensificavam e ampliavam as referências a respeito do conhecimento do indivíduo sobre si mesmo. Nas décadas de 1940 e 1950, temos uma parcela do público que tinha acesso, desde as décadas anteriores, à divulgação de tais teorias médico-psicológicas, de forma direta pela leitura de textos, colunas de aconselhamentos, contos e notinhas publicados nos jornais e revistas. Também havia uma outra parcela que, indiretamente, pela oralidade, também entrava em contato com estes conhecimentos, incorporando conceitos

médico-psicológicos ao vocabulário corrente, modificando-o, ao mesmo tempo em que se apropriavam e ressignificavam o conteúdo dos conceitos mobilizados.

É considerando e operando com esse contexto, portanto, que esta tese visa analisar o modo como intelectuais mediadores, que participavam da vida cultural do Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950, divulgaram teorias médico-psicológicas específicas em jornais diários e revistas dirigidos ao público em geral, tomando como um de seus representantes o psiquiatra forense e escritor Cláudio de Araújo Lima. Para que este objetivo maior possa ser alcançado procuro inicialmente analisar o itinerário intelectual de Cláudio de Araújo Lima, e, logo em seguida, as principais teorias divulgadas por ele, dentro de um quadro mais amplo composto por muitos outros intelectuais responsáveis pela mediação de várias teorias médico-psicológicas que circularam paralelamente no contexto carioca da época. Tal análise me ajuda a compreender o que significava ser um intelectual mediador de tais teorias no Rio de Janeiro, durante as décadas de 1940 e 1950, quem eram estes intelectuais e o que eles divulgavam.

Tomando a produção intelectual de Araújo Lima como estudo de caso, analiso então os diferentes veículos e formatos impressos em que ele tornou públicas suas ideias. Primeiramente analiso seus romances – *Babel* (1940) e *A bruxa* (1944) – enquanto tentativas de combinar a escrita literária com a divulgação de teorias médicas-psicológicas. Dentre essas teorias, o destaque dado pelo próprio Araújo Lima é para a psicanálise, a caracterologia segundo Kretschmer e as ideias denominadas de “psicologia proustiana”. Por meio destas obras ele se inseriu no movimento literário do romance psicológico brasileiro na década de 1940. Na sequência, estudo as principais temáticas e teorias médico-psicológicas que Araújo Lima e demais colaboradores procuraram divulgar nas três revistas dirigidas pelo primeiro: *Pasteur* (1940-1943), *Psyke* (1947-1948) e *Revista Latino Americana de Psiquiatria* (1951-1954). E, por fim, estudo as biografias médicas (patografias) escritas por Araújo Lima sobre o escritor austríaco Stefan Zweig (1942) e o político brasileiro Getúlio Vargas (1955), enquanto formas de divulgação da psicanálise e, principalmente, das teorias constitucionistas de Kretschmer.

Nesta tese, o interesse em estudar os projetos intelectuais desenvolvidos por Araújo Lima se deve, em parte, a aspectos concernentes à sua excepcionalidade e, em parte, à sua representatividade de um conjunto maior. Ele cumpre uma função exemplar, ao possibilitar a compreensão de como era realizada a produção e divulgação das ciências médico-psicológicas por um grupo amplo de intelectuais, que atuavam fora dos limites acadêmicos, desempenhando papéis de mediadores culturais. Entretanto, é importante destacar que não é objetivo desta pesquisa desenvolver um estudo biográfico ou uma análise completa da trajetória pessoal e

profissional de Araújo Lima, apesar de estar atenta à importante retomada deste tipo de estudo no campo da história em geral, após anos de descrédito e preconceito (OLIVEIRA, 2011: 30-31). Ao mesmo tempo, procuro evitar o risco de extrapolar os limites do estudo de um itinerário individual, em um recorte micro, com macro projeções e generalizações sobre outros indivíduos coletivamente e mesmo sobre suas áreas de atuação.

Ao mesmo tempo, tomada como estudo de caso, a obra de Araújo Lima exemplifica e possibilita a observação de ao menos três movimentos de captação, retração e mutação entre o paradigma vigente e novas tendências, ocorridos no cerne das ciências médico-psicológicas, no período analisado. O primeiro destes movimentos aqui estudado diz respeito à circulação dos conhecimentos entre as artes e os saberes médico-psicológicos. Neste movimento, a literatura, que há muito se utilizava da temática da loucura e dos conflitos internos como fonte de inspiração<sup>6</sup>, passou a se apropriar das teorias psiquiátricas e psicológicas para reconfigurar a própria construção do texto, criando um novo estilo de escrita nas primeiras décadas do século XX. O segundo movimento, presente desde ao menos o XIX, era o da psiquiatria como usuária de textos literários, tomados não só como veículos de divulgação de seus postulados, mas como objeto de estudo e fonte de conhecimento sobre o funcionamento da psiquê humana. Já o terceiro movimento é o de aproximação da psiquiatria e psicologia com as ciências humanas<sup>7</sup> e sociais, onde as disciplinas “psi” passaram a utilizar alguns dos elementos analíticos das humanidades para explicar a tríade indivíduo – enfermidade – sociedade. Paralelamente, as ciências sociais e humanas também incorporaram elementos das ciências médico-psicológicas, como, por exemplo, na obra do sociólogo Norbert Elias sobre a “psicogênese” da civilização moderna ocidental (ELIAS, 1994 [1939]).

A trajetória de Araújo Lima também nos leva a pensar como o renome, a fama e o próprio itinerário de um intelectual são produzidos e reproduzidos historicamente. Para isso, é preciso considerar, antes de mais nada, que cada uma destas categorias acima citadas, ou seja, o renome e a fama são construções sociais, que envolvem redes de sociabilidade, posicionamentos políticos, afiliações teóricas, vinculações institucionais, acesso a grandes centros de produção do conhecimento, dentre outros. Com base nestas variáveis, somadas às suas escolhas dentro do contexto de possibilidades existentes em cada momento (BOURDIEU, 2002), podemos explicar como alguns intelectuais alcançam o reconhecimento por seus pares e têm o seu nome perpetuado na tradição memorialística através de efemérides, por exemplo,

---

<sup>6</sup> Ver AZEVEDO, 2019.

<sup>7</sup> Como veremos, neste período existiam discussões se a psicologia deveria se manter próxima à filosofia, entre as ciências humanas, ou desenvolver um arcabouço teórico ligado às ciências biológicas ou mesmo às exatas.

embora, posteriormente, a historiografia tenha desconstruído alguns destes mitos<sup>8</sup>. Outros intelectuais, porém, foram esquecidos pela posteridade, mesmo desfrutando de certo reconhecimento por parte de seus contemporâneos<sup>9</sup>; e ainda há aqueles que só depois de sua morte foram resgatados do anonimato, obtendo um reconhecimento que não obtiveram em vida<sup>10</sup>. Os estudos citados sobre Pasteur, Oswaldo Cruz, Mozart, e as trajetórias de Anatole France e Ludwig Klages nos possibilitam pensar sobre as escolhas feitas pelos historiadores, no momento de estabelecer a pertinência de um objeto de pesquisa. Tanto na história das ciências como na intelectual, esse processo não é determinado apenas pela qualidade e visibilidade dos trabalhos de um cientista ou autor enquanto um valor intrínseco, porque o julgamento sobre este valor também varia de acordo com fatores sociais, políticos e culturais e ao longo do tempo.

Simultaneamente, segmentos da historiografia internacional e também brasileira nas últimas décadas têm buscado demonstrar que é possível escrever uma história das ciências, da medicina ou, mais especificamente, dos saberes médicos e psicológicos, que não permaneça apenas alicerçada no plano institucional e dos seus praticantes mais ortodoxos, restrita aos castelos erguidos para a ciência ou aos “palácios para guardar loucos”<sup>11</sup>. Apesar da reconhecida importância das instituições acadêmicas, associativas e científicas no processo de institucionalização das ciências no Brasil e dos estudos que se debruçaram sobre estas para a constituição do campo da história das ciências, considero que é preciso ficar atento para o quanto da produção destas instituições transbordava para a sociedade e vice-versa.

Uma história cultural das ciências, e mais especificamente dos saberes médico-psicológicos, pode ser escrita a partir de práticas realizadas por atores em espaços diversos, focalizando sua atuação na circulação destes saberes por áreas como a literatura, a imprensa em geral, as artes, a educação, a religião, dentre outras. Olhando para os limites que supostamente separam a ciência da sociedade, percebe-se como estes vêm sendo repensados dentro da historiografia das ciências, cada vez menos como barreiras e mais como um fino véu que deixa

---

<sup>8</sup> Podemos citar como exemplo a análise desenvolvida pelo historiador das ciências Gerald Geison, que trata da construção do mito de Pasteur como um grande cientista. Um exemplo semelhante é apresentado pela historiadora Nara Azevedo sobre a construção do mito de Oswaldo Cruz. Ver: GEISON, 2002; BRITTO, 1995.

<sup>9</sup> É o caso de autores muito populares em sua época, como o escritor francês Anatole France, que poucos anos após sua morte foi rechaçado como literatura rasa e totalmente esquecido pela história do campo literário, ou o filósofo alemão Ludwig Klages, que caiu no ostracismo no período do pós-guerra devido a seu apoio ao nazismo.

<sup>10</sup> Este é o caso de Mozart, como demonstrado pelo sociólogo Norbert Elias em seu livro sobre o músico austríaco. Ver: ELIAS, 1994.

<sup>11</sup> Em relação à psiquiatria, temos como exemplos MOLINA, 2017; WADI, 2009, e sobre a história da psicanálise, dentre outros, temos FACCHINETTI, 2001; HONORATO, 2013; MARCONDES, 2015; PLOTKIN, 2001.

circular pessoas e suas ideias por ambos os lados. Assim, cada vez mais, a dicotomia ciência e sociedade enquanto categorias estanques é considerada obsoleta, de modo que é possível pensarmos estas duas instâncias como componentes maleáveis que se sobrepõem em uma constante troca de fluidos. Ou, como defendem Latour e Woolgar em *Vida de Laboratório*, existe tanto da sociedade dentro de um laboratório quanto fora dele (LATOURE; WOOLGAR, 1997).

Nestes termos, é possível considerar o itinerário de Araújo Lima, sob um ponto de vista da historiografia da psiquiatria, como pouco significativo, uma vez que nosso personagem não se consolidou no âmbito da academia ou das instituições médicas e científicas, apesar de, em toda sua carreira profissional como psiquiatra e médico-legista, ter integrado instituições de assistência médica psiquiátrica e científicas da área da medicina legal como funcionário público. Contudo, defendo a ideia de que foi principalmente em outros espaços não reconhecidos então como acadêmicos ou científicos que seu papel como mediador da ciência floresceu. Portanto, também é possível, seguindo o viés da história cultural, defender a ideia de que seu itinerário é relevante por descortinar uma série de práticas de mediação cultural comumente estabelecidas (CHARTIER, 1988), que influenciavam tanto a produção da ciência psiquiátrica como a representação desta ciência perante a sociedade. É com base nos termos apresentados que justifico a escolha do itinerário de Araújo Lima como objeto de pesquisa. Considero que o estudo destas práticas de mediação possibilita uma análise privilegiada de questões fundamentais para a compreensão tanto do processo de circulação dos conhecimentos como da própria constituição das áreas médicas-psiquiátricas e psicológicas envolvidas no processo.

O tema desta tese, portanto, se insere em um conjunto de estudos sobre a divulgação da ciência e ao mesmo tempo na historiografia dos saberes médico- psicológicos. Segundo Kodama (2016), a prática de comunicar, transmitir ou traduzir o conhecimento científico para um público não especializado se desenvolveu em paralelo a três processos específicos iniciados na França e na Inglaterra, na segunda metade do século XIX: o aumento da produção de bens e serviços a partir da Segunda Revolução Industrial e, por conseguinte, de um mercado consumidor, inclusive de livros; o crescimento dos meios de alfabetização pública, que especialmente no caso francês, esteve estreitamente ligada à ampliação do público leitor e do mercado editorial de livros didáticos e paradidáticos; e, por fim, a especialização científica. Foi neste contexto que surgiu a figura do vulgarizador das ciências, principalmente na França, como alguém que pretendia informar e explicar o conhecimento científico para um público leigo e

assim educá-lo nesta matéria. Dentre estes vulgarizadores encontravam-se escritores, educadores, jornalistas e editores. O vulgarizador tinha como objetivo principal educar um público pré-determinado, considerado como inculto ou não esclarecido sobre as ciências, de modo que a vulgarização se dava como uma “mediação de mão única” no sentido de transmissão ou tradução de conhecimentos para parcelas da população (KODAMA, 2016: 42-43; 45). Assim, a vulgarização<sup>12</sup> dos conhecimentos científicos, herdeira de práticas que remetem ao Século das Luzes, se desenvolveu amplamente no século XIX, em um contexto em que proliferavam revistas, jornais, museus e exposições, sobretudo internacionais, com o objetivo de colocar a ciência ao alcance de todos.

O termo divulgação, utilizado na língua portuguesa a partir do século XX com o sentido de facilitar, traduzir ou explicar os conteúdos de uma ciência para um público pré-definido, não é neutro. Segundo Bensaude-Vincent, tais práticas de mediação científica seriam responsáveis por configurar não só o público alvo, mas também a própria ciência (BENSAUDE-VINCENT, 2010). Segundo a historiografia sobre o tema, a prática da vulgarização no Brasil tornou-se mais comum a partir de 1860, por meio de conferências para a elite e também populares, como as Conferências da Glória (1873-1889; 1891) (FONSECA, 2007), apesar de revistas de cunho científico-literário como *O Patriota* (1813-1814) já terem uma trajetória anterior (KURY, 2007, 2011; FERREIRA, 2009). No período aqui analisado, a primeira metade do século XX e em especial nos jornais e revistas das décadas de 1940 e 1950, percebemos que os termos vulgarizador e vulgarização são pouco utilizados, sendo mobilizados algumas vezes no sentido pejorativo do *vulgo*, vulgar, para demarcar a literatura de baixa qualidade sobre o conhecimento científico. Já os termos divulgação e divulgador são empregados frequentemente com sentido positivo, apesar de, em certos casos, também serem aplicados com o significado de menos científico ou mesmo daquele que, ao divulgar, poderia desvirtuar o sentido das ideias produzidas no âmbito da ciência.

A produção historiográfica sobre a vulgarização, divulgação e popularização das ciências é bastante ampla internacionalmente e também no Brasil, onde o número de produções sobre o tema cresceu consideravelmente a partir da década de 1990. Dentro deste conjunto mais amplo de produções destaco aquelas que, de maneira semelhante à metodologia empregada nesta pesquisa, focalizaram na análise de jornais e revistas como um espaço privilegiado para a divulgação da ciência. Um espaço em que vulgarizadores e divulgadores das ciências puderam

---

<sup>12</sup> Nos países de língua francesa, o termo mais usado é vulgarização e, nos países de língua inglesa, popularização. Ver BENSAUDE-VINCENT, 2010.

desenvolver práticas que visavam, sobretudo, a valorização das ciências por eles divulgadas, a educação dos leitores na matéria e sua própria legitimação no campo<sup>13</sup>.

O viés analítico que toma alguns destes intelectuais, antes denominados de divulgadores, como agentes de mediação de bens culturais vem sendo explorado paulatinamente, nos últimos anos, dentro da historiografia brasileira em geral e também na das ciências no Brasil, por um grupo de pesquisadores que opera com objetos de pesquisa nas interrelações entre história, ciência, imprensa e literatura. Estes trabalhos se diferenciam por considerar que muitos dos divulgadores e vulgarizadores também eram produtores de conhecimento e não somente meros reprodutores ou transmissores de teorias importadas<sup>14</sup>.

Já na área da historiografia sobre os saberes médico-psicológicos temos estudos que, mesmo não trabalhando diretamente com a categoria de “intelectuais mediadores”, se baseiam em um viés da história cultural dos saberes “psi” e das psicoterapias que procuro explorar nesta pesquisa. Desde o início dos anos 2000, temos no Brasil estudos sobre as diferentes formas de recepção e apropriação das obras de Freud no Rio de Janeiro e suas articulações com um projeto modernizador e civilizatório da sociedade brasileira na primeira metade do século XX<sup>15</sup>. Seguindo este mesmo recorte histórico e geográfico, temos pesquisas como as de Russo (2002), Castro (2014), Marcondes (2015), que destacam a atividade de médicos que participaram do processo de recepção, apropriação e divulgação da psicanálise, tendo alguns destes desempenhado inclusive um papel de mediadores culturais. Russo (2002) e Castro (2014) analisam a circulação das teorias psicanalíticas no Rio de Janeiro do início do século XX, procurando demonstrar que, no HNA, se formou um grupo de médicos interessados em estudar e aplicar a psicanálise como uma terapêutica útil, se combinada ao tratamento psiquiátrico. Castro também aponta para outros agentes de divulgação da psicanálise que não tinham atuação acadêmica e participavam sobretudo dos jornais. Já Marcondes aborda as práticas de divulgação da psicanálise realizadas pelo médico e psicanalista Gastão Pereira da Silva (1896(8)-1987), analisando publicações deste divulgador, em especial na revista *O Malho*. Seu trabalho defende que, nas décadas de 1930 e 1940, antes mesmo do estabelecimento das sociedades de

---

<sup>13</sup> A saber: FIGUERÔA e LOPES, 1997; KREINZ, 1998; MASSARANI, 1998; KREINZ e PAVAN, 2001; CANDOTTI, 2002; MASSARANI, MOREIRA e BRITO, 2002; TEIXEIRA, 2002; VERGARA, 2003; COSTA, 2005; KURY, 2007, 2011; FERREIRA, 2009; VENÂNCIO, 2013; ALCÂNTARA, 2016, dentre outros.

<sup>14</sup> Destaco, dentre as produções brasileiras, os artigos recentes que mais se aproximam do objeto de estudo desta pesquisa, alguns daqueles publicados na coletânea organizada por GOMES e HANSEN (2016), como KODAMA, 2016; GOMES, 2016; DUTRA, 2016 e RODRIGUES, 2016, assim como alguns dos artigos do dossiê “Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura”, publicado pela revista *Varia História* e organizado por GOMES, KODAMA e FONSECA (2018).

<sup>15</sup> Ver FACCHINETTI, 2001; RUSSO, 2002; FACCHINETTI e PONTE, 2003; FACCHINETTI e CASTRO, 2015; MARCONDES, 2015.



psicanálise reconhecidas pela IPA (*International Psychoanalytical Association*), Gastão contribuiu para uma maior familiaridade de uma parcela ampla do público leitor carioca com alguns conceitos psicanalíticos (MARCONDES, 2015). Também podemos citar as dissertações de Cupello (2013) e Carvalho (2019) como parte desta historiografia. A primeira autora analisa a influência de teorias psicológicas e psicanalíticas na constituição de visões sobre o feminino em revistas femininas e científicas, enquanto a segunda autora discute as leituras sobre educação sexual, a partir da psicanálise e do catolicismo, publicadas em revistas da década de 1950. Seguindo um viés historiográfico diferente dos autores anteriormente citados, mas ainda tratando de práticas de divulgação científica, temos a dissertação de Ezabella (2010), que faz um estudo biográfico do médico, pintor e jornalista Hernani de Irajá. Ele se dedicou a divulgação científica da sexologia no Rio de Janeiro, durante as décadas de 1920-1960.

Em outros contextos nacionais ibero-americanos, podemos apontar os trabalhos sobre a história da psicanálise argentina desenvolvidos por Plotkin, que têm sido representativos de uma tendência mais recente de estudar a história da psicanálise em conjunto com contextos socioculturais mais amplos, discutindo inclusive diferenças e semelhanças no contexto da recepção de Freud no Brasil e na Argentina (PLOTKIN, 2001; 2009). Este autor também considera o estudo da circulação do conhecimento psicanalítico em âmbitos transnacionais como podendo fornecer contribuições valiosas para a elaboração de uma história dos saberes “psi” em diferentes contextos e temporalidades (DAMOUSI; PLOTKIN, 2009). Também focalizando o processo de circulação da psicanálise, neste caso no Chile, Honorato (2013) procura identificar as distintas formas de recepção e apropriação das ideias de Freud nas primeiras décadas do século XX, destacando os atores sociais diversos que contribuíram com este processo, mesmo antes da institucionalização da psicanálise naquele país. Já na historiografia mexicana sobre a psiquiatria, destaco as pesquisas realizadas por Andrés Ríos Molina, utilizando fotonovelas e *comics* publicados na Cidade do México entre 1963 e 1979 como fontes para desenvolver uma análise das representações da loucura neste tipo de produção cultural. Este artigo faz parte de um conjunto maior de trabalhos que visam explorar as formas como a psiquiatria se relacionou com os campos sociais, políticos e culturais no México, ultrapassando as fronteiras da clínica (MOLINA, 2017).

Na perspectiva aqui adotada, portanto, utilizo como principais referências teóricas nesta tese os trabalhos que discutem a história intelectual, em especial aqueles que analisam o papel desenvolvido pelos denominados intelectuais mediadores. Também procuro discutir o conceito de circulação dos conhecimentos como um processo que envolve a divulgação, recepção e

apropriação destes, assim como a produção de novas teorias. Na sequência desta discussão, analiso uma temática intrinsecamente ligada à história intelectual e da divulgação, que é a história do livro e da leitura. A história dos intelectuais, assim como a da circulação do livro e da leitura, apesar de suas especificidades em termos de objeto de estudo e metodologias, apresentam muitos pontos de intersecção, podendo ser incluídas no campo mais amplo da história cultural.

Para Sirinelli (2003) a definição da palavra intelectual deve partir de um conceito sociocultural mais amplo, que inclui nesta categoria tanto os “criadores” como os “mediadores” culturais, observando também o engajamento social e político do intelectual no contexto local (SIRINELLI, 2003: 231-233; 243). Contudo, o conceito de intelectuais mediadores incorporado a esta pesquisa é compreendido de maneira bem mais ampla que o defendido por Pierre Bourdieu (1966; 1999) ou o próprio Sirinelli. Esta categoria foi compreendida por estes autores como reunindo grupos socioprofissionais que compartilhavam a “vocação científica”, a especialização e a militância política, com especial interesse pela polêmica. Partindo de um conceito estendido de intelectual, também sob um viés sociocultural, os intelectuais mediadores podem ser compreendidos como atores sociais dedicados ao desenvolvimento de práticas de mediação cultural. Estas práticas são exercidas por atores de diversos segmentos sociais e profissionais que, no entanto, mesmo desempenhando uma atividade de fundamental importância para as sociedades em que vivem, raramente são reconhecidos ou se reconhecem como intelectuais (GOMES; HANSEN, 2016: 9).

Os intelectuais mediadores, podem ser definidos como um grupo amplo de atores sociais. Estes não precisam ser cientistas ou polemistas de um jornal, por exemplo, para desempenhar práticas de mediação cultural. Entretanto, tais sujeitos precisam se dedicar “à produção de conhecimentos e comunicação de ideias direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (GOMES; HANSEN, 2016: 9). Segundo Gomes e Hansen, para pensar o conceito de intelectual, sempre tão fluido, importa considerar as “condições de produção político-social de ideias”, assim como as “tradições intelectuais, os paradigmas vigentes em dado contexto cultural”, as linguagens e o vocabulário (científico e artístico) comumente empregados no período estudado e as “sensibilidades compartilhadas por grupos de intelectuais” (GOMES; HANSEN, 2016: 11). Assim, os intelectuais mediadores devem ser pensados como “sujeitos conectados entre si, com genealogias e passados imaginados, além de em diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo” (GOMES; HANSEN, 2016: 12).

No caso da presente tese, a proposta de trabalhar com a categoria de intelectual mediador visa romper com a dicotomia entre o intelectual entendido como “produtor ou criador” de bens culturais, seja ele um médico, escritor, artista, cientista etc..., e o divulgador ou vulgarizador como mero reproduzidor e difusor do conhecimento produzido por outros. Por outro lado, tal proposta toca também em uma questão mais ampla que remete à separação entre cultura erudita e popular, ciência e sociedade e à própria categoria de público, geralmente dividida em público culto, erudito, iniciado, especializado vs. não-culto, popular, leigo, sendo todas estas categorias tomadas de maneira estanque. O uso de tais divisões e enquadramentos rígidos dificulta a compreensão dos processos de circulação do conhecimento, em especial no que diz respeito ao entendimento das diversas práticas de leitura, recepção e apropriação deste. Com base na crítica ao uso deste tipo de dicotomias na história intelectual é que o próprio conceito de público alvo vem sendo questionado, deixando de ser visto como um grupo social preestabelecido e passivo que apenas existe como consumidor de bens culturais. Nesta perspectiva, o público leitor, dentre outros, passa a ser considerado como uma criação dos processos de produção e circulação de bens culturais (GOMES; HANSEN, 2016: 13-14).

Tomo também como fundamento para minha análise as contribuições de Kapil Raj, para quem a circulação dos bens culturais se dá por um processo dinâmico, em que ideias e práticas científicas se transformam no deslocamento entre meios e campos diversos. Estas transformações se dariam prioritariamente no cruzamento de fronteiras, que podem ser geográficas, culturais, sociais, linguísticas e disciplinares, de maneira que a circulação pode ocorrer tanto no plano do local como do global (RAJ, 2016: s.p.). Neste sentido compreendo a circulação das ideias como um processo que engloba o contexto de produção e recepção destas, incluindo aí suas diversas leituras – apropriações e ressignificações – e a divulgação do conteúdo ressignificado, que por sua vez desencadeia novas leituras e produções. Portanto, para realizar a análise deste processo proponho o uso da ideia de apropriações em fluxos, enquanto um conjunto de práticas simultâneas que concorrem para a reelaboração de um conteúdo, não só do ponto de vista idiomático, mas em seu próprio significado.

Estas apropriações começam a acontecer ainda durante a escrita de uma obra, nas revisões, incorporações e seleções propostas pelo autor, e se sucedem indefinidamente ao longo da história daquele livro, considerado como uma “obra aberta”, que, segundo Umberto Eco, deixa de pertencer a seu criador, pois, como o escritor italiano explica, a escrita é um processo em constante mutação, no qual “quando não muda o objeto da indagação, mudam os métodos para interpretá-lo” (ECO, 2015: 13). Ou, como define Foucault na mesma linha de pensamento,

o livro como “objeto-evento”, que deveria se recopiar, se fragmentar, se repetir, desdobrar-se, e enfim desaparecer “sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser” (FOUCAULT, 1978: 6).

Enfim, as ideias e teorias expostas em uma obra são condensadas, editoradas e publicadas, ou seja, traduzidas para um novo formato – o livro pronto para o mercado consumidor –, seguindo os requisitos que este exige. Considero que a partir daí novas apropriações acontecem em uma série de fluxos que podem ser multidirecionais, simultâneos, contínuos ou descontínuos, interagindo entre si, sobrepondo-se e se auto alimentando e modificando ininterruptamente. Estes fluxos de apropriação de uma obra englobam diferentes processos: as várias revisões propostas pelo autor, assim como as edições ampliadas, ou não, por ele e/ou seus editores com notas, comentários e pré-textos; as leituras e críticas feitas por especialistas ou não a cada uma das revisões/edições; a tradução do texto para outras línguas; assim como outras possíveis apropriações realizadas a partir dela. Também são incorporadas às obras valores externos ao seu conteúdo, como a posição acadêmica do autor e seu itinerário como intelectual. Tais fluxos, à medida que se afastam de sua origem, perdida *a priori*, a ela não podem mais retornar, pois o texto primeiro já não existe mais, uma vez que foi contaminado por toda a carga semântica atribuída a ele. Desta maneira, estes fluxos, aparentemente desordenados e caóticos, seguem compondo novas ideias e teorias.

Como propõe Robert Darnton, o próprio livro enquanto mercadoria, obra de arte e veículo de informação precisa ser considerado como pertencendo a uma “rede de comunicações” que se estabelece entre o autor e o leitor, retornando ao autor através dos comentários em que responde aos leitores e críticos e a outras fontes de informação e inspiração na sociedade que o rodeia. Entre estes dois polos, autor e leitor, existe toda uma rede de intermediários composta por editores, tipógrafos, distribuidores, livreiros e jornalistas, que permeiam o processo da leitura. Tal rede de comunicação não pode, entretanto, ser considerada como um modelo autossuficiente e mecânico, pois esta recebe influências externas em cada estágio, uma vez que autores, editores, livreiros, bibliotecários, críticos literários e leitores alteram seu comportamento frente a pressões do Estado, da Igreja, da economia e de grupos sociais que influenciam a opinião pública. Isto não significa que os leitores são como uma tábula rasa ou moldes de cera facilmente manipuláveis, mas, pelo contrário, a leitura é vista aqui como um processo ativo de produção de significados, porque, antes de mais nada, ela compreende

práticas de tradução e apropriação a partir do que o leitor conhece de antemão e de suas referências culturais (DARNTON, 1998: 197-202).

Assim, a posição do leitor em relação as suas práticas de leitura é de agente, mesmo que autores, editores, críticos e censores se coloquem na posição de “controladores de sentido”. Para Chartier, o leitor está sempre sendo coagido por um conjunto de constrangimentos e regras, porém, “a leitura é, por definição, rebelde e vadia”, uma vez que os leitores se utilizam de inúmeros artifícios para “obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas” (CHARTIER, 1998: 7). Da mesma maneira, Michel de Certeau, em um texto clássico da história da leitura, afirma que os leitores, “bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, (...) são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram”. Ao contrário da escrita, que “acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar”, e que também “multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução”, a leitura, por sua vez, “não se protege contra o desgaste do tempo (...), ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido” (CERTEAU, 2009: 245).

Estas perspectivas apresentadas da história intelectual dos mediadores, do livro e da leitura estão correlacionadas à história cultural enquanto um viés historiográfico que abrange uma diversidade de metodologias, temáticas e objetos de estudo (BURKE, 2000: 233-238). Segundo Chartier, o principal objeto da história cultural consiste em identificar em contextos históricos diversos como uma determinada realidade social é constituída e representada (CHARTIER, 1988: 17). A história cultural também está preocupada em entender as dinâmicas de produção dos bens culturais. Entretanto, para que esta compreensão seja possível, é fundamental analisar os “processos socioculturais de produção e alteração de significados pelos diversos sujeitos históricos”, identificando suas “dinâmicas de circulação, comunicação e apropriação”. Este processo se consolida quando envolve mudanças nos sentidos primários dos bens em circulação (GOMES; HANSEN, 2016: 12-13).

Junto a estas referências bibliográficas relativas à história dos intelectuais, dos livros, da leitura, enfim de uma visão da história cultural que abarca estes novos objetos, priorizei a utilização de fontes primárias que possibilitassem a compreensão do objeto em dois sentidos, que estão interligados. No primeiro, mais restrito, privilegiei como fontes primárias as obras do médico e escritor Cláudio de Araújo Lima (romances, biografias, editoriais em revistas), enquanto estudo de caso, e os comentários sobre estas publicados nos jornais. No segundo, mais amplo, está compreendida a identificação de outros intelectuais mediadores ativos no período

analisado, assim como o elenco de teorias divulgadas por eles, suas práticas e veículos de divulgação mobilizados no processo. Para desenvolver este panorama geral do que era ser um mediador cultural naquele contexto, utilizei como fontes principais os jornais diários e revistas de variedades, femininas, católicas e literárias publicados na capital federal (ver anexo I). Uma vez definido que Araújo Lima seria estudado como um caso representativo de mediação cultural, dentre outros divulgadores que a bibliografia de apoio mencionada anteriormente indicava, desenvolvi um levantamento e análise das suas obras e do contexto editorial em que foram publicadas.

O mercado editorial, principalmente no início dos anos de 1940, quando Araújo Lima começou a publicar seus livros, desfrutava de uma expansão iniciada na década anterior. Tal crescimento havia sido incentivado por algumas ações governamentais de cooptação de intelectuais no quadro do funcionalismo público (MICELI, 2001), pela ampliação do público letrado, reformas no ensino secundário e também pela ampliação das ofertas de ensino superior, somadas à criação do Ministério da Educação e Saúde e do Instituto Nacional do Livro, em 1937 (LUCA, 2011: 117-118; 124). Paralelamente, a conjuntura internacional, que já não era propícia para a importação de livros, tornou-se ainda mais difícil com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939 (HALLEWELL, 2005). Por outro lado, uma questão relevante neste contexto da virada da década de 1930 para 1940 são os órgãos de censura e repressão política em funcionamento, sobretudo durante o Estado Novo (1937-1945) (LUCA, 1999; 2011).

A análise das obras escritas por Araújo Lima também possibilitou a identificação das principais teorias e conceitos utilizados por ele, no caso a psicanálise e as teorias de Kretschmer. Assim, na sequência realizamos um levantamento em jornais e revistas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, lançando como palavras chaves, termos específicos – psicanálise (em suas várias grafias), reflexos condicionados, medicina psicossomática, higiene mental etc... – assim como, o nome de teóricos dos saberes médico-psicológicos como Kretschmer, Kraepelin, Alfred Adler, dentre outros<sup>16</sup>. A escolha destes termos foi determinada pela análise das obras escritas ou editadas por Araújo Lima, em uma tentativa de partir de um recorte mais restrito – as leituras e apropriações produzidas pelo psiquiatra amazonense e por colaboradores das revistas que ele dirigiu – para alcançar um recorte mais amplo, isto é, o contexto de mediação cultural das teorias médico-psicológicas no Rio de Janeiro e seus atores sociais. Além de contextualizar as práticas de mediação de Araújo

---

<sup>16</sup> Os nomes de Freud e Pavlov não foram utilizados no levantamento de dados, devido aos limites técnicos da ferramenta de busca da Hemeroteca Digital. Neste dois casos foram empregados na pesquisa conceitos fundamentais de suas teorias como forma de contornar o problema.

Lima e identificar quem eram os outros intelectuais mediadores que divulgavam as mesmas teorias que ele, também busquei destacar algumas outras teorias e apropriações divergentes que tornam mais complexo e rico o contexto estudado.

Entretanto, é imprescindível enfatizar que tal levantamento não teve a intenção de ser exaustivo, nem em relação aos atores envolvidos, nem dos veículos de divulgação e nem às teorias divulgadas. Por isso, ao longo da tese são destacados outros intelectuais mediadores, além de Araújo Lima, como representativos deste grupo maior. Como critério de escolha dos periódicos a serem analisados, busquei combinar o aspecto quantitativo com o qualitativo, privilegiando, por um lado, os jornais e revistas que apresentavam o maior número de menções aos termos pesquisados, e, por outro, aqueles que traziam artigos e textos com o conteúdo mais detalhado sobre a questão. Ou seja, em alguns casos, como na pesquisa pelo termo “medicina psicossomática”, foi mais produtivo trabalhar com uma revista mensal com poucas menções a esta, mas que apresentava artigos ou resenhas de livros sobre o assunto, do que com jornais diários, com uma única propaganda de consultório ou clínica médica, por exemplo, que se repetia por vários anos. De qualquer modo a pesquisa não se limitou ao levantamento de dados em um jornal ou revista específica, mas aos veículos impressos que melhor cumpriam os dois critérios – o quantitativo e o qualitativo – para cada termo pesquisado, uma vez que o objetivo desta busca era apresentar um panorama geral dos mediadores e teorias divulgadas. Este levantamento possibilitou, principalmente, a escrita do segundo e do terceiro capítulo, além das tabelas em anexo.

A pesquisa em jornais e revistas também foi de fundamental importância para a reconstituição do itinerário profissional e intelectual de Araújo Lima, visto que não existem obras biográficas sobre o médico. A referência biográfica sobre ele encontrada até o momento está reduzida a um prefácio escrito por Rosa (2002), para uma nova edição do último romance publicado por Araújo Lima, *Coronel de Barranco* (1970). Neste prefácio, Rosa, além de analisar o romance, apresenta exíguos dados biográficos sobre o autor que foram repetidos por Mendes (2013) em sua tese de doutorado sobre o mesmo romance. As outras obras de Araújo Lima não trazem dados biográficos sobre o autor.

Além das referências teóricas anteriormente citadas, utilizo como apoio para a análise das fontes os textos de Ginzburg (2009), Dutra e Mollier (2006) e Luca (2008). O primeiro me fornece instrumentos teóricos do que procurar nas fontes e como procurar, utilizando um processo de dedução e interpretação de “indícios e sinais” que comumente foi utilizado na medicina, arte e literatura, e que ele denomina de “paradigma indiciário”. Tal método consiste

basicamente em considerar o trabalho do historiador como o de um investigador onde cada detalhe importa e tem significado. Para Ginzburg, o conhecimento histórico pode ser encarado como indireto, indiciário, conjectural, e, portanto, neste viés a pesquisa histórica é concebida como uma busca por pistas e indícios presentes nas fontes, para tentar compreender as representações de um fato, pois o acontecimento em si é inatingível (GINZBURG, 2009).

Já o trabalho de Luca me possibilita pensar os jornais e revistas como fontes. Ela defende que o pesquisador deste tipo de fonte precisa considerar que seu material de análise é o que se tornou notícia, ou seja, algo que de antemão foi filtrado, apropriado e ressignificado, como outras fontes, e por isso é preciso considerar as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Também é importante observar que os discursos adquirem significados de muitas formas e que a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo estão diretamente ligados ao público leitor. Os jornais e revistas são empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, portanto projetos coletivos, que agregam pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretendem difundir a partir da palavra escrita (LUCA, 2008: 139-141). Assim, em se tratando da análise de periódicos é fundamental identificar o grupo responsável pela linha editorial, assim como os colaboradores mais assíduos, e observar os objetivos implícitos no título e textos editoriais. Também é importante estar atento para o fato de que as redações, editoras e associações literárias podem ser percebidas como espaços que unem linhas políticas e estéticas diversas, tecendo redes que estruturam o campo intelectual e permitem refletir sobre a formação e dinâmica deste (LUCA, 2008: 140-142).

Por sua vez, Dutra e Mollier (2006) destacam a importância dos impressos (livros, panfletos, boletins, jornais, revistas etc...) nas transformações culturais, sociais e políticas empreendidas na modernidade ocidental. Eles apontam para o relevante papel dos impressos em processos políticos como a constituição e ampliação de uma esfera pública, a formação de uma opinião pública, a divulgação e debate de opiniões políticas e a mobilização de parcelas da população para engajar-se sob determinadas bandeiras (DUTRA; MOLLIER, 2006: 9). Esta é uma questão bastante pertinente em se tratando da divulgação científica em jornais e revistas, onde a opção política defendida por segmentos editoriais influencia os posicionamentos científicos ali publicados.

A relação entre o desenvolvimento da imprensa e a atividade pública dos intelectuais é estreita e não pode ser desconsiderada. No Brasil, o papel da imprensa foi imprescindível no processo de constituição e consolidação da atividade intelectual desde o século XIX. No contexto da virada do século, o surgimento da denominada “grande imprensa” possibilitou a



profissionalização das atividades intelectuais, ao mesmo tempo que incentivou a militância dos intelectuais brasileiros, que passaram a se posicionar sobre assuntos diversos do cotidiano ou da política nacional e internacional através das páginas de jornais e revistas. Médicos, literatos, engenheiros, juristas, cientistas e educadores utilizavam então, e ao longo da primeira metade do século XX, estes espaços para tratar de questões referentes a suas especialidades que começavam a se delimitar, ao mesmo tempo que diagnosticavam as mazelas da realidade brasileira e propunham formas de superá-las (ENGEL; SOUZA; GUERELLUS, 2015: 8).

No período aqui analisado, décadas de 1940 e 1950, mesmo com a popularização do rádio e o advento da televisão, os jornais e as revistas, especialmente os primeiros, ainda eram considerados pelos intelectuais como um espaço privilegiado para a discussão de novas ideias, debates e polêmicas e, sobretudo, para a constituição de um público leitor e de uma opinião pública sobre assuntos diversos. Observo, ao analisar textos publicados em jornais e revistas, que os intelectuais brasileiros, ao se apropriarem de teorias médico-psicológicas várias, acabavam por desenvolver novas combinações teóricas, frente às demandas sociais e científicas do contexto local. Estes novos conhecimentos e ideias provenientes de tais processos de apropriação, que podemos chamar de híbridos, já não podem ser confundidos com suas matrizes. Tais combinações, em geral, são o resultado da necessidade de responder a questões específicas (ver anexo IV).

Assim, proponho tomar o itinerário de Araújo Lima como fio condutor da análise, considerando-o sob a categoria analítica do intelectual mediador para, na intersecção onde seu percurso se cruza com os caminhos trilhados por outros intelectuais mediadores, poder compreender as práticas deste grupo maior, observando-os enquanto produtores e divulgadores do conhecimento científico psiquiátrico e psicológico para além das instituições acadêmicas e científicas da época. Assim, podemos pensar em Araújo Lima como um barqueiro que nos guia nos caminhos sinuosos da circulação dos saberes médico-psicológicos, tão entrecruzados, caudalosos e ao mesmo tempo preciosos, como os cursos dos rios da sua região natal.

Estes caminhos serão apresentados nesta tese em seis capítulos, nos quais relaciono as obras de divulgação de Cláudio de Araújo Lima, enquanto parte de sua produção profissional, política e intelectual, com a de outros intelectuais mediadores, situando-as no contexto científico, literário e histórico da época. Assim, no primeiro capítulo analiso parte da trajetória de Araújo Lima, compreendida entre os anos de 1920 a 1959, que inclui sua formação acadêmica e o difícil começo na carreira de psiquiatria e médico legista, assim como sua

participação política e também suas primeiras atividades como intelectual no campo literário como escritor e na divulgação científica como editor.

No segundo capítulo analiso as práticas de divulgação de teorias médico-psicológicas em jornais e revistas da capital carioca, durante as décadas de 1940 e 1950, mapeando os atores e apresentando quatro das teorias mais divulgadas por eles: o organicismo alemão segundo Kraepelin, a psicologia individual definida por Adler, a medicina psicossomática e a neuro-reflexologia segundo Pavlov. O capítulo seguinte é dedicado à análise das duas principais teorias divulgadas por Araújo Lima – a psicanálise freudiana e a caracterologia segundo Kretschmer.

Já no quarto capítulo, observo como Araújo Lima desenvolveu em seus primeiros romances – *Babel* (1940) e *A Bruxa* (1944) – tentativas de combinar a escrita literária com a divulgação destas duas teorias médicas-psicológicas citadas acima. Nestes romances, ele também utilizou recursos literários como o monólogo interior e teorias sobre o funcionamento da memória que remetem à obra de Marcel Proust, denominadas de “psicologia proustiana”. A publicação destes romances de Araújo Lima na década de 1940 é representativa de sua adesão ao movimento literário do romance psicológico brasileiro, que também será analisado.

No capítulo seguinte, procuro identificar quais teorias médico-psicológicas Araújo Lima e demais colaboradores divulgaram nas três revistas dirigidas por ele – *Pasteur* (1940-1943), *Psyke* (1947-1948) e *Revista Latino Americana de Psiquiatria (RLAP)* (1951-1954) –, observando os principais temas defendidos nestas e como estes se relacionavam à conjuntura mais ampla de divulgação de teorias médico-psicológicas. Também observo a proposta apresentada pelos editores da revista *RLAP* de utilizá-la como instrumento de integração da psiquiatria na América Latina e espaço de discussão e divulgação de questões como o estatuto epistemológico da psiquiatria e sua relação com outras ciências.

No último capítulo, observo como Araújo Lima procurou se inserir no âmbito da divulgação das teorias de Kretschmer e Freud, e das discussões geradas por estas, ao publicar biografias médicas retrospectivas, também denominadas de patografias, de dois indivíduos de destaque no contexto local e internacional – o escritor austríaco Stefan Zweig e o político brasileiro Getúlio Vargas. Estes ensaios biográficos sobre duas personalidades polêmicas foram ambos publicados poucos meses após o suicídio de seus biografados.

## CAPÍTULO 1

### CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA: MÉDICO, ESCRITOR E INTELLECTUAL MEDIADOR

Neste capítulo, apresento parte do itinerário do médico legista, psiquiatra e escritor Cláudio de Araújo Lima, durante as décadas de 1920 a 1950, que inclui sua formação acadêmica e o início de sua carreira como médico, assim como o desenvolvimento de seus primeiros projetos individuais e coletivos, desempenhando o papel de intelectual mediador de teorias médicas-psicológicas variadas. Dentre outros atores que no mesmo contexto também desempenharam este papel<sup>17</sup>, o itinerário de Araújo Lima é destacado nesta pesquisa como estudo de caso. Sua escolha deve-se ao fato dele ter utilizado de meios diversos (romances, revistas, ensaios e biografias) como forma de divulgar teorias múltiplas (psicanálise, caracterologia, medicina psicossomática, “psicologia proustiana”<sup>18</sup> etc...) para um público heterogêneo (popular, erudito e especializado) no âmbito nacional e internacional. O estudo de seu itinerário me possibilita observar de modo mais claro a amplitude e complexidade deste processo de circulação das teorias médico-psicológicas nos publicados no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1920 e 1950.

Podemos simplesmente dizer que Cláudio de Araújo Lima foi um médico que tentou manter uma atividade paralela como escritor. Porém, a escrita de toda narrativa histórica, que se pretende como representativa do itinerário profissional, intelectual ou da trajetória de vida de um indivíduo, não é uma tarefa simples. O risco de buscarmos causalidades e explicações lógicas excessivas, com a intenção de ordenar o aparente caos com que a vida de um sujeito muitas vezes se apresenta, é eminente (BOURDIEU, 2002). Para tentar lidar com esta questão, procuro problematizar alguns aspectos da constituição do itinerário de Cláudio de Araújo Lima, como profissional e escritor.

O primeiro destes aspectos é a ausência de produções históricas sobre ele, seja no campo da medicina como no da literatura. O segundo aspecto é o número reduzido de fontes disponíveis para a análise deste itinerário. Pelo que foi possível perceber, mapeando sua trajetória de vida pelas notícias de jornais, ou seja, contando com as informações consideradas pelo médico, sua família e os jornalistas como dignos de publicização, o escritor em questão

---

<sup>17</sup> Este grupo maior será analisado no segundo capítulo.

<sup>18</sup> Este termo será tema do quarto capítulo.

era um homem muito reservado. As suas aparições públicas nas rodas sociais eram exíguas, apesar de estar inserido em grupos de políticos e intelectuais de destaque no período. Ao longo de sua carreira de médico e escritor se viu envolvido em algumas polêmicas, mas, de antemão, não buscava causar controvérsias. Raramente aparece como membro de instituições associativas médicas nacionais, com exceção da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBNPML)<sup>19</sup>, da qual tornou-se sócio em 1932. As suas entrevistas em jornais e revistas também eram exíguas e, em geral, tratavam de aspectos relacionados a sua prática profissional no campo psiquiátrico e da medicina legal ou como escritor.

De maneira diferente de outros intelectuais do período, Cláudio de Araújo Lima não se dedicou à publicização de seu próprio nome, não gostava de homenagens públicas e tardes de autógrafos. Mas, apesar do comportamento aparentemente tímido e esquivo, foi um sujeito gregário, sempre envolvido em projetos coletivos, em geral como articulador e mediador. Assim, neste capítulo desenvolvo um esboço do itinerário do médico e escritor, desde sua formação até o início de suas atividades como um intelectual mediador, nas décadas de 1940 e 1950, posição na qual sua prática é representativa de um grupo maior, seu contemporâneo.

## 1.1 Os primeiros anos de seu itinerário profissional

Cláudio de Araújo Lima (1908-1978), natural de Manaus, Amazonas, foi médico legista e psiquiatra, ensaísta, romancista, dramaturgo e tradutor. Era filho de José Francisco de Araújo Lima (1884-1945)<sup>20</sup>, que também foi médico, político e escritor, e de Branca Machado de Araújo Lima. A família de Cláudio, tanto pelo lado materno como pelo paterno, desfrutou de um passado de influência política e econômica, principalmente na região Norte, pelo menos até

---

<sup>19</sup> Instituição associativa médica criada no Distrito Federal, em 1907, por médicos interessados em se especializar nas áreas da psiquiatria, neurologia e medicina legal. Alguns dos membros fundadores de maior destaque nestas áreas eram Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Antônio Austregésilo, Henrique Roxo e Ulysses Vianna. Ver: CERQUEIRA, 2014: 49.

<sup>20</sup> José Francisco de Araújo Lima nasceu em Vila de Muaná, na ilha de Marajó (PA), e formou-se como farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1902, iniciando poucos anos depois o curso de medicina no Rio de Janeiro. Em 1911, viajou para a França junto com esposa e filhos, onde fez os cursos de medicina tropical pela Universidade de Paris e de microbiologia pelo Instituto Pasteur de Paris. Após a conclusão dos dois cursos, regressou ao Brasil, em 1912, e doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Também nesse ano representou oficialmente o governo do Amazonas na II Conferência Brasileira de Educação. De volta à capital amazonense, onde já havia exercido as funções de lente em História Natural e Geografia no Ginásio Amazonense, tornou-se diretor da Instrução Pública do Amazonas, cargo que exerceu entre 1917 e 1919. No governo de César do Rego Monteiro (1921-1924), exerceu pela primeira vez o cargo de prefeito de Manaus, de setembro a novembro de 1924, e posteriormente, entre 1926 e 1929, voltou a assumir o mesmo cargo. Foi autor de *A questão do ensino primário* (1912); *Falsa demência* (1912); *Só a educação transforma os povos* (1933) e *Amazônia: a terra e o homem* (1933). Ver URBINATI, s.d.

o final da Primeira República. José Francisco, que era filho de um juiz de direito de Manaus, era descendente, segundo alguns jornais de época, do regente Pedro de Araújo Lima (depois conhecido como Marquês de Olinda)<sup>21</sup>, que deixou um amplo legado político no Rio de Janeiro. Já a mãe de Cláudio era filha do Barão Manoel Joaquim de Machado e Silva, natural da cidade do Porto, que foi uma figura importante tanto para a colônia portuguesa no Brasil, na função de cônsul, como para a classe comercial do Amazonas, enquanto diretor da Associação Comercial deste estado por muitos anos (MATA, 1976: 5).

José Francisco teve mais dois filhos além de Cláudio, o engenheiro agrônomo Ruy de Araújo Lima, que viveu em Belo Horizonte, e Maria Amélia Araújo Lima de Sousa, que foi casada com o Dr. Álvaro de Sousa. Entre os parentes mais próximos de Cláudio, destacava-se a influência de seu tio Benjamin Lima, jornalista e teatrólogo, residente no Rio de Janeiro desde 1919, na formação de sua rede de contatos na capital federal, assim como a proximidade que manteve com os primos Renato Vieira, escritor, e Carlos de Araújo Lima, jurista, filho de Benjamin (*CORREIO DA MANHÃ*, 18/07/1945: 7).

Cláudio de Araújo Lima cursou sua educação básica em Manaus, recebendo, por influência do pai, uma formação humanista dedicada às artes e às letras. Ao longo de sua carreira como médico e escritor, publicou várias obras de divulgação dadas a conhecer em revistas especializadas ou na forma de livros, mas poucos foram os seus trabalhos eminentemente técnicos em geral dedicados ao estudo da psiquiatria forense.

No início da década de 1920, Araújo Lima, aos 16 anos, participou de uma das revoltas “tenentistas” contra o governo do presidente Arthur Bernardes e as oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, que controlavam a sucessão presidencial. A insurreição militar na qual atuou teve início em Manaus, em 23 de julho de 1924, se estendendo até o Pará. Ela fazia parte de um movimento mais amplo, que começou no Rio de Janeiro em 1922 e se repetiu em São Paulo, em julho de 1924, funcionando como foco inspirador dos levantes em outros estados, como Mato Grosso, Sergipe, Pará e Rio Grande do Sul, naquele mesmo ano. Além da derrubada do governo de Arthur Bernardes, o movimento buscava a efetivação na prática política dos princípios liberais contidos na Constituição de 1891, e propunha como programa político o voto secreto, combate à fraude eleitoral, liberdade de imprensa e pensamento e limitação das

---

<sup>21</sup> Não foram localizadas em outras fontes históricas referências a tal parentesco, porém o que mais interessa aqui é que tanto Cláudio de Araújo Lima, que inclusive batizou um de seus filhos com o nome do Marquês, como outros membros de sua família usavam desta suposta ligação com o Marquês de Olinda como parte de seu capital social e político no Rio de Janeiro.

atribuições do Poder Executivo com o equilíbrio entre os três poderes, dentre outras propostas (FORJA, s.d.)<sup>22</sup>.

Ao contrário do que aconteceu nas outras capitais, os tenentes em Manaus conseguiram tomar a capital e instalar um governo provisório que durou pouco mais de um mês, até que a rebelião foi suprimida por forças federais e os participantes presos. Alguns dos militares, como foi o caso de Araújo Lima, que na época era cabo do exército, foram presos na casa de detenção da Vila de Paricatuba, e depois enviados de volta a Manaus. Em setembro daquele mesmo ano, enquanto seu pai assumia o cargo de prefeito de Manaus, Araújo Lima foi sentenciado com a sua expulsão do 27º Batalhão de Caçadores do Exército e depois enviado para o exílio no Acre. Lá, ele viveu em um seringal da região do Alto Purus durante alguns meses, retornando para Manaus, em 1926, para o convívio familiar e para seus estudos no Colégio Anacleto, naquela capital (ROSA, 2002: 30). Muitos anos depois, a experiência do exílio no Acre foi revisitada por ele na escrita da biografia de *Plácido de Castro* (1952) e no romance *Coronel de Barranco* (1970).

Em 1927, Araújo Lima mudou-se para a capital federal, onde iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). Em uma entrevista ao jornal *Correio da Manhã*, de 1953, ele contava que teria iniciado sua carreira na psiquiatria mais impulsionado por contingências da vida do que por escolha própria. Ele teria escolhido a carreira médica por influência do pai, sendo que, no segundo ano do curso, teria se encantado pelo estudo da Fisiologia, depois de ler em francês a *Introdução à Medicina Experimental*, de Claude Bernard, acreditando que a partir daí se tornaria “exclusivamente um homem de laboratório”. Porém, por exigência de seu pai, ele passou a dedicar-se em sua vida acadêmica, também, à prática nos hospitais, o que teria representado, segundo Araújo Lima, um verdadeiro “trauma psíquico” em sua formação (*CORREIO DA MANHÃ*, 11/01/1953: 11).

Durante os anos de seus estudos médicos, Araújo Lima continuou se dividindo entre o Rio e Manaus, onde sua família permanecia estabelecida e seu pai, à frente da prefeitura até 1929, também continuava clinicando como farmacêutico e médico. Porém, em 1930, o pai de Araújo Lima, José Francisco, que havia sido eleito deputado federal pelo Amazonas, se estabelecendo na capital federal em março daquele ano, foi deposto, após o golpe político-militar de outubro. Este levou o político gaúcho Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), apoiado pelos tenentes e pela classe média, à Presidência da República. Vargas, ao assumir o controle

---

<sup>22</sup> Para maiores informações sobre o movimento tenentista em Manaus e em outras capitais do Brasil, ver: CARONE, 1977; SANTOS, 1990; PRESTES, 1990; PRESTES, 1994; SANTOS, s.d.

não só do Poder Executivo como também do Legislativo, em novembro daquele ano, dissolveu o Congresso Nacional, assim como os legislativos estaduais e municipais, nomeando interventores para ocupar os cargos dos governadores (FAUSTO, 1994).

Com a perda do cargo político federal por parte de José Francisco, sua exclusão da política amazonense e o distanciamento de sua clientela de Manaus, a família do médico passou por um período de dificuldades financeiras. Segundo o relato de Araújo Lima anos depois, ele, que na época ainda era estudante, tinha dificuldades até para pagar a condução que o levaria aos locais de estudos e pesquisa. Foi neste contexto que ele aceitou o convite do professor Helion M. Póvoa (1889-1944) para trabalhar no seu serviço de fisiologia e anatomia patológica do Hospital Nacional de Alienados (HNA), que ficava próximo da sua casa, não tendo despesas com deslocamento. Uma experiência que sem dúvida influenciou a escolha de sua especialização médica (*CORREIO DA MANHÃ*, 11/01/1953: 11).

O jovem amazonense iniciou sua militância acadêmica ainda em 1930, participando do Diretório Acadêmico da FMRJ, na comissão de intercâmbio. Neste período, os principais pontos de discussão entre os membros do Diretório eram a reforma pedagógica e a democratização universitária, além de buscarem resolver como seria o sistema de progressão dos estudantes naquele ano, em meio ao contexto de instabilidade gerado pelos acontecimentos da “revolução de outubro”. Juntamente com os discentes faziam parte das comissões os professores Miguel Osório de Almeida, Álvaro Osório de Almeida, Carlos Chagas, Froes da Fonseca, dentre outros (*JORNAL DO BRASIL*, 15/11/1930: 8).

A participação política de Araújo Lima durante os anos do governo Vargas é um dos pontos nebulosos de sua biografia. Até onde foi possível apurar pelas notícias de jornal, seu posicionamento era contrário a algumas medidas tomadas pelo governo, mas sua participação na política em geral era bastante discreta, como quase toda sua trajetória. Neste período ele se aproximou de movimentos da ala mais jovem da classe médica carioca, liderada por membros do Partido Comunista, que faziam oposição ao governo. Entretanto, não é possível afirmar que Araújo Lima tenha se filiado, em algum momento de sua trajetória, a este partido, a partir das fontes que dispomos.

Em 1931, Araújo Lima participou de um movimento liderado por médicos da FMRJ, que se opuseram ao decreto que instituiu o ensino religioso como obrigatório nas escolas. Em um abaixo assinado destinado ao presidente da República, os médicos argumentavam que tal medida era “retrógrada, anticientífica e restritiva da liberdade de pensamento”, uma vez que não permitia aos professores apresentarem conteúdo ou teorias, como as evolucionistas ou de

ordem biológica sexual, que porventura viessem a ofender as convicções religiosas de seus alunos. Por outro lado, os professores da Escola de Minas, também da Universidade do Rio de Janeiro, em um grupo menor, apresentavam um posicionamento totalmente contrário, parabenizando o governo pela medida tomada e destacando a importância de lutar contra o ateísmo na educação e defender a moral e a religião de um povo (*CORREIO DA MANHÃ*, 28/06/1931: 6).

No ano de 1933, Araújo Lima se filiou ao Partido Autonomista<sup>23</sup>, com tendência centralizadora, logo após a fundação deste (*O RADICAL*, 24/03/1933: 2). O médico e político Pedro Ernesto (1884-1942) foi um dos maiores articuladores do citado partido, nos seus primeiros anos. Ele desde o início da gestão de Vargas teve sempre muita influência política no governo, estando muito próximo ao presidente, primeiro como intendente e depois como prefeito do Distrito Federal. Em 1935, contudo começou a enfrentar a oposição de uma ala conservadora do Partido Autonomista que criticava seu programa de governo por apresentar tendências socializantes. Como reação às críticas, Pedro Ernesto anunciou um novo programa de governo de caráter mais liberal que buscava apoio entre a classe média e deixava de lado o caráter trabalhista do programa anterior. Esta mudança provocou o rompimento do prefeito com os grupos de esquerda, que passaram a acusá-lo de traidor da classe operária. Ao mesmo tempo, a citada ala conservadora do partido, que era liderada pelo padre Olímpio de Melo, Augusto Amaral Peixoto e Luís Aranha (irmão de Oswaldo Aranha), acusava o prefeito de ter apoiado, juntamente com seu secretário de educação, Anísio Teixeira, o Levante Comunista<sup>24</sup>, liderado por Luís Carlos Prestes em novembro daquele mesmo ano. Na ocasião Pedro Ernesto foi acusado de colaborar com os comunistas e preso em abril de 1936, permanecendo nesta condição até 1937 (ABREU, s.d. (b)).

Ainda no ano de 1935, Araújo Lima participou de outro movimento articulado por jovens médicos comunistas. Desta vez, tratava-se da campanha pela libertação do psiquiatra e

---

<sup>23</sup> O Partido Autonomista foi fundado em 4 de março de 1933, no Rio de Janeiro, por ocasião das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, tendo como principal meta defender a constituição e a autonomia política e administrativa da capital da República, que até então não tinha eleições diretas para prefeito. Este partido foi organizado por uma comissão integrada por Pedro Ernesto Batista (então interventor no Distrito Federal), Pedro Aurélio de Góis Monteiro, João de Mendonça Lima e João Alberto Lins de Barros. Com a instituição do Estado Novo em 1937, o Partido Autonomista foi extinto junto com os demais partidos do país. Ver ABREU, s.d. (a)

<sup>24</sup> A revolta armada, que ficou conhecida como Intentona Comunista, eclodiu a 23 de novembro de 1935 em Natal, onde os aliancistas instalaram o Comitê Revolucionário. Ela também ocorreu em outras capitais brasileiras, como Recife e Rio de Janeiro, sendo ambos os movimentos imediatamente reprimidos pelas tropas do Exército, comandadas pelo general Eurico Gaspar Dutra. A repressão aos envolvidos na revolta de novembro atingiu não só os comunistas, socialistas, trotskistas e anarquistas, como a todos os opositores do governo Vargas. Ver: ABREU, s.d. (b)



escritor gaúcho Dyonélio Machado (1895-1985), presidente da Aliança Nacional Libertadora (ANL) no Rio Grande do Sul e autor do romance *Os ratos* (1934), que recebeu o prêmio Machado de Assis da ABL, naquele mesmo ano. Esta campanha foi organizada pelo Sindicato Médico do Distrito Federal, contando com apoio de outras instituições. Naquele período, as tensões sociais entre partidários da Ação Integralista Brasileira (AIB), partido político de tendência fascista liderado por Plínio Salgado, cujos participantes eram conhecidos como “camisas-verdes”, e a ANL se agravavam, de modo que o governo se tornou cada vez mais repressor de movimentos sociais e greves trabalhistas (FAUSTO, 1994; BRANDI, s.d.).

Com o fechamento da ANL nacional, em 13 de julho de 1935, com base na Lei de Segurança Nacional,<sup>25</sup> seguida pelas sedes regionais e sindicatos, foi organizada em Porto Alegre, uma greve de 24 horas, em protesto contra a ação do governo. Dyonélio que era presidente da ANL gaúcha, participou do evento como articulador. Como represália à sua liderança naquela instituição e sua participação no movimento grevista, Dyonélio foi preso na madrugada de 18 de julho de 1935, ficando detido na prisão das Bananeiras, em Porto Alegre (GRAWUNDER, 1995: 19).

Três meses após sua prisão no Rio Grande do Sul, um grupo de jovens médicos da capital federal, dentre os quais Cláudio de Araújo Lima, organizou junto ao Sindicato Médico Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro, uma campanha em prol da libertação do psiquiatra gaúcho. Eles julgavam o ocorrido como uma “prisão arbitrária de um lutador anti-imperialista e antifascista”, fruto de perseguição da polícia política do Rio Grande do Sul, e receberam adesões de médicos de outros estados brasileiros. Foi formado um comitê e teve início uma série de protestos em prol da revogação da prisão do médico. O comitê organizador da campanha também enviou a várias instituições científicas, organizações de massa e sindicatos da capital, ofícios de solicitação de apoio, conseguindo respostas positivas da Associação Jurídica do Brasil e do corpo médico da Assistência Municipal. Na época, Araújo Lima fazia parte desta instituição, que organizou um abaixo assinado a favor de Dyonélio, com mais de 80 assinaturas da classe médica. Também receberam apoio do médico Pedro Ernesto, então prefeito do Distrito Federal, que enviou um telegrama ao governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, pedindo a libertação de Dyonélio, e do vereador Frederico Trota, que apresentou na câmara municipal uma moção de protesto contra a prisão do médico. Instituições

---

<sup>25</sup> A Constituição Federal de 1934 criou o Conselho Superior de Segurança Nacional (art. 159), dedicado a defesa e a segurança do país. Assim, em 4 de abril de 1935, com aprovação deste Conselho, o governo Vargas sancionou a Lei nº 38, definindo crimes contra a ordem política e social. No mesmo ano foram definidos os crimes políticos e instituído o Tribunal de Segurança Nacional para o julgamento destes. Ver: FRAGOSO, s.d.

associativas médicas cariocas como a ANM e a SBNPML, inicialmente preferiram se manter neutras não se vinculando ao grupo que protestava contra a prisão do médico gaúcho. Neste período eram frequentes as notícias nos jornais de prisões realizadas pela polícia política da capital e de alguns estados, como do Amazonas, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Sul, onde eram realizadas prisões de estudantes, operários e intelectuais baseadas na lei de segurança nacional (A *MANHÃ*, 17/10/1935a: 7; 17/10/1935b: 7; 18/10/1935: 6; 19/10/1935: 2; 22/10/1935: 2; 26/10/1935: 3; SBNPML, 21/10/1935).

Assim, na década de 1930, Araújo Lima iniciou sua participação na vida política da capital federal se engajando em movimentos contestatórios ao governo Vargas, organizados por jovens médicos. Paralelamente, este é o período em que ele concluiu seus estudos na FMRJ, em 1932 e procurou ao longo dos anos seguintes se inserir no contexto profissional da medicina carioca. A primeira tentativa de Araújo Lima de adentrar o restrito meio médico do Distrito Federal se deu, em 1933, quando ele foi aprovado no concurso para psiquiatra da Assistência a Psicopatas, porém, sua nomeação não foi imediata, só acontecendo dois anos depois. Na ocasião também foram nomeados os médicos Ivar Costa Rodrigues, para o mesmo cargo, e Ignácio Cunha Lopes, para o cargo de psiquiatra substituto (*JORNAL DO BRASIL*, 28/08/1935: 6). Na Assistência ele trabalhou por um período no HNA e depois na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá (*CORREIO DA MANHÃ*, 22/09/1952: 2). Enquanto aguardava sua designação como médico concursado, ele foi convidado, entre 1933 e 1934, a assumir a função de assistente do médico Antônio Austregésilo (1876-1960)<sup>26</sup>, neurologista-chefe do serviço de Clínica Neurológica da FMRJ. O contato entre Araújo Lima e Austregésilo, ao longo dos anos, passou de uma relação de discípulo e mestre para uma forte amizade, o que se refletiu na presença do experiente neurologista em alguns dos projetos organizados pelo psiquiatra amazonense até os anos de 1950, como veremos nos capítulos seguintes.

Austregésilo contribuiu com estes projetos tanto por seu conhecimento técnico na medicina como por sua influência no meio acadêmico e intelectual da capital federal, derivada de sua posição como titular da cátedra de neurologia da FMRJ e membro de associações de destaque, como a Academia Nacional de Medicina (ANM), desde 1903, a SBNPML, da qual

---

<sup>26</sup> Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima, natural de Recife – Pernambuco, doutor em 1899 pela FMRJ, foi alienista do Hospício Nacional de Alienados e médico-chefe da 20ª enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, professor catedrático de Neurologia da FMRJ, até a década de 1940, quando se aposentou. Foi presidente da ANM em três momentos: 1934 a 1937; 1945 a 1947 e 1949 a 1951. Também foi presidente da ABL em 1939. Além da neurologia, dedicou-se aos estudos e divulgação da psicanálise, realizando palestras e publicando livros como *Sexualidade e Psiconeuroses* (1919); *Conselho prático aos nervosos* (1929); *Educação da Alma* (1932); *A cura dos nervosos* (1939). Foi também deputado federal por Pernambuco entre 1922 e 1930. Ver: “Antônio Austregésilo”, s.d.

foi membro fundador, e a ABL, desde 1914. Em 1934, Araújo Lima participou, junto com outros discípulos próximos de Austregésilo<sup>27</sup>, do *Livro Jubilar* do professor de neurologia, apresentando um estudo sobre o efeito de várias glândulas humanas no desenvolvimento de síndromes, realizado no serviço de clínica neurológica da FMRJ e divulgado no IV Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, ocorrido no mesmo ano em homenagem aos 25 anos de magistério de Austregésilo (*ABNP*, 1935: 161-162; *ABHM*, 1934: 251-252).

Ainda em 1934, Araújo Lima participou de um concurso para o cargo de médico legista da polícia, no qual não foi aprovado, no primeiro momento. Contudo, ele e mais os candidatos Mário Campello Duarte, Ipiranga dos Guaranis, Nilton Salles, Rui Vicente de Mello e Avellino Pessoa Cavalcante, juntamente com o segundo classificado no concurso, Oswaldo Pinheiro de Campos, entraram com uma petição junto ao Ministro da Justiça e ao Chefe de Polícia Felinto Muller, solicitando um inquérito e a anulação das provas. A alegação dos candidatos era de que o primeiro colocado no concurso, Gualter Lutz, além de ter “duas provas invalidadas por erros monstruosos”, teria sido favorecido de várias formas pelo professor de medicina legal da FMRJ – Henrique Tanner de Abreu –, do qual Lutz era assistente. Além desta acusação, os jovens médicos queixavam-se de que os membros da comissão avaliadora Afrânio Peixoto e Miguel Salles se ausentaram durante boa parte das avaliações e de que nenhum registro dos resultados da avaliação foi realizado em ata. Em sua defesa, Miguel Salles, que era diretor do Instituto Médico Legal no período, apresentou um relatório com os pontos falhos das avaliações dos candidatos não aprovados. O argumento não convenceu os médicos solicitantes, que mantiveram sua acusação frente às autoridades competentes e utilizaram os jornais como tribuna pública para sua apelação (*JORNAL DO BRASIL*, 07/09/1934: 13; 18/09/1934: 13; 19/09/1934: 13; 05/10/1934: 13). Os jornais não noticiaram o resultado desta contenda nos meses que se seguiram, mas não foram realizados novos concursos para médicos legistas até o início da década de 1940, e alguns dos citados candidatos “reprovados” foram nomeados nos anos seguintes ao impasse.

O médico amazonense assumiu, em 1935, em paralelo as suas funções na Assistência a Psicopatas, o cargo de médico psiquiatra do laboratório de antropologia criminal da Penitenciária de Niterói – serviço dirigido por Heitor Carrilho (1890-1954) –, na Assistência a Psicopatas do Estado do Rio de Janeiro. Já em 1936, Araújo Lima foi nomeado neuropsiquiatra

---

<sup>27</sup> Participaram deste grupo os médicos: Ulysses Vianna, Heitor Carrilho, Odilon Galotti, Motta Rezende, J. V. Collares, I. Costa Rodrigues, Austregésilo Filho, Eurydice M. de Borges Fortes, Aluizio Marques, Níse da Silveira, dentre outros, que compunham junto com Araújo Lima um grupo de afiliados a escola neurológica desenvolvida por Austregésilo, mesmo que muitos deles praticassem a psiquiatria ou a medicina legal (*Livro Jubilar...*, 1954: índice).

auxiliar da Secretaria Geral de Saúde e Assistência do Distrito Federal, órgão municipal em que trabalhou até 1938, ao mesmo tempo em que era aprovado como livre docente da cadeira de psiquiatria da FMRJ, título que sempre foi ressaltado em suas entrevistas, notas em jornais e apresentações em alguns de seus livros (*JORNAL DO BRASIL*, 28/08/1935: 5; 05/11/1936; 24/07/1937; 24/11/1936: 14; *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 05/02/1937: 6; *JORNAL DO COMMÉRCIO*, 07/03/1937: 5).

Os anos de 1937 e 1938, que correspondem aos primeiros do Estado Novo e ao auge da perseguição contra os opositores do governo Vargas, foram bastante conturbados na carreira médica de Araújo Lima. Em janeiro de 1937, ele solicitou dois meses de licença médica do cargo de médico neuropsiquiatra da prefeitura (*JORNAL DO BRASIL*, 14/02/1937: 35), mas, antes mesmo de que esta fosse concedida, ele viajou com a esposa Isaura, passando por Recife em direção ao Norte, em 04 de fevereiro. Na capital pernambucana, ele visitou a redação do *Diário de Pernambuco*, onde declarou estar em viagem de trabalho, designado para uma inspeção aos serviços de Assistência a Psicopatas no norte do país (*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 05/02/1937: 6).

Tais justificativas não são descartáveis, mas juntas, elas tornam-se incoerentes, principalmente considerando que neste período simpatizantes e apoiadores do Partido Comunista foram enviados a exílios na região Norte ou fora do país, enquanto outros buscaram os exílios como forma de fugir à perseguição. Não é possível precisar até que ponto este foi o caso de Araújo Lima, mas o clima no país, desde 1935, era de caça aos opositores do regime, qualquer que fosse seu posicionamento partidário, o que nos faz acreditar que Araújo Lima buscou, com a esposa Isaura, refúgio fora da capital federal durante o período mais turbulento. Uma vez que seu posicionamento político em relação ao governo Vargas nos parece ser de oposição desde o início. Enquanto esteve fora do Rio, Araújo Lima permaneceu em Manaus, não sendo registradas notícias ou notas oficiais de uma possível inspeção ou visita sua a sanatórios da região<sup>28</sup>. Durante sua estadia na capital amazonense, ele atendeu pacientes com “doenças nervosas e mentais, afecções musculares e desordens de secreção interna” em um consultório ao lado da Farmácia Normal, onde seu pai clinicava (*JORNAL DO COMMÉRCIO*, 07/03/1937: 5).

---

<sup>28</sup> Além dos jornais locais e os de circulação nacional que, na época, costumavam noticiar este tipo de evento, foram consultadas revistas especializadas na área da psiquiatria como os *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, os *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria* e os *Arquivos da Assistência a Psicopatas*, sem que nenhum destes fizesse menção a tal inspeção oficial.

Poucos meses depois de seu retorno para o Rio de Janeiro, em finais de abril de 1937, foi decretado o governo de exceção denominado de Estado Novo, e com ele se acentuou o processo de exonerações de cargos públicos e comissionados, seguindo o decreto lei que proibia as acumulações remuneradas. Tal decreto, além do objetivo de reorganizar a administração pública em âmbito federal, estadual e municipal, também visava cumprir fins políticos de expurgar da máquina estatal aqueles que se opunham ao governo. Dentro deste contexto, Araújo Lima foi exonerado em janeiro de 1938, primeiramente, do cargo de neuropsiquiatra auxiliar da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Junto com ele, centenas de outros tiveram o mesmo destino, como vários funcionários das áreas de saúde, segurança e educação, inclusive os professores da Universidade do Distrito Federal, que foi extinta no período (*JORNAL DO BRASIL*, 12/01/1938: 10). Em dezembro do mesmo ano, ele foi exonerado por decreto presidencial da vaga de psiquiatra da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal, sendo substituído por Deusdedit Araújo (*JORNAL DO BRASIL*, 23/12/1938: 6; *A BATALHA*, 31/12/1938: 2).

No meio tempo entre as exonerações do início e final daquele ano, Araújo Lima entrou com uma petição junto à Presidência da República por intermédio do Ministro da Justiça, buscando assumir o cargo de médico legista concursado do IML do Distrito Federal; ao que tudo indica, referente ao concurso de 1934, já mencionado. Segundo alguns jornais, o concurso que ele havia sido aprovado estava em vias de expirar o prazo legal para convocação, no final daquele ano. Porém, passados sete meses de sua solicitação, ainda não havia obtido nenhum posicionamento, de modo que ele entrou também com um requerimento junto ao recém-criado Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP)<sup>29</sup>. Este último apresentou um parecer favorável à sua nomeação, que foi aceito pelo Presidente, visto que a vaga que pleiteava o psiquiatra amazonense estava sendo ocupada por funcionário não concursado (*O JORNAL*, 30/11/1938: 4; *JORNAL DO BRASIL*, 21/12/1938: 6). Contudo, pouco antes de assumir a vaga, ele foi designado como médico substituto, no lugar de Ephren Macedo, para a Comissão de Petróleo da região do Alto Rio Moa, sendo enviado para o Acre (*O REBATE*, 18/12/1938: 4). Assim, mesmo sendo nomeado ainda em 1938 como médico legista interino, ele só conseguiu assumir a vaga efetivamente no IML no ano seguinte.

---

<sup>29</sup> Órgão diretamente subordinado à Presidência da República, criado em 30 de julho de 1938, com o objetivo de aprofundar a reforma administrativa destinada a organizar e a racionalizar o serviço público no país, adotando um sistema de mérito, como forma de limitar os interesses privados e político-partidários na ocupação dos empregos públicos, e procurando integrar os vários setores da administração pública e promover a seleção e aperfeiçoamento do pessoal administrativo. Ver DASP, s.d.

Ainda no ano de 1938, Araújo Lima e toda sua família fixaram residência no Rio de Janeiro, inaugurando a Casa de Saúde Santa Alexandrina, de propriedade de seu pai, José Francisco, em sociedade com José Linhares de Albuquerque<sup>30</sup> e com o próprio Cláudio, que assumiu o cargo de diretor técnico do sanatório (*O IMPARCIAL*, 1938: 6). Esta clínica, situada na rua de mesmo nome, na colina entre os bairros de Santa Tereza e Rio Comprido, era destinada ao tratamento dos “nervosos e convalescentes intoxicados”. A clínica, em entrevistas e anúncios em jornais, era descrita como um recanto bucólico, com uma área de 10.000 metros quadrados, cercada de uma ampla mata. Esta recebia pacientes provenientes da classe média, em especial bancários, funcionários públicos da Prefeitura, funcionários de autarquias e profissionais liberais. Na década de 1950, a clínica era descrita pelo repórter Mauro Paiva como um lugar “pitoresco, quase poético”, onde se ministrava a “terapêutica moderna” baseada no “tratamento científico e sobretudo humano” (PAIVA, 1957: 32-33). O Sanatório Santa Alexandrina funcionou no morro de Santa Teresa até o início da década de 1960, quando as obras para a construção do Túnel Rebouças, que causavam muito barulho por causa das detonações, forçaram Araújo Lima a transferir o Sanatório para Jacarepaguá, onde passou a ser denominado Sanatório Araújo Lima, recebendo basicamente portuários (*CORREIO DA MANHÃ*, 06/05/1966: 9).

Entre as décadas de 1930 e 1940, foi possível observar por meio do levantamento e análise de matérias em jornais, que as clínicas particulares haviam se tornado comuns na capital federal, principalmente as dedicadas à maternidade, aos cuidados do aparelho respiratório, com destaque para os casos de tuberculose, e às doenças nervosas e mentais. O crescimento no número de clínicas e consultórios particulares converge com a intensificação de um processo já iniciado na década de 1920, de especialização e profissionalização das áreas médicas. Estas novas clínicas particulares indicavam o início de um processo de “socialização” da medicina, no sentido de agrupar especialistas diversos em instituições médicas, descaracterizando a prática do médico de família. A expansão da oferta de serviços de saúde privada indicava, ao mesmo tempo, que a situação de precariedade e mesmo ausência, em alguns casos, dos serviços de atendimento público era grave, e que estava se formando um mercado empresarial de

---

<sup>30</sup> José Linhares de Albuquerque foi um dos médicos que trabalhou no Dispensário Oswaldo Cruz, em Manaus, instituição composta por duas seções, uma para a “profilaxia da lepra” e outra para o tratamento das “doenças venéreas”, esta última a cargo de Albuquerque. O Dispensário fazia parte do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural (SSPR) do Amazonas, criado na década de 1920 e que funcionou até 1930, sob a direção do sanitarista Samuel Uchôa, em uma ação coordenada entre o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e o governo do estado do Amazonas. Neste período, José F. de Araújo Lima, pai de Cláudio, trabalhou como médico do SSPR, como responsável pelo Posto Carlos Chagas, que ficava no bairro da Cachoeirinha, em Manaus, um dos bairros com maiores índices de endemias. Ver: SCHWEICKARDT, 2011: 241-242.

serviços de saúde bastante lucrativo. Na imprensa diária era frequente e crescente o número de anúncios de clínicas e sanatórios particulares, ladeados por campanhas de incentivo ao atendimento médico em instituições especializadas, e desaconselhando o cuidado doméstico como prejudicial para o paciente e a própria família, desde casos de parto até de doenças nervosas.

Em 1939, o jornal *Correio da Manhã* iniciou uma campanha, patrocinada por algumas clínicas, em defesa dos benefícios que os cuidados hospitalares especializados poderiam proporcionar à saúde dos enfermos, e enfatizando sobre os perigos para o indivíduo e a comunidade que a falta de tal atendimento poderia gerar. A campanha usava como lema uma frase atribuída ao médico Miguel Couto (1865-1934), para quem “a hospitalização não é só um dever como uma necessidade”, seguida por um texto, que destacava “o grande avanço proporcionado à metrópole carioca pela criação e multiplicação de instituições hospitalares”, em curto período de tempo. O objetivo maior da campanha era sem dúvida “esclarecer a população desinformada dos perigos de um atendimento não especializado, e mesmo da manutenção e tratamento dos doentes em suas residências”. O primeiro argumento utilizado era o de que os recursos no ambiente familiar eram escassos e o tratamento ineficaz, por ser administrado por pessoas despreparadas, gerando risco à saúde e à vida do enfermo. O segundo argumento era o de que algumas “enfermidades que quando tratadas em ambiente hospitalar [eram] curáveis em um período médio de três meses, [poderiam] tornar-se crônicas sem os cuidados necessários”. E, por fim, defendia-se o risco à saúde da própria família do enfermo e da comunidade, em casos de doenças contagiosas ou mentais. Neste último caso, alegava-se que eram maiores as complicações e perigos, comprovados pela “frequência notável de suicídios e crimes de indivíduos em plena evolução de um quadro psiconeurótico”, mesmo estando em tratamento, acompanhados por médicos que os atendiam em consultórios ou nas residências (*CORREIO DA MANHÃ*, 13/04/1939: 13).

Tal campanha era veiculada na já tradicional página de propaganda dos consultórios médicos e clínicas, abrindo espaço para artigos curtos e notas informativas que reforçavam a necessidade de um atendimento médico especializado em uma instituição bem equipada, com instalações adequadas e corpo de enfermeiros treinados. O artigo do prof. Arnaldo de Moraes, catedrático da FMRJ, intitulado “De parto não se deve morrer”, é um exemplo dentre outros publicados no mesmo período deste tipo de discurso médico. Neste texto, o médico apresentava as estatísticas do número de mortes maternas durante e pós-parto, na capital federal, entre os anos de 1903 e 1935, concluindo que a cada 148 partos uma mãe falecia. Para este médico, no

Rio de Janeiro, apesar dos “avanços da ciência médica”, cerca de 50% dos partos ainda eram realizados pelo que ele chamava de “curiosas”, parteiras que para ele eram na “maioria analfabetas e desasseadas (sic), sem a menor noção de assepsia”, sendo estas responsáveis por cerca de 50% dos casos de morte no parto, decorrentes de infecção puerperal (MORAIS, 20/08/1939: 17)<sup>31</sup>. Outros artigos versavam sobre doenças no coração, na próstata, o diabetes e novas especialidades médicas supostamente mais preparadas que a clínica geral para desenvolver de forma eficaz exames preventivos e terapias de tais afecções (CASTRO, 1939: 17; NUNES, 1930: 13; FREITAS, 1939: 18).

Entre as clínicas dedicadas exclusivamente ao tratamento mental, destacavam-se a Casa de Saúde Dr. Abílio, o Sanatório Henrique Roxo, o Sanatório Botafogo, a Casa de Saúde São Lucas; o Sanatório da Tijuca, depois renomeado para Clínica de Repouso da Tijuca, sob a direção de Oscar Coelho de Souza, Arruda Câmara e Iracy Doyle; o Sanatório Rio de Janeiro; o Sanatório Santa Juliana e o Sanatório Nossa Senhora Aparecida, estes últimos dedicados a atender apenas mulheres. O Sanatório Henrique Roxo, “apenas para senhoras e crianças”, anunciava, em 1939, que empregava apenas “métodos especiais e modernos de tratamento como a insulino-terapia de Sakel, a convulsoterapia de Meduna, a malarioterapia de Von Jauregg”, também conhecida como piroterapia<sup>32</sup>, proporcionando também o “tratamento e educação dos anormais por processos médico-pedagógicos, objetivando o aproveitamento máximo dos retardados”. Já o Sanatório Botafogo, além dos métodos anunciados, também aplicava a “narcose prolongada”, sob a direção de A. Austregésilo, Adauto Botelho e Pernambuco Filho. Em geral, as formas de tratamento mais anunciadas por estes sanatórios, entre o final da década de 1930 e início de 1940, como sendo cuidados “especializados e modernos” eram a convulsoterapia elétrica e por cardiozol, a insulino-terapia e a malarioterapia. Algumas destas clínicas apresentavam como diferencial, em seus anúncios, um corpo clínico especializado, com assistência permanente e pessoal de enfermagem bem treinado (*CORREIO DA MANHÃ*, 13/04/1939: 13; *CORREIO DA MANHÃ*, 21/05/1943: s.p.).

---

<sup>31</sup> Campanhas médicas relacionadas as práticas de assistência à gestante e à criança já eram desenvolvidas desde o início do século XX, como demonstra toda uma produção historiográfica sobre o tema. Ver dentre as produções mais recentes o dossiê sobre a medicalização do parto na revista *História das Ciências e da Saúde-Manguinhos*, vol. 25, n. 4, Rio de Janeiro, out/dez de 2018 e o *Dossiê História, Assistência e Saúde* organizado por SANGIARD, Gisele et al. *Varia história*. Belo Horizonte, v. 26, n. 44, pp. 337-339, dez. 2010.

<sup>32</sup> A malarioterapia, como ficou conhecida a técnica desenvolvida pelo médico austríaco Julius Wagner Von Jauregg a partir de 1917, consistia na inoculação de sangue contendo um dos agentes etiológicos da malária, o protozoário da espécie *Plasmodium vivax*, em doentes portadores da demência parálitica ou paralisia geral progressiva, de forma a provocar febre alta, acreditando que esta poderia levar à melhora considerável destes pacientes. Por este método, Von Jauregg ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1927. Para informações mais detalhadas sobre este método e sua utilização no Brasil, ver: ACCORSI, 2015.



Ainda no ano de 1939, Araújo Lima passou a exercer efetivamente o cargo de médico legista do IML, tornando-se conhecido dos jornais diários por sua participação em casos policiais de grande repercussão nos meios jurídicos e jornalísticos. Estes o notabilizaram como “conhecido e renomado psiquiatra”, por apresentar os laudos psicológicos de diversos acusados de assassinato entre os anos de 1940 e 1950. Seu primeiro caso de grande repercussão nos jornais foi o suicídio do milionário francês Paul Deleuze em sua residência em Santa Tereza, ainda no ano de 1939 (*DIÁRIO CARIOCA*, 22/04/1939: 1). A este seguiram casos como o então conhecido “Crime de Marechal Hermes”, no mesmo ano, no qual Araújo Lima realizou o exame psicológico dos envolvidos e Nilton Salles, seu companheiro de trabalho e amigo desde a faculdade, fez a perícia no cadáver (*A BATALHA*, 07/02/1939: 1) e também os chamados “Crime da Mala”, de 1947, e do “Sacopã”, de 1952.

No “Crime da Mala”, Araújo Lima assinou, também em parceria com Nilton Salles, o laudo médico-psicológico de Antônio Soares Bento, acusado de homicídio. Este caso teve grande repercussão nos jornais da época, devido às circunstâncias do crime, tratadas como “tenebrosas e horripilantes” pelos jornalistas. O acusado teria matado e esquartejado uma moça chamada Irene, colocando as partes do corpo em malas. No laudo, os dois legistas atestavam sobre a personalidade do acusado, afirmando que este era um “tipo constitucional misto, de musculatura normal e sensibilidade também normal”, não apresentando “distúrbios mentais” que possibilitassem enquadrá-lo nas categorias psiquiátricas. Frente a tal resultado da perícia médica, o processo foi encaminhado para júri popular. Antônio Bento foi condenado no ano seguinte a passar 18 anos na cadeia e 4 no manicômio, mesmo com o laudo e o depoimento dos legistas no tribunal de que este era perfeitamente normal (*A MANHÃ*, 30/08/1947: 8; 03/04/1948: 1-2).

Outro caso policial cuja repercussão influenciou consideravelmente a carreira de Araújo Lima como médico legista e psiquiatra foi o denominado “Crime do Sacopã”. Neste caso, o tenente Franco Bandeira, da Aeronáutica, foi acusado de ter matado, com vários tiros, o bancário Arsênio de Lemos, em uma avenida próxima à Lagoa Rodrigo de Freitas, no ano de 1952. Este teria sido um crime passional, pois os dois envolvidos estavam enamorados de Marina Costa. No processo de investigação, o delegado responsável, Hermes Machado, quis saber se o “crime praticado se ajustava perfeitamente ao tipo de personalidade do acusado”, e para tanto convocou Araújo Lima para que assistisse os vários interrogatórios pelo qual o réu passou. Com base nesta avaliação, o psiquiatra forense assinou um laudo em que atestava que o Tenente Bandeira era dotado de uma “personalidade esquizotímica polarizada

predominantemente no sentido da anestesia, de atitude introvertida e cuja função (no sentido que lhe dá Jung) é a reflexão”, capaz, portanto, de cometer um crime como aquele. Com base neste laudo, e demais provas arroladas no processo, o acusado foi julgado e condenado no ano seguinte. Porém, o caso continuou sendo discutido esporadicamente nos jornais até a década de 1970, onde partidários da inocência de Bandeira contestavam o laudo expedido por Araújo Lima, acusando-o de tê-lo forjado a partir de uma rápida observação do acusado, sem aplicação de entrevistas ou testes, e, portanto, sem base científica. Devido à sua participação nestes dois casos, Araújo Lima ficou conhecido, a partir da década de 1950, como o “psicanalista do crime do Sacopã e do célebre crime da mala” (FERREIRA, 1952: 2). Se, no caso do “Crime da Mala”, Araújo Lima pareceu basear-se exclusivamente em um viés constitucionalista, muito próximo do defendido por Kretschmer, para analisar Antônio Bento, no caso do “Sacopã” ele claramente combinou as teorias do citado psiquiatra alemão sobre a personalidade com o tipo introvertido definido pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961).

## **1.2 A produção intelectual de Araújo Lima nas décadas de 1940 e 1950**

A mediação cultural de teorias médico-psicológicas, desenvolvida por Araújo Lima em meios diversos, foi realizada, sobretudo, nas décadas de 1940 e 1950 em paralelo a suas atividades profissionais. Ainda no início de sua carreira como médico legista do Instituto Médico Legal (IML) do Distrito Federal, e também como psiquiatra e diretor do Sanatório Alexandrina, Araújo Lima apostou no desenvolvimento de uma carreira paralela à medicina, como escritor de romances, ensaios, peças e biografias. Em seu primeiro livro, o romance *Babel*, que foi publicado em 1940 pela Sociedade Editora Panorama de São Paulo, o médico e escritor propôs uma análise introspectiva de tipos que, para ele, eram representativos da sociedade carioca. Para tanto buscou unir influências literárias, como as dos escritores franceses Anatole France (1844-1924) e Marcel Proust, com teorias médicas e psicológicas como as defendidas por Kretschmer e Freud. Seu romance, conforme o autor recordava em 1953, teve “algum sucesso entre a crítica, mas com apreciável insucesso de livraria” (*A NOITE*, 1953). Entretanto, como demonstrarei no capítulo 4, em que analiso a recepção e divulgação desta obra nos jornais, o sucesso de *Babel* entre os críticos deve ser relativizado, pois estava longe de ser unânime. Neste mesmo ano de 1940, Araújo Lima fundou a *Revista Pasteur*, dedicada à discussão científico-literária e ao entretenimento dos médicos e suas famílias. Nesta revista, reuniram-se tanto médicos experientes, como Antônio Austregésilo, como jovens médicos iniciantes na carreira.

Esta revista foi sucedida pelo ensaio biográfico *Ascensão e queda de Stefan Zweig*, publicado pela editora José Olympio em 1942, onde o psiquiatra analisava as circunstâncias do suicídio do escritor austríaco Stefan Zweig (1881-1942), a partir do viés da enfermidade física e psicológica. Neste livro, ele usava como referência básica as teorias de Kretschmer. A obra foi lançada em meio a uma série de produções e artigos jornalísticos que especulavam sobre os motivos da morte do escritor. Por este livro, Araújo Lima foi indicado, no ano de 1943, ao prêmio Paulo Barreto da ABL, na categoria de crônicas, viagens e demais gêneros (*A MANHÃ*, 23/06/1943: 2). Em uma das reuniões desta academia, que antecedeu à premiação, Austregésilo defendeu a premiação do livro de seu antigo pupilo, o que acabou não se concretizando. Volto a tratar desta obra no sexto capítulo.

Paralelamente, Araújo Lima iniciava, neste período, sua carreira como tradutor, em parceria com o escritor e crítico literário Eloy Pontes (1890-1967), com o livro *Visionários e precursores*, do escritor inglês Aldous Huxley (1894-1963), publicado pela editora Vecchi. Huxley já era conhecido no Brasil por seus romances, em especial *Contraponto* (1928), alguns deles já tendo sido traduzidos para o português anteriormente. Já o lado ensaísta e filosófico do escritor inglês foi apresentado pela primeira vez no Brasil através da obra *Visionários e precursores*, onde o autor analisava figuras como Baudelaire, Pascal, Spinoza e São Francisco de Assis, dentre outros. O lançamento deste livro foi considerado por representantes da crítica um dos sucessos do contexto editorial da época (*VAMOS LÊR!*, 11/06/1942: 20).

No ano de 1944, Araújo Lima publicou outro romance, intitulado *A bruxa*, com forte apelo psicológico, onde o autor procurava combinar uma análise freudiana do inconsciente e do complexo de Édipo com a visão de Proust sobre o funcionamento da memória e sua importância para a constituição da personalidade. Este segundo romance do autor também foi publicado pela editora José Olympio, uma das principais e mais conceituadas, na época, do mercado editorial nacional, consolidando uma parceria que se repetiu em outras publicações e traduções do autor (HALLEWELL, 2005: 458-538). O romance *A bruxa* obteve maior destaque que *Babel*, tanto na divulgação feita pelos jornais como nos comentários da crítica literária, no entanto não parece ter obtido sucesso entre os leitores. Ele foi publicado em tiragem única, que acredito ter sido de não mais que mil exemplares, pelo fato de Araújo Lima ser um escritor novo, ainda com pouca experiência na literatura. Segundo o romancista baiano Jorge Amado, era costume do editor José Olympio, em se tratando de romances de caráter introspectivo, publicar as primeiras tiragens com cerca de mil exemplares e pagar por dois mil, esperando pelo resultado nas livrarias (BUENO, 2006: 18-19). Esta afirmação do autor baiano, entretanto,

precisa ser problematizada e, portanto, voltaremos a ela quando da análise do romance psicológico, no capítulo 4. Uma tiragem mínima deste romance de Araújo Lima explicaria o fato deste ter-se tornado, nos dias atuais, um livro raro, muito difícil de ser encontrado.

Este livro foi publicado em um contexto de grande entusiasmo com a produção de livros nacionais e também de traduções no mercado editorial brasileiro, que se expandia. A década de 1940 foi marcada pela criação de novas editoras, produção de coleções e ampliação da oferta de livros de todos os gêneros para os mais variados seguimentos do público leitor, desde o infantil até o mais especializado (HALLEWELL, 2005: 412; *VAMOS LÊR!*, 12/10/1944: 20). Neste contexto, o denominado “romance psicológico” foi uma das vertentes do romance brasileiro que, entre os anos de 1930 e 1940, teve uma considerável produção, de modo que, no mesmo ano de 1944, foram lançados pela José Olympio, em conjunto com o livro de Araújo Lima, os romances de Lúcio Cardoso (*Professora Hilda*) e de Octávio Faria (*Anjo de pedra*) (*MANHÃ*, 13/07/1944: 6), além de vários outros, de editoras diversas também considerados como de introspecção, como veremos no capítulo 4. Ainda em 1944, Araújo Lima traduziu o livro do médico e escritor judeu-alemão, radicado nos EUA, Martin Gumpert (1897-1955), *História da Cruz Vermelha*, publicado pela Editora Ocidente. Esta tradução foi considerada de grande qualidade, capaz de “valorizar ainda mais o próprio livro”, obtendo sucesso entre os críticos brasileiros e ampla propaganda nos periódicos locais (*VAMOS LÊR!*, 12/10/1944: 20).

No ano de 1947, o psiquiatra amazonense lançou a revista *Psyke*, sob sua direção geral, mas com participação no corpo editorial de nomes já destacados na medicina da época, como o psiquiatra e psicólogo espanhol Emílio Mira y Lopez (1896-1964) e os médicos brasileiros Nilton Campos (1898-1963), que era também professor de psicologia, e o psiquiatra Júlio Paternostro (1908-1950), dentre outros colaboradores. A revista buscava divulgar trabalhos originais, assim como notícias e discussões nas áreas da psiquiatria, psicologia e psicanálise. Neste mesmo ano, Araújo Lima traduziu o livro *Mistérios da ciência*, escrito por Arthur Woods Haslett, professor do King’s College de Cambridge, e também lançado pela editora José Olympio. Neste livro, o autor praticava a divulgação científica, apresentada em linguagem simples e didática, sem o excesso de termos técnicos. Segundo o jornalista Nuto Santana, pseudônimo de Benevenuto S. de A. Sant’Anna (1889-1975), a obra apresentava ao leitor todo um “panorama do homem e do universo em suas maiores interrogações, desde a separação dos sexos até o problema da existência de outros mundos habitados além do nosso” (SANTANA, 1947: 20). No ano seguinte, pela mesma editora, na coleção de divulgação científica “Ciência de Hoje”, Araújo Lima traduziu o livro do médico norte-americano George W. Corner (1889-

1981), que era professor de embriologia da Universidade John Hopkins, intitulado *Os hormônios na reprodução humana*. Segundo o crítico da seção “Livros de Ciência” do suplemento *Ciência para todos*, o autor conseguiu tratar da difícil questão da influência dos hormônios na reprodução humana, apresentando as noções fundamentais sobre os órgãos reprodutivos e cada hormônio sexual e sendo “altamente didático, sem deixar de ser atraente, por vezes empolgante”, fugindo, porém, ao “surrado estilo romancado que pretende apresentar os cientistas como geniais ou predestinados” (*A MANHÃ*, 27/06/1948: 15).

Em 1949, Araújo Lima traduziu e prefaciou o livro *Quatro Gigantes da Alma* de autoria de Mira y Lopez, que também foi publicado pela Ed. José Olympio. Este livro alcançou grande sucesso de vendas sendo publicado em sua quinta edição no final do período aqui analisado, sempre pela mesma editora.<sup>33</sup>

Ao longo dos anos de 1940 a 1949, paralelamente a escrita de romances, traduções e direção de revistas, Araújo Lima manteve suas funções como diretor médico do Sanatório Santa Alexandrina e como perito e psiquiatra forense do IML se destacando nos jornais por laudos psicológicos em crimes que se tornaram muito comentados. Entretanto, o itinerário intelectual de Araújo Lima sofreu uma guinada a partir do ano de 1949, quando este conheceu o médico legista e psiquiatra argentino Gregório Bermann (1894-1972), na ocasião em viagem ao Brasil para a realização de palestras e pesquisas. O contato intelectual e a amizade que se estabeleceram a partir de então entre os dois médicos, e entre Araújo Lima e outros psiquiatras argentinos próximos a Bermann, influenciaram significativamente em suas produções literárias e ensaios. A partir de então, em seus trabalhos das décadas de 1950 e 1960, ele incorporou à análise médica e psicológica referências provenientes do materialismo histórico e dialético. Este primeiro contato entre os dois médicos, assim como suas repercussões na carreira do psiquiatra brasileiro, será analisado no quinto capítulo.

Em 1950, Araújo Lima realizou uma viagem para a Argentina, a convite da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Córdoba, para apresentar conferências sobre psiquiatria, tratando sobre o papel que deveria ter o psiquiatra na eficiência da ação policial, fosse esta preventiva ou repressiva, de acordo com o viés da orientação educacional. Nestas palestras, era um dos seus objetivos apresentar aos colegas latino-americanos o trabalho desenvolvido na Escola de Polícia do Rio de Janeiro, onde desempenhava a função de professor de psicologia judiciária. Esta instituição, fundada por Sílvio Terra, era na época dirigida por Eugenio Lapagesse. Seu

---

<sup>33</sup> Este livro de Mira y Lopez, traduzido por Araújo Lima, ao longo dos anos continuou a ser reeditado pela José Olympio alcançando a 23ª edição em 2003.

objetivo consistia na análise das razões que poderiam levar um representante da lei à prática da violência, assim como as formas de prevenir os desvios éticos em sua conduta (*DIÁRIO DA NOITE*, 07/06/1950: 3).

Para ele, a Escola de Polícia possibilitava o “aperfeiçoamento mental, moral e técnico” dos alunos, o que poderia ser observado na modificação da conduta dos policiais durante suas atividades repressivas. Ele também destacava a importância do funcionamento de tal órgão, tanto no Rio de Janeiro como nas demais capitais latino-americanas, no sentido de melhor preparar os oficiais não psiquiatras que, dentro dos distritos policiais, estavam encarregados de realizar uma primeira triagem separando indivíduos supostamente “loucos” dos “normais”. Em resumo, ele acreditava que tais escolas poderiam contribuir para a formação de uma nova mentalidade dentro das estruturas policiais, baseada nos “ensinamentos humanos da moderna psiquiatria” (*DIÁRIO DA NOITE*, 07/06/1950: 3).

Nesta viagem, Araújo Lima também tinha como missão levar aos legistas e criminologistas da República do Prata um convite do diretor do IML do Distrito Federal, Jessé de Paiva, para que estes pudessem conhecer as novas instalações do Instituto, que, segundo a opinião de Bermann, que o visitara no ano anterior, era “o mais perfeito que hoje existe no mundo”. E, por fim, ele estava indo atender ao chamado do grupo de psiquiatras de Buenos Aires e Córdoba que estavam empenhados na criação de uma revista continental, na época nomeada como “Arquivos Latino-Americanos de Psiquiatria”, que ficaria sob a direção de Araújo Lima e de Bermann. Tal revista tinha como principal objetivo “veicular trimestralmente o pensamento dos psiquiatras da América Latina”, abrindo espaço para a divulgação de seus trabalhos em escala continental, em versões em língua portuguesa e espanhola, com resumos em francês e italiano (*DIÁRIO DA NOITE*, 07/06/1950: 6).

Nos dois anos seguintes, Araújo Lima viajou mais algumas vezes para a Argentina. Em 1951, ele passou um mês entre Buenos Aires e Córdoba, apresentando conferências, e também participou da reunião do 1ª Conselho da *Revista Latino-Americana de Psiquiatria*, a qual, como mencionado anteriormente, ele dirigia junto com Bermann (*CORREIO DA MANHÃ*, 24/11/1951: 2). Já em 1952, o psiquiatra brasileiro, então no cargo de diretor do corpo de legistas do Departamento Federal de Segurança Pública, foi a Buenos Aires e depois a Montevideu com o objetivo de tratar da organização, junto aos círculos especializados destas capitais, da participação de especialistas dos dois países no I Congresso Latino-Americano de Medicina Legal e Criminologia, que se realizaria no Rio de Janeiro em setembro de 1952

(*CORREIO DA MANHÃ*, 13/03/1952: 9). No entanto, não foram localizados registros da efetiva realização deste congresso.

Nesse ano de 1952, Araújo Lima também publicou seu segundo estudo biográfico, denominado *Plácido de Castro, um caudilho contra o imperialismo*. Este saiu como o volume 272 da Coleção Brasileira, da Editora Nacional. Neste livro, o psiquiatra amazonense procurou discutir a participação do militar gaúcho Plácido de Castro (1873-1908) no confronto entre brasileiros e bolivianos pelo domínio de terras na região de fronteira do Acre, no início do século XX. Esta obra literária buscou recriar uma figura e um acontecimento histórico discutindo as questões inerentes a estes à luz do contexto em que foi escrita, o segundo governo de Getúlio Vargas. O autor, nesta obra, apresentava um tom de exaltação ao militarismo e ao caudilhismo gaúcho e acreano, combinado com a crítica ao que ele denominava de expansão do “sindicato de capitalistas internacionais”. Araújo Lima defendia a tese de que a vitória da Insurreição Acreana pelos brasileiros possibilitou não somente a preservação do território nacional, como a autonomia da Bolívia e mesmo de toda a América Latina, frente à crescente expansão de práticas imperialistas de exploração das riquezas destas regiões (LIMA, 1952). Segundo os jornais da época, a primeira edição da biografia de Plácido de Castro teria se esgotado “em apenas 8 dias”. No entanto, segundo o autor, durante 8 anos os livreiros não quiseram editá-lo. Este era o primeiro volume da trilogia dos caudilhos, que seria composta também por uma biografia de Pinheiro Machado e outra sobre Getúlio Vargas (FERREIRA, 1952: 2). Entretanto, somente esta última foi publicada, no ano de 1955.

Araújo Lima, além do exemplo do pai na medicina e nas letras, teve a forte influência do seu tio Benjamin Lima em relação ao seu interesse pela literatura e a dramaturgia. Segundo conta o próprio autor, em entrevista de 1953, sua primeira tentativa de escrever uma peça teatral se deu em 1933, por incentivo de seu tio, que na época era diretor do Curso Prático de Teatro, além de dramaturgo. A ideia era que o jovem Araújo Lima, então com 25 anos, participasse de um concurso do Ministério da Educação dedicado a estimular o aparecimento de novos escritores dramáticos, com um prêmio em dinheiro de 50 contos, que era um valor considerável para a época. Porém, segundo recordava o psiquiatra, aconteceu que, no mesmo período, ele teve que se preparar para o concurso de psiquiatria da Assistência Nacional a Psicopatas, deixando de lado a peça inacabada. Vinte anos depois, esta retornava do esquecimento sob o nome de “A Volta” (*A NOITE*, 17/01/1953: 6). Esta peça, em três atos, tratava da vida de um presidiário que ao ser posto em liberdade, após anos encarcerado, encontrou um novo mundo, no qual ele não conseguia se encaixar (FERREIRA, 1952: 2). “A Volta” estreou em janeiro de

1953, como parte do Festival do Autor Novo organizado por Pascoal Carlos Magno (1906-1980), proprietário e diretor do antigo Teatro do Estudante, iniciativa que revelou importantes atores brasileiros desde os anos de 1940. O citado festival fez parte das comemorações do recém-inaugurado Teatro Duse, em 1952, na própria residência do diretor teatral em Santa Teresa. Esta foi mais uma iniciativa de Pascoal Carlos Magno, concebida como um teatro experimental e um laboratório para autores, atores, diretores e coreógrafos iniciantes. Na peça escrita por Araújo Lima e dirigida por Ester Leão, participaram do elenco Ana Edler, Armando Carlos Magno, Carlos Alberto, Suely Lima de Abreu e Tereza Austregésilo (*A MANHÃ*, 08/07/1952: 5; 16/01/1953: 6), esta última filha de Austregésilo, mestre e amigo de Araújo Lima.

Segundo Araújo Lima, em entrevista concedida ao jornal *Correio da Manhã*<sup>34</sup> alguns dias antes de sua estreia como dramaturgo, a psiquiatria influenciou sua compreensão do teatro, “não como fonte inspiradora de temas, mas como instrumento de interpretação”. A psiquiatria lhe possibilitava compreender, por exemplo, as “razões que explicam o atual surto de entusiasmo do povo pela literatura dramática”. O interesse do psiquiatra, naquele momento, não estava no estudo dos “alienados”, mas na “investigação dos sofrimentos que atormentam a alma do indivíduo normal”, em especial dos problemas afetivos da vida conjugal ou da família de modo geral. Suas conclusões sobre estas questões, no período, eram de que havia uma estreita ligação entre a psiquiatria e o teatro. Para ele, a realidade que se apresentava nos lares aos estudiosos da alma humana era de famílias compostas por indivíduos que “espiritualmente, eram como verdadeiras ilhas”, solitários e isolados em suas individualidades, cada qual “falando uma linguagem subjetiva” que é só sua, dificilmente ou nunca compreendida pelos que o rodeiam. Tal situação não diferia muito do enredo de uma peça, onde por capricho do autor se apresentasse cinco ou seis personagens, cada um a recitar um monólogo totalmente dissociado dos demais<sup>35</sup>. Daí a crescente busca da população pela representação dramática,

---

<sup>34</sup> Periódico criado em 1901 pelo jovem advogado Edmundo Bittencourt, que se tornou um dos jornais brasileiros de maior tiragem e influência na primeira metade do século XX. O *Correio da Manhã*, nas suas primeiras décadas, seguiu uma linha oposicionista em relação à política oligárquica e conservadora da Primeira República. Durante o governo Vargas, intercalou momentos de aparente neutralidade com outros de franca oposição, apesar da forte censura sofrida, sobretudo durante o Estado Novo. O jornal foi uma das principais forças articuladoras que contribuíram para o fim da ditadura de Vargas, em 1945. Na década de 1950, manteve-se na oposição ao novo mandato de Vargas e, em 1955, apoiou parcialmente a eleição de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, mas foi contrária à criação de Brasília. Ver SODRÉ, 2007; BRASIL, 2014a. Neste jornal, as menções a teorias referentes à psiquiatria, psicologia e psicanálise apareciam por meio de reportagens, ensaios, notícias sobre cursos, conferências e congressos, e também na coluna “Consultório Psicológico”, de Wolf Rinski, onde este psicólogo respondia a cartas dos leitores.

<sup>35</sup> Neste ponto, Araújo Lima faz uma nítida referência à peça do dramaturgo e romancista italiano Luigi Pirandello (1867-1936), *Seis personagens à procura de um autor*, escrita em 1921, que, além de tratar de questões relativas



tanto no teatro como no cinema, para vivenciarem, ainda que projetada no outro, “a necessidade essencial e inata de diálogo, que emana das profundezas da condição gregária da vida humana” (*CORREIO DA MANHÃ*, 11/01/1953: 11).

Em maio de 1953, Araújo Lima foi designado para participar da delegação brasileira na Assembleia Geral da Comissão Internacional de Polícia Criminal (depois conhecida como INTERPOL), realizada em Oslo, Noruega, entre 24 e 29 de junho. Nesta assembleia, os representantes do Brasil foram o assistente do diretor da Polícia Federal do Rio de Janeiro, Jorge Luís Pastor de Oliveira, que era o chefe da delegação e, como demais delegados, o comissário de polícia de São Paulo João de Amoroso Netto e, também da capital paulista, o criminologista José Del Picchia. Araújo Lima foi o único médico brasileiro a participar da assembleia, enquanto legista representante do IML<sup>36</sup> (*INTERPOL*, 1953: 250; *GAZETA DE NOTÍCIAS*, 31/05/1953: 2; *CORREIO DA MANHÃ*, 11/01/1953: 11; LIMA, 1956: 7).

Durante os trabalhos da Assembleia, Araújo Lima fez uma rápida intervenção, debatendo sobre o papel do investigador no processo de interrogatório de crianças e idosos. No caso dos últimos, ele apontava para aspectos significativos a serem considerados no interrogatório, diferenciando os idosos que envelheceram normalmente daqueles que estavam acometidos por demência senil. “No caso de velhice senil, a questão mais importante para o interrogador era o estado da memória da testemunha e seus poderes de percepção, enquanto nos velhos normais era o mecanismo afetivo.” Araújo Lima considerava fundamental que uma pessoa que possuísse conhecimento sobre o tema e fosse capaz de distinguir entre estas duas formas de velhice estivesse presente no interrogatório (*INTERPOL*, 1953: 237). Para o psiquiatra amazonense, esta pessoa deveria ser prioritariamente um médico, ou, na ausência deste, um policial bem treinado no assunto, daí sua defesa da necessidade de escolas de polícia onde os cadetes recebessem instrução psicológica.

Em março de 1954, ele realizou uma nova viagem à Europa; desta vez, teve como destino a França, permanecendo em Paris por quase dois anos com o objetivo de realizar estudos sobre a jurisprudência à luz das teorias psiquiátricas e psicológicas. Na capital francesa, segundo entrevista concedida a Elson Farias na década de 1970, ele exerceu um cargo no Ministério do Interior do governo francês, na Comissão Internacional de Polícia Criminal; em função disto, foi convidado a ser relator do I Congresso Internacional de Profilaxia Criminal e

---

à própria essência da dramaturgia, questionava a subjetividade do homem moderno, analisando-a sob um ponto de vista da fragmentação do “eu”.

<sup>36</sup> Neste período de sua carreira, além do cargo de legista, Araújo Lima também acumulava as funções de psiquiatra do Serviço de Biometria Médica da Prefeitura, professor de psicologia judiciária da Escola de Polícia e diretor do Sanatório Santa Alexandrina e da *RLAP*.

membro do comitê diretor da sociedade de mesmo nome (FARIAS, 1978: 7). Nesta ocasião, também participou e foi vice-presidente do Congresso da Federação Internacional dos Funcionários Superiores de Polícia, o qual foi realizado em Paris, ainda em 1954, sob a coordenação da UNESCO (LIMA, 1956: 7).

No seu retorno ao Brasil, em finais de 1955, Araújo Lima publicou *Mito e realidade de Getúlio Vargas*, pela Editora Civilização Brasileira, onde ele apresentava um ensaio biográfico sobre o ex-presidente a partir de teorias psiquiátricas e psicanalíticas combinadas a uma análise marxista da sociedade brasileira (LIMA, 1955). Este livro, iniciado logo após a morte de Vargas e publicado no calor dos debates sobre os motivos de sua morte, causou polêmica, como veremos no sexto capítulo. Além desta biografia, Araújo Lima escreveu no mesmo período um estudo sobre cada artigo do Código Penal brasileiro a partir da psiquiatria social. Parte deste estudo, compreendendo o Capítulo I do código (artigos 121 a 128), foi publicado sob o título de *Contribuições ao estudo psiquiátrico dos crimes contra a vida*. Este trabalho foi inicialmente apresentado como tese do concurso para a cátedra de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina (Universidade do Brasil) e foi dedicado pelo autor a Gregório Bermann, “em cujo afetuoso e repetido convívio [ele assimilou] os fundamentos da orientação sócio psiquiátrica” e ao diretor do IML, Jessé de Paiva, por “trinta anos de sólida e fraternal estima” (LIMA, 1956). Não foram localizados registros do resultado deste concurso, mas ao que parece Araújo Lima não foi aprovado, sendo, porém, promovido, no ano seguinte, ao cargo de diretor do Serviço de Psiquiatria Forense do IML (MANCHETE, 1957: 71-72).

Seu livro seguinte foi lançado em 1959 sob o título de *Ensaio de psicologia médica*, pelo editor Bruno Buccini. No ano seguinte, publicou *Imperialismo e angústia: Ensaio sobre as bases de uma sócio psiquiatria da classe média brasileira na era imperialista*, novamente pela Civilização Brasileira. Estes dois livros marcam uma profunda mudança nos projetos intelectuais de Araújo Lima, que a partir daí abandona alguns de seus referenciais teóricos como a psicanálise e as teorias de Kretschmer e passa a se utilizar de novos referenciais como a “sócio psiquiatria” definida por Bermann. Estes dois estudos são complementares na medida em que, no primeiro, ele apresentava uma exposição teórica das principais correntes que para ele influenciavam a psiquiatria até aquele momento – as teorias biológicas, a psicanálise, a reflexologia e a medicina psicossomática. Além de apresentar os principais fundamentos de cada uma delas, ele tecia comentários apontando para suas limitações. Ao final, propunha uma psiquiatria dialética, influenciada tanto pela medicina psicossomática como pelo materialismo dialético, e principalmente pela sócio psiquiatria defendida por Bermann (LIMA, 1959). Já o

segundo livro, *Imperialismo e angústia*, buscava pôr em prática o estudo de uma parcela da sociedade brasileira – a classe média – a partir da citada psiquiatria dialética, apontando para a influência de estruturas capitalistas na dissolução de referenciais morais e no adoecimento psicoafetivo deste segmento (LIMA, 1960).

As duas obras apresentaram uma boa recepção, a partir de 1960, tanto dentro como fora do Brasil, sendo comentadas nos jornais e servindo como referências para discussões sobre a temática. Em *O Jornal*, de 1960, uma nota sobre *Ensaio de psicologia médica* destacava a defesa do autor de “uma medicina unitária, dinâmica, indivisível, dialética para dizer tudo em uma só palavra – como una, dinâmica e indivisível – essencialmente dialética é a própria condição humana” (*O JORNAL*, 16/01/1960: 2). Já na coluna de Álvaro Vieira, “Medicina para Todos”, o livro é citado para responder a uma carta de uma jovem carioca, que questionava: “Por que sou nervosa? O exame do metabolismo poderá esclarecer?” O autor da coluna citava várias condições físicas, desde problemas da tireoide, do fígado ou de hemorroidas, avitaminoses e cansaço físico e mental como causadores do nervosismo. Porém, observava que “atualmente a medicina está sendo chamada a prestar mais atenção à psicossomática, propondo mesmo Cláudio de Araújo Lima alterações substanciais na rotina médica”. Já não interessaria à medicina saber se a pessoa já teve sarampo, catapora, coqueluche etc... como elemento de base e terapêutica. “Os inquéritos médicos, hoje, terão que entrar em outras searas, terão que auscultar a alma do indivíduo. A medicina psicossomática restaura a criatura humana de modo indivisível, corpo e alma ou matéria e espírito”. Ainda citando Araújo Lima, o colunista indagava:

Se as duas coisas nasceram e cresceram juntas, por que a medicina rotineira somente cuida do corpo, deixando a alma completamente a margem? A anamnese moderna deveria sondar, particularmente em alguns casos, outros motivos: quais as condições de vida, como trabalha, está satisfeito no meio em que vive, tem restrições a pessoas da família, tem alguma coisa íntima que a martirize, quais as práticas solicitadas pela libido, cometeu algum ato que a repugne agora depois de amadurecida, brincou de maneira inconveniente com meninos quando criança? (VIEIRA, 11/02/1960: 3).

Ainda na mesma coluna, no dia seguinte, Álvaro Vieira descrevia o livro de Araújo Lima como sendo “um verdadeiro protesto contra a rotina médica atual, que vem do século passado”. Ele citava o caso de uma leitora que teve colecistite, que a deixou muito nervosa e angustiada, quase enlouquecendo. Depois de curada, apresentou sinais de uma psicose de viagens, medo de usar qualquer veículo. Ele argumentava que as perguntas feitas pela medicina

clássica sobre doenças anteriores não poderão ajudar a compreender a queixa atual. E, novamente citando o psiquiatra amazonense, ele dizia:

O melhor é ir buscar, no passado da doente, algum estado da alma que pudesse ter gerado a angústia e o medo atuais. Trata-se de examinar o espírito da criatura, uma vez que alma e espírito são um só. Pela medicina clássica tínhamos primeiro a doença celular, alteração estrutural e perturbação funcional. Agora perturbação psíquica, alteração funcional, doença funcional e alteração estrutural (LIMA, 1959, *apud* VIEIRA, 12/02/1960: 3).

Entre o final da década de 1920 e os anos de 1950, percebe-se entre alguns psiquiatras brasileiros, como foi o caso de Araújo Lima, um lento, mas constante deslocamento do foco de interesse de suas pesquisas do indivíduo “alienado”, aquele que já estava internado em um sanatório, para os indivíduos considerados “normais”. Tal movimento foi fundamentado teoricamente pela maior circulação de teorias diversas, como as preventivas de inspiração eugênica, as psicanalíticas, as constitucionalistas como a de Kretschmer e as inspiradas na psicologia social, dentre outras. Algumas destas teorias coexistiram e/ou se contrapuseram simultaneamente, inclusive em estudos de um mesmo autor, como veremos no próximo capítulo. Nas obras de Araújo Lima é perceptível a influência da psicanálise freudiana e da caracterologia segundo Kretschmer, sobre as quais falaremos no terceiro capítulo, destacando as produções de intelectuais que seguiram o mesmo viés utilizado pelo psiquiatra na sua prática de mediação cultural – a literatura.

\*\*\*\*\*

Portanto, neste capítulo podemos observar como se deu a formação médica e o desenvolvimento da carreira de Araújo Lima como psiquiatra e escritor, ao longo das décadas de 1920 a 1950, com destaque para o surgimento de seus primeiros projetos individuais e coletivos, desempenhando o papel de intelectual mediador de teorias médicas-psicológicas variadas, a partir de 1940.

Ainda muito jovem, Araújo Lima participou de um movimento político militar – o tenentismo – que foi marcante para sua história pessoal e posicionamento como intelectual nos anos seguintes. Como sabemos o movimento tenentista entre as décadas de 1920 e 1930, passou por várias reviravoltas em seus direcionamentos políticos e ideológicos, não podendo ser considerado como um movimento uniforme. Para Araújo Lima, o movimento tenentista do qual foi afastado pelo exílio, havia sido manobrado politicamente em prol de interesses contrários às suas bases ideológicas. Os participantes do movimento teriam sido traídos por Vargas após sua chegada ao poder. Assim, nos anos de 1930, quando já estava envolvido com o movimento acadêmico, ele assumiu uma posição contrária a várias das medidas adotadas pelo governo

Vargas. Uma delas foi a prisão política de militantes da esquerda como o médico comunista Dyonélio Machado, dentre outros intelectuais, estudantes e operários que foram perseguidos no período.

Paralelamente, na mesma década, Araújo Lima enfrentava grandes dificuldades para se estabelecer como profissional médico da área da psiquiatria e medicina legal. Mesmo tendo sido aprovado em vários concursos, ele foi exonerado de alguns cargos e teve sérias dificuldades para assumir a função de médico perito do IML, o que, aparentemente, se deveu, pelo menos em parte, ao seu posicionamento político contrário ao governo Vargas.

Este período inicial de sua carreira também foi marcado pelo estabelecimento de uma rede de sociabilidades que em muitos momentos Araújo Lima acionou para contornar as citadas dificuldades em se estabelecer profissionalmente. Fizeram parte desta rede o médico e professor da FMRJ Helion Pova que lhe recebeu como auxiliar em seu primeiro estágio no HNA; o neurologista e escritor Antônio Austregésilo, seu mestre na área da neurologia, e com quem manteve uma relação de amizade e parceria, em projetos intelectuais desenvolvidos nas décadas seguintes. Também fizeram parte de suas redes de sociabilidade os médicos Heitor Carrilho, Júlio Paternostro, Nilton Salles, Josué de Castro, Nise da Silveira, Iracy Doyle, dentre outros.

Nos anos de 1940 e 1950, já atuando como médico legista, Araújo Lima ganhou certo destaque em jornais e revistas como perito de crimes de grande repercussão na imprensa carioca. Ao mesmo tempo, ele se dedicava à sua carreira como escritor, publicando romances como *Babel* (1940) e *A bruxa* (1944) e as biografias *Ascensão e queda de Stefan Zweig* (1942), *Plácido de Castro: um caudilho contra o imperialismo* (1952) e *Mito e Realidade de Getúlio Vargas* (1955), dentre outros livros. Nos anos de 1950, Araújo Lima, na função de perito do IML e professor da Escola de Polícia do Distrito Federal, iniciou uma rede de contatos internacionais, atuando junto à Comissão que deu origem à INTERPOL, em Paris, contando com o apoio do amigo de longa data, Jessé de Paiva, diretor do IML na época. Neste período Araújo Lima também criou laços de amizade e parceria profissional com psiquiatras e médicos legistas argentinos. Ele publicou, em conjunto com o psiquiatra argentino Gregório Bermann, a *Revista Latino-Americana de Psiquiatria* (1951-1954), seu terceiro projeto editorial de revistas de divulgação médica, visto que anteriormente ele já havia dirigido os periódicos *Pasteur* (1940) e *Psyke* (1947), sobre os quais voltaremos a tratar no quinto capítulo. Sua relação com Bermann ultrapassou o plano profissional, sendo baseada na amizade e na forte admiração que o psiquiatra brasileiro nutria pelo colega argentino. Bermann influenciou

profundamente o olhar de Araújo Lima sobre a medicina como um todo e sobre a psiquiatria, principalmente em suas obras publicadas a partir de 1959.

No capítulo seguinte apresentarei um panorama geral do contexto da divulgação de teorias médico-psicológicas no Rio de Janeiro, das décadas de 1940 e 1950, no qual Araújo Lima esteve inserido por meio da publicação de livros e direção de revistas, enquanto muitos outros intelectuais dedicavam-se a mediação de tais teorias em jornais e revistas para um público mais amplo.

## CAPÍTULO 2

### OS INTELLECTUAIS MEDIADORES E A CIRCULAÇÃO DE TEORIAS MÉDICO-PSICOLÓGICAS

Neste capítulo, analiso o que significava ser um intelectual dedicado à prática da mediação cultural de teorias médico-psicológicas, no Rio de Janeiro, durante as décadas de 1940 e 1950, mapeando os atores e apresentando as ideias divulgadas. Para isso observo como se deu a circulação destes saberes, em jornais diários e revistas de variedades, femininas e católicas dedicados à divulgação de informações para um público mais amplo, buscando identificar como os intelectuais mediadores participaram deste processo de recepção, apropriação e divulgação destes conhecimentos.

Com relação à análise dos atores sociais em questão, cumpre destacar que traçar um perfil ou definir o estatuto de intelectual mediador, não é uma tarefa simples, e talvez nem mesmo possível, sem incorrer em generalizações e simplificações apressadas. Quando muito, podemos afirmar que tais mediadores culturais apresentavam perfis profissionais variados, pois poderiam ser médicos, juristas, jornalistas, educadores, escritores, dentre outros (ver anexo III). O que os unia, além do interesse em promover a divulgação de determinadas teorias médico-psicológicas, era o caráter intelectual multifacetado destes indivíduos, que dificilmente poderiam ser compreendidos por um viés unilateral que focalize apenas sua principal atividade profissional. Deste modo apresentarei ao longo do capítulo indivíduos que assumiam identidades múltiplas: médicos atuavam também como jornalistas, críticos literários e escritores e, da mesma forma, escritores e jornalistas usavam de um espaço privilegiado nos jornais e revistas para falar de medicina e de questões psicológicas, dentre outros temas.

Com relação ao panorama das teorias médico-psicológicas que circularam no Rio de Janeiro nas décadas de 1940 e 1950, estas eram em número considerável<sup>37</sup>, de modo que analiso, neste capítulo e no próximo, aquelas teorias que obtiveram uma ampla divulgação em jornais e revistas, por meio da ação dos intelectuais mediadores. Apresentarei, neste capítulo, quatro teorias: a psiquiatria organicista definida pelo médico alemão Emil Kraepelin (1856-1926), a psicologia individual segundo o psicólogo austríaco Alfred Adler (1870-1937), a reflexologia

---

<sup>37</sup> Além das citadas teorias, muitas outras foram divulgadas e debatidas na imprensa carioca, do período, a saber: a psiquiatria social, a psicologia aplicada, as teorias de Jung, a genética, a caracterologia segundo Klages e outros teóricos, as psicocirurgias, as teorias de Szondi, a analítica existencial segundo Ludwig Binswanger (1881-1966) e a psicopatologia fenomenológica de Jasper, dentre outras.

criada a partir dos estudos do fisiologista russo Ivan P. Pavlov (1849-1936) e a medicina psicossomática<sup>38</sup>. Estas teorias médico-psicológicas foram apropriadas, ressignificadas e divulgadas por intelectuais no contexto carioca, a partir de leituras díspares que envolveram processos de seleção, hibridização e adequação destas teorias para fins diversos.

Analisar este panorama é de fundamental importância para a compreensão da prática de mediação cultural desenvolvida por Araújo Lima, porque nos possibilita visualizar o contexto em que ele desenvolveu tais práticas, os atores e ideias com quem ele as compartilhou e aos quais se opôs. Observo que para estes intelectuais, escrever em jornais e revistas era uma prática de grande relevância e que o conteúdo e as questões ali discutidos nem sempre eram simplificados ou traduzidos para uma linguagem mais acessível que a utilizada nos meios acadêmicos ou eruditos da sociedade<sup>39</sup>. Assim, mediação cultural, neste caso, nem sempre implicava em tradução para uma linguagem mais popular do conteúdo erudito.

Veremos que, nas décadas de 1940 e 1950, uma destas teorias específicas – o organicismo definido por Kraepelin – já se apresentava incorporada ao arcabouço teórico e mesmo à história da psiquiatria local, de modo que já não era perceptível um esforço por parte de mediadores em divulgá-lo. Porém, este continuava a ser mobilizado como parte deste arcabouço, que, dependendo da situação e da teoria a ser divulgada, poderia ser legitimado ou contestado. Assim, a classificação de Kraepelin foi acionada, por alguns mediadores, de diversas maneiras. Para uns era exemplo da “psiquiatria clássica” e base teórica para muitas outras teorias, como a caracterologia definida por Kretschmer; outros eram da opinião de que ela fazia parte de uma gama de conhecimentos ultrapassados que já não explicavam o sofrimento mental, melhor definidos pela medicina psicossomática.

O organicismo alemão segundo Kraepelin era mobilizado como uma antítese da psicanálise freudiana, vista na imprensa do período como uma área do conhecimento autônoma que poderia explicar o sofrimento psíquico do indivíduo. As teorias de Kraepelin e Freud representaram, até certo ponto, polos extremos nos debates empreendidos nos jornais e revistas sobre a melhor forma de compreender e classificar a personalidade dos indivíduos e definir as fronteiras entre o “normal e o patológico”. Apesar destas já terem sido utilizadas em conjunto

---

<sup>38</sup> Além das citadas teorias serão analisadas no próximo capítulo duas teorias que ganharam destaque nas obras de Araújo Lima e na divulgação promovida por mediadores na imprensa carioca da época: a psicanálise freudiana e a caracterologia segundo Kretschmer.

<sup>39</sup> O artigo de CARVALHO, MATHIAS, MARCONDES (2017) discute o caso de uma comunicação do psiquiatra Henrique Roxo que foi publicada em uma revista especializada, os *Arquivos de Higiene Mental* e depois reproduzida na revista de variedades *Vamos Lêr!*, sem nenhuma alteração no conteúdo e na linguagem utilizada para torná-la mais acessível a um público não especializado.



por psiquiatras brasileiros no tratamento de pacientes nervosos e doentes mentais<sup>40</sup>, em alguns dos textos aqui analisados elas eram apresentadas como a representação do físcalismo e biologismo (Kraepelin) em oposição ao idealismo e racionalismo (Freud). Este era um debate filosófico muito mais amplo e antigo, que remetia à dualidade “corpo e alma”, retomado pelos mediadores de teorias médico-psicológicas das décadas de 1940 e 1950. Nos jornais e revistas, este debate ganhava forma através de discussões sobre como a medicina, e suas áreas como a psiquiatria, ou as ciências psicológicas e pedagógicas, deveriam tratar das esferas do físico e do mental, se de forma una ou separadamente.

Assim, veremos, ao longo do capítulo, como várias teorias – organicismo alemão, a reflexologia definida por Pavlov, a psicologia individual definida por Adler, assim como a medicina psicossomática – tiveram sua recepção, apropriação e divulgação atravessada por este debate sobre a relação entre “corpo e alma”. No caso da divulgação da psicologia individual definida por Adler, destaca-se a aplicação desta no campo da educação infantil por mediadores como o psiquiatra do Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM) e psicanalista Danilo Perestrello (1916-1989)<sup>41</sup>. Ele trabalhou em prol da divulgação da higiene mental como fundamento pedagógico, combinada à teoria de Adler, à psicanálise freudiana e à medicina psicossomática. Já no contexto da circulação da reflexologia pavloviana temos as práticas de intelectuais católicos, como Alceu de Amoroso Lima, o educador Theobaldo Miranda Santos (1904-1971), o professor e linguista Silvio Elia (1913-1998) e a própria Igreja Católica, representada por membros do clero, influenciando diretamente no processo de recepção,

---

<sup>40</sup> Ver RUSSO, 2002; FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013; CASTRO, 2014; CERQUEIRA, 2014; MARCONDES, 2015.

<sup>41</sup> Danilo Perestrello foi um dos psiquiatras ligados ao SNDM que participaram da criação do Centro de Estudos Juliano Moreira (CEJM), no Rio de Janeiro. Segundo conta sua esposa, a psiquiatra e psicanalista Marialzira Perestrello (1916-2015), o Centro foi fundado em 1944 por um grupo descontente com a orientação médica oficial do SNDM e também com a formação prestada pela cátedra de psiquiatria da FMRJ, regida até 1945 por Henrique Roxo. Os médicos deste grupo também estariam interessados em se tornarem psicanalistas. Além de Danilo e Marialzira, participaram do CEJM Walderedo Ismael de Oliveira, Oswaldo Domingues de Moraes, Elso Arruda, José Affonso Netto, Júlio Paternostro, José Leme Lopes, Souza Viana, Januário Bittencourt e Mario Pacheco de Almeida Prado (PERESTRELLO, 2012: 127). Entretanto, pelo que foi possível apurar junto aos jornais da época, o CEJM só começou a funcionar oficialmente em março de 1945, tendo um objetivo central mais amplo do que somente estudar a psicanálise, pois era pretendido “o estudo da ciência psiquiátrica e das suas relações com os demais ramos da atividade humana e da cultura” (*O JORNAL*, 21/03/1945: 3; *JORNAL DO BRASIL*, 25/03/1945: 8). O CEJM, em seus primeiros anos de funcionamento, foi responsável por organizar palestras e debates com especialistas de tendências diversas dentro da psiquiatria, psicologia e psicanálise e também de outras áreas das ciências humanas, como a antropologia. São exemplos as palestras do médico pediatra e psicanalista argentino Arnaldo Rascovsky (1907-1995), em 1945; do psiquiatra austríaco Rudolf Dreikurs (1897-1972), em 1946; do psiquiatra Arthur Ramos, em sessão conjunta com a Sociedade Brasileira de Antropologia, sobre as relações entre personalidade e cultura, no mesmo ano; e do professor de psicologia Nilton Campos (1898-1963), sobre as ideias de William James e Kurt Levin, em 1949. Ver: *CORREIO DA MANHÃ*, 03/07/1945: 6; *O JORNAL*, 14/09/1946: 3; 18/11/1949: 3; *JORNAL DO BRASIL*, 15/05/1946: 5. Ao longo deste capítulo e dos outros, alguns dos médicos que participaram do CEJM voltarão a ser citados por sua atividade de divulgação de teorias médico-psicológicas.

rejeição, negociação e ressignificação das teorias de Pavlov. No caso da medicina psicossomática, destaco a participação dos médicos e escritores Maurício de Medeiros, Danilo Perestrello e Cláudio de Araújo Lima na sua divulgação. Esta teoria foi vista por muitos dos mediadores como a resposta para a questão da dualidade entre “corpo e alma” na área da medicina.

## **2.1 Teorias médico-psicológicas em jornais e revistas cariocas**

As teorias médico-psicológicas aqui analisadas circularam entre áreas diversas do conhecimento, como, por exemplo, entre a medicina, a arte, o direito e a educação, assim como entre especialidades diferentes da mesma área, como é o caso da medicina, onde encontramos apropriações diversas pela psiquiatria e pela endocrinologia a partir dos mesmos referenciais. Estas teorias também circularam entre públicos leitores bastante heterogêneos, que podiam incluir desde estudantes de medicina, especialistas em psiquiatria, psicologia ou psicanálise e intelectuais até donas de casa e profissionais de várias áreas. Foram apropriadas e divulgadas pelos intelectuais mediadores de maneiras diversas sofrendo transformações no decorrer dos anos, pelo fato de mudarem os atores, os contextos, as formas de apropriação e mesmo os interesses dos intelectuais.

No Brasil, o organicismo alemão defendido por Kraepelin e seus seguidores teve o início de seu processo de recepção e apropriação na primeira década do século XX, tornando-se, posteriormente, bastante influente no processo de constituição, institucionalização e especialização da psiquiatria carioca como disciplina autônoma da medicina legal e da neurologia, principalmente no entreguerras (MUÑOZ, 2015). A classificação nosológica desenvolvida por Kraepelin, entre o final do século XIX e início de XX, foi amplamente discutida tanto na academia como nas associações médicas brasileiras (CERQUEIRA, 2014), sendo apropriada e ressignificada pelos médicos a partir de questões locais, como os debates sobre a influência da raça, dos fatores climáticos e hereditários em processos de adoecimento e degeneração individuais (VENANCIO; CARVALHAL, 2001; VENANCIO, 2004).<sup>42</sup> Contudo,

---

<sup>42</sup> Segundo a historiografia sobre o tema, para a psiquiatria era de fundamental importância para sua legitimação e de seus praticantes enquanto ramo de uma medicina que buscava ser reconhecida como científica, a possibilidade de relacionar as doenças mentais e nervosas com lesões e disfunções orgânicas localizáveis, através de estudos e pesquisas laboratoriais, o que foi proporcionado pelas teorias de Kraepelin (VENANCIO; CARVALHAL, 2005; MUÑOZ, 2014; CERQUEIRA, 2014). Tais teorias foram amplamente utilizadas e debatidas entre os médicos próximos ao psiquiatra Juliano Moreira, um de seus maiores entusiastas no Brasil. Formou-se então no HNA, assim como na SBNPML, um círculo de médicos composto por discípulos e seguidores de Juliano que proporcionaram uma ampla recepção ao organicismo alemão no Rio de Janeiro, o que não significa que esta tenha sido isenta de negociações, controvérsias e apropriações em relação a questões locais e à sua utilização combinada

o que mais nos interessa neste contexto é perceber como tais teorias foram ventiladas para além do âmbito médico e acadêmico.

Observo que as menções a Kraepelin já eram bastante frequentes na década de 1920, em veículos de divulgação para um público geral, como jornais de circulação diária e revistas de variedades. Entretanto, o auge da circulação das ideias do psiquiatra alemão nestes meios foi a década de 1930, de modo que no período aqui analisado, 1940 a 1959, as referências a este autor sofreram um considerável decréscimo. É preciso considerar que é uma característica própria dos jornais e revistas, sejam destinados a um público especializado ou não, concentrarem-se na divulgação das novas teorias, controvérsias e debates sobre conhecimentos do momento. Porém, podemos afirmar, com base na pesquisa realizada em jornais e revistas do período, que apesar de não ser mais novidade ou a teoria da moda, as referências ao organicismo alemão, representado pela figura de Kraepelin<sup>43</sup>, permaneceram sendo feitas, durante a Segunda Guerra Mundial e na década que a sucedeu, mesmo que em menor escala e em paralelo a uma série de outras teorias.

Estas menções a Kraepelin são relevantes para a análise aqui desenvolvida, porque elas demonstram como o organicismo alemão foi visto nas décadas de 1940 e 1950, como uma espécie de base teórica da psiquiatria brasileira, que a depender da teoria a ser divulgada, precisava ser negada ou reafirmada. Percebe-se, que a teoria de Kraepelin, mesmo no período em que mais foi mencionada na imprensa, a década de 1930, teve uma circulação menor nestes meios que outras teorias divulgadas no mesmo período como a psicanálise. Os divulgadores do organicismo alemão nos jornais e revistas pesquisados eram em sua maioria médicos generalistas e psiquiatras, apesar de termos outros que diferiam do conjunto como o jornalista José Leal e crítico literário Guilherme Figueiredo (ver anexo III e o quadro abaixo)<sup>44</sup>.

**Quadro I:** Divulgadores das teorias de Kraepelin em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

Divulgadores das teorias de Kraepelin		
	1940	1950
<i>Jornal do Commercio</i>	Alfredo Neves*, A. Austregésilo*, Helion Povóia*, Xavier de Oliveira*, Arnaldo de Moraes*	A. Nobre de Mello*, Adauto Botelho*, Danilo Perestrello*
<i>O Cruzeiro</i>	Paul Bourget (trad. não assinada), José Leal	-----
<i>Jornal do Brasil</i>	Orlando M. Fontes*, Faria Góis Sobrinho*	-----

com outras teorias, como o alienismo francês e a psicanálise (FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013; MUÑOZ, 2014; CERQUEIRA, 2014).

<sup>43</sup> O organicismo alemão, porém, não se resumia às teorias de Kraepelin, nem ele foi o único representante de tal escola divulgado no Brasil, mas ele foi o mais divulgado em jornais e revistas de grande circulação.

<sup>44</sup> O quadro I, assim como os demais apresentados neste capítulo representam uma amostra do universo maior de fontes consultadas, selecionado pela representatividade e pertinência para a análise aqui desenvolvida.

<i>Gazeta de Notícias</i>	M. R. Caldeira	-----
<i>O Jornal</i>	Leonídio Ribeiro*	-----
<i>Vida Doméstica</i>	Edmundo Maia*	-----
<i>Diário de Notícias</i>	Guilherme Figueiredo	-----
<i>O Imparcial</i>	Aristides Ricardo*	-----
<i>A Noite</i>	Licínio Santos*, João de Campos Gatti	-----

\*Médicos

A partir dos anos de 1940, as referências a Kraepelin foram veiculadas em um conjunto de impressos com características bem distintas, pois este incluía tanto jornais de circulação diária como o *Jornal do Commercio* como as revistas de variedades – *O Cruzeiro e Vida Doméstica*. Nestes periódicos as menções a Kraepelin e suas teorias apareciam tanto em reproduções de discussões médicas em instituições científicas como em artigos de aconselhamento aos leitores. No *Jornal do Commercio*<sup>45</sup>, que seguia uma linha editorial conservadora, voltada para o comércio, mas com um espaço dedicado aos informes das instituições médicas, Kraepelin foi frequentemente mencionado. Os médicos que publicavam neste jornal já vinculam diretamente o nome de Kraepelin à sua classificação de doenças mentais e às apropriações brasileiras feitas a partir desta, sem que fosse necessário informações mais detalhadas sobre sua pessoa ou teorias. Podemos citar como exemplo desta familiaridade com a teoria kraepeliana a referência feita pelo médico, jornalista, político e professor Alfredo Neves (1887-1975) ao psiquiatra alemão, em uma aula inaugural da Faculdade Fluminense de Medicina. Em sua exposição sobre casos de histeria entre as neuroses de guerra e a psicopatologia frente ao conflito bélico, Neves fazia referência a Kraepelin juntamente com o médico espanhol Gregorio Marañón (1887-1960), o psiquiatra e eugenista Aaron Rosanoff (1878-1943), o neurologista e psiquiatra suíço Otto L. Binswanger (1852-1929), e os psiquiatras brasileiros Maurício de Medeiros (1885-1966) e Henrique Roxo (1877-1969) (NEVES, 1942: 3; *JORNAL DO COMMERCIO*, 1943: 3).

A classificação de doenças mentais segundo Kraepelin também foi mobilizada no campo do direito e da criminologia em companhia de outros teóricos que desenvolveram suas

---

<sup>45</sup> Periódico criado em 1827 pelo tipógrafo parisiense Pierre René François Plancher de La Noé, no Rio de Janeiro. Este jornal manteve, desde sua criação até o final da década de 1950, uma linha editorial tradicionalmente conservadora e um caráter eminentemente comercial. Em 1959, foi comprado pela rede Diários Associados, pertencente a Assis Chateaubriand (SODRÉ, 2007; BRASIL, 2015b). O *Jornal do Commercio*, durante a primeira metade do século XX, manteve um espaço reservado em suas páginas para o registro dos temas discutidos nas associações médicas e científicas da capital, o que nos possibilita analisar o que destas discussões era divulgado para o público em geral e como estes assuntos repercutiam. A circulação de teorias várias sobre a mente também pode ser percebida em artigos teóricos ali publicados, em geral mais amplos e de maior complexidade que os publicados nas revistas ilustradas e femininas, por se tratarem, na maior parte dos casos, de reproduções de discursos ou comunicações científicas apresentadas em uma das instituições citadas.

próprias classificações como Jean-Étienne D. Esquirol (1772-1840), Enrico Ferri (1856-1929) e Bénédicte A. Morel (1809-1873). Neste caso, as teorias do psiquiatra alemão eram mobilizadas no Tribunal de Apelação para debater a imputabilidade dos loucos e degenerados, considerados como irresponsáveis por seus atos (*JORNAL DO COMMERCIO*, 26/07/1941: 78). Secundariamente, Kraepelin também foi lembrado por uma espécie de teste que levava seu nome e era aplicado, por exemplo, para estabelecer aptidões para a matemática ou diagnosticar o “retardo mental” em crianças (CALDEIRA, 1942: 2; GATTI, 1943: 6).

Em outros casos, o nome de Kraepelin era mencionado nas efemérides dos discursos de posse e comemorações das associações médicas, onde eram comuns as narrativas sobre a história da psiquiatria brasileira em que o médico alemão aparecia como uma espécie de patrono de uma “escola brasileira de psiquiatria”, liderada pelo psiquiatra baiano Juliano Moreira (1873-1933)<sup>46</sup>, e inspirada no organicismo alemão, uma versão que, em alguma medida, se mantém na historiografia brasileira da psiquiatria até a atualidade.<sup>47</sup> As histórias narradas pelos próprios psiquiatras, como Antônio Xavier de Oliveira (1882-1953) e Leonídio Ribeiro (1893-1976), frisavam que o organicismo alemão teria sobrepujado o alienismo francês, implantado no Brasil pelo médico João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921) nas últimas décadas do século XIX, pondo um ponto final nesta corrente quando Henrique Roxo, o último discípulo de Brandão, se converteu à psiquiatria alemã (OLIVEIRA, 1944: 5; *JORNAL DO COMMERCIO*, 1945: 4; *GAZETA DE NOTÍCIAS*, 1946: 1-4; 7; RIBEIRO, 1947: 4).

Podemos tomar como exemplo deste tipo de discurso as palavras proferidas pelo médico neurologista Antônio Austregésilo (1876-1961), em 1943, quando da inauguração de um busto em homenagem a Juliano Moreira. Na ocasião Austregésilo citava o que, para ele, teriam sido os três grandes momentos da psiquiatria mundial e brasileira: o primeiro quando Pinel arrebatou as correntes, libertando os enfermos da ignorância; o segundo quando Kraepelin estabeleceu os estudos nosográficos, ou melhor dizendo, a “nova orientação clínica para o tratamento do alienado”, e o terceiro, quando Juliano Moreira assumiu a direção do HNA e da Assistência a Alienados do Distrito Federal, trazendo “ordem e ciência para o tratamento do alienado no Rio de Janeiro” (AUSTREGÉSILO, 1943: 4). Ao contrário, para outros, como o psiquiatra paulista Edmundo Maia<sup>48</sup>, Kraepelin, assim como as teorias organicistas, eram uma

---

<sup>46</sup> Juliano Moreira teve um papel de destaque na constituição do campo psiquiátrico brasileiro nas primeiras décadas do século XX, neste período ele foi diretor do HNA e da Assistência a Alienados do Distrito Federal.

<sup>47</sup> Ver: VENANCIO; CARVALHAL, 2001; FACCHINETTI; MUÑOZ, 2013; CERQUEIRA, 2014; MUÑOZ, 2015, dentre outros.

<sup>48</sup> Este médico foi psiquiatra do Hospício do Juqueri, em São Paulo, até a década de 1940, quando tornou-se dono de uma clínica particular. Ele atuou como um intelectual mediador, neste período, com uma coluna mensal,

página virada da história da psiquiatria, pronta para ser esquecida. Para ele, “felizmente”, a “era puramente orgânica” já havia passado, assim como a “era puramente espiritual”, de modo que o que interessava naquele momento era a visão sômato-psíquica, a “era psicossomática” (MAIA, 1948: 137).

Seguindo por um outro viés, que não era oposto ao descrito acima, outros autores usaram Kraepelin como figura de autoridade para discorrer sobre assuntos vários, mas que apresentavam, como ponto em comum, um certo tom de informe preventivo aos leitores, presente nos textos. Na revista *O Cruzeiro*, o jornalista José Leal Ramos (1891-1976) tratava dos tipos de personalidades patológicas e o perigo destas estarem presentes na política nacional, enquanto outros citavam o psiquiatra alemão para tratar os malefícios do álcool, como os médicos Orlando M. Fontes, Aristides Ricardo e Adauto Botelho (1895-1963). Estes últimos afirmavam, que, segundo o psiquiatra alemão, o consumo de bebidas alcoólicas seria a causa de graves problemas orgânicos, mesmo quando ingerido em pequenas quantidades (LEAL, 1948: 27-28; 32; 90; FONTES, 1946: 3; RICARDO, 1941: 5; BOTELHO, 1953: 4-5).

As teorias de Kraepelin serviram também como base teórica a partir da qual era possível estabelecer comparações com outros autores como Kretschmer, e fazer correlações entre suas respectivas classificações médicas. Na palestra apresentada pelo médico e educador José de Faria Góis Sobrinho (1902-?) para professores secundários, sobre a influência das glândulas no temperamento adolescente (SOBRINHO, 1949: 9), assim como no estudo desenvolvido pelo médico clínico Licínio Santos sobre a relação entre tipo constitucional e predisposição para contrair tuberculose (SANTOS, 1946: 42), a classificação proposta por Kretschmer, sobre os temperamentos em ciclotímicos e esquizotímicos, era apresentada como uma derivação, mais completa, daquela elaborada por Kraepelin.

Mas as comparações também eram feitas com autores que defendiam teorias bem distintas da anteriormente citada, como no caso de Freud. Um exemplo deste tipo de comparação é o artigo publicado pelo psiquiatra Augusto Luiz Nobre de Mello (1909-1984), no *Jornal do Commercio*, sob o título de “Neurose e psicanálise”. Neste, o autor respondia às críticas feitas ao seu livro “Problemas das neuroses na clínica”, em outro artigo do mesmo jornal, pelo psiquiatra e psicanalista Alcyon Baer Bahia (1911-1974). Nobre de Mello retrucava que Bahia, assim como seus companheiros psicanalistas, tendo retornado recentemente do estrangeiro, onde haviam se especializado na psicanálise freudiana ortodoxa, apresentavam um

---

chamada “A psiquiatria ao alcance de todos”, na revista feminina e católica *Vida Doméstica*. Nesta ele respondia às cartas das leitoras, falando sobre teorias diversas, mas, defendendo principalmente ideias provenientes da higiene mental.

posicionamento ultra dogmático e uma visão limitada que não aceitava qualquer outra “concepção doutrinária”<sup>49</sup>. Bahia voltara querendo explicar tudo à luz da psicanálise, acreditando poder descortinar o “universo através do orifício de uma fechadura”. A crítica apresentada por Bahia sobre o livro citado se concentrava em dois pontos principais: o fato do autor ser por demais eclético, gerando conflito e contradição em suas escolhas teóricas, e a sua análise das doutrinas de Freud, considerada pelo comentador como “frouxa”, “imprecisa”, “infiel” e “anacrônica” (MELLO, 1950: 3).

Nobre de Mello, para refutar tais argumentos, afirmava que Bahia, assim como qualquer outro psicanalista, desconsiderava não só a “psiquiatria clássica, cristalizada na obra de Kraepelin”, como também todas as teorias que compunham o arcabouço da “Psiquiatria contemporânea”, como a “Fenomenologia, a Constitucionalística, a Reflexologia, o Estruturalismo de Dilthey e Spranger, o Formismo, a Personalística, a Caracterologia de Klages, a genética”, assim como as tendências sômato-biológicas defendidas por autores como Kleist, Carl Schneider, “a psicobiologia de Adolf Meyer e a concepção evolucionista de H. Jackson”. Estas seriam vistas pelo jovem psicanalista como “velhos padrões de cultura, em eminente derrocada, frente à verdade nova, trazida pela Psicanálise”. Já em oposição à crítica de que sua interpretação da psicanálise freudiana era imprecisa, Nobre de Mello defendia a ideia de que o próprio Freud, tal qual fez Kraepelin frequentemente em relação ao seu tratado, teria revisto alguns pontos de sua teoria a respeito do “conflito psíquico”, e que só a cegueira ortodoxa não permitia que Bahia enxergasse isso (MELLO, 1950: 3). A figura de Kraepelin foi mobilizada pelo autor como parte da história e expressão máxima da psiquiatria clássica, assim como modelo de cientista experimental que não se negava a rever seus próprios conceitos e teorias.

Quanto à crítica sobre o posicionamento excessivamente eclético apresentado no livro, Nobre de Mello se defendia afirmando, primeiro, que a “medicina moderna é essencialmente eclética” e que, em se tratando de “psiquiatria, fora das fórmulas amplas e ecléticas, não há salvação possível” (MELLO, 1950: 3). Ele se apresentava como partidário de um “ecletismo crítico-científico”, firmemente calcado na visão unitária do homem defendida pela medicina

---

<sup>49</sup> O grupo mencionado por Nobre de Mello era formado por quatro médicos membros do CEJM, que, por não terem conseguido um analista didata estrangeiro que aceitasse vir fazer a formação dos novos analistas no Rio de Janeiro, decidiram fazer sua formação no exterior: Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello, Walderedo Ismael de Oliveira e Júlio Paternostro. Este último acabaria por seguir para a Itália, mas os outros três foram para Buenos Aires. Chegando à capital argentina no final de 1946, os três médicos cariocas encontraram lá outros três brasileiros que já haviam iniciado sua formação na Associação de Psicanálise Argentina (APA): o psiquiatra gaúcho Mario Martins e sua esposa Zaira Martins e o carioca Alcyon Baer Bahia (PERESTRELLO, 2012: 129). Os médicos brasileiros receberam auxílio do SNDM para sua formação na Argentina, através de bolsas que “custeavam, por dois ou três anos, as despesas pessoais e as respectivas análises com didatas da APA” (*Relatório da Sessão de Administração ao SNDM, 1949, apud MELLONI, 2009: 82*).

psicossomática, que o possibilitava empregar no estudo das neuroses, teorias aparentemente díspares como a caracterologia de Klages e a psicologia individual segundo Adler.

A circulação da citada psicologia individual definida por Adler se desenvolveu em jornais e revistas, no contexto carioca, a partir dos anos de 1930, em paralelo à psicanálise que já circulava desde a década anterior. Comparando quantitativamente estas duas correntes, a diferença numérica de menções e citações é gigantesca, uma vez que temos em 1930, nove menções a teoria de Adler frente a 508 da psicanálise. Tal comparação torna perceptível o crescimento do espaço dedicado à psicanálise nestes veículos de informação, em comparação com outras teorias psicológicas, analíticas e psiquiátricas, de maneira que em 1950, as citações a psicanálise ultrapassam o número dos 6.000. Neste contexto, Adler foi, frequentemente, apresentado ao leitor carioca como um discípulo dissidente de Freud, ou como criador de uma das três principais correntes analíticas, junto com o “pai da psicanálise” e Jung, também mencionado como outro ex-discípulo de Freud.

A circulação da ideia de uma psicologia individual desenvolvida por Adler também se deu em um contexto permeado por tensões, disputas, rejeições e negociações, entre mediadores e seguidores de teorias diversas. Ela começou a ser divulgada nos jornais e revistas da capital federal à sombra da circulação de duas outras correntes muito influentes e diferentes entre si, a psicanálise e a reflexologia segundo Pavlov, ganhando maior espaço na área da educação. As teorias de Adler apareciam nas páginas de jornais e revistas como uma solução de meio termo, entre o psicologismo e o idealismo da psicanálise ortodoxa e o ffsicalismo e materialismo das teorias de Pavlov, sobre as quais tratarei ainda neste capítulo. Seria uma espécie de terceira via que buscava o equilíbrio entre o físico e o psíquico. No Distrito Federal, esta leitura da psicologia individual de Adler foi mais comumente empregada por intelectuais mediadores, que também eram simpáticos à medicina psicossomática e às teorias de Kretschmer, estas duas lidas por este mesmo viés analítico que buscava abarcar “corpo e alma”. Alguns destes intelectuais eram católicos, outros não, mas em comum todos defendiam uma medicina, e mais especificamente uma psiquiatria e psicologia, atravessada pelo retorno ao hipocratismo, à filosofia aristotélica e ao neotomismo, utilizados neste contexto para justificar uma visão global do homem.

A divulgação das ideias de Adler, na imprensa local, seguiu um caminho mais diversificado que as de Kraepelin. Diferente do organicismo alemão que foi divulgado principalmente por médicos, como demonstrado no quadro I, a psicologia individual foi apropriada por mediadores que eram jornalistas, críticos literários e escritores, além dos



médicos (ver anexo III e quadro abaixo). Estes se apropriaram de elementos das teorias de Adler incorporando-os aos seus textos. A diversificação no perfil dos divulgadores também é perceptível se considerarmos que os principais responsáveis por difundir a psicologia individual de Adler nas páginas de jornais e revistas foram os editores das traduções de seus livros, como veremos a seguir.

**Quadro II:** Divulgadores da psicologia individual definida por Adler em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

<b>Divulgadores da psicologia individual segundo Adler</b>		
	<b>1940</b>	<b>1950</b>
<i>Correio da Manhã</i>	Odilon Braga*, L. Rollenberg, Editora da Casa do Estudante do Brasil, André Ombredane*	-----
<i>Diário Carioca</i>	Joseph J. Baicich, Editora José Olympio	-----
<i>A Carioca</i>	Editora José Olympio, H. Pereira da Silva	H. Pereira da Silva
<i>Careta</i>	-----	*Peregrino Jr.
<i>O Jornal</i>	Editora Civilização Brasileira, Editora José Olympio	-----
<i>O Malho</i>	H. Pereira da Silva	-----
<i>A Manhã</i>	-----	Jones Rocha, Leonardo van Acker, Louis Wienitzer, A. J. Figueiredo, A. R. Paula Leite Jr.
<i>O Momento Feminino</i>	Danilo Perestrello*	-----
<i>A Noite</i>	Lawrence Gould, Cine Vitória	-----
<i>Jornal do Brasil</i>	C. A. Barbosa de Oliveira	-----
<i>Jornal das Moças</i>	-----	Werther Leite Ribeiro*

\*Médicos

A partir do ano de 1940, as teorias de Adler têm maior circulação em jornais e revistas que na década anterior, por causa da tradução para o português de dois importantes livros de divulgação de seu trabalho. Estes foram traduzidos como “A ciência da natureza humana”, pelo educador e escritor baiano Anísio Teixeira (1900-1971) e pelo também escritor e tradutor mineiro Godofredo Rangel (1884-1951), publicado pela Livraria Civilização Brasileira e “A ciência de viver”, traduzido por Thomas Newlands Netto e publicado pela Livraria José Olympio (*O JORNAL*, 28/04/1940: 2; 22/09/1940: 4). Na mesma época, começou a ser comercializado em versão espanhola o livro “La psicologia individual y la escuela”, pela Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil (*CORREIO DA MANHÃ*, 1945: 24).

Em torno das duas traduções brasileiras foi organizada uma ampla campanha de publicidade nos jornais e revistas, principalmente no caso da segunda obra, com vários textos de propaganda e comentários de críticos, de modo que, no ano de 1946, o livro já alcançava sua terceira edição. Sobre este livro, “A ciência de viver”, o colunista da seção “Livros novos” do

jornal *Diário Carioca*<sup>50</sup> afirmava que Adler, “discípulo dissidente de Freud”, tornara-se nos últimos anos uma das maiores autoridades da psicologia no mundo. O livro era apresentado como um belo esforço do autor para tornar suas teorias acessíveis ao grande público com “extraordinário alcance educativo”. Tentando apresentar resumidamente a temática do livro, o comentarador afirmava que:

“Para Adler a causa de muitos conflitos que nos atormentam deve ser procurada num sentimento de inferioridade, que agindo subterraneamente sobre o nosso espírito, leva-nos a forjar toda a sorte de compensações. Dessas compensações resultam, frequentemente, a inveja, o ciúme, o ódio, a rispidez, etc... No momento em que vemos claro em nós mesmos, isto é, que conhecemos a verdadeira razão dos nossos gestos, automaticamente seremos levados a corrigi-los. Neste livro o leitor encontrará através de explanações intuitivas, ilustradas por exemplos pitorescos, o meio de desmascarar nos seus disfarces traiçoeiros, o terrível complexo de inferioridade” (*DIÁRIO CARIOCA*, 1940: 2; *CARIOCA*, 1940: 9).

Textos publicitários como este e outros que se repetiam nos jornais e revistas a cada nova edição do livro publicada serviram, primeiramente, para vincular a figura de Adler ao “complexo de inferioridade” e à teoria das compensações, de modo que grande parte dos artigos e notinhas se referem a este tópico, e, em segundo lugar, a definir Adler como uma leitura mais simples e acessível que Freud. Este movimento, comum na circulação das doutrinas defendidas por teóricos diversos, pode ser explicado como um processo de seleção, sintetização e ressignificação de todo um arcabouço teórico, o que faz parte da mediação cultural para um público mais amplo. Neste processo, os intelectuais mediadores têm um papel de destaque para a popularização ou não de determinados conceitos ou ideias. Podemos tomar como exemplo, no caso de Adler, a popularização do conceito de “complexo de inferioridade”, e, em relação a Freud, o “complexo de Édipo” ou o conceito de “inconsciente”. Estes foram apropriados e divulgados, chegando a serem incorporados ao imaginário e vocabulário popular.

---

<sup>50</sup> Periódico criado por José Eduardo de Macedo Soares, no final da década de 1920, como jornal de oposição ao governo de Washington Luís e a seu candidato à sucessão presidencial, Júlio Prestes. Este jornal apoiou o golpe político, civil e militar de 1930 que levou Getúlio Vargas ao poder. Seu posicionamento durante o governo Vargas foi dúbio, ora o apoiando contra o Levante Comunista de 1935, ora se colocando como reticente em relação às medidas de cerceamento de liberdades durante o Estado Novo, período em que o periódico, como vários outros, foi fortemente censurado. Nos anos de 1940 e 1950, teve forte atuação política de oposição ao governo Vargas e ao getulismo, em especial na campanha pela renúncia deste em 1954. Ver: COSTA, 2011; BRASIL, 2014b. Neste jornal, a circulação de teorias psicológicas como a de Adler, dentre outras, se deu por meio dos anúncios e pequenos comentários de novos livros e das colunas de crítica literária, tornando-o um espaço privilegiado para a apresentação de novas teorias e o desenvolvimento de polêmicas sobre estas.

Quando do lançamento da terceira edição do livro de Adler “A ciência de viver”, em 1946, a coluna “Movimento Literário” da revista feminina *Carioca*<sup>51</sup>, ressaltava como Adler conseguia ser fácil e compreensível, bem diferente da psicanálise de Freud, que apresentaria grandes obstáculos ao entendimento dos leigos. Outro ponto destacado era a valorização do biológico na teoria de Adler, concomitante ao esvaziamento da dimensão sexual preconizada pela teoria psicanalítica. Segundo era divulgado, para Adler o fundamento maior de todos os atos humanos estava centrado em um “instinto biológico”, denominado por ele de “instinto de vida”. Este instinto não seria de ordem sexual como a “libido” segundo Freud, de maneira que a sexualidade constituiria apenas uma das manifestações do mesmo. Assim, era defendido que “todo ser humano quer, acima de tudo, uma coisa: viver. Tudo o que fazemos obedece a esse motivo essencial” (*CARIOCA*, 1946: 23).

Nas décadas de 1940 e 1950, as ideias de Adler estiveram presentes com maior frequência nos artigos que discorriam sobre literatura e educação infantil do que naqueles que se centravam na psicologia. Nos artigos sobre crítica literária, Adler era mencionado como representante de uma das principais “correntes da psicanálise”, junto com Freud e Jung, sendo destacado pelo crítico A. J. de Figueiredo também como influência para o “romance moderno” (introspectivo), juntamente com Bergson e os dois autores citados. Em outros artigos, ele era mencionado de passagem, em citações rápidas relacionadas ao complexo de inferioridade (DANTAS, 1940: 1; VAN ACKER, 1950: 4; WIENITZER, 1952: 6-7; FIGUEIREDO, 1953: 6-7). Ele ganhou maior destaque nos artigos publicados pelo escritor Hélios Pereira da Silva<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Esta revista, criada em 1935, sob a direção de Anísio Motta, era voltada para o público feminino e juvenil, com o intuito de tratar em artigos e reportagens ilustradas sobre uma variedade de assuntos, como esporte, rádio, cinema, novelas, contos, divulgação científica e didática, moda, turismo etc. (*CARIOCA*, 1935: 5). As referências a teorias do campo da psiquiatria, psicologia e psicanálise entre 1940 e 1959 aparecem nesta revista de formas variadas. No caso da psiquiatria, ela se fazia presente, por exemplo, em artigos biográficos comentando as opiniões de Antônio Austregésilo (*CARIOCA*, 02/11/1940: 11, 59), assinados por Edmundo Moniz sobre a doença de Castro Alves (MONIZ, 1948: 8), em temas mais populares como o samba de Marília Batista, “Uma visita ao hospício” (*CARIOCA*, 1945: 25; 57) ou em matérias sobre os bastidores de filmes de Hollywood, como “Cada vida seu destino”, onde era explicado o funcionamento da técnica da eletroencefalografia dentro de um enredo considerado psicanalítico (MENON, 1950: 28-29). Na década de 1950, com a popularização do rádio, a revista trazia artigos sobre os bastidores deste, como a reportagem realizada por Max Gold, em que buscava desmistificar as visões sobre o mundo do rádio, tanto como paraíso da fama quanto como antro de perdição. Ele defendia que o ambiente do rádio era um lugar de trabalho tão respeitável como outro qualquer, e, para demonstrar seu argumento, apresentava “os médicos do rádio” como profissionais renomados em dupla jornada (GOLD, 1950: 12-15). Já a psicanálise, desde o lançamento da revista, teve um espaço de destaque por meio das colunas e artigos de Gastão Pereira da Silva, que, nos anos de 1940, assinou a coluna “Psicanálise... em Gotas”, onde ele apresentava pequenas citações e pensamentos sobre o tema (SILVA, 1940: 61). A temática psicanalítica também foi trabalhada em contos, referências ao cinema, artigos biográficos ou teóricos de autores nacionais e estrangeiros.

<sup>52</sup> Filho de Gastão Pereira da Silva, escreveu vários livros sobre a relação entre psicologia e literatura, como *Retrato psíquico de Balzac* (1956), além de outras obras sobre Machado de Assis (*Sobre os romances de Machado de Assis*, 1953; *Diálogos com Machado de Assis*, 1957) e uma obra sobre *A função do inconsciente nas artes plásticas*, de 1951. Ver SILVA, s.d.: 85-86.

ao divulgar seu livro *Megalomania de Machado de Assis*, lançado em 1949. Neste livro, H. Pereira da Silva desenvolveu uma patografia<sup>53</sup> de Machado de Assis, utilizando o conceito de complexo de inferioridade para explicar peculiaridades da vida e da obra do autor (SILVA, 1949: 41, 57; 1953: 48, 56).

Porém, foi na área da educação infantil que as teorias de Adler obtiveram maior circulação a partir de jornais e revistas. Nestes veículos de informação, eram divulgados para os pais, professores e demais leitores notícias sobre palestras e conferências, assim como artigos e propagandas de livros com conselhos sobre como educar seus filhos à luz da “moderna psicologia”. No caso da circulação das teorias de Adler, podemos tomar como exemplo deste tipo de divulgação a conferência pronunciada pelo médico francês André Ombredane (1898-1958) sobre “A alma da criança”, por ocasião da Semana da Criança, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 1940. Nesta conferência, Ombredane, além de definir as ideias de Adler sobre a influência da educação na formação da “alma da criança”, também afirmava preferir Adler a Freud, embora se definisse como um “ecletico e espiritualista” (*CORREIO DA MANHÃ*, 1940: 3). No mesmo ano, foi realizada uma conferência na Escola de Serviço Social e Enfermagem da Cruz Vermelha do Brasil. O conferencista foi o médico Odilon D. Braga (1894-1958), que falou sobre “A função da escola”, apresentando como as teorias de Adler sobre a individualidade da criança poderiam ser úteis para a educação escolar quando combinadas às de outros autores como John Dewey (1859-1952)<sup>54</sup> e Ralph Waldo Emerson (1803-1882)<sup>55</sup>, (BRAGA, 1940: 3) todos lidos sob um viés católico. As duas conferências citadas foram abertas ao público em geral.

Já a literatura de aconselhamento divulgada nos jornais e revistas reunia, em geral, autores de várias vertentes da psicologia e pedagogia e mesmo de outras áreas, como a psiquiatria e a higiene mental. O livro de Danilo Perestrello, *Almas infantis*, publicado em 1948, pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES), pode ser visto como um exemplo deste tipo de material psicopedagógico que foi fartamente divulgado em jornais e revistas cariocas. Neste, o autor tratava de vários aspectos da educação infantil desde os primeiros anos de vida, aconselhando aos pais sobre a melhor forma de cuidar de seus filhos. Em uma nota de divulgação de seu livro, intitulada “Crianças amordaçadas” e publicada na revista *O Momento*

---

<sup>53</sup> Sobre as patografias como uma forma de literatura que muito contribuiu para a circulação de uma série de teorias psicológicas e psiquiátricas, voltarei a falar no último capítulo.

<sup>54</sup> Filósofo e psicólogo norte-americano que escreveu vários textos importantes para a área da pedagogia e da educação.

<sup>55</sup> Escritor, filósofo e poeta norte-americano, cuja obra valorizava a individualidade, a independência de pensamento e o inerente bom caráter do indivíduo. Exerceu muita influência sobre os escritores norte-americanos do século XIX.

*Feminino*<sup>56</sup> de 1948, Perestrello utilizava as ideias do psiquiatra alagoano Arthur Ramos (1903-1949), as teorias de Adler e os preceitos defendidos pela higiene mental para se contrapor ao uso de castigos corporais como forma de educar as crianças. Segundo Ramos, tais “crianças escorraçadas”, que cresciam em lares extremamente severos ou eram negligenciadas pelos pais, dificilmente poderiam tornar-se adultos normais. Tal visão era combinada, por Perestrello, com a de Adler que considerava que crianças maltratadas teriam uma predisposição a tornarem-se adultos pessimistas, desconfiados, egoístas e antissociais, sem nenhum tipo de solidariedade humana. Perestrello apresentava dados colhidos entre as crianças atendidas pelo Serviço de Higiene Mental da Prefeitura do Distrito Federal, somados à visão destes dois autores, que apontavam para o fato de que crianças que roubavam, brigavam e fugiam da escola tinham em comum uma “educação cheia de punições no lar”, o que levava o psiquiatra a concluir que a educação baseada em castigos corporais era uma porta aberta para a delinquência (PERESTRELLO, 1948: s.p.).

O viés adotado pelo autor tanto neste como em outros artigos, publicados em revistas como *A Casa*<sup>57</sup> para divulgar sua obra, mesclava a higiene mental, eixo central do livro, com teóricos da psicologia e psicanálise. Em um dos artigos publicados na citada revista, ele argumentava que a psicologia, como a educação infantil, eram áreas difíceis e delicadíssimas, que já não podiam contar apenas com os saberes do senso comum ou o bom senso dos pais e educadores. O conhecimento da alma infantil requeria aprofundados estudos científicos para o desenvolvimento de uma “educação psicológica” adequada, pois dela dependeria a “saúde mental” dos futuros adultos, sendo suas normas estabelecidas pela higiene mental (PERESTRELLO, 1949a: 77). Em outro artigo, ele advertia os pais sobre os riscos em

---

<sup>56</sup> Jornal feminino criado em 1947 por um grupo de mulheres militantes ou simpatizantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tinha como diretora Arcelina Mochel (1918-1974) e como colaboradoras Lia Correa Dutra (1908-1989), Silvia Leon Chalreo (1905-1991), Eneida Costa de Moraes (1903-1971), Maura de Sena Pereira (1904-1991) e Heloísa Ramos (1910-1999), todas ligadas ao partido. Ele circulou inicialmente como semanário e, a partir de 1949, como revista mensal. Esta revista, apesar de recusar o rótulo de “feminista”, convocava as mulheres a se unirem e lutarem em prol da “felicidade de todos” e, principalmente, dos direitos femininos. Ver: MOCHEL, 1947: 2; ALVES, 2017: 121-122. Nesta revista, os debates sobre os problemas sociais e o papel da mulher na sociedade ganharam maior destaque que as questões introspectivas, de modo que as menções aos saberes “psi” são reduzidas, em geral mobilizadas na relação entre psicologia e educação, ou, de forma genérica, para tratar da “psicologia do indivíduo” ou a “psicologia feminina” no sentido de personalidade. A psicanálise nem é mencionada, abrindo espaço para a grafologia como técnica de investigação do caráter individual. A revista circulou até 1956.

<sup>57</sup> Revista bimensal de arquitetura e arte decorativa, criada em 1923, tendo como editor Ricardo Wriedt. Esta revista, apesar de não se enquadrar no perfil das revistas femininas na sua origem, apresentava um forte apelo nos artigos, colunas e propagandas de utensílios domésticos, decoração e moda ao público feminino. Este viés editorial se acentuou nas décadas de 1940 e 1950, com a revista passando a ser definida como a revista do lar. Ela foi publicada até 1952. Ver: *A CASA*, 1923, 1940-1952. Nas suas páginas as teorias consideradas como psicológicas ganhavam destaque em relação à psicanálise e à psiquiatria. Elas eram mobilizadas, principalmente, em relação à educação e aos cuidados infantis, já a psicanálise aparece relacionada ao mundo das artes, sobretudo a literatura.

mimar seus filhos excessivamente, sendo tal atitude a maior inimiga da “boa educação”. Seu argumento central era o de que a “higiene mental previne-nos que filhos mimados estão quase sempre fadados a insucessos na vida adulta” (PERESTRELLO, 1949b: 81). Ele também chamava atenção para o problema em se tecer elogios às crianças por sua beleza ou inteligência, o que poderia incutir nesta uma atitude narcisista, ou, citando Arthur Ramos novamente, um “complexo de pavão”. Segundo Perestrello, a regra prática a ser seguida era “elogiar a ação e nunca a pessoa”, e sempre seguir “os conselhos da Higiene Mental que visa eliminar os sofrimentos morais e traçar normas para a vida em sociedade, formando personalidades harmônicas, ajustadas, em duas palavras: pessoas felizes” (PERESTRELLO, 1949c: 81).

Na década de 1950, este livro de Perestrello continuava a ser utilizado como referência para aconselhar as famílias sobre os cuidados com a educação das crianças, como, por exemplo, na coluna “Falando às mães”, escrita pelo médico Werther Leite Ribeiro, no periódico *Jornal das Moças*<sup>58</sup>. Nesta coluna era reproduzido um trecho do livro *Almas infantis*, que tratava sobre os malefícios causados por uma educação permeada por mimos excessivos de um lado e castigos por outro, uma situação que o autor denominou de “chicote com açúcar”. Um exemplo seria o caso de crianças que se viam divididas em uma situação confusa e conflituosa entre os castigos e a severidade dos pais e os mimos e carinhos dos avós. Ou mesmo, no caso de os pais serem “neuróticos”, eles sozinhos poderiam provocar a mesma situação. Para o autor, “o ‘chicote com açúcar’ constituía um dos mais nefastos tipos de educação, responsável pela formação de muitos tipos de anomalias mentais”, e contra o qual a “Higiene Mental nos previne” (PERESTRELLO, *apud* RIBEIRO, 1954: 62).

A ideia de uma “higiene mental” enquanto especialidade médica normatizadora de hábitos, comportamentos e formas de pensar esteve muito presente em jornais e revistas cariocas, pelo menos desde a década de 1920. Nos anos de 1940, o número de referências a este termo, aproximadamente 2.600, já não era tão grande quanto na década anterior, quando alcançava cerca de 3.400. Entretanto, ainda era muito maior do que as citações a qualquer uma das teorias já mencionadas aqui, sendo suplantado apenas pelo uso do termo “psicanálise” na década seguinte com mais de 6.000 referências, enquanto o termo “higiene mental” retornava a casa das 3.000. Dentro dos limites e objetivos deste capítulo, podemos afirmar que o termo em questão continuou a ser empregado tanto por médicos como por jornalistas, educadores e

---

<sup>58</sup> Revista quinzenal ilustrada, criada em 1914, com a intenção de não apenas divertir, mas informar e instruir em conhecimentos úteis às leitoras brasileiras. Na década de 1940, ele apresentava o formato de semanário sob a direção de Agostinho e Álvaro Menezes. O periódico circulou até 1961. Ver: *JORNAL DAS MOÇAS*, 1914: 5; 1940.

escritores em geral, nas páginas de jornais diários e revistas literárias, femininas e de variedades pelo menos até o final da década de 1950. Entretanto, observo que o termo “higiene mental”, além de ser empregado em sentidos múltiplos, nem sempre literalmente médicos ou psicológicos, era usado como uma categoria mais ampla, em alguns momentos já incorporada ao vocabulário corrente. Em outras ocasiões, ela era combinada a teorias como a psicanálise, a medicina psicossomática, a psiquiatria social, dentre outras. O exemplo anteriormente citado do livro de Danilo Perestrello demonstra bem este tipo de combinação, que será também evidenciada em outros exemplos ao longo deste capítulo.

**Quadro III:** Divulgadores da higiene mental em jornais e revistas cariocas (1940-1950)

Divulgadores da higiene mental		
	1940	1950
<i>Carioca</i>	-----	Maria Clara, Mário Brasini
<i>Careta</i>	-----	Arnaldo Câmara Leitão, Carlos Torres Pastorino
<i>Cena Muda</i>	Brandão Reis	-----
<i>A Casa</i>	Danilo Perestrello*	-----
<i>Visão Brasileira</i>	Savino Gasparini	-----
<i>O Momento Feminino</i>	Danilo Perestrello*	-----
<i>Jornal das Moças</i>		Werther Leite Ribeiro*

\*Médicos

Observamos que o termo higiene mental era mencionado com maior frequência nas revistas de variedades e femininas (ver quadro III). Nestas revistas, o termo “higiene mental” foi utilizado, principalmente, em dois sentidos. O primeiro é o de um termo corrente do vocabulário popular, utilizado no sentido positivo de melhoramento da vida subjetiva e mental, limpeza e frescor das ideias, cuidados com o bem-estar psicológico como ler, ouvir música e ir ao teatro ou complemento da higiene corporal. Por exemplo: “É o triunfo da mocidade, da saúde, da higiene mental” (REIS, 1949: 26). “Na época de carestia que nosso povo atravessa, rir é até recurso de higiene mental, e fazer rir é então benfazejo serviço público” (LEITÃO, 1955: 10). “A higiene mental é tão imprescindível para a perfeita saúde quanto a higiene corporal. As distrações são tão necessárias quanto o sono e o alimento. (...) A alegria, a boa disposição, o otimismo são a cura do espírito. Sem espírito são, não há corpo são” (CLARA, 1953: 70).

O segundo sentido serve para qualificar uma disciplina científica dotada de um arcabouço de regras e normas pré-determinadas que visavam a prevenção contra neuroses, psicopatias, comportamentos antissociais e delinquências. O termo mobilizava os sentidos de cuidado, cautela, exclusão ou proibição de ideias, conhecimentos, hábitos e práticas que

pu dessem causar perturbações nervosas ou mentais e, por outro lado, era apresentado na forma de conselhos de como alcançar o equilíbrio físico-mental, o bem-estar moral e mesmo a felicidade. Temos como exemplos as propagandas de programas de rádio como “Sua vida em suas mãos”, do ator e dramaturgo Mário Brasini (1921-1997), que divulgava preceitos de higiene mental, pela Rádio Nacional (*CARIOCA*, 1950: 48), ou do professor Carlos Torres Pastorino<sup>59</sup>, chamado “Higiene Mental”, que era transmitido pela Rádio Copacabana, com o objetivo de “auxiliar cientificamente o repouso, após o dia de trabalho” (*CARETA*, 1958: 41). Ou no texto de Savino Gasparini, do SNES, que dizia: “a Higiene Mental veio trazer ao homem desajustado pela vertigem da vida moderna alucinante os meios de reintegração na normalidade, orientando-o convenientemente, no lar, na escola, na fábrica, na oficina, no quartel, nos lugares onde trabalha e estuda” (GASPARINI, 1941: 6).

Assim, podemos considerar que a recepção e apropriação de novas teorias, a partir das práticas de mediação desenvolvidas por intelectuais como Perestrello, por exemplo, se deu em um contexto em que estas novas teorias, como a psicologia individual definida por Adler, foram mescladas com um arcabouço de ideias e conhecimentos mais antigos, como os da higiene mental. O processo de circulação de tais conhecimentos, por sua vez, ocorreu em um campo de disputas entre os defensores de teorias idealistas, por um lado, os materialistas, por outro, e aqueles que buscavam uma solução de meio termo. No interior destes grupos, temos também defensores e opositores de uma outra teoria – a dos reflexos condicionados segundo Pavlov –, considerada como materialista e fundamentalmente biológica.

A recepção, apropriação e divulgação das ideias de Pavlov sobre os reflexos condicionados, em revistas e jornais do Distrito Federal, foi permeada por questões teóricas, políticas e religiosas que formavam um contexto complexo. Para compreendê-lo precisamos fazer uma rápida análise do próprio itinerário profissional, político e intelectual do fisiologista russo, e de como este foi visto no contexto científico ocidental. Segundo o autor de uma recente biografia sobre Pavlov, Daniel P. Todes, ainda durante sua vida, e principalmente nas duas décadas que se seguiram à sua morte, em 1936, foi construída internacionalmente uma figura icônica de Pavlov que o aproximava mais dos behavioristas do que de suas próprias teorias. Esta imagem, durante a parte final de sua vida, obscureceu a natureza de sua busca científica, de maneira que, mesmo ele tendo sido considerado como o maior fisiologista de sua época e

---

<sup>59</sup> Torres Pastorino era diretor e apresentador de programas da Rádio Copacabana, a “rádio do otimismo”, e também trabalhava como professor no Colégio Pedro II e no Colégio Militar. Foi autor de livros de poesias, didáticos e espiritualistas (SANT’ANNA, 1959: s.p.).



ganhador de um Prêmio Nobel em 1904, no contexto internacional ele permaneceu, de certa maneira, isolado (TODES, 2014: 1).

O auge das pesquisas e da carreira de Pavlov ocorreu entre os anos de 1929 e 1936, seus últimos anos de vida. Tratava-se de um período que coincidiu com grandes mudanças na URSS, devido à industrialização, à revolução cultural e ao terror da época de Stálin. Suas primeiras pesquisas se desenvolveram entre 1905 e 1914, mas com a eclosão da Primeira Guerra, seu trabalho parou completamente, pois seu laboratório congelou e os cães morreram de fome, sua família se desintegrou e ele perdeu seus bens e círculo social. Após 1921, Pavlov iniciou um longo processo de luta, negociação e cooperação com os bolcheviques, de modo que sua vida, a partir daí, esteve diretamente ligada ao governo soviético de Lênin e depois Stálin. A relação entre Pavlov e os bolcheviques sempre foi conturbada, pois, se por um lado, a alta cúpula do governo soviético considerava o fisiologista russo um reacionário, por outro eles sabiam que Pavlov tinha um nome reconhecido internacionalmente, o que poderia render uma propaganda positiva para a URSS. Além disso, a pesquisa desenvolvida pelo cientista fornecia base substancial para a própria visão de mundo materialista defendida pelo partido comunista. Daí a estratégia empreendida pelos dirigentes do partido de incentivar e divulgar as pesquisas de Pavlov, buscando ao mesmo tempo mantê-lo sob controle. Já para Pavlov, o governo soviético era “dogmático, incompetente, repressivo e profundamente criminoso”, mas era o governo de sua pátria, o patrocinador de suas pesquisas e seu guardião, principalmente após a ascensão das ditaduras nazifascistas na Europa Ocidental. A dinâmica dessas relações tornou a política e a cultura soviética presentes em todas as esferas da vida de Pavlov, inclusive na sua produção científica (TODES, 2014: 3-4).

No Brasil, as primeiras menções à teoria dos reflexos condicionados<sup>60</sup> de Pavlov por mim localizadas em jornais e revistas da capital carioca datam do início da década de 1930<sup>61</sup>. Nesta primeira década, o processo de circulação de tal teoria se deu de forma difusa e truncada, devido à identificação realizada por intelectuais brasileiros entre Pavlov e os behavioristas, a sua posição política junto ao governo soviético e a própria dificuldade de acesso às suas teorias.

---

<sup>60</sup> Pavlov definia que o reflexo condicional era uma resposta temporária que existe apenas sobre certas condições. Por exemplo, em suas experiências com cães, Pavlov percebeu que utilizando apenas um metrônomo como estímulo não conseguia nenhuma resposta dos cães, mas quando este era combinado a estímulos incondicionais, como comida ou ácido por um tempo determinado, produzia salivação. Assim, ao ser exposto novamente ao metrônomo, os cães salivavam mesmo sem a presença de outros estímulos. Este seria o reflexo condicional (TODES, 2014: 6).

<sup>61</sup> Para analisar a circulação das teorias de Pavlov em jornais e revistas cariocas, das décadas de 1940 e 1950, foi necessário fazer um recuo até os anos de 1930, para compreender debates iniciados neste período e que tiveram desdobramentos nas décadas seguintes.

Desta maneira, uma maior circulação da teoria dos reflexos condicionados só começou a acontecer efetivamente na década de 1950, como podemos observar no quadro abaixo e nos casos analisados a seguir.

**Quadro IV:** Divulgadores da teoria do “reflexo condicionado” segundo Pavlov em jornais e revistas (1930-1950).

<b>Divulgadores da teoria do “reflexo condicionado” segundo Pavlov</b>			
	<b>1930</b>	<b>1940</b>	<b>1950</b>
<i>Correio da Manhã</i>	Martha Silva Gomes	-----	Lêdo Ivo, Eugenio Gomes, Luís Hildebrando H. Barbosa, Jorge de Serpa Filho, Muniz Viana, Gilbert Dreyfus, Flávio Pereira, entrevista de Otávio Rodrigues, M. Santos Silva, Francisco Sá Pires, Alfredo Vervloet, H. Schuman, Wolf Rinski, J. Bellini Burza, Iedda Cavalcanti
<i>Diário Carioca</i>	-----	Pompeu de Sousa	-----
<i>A Ordem</i>	Leonardo van Acker	Theobaldo Miranda, Sílvio Elia	-----
<i>O Jornal</i>	Tristão de Athayde, Euryalo Cannabrava, entrevista de Pavlov	-----	Alfredo Vieira, Leonídio Ribeiro
<i>A Noite</i>	-----	Jarbas de Carvalho, Carlos Foá	-----

A partir da análise de notícias e artigos divulgados em jornais e revistas, podemos observar que a apropriação da teoria dos reflexos condicionados por intelectuais mediadores se deu por, pelo menos, três vias diferentes. A primeira foi no âmbito dos debates sobre modelos ideais para o desenvolvimento da educação nacional, entre as décadas de 1930 e 1940. Neste contexto, os principais atores desta mediação foram, por um lado, os intelectuais defensores da Escola Nova, como por exemplo o educador paulista Lourenço Filho (1897-1970), e, por outro lado, intelectuais católicos críticos a esta. Dentre os últimos, destacaram-se nomes como os de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), Theobaldo Miranda e Sílvio Elia, dentre outros. A segunda via, característica também da década de 1930 e 1940, dizia respeito à apropriação do termo “reflexos condicionados” ao vocabulário popular, principalmente no âmbito político, com o sentido de manipulação das massas. Este termo foi muito empregado por jornais cariocas nas críticas ao movimento do “Queremismo”, em 1945, favorável à manutenção de Getúlio Vargas no poder. Nestas notícias e artigos, o argumento central era de que a propaganda governamental havia criado um “reflexo condicionado” que ligava a imagem de Getúlio a um conjunto de benefícios sociais, inclusive os não estabelecidos por ele, possibilitando que os trabalhadores fossem facilmente manipulados. Uma terceira via se deu pela aplicação da reflexologia em duas

áreas médicas: a obstetrícia e a odontologia. Aqui trataremos mais detalhadamente da primeira e da terceira pela amplitude dos debates que suscitaram nos jornais e revistas.

O crítico literário católico Alceu Amoroso Lima foi um dos primeiros a discutir as teorias de Pavlov em jornais diários, em 1931. Em sua coluna semanal de *O Jornal*<sup>62</sup>, sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, ele fez uma severa crítica ao livro do educador Lourenço Filho – *Introdução ao estudo da Escola Nova* – na qual contestava o uso da teoria dos reflexos condicionados como uma das bases teóricas da Escola Nova. O posicionamento do crítico literário baseava-se no argumento de que a pedagogia da Escola Nova proposta pelo autor estava pautada em uma visão materialista, mecanicista, biologista e evolucionista. O crítico argumentava que aquilo que Lourenço Filho estava apresentando naquele livro era a redução da pedagogia e da psicologia à esfera do biológico e do sociológico, afastando-as da filosofia, pensada por ele como ciência mestra, para incorporá-las ao contexto das ciências naturais (ATHAYDE, 1931: 4).

O ponto central da crítica feita por Tristão à teoria de Pavlov sobre os reflexos condicionados dizia respeito à aplicação dos resultados encontrados por meio de pesquisas em fisiologia animal às teorias sobre a psicologia humana e, no caso da Escola Nova, à utilização desta psicologia no campo da pedagogia. O crítico literário, apesar de admitir que suas observações eram dirigidas mais diretamente aos seguidores de Pavlov, como os behavioristas, do que ao próprio fisiologista russo, que seria mais cauteloso com o resultado de seus experimentos, advertia sobre o uso conjugado do pavlovismo e behaviorismo nas propostas apresentadas por Lourenço Filho para o desenvolvimento da pedagogia científica no Brasil.

---

<sup>62</sup> Periódico criado em 1919 por Renato de Toledo Lopes, que havia sido diretor do *Jornal do Commercio*. *O Jornal* foi comprado por Assis Chateaubriand em 1924, constituindo o primeiro jornal do grupo Diário Associados. Depois de apoiar o golpe de 1930, *O Jornal* se envolveu na Revolução Constitucionalista de 1932, sendo empastelado por quase um ano. Já durante o Levante Comunista de 1935, se manteve ao lado do governo, mas, com a implantação do Estado Novo, passou a sofrer forte censura, se adequando aos interesses do governo para continuar a circular. *O Jornal* reuniu uma série de intelectuais e políticos que se tornaram bastante destacados no cenário brasileiro, como Epiácio Pessoa, Alfredo Pujol, Rodrigo de Mello Franco de Andrade, Miguel Couto, Afrânio Peixoto, José Maria Whitaker, Monteiro Lobato, Herbert Moses, Oswald de Andrade, Humberto de Campos e Alceu Amoroso Lima, dentre outros. Ver SODRÉ, 2007; CARNEIRO, 1999; BRASIL, 2015a. Neste periódico, destacavam-se como importantes espaços de circulação de teorias médico-psicológicas três colunas de caráter variado. A primeira era “Vida Literária”, criada por Alceu Amoroso Lima na década de 1920 e dedicada, prioritariamente, à crítica literária, mas que assumia um caráter ensaístico. Nesta, o crítico, mais do que tratar sobre os livros analisados, desenvolvia artigos sobre diversos temas, sendo a mente e a alma uma das suas temáticas favoritas. Esta coluna funcionou até 1941. Outras duas colunas também foram importantes para a circulação de tais teorias neste jornal: a coluna “Vida Médica” escrita por Leonídio Ribeiro, desde 1943, onde eram apresentados comentários sobre livros e teses médicas e informações dirigidas àquela classe, sobretudo aos médicos do interior que lhe escreviam apresentando questões. A outra coluna, “Medicina para todos”, era assinada por Álvaro Vieira, na década de 1950. Esta tinha um caráter mais popular, pois recebia cartas de leitores sobre questões várias no campo da medicina, desde a puericultura passando por novas técnicas de terapêutica e diagnóstico até problemas psicológicos.

Segundo Tristão, os discípulos apressados de Pavlov “submetiam o homem ao determinismo cego dos reflexos condicionados que reduzem a vida animal a um simples automatismo e com ela a vida psicológica do homem”. E afirmava que Lourenço Filho parecia ser “bem mais pavloviano que o próprio Pavlov”. Assim, ele considerava que a pedagogia implantada na Escola Nova seria o “aniquilamento da personalidade, negação da vida superior do espírito, supressão de todo esforço ascensional da alma”, uma verdadeira submissão da inteligência à afetividade e da autoridade à liberdade. Em resumo, tais teorias representavam, para ele, “o domínio do automatismo sobre a vontade e a razão, e sobretudo, a eliminação do sobrenatural”. Somado a isto, ele acusava Lourenço Filho de ser adepto de uma pedagogia comunista (ATHAYDE, 1931: 4)<sup>63</sup>.

Estas colocações de Tristão de Athayde podem ser melhor compreendidas se a colocarmos no contexto mais amplo das discussões sobre os destinos da educação nacional, debatidos por intelectuais de várias áreas do conhecimento desde o final da década de 1920. Entre a diversidade de projetos que defendiam a constituição de um modelo específico de educação nacional, havia divergências e disputas políticas em torno de uma questão fundamental, a opção entre investir em uma educação para uma elite que guiaria a população ou em uma educação primária básica que pudesse erradicar o analfabetismo, apresentado como a grande “chaga” do país. Outros aspectos diretamente ligados à esta questão diziam respeito à escolha entre um ensino laico ou religioso; centralizado ou autônomo; padronizado nacionalmente ou regional. Dois eixos centrais destes debates foram a defesa da educação enquanto promotora da “unidade nacional” e da “organização do trabalho” (CARVALHO, 1998: 212-213; ROCHA, 2016).

Na Associação Brasileira de Educação (ABE), criada na década de 1920, estes posicionamentos díspares, porém nem sempre opostos, estiveram presentes na forma de discursos higienistas, católicos e “liberais”. Em comum entre eles, percebe-se o deslocamento do foco de atenção da escola para o educando; a crítica ao Estado ausente na maior parte do território brasileiro; a aposta em uma educação cívica que pudesse constituir uma identidade nacional livre dos estigmas da doença, da falta de instrução e da degeneração (CARVALHO, 1998: 212-213). Com a criação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, sob a direção de Francisco Campos, realizou-se uma reforma educacional concluída em 1931, que estabeleceu normas para a organização do ensino superior, reorganizou o ensino secundário e decretou o

---

<sup>63</sup> Além de Amoroso Lima, outros escritores se manifestaram sobre tal polêmica, como Leonardo Van Acker, com artigo também publicado em 1931, pela revista *A Ordem* (VAN ACKER, 1931), dentre outros. Mas nos concentraremos nos desdobramentos destes debates nas décadas de 1940 e 1950.

ensino religioso como facultativo. Este último item acirrou as diferenças entre os partidários da educação religiosa e os “liberais”, que defendiam um ensino público laico. Em 1932, foi noticiado e discutido em vários impressos do Distrito Federal o Manifesto da Educação Nova, atualmente conhecido como Manifesto dos Pioneiros, em que defendiam a necessidade de uma política governamental de educação contínua e autônoma, baseada no caráter público, gratuito e laico de ensino. Este Manifesto marcou a ampliação das disputas entre católicos e “liberais” pelo direcionamento do sistema de ensino público e também a saída dos intelectuais católicos da ABE (ROCHA, 2016: 22).

No início da década de 1940, Theobaldo Miranda Santos retomava o citado artigo de Tristão de Athayde para alimentar a polêmica entre as propostas de um modelo de educação nacional, e, principalmente, defender uma vertente católica. Neste novo contexto, nove anos depois, o grupo dos intelectuais e educadores católicos havia saído fortalecido politicamente dos desdobramentos do Levante Comunista de 1935 e da implantação do Estado Novo, a partir de 1937. Já os partidários da Escola Nova estavam mais desarticulados, visto que alguns de seus mobilizadores, como Anísio Teixeira, haviam sido acusados de serem comunistas. Em um artigo publicado na revista católica *A Ordem*<sup>64</sup>, Theobaldo Miranda defendia que certos psicólogos, em desacordo com o próprio Pavlov, reduziam o “homem a uma máquina de reações nervosas”, considerando “a aprendizagem como um processo associativo mecânico, dependente do esquema do reflexo condicionado”. Ele também criticava o behaviorismo por seus autores rejeitarem inteiramente o “conceito de consciência e considerarem a psicologia como um ramo das ciências naturais, cujo objeto é o comportamento dos animais, dos quais não se distingue o homem”. Ele apresentava como diferenciação entre a reflexologia e o behaviorismo, no que dizia respeito à aprendizagem, o fato da primeira utilizar uma aproximação filosófica e a segunda psicológica (SANTOS, 1940: 67).

---

<sup>64</sup> Esta revista católica foi criada por Jackson de Figueiredo em 1921, passando a ser, no ano seguinte, o órgão de comunicação oficial do Centro Dom Vital, com a fundação deste. Em 1928, Alceu Amoroso Lima, após sua conversão ao catolicismo, tornou-se diretor da revista e do Centro, modificando a linha editorial do periódico, que até então seguia os debates políticos partidários, para uma versão de cultura geral, o que não significa que os temas políticos tenham desaparecido totalmente do conteúdo divulgado na revista. *A Ordem* funcionou, ao longo das décadas de 1920 a 1950, como um dos principais núcleos e veículos de divulgação das ideias defendidas por um grupo bastante atuante de intelectuais católicos na discussão de temas variados (VELLOSO, 1978: 118-120). Sobre os temas relacionados à psiquiatria, psicologia e psicanálise, a revista apresentava longos artigos que versavam principalmente sobre as tendências modernas da psicologia no estudo da personalidade e da educação. Entre os intelectuais que publicaram nesta revista entre 1940 e 1959, percebe-se o interesse em fazer uma aproximação entre determinadas teorias psiquiátricas e psicológicas, como as definidas por Kretschmer e Adler, e os teóricos católicos como São Tomás de Aquino nas discussões sobre corpo e alma, como uma forma de desenvolver uma psicologia e pedagogia científicas sob o viés espiritualista.

Além de Theobaldo Miranda, Silvio Elia também escreveu artigos retomando as observações feitas por Tristão de Athayde. Nestes, Elia criticava a concepção da Escola Ativa desenvolvida pelo pedagogo suíço Adolphe Ferrière (1879-1960), a escola progressiva de Dewey e a Escola Nova concebida por Lourenço Filho, em conjunto com o educador e sociólogo Fernando de Azevedo (1894-1974) e Anísio Teixeira. Ele considerava que estes eram estudos puramente materialistas que reduziam a psicologia a um capítulo das ciências físico-naturais. O autor defendia que “materialista em seus processos pedagógicos de aprendizagem e totalitarista em sua finalidade social, tal corrente escolanovista não sanará de suas fraquezas e corrupções doutrinárias, senão por uma integração real ao conceito cristão de educação” (ELIA, 1944: 46). O conceito cristão, defendido tanto por Elia como por Miranda, foi muito bem definido por este último quando, citando São Tomás de Aquino, definia a “aprendizagem como um processo inteligente, dinâmico, autoativo e global”, condizente com a ideia de que a “alma humana é una, simples, idêntica a si mesma e fundida substancialmente ao corpo”. Para este autor, voltar a São Tomás de Aquino era progredir (SANTOS, 1940: 78). Este é um exemplo claro da influência do neotomismo entre um grupo de intelectuais cristãos que foram muito ativos como mediadores culturais e polemistas, na primeira metade do século XX, em debates sobre educação, literatura, psicologia, medicina, filosofia e política.

Esta forte resistência dos intelectuais católicos à reflexologia e ao behaviorismo assim como o temor ao alinhamento político de Pavlov ao comunismo soviético, parecem ter sido os fatores fundamentais para a dificuldade enfrentada pelas teorias de Pavlov de circularem no contexto carioca, até a década de 1950, para além dos textos críticos dos católicos. Os demais autores que citavam o termo “reflexos condicionados”, na década de 1930 e 1940, não faziam referência alguma à figura de Pavlov ou às suas experiências, aplicando simplesmente o termo como parte da linguagem corrente. Esta situação se modificou após 1956, ano fundamental para a circulação das teorias de Pavlov, pelo menos no âmbito dos jornais e revistas cariocas. Neste ano, o Papa Pio XII deu seu parecer sobre a prática do “parto sem dor”, também conhecida como método psicofilático, e que estava pautada na teoria dos reflexos condicionados e incondicionados. O parecer do líder católico era favorável ao método, alegando que nem sempre o parto foi doloroso e que se tornou incômodo para as mulheres graças a “reflexos condicionados desencadeados por complexos ideológicos e afetivos errôneos” (*CORREIO DA MANHÃ*, 10/01/1956: 1).

A divulgação desta notícia representou uma guinada na circulação das ideias de Pavlov nos veículos de informação aqui analisados, pois, a partir daí, percebe-se um aumento

considerável no número de artigos que não só mencionavam os reflexos condicionados ou Pavlov mas que se preocupavam em explicar do que se tratava, sua aplicabilidade, implicações técnicas, morais, religiosas e políticas. Em torno da aprovação da Igreja Católica à utilização da técnica do “parto sem dor”, se formou uma rede de divulgação desta técnica, constituída por médicos obstetras e jornalistas, de modo que podemos encontrar entrevistas como a do Prof. de medicina Octávio Rodrigues Lima, que apresentava as teorias de Pavlov como a base teórica para a reeducação da parturiente no intuito de eliminar antigos reflexos condicionados e criar novos que possibilitassem a ausência da dor (*CORREIO DA MANHÃ*, 27/05/1956: 6).

Outro médico que se pronunciou a respeito foi M. Santos Silva, que defendia que os reflexos condicionados faziam parte da vida cotidiana, como no ato de dirigir um carro, mas as pessoas não se davam conta disso. Para ele, os reflexos, da mesma forma que eram criados, também poderiam ser modificados ou eliminados. “A dor do parto foi condicionada pela palavra, e é pela própria palavra que hoje em dia os médicos especializados estão libertando as mulheres desse sofrimento desnecessário. Os reflexos condicionados inúteis e prejudiciais estão sendo abolidos e outros positivos estão sendo criados” (SILVA, 1956: 2). Nos jornais e revistas também começaram a ser veiculadas matérias informativas com alguns exercícios de respiração, relaxamento e fortalecimento que a gestante poderia praticar em casa durante a segunda metade da gravidez. Estas eram ilustradas e autoexplicativas e tinham como propósito prepará-la para o parto tanto do ponto de vista físico como psicológico. sem uso de anestésicos e medicamentos (*O JORNAL*, 01/04/1956: 5).

Junto com estas discussões sobre o “parto sem dor”, o interesse demonstrado nas páginas de jornais e revistas pela própria teoria dos reflexos condicionados cresceu consideravelmente em relação ao período anterior. Notícias sobre palestras, cursos e conferências se tornaram mais frequentes, como por exemplo cursos de hipnose médica, técnica que era aplicada em cirurgias e na odontologia com o objetivo de suprimir os reflexos condicionados de dor em substituição ao uso de anestésicos. Um destes cursos foi ministrado pelo psiquiatra argentino José Torres Norry, que veio ao Brasil<sup>65</sup> a convite do médico Akstein, que possuía uma clínica especializada neste tipo de terapêutica desde o início dos anos de 1950 (*CORREIO DA MANHÃ*, 27/06/1956: 4). A Associação Brasileira de Odontologia também patrocinou um curso sobre o tema, ministrado pelo psicanalista austríaco radicado no Brasil, desde 1921, Karl Weissmann (1910-?), considerado especialista no assunto (GONÇALVES,

---

<sup>65</sup> Torres Norry, quando veio ao Brasil, já mantinha contatos anteriores com médicos brasileiros, como Cláudio de Araújo Lima, com quem participou da publicação da *Revista Latino Americana de Psiquiatria*, que circulou durante os anos de 1951 a 1954, e da qual tratarei no capítulo quatro.

1956: 10). Weissmann era um dos defensores de uma ampla divulgação da hipnose, inclusive defendendo as apresentações públicas. Ele lançou em 1958 um livro de divulgação intitulado *Hipnose*, onde discordava dos médicos que alertavam contra os perigos da hipnose e ainda apresentava técnicas de aprendizagem da prática da hipnose para leigos (WEISSMANN, 1956: 3).

O médico psiquiatra Francisco Sá Pires também ministrou um curso sobre este tema, na Sede do Sindicato dos Odontologistas do Rio de Janeiro. O programa do curso envolvia a questão do sono, sonho e hipnotismo, tratando inclusive sobre a prática da hipnodontia, na época já utilizada por um grupo de médicos de São Paulo e também da capital federal. O Prof. de medicina da Universidade do Rio de Janeiro, Alfredo Eugenio Vervloet também participou como palestrante de algumas aulas deste curso, em uma delas tratando sobre os “tipos nervosos segundo Pavlov” (*CORREIO DA MANHÃ*, 27/11/1956: 6; 09/12/1956: 10; 21/04/1957: 11). Outros cursos e conferências divulgados nos jornais foram organizados pela Associação Brasileira de Hipnodontia, contando com a participação de médicos conhecidos no Distrito Federal, como Maurício de Medeiros, ex-titular da pasta de Saúde (*CORREIO DA MANHÃ*, 20/08/1958: 11), ou pela Sociedade Brasileira de Hipnose Médica, como a conferência ministrada pelo psiquiatra e neurologista paulista João Belline Burza (1918-1989) sobre a terapêutica do sono, onde este relatava suas experiências em hospitais e instituições científicas de Moscou, Leningrado e Tibilissi, onde havia passado alguns anos estudando durante seu doutorado e pesquisando sobre a sonoterapia (*CORREIO DA MANHÃ*, 29/08/1958: 8).

Médicos fisiologistas russos também foram convidados a realizarem conferências sobre o tema, em 1959. Na ocasião, uma delegação de médicos russos que haviam participado de um congresso de fisiologia em Buenos Aires vieram ao Brasil para conhecer São Paulo e o Rio de Janeiro, sendo convidados por representantes locais a visitar várias instituições médicas e científicas das duas capitais e pronunciar palestras sobre novos estudos e derivações das teorias de Pavlov, como as pesquisas sobre o “desenvolvimento ontogênico dos reflexos condicionados e incondicionados, desde a fase intrauterina” (*CORREIO DA MANHÃ*, 21/08/1959: 2; 23/08/1959: 2).

Em resumo, podemos afirmar que, a partir do ano de 1956, a teoria de Pavlov sobre os reflexos condicionados teve uma maior circulação nos jornais e revistas cariocas, estimulada por eventos como os acima citados e também por caminhos mais inesperados, como a campanha desenvolvida por alguns membros do clero católico contra determinadas manifestações presentes no espiritismo e nas religiões de matriz africana. Membros da Congregação dos



Maristas desenvolveram sessões públicas de sugestão e hipnose, com o objetivo de comprovar que os fenômenos mediúnicos do espiritismo e o transe experimentado nos terreiros de candomblé não tinham nada de sobrenatural. A ideia defendida pelos religiosos era de que o experimento demonstrava que aqueles eventos eram perfeitamente naturais, podendo ser explicados pela teoria dos reflexos condicionados. Estas sessões tiveram ampla divulgação em revistas de grande circulação no Brasil como *O Cruzeiro*<sup>66</sup>, onde a hipnose médica foi bastante discutida entre 1956 e 1959 (*CORREIO DA MANHÃ*, 23/09/1958: 7; *O CRUZEIRO*, 31/05/1958: 47-49).

Contudo, o crescente número de aplicações da hipnose, na medicina e fora dela, começou a gerar debates sobre quem poderia ou não aplicar este tipo de método, seus limites, vantagens, perigos e também sobre os resultados alcançados com este. Percebe-se que entre os defensores do método havia uma tendência a se afastar das experiências de Franz Anton Mesmer (1734-1815)<sup>67</sup> e buscar outras referências teóricas para o uso do hipnotismo. Estas poderiam vir tanto das experiências de Freud com o hipnotismo, levando à constituição da hipnoanálise, como das teorias de Pavlov sobre os reflexos condicionados, aplicadas principalmente em substituição de anestésicos em tratamentos dentários, partos e cirurgias como a retirada das amígdalas e hérnias. Entretanto, a questão que gerava maior debate nos veículos de informação era a utilização da hipnose em sessões públicas e inclusive em programas de televisão (BRISSET, 1956: 7; CHEDI, 1956: 3; GONÇALVES, 1956: 10; MORAES, 1956: 47-49).

Sobre a prática da hipnose em sessões públicas é ilustrativo citar a contenda, que se desenrolou ao longo do ano de 1958, envolvendo o parapsicólogo Orieth Bey (1921-2017) (nome artístico de Oseso Monteiro), apresentador de um programa de televisão sobre hipnose e telepatia, que teve a exibição proibida pelo chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP). Este atendendo a um pedido da Sociedade Brasileira de Hipnose Médica e do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, que alegavam que a exibição pública de sessões de

---

<sup>66</sup> Revista semanal ilustrada, criada em 1928 por Assis Chateaubriand, que representou um grande evento de publicidade e editorial, uma vez que passou a ditar tendências e padrões no mercado de revistas. *O Cruzeiro* também alcançou tiragens e vendas recordes para os padrões do mercado brasileiro, sobretudo na década de 1950, influenciando consideravelmente a opinião de leitores de todo o Brasil, tanto do ponto de vista social como político. Em suas páginas, jovens escritores tiveram oportunidade de divulgar seus trabalhos, como Gilberto Freyre, Millôr Fernandes, José Lins do Rego, Joel Silveira, Franklin de Oliveira, Rachel de Queiroz e Nelson Rodrigues, dentre outros. Ver: SODRÉ, 2007; CARNEIRO, 1999; VELASQUEZ, 2001; BRASIL, 2015a. Nesta revista, as teorias médico-psicológicas circularam por meio de artigos de primeira página, contos, anúncios e comentários sobre livros e nas seguintes colunas: “Da mulher para a mulher”, assinada por Maria Teresa, “Sete dias”, de Franklin de Oliveira e “Última Página”, de Rachel de Queiroz.

<sup>67</sup> Criador da teoria do magnetismo animal, também conhecida como mesmerismo, precursora da hipnose. Sobre tal teoria ver DARNTON, 1986.

hipnose poderia trazer grandes problemas para pessoas sugestionáveis. Não satisfeito com a situação, Orieth Bey conseguiu junto à justiça um mandado de segurança contra o chefe do SCDP, no qual utilizava a opinião do psicólogo Emílio Mira y López (1896-1964) sobre a hipnose em locais públicos, como figura de autoridade a seu favor (*CORREIO DA MANHÃ*, 28/06/1958: 2).

Outro exemplo que ilustra muito bem o campo de disputas em torno da hipnose médica é o artigo “Fácil hipnotizar? Depende do paciente”, publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1958, onde temos três opiniões diferentes a respeito da prática da hipnose em locais públicos. A primeira é do médico, jornalista e radialista Osmard Andrade Faria (1923-?), autor do livro *Hipnose médica e odontológica*, que era favorável ao uso da hipnose por médicos cirurgiões e dentistas. Em segundo lugar está a crítica do médico Leonídio Ribeiro, que era contra o uso da hipnose por leigos, inclusive dentistas, por acreditar que apenas o curso médico prepararia para tal prática, opinião que ele também defendia na sua coluna “Vida Médica”, em *O Jornal*, no mesmo ano. Em comum entre estes dois médicos, havia a certeza de que leigos, no caso todos aqueles que não eram médicos, inclusive psicólogos e psicanalistas, não poderiam praticar a hipnose. Já a terceira opinião, favorável, sobre o tema vinha do psicanalista Weissmann, que aprovava o uso e aprendizagem da hipnose em locais públicos e inclusive ministrada por leigos. Ele defendia que a hipnose não trazia perigo pois tratava-se apenas de sugestão, agindo diretamente sobre condições psicossomáticas (*O CRUZEIRO*, 11/10/1958: 23-26).

Observa-se assim que os conhecimentos a respeito da hipnose médica, bem como as teorias de Adler e da medicina psicossomática, foram apropriados por alguns intelectuais mediadores, incluindo católicos, que viram nestas teorias uma solução de meio termo para um problema, identificado por eles, como sendo a radicalização e polarização das ideias sobre o homem: de um lado, os idealistas, racionalistas que desconsideravam as funções do corpo e do espírito, valorizando apenas o mental, como a psicanálise; e do outro lado os biólogos, materialistas, para quem o homem era só o orgânico, como qualquer outro animal, a exemplo dos behavioristas. Para os mediadores católicos, a psicossomática possibilitava um retorno às teorias de São Tomás de Aquino e a defesa da união e do equilíbrio entre corpo e alma. Para os não católicos, como Cláudio de Araújo Lima, ela possibilitava um retorno às teorias médicas de Hipócrates e Galeno e, sobretudo, à filosofia aristotélica.

Diferente das teorias citadas anteriormente, não é perceptível nos jornais e revistas cariocas pesquisados textos que tratem diretamente da medicina psicossomática, apesar do grande número de menções a ela na década de 1950. Percebe-se pelas notas e notícias

encontradas que a divulgação desta teoria se deu principalmente por meio de palestras e cursos, que, em geral, não tinham trechos reproduzidos nos jornais. De certo modo, podemos dizer que houve uma grande procura pela especialização no tema e rápida aplicação prática desta em consultórios e clínicas, mas pouca divulgação nos jornais e revistas que explicasse ao leitor, exatamente, o que era a medicina psicossomática. As clínicas eram, em sua maioria, voltadas para o atendimento da elite carioca, como a Casa de Repouso Alto da Boa Vista. Estas foram responsáveis pela divulgação dos tratamentos baseados na medicina psicossomática através de propagandas em jornais e revistas que se repetiam por vários anos. Na tabela abaixo temos vários médicos proprietários de clínicas e casas de repouso que se diziam especializadas na medicina psicossomática.

**Quadro V:** Divulgadores da medicina psicossomática em jornais e revistas (1940-1950)

<b>Divulgadores da medicina psicossomática na imprensa carioca</b>		
	<b>1940</b>	<b>1950</b>
<i>Correio da Manhã</i>	Rudolph Dreikurs*, Osvaldo Domingues de Moraes*, Robert Wallis, A. Nobre de Mello*, Oscar Carvalho, Flávio de Souza* e Maurício de Medeiros*	Júlio Paternostro*, Edgar S. dos Anjos, Diógenes Pereira da Silva, Casa de Repouso Alto da Boa Vista, Floriano de Lemos, Hans Selye*, José S. Rocha Filho
<i>Jornal do Brasil</i>	Flávio de Souza* e Maurício de Medeiros*, Hélio Silva	-----
<i>Carioca</i>	-----	Maurício de Medeiros*
<i>O Jornal</i>	Elso Arruda* e A. Austregésilo*	A. Austregésilo*, J. Vicente de Almeida, Álvaro Vieira*, Otto Schneider
<i>A Noite</i>	Beatrice Berle*	-----
<i>Walkyrias</i>	-----	Jean-Paul Valabrejo
<i>Jornal das Moças</i>	-----	Werther Leite Ribeiro*

\*Médicos

Uma das primeiras palestras noticiadas sobre o assunto, em 1946, foi ministrada pelo psiquiatra austríaco Rudolf Dreikurs (1897-1972), radicado nos EUA, que foi assistente de Adler e naquele momento era professor da Escola Médica de Chicago. Dreikurs foi responsável por desenvolver a psicologia individual de Adler, aplicada à educação. Este veio ao Brasil como um dos integrantes da delegação norte-americana para o I Congresso Interamericano de Medicina. Como citado no início deste capítulo, Dreikurs apresentou conferências organizadas pelo Centro de Estudos de Juliano Moreira (CEJM) e patrocinadas pela Fundação Getúlio Vargas, em 1946, sob o tema “A psicologia do homem moderno”. Nestas ele tratou de temas como infância e sexualidade a partir das teorias de Adler. Ele também apresentou uma palestra dentro do curso de medicina psicossomática realizado pela Santa Casa de Misericórdia, em conjunto com o Centro de Estudos Paulo César Andrade. Neste curso, o palestrante frisava que “o indivíduo é uma unidade funcional que pode usar todas as suas capacidades, tanto físicas

como psíquicas, para os fins que tem em vista. Pode se tornar doente e criar distúrbios orgânicos em situações críticas” (*CORREIO DA MANHÃ*, 13/09/1946: 11). Várias outras palestras e cursos sobre este tema ocorreram nos anos seguintes e durante toda a década seguinte. Destas, participaram como palestrantes o cientista Robert Wallis, o médico endocrinologista Hans Selye (1907-1982) que era professor da Universidade de Montreal, onde desenvolveu pesquisas sobre o *stress* desde a década de 1930 e a médica norte-americana Beatrice Berle (1902-1992). Esta era casada com o embaixador dos EUA, Adolf A. Berle Jr., de modo que o casal permaneceu no Brasil entre os anos de 1945-1946. Neste período ela trabalhou como voluntária em um hospital do Rio de Janeiro, na área de medicina preventiva (KENNEDY, 1993).

Também participaram destas palestras os psiquiatras brasileiros Osvaldo Domingos de Moraes, Nobre de Mello e Flávio de Souza. Como instituições organizadoras destes eventos de divulgação da medicina psicossomática destacaram-se a Sociedade de Medicina e Cirurgia, promovendo palestras, e o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, oferecendo cursos de extensão sobre a matéria no final dos anos de 1940 ou incorporando a temática no programa de cursos já existentes. Alguns destes cursos foram realizados na ABI juntamente com outras atividades culturais, sendo abertos ao grande público (*CORREIO DA MANHÃ*, 29/03/1947: 13; 30/07/1947: 9; 03/09/1947: 11; 07/05/1949: 12; *JORNAL DO BRASIL*, 29/07/1947: 8; 13/08/1947: 9; *A NOITE*, 05/07/1948: 2). Como responsável pela organização dos cursos do Instituto de Psiquiatria tivemos o médico Maurício de Medeiros, na época seu diretor. Este também publicou, alguns anos mais tarde, em 1952, o livro *Aspectos da psicologia infantil*, pela Editora José Olympio, dedicando um dos capítulos ao estudo da medicina psicossomática. Este livro era apresentado aos leitores como sendo “recomendado para os pais e educadores, pela firme orientação científica de que se reveste, e ainda mais porque se beneficia de uma linguagem clara, precisa e elegante” (*CARIOCA*, 1952: 33).

O livro de Maurício de Medeiros foi o único encontrado nos jornais e revistas pesquisados que, sendo considerado como de divulgação científica, apresentava um capítulo dedicado à discussão da medicina psicossomática. Também foram encontradas poucas referências à literatura estrangeira sobre o assunto, divulgadas em veículos de informação nacionais. Como exemplo, temos o livro *Medicina psicossomática*, escrito por Eduardo Weiss e O. S. English, que foi traduzido para o português pelo psiquiatra Elso Arruda, ligado ao SNDM e membro do CEJM, com prefácio de Antônio Austregésilo (*O JORNAL*, 1946: 3).

Tal situação começou a mudar no final da década de 1950, quando passaram a ser divulgados os primeiros livros nacionais que discutiam esta temática, como, em 1958, o livro

de Danilo Perestrello, intitulado *Medicina psicossomática* (*REVISTA DO LIVRO*, 1958: 318) e o livro de Cláudio de Araújo Lima, publicado em 1959, *Ensaio de psicologia médica: Nota crítica sobre o conceito de medicina psicossomática* (LIMA, 1959; *REVISTA DO LIVRO*, 1960: 255). Neste último, o autor fazia uma análise crítica da “psicologia médica” da primeira metade do século XX e da situação de impasse em que esta se encontrava na década de 1950. Sua crítica estava voltada para a psicanálise, a reflexologia segundo Pavlov, o organicismo e mesmo para a medicina psicossomática tal como foi pensada pela médica e psicóloga norte-americana Helen Flandres Dunbar (1902-1959) para, a seguir, propor uma terceira via que ele denominou de medicina dialética (LIMA, 1959).

\*\*\*\*\*

Em resumo, o panorama da circulação das teorias médico-psicológicas por meio de jornais e revistas até aqui apresentado nos possibilita destacar alguns pontos que tornam o contexto analisado bastante heterogêneo e complexo: primeiramente a diversidade de atores e posicionamentos teóricos envolvidos e, em segundo lugar, a pluralidade e polifonia de teorias acionadas e divulgadas sobre as questões da vida psíquica do indivíduo e sobre a constituição de sua personalidade. Percebe-se também o lento processo de apagamento das teorias de Kraepelin, sobrepujadas por teorias cuja divulgação aqui no Rio de Janeiro foram contemporâneas a ela, como a psicanálise e a caracterologia segundo Kretschmer.

Também é perceptível como teorias muito próximas como o behaviorismo e a reflexologia pavloviana apresentaram um nível de inserção diverso no âmbito de circulação dos impressos cariocas. Como vimos, inicialmente as duas correntes teóricas estiveram estritamente relacionadas no contexto da recepção brasileira, sobretudo no campo da educação, recebendo ambas severas críticas por parte de intelectuais católicos. Tal situação muda nos anos de 1950, quando percebemos um maior crescimento da circulação da reflexologia em relação ao behaviorismo. Por fim, destaca-se também a rápida inserção da medicina psicossomática no contexto jornalístico carioca entre as décadas de 1940 e 1950, influenciada pelo interesse de médicos em aplica-la em suas clínicas e consultórios, muitas vezes combinada a outras formas de terapia. No capítulo seguinte veremos como a recepção e a divulgação da psicanálise e das teorias de Kretschmer estiveram inseridas neste contexto mais amplo de circulação de teorias médico-psicológicas, por meio da ação de mediadores culturais, no contexto carioca.

## **CAPÍTULO 3**

### **AS TEORIAS DE FREUD E KRETSCHMER NA IMPRENSA CARIOCA (1920-1959)**

A psicanálise freudiana e a caracterologia segundo Kretschmer, assim como algumas das teorias apresentadas no capítulo anterior, circularam em jornais e revistas entre as décadas de 1920 e 1950, sendo apropriadas e ressignificadas por mediadores de áreas diversas do conhecimento. Estas duas teorias também foram apropriadas e divulgadas por Cláudio de Araújo Lima ao longo das décadas de 1940 e 1950. Portanto, neste capítulo, analiso a circulação destas duas teorias, destacando a participação dos médicos e escritores Gastão Pereira da Silva e João Peregrino Jr. (1898-1983), enquanto divulgadores da psicanálise freudiana e das teorias de Kretschmer, respectivamente.

A psicanálise freudiana, no período analisado, ampliava a cada ano sua circulação por meio de impressos, nos quais alguns intelectuais mediadores como Gastão Pereira da Silva se esforçavam para explicar de forma didática conceitos psicanalíticos, enquanto outros rechaçavam o freudismo e a psicanálise, como fez o crítico literário Alceu Amoroso Lima. Seja como for, em textos de adeptos ou de críticos, a psicanálise desfrutou de um espaço de circulação em jornais e revistas cada vez maior entre os anos de 1920 e 1959, sendo relacionada a áreas diversas do conhecimento e apresentada em textos de formatos variados como contos, colunas de aconselhamento, críticas literárias, dentre outros. O volume e a variedade de informações sobre a psicanálise que se podia acessar, nas décadas de 1940 e 1950, por meio dos citados impressos, era enorme, seja por referências diretas a Freud, ou a alguns conceitos psicanalíticos como inconsciente (ou subconsciente), complexo de Édipo, recalque etc... que passaram a ser incorporados à linguagem corrente sem a necessidade de maiores explicações.

Paralelamente, entre as décadas de 1920 e 1950, foram publicados artigos e livros que buscavam explicar as teorias de Kretschmer tanto para o público especializado como para o leigo em medicina e, mais especificamente, em psiquiatria e psicologia. Também foram desenvolvidas leituras e apropriações de tais teorias que foram discutidas, e em alguns casos também aplicadas, em áreas específicas como a educação, os esportes, a nutrição, a eugenia, a higiene mental, as artes plásticas, testes sobre a inteligência e a genialidade criativa, a

criminologia e a literatura<sup>68</sup>. Além disso, tais teorias foram acionadas em debates sobre questões sociais mais amplas, como as políticas de imigração; raça e mestiçagem; identidade nacional; fome e desnutrição como um problema político, médico e social; a seleção de trabalhadores; higiene mental e a representação metafísica sobre corpo e alma, tanto na esfera da filosofia como da religião.

Frente a tal variedade de temas e aplicações vou analisar como as teorias de Kretschmer foram lidas, apropriadas e difundidas por intelectuais brasileiros, que de forma similar a Araújo Lima, se utilizaram da literatura para divulgar as teorias do psiquiatra alemão na capital carioca. Esta literatura se apresentava na forma de contos, romances, biografias, críticas literárias e anedotas, publicados em livros, jornais e revistas não especializados, tal como aconteceu na circulação da psicanálise.

### **3.1 A psicanálise freudiana em jornais e revistas cariocas**

Antes de adentrarmos a temática central deste capítulo – a circulação das teorias psicanalíticas e kretschmerianas em jornais e revistas voltadas para um público em geral – trataremos de um contexto mais amplo que envolve a recepção da psicanálise a partir de suas traduções, e de sua circulação entre médicos e escritores modernistas a partir da segunda metade da década de 1910 e nos anos de 1920. A partir deste contexto, portanto, podemos entender a ênfase dada à psicanálise e seus diferentes campos de influência nas décadas subsequentes. Nesta perspectiva, também é necessário considerarmos a história das traduções da obra de Freud, no Brasil e em outros países, as quais permitiram a ampliação do acesso à leitura e divulgação das ideias do médico austríaco. Vários estudos atuais têm enfatizado a importância dos tradutores como intelectuais mediadores que contribuem para a circulação de conhecimentos entre diferentes línguas e culturas, como profissionais de atuação transnacional e global cujos esforços, no entanto, muitas vezes são pouco reconhecidos ou valorizados<sup>69</sup>. Além disso, como bem colocou o ensaísta mexicano Octavio Paz, a tradução não se resume à conversão de uma língua em outra: “Aprender a falar é aprender a traduzir: quando a criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que ela realmente quer é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido” (PAZ, 2009: 9).

---

<sup>68</sup> Aqui é importante destacar que em algumas destas áreas como a criminologia, a educação e a literatura havia uma forte presença da circulação da psicanálise, no mesmo período.

<sup>69</sup> Uma obra recente que reúne várias contribuições sobre esse tema e tem uma ampla bibliografia é ROIG-SANZ; MEYLAERTS, 2018.

O primeiro tradutor de Freud para o inglês foi A. A. Brill, um psiquiatra de origem austríaca que emigrou para os Estados Unidos e foi o fundador da Sociedade Psicanalítica de Nova York. A primeira tradução de Brill foi *Selected Papers on Hysteria*, em 1909, e nos anos seguintes ele traduziu várias das principais obras do criador da psicanálise, como *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (1905), tradução de 1910; *A interpretação dos sonhos* (1899), tradução de 1913; e *Psicopatologia da vida cotidiana* (1904), tradução de 1914. Em 1938, ele reuniu essas obras e outras traduções suas de artigos de Freud num livro intitulado *Basic Writings of Freud*, publicado pela coleção norte-americana Modern Library, da editora de mesmo nome, lado a lado com edições de renomados escritores, historiadores e filósofos (ver FREUD, 1938). Mesmo Brill tendo se correspondido diretamente com Freud, recebeu críticas por causa das escolhas feitas em suas traduções, embora estas tenham sido a principal referência da obra freudiana em inglês até a década de 1950.

Nos anos 50, o britânico James Strachey iniciou a empreitada da tradução completa para o inglês da obra completa do criador da psicanálise, que foi chamada a *Standard Edition* das obras freudianas. A *Standard Edition* levou 20 anos para ser concluída, em 24 volumes, e definiu, como era sua intenção desde o próprio título, o padrão de organização da obra de Freud. Mesmo assim, as opções de tradução dos conceitos psicanalíticos por Strachey também foram criticadas. O psicanalista Bruno Bettelheim, por exemplo, considerava que a escolha de termos tirados do latim, como “id”, “ego” e “superego” não correspondia ao estilo do original freudiano, que utilizava uma linguagem mais coloquial (BETTELHEIM, 1984).

Outra tradução muito importante para a divulgação da obra completa de Freud foi a realizada pela editora da Biblioteca Nueva de Madrid, para o espanhol, quase trinta anos da tradução da obra completa para o inglês. Devido a uma recomendação do filósofo José Ortega y Gasset (1883-1955), que escreveu o prefácio da primeira edição, o tradutor Luis López-Ballesteros y de Torres verteu, ainda em 1922, quando Freud ainda estava vivo e publicando novas obras, tudo o que este escrevera até aquela data. Sua tradução foi muito elogiada pelo próprio Freud, que disse que aprendera espanhol anteriormente para ler *Dom Quixote*, de Cervantes, e podia julgar a qualidade da versão de sua obra, “cuja leitura me produz sempre um vivo agrado pela corretíssima interpretação de meu pensamento e a elegância do estilo” (FREUD, 1923: xli). A tradução da Biblioteca Nueva foi reeditada diversas vezes, com número variável de volumes, passando a incluir a totalidade da obra de Freud após a morte deste.

Em outros países como Portugal, França e Itália, a primeira metade do século XX só viu traduções isoladas das obras de Freud. Nos dois últimos países, o projeto das obras completas



(traduzidas diretamente do alemão) foi iniciado na década de 1960, e no caso francês até hoje ainda não houve a conclusão desta publicação. Já Portugal teve apenas traduções isoladas até recentemente. Já no Brasil, a situação das traduções de Freud foi diferente e mais complicada. Embora algumas traduções avulsas tenham sido publicadas desde a década de 1920, só houve, até recentemente, duas tentativas de tradução da obra completa de Freud, e nenhuma delas a partir do original alemão: a edição da Delta Editora, na década de 1940, feita a partir do espanhol e do francês, e a da Imago, na década de 1970, cuja tradução é uma versão praticamente literal da *Standard Edition* inglesa (SOUZA, 2010: 19). Portanto, podemos dizer que a leitura da obra de Freud em língua portuguesa foi, até pouco tempo atrás, muito influenciada pelas escolhas feitas para a *Standard Edition* e pela pioneira tradução para o espanhol.

Segundo a historiografia, o início da recepção das teorias de Freud no Brasil data da década de 1910, tanto nos meios médicos psiquiátricos como entre intelectuais brasileiros envolvidos com projetos de uma literatura e arte modernistas. A recepção entre os médicos, entretanto, se deu de forma diferenciada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Na capital federal, médicos como Juliano Moreira, Henrique Roxo, Fernandes Figueira (1863-1928), Antônio Austregésilo e seu discípulo Genserico Aragão de Souza Pinto começaram a ler Freud, discutir suas teorias e empregá-las como suporte clínico auxiliar para a psiquiatria no HNA, ainda entre os anos de 1910 e 1920. Genserico, inclusive, apresentou, em 1914, como conclusão de seu curso na FMRJ, a tese intitulada *Da psicanálise: a sexualidade nas nevroses*. Por sua vez, em São Paulo houve uma maior resistência entre a comunidade médica local, apesar de psiquiatras como Francisco Franco da Rocha (1864-1933) e seu discípulo Durval Marcondes (1899-1981) terem se interessado pela obra de Freud ainda nas primeiras décadas do século XX. Entre os médicos paulistas a obra de Freud era considerada de difícil compreensão, encontrando reações significativas em relação aos tópicos sobre a sexualidade. O livro escrito por Franco da Rocha e intitulado *O pansexualismo na doutrina de Freud* (1920) sofreu inicialmente uma forte rejeição entre os médicos paulistas, de modo que foi relançado em 1930 com a supressão do termo pansexualismo (OLIVEIRA, 2005; FACCHINETTI; PONTE, 2003; PLOTKIN, 2009; CASTRO, 2014).

Entretanto, na capital federal, entre os médicos ligados ao HNA existiam aqueles, como o psiquiatra e médico legista Afrânio Peixoto (1876-1947), que apresentavam um posicionamento crítico em relação aos seguidores da psicanálise. Para ele, as teorias de Freud eram pouco discutidas e contestadas por seus praticantes, como se a psicanálise, ao invés de

ciência, almejasse tornar-se uma doutrina, quase uma religião a ser seguida sem contestação, da qual Freud era o “profeta judeu”. Muito próximo de Afrânio, o jovem médico Arthur Ramos também se interessou pelas teorias de Freud. Ele concluiu seus estudos pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1926, com a tese intitulada *Primitivo e Loucura*, na qual inspirava-se nos estudos do sociólogo francês Lucien Levy-Brühl (1857-1939), de Freud e Jung, sendo esta publicada no mesmo ano. Na década de 1930, ele publicou outros livros sobre a psicanálise, como veremos a seguir, porém incorporando um posicionamento crítico como o defendido por Afrânio (CASTRO, 2014: 62-64).

A psicanálise também apareceu como tema de debate desses médicos na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal (SBNPML), instituição criada na capital federal em 1907, embora de maneira tímida durante os primeiros dez anos de funcionamento da instituição. A partir da segunda metade da década de 1920 esta situação começou a mudar, com a psicanálise conquistando mais espaço e adeptos dentro da associação. Na Sociedade, além dos membros veteranos como Juliano Moreira, Henrique Roxo, Austregésilo e Franco da Rocha, novos sócios que se dedicavam à psicanálise como Porto-Carrero (1887-1937), José Carneiro Ayrosa e Murilo de Campos (1887-1968) foram admitidos entre 1917 e 1924 (CERQUEIRA, 2014: 87).

Frente às dificuldades de leitura diretamente do alemão e ao discurso difundido por médicos de que era preciso um determinado conhecimento técnico especializado em medicina mental para compreender a teoria freudiana, na década de 1920 e 1930 surgiram vários livros com o objetivo de explicar a psicanálise tanto para médicos e estudantes de medicina como para o público em geral. Um exemplo é o livro de Austregésilo – *As forças curativas do espírito* –, divulgado pelo jornal *O Paiz*, em 1925, por ocasião de seu lançamento. Neste livro, o autor afirmava que “os neurologistas e psiquiatras brasileiros” sentiam-se “embaraçados” em fazer uso prático da psicanálise em sua clínica, devido ao conhecimento recente de tal doutrina no “meio científico extra germânico”. Para ele, a maior dificuldade consistia no fato desta ser “uma doutrina psicológica pessoal e complicada”, pois para os médicos não era fácil “interpretar os sintomas patológicos das neuropsicoses”, o que explicava o fato do “método ainda não ter logrado da parte dos clínicos o seu exercício e sanção”. A psicanálise era apresentada por Austregésilo como um método interpretativo, que estabelecia uma relação de causa e efeito entre os sintomas nervosos e os afetos de origem sexual que porventura tivessem sido recalçados no inconsciente dos enfermos. Assim, o papel do médico, ao utilizar-se de tal método, seria “procurar na alma do doente e arrancar os afetos ou desejos que lhe perturbam a

vida moral e cujos estados afetivos encontram suas raízes na vida sexual” (CERQUEIRA, 2014: 88-89).

A psicanálise também foi tema de debates em várias outras instituições médicas e educacionais cariocas nas décadas de 1920 e 1930, como a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) e a Associação Brasileira de Educação (ABE). Cursos e conferências sobre o método psicanalítico e suas aplicações à educação começaram a ser ministrados para um público mais amplo tanto por médicos como outros intelectuais mediadores. Uma das primeiras divulgações ocorreu em 1919, quando o escritor e político Medeiros e Albuquerque apresentou uma conferência na Policlínica Geral intitulada “A psicologia de um neurologista: Freud e suas teorias sexuais”, realizada com o apoio da SBNPML e divulgada pelo jornal *O Imparcial*. Nesta palestra, Medeiros e Albuquerque, que leu Freud em tradução inglesa e dizia ter chegado à psicanálise através de seu interesse pelo hipnotismo, discorria sobre a “psicologia” de Freud, explicando como este definia a formação do “consciente, subconsciente e inconsciente”, deixando claro, porém, que não pretendia ser “propagandista” das ideias de Freud nem discutir a validade de tais doutrinas (CERQUEIRA, 2014: 88; CASTRO, 2014: 64).

Em paralelo ao processo de recepção e apropriação das teorias psicanalíticas que vinha acontecendo entre alguns dos médicos brasileiros leitores de Freud, o contexto do pós-Primeira Guerra corroborava para a disseminação de questionamentos acerca do modelo civilizatório e racialista europeu e seus valores e padrões de modernização. A conjuntura de perplexidade internacional com a “barbárie” do conflito mundial somada aos movimentos vanguardistas europeus produziu um discurso carregado de contestação, singularidade e subjetividade. A ideia freudiana de que o modelo de civilização ocidental se sustentava sobre a repressão de uma série de instintos, que muitas vezes retornavam, como na Guerra Mundial, abalou significativamente os fundamentos deste modelo, em especial os pilares da ciência e da razão. Neste contexto, o que vinha do inconsciente (instintos, pulsões) foi valorizado pelos modernistas por estar identificado com a criatividade; assim, o primitivo, a infância e a sexualidade, considerados mais próximos do inconsciente, tornaram-se objeto de pesquisa literária e cultural (FACCHINETTI, 2003: 119-121).

No contexto intelectual brasileiro, principalmente dos anos de 1920, este discurso repercutiu fortemente entre os adeptos do movimento modernista, tanto na literatura como nas artes plásticas, que buscou denunciar as estruturas de manutenção do “pensamento brasileiro colonizado e imóvel”. Os modernistas se aproximaram da psicanálise tanto por ser uma visão de mundo fundamentada na subjetividade e na individualidade como por ser uma experiência

cultural que lhes possibilitou conteúdo para sua escrita textual e crítica literária. A teoria freudiana lhes assegurou fundamentos para sua rejeição à literatura romântica, ao darwinismo, ao positivismo, ao evolucionismo e à psicologia das multidões (FACCHINETTI, 2003: 119; 121-124).

Na circulação das teorias de Freud em jornais e revistas dirigidos a um público mais amplo percebe-se que as duas formas de apropriação da psicanálise – tanto a médica-psiquiátrica como a modernista – não eram excludentes. Pelo contrário, ocorriam paralelamente, algumas vezes nos mesmos veículos de informação. Ao longo das décadas de 1920 a 1950, a recepção das teorias de Freud, por meio da imprensa, passou por processos vários de apropriação e ressignificação, com períodos de maior entusiasmo acompanhados por outros de fortes críticas. Os anos de 1920 e 1930 parecem configurar os maiores esforços de divulgação, explicação, críticas e debates em torno de determinadas questões e conceitos da teoria psicanalítica. Neste período, imagens diversas sobre Freud e a psicanálise foram construídas nos jornais e revistas de ampla circulação, assim como na literatura de ficção, por vários intelectuais mediadores, de modo que nas décadas imediatamente posteriores estas imagens já podiam ser acionadas por estes mesmos mediadores e por outros como parte do imaginário popular. Já nos anos de 1940 e 1950, percebe-se que determinados termos como ego, consciente, subconsciente, inconsciente, libido, complexos, recalques, dentre outros passaram a fazer parte do vocabulário popular. Os citados termos e mesmo o nome de Freud começaram a ser mencionados em jornais e revistas, em crônicas, contos, colunas de aconselhamento e crítica literária sem a necessidade de maiores explicações por parte do autor, como se este partisse do pressuposto que seu público leitor já estivesse minimamente familiarizado com tais termos. Este movimento de popularização dos conceitos e termos psicanalíticos, que identifico como iniciado durante a década de 1940, segundo Jane Russo se concretizou anos depois, entre 1960 e 1970, uma época marcada por um processo de “psicologização” da sociedade carioca (RUSSO, 2002).

Nos periódicos cariocas, o termo psicanálise começou a ser citado, principalmente, depois de 1920. Na coluna “Consultório Médico”, publicada no periódico de variedades *Revista da Semana*, por exemplo, o Dr. Veiga Lima respondia algumas correspondências enviadas por pacientes de várias localidades brasileiras, diagnosticando, sugerindo formas de tratamento e indicando se o leitor deveria consultar pessoalmente um médico. Dentre as formas de tratamento da medicina tradicional alopática, o médico colunista, em determinadas ocasiões, aconselhava ao leitor o tratamento pela psicanálise, em geral tomando como base o livro *O*

*Pansexualismo na doutrina de Freud* (1920) de Franco da Rocha, anteriormente citado. Para Veiga Lima, “a análise psíquica segundo o método de Freud era importante por revelar a complexidade da alma humana e por buscar uma solução para as ‘horas dolorosas da vida’” (CASTRO, 2014: 75).

Já na década de 1930, percebe-se nos jornais e revistas uma maior divulgação de livros que tratavam das aplicações da psicanálise em campos múltiplos, como clínica psiquiátrica, psicologia, educação, cuidados com a infância, sexualidade, direito, ciência penal, endocrinologia e literatura, dentre outros. Estes eram escritos por um grupo variado de intelectuais, preocupados em explicar a psicanálise e torná-la mais acessível às suas áreas de atuação e outras áreas. São exemplos os livros divulgados entre 1933 e 1939 em jornais e revistas cariocas que eram de autoria dos médicos Arthur Ramos (*Educação e psicanálise, Psiquiatria e psicanálise, O ambiente parental e a criança pré-escolar, O filho amado e o odiado*), Porto-Carrero (*Ensaio de psicanálise*), Carneiro Ayrosa (*A psicanálise e suas aplicações*), Djacir Meneses (*Manual para o estudo da psicologia*), Neves Manta (*Psicanálise da alma coletiva*), Gastão Pereira da Silva (*O drama sexual, Conhece-te pelos sonhos*) etc., e também profissionais de outras áreas, como os juristas Evaristo de Moraes e Petrarcha da Cunha (*A ciência penal e a psicanálise*) (*JORNAL DO BRASIL*, 02/05/1934: 23; 04/05/1934: 19; 11/05/1934: 14; 15/05/1934: 21; 15/05/1934: 27; 17/05/1934: 20; 21/11/1934: 14; 28/11/1934: 14; *A NOITE*, 27/04/1939: 2; 27/05/1939: 3).

Nas décadas de 1940 e 1950, período em que concentro a análise sobre a circulação das teorias de Freud, percebe-se em comparação com a década anterior, uma redução do número de livros de caráter mais técnico ou pedagógico, como os referidos acima, que procuravam explicar a psicanálise e aplicá-la a uma determinada área do conhecimento<sup>70</sup>. Mas, por outro lado, temos uma maior apropriação e aplicação dos conceitos psicanalíticos em matérias de jornais e revistas, como os ensaios, as colunas de aconselhamento, os contos, anedotas, sinopses de filmes e peças teatrais. Neste período, a circulação da psicanálise freudiana foi mais intensa em textos, veiculados pela imprensa do Distrito Federal, que tratavam das seguintes áreas: a criminologia, a educação infantil, a literatura e as artes cênicas (teatro e cinema), dentre outras. A circulação das ideias de Freud também se fez presente, principalmente, nos anos de 1940, pela crítica efetuada por vários intelectuais às suas teorias. Estas críticas, como veremos mais

---

<sup>70</sup> Ganham destaque nos jornais do início dos anos de 1940 os livros dos médicos Porto-Carrero (*Psicanálise de uma civilização*) e Leonídio Ribeiro (*Psicanálise e criminologia*), e também as traduções dos livros de Theodoro Reik (*Religião e psicanálise*), de Ernest Jones (*Psicanálise da religião cristã*), os dois traduzidos pelo médico Odilon Gallotti, e o livro de Franz Alexander (*Psicanálise da personalidade integral*) com tradução de Porto-Carrero (*CORREIO DA MANHÃ*, 04/02/1941: 9).

adiante, partiam de vertentes diversas, como a proveniente da antropologia cultural e a dos intelectuais católicos.

A presença da psicanálise na área da criminologia aparece por exemplo nos debates sobre a elaboração do texto do novo Código Penal Brasileiro, no início dos anos de 1940. F. de Menezes Pimentel Júnior, em artigo publicado no *Correio da Manhã* em 1941, afirmava que no novo código não haviam sido levados em conta os princípios científicos modernos, transformando o estatuto em um amálgama de diversas escolas criminais. Ele destacava as contribuições que a medicina moderna trouxera à criminologia, como os estudos de biotipologia de Di Giovanni, Viola, Barbara, Pende, Kretschmer e as contribuições de brasileiros como o médico Waldemar Berardinelli (1903-1956), que teria afirmado em seu livro *Noções de biotipologia* que os juristas não poderiam resolver as questões político-criminais separadas das ciências biológicas. O autor citava também Rocha Vaz, que teria comprovado, após vários estudos, que os atos humanos sofreriam influência direta do funcionamento das “glândulas de secreção endógena”. E observava que Afrânio Peixoto, Henrique Roxo e Porto-Carrero teriam denunciado as imperfeições do sistema penal moderno, destacando a importância da endocrinologia e da psicanálise para o estudo e a classificação dos criminosos. Pimentel Júnior assinalava que, em paralelo com estas duas ciências, seria necessário “a aplicação conveniente da eugenia e da socioplastia aos grupos humanos, que resultaria na seleção das raças, e como consequência imediata desse fato, a extinção do crime e a supressão natural do delinquente”. Para o autor, o ideal seria mergulhar “o novo Código Penal em um suculento caldo de endocrinologia, e o temperaríamos com fortes pitadas de psicanálise e biotipologia” (PIMENTEL JÚNIOR, 1941: 2).

O jurista Nelson Hungria (1891-1969) respondeu à Menezes Pimentel Júnior, em carta para o jornal *Correio da Manhã*, às críticas feitas ao texto do novo Código Penal. Hungria argumentava que Pimentel Júnior, em sua crítica de que o novo código já teria surgido “mumificado” por não considerar as novas vertentes médicas e biológicas, estava seguindo o pensamento romântico de uma “biopsicologia livresca, improvisada e carrasquenha”. Ele dizia que o crítico se enganava ao afirmar a importância da psicanálise, da endocrinologia e da biotipologia para a criminologia, qualificando as três primeiras como “pseudociências”, baseadas em suposições mais ou menos plausíveis, quando não estavam fundamentadas pelas “fantasias do misticismo judaico acasalado com a metafísica alemã”. Para Hungria, “os esquemas de Kretschmer [eram] mais falíveis que os prognósticos do Observatório Astronômico e as lucubrações de Freud e seus açodados discípulos [eram] hipóteses penduradas

na estratosfera”. Em resumo, ele considerava que as teorias freudianas e kretschmerianas estavam repletas de “generalizações apressadas, induções imaginosas, meras curiosidades de almanaques” (HUNGRIA, 1941: 4).

Outro artigo sobre o novo Código Penal, que havia entrado em vigor em janeiro de 1942, tratava da doutrina da periculosidade na qual o código se baseava. Neste texto, João Pedro Müller também citava a importância da psicanálise, da endocrinologia e da biotipologia para a constituição da moderna criminologia. O autor destacava o complexo de Édipo<sup>71</sup>, junto com o de inferioridade e de castração, assim como o sentimento de culpa, como pontos fundamentais da psicanálise ligados à identificação do homem delinquente, de modo que, naquele momento, uma área da criminologia estaria totalmente embasada pelo “freudismo” (MÜLLER, 1942: 130).

Os três artigos acima citados, sobretudo, os dois que apresentam a controvérsia entre Pimentel Jr. e Hungria publicada nas páginas do *Correio da Manhã*, demonstram como a circulação das ideias de Freud esteve envolvida com um complexo campo de disputas entre áreas diversas do conhecimento e campos profissionais. No início dos anos de 1940, por ocasião da elaboração do novo Código Penal temos reeditada uma velha disputa de campo e legitimidade entre médicos e juristas pelo poder de definir e atestar as fronteiras entre loucura e delinquência. Mais uma vez, os médicos e simpatizantes como Pimentel Jr. defendiam a importância das ciências médicas na criminologia, enquanto juristas como Hungria reagiam fortemente contra esta ideia. Também é importante destacar o processo de hibridização entre teorias diversas, proposto por Pimentel Jr. e Müller, que visava combinar elementos da psicanálise, biotipologia e endocrinologia como relevantes influências conceituais para a conformação da criminologia moderna, e por conseguinte do novo Código Penal brasileiro.<sup>72</sup>

Outra das áreas de grande influência da psicanálise foi a da educação infantil. Nas décadas de 1940 e 1950 tal influência se fez, principalmente, por meio do uso e discussão do termo chave, complexo de Édipo<sup>73</sup>. Percebo que, naquela época, eram recorrentes na imprensa as menções à preocupação dos pais com a melhor forma de educar seus filhos dentro dos

---

<sup>71</sup> A partir deste ponto utilizo o termo “complexo de Édipo” como palavra chave na busca efetuada nos periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira, dentro do vasto conjunto de matérias de jornais e revistas que tratavam da psicanálise. Ele foi escolhido por ser um conceito fundamental na teoria freudiana, bastante controverso, e, principalmente, por ter sido explorado por Araújo Lima em suas produções literárias. Desta forma, restrinjo à análise aos artigos que mencionam o termo citado.

<sup>72</sup> Para mais informações sobre os debates sobre a constituição do novo Código Penal Brasileiro, com a participação de representantes da medicina legal e da psiquiatria na década de 1940, ver DIAS, 2015.

<sup>73</sup> Conceito psicanalítico que defende que todo menino tem, durante a infância, desejos sexuais pela mãe e ciúme e raiva do pai, repetindo assim, de maneira simbólica, a trajetória do personagem da peça *Édipo Rei*, de Sófocles.

preceitos da psicanálise, de forma a evitar os complexos em geral, inclusive e sobretudo o de Édipo. Sobre esta questão, é importante destacar que a leitura feita dos complexos freudianos era preventiva, fruto de uma relação muito próxima entre a educação e a higiene mental que perdurou nas colunas e artigos de aconselhamento aos pais da imprensa carioca pelo menos até o final da década de 1950. Assim, o complexo de Édipo era encarado como um mal que poderia ser evitado, desde que aplicada a profilaxia correta.

Este tipo de leitura pode ser percebida em um bem humorado artigo intitulado “O americano e o micróbio”, publicado na revista *Careta*, em que o autor, que se autodenominava como Dr. Sá Bichão, falava do pânico dos norte-americanos com micróbios, sua excessiva preocupação com a higiene de todos os tipos e em todos os sentidos, assim como sua docilidade em relação às novas descobertas da medicina e da ciência em geral. No contexto norte-americano, a psicanálise teria sido popularizada pelos jornais em “axiomas da vida prática”, de maneira que os pais já não hesitavam em enviar os filhos aos internatos, a fim de que eles não se arrissem a contrair “como doença contagiosa e incurável, o temível ‘complexo de Édipo’” (DR. SÁ BICHÃO, 1940: 30, 39).

Neste período, além das colunas de aconselhamento aos leitores sobre cuidados médicos em geral, puericultura, educação infantil e questões sentimentais, já tradicionais neste tipo de impresso, também se tornaram populares as colunas especificamente voltadas para responder às questões psicológicas postas pelos leitores. Por questões psicológicas estamos considerando aquelas que tratavam sobre a personalidade, a subjetividade do indivíduo e sua relação com a sociedade. É certo que estas colunas de aconselhamento psicológico não eram uma novidade, pois já vinham sendo desenvolvidas por divulgadores das teorias psicanalíticas como Gastão Pereira da Silva, desde a década de 1930. Contudo, a partir de 1940 tais colunas tiveram um crescimento numérico significativo, com expressiva ênfase em questões ligadas à educação infantil na família e com clara referência a uma diversidade de teorias, além da própria psicanálise.

Na coluna de aconselhamentos do jornal *A Noite* denominada “É o seu caso?”, que era atribuída ao psicólogo norte-americano Lawrence Gould, eram respondidas a questões de cunho psicológico que poderiam interessar a boa parte dos leitores. Dentre estas, encontramos perguntas sobre a relação de ciúmes entre filhos e mães, filhas e pais, onde o autor da coluna procurava fugir à explicação de fundo sexual para o complexo de Édipo, apresentando uma análise na qual a mãe aparecia como primeira fonte de alimento e carinho para a criança e o sentimento de ciúmes ou hostilidade da criança em relação ao pai ou a mãe era explicado como



uma reação normal ao excesso de atenção ou à negligência dos pais (GOULD, 31/03/1950: 16; 12/04/1951:14).

Na coluna de Wolf Rinski chamada “Consultório psicológico”, publicada no *Correio da Manhã*, ele advertia aos pais sobre a importância dos conhecimentos psicológicos e psicanalíticos na educação de seus filhos, que seriam “indispensáveis para poupar de distúrbios psíquicos e mentais às nossas crianças. O chamado complexo de Édipo é um deles”. Estes distúrbios seriam responsáveis por causar “complicações desastrosas na vida afetiva do jovem, e mais tarde na sua vida adulta”, mas poderiam ser facilmente solucionáveis pelo conhecimento da psicologia (RINSKI, 1955: 36). Em outro texto, publicado no ano seguinte, o autor definia o significado do termo “complexo” para a psicanálise e citava vários, como o de Édipo e o de frustração (RINSKI, 1956: 34).

Nas colunas dos anos de 1950, a relação entre os complexos freudianos e a educação das crianças era muito forte. Em alguns casos, era defendida a ideia de que os pais, por medo de criar um complexo no filho, seja este qual for, “de Édipo, inferioridade, eunuco [*sic*], disso ou daquilo”, deixavam de castigar as crianças, que por isso cresciam rebeldes e indisciplinadas. Citando o psicólogo americano Henry Davidson, o comentador Al Netto dizia que não castigar as faltas das crianças também era uma forma de criar um complexo, no caso de superioridade. Como solução para o dilema, o comentador retornava ao velho lema positivista de que sem disciplina não há ordem e sem esta não há progresso (AL NETTO, 24/03/1952: 8). O caráter preventivo, atravessado por conceitos da higiene mental, estava presente em muitos dos artigos e colunas que tratavam sobre o risco dos complexos na educação infantil. Um caso que destoava do discurso profilático na educação apareceu em “Consultório psicanalítico”, coluna do jornal *Diário da Noite*, como resposta a uma carta de leitor. Nesta coluna, o autor apresentava o complexo como uma fase normal no desenvolvimento da criança, que só precisaria de uma intervenção de um especialista se o complexo não fosse superado, permanecendo até a idade adulta (M. R., 15/09/1952: 4).

Os exemplos citados são representativos de uma forte tendência percebida nos impressos, das décadas de 1940 e 1950, que foram analisados, de combinar a psicanálise com a higiene mental e a pedagogia com intuito de formar pais e mestres desejosos de uma educação para seus filhos e alunos que se preocupasse não só com os aspectos físicos e intelectuais, mas sobretudo psicológicos. Essa tendência participava dos debates iniciados no final dos anos de 1920, e ainda presentes nas décadas subsequentes, sobre a constituição de uma pedagogia científica alicerçada na psicologia.

Todas essas colunas de aconselhamento em jornais e revistas representaram um espaço privilegiado para a circulação das teorias freudianas. Dentre os mediadores que escreviam em colunas fixas – Edmundo Moniz, Álvaro Vieira, Wolf Rinsk e Leonídio Ribeiro – divulgando e rechaçando teorias diversas, destaco o médico Gastão Pereira da Silva (1896(8) -1987) como intelectual mediador na circulação da psicanálise. Segundo Marcondes, ele foi um dos primeiros a se dedicar à divulgação da psicanálise no Brasil. Ao longo das décadas de 1930 a 1970, ele escreveu em revistas e jornais sobre temas variados em sua relação com a psicanálise, além de publicar livros de divulgação e apresentar programas radiofônicos e peças de teatro que foram importantes na mediação cultural da psicanálise para um público mais amplo (MARCONDES, 2015: 2).

Gastão manteve uma produção ampla de artigos em revistas da capital federal, principalmente nas décadas de 1930 e 1940. Na revista *Vamos Lêr!*, sua participação se deu entre os anos de 1939 e 1943 com as seguintes colunas: “Uma Página Para as Mães”, “Psicologia da Vida Cotidiana”, “Doentes Célebres”, “A Vida Amorosa dos Animais”, “Criminosos Célebres” e “A Guerra Através da Biografia”. Algumas destas colunas deram origem a livros de Gastão publicados nos anos de 1940, como *Conheça seu filho*, *Doentes célebres* e *Os bichos amam assim*. O autor também escreveu artigos para a revista *Dom Casmurro*, entre 1939 e 1946, nem todos sobre psicanálise, e para *Seleções Sexuais*, na década de 1950 (MARCONDES, 2015: 49-52). Estas colunas tratavam da interrelação da psicanálise com áreas diversas como a criminologia, a educação infantil, a psicologia e a literatura.

Em seus artigos publicados nas citadas revistas como também nos livros anteriormente mencionados, Gastão desenvolveu práticas de mediação cultural da psicanálise por meio de textos didáticos que visavam o caráter formativo deste novo tipo de público leitor, interessado em questões psicológicas e em aprofundar o conhecimento sobre si. Nas suas produções de caráter biográfico, ele se aproximava do trabalho empreendido por Araújo Lima, ao publicar biografias psicanalíticas que buscavam compreender a personalidade de um indivíduo em relação às suas neuroses, motivo pelo qual seus trabalhos foram escolhidos para serem analisados neste capítulo.

Na revista *Vamos Lêr!* ele desenvolveu análises biográficas, a partir das teorias psicanalíticas, de personalidades das artes, política ou que se destacaram por crimes considerados bárbaros. Na coluna “Doentes Célebres”, da citada revista, Gastão publicou um artigo onde analisava o escritor russo Fiódor Dostoiévski e sua obra. Para o psicanalista brasileiro, o autor de *Crime e castigo* era um “pintor de almas e de caracteres”, que conhecia a

todas porque as vivenciava enquanto escrevia. A obra do romancista foi descrita por Gastão como um “tratado de medicina mental”, uma verdadeira “galeria de personagens mórbidos” que refletia a personalidade de Dostoiévski, sendo uma “projeção do seu próprio ‘eu’ atormentado” (SILVA, 1941: 28). Diferente de outros autores que no mesmo período discutiam nos jornais e revistas a enfermidade do escritor russo, Gastão não centrava sua análise na epilepsia como causa fundamental do sofrimento do criador de *Os demônios*. Para ele, a real causa do padecimento de Dostoiévski era um intenso “complexo de Édipo” sofrido na infância. A análise de Gastão era fortemente inspirada na realizada por Freud em *Dostoiévski e o parricídio*, de 1928. Segundo o psicanalista, o romancista russo sofria de um forte “complexo de culpa” mal resolvido, o que ocasionara um mecanismo de “autopunição”, que incluía as crises epiléticas surgidas após a morte do pai. Assim, o autor brasileiro concluía que o romancista russo seria uma espécie de parricida por intenção inconsciente (SILVA, 1941: 52).

Na década de 1950, Gastão também se destacava por manter um programa radiofônico chamado “No mundo dos sonhos”, que era apresentado todos os sábados pela Rádio Nacional. Neste, o autor respondia às cartas dos ouvintes sobre seus sonhos, procurando interpretá-los. Porém, como nem todas as cartas eram respondidas no rádio pela falta de tempo, as respostas de muitas delas eram publicada na revista *Carioca*, na coluna “Respondendo aos ouvintes de ‘No mundo dos sonhos’”; nesta, eram frequentes as explicações sobre o complexo de Édipo a partir dos sonhos dos leitores correspondentes (SILVA, 1952: 58).

As colunas assinadas por Gastão, portanto, tratavam de temáticas variadas que abarcavam desde a educação infantil – no formato de conselhos para as mães sobre a melhor forma de evitar traumas na infância e formar indivíduos fortes – até as análises biográficas de escritores, suas obras e neuroses, como o caso acima citado de Dostoiévski. Nos jornais e revistas consultados, a literatura, assim como as áreas da criminologia e da educação, anteriormente apresentadas, foi amplamente relacionada com a psicanálise por G. Pereira da Silva e outros intelectuais mediadores. Para esta pesquisa, a relação entre a psicanálise e as áreas citadas tem fundamental importância por ter sido uma das formas utilizadas por Araújo Lima na sua prática de mediação cultural em romances e biografias. Entre o final dos anos de 1930 e início da década seguinte, textos em formatos variados como os romances introspectivos, as biografias psicanalíticas, os contos e críticas literárias, que se inspiraram na obra de Freud, foram amplamente divulgados em jornais e revistas.

Dentre as obras influenciadas pela psicanálise, que foram divulgadas e/ou comentadas nos citados veículos de informação, temos os romances escritos por José Augusto de Lima

(*Casa de saúde*), Sérgio Millet (*Roberto*), Cyro dos Anjos (*O amanuense Belmiro*), Dyonélio Machado (*O louco do Cati*), Cláudio de Araújo Lima (*A bruxa*) etc.; dos quais voltaremos a tratar no quarto capítulo. E também ensaios críticos, biografias, memórias e patografias como as publicadas por Américo Valério (*Machado de Assis e a psicanálise*) e Rodrigo Otávio (*Minhas memórias dos outros*), dentre outros (LYRA, 1938: 2; *JORNAL DO BRASIL*, 08/06/1934: 21; LEÃO, 1934; *CORREIO DA MANHÃ*, 11/04/1959: 7). Estes livros apareciam nas páginas de jornais e revistas em anúncios ou nos textos dos críticos literários. Estes, por sua vez, faziam uma nova apropriação das teorias de Freud, a partir da leitura do livro em questão articulada às suas próprias leituras sobre o tema, assim como a seus posicionamentos políticos e culturais. Deste modo, estes mediadores formavam um público leitor para este tipo de literatura ou, por vezes, alertavam para os perigos implícitos nestas obras, provenientes dos excessos da teoria psicanalítica.

Assim como nas colunas de aconselhamento psicológico, anteriormente citadas, o conceito do complexo de Édipo foi bastante apropriado em biografias psicanalíticas e artigos que buscavam analisar a personalidade de autores a partir de elementos presentes em sua obra. São exemplos os seguintes textos, divulgados em jornais e revistas, que atribuíam a conhecidos nomes da literatura neuroses derivadas de um complexo de Édipo não resolvido: “A timidez de Machado de Assis e a de Amiel” (PEREGRINO JR. 1941: 129-139); “Loucos, médicos e ... viúvas em Machado de Assis” (BERARDINELLI, 20/03/1949: 2); “Ensaio sobre a obsessão homicida de Dostoievski” (PALEOLOGO, 24/12/1944: 3); “A tragédia de Dostoievski” (MONIZ, 18/11/1944: 8; 41); “O gênio enigmático de Poe” (PALEOLOGO, 11/04/1948: 1); “Marcel Proust e o amor” (Jafa, 07/08/1949: 12); “Proust e Rilke” (GOMES, 17/12/1950: 1; 4). Também é exemplo deste tipo de circulação das teorias de Freud a biografia psicanalítica de Eça de Queiroz, escrita por Constantino Paleologo, e comentada por Sérgio Millet, sendo considerada uma obra de especialista freudiano combinada com uma apurada análise de crítico literário (MILLET, 01 e 02/01/1949: 13).

A circulação da teoria psicanalítica, neste tipo de texto biográfico, também pode ser evidenciada no livro *Eu fui médico de Hitler*, de Kurt Krueger, traduzido pela editora Calvino, em 1942<sup>74</sup>, que foi amplamente divulgado pelo jornal *Correio da Manhã*. Nas propagandas sobre o livro era destacada a capacidade do autor em mostrar a “alma do chacal dissecada à luz da psicanálise” (*CORREIO DA MANHÃ*, 23/09/1942: 5). Em um artigo do mesmo jornal,

---

<sup>74</sup> Este livro, assim como *Educando para a morte*, lançado no mesmo ano, fazia parte da Coleção Antinazista da editora.

também de 1942, Maurício de Medeiros, que na ocasião era apresentado como membro da Sociedade de Psicologia de Paris, fez uma análise entusiasmada deste livro como um valioso material de elucidação dos horrores do nazismo a partir de uma análise psicanalítica de seu líder máximo, Adolf Hitler. O livro foi escrito pelo médico que foi psicanalista de Hitler durante 15 anos. Segundo Medeiros, Hitler teria sido encaminhado ao dr. Krueger para resolver um problema sexual que o incomodava, sendo diagnosticado pelo psicanalista como sofrendo de um complexo de Édipo, o que era explicado pelo ódio que tinha de seu pai, a insatisfação com o relacionamento amoroso de sua mãe com um judeu e a sua atração pelas mulheres judias. Tudo isto levava a uma “consequente reação defensiva, sua revolta contra essa raça ditada pelo misto complexo de inferioridade em face das qualidades criadoras e viris dos judeus” (MEDEIROS, 1942: 6).

Outro exemplo é o artigo intitulado “Amiel, o diário e o casamento” escrito por Francisco Barbosa de Rezende, em 1946, em que discutia o drama do escritor Henri Frédéric Amiel (1821-1881), a partir de uma análise do livro que o médico espanhol Gregorio Marañón (1887-1960) escreveu sobre Amiel. Para Rezende, o médico espanhol se utilizou de teorias “naturalistas” – a psicanálise e a biogenética – para analisar o comportamento celibatário, solitário e recluso do escritor. Da psicanálise, Marañón teria utilizado a teoria do complexo de Édipo para justificar a aversão de Amiel ao casamento. Este “não casou porque não encontrou uma mulher cuja imagem correspondesse à imagem da mulher ideal que ele levava no inconsciente. Esta mulher ideal era sua mãe”. E seguindo as teorias da biogenética segundo Haeckel, Marañón defendeu que a “diferenciação progressiva do instinto sexual se verifica tanto na filogenia como na ontogenia.” E assim, “pelos mesmos motivos que a humanidade passou da poligamia à monogamia, passa o indivíduo da indiferenciação do instinto sexual até a completa especificação do seu objeto” (REZENDE, 1946: 1).

Para Resende, se concordássemos com a última assertiva de Marañón, teríamos que admitir que a humanidade, em seu “processo evolutivo rumo à perfeição”, seria dentro em breve formada em sua maior parte por solteirões. Sua hipótese para o caso de Amiel era a de que este não conseguiu alcançar o equilíbrio entre a vida privada e a pública, introspecção e extroversão, tornando-se ao mesmo tempo algoz e vítima de seu processo de autoanálise, realizado em seus diários íntimos. Tal movimento de profunda introspecção teria limitado e mesmo eliminado toda possibilidade de que este pudesse conviver em sociedade. Rezende, em sua análise do caso de Amiel refutou o uso da psicanálise, como fez Marañón, e se utilizou das teorias de Jung

sobre as forças antagônicas presentes no homem – interior e exterior –, que precisariam se autorregular para que o indivíduo goze de uma vida saudável (REZENDE, 1946: 1).

Este tipo de biografia médica (patografia) ou psicanalítica teve muita força no mercado editorial brasileiro durante as décadas de 1930 e 1940, apesar de já ser fortemente criticada neste último período, como aprofundaremos no último capítulo desta tese, a partir das patografias escritas por Araújo Lima. Uma das principais críticas em relação às biografias psicanalíticas dizia respeito a necessidade excessiva de explicar a vida e obra de um artista por critérios puramente psicológicos. Frente a este tipo de crítica, Hélios Pereira da Silva, que como vimos, escreveu sobre a relação entre a vida, a obra e os complexos psicológicos de Machado de Assis, se posicionou a favor deste tipo de literatura. Para ele, a obra de Freud era de grande importância para a literatura. Na coluna “O que a mulher deve ler” publicada no *Diário Carioca*, ele dizia que a psicanálise e a literatura eram, naquele momento, temas entrelaçados, pois “não se pode, a não ser com prejuízo para uma compreensão mais exata de quem escreve, estudar a manifestação literária desprezando os métodos freudianos”. Ele citava como exemplo a “mensagem interior” presente na obra de Proust e de outros proustianos, que, sem a psicanálise, não poderia ser conhecida integralmente (SILVA, 1951: 12).

Apesar das críticas a este tipo de texto literário, as patografias e biografias psicanalíticas ou psicológicas continuaram a ser publicadas nas décadas seguintes por serem muito populares. Nestas biografias, o complexo de Édipo continuava a ser destacado como um dos fatores do desajustamento e sofrimento psicológico por parte de grandes nomes da literatura nacional e internacional. Em um texto crítico de 1951, o jornalista Saldanha Coelho chamava atenção sobre o retorno à esta tendência literária, que ele considerava como desacreditada desde a década de 1940. Naquela ocasião Saldanha comentava o livro de ensaios *Machado, Poe e Dostoievski*, publicado em uma edição da *Revista Branca* de 1950, onde Constantino Paleologo ressaltava as perturbações psicológicas destes escritores, destacando dentre elas o evidente complexo de Édipo sofrido pelos três e representado nas suas obras (COELHO, 1951: 10). Em outra crítica literária, também dos anos de 1950, o comentarista do jornal *Correio da Manhã* tratava sobre a reedição da biografia sobre Edgar Allan Poe (1809-1849), em comemoração aos 150 anos de seu nascimento, escrita pela psicanalista Marie Bonaparte (1882-1962). O comentarista sublinhava a ligação da autora com Freud e sua tese central sobre o complexo de Édipo sofrido por Poe, que o fizera deslumbrado por toda vida pela lembrança do cadáver de sua mãe morta, daí a inspiração macabra para suas obras (*CORREIO DA MANHÃ*, 23/05/1959: 9).

Além dos romances e biografias, outro gênero literário – o conto – foi bastante influenciado pelas teorias de Freud, desde a década de 1930 e ao longo das duas seguintes. Os contos eram publicados em jornais e revistas, onde a psicanálise era apresentada como parte da cultura ocidental, com Freud tornando-se um personagem corrente do imaginário popular. Ele já não dependia de apresentações, nem suas teorias de profundas explicações; pelo contrário, já havia o dito popular de que “Freud explica”. São exemplos os contos: “Inferioridade”, de Antônio Carlos Callado (CALLADO, 1934: 16, 18); “Sonhos e pesadelos de veranistas”, de Fábio Leite Lobo (LOBO, 1938: 25); “Moléstias nervosas”, de Silvia Patrícia (*CORREIO DA MANHÃ*, 16/01/1944: 3) e “O Tímido” (*CARETA*, 17/03/1956: 30-31). Nos contos de Raquel de Queirós, publicados na revista *O Cruzeiro*, a autora utilizava o termo “complexo de Édipo” de inúmeras formas, mesmo para animais como o tímido e assustado cãozinho Oscar, sempre protegido pela cadela Salomé. Em um destes contos, intitulado “Macabra”, a autora afirmava: “Todo pai esclarecido, hoje em dia, toma um cuidado especial em não botar complexo nos filhos, mormente complexo de Édipo em filho homem – isto é fazer dele seu rival e inimigo no amor da mãe”. Entretanto, a autora questionava o fato de “ninguém se lembra(r) que o complexo de Édipo tem o seu direito e o seu avesso, e tanto quanto o filho pode odiar o pai por amor à mãe, assim pode o pai odiar o filho por motivo idêntico”. A este complexo ainda não estudado, a autora deu o nome de “complexo de Saturno”, em homenagem ao deus que devorava os filhos logo após seu nascimento (QUEIRÓS, 04/10/1947: 90).

Até aqui discutimos a psicanálise relacionada a três áreas do conhecimento – a criminologia, a educação e a literatura – ao mesmo tempo em que era apresentada em formatos textuais diversos como ensaios, colunas de aconselhamento, romances, biografias e contos, os quais representam esforços e práticas variadas de mediação cultural produzidas pelos divulgadores. Além dessas manifestações escritas e impressas, a psicanálise aparecia também em peças teatrais e filmes, os quais eram amplamente divulgados em jornais e revistas. Os meios teatrais e cinematográficos eram duas formas de arte e comunicação que ganhavam cada vez mais espaços físicos e interesse entre a população carioca. Algumas das peças de teatro e filmes que centravam na questão do complexo de Édipo começaram a ser exibidos ainda na década de 1940, como “Que sabe você de amor?”, filme definido como “uma alfinetante charge, (...) situada entre a falsa psicanálise, e a epidemia do divórcio, que agora encontra um argumento impenetrável nas teorias dos confusos psicanalistas” (*CORREIO DA MANHÃ*, 17/07/1941: 8). Outros exemplos de filmes que trataram sobre a mesma questão, já na década de 1950, eram “Fúria Sanguinária”, cujo personagem principal era um gangster paranoico que

sofria de um terrível complexo de Édipo (*DIÁRIO CARIOCA*, 10/08/1950: 7) e o filme “Maré de destino” (*CORREIO DA MANHÃ*, 16/03/1958: 5º caderno, p. 1).

No teatro nacional, o desenvolvimento de peças que tocavam nesta temática, no período, foi amplo. Temos como exemplos a peça “Assim falou Freud”, que estreou em 1950, no teatro de bolso, como uma sátira bem-humorada baseada quase exclusivamente no livro *A interpretação dos sonhos*, de Freud (*O CRUZEIRO*, 1950: 37); a sátira chamada “Deu Freud contra”, escrita por Silveira Sampaio sobre o complexo de Édipo, encenada também no teatro de bolso (ACCIOLY NETTO, A., 1952: 29). E também a peça “Laio se matou”, uma adaptação da tragédia *Édipo Rei* para o contexto de uma comunidade negra. Ela foi escrita por Augusto Boal e estrelada por Abdias Nascimento, utilizando a concepção freudiana para discutir o complexo de Édipo pela ótica do pai, Laio (*DIÁRIO CARIOCA*, 09/04/1952: 6); da mesma forma, a comédia “A bruxa”, criada por Nestor de Holanda, falava sobre o complexo de Édipo (*CORREIO DA MANHÃ*, 14/05/1953, p. 11).

A comédia teatral de Jota Gama, chamada “As loucuras de mamãe”, narrava a história de uma mãe que, após aulas de psicologia e psicanálise, descobriu que seus filhos adultos sofriam de complexo de Édipo e tentou tratá-los à sua maneira, causando muita confusão (*JORNAL DO BRASIL*, 06/04/1957: 10). E mesmo a própria tragédia escrita por Sófocles, *Édipo Rei*, foi reencenada no teatro nacional, em uma tradução do original grego feita por Guilherme de Almeida (*CORREIO DA MANHÃ*, 19/09/1959: 4). Estas, bem como outras peças teatrais do período, contribuíram para a maior circulação das teorias psicanalíticas no contexto carioca, em especial para as discussões sobre o conceito do complexo de Édipo. Em 1957, Elizabeth Huggins escreveu no jornal *Diário Carioca* um comentário sobre a peça de Nelson Rodrigues “Perdoa-me por me traíres”, que estava sendo considerada como “amoral” e indigna de ser apresentada no Teatro Municipal. A comentadora fez uma análise favorável e entusiasmada da peça. Em seu texto, ela observava que o que fez Nelson Rodrigues foi dar forma humana e nome próprio, no palco, para as três instâncias formadoras do psiquismo humano, segundo a psicanálise: “Id, Ego e Superego”. Sobre a acusação da peça ferir a boa moral, ela afirmava que “qualquer criança hoje em dia fala de complexo de Édipo sem que ninguém se lembre de chamá-la de tarada. Édipo é, todavia, o drama incestuoso mais comum e mais lancinante da natureza humana”. Ele é o “núcleo de toda a neurose” e segundo os psicanalistas “somos todos neuróticos nessa era de alta tensão” (HUGGINS, 1957: 3).

Para Otto Maria Carpeaux, Freud deu nova vida à tragédia *Édipo Rei*, porém ele observava que, frente à ampla circulação das teorias de Freud em meios literários, teatrais e



cinematográficos, a interpretação psicanalítica do mito e da tragédia trazia consigo como problema fundamental a possibilidade de qualquer um transpor tal interpretação da arte para a vida, utilizando-as para explicar “os monstros de sua própria imaginação”. Ele enfatizava que nas “mãos sacrílegas de biógrafos, o complexo de Édipo já serviu para explicar tudo”. E, ao mesmo tempo, eram “numerosos demais os dramaturgos e romancistas contemporâneos que construíram seus enredos, deliberadamente, à base da teoria freudiana, deixando aos críticos o trabalho de descobri-la dentro da peça ou do romance” (CARPEAUX, 1956: 7).

Os exemplos de filmes e peças teatrais apresentados servem para demonstrar como o conceito psicanalítico do complexo de Édipo foi apropriado, ressignificado e divulgado sobretudo, nos anos 50, em enredos de comédias, farsas ou tragédias que o tornaram ainda mais popular, assim como a própria psicanálise. Ao mesmo tempo, que, por essa via, esse termo freudiano adentrava as páginas dos jornais e revistas, ele parecia ganhar vida própria, sendo incorporado ao vocabulário corrente e, ganhando certa independência em relação ao seu criador, de modo que já não era preciso ler Freud para compreender e usar o conceito psicanalítico do complexo de Édipo.

Além das vias anteriormente analisada, a circulação da psicanálise também se desenvolveu por meio de ensaios e artigos críticos as teorias de Freud, que foram mais frequentes na imprensa carioca, sobretudo na década de 1940. Estas críticas à psicanálise eram provenientes de vertentes diversas, porém, não eram excludentes, aparecendo em alguns momentos de forma combinada. Assim temos uma vertente de oposição, proveniente dos estudos da antropologia cultural, ao caráter universalista e generalista da obra de Freud; e o rechaço por parte da Igreja Católica, principalmente ao caráter sexual do conceito de complexo de Édipo.

Na década de 1940, algumas críticas à psicanálise, feitas por etnólogos e antropólogos em períodos anteriores, começaram a repercutir na imprensa brasileira. A crítica que teve mais notoriedade foi a do antropólogo polonês naturalizado inglês Bronislaw Malinowski (1884-1942), que, em seu livro *Sex and Repression in Savage Society*, de 1927, defendeu que o complexo de Édipo não era universal, ao contrário do que Freud afirmava em *Totem e tabu*. Em sua pesquisa entre os Trobriandisulanos do Pacífico Sul, Malinowski concluiu que eles não conheciam o pai biológico e que a sociedade se organizava de maneira matrilinear. Isso levou o antropólogo a concluir que os complexos são sujeitos à organização social-econômica da sociedade, e que o complexo de Édipo na forma descrita por Freud só se aplicaria à sociedade europeia do século XX (MALINOWSKI, 1978; SMADJA, 2018: 25-32).

Em um comentário escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre, em 1941, no *Correio da Manhã*, a respeito de um artigo do sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974) sobre a psicanálise do cafuné, ele começava seu texto convocando os detratores da psicanálise, aqueles que anunciavam sua morte como certa, que lessem tal artigo. Este era de certa forma uma resposta do sociólogo brasileiro às críticas dos antropólogos anteriormente mencionadas, que já repercutiam entre intelectuais brasileiros. Neste trabalho, Bastide teria observado, segundo Freyre, que dentro do ambiente de censura e recalque sexual da sociedade colonial brasileira, escravocrata e patriarcal, as sinhás, impedidas de dar vazão à sua libido por casamentos de conveniência que não lhes proporcionavam satisfação, vivenciavam o gozo através do cafuné feito pelas suas mucamas negras ou mulatas. Concluía ele que “o cafuné foi, portanto, o substituto dos divertimentos lésbicos. E por isso mesmo ele teve uma função útil, pois representou uma salvaguarda da moral”. Para Freyre, aquele trabalho de Bastide era uma contribuição de grande valor para o conhecimento da vida íntima e da psicologia da mulher no período colonial. Ele ressaltava que, com este estudo, o autor conseguiu unir a psicanálise e a sociologia através de um único caso. Ele também afirmava que, por meio deste estudo e por outros, era possível comprovar que “a psicanálise, em vez de morta, continua a fecundar não só a psiquiatria, como a psicologia social, como a própria sociologia”. Ela estabelecia uma rede de cooperação com estas e outras ciências no estudo, no esclarecimento e na interpretação de problemas psicológicos e sociológicos de grande complexidade (FREYRE, 1941: 2). O estudo sociológico de Bastide seguia na contramão às críticas apresentadas por antropólogos e etnólogos às considerações feitas por Freud, como mencionado acima.

Sobre esta questão, o crítico literário Otto Maria Carpeaux escreveu um artigo na sua coluna semanal do *Correio da Manhã*, em que se baseava tanto nos estudos de antropologia como nas críticas apresentadas por intelectuais marxistas. Carpeaux defendia que o século XX deveria ser considerado como sendo o século do “subconsciente”. Ele está em toda parte, “livra-nos de tudo o que foi, até de coisas das quais não queríamos ser livres”. Para o crítico, a literatura era uma das principais responsáveis por tamanha difusão. “O romance de Proust, Svevo, Joyce, Woolf, dissolve a realidade e as almas em correntes subliminares”, de maneira que mesmo “a própria psicologia científica fica dominada pela sombra acreônica de Freud”. Porém, as discussões sobre a psicanálise publicadas na revista *Sob a bandeira do marxismo* demonstravam um enfraquecimento da hegemonia daquela disciplina na Europa e EUA. Esta revista reuniu artigos e comentários de intelectuais como o antropólogo e linguista americano de origem judaica Edward Sapir, Edgar Alexander, Jurinetz, Deborin, o psicanalista William

Reich, Francis Bartlett e o antropólogo Malinowski, citado acima. Assim, se, por um lado, a psicanálise afirmava “a invariabilidade da essência subconsciente do homem instintivo”, a dialética histórica recusava tal ideia (CARPEAUX, 01/11/1942: 1).

Para o crítico literário, o meio social em que a psicanálise nasceu era o da pequena burguesia judaica vienense, frequentadora dos salões, óperas e saraus literários, porém alijada da vida pública pelo movimento austríaco antisemita, precursor do nacional-socialismo. Freud teria sido médico de parte dessa elite burguesa da Viena da virada do século. Com base neste argumento de origem marxista, provavelmente sustentado na citada revista *Sob a bandeira...*, Carpeaux defendia que as discussões sobre a “realidade psicológica”, que eram frequentes nas revistas e livros publicados na época, na verdade serviam para distrair da outra realidade, a “realidade social”. “À perda da realidade corresponde sempre uma nevrose de angústia; e a nevrose dos psicanalistas é consequência da perda da realidade social” (CARPEAUX, 01/11/1942: 1-2; 08/11/1942: 1).

A ideia de que a psicanálise caíra em descrédito frente às críticas dos etnologistas também já havia aparecido em um número da revista católica *A Ordem*, de 1941. Nesta, a crítica que era fundamentalmente religiosa, se concentrava no livro *Totem e tabu* e no conceito do complexo de Édipo, defendendo que os etnólogos haviam conseguido demonstrar o que havia na psicanálise de “arbitrário e novelesco”. Este comentário fazia referência direta aos textos publicados no número de lançamento da revista *Clima*, de São Paulo, onde, em um dos artigos, Rui de Andrada Coelho tratava sobre o complexo de Édipo em Proust (*A ORDEM*, ago. 1941: 90-91).

As críticas provenientes de vertentes católicas também estiveram presentes no jornal *Correio da Manhã*, que noticiou o fato da obra de Freud ter sido analisada por um órgão semioficial do Vaticano denominado Observatório Romano, que a qualificou de “não científica e grotesca” em se tratando de sua interpretação sobre a religião. Ela foi considerada “um dos mais sérios sintomas de uma civilização em dissolução e decadência”. Nesta mesma matéria, um antigo professor da Universidade de Florença declarava que a teoria do complexo de Édipo, na qual a humanidade era descrita como tendo uma forte tendência inata para o “parricídio, canibalismo e incesto”, demonstrava o desconhecimento de Freud sobre as religiões, e, do ponto de vista da ética e da moral, evidenciava a “pobreza da mente” que concebeu tal postulado. A

matéria também enfatizava a quase completa erradicação da psicanálise na Itália pelo regime fascista (*CORREIO DA MANHÃ*, 28/02/1948: 3)<sup>75</sup>.

A crítica da Igreja ao complexo de Édipo partia principalmente da sua conotação sexual, que implicava no ato do incesto. Theobaldo Miranda utilizou como referência a “escola psicanalítica francesa de Codet, Pichon e Laforgue” para definir o complexo de Édipo como um problema de ordem educacional e que, portanto, poderia ser sanado (SANTOS, 1949: 4). Sérvulo de Mello também criticou a psicanálise, afirmando que Freud era um “desvairado dogmaticista e seus prosélitos, sectaristas, que não concebem as manifestações da natureza nem os valores existenciais do espírito fora do estrito princípio pansexualista, dentro do qual pretendem aprisionar a vida”. Ele defendia a ideia de que a psicanálise, enquanto ciência, deveria se concentrar na utilização de seu método terapêutico no tratamento de “anomalias e psiconeuroses de fundo sexual”, deixando de lado a pretensão de se colocar como uma “filosofia total da vida”, uma vez que tal postura vinha causando sérios distúrbios na mentalidade de “homens fanatizados” por ela (MELLO, 1949: 4).

Já na década de 1950, o psiquiatra e professor universitário Mirandolino Caldas escreveu um ensaio crítico à psicanálise intitulado “A psicanálise na teoria e na prática”, que foi publicado em quatro partes nas edições dominicais do *Jornal do Brasil*. Neste ensaio, o autor, que também partia de uma perspectiva católica, defendia a premissa de que, apesar do termo “psicanálise” ser uma das palavras mais conhecidas e mais empregadas no mundo, com uma ampla bibliografia existente sobre o tema, poucos eram aqueles que realmente sabiam o que era a psicanálise. Ele observava que, mesmo a obra de Freud sendo de leitura e compreensão acessível para qualquer indivíduo culto, no Brasil foram poucos os que realmente leram as obras de Freud, a maioria tendo se contentado a ler as obras de seus discípulos e vulgarizadores, que nem sempre teriam traduzido fielmente as ideias do mestre. Também havia o agravante de que, nestas leituras, as interpretações e considerações pessoais dos discípulos e seguidores dissidentes de Freud, como Adler, Jung, Otto Rank, Harry Stack Sullivan e Erich Fromm, que criaram suas próprias correntes psicológicas, continuavam a ser confundidas com a psicanálise, que, para ele, era só a freudiana (CALDAS, 1958: 8).

Outro ponto ressaltado pelo autor era o de que outros pensadores, anteriores a Freud, já haviam tratado das questões do inconsciente e valorizado o instinto sexual, como por exemplo Schopenhauer, Nietzsche e Hartmann. Para ele, a maior novidade apresentada por Freud e a

---

<sup>75</sup> Esta matéria foi escrita, justamente, em um momento que coincidia com um movimento de reorganização das sociedades psicanalíticas na Itália, no período imediato do pós-Segunda Guerra.

pedra fundamental da “igreja do freudismo” era sem dúvida a ideia do complexo de Édipo; este, porém, seria o ponto de maior desacordo e rejeição da psicanálise por outras doutrinas psicológicas e filosóficas. Freud teria criado com a psicanálise um novo homem, e para este uma nova alma que fugiu completamente à dualidade de posicionamentos sobre o estudo do homem, dividida até então entre materialistas e espiritualistas. A ideia de aparelho psíquico ou psiquismo em Freud se afastava da explicação materialista da função psíquica e também da visão espiritualista da influência da alma sobre a conduta humana (CALDAS, 1958: 8).

Nos textos críticos à psicanálise, vimos que intelectuais de posicionamentos políticos e religiosos díspares, como os antropólogos, escritores marxistas e católicos, se utilizaram dos espaços veiculados por jornais e revistas para formar uma opinião pública contrária a alguns postulados defendidos por Freud e seus seguidores, como o complexo de Édipo. Este tipo de texto crítico que poderia ser visto prematuramente apenas como uma forma de divulgação negativa para a psicanálise, é destacado aqui como mais uma via de circulação de tal teoria, que como as outras vias, já mencionadas, também trouxe visibilidade para os conceitos psicanalíticos.

### **3.2 As teorias de Kretschmer em jornais e revistas cariocas**

Desde a década de 1920, médicos, escritores e educadores escreveram sobre as teorias constitucionalistas defendidas pelo psiquiatra alemão Ernest Kretschmer em jornais diários e revistas de variedades, femininas e católicas do Rio de Janeiro. Neste processo, os autores atuaram como intelectuais mediadores, que fizeram a recepção, apropriação e divulgação das teorias para um público leitor mais amplo. Porém, a análise da recepção e apropriação das teorias defendidas por Kretschmer na capital federal é, contudo, mais complexa de ser feita do que a da psicanálise, aqui apresentada. Tal complexidade se deve ao fato da recepção de suas teorias ter se dado em paralelo com outras teorias provenientes da medicina constitucional, todas elas englobadas sob a denominação única de “biotipologia”. Este termo foi utilizado por divulgadores brasileiros como uma espécie de termo guarda-chuva para abarcar teorias independentes, mas que apresentavam pontos em comum, como a “biotipologia humana” criada por Nicola Pende e a caracterologia definida por Kretschmer. Dentre os intelectuais mediadores que foram influentes na circulação da caracterologia kretschmeriana, existiram aqueles que a consideravam como parte da “biotipologia” como o médico Waldemar Berardinelli e outros como uma teoria independente, apesar dos pontos de semelhança, como foi o caso de Araújo Lima. Estas duas formas de análise das teorias de Kretschmer foram divulgadas para um público

mais amplo, por meio de biografias, jornais diários e revistas de variedades, em artigos e colunas que, direta ou indiretamente, buscavam pensar sobre a constituição da personalidade humana.

As teorias de Kretschmer foram apropriadas e ressignificadas com propósitos diversos, inclusive por grupos de intelectuais que defendiam posicionamentos opostos, assim como ocorreu com a psicanálise e com as teorias médico-psicológicas já apresentadas nesta tese. No caso da psiquiatria, temos médicos que pensaram as teorias de Kretschmer enquanto parte da biotipologia, estabelecendo uma ligação direta entre a constituição física do indivíduo com o funcionamento de suas glândulas internas e, por conseguinte, com o temperamento apresentado por este. Assim, por um viés organicista e materialista que estabelecia uma proximidade entre a psiquiatria e a endocrinologia, temos a difusão de uma classificação de tipos físicos baseados em medidas antropométricas, que seriam altamente influenciados pelo funcionamento excessivo ou deficitário dos hormônios, por exemplo, os hiperpituitários. Por outro lado, a análise das fontes nos possibilita afirmar que também existiram intelectuais mediadores médicos, escritores e educadores, especialmente os católicos, mas não apenas estes, que defenderam uma leitura da obra de Kretschmer que seguia um viés oposto a este. Estes intelectuais vislumbraram na caracterologia uma possibilidade de unir corpo e alma, em uma leitura mais metafísica e mesmo espiritualista das doutrinas kretschmerianas. Entre os membros destes dois grupos se destaca a capacidade de mobilizar elementos da citada teoria, que não foram simplesmente divulgados, no sentido de transmitidos, mas ressignificados de acordo com as agendas políticas e intelectuais locais.

Uma das mais destacadas, traduzidas e divulgadas obras de Kretschmer foi o livro *Körperbau und Charakter: Untersuchungen zum Konstitutionsproblem und zur Lehre von den Temperamenten* (*Físico e caráter: estudos sobre o problema da constituição e a teoria dos temperamentos*), publicada em 1921. Tal obra foi de grande relevância para a conformação, na Alemanha, da “caracterologia constitucional dinâmica” ou, simplesmente, caracterologia. Esta corrente estava voltada para o estudo das correlações entre o físico, o caráter e o temperamento enquanto elementos constitutivos da personalidade do indivíduo. Ela visava, sobretudo, relacionar tipos de estruturas morfológicas características do corpo humano com formas de temperamentos correspondentes, por meio das ligações endócrino-humorais e neurovegetativas. Tal linha teórica, porém, se preocupava tanto com os resultados provenientes da interação do indivíduo com as experiências vividas quanto com a influência genética. Contrapondo-se às noções empíricas puramente descritivas, como da paranoia defendida por

Kraepelin, as teorias de Kretschmer, ao mesmo tempo, possibilitavam a explicação de “casos atípicos” que não estavam incluídos na nosologia kraepeliniana. Assim, de modo geral, proporcionaram um deslocamento do foco dos estudos em psiquiatria, que até então partiam da noção de “entidade mórbida”, defendida pelo psiquiatra francês Jean-Pierre Falret (1794-1870), e estudavam seus sintomas e desenvolvimento, para uma análise psicopatológica dos mecanismos que afetariam o indivíduo como um todo (BERCHERIE, 1989: 246-248).

A obra de Kretschmer acima citada estava inscrita na tradição dos estudos de medicina constitucional, desenvolvidos entre o final do século XIX e início do XX em estreita ligação com a antropometria. O interesse da medicina pelo estudo da constituição individual, entretanto, não era algo novo. Ele estava presente na tradição hipocrática e na teoria dos humores desenvolvida por Galeno, fazendo-se notar em acirrados debates que, durante séculos, envolveram os binômios alma e corpo, soma e psique. Tais estudos oitocentistas configuravam uma crítica à medicina experimental e à recém constituída microbiologia e um retorno à anterior visão, denominada de “humanista”, da prática médica. O programa de pesquisa desta medicina constitucional moderna visava conhecer a patologia humana por completo, utilizando-se de instrumentos de medição, da matemática e principalmente da estatística para determinar as diferenças entre os indivíduos. Três princípios eram fundamentais neste programa: primeiro, identificar os tipos de temperamento e a constituição humana; a seguir, medir o nível de reatividade e suscetibilidade frente à ação de agentes patogênicos e, por fim, demonstrar que determinados tipos físicos estariam predispostos ao desenvolvimento de determinadas doenças. Assim, no século XIX, o tema da constituição enquanto a “matéria do temperamento” e deste último enquanto “um modo especial da constituição” voltou a fazer parte das discussões dos círculos médicos, principalmente com o desenvolvimento da fisiologia e patologia, em países como a França, a Itália e a Alemanha (ALBRIZIO, 2007: 112-113).

Na França, o interesse pela constituição humana levou ao desenvolvimento de estudos morfológicos desenvolvidos por Jean-Noel Hallé (1754-1822), Auguste Chaillou (1866-1915) e Léon Mac-Auliff (1876-1937). Estes estudos das formas e tipos humanos ganharam maior relevância dentro da medicina francesa a partir da década de 1930, quando foi criada em Paris a Société de Biotypologie e passou a ser publicado o periódico *Biotypologie*. Neste contexto, destacavam-se os trabalhos de Marcel Martiny (1897-1982) sobre um novo método de mensuração para a classificação de diferentes tipos humanos, denominado de biotipometria (ALBRIZIO, 2007: 112-113).

Já na Itália, um dos protagonistas no desenvolvimento desta área médica foi Achille De Giovanni (1838-1916), que introduziu o sistema da antropometria na clínica como método descritivo e também como suporte para diagnosticar, prevenir doenças e propor formas de terapia. Para ele, o foco de atenção da medicina deveria ser o indivíduo e não as doenças. Sua postura representava um claro retorno à doutrina hipocrática e galênica em contraposição ao paradigma microbiológico, uma vez que De Giovanni identificava fatores constitucionais como possíveis causadores de uma série de doenças. Entre seus discípulos e seguidores estiveram Giacinto Viola (1870-1943), que aperfeiçoou o método antropométrico desenvolvido por De Giovanni, incorporando a este o uso da estatística, e Nicola Pende (1880-1970), que desenvolveu uma doutrina constitucional que abarcava os campos da endocrinologia e da psicologia, uma vez que procurava descrever diferentes tipos de temperamentos diretamente relacionados aos hormônios, sendo considerado o criador de uma nova ciência – a biotipologia humana –, que procurava identificar no “biótipo individual” o que Pende considerava suas características básicas, o *habitus*, o temperamento, o caráter e a inteligência (ALBRIZIO, 2007: 115-118).

Na Alemanha, os principais defensores da medicina constitucional foram Friedrich Wilhelm Beneke (1824-1882), Friedrich Kraus (1858-1936), o austríaco Friedrich von Martius (1850-1923) e Kretschmer na área da psiquiatria. Os estudos deste último, inspirados pela medicina constitucional e aplicados às áreas da psiquiatria e da psicologia com o intuito de desenvolver uma classificação de tipos psicofísicos, não foram uma iniciativa isolada. Eles fazem parte de um contexto mais amplo de pesquisas desenvolvidas entre as décadas de 1910 e 1940, envolvendo estudiosos dos campos da filosofia, psiquiatria e psicologia que procuravam desenvolver tipologias da personalidade humana<sup>76</sup>.

O estudo desenvolvido por Kretschmer no livro *Körperbau und Charakter* procurava observar características físicas que eram frequentes em determinadas patologias mentais, buscando demonstrar quanto as deduções gerais da psicologia experimental, com base nas teorias do médico, filósofo e psicólogo alemão Wilhelm Wundt (1832-1920), eram inadequadas para o conhecimento do homem (SANTOS, s.d.: 460-462). Seu método de medida do corpo

---

<sup>76</sup> Como exemplos podemos citar: a tipologia definida pelo psicólogo alemão Erich R. Jaensch (1883-1940), baseada na integração ou desintegração das funções psíquicas relativas ao pensamento, à emoção, à vontade, à representação etc... Os tipos introvertido e extrovertido segundo Jung, fundamentados nas relações que o “eu” mantinha com o consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo; e os seis tipos ideais definidos pelo psicólogo alemão Eduard Spranger (1882-1963) que eram o homem teórico, o econômico, o estético, o social, o político e o religioso. Também temos a obra do filósofo e psicólogo alemão Ludwig Klages (1872-1956), baseada na caracterologia e na grafologia, onde ele diferenciava no indivíduo o lado orgânico, o anímico e o espiritual (SANTOS, s.d.: 459-462).



humano chegou à classificação de três tipos físicos principais: “pícnico” (cheio, físico arredondado), “atlético” (muscular, físico vigoroso) e “astênico” (frágil, físico linear); e mais o grupo dos displásticos especiais (eunucóide, viril, adiposo pluriglandular e infantil hipoplástico). Estes tipos físicos eram determinados pelas “descrições diagramáticas, mensurações antropológicas e análise de esboços e fotografias”. Por este método, cada tipo físico era associado a uma patologia mental característica; assim, o “pícnico” teria uma tendência para a psicose maníaco-depressiva e o astênico para a esquizofrenia. Entre os indivíduos considerados “normais”, a relação estabelecida pelo psiquiatra alemão dava-se entre o “pícnico” como extrovertido e o “astênico” como introvertido (KRETSCHMER, 1954: 23-41).

Já o “temperamento”, enquanto expressão da “vitalidade individual”, se dividia em seis tipos: hipomaníaco (alegre e móvel); sintônico (realista prático); melancólico (triste, moroso, deprimido); hiperestésico (delicado, vivendo vida interior, irritado, nervoso, idealista); esquizotímico intermediário (moderado, enérgico, sistemático, calmo, aristocrata); anestésico (frio, friamente nervoso, espírito brumoso, indolente, pouco acessível às paixões, lento e preguiçoso). Os três primeiros tipos correspondiam, segundo Kretschmer, ao temperamento ciclotímico e os três últimos ao esquizotímico. Partindo deste esquema psicofisiológico, ainda caberiam correspondências entre o psicológico e o sociológico; por exemplo, os indivíduos ciclotímicos em posição de chefia tenderiam a ser “organizadores audaciosos” ou “negociadores inteligentes”, já os esquizotímicos estariam mais propensos a ser “idealistas puros”, “déspotas e fanáticos” ou “calculadores frios” (KRETSCHMER, 1954: 23-41).

A obra de Kretschmer trouxe novos elementos para os debates empreendidos até então, dentro das ciências médicas, sobre a dualidade entre o “normal” e o “patológico”, deslocando o foco de atenção da enfermidade e do doente para concentrar a discussão no conceito de “normalidade”. O que é ser normal? Dentro do espectro da normalidade existem gradações? O que delimita o limiar entre o “normal” e o “patológico”? Existe um tipo de personalidade que poderia ser considerado padrão de normalidade? Pode haver relação entre raça, temperamento e caráter? Para cada povo existe um caráter típico? Estas eram questões perceptíveis nas discussões sobre constituição, temperamento e caráter entre as décadas de 1930 e 1950, no contexto brasileiro.

Para compreender o processo de circulação das teorias de Kretschmer fora dos países de língua alemã, também é preciso considerar as várias edições e traduções de suas principais obras. *Körperbau und Charakter*, publicado em 1921, se tornou seu livro mais conhecido

mundialmente, sendo reeditado vinte vezes em língua alemã até o início da década de 1950. Esta obra foi traduzida para o inglês em 1925, sob o título de *Physique and character: an investigation of the nature of constitution and of the theory of temperamento*, sendo publicada na Inglaterra, dentro da coleção Biblioteca Internacional de Psicologia, Filosofia e Método Científico. Foi também traduzida para o francês como *La Structure du corps et le caractère: Recherches sur le problème de la constitution et la science des tempéraments*, em 1930, e para o espanhol como *Constitución y Carácter*, em 1947, pela Editora Labor.

No Brasil, o modelo teórico desenvolvido por Kretschmer começou a ser divulgado no campo médico paralelamente à “biotipologia humana” de Pende e às teorias de De Giovanni, Viola e Mario Barbára, que em conjunto formavam a chamada “escola italiana” e às ideias dos franceses Sigaud e Mac-Aullife. Entre os anos de 1930 e 1950, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, tais teorias foram bastante difundidas e discutidas nas áreas da psiquiatria forense, da qual Cláudio de Araújo Lima participava, assim como na medicina legal, criminologia, endocrinologia e psiquiatria clínica<sup>77</sup>. A circulação das ideias constitucionalistas entre acadêmicos brasileiros, neste período, gerou uma vasta produção de publicações sobre a temática, algumas dirigidas ao público especializado ou em formação nas áreas médicas, do direito e da educação, enquanto outras eram destinadas aos leigos.

Segundo Ana Carolina Vimieiro-Gomes, a “biotipologia humana” desenvolvida por Pende, em conjunto com as teorias defendidas por outros membros da “escola italiana”, foram a base para a constituição de uma “biotipologia brasileira”. O médico Rocha Vaz teria sido um dos primeiros a trabalhar com a biotipologia no Rio de Janeiro (VIMIEIRO-GOMES, 2016: 112-113). Ele, que assumiu a cátedra de professor na FMRJ em 1925 e trabalhou no Laboratório de Biotipologia, utilizou destes espaços para divulgar tal ciência para seus discípulos, influenciando significativamente alguns deles, como Waldemar Berardinelli e o seu assistente de laboratório Isaac Brown. Nas áreas da medicina legal, psiquiatria forense e criminologia, Allister Dias destaca o papel desempenhado pelo médico Heitor Carrilho na divulgação da biotipologia (DIAS, 2015), enquanto Luis Ferla observa que a “biotipologia humana” desenvolvida por Pende teve como um dos principais divulgadores na capital federal o psiquiatra forense Leonídio Ribeiro (FERLA, 2012).

Porém, nem todos os alunos de Rocha Vaz foram contagiados pelo entusiasmo do mestre em relação a tais teorias, uma vez que o paradigma da microbiologia, criticado por

---

<sup>77</sup> Podemos citar como exemplos os seguintes trabalhos de psiquiatras brasileiros sobre “constituições” e “biótipos”, produzidos entre os anos 1920 e 1950, alguns destes influenciados por Kretschmer e pela escola italiana: GOMES, 1938; BANDEIRA DE MELO, 1941; BERARDINELLI, 1942; LOPES, 1942, dentre outros.

alguns constitucionalistas, ainda era bem forte entre a comunidade médica e acadêmica brasileira. Carlos Chagas Filho, que também foi aluno de Rocha Vaz, conta em suas memórias as discussões que tinha com este professor, por não concordar com a influência da constituição individual nos casos de patologias transmissíveis por agentes externos, como a malária e a febre amarela (CHAGAS FILHO, 2000: 68).

Nas páginas de periódicos brasileiros de ampla circulação, os primeiros textos relacionados à literatura que citavam as teorias de Kretschmer começaram a aparecer em meados dos anos de 1920, possivelmente devido à maior difusão de seu trabalho no Brasil com a publicação em língua inglesa, apesar de médicos como Berardinelli, Murilo de Campos e Ignácio Cunha Lopes, dentre outros, lerem sua obra diretamente do alemão.

Uma das primeiras menções feitas a Kretschmer foi localizada em um texto de Arthur Ramos, intitulado “Augusto dos Anjos à luz da psicanálise”, publicado na coluna “Literatura e Ciência” do periódico *O Jornal*, de 1926, onde o médico defendia que tal poeta ultrapassava os limites do narcisismo para adentrar o “autismo-mórbido”. Neste texto, Ramos procurava desenvolver uma ligação entre visões psicanalíticas e psiquiátricas da formação da personalidade do indivíduo, muito distintas em seus fundamentos, mas que, na leitura do psiquiatra brasileiro, combinavam perfeitamente para explicar as dificuldades de adaptação social do artista em relação ao meio e a expressão deste conflito psicológico em sua obra.

Augusto dos Anjos, “dobrado sobre si mesmo; (...) a auto analisar-se; introvertendo-se num isolamento absurdo nesta carreira desenfreada para dentro do próprio eu; abstraindo-se numa inadaptação à realidade exterior, ele realiza o perfeito tipo do esquizoide”. Ramos estabelece então as diferenças entre o esquizofrênico segundo Bleuler, que seria um indivíduo cuja “atividade cerebral e afetiva, como que fugindo da realidade, volta-se para dentro (introversão, autismo), e nesta atitude, bastando-se a si próprio, renuncia a tudo que lhe lembra ao mundo exterior”, e o esquizoide segundo Kretschmer, que “não é ainda um alienado”. “É um estado inicial de inadaptação pragmática: fogem da realidade, mas ainda conservam um certo grau de exteriorização afetiva, que desapareceu por completo no esquizofrênico” (RAMOS, 1926: 18).

Neste ponto, Ramos procurava analisar o tipo esquizoide sob a luz das teorias de Freud. As tendências autistas, segundo a leitura da teoria psicanalítica feita pelo psiquiatra brasileiro, estariam presentes em todos os indivíduos ao longo das várias fases do seu desenvolvimento, desde o nascimento até a idade adulta, quando se concluiria a libertação destas e haveria a consequente adaptação social. Contudo, tal libertação, segundo Ramos, não seria completa, pois

em estados como o do sono haveria uma tendência de buscar conforto em uma sensação de retorno à vida intrauterina. No caso dos esquizoides, como Augusto dos Anjos, haveria um anseio por uma “libertação definitiva”, um desejo crescente de “voltar ao nada, de onde se originou, integrar-se às coisas mortas, às regiões do eterno e absoluto silêncio, onde não se perceba a mais débil vibração de voz humana” (RAMOS, 1926: 18).

Este estudo desenvolvido por Ramos sobre a personalidade de Augusto dos Anjos estava embasado principalmente na análise de sua obra, ou seja, por meio da combinação de elementos teóricos psiquiátricos e psicanalíticos, os poemas, romances e demais publicações serviriam como evidências para compreender o temperamento e o caráter de seu autor; dito de outra forma, a produção literária era vista como a representação material do que havia de mais recôndito na alma daquele ser.

No ano seguinte, 1927, Tristão de Athayde publicou na coluna Vida Literária de *O Jornal* uma extensa análise da obra de Kretschmer, intitulada “Mal sagrado”, onde apresentava o livro do psiquiatra alemão como uma inovação no campo da medicina mental, na medida que buscava preencher o vazio entre psiquiatria e psicologia e, da mesma forma, derrubar “as barreiras que separam o louco do sadio”. Para ele, Kretschmer inovava, sobretudo, ao procurar fazer psiquiatria como um psicólogo, pois “em lugar de considerar os sãos do ponto de vista dos dementes”, ele “considerava os dementes do ponto de vista dos sãos”; citando o próprio Kretschmer, “em lugar de ver certos tipos de personalidade normal como formas abortadas de determinadas psicoses, considero, ao contrário, certas psicoses como caricaturas de tipos normais” (ATHAYDE, 1927).

Para ele, o psiquiatra alemão foi um grande incentivador do movimento em prol de “reabilitar a personalidade”, defensor da ideia de que se deveria “considerar o louco e não a loucura”, “individualizando o que se mecanizara” na medicina. Em sua leitura da obra de Kretschmer, o crítico literário considerou como elemento fundamental daquele estudo a busca da “normalidade mental”, partindo da análise de duas classes de alienação, a da esquizofrenia e a da mania-depressiva, e chegando à conclusão de que a “classificação dos temperamentos é a mesma, tanto nos estados de saúde mental como nos de alienação”. Assim, “a loucura apenas acentua, o que a normalidade mais completa já indicava. Não há por assim dizer, temperamentos predestinados à loucura ou não. De todos os temperamentos se pode chegar a todas as formas de alienação. E estas continuam a refletir o que o indivíduo foi em saúde” (ATHAYDE, 1927).

Para o autor, este era um retorno à medicina clássica, que proporcionava para a psicologia a oportunidade de voltar a “desempenhar nos estudos das perturbações mentais o papel que lhe tinha sido indevidamente usurpado pela fisiologia e pela anatomia”. Ele destacava o fato de Kretschmer ter rejeitado “os erros de localização cerebral” da alienação, concentrando-se em relacionar a “personalidade normal e sadia” com sua herança genealógica, o sistema endócrino e a constituição física do indivíduo. Porém, mesmo tecendo considerações bastante elogiosas ao livro de Kretschmer, Tristão de Athayde confessava ter saído de tal leitura em menor contato com os “mistérios da loucura” do que lendo os contos “banalíssimos, mas geniais” de Julien Green (1900-1998) no livro *Voyageur sur la Terre*, de 1927 (ATHAYDE, 1927).

Neste artigo, o crítico literário também apresentava sua leitura a partir da teoria kretschmeriana a respeito da arte de vanguarda europeia. Para ele, no trabalho de Kretschmer, as tendências da arte moderna eram analisadas em estreita relação com os tipos de temperamentos, de modo que “aquilo que recentemente se tem chamado de expressionismo” representaria “uma forma de arte puramente esquizotímica, que coincide em seus pontos essenciais com a sensibilidade artística que vamos encontrar nas obras de arte de alienados esquizofrênicos de talento”. Observação que, para Tristão, não representava nem uma censura, nem um louvor, apenas um fato, uma constatação científica (ATHAYDE, 1927).

Ele ressaltava a possibilidade de identificar, ainda segundo Kretschmer, na arte moderna vários componentes psicológicos que corresponderiam a características presentes no temperamento esquizoide, como “tendência a extrema estilização – a componente cubista”; uso da “expressão extremada de gestos e cores até a caricatura” – os expressionistas; “uma componente autista que se recusa a reproduzir as coisas como elas o são e sim as deforma intencionalmente”; e, por fim, a “componente do sonho, uma tendência às formações simbólicas, deslocamentos, poetizações, etc...,” com a sobreposição de diferentes imagens em uma mesma superfície – os surrealistas. Assim, tudo isto que, segundo o crítico literário, antes era considerado sob um “ponto de vista vulgar” como “simples manifestação de artifício falso” ou como “formas disfarçadas de alienação mental”, agora, com base nos estudos de Kretschmer, poderia ser justificado como formas de expressão de indivíduos “normais” em plena saúde mental, porém “subordinados à forma de seu temperamento” (ATHAYDE, 1927).

Tal interesse de Tristão de Athayde pelas teorias de Kretschmer sobre a arte de vanguarda europeia e a leitura que ele fez destas pode ser explicada em parte se considerarmos o contexto cultural brasileiro em que tal crítica foi produzida. Desde 1925, o crítico literário

entrara em uma contenda com outros intelectuais brasileiros, por ocasião das críticas feitas à “Poesia Pau Brasil”, de Oswald de Andrade. Nos artigos “Literatura importada” e “Literatura suicida I e II”, em sua coluna em *O Jornal*, apontava o caráter destrutivo da arte desenvolvida pelas vanguardas europeias que era copiada pelos modernistas paulistas. Em “Literatura suicida”, Tristão de Athayde destacava a importância, para a formalização das artes no Brasil, da manutenção de alguns modelos artísticos europeus, principalmente os clássicos. Ele considerava a ruptura proposta pelo modernismo paulista como uma falácia, já que o próprio Oswald de Andrade estava sendo influenciado pelo dadaísmo francês e pelo expressionismo alemão, que o crítico literário definia como a maior expressão do “modernismo destrutivo” empregado pelos europeus. Para ele, estas vanguardas propunham a “dissolução das fórmulas do século XIX e o retorno ao bárbaro e ao instintivo”. A “Poesia Pau Brasil”, de Oswald de Andrade, seguia esta tendência, desconsiderando o fato de que “o contexto brasileiro não sofria da mesma fadiga mental que desencadeara aqueles movimentos na Europa” (ZEM EL-DINE, 2017: 53-54).

Tais críticas produziram uma resposta do próprio Oswald e uma série de ensaios publicados em jornais e revistas de grande circulação de apoiadores de ambos os lados, incluindo a participação do historiador Sérgio Buarque de Holanda, que se opunha à visão que Tristão alimentava do movimento modernista. Esta contenda intelectual, que perdurou até 1928, estava inserida em um quadro mais amplo de disputas sobre os rumos que o movimento modernista brasileiro deveria tomar. Além do grupo de Oswald e Mário de Andrade, outros grupos apresentavam propostas distintas e ideologicamente opostas entre si, eram estes os “acadêmicos modernizantes”, como nomeou Sérgio Buarque ao grupo formado por Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida e Guilherme de Almeida, e o grupo dos “modernistas verde e amarelos”<sup>78</sup>, formado por Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Estes últimos eram extremamente críticos da influência do modernismo europeu sobre a produção brasileira e adeptos de um “construtivismo” nacionalista que se aproximava de uma “ideologia orgânica”, tradicionalista e católica, influenciada por autores católicos franceses como o filósofo neotomista Jacques Maritain (1882-1973) e o crítico literário Henri Massis (1886-1970). Para Sérgio Buarque, Tristão de Athayde estava mais próximo das ideias defendidas por este último grupo (HOLANDA, 1926: 9-10; REIS, 1998: 133-135). Assim, podemos considerar que a apropriação que Tristão de Athayde fez das teorias de Kretschmer,

---

<sup>78</sup> Para uma análise da formação deste grupo e dos debates empreendidos entre este e outros grupos de modernistas brasileiros ver o capítulo 1, “O lado verde-e-amarelo do Modernismo”. In: ZEM EL-DINE, 2017: 30-73.

em 1927, relacionando as tendências da arte moderna europeia e as formas de temperamento, servia-lhe muito bem ao propósito de fundamentar “cientificamente” suas críticas à influência destas vanguardas no modernismo brasileiro.

O artigo de Tristão de Athayde sobre Kretschmer recebeu o comentário do médico legista Leonídio Ribeiro, na coluna Vida Médica do jornal carioca *O Imparcial* em 1928, que foi reproduzido alguns meses depois, já em 1929, no *Diário Nacional* de São Paulo, ambos se referindo ao lançamento do livro do crítico literário, intitulado *Estudos*, no qual reunia artigos publicados na coluna assinada por ele. Ribeiro tecia um comentário elogioso à análise de Tristão em relação às teorias de Kraepelin, Bleuler e principalmente sobre os estudos de Kretschmer, ressaltando o profundo conhecimento que o crítico revelava das questões em debate na “psiquiatria moderna”. Para o médico, era fácil perceber como o “crítico brasileiro sentiu necessidade de se aprofundar no assunto para poder compreender as modernas escolas literárias que estão cada vez mais na dependência dos temperamentos” (RIBEIRO, 1928: 6; 1929: 4).

Leonídio Ribeiro recomendava o livro de Tristão, aconselhando sua leitura tanto para médicos como para leigos, lembrando aos primeiros que “não é só lendo os livros de medicina pura que aprendemos a nossa ciência”. E para aqueles “que não se dedicam especialmente às questões de psiquiatria, é as vezes mais assimilável o assunto através de trabalhos de vulgarização como este em que a matéria está ventilada com clareza e espírito de síntese, numa forma literária transparente e ao alcance de todos” (RIBEIRO, 1928: 6; 1929: 4). Entretanto, ao lado do comentário de Ribeiro aparecia uma notinha sobre os conceitos básicos de Kretschmer, redigida pelo médico Murilo de Campos, com a intenção de explicar “cientificamente” o que fora tratado por Tristão de Athayde, além, é claro, de divulgar sua própria pesquisa.

O comentário de Ribeiro levantava algumas questões: primeiro, a relação estabelecida por Kretschmer entre as tendências artísticas modernas e o temperamento dos artistas, já apresentada; segundo, o desenvolvimento na Europa de romances de introspecção, como foi o caso de Proust e Julien Green na França, James Joyce e Virgínia Woolf na Inglaterra, que rapidamente repercutiram entre os intelectuais brasileiros. E, por fim, a própria tendência entre estudiosos da literatura, no período, em desenvolver uma análise psicológica dos autores em paralelo ao conteúdo de suas obras, como se estas fossem um espelho da alma dos escritores.

No Distrito Federal, datam do final da década de 1920 as primeiras teses médicas que buscavam divulgar e principalmente explicar as teorias constitucionalistas, dentre elas a de Kretschmer. Estas, porém, não foram discutidas apenas no âmbito acadêmico, sendo noticiadas e comentadas nos jornais diários e revistas, o que não era uma prática incomum nos periódicos

da época, pois as teses que ganhavam um certo destaque eram apresentadas e comentadas nestes veículos de informação. Em 1929, a tese de Waldemar Berardinelli, intitulada “As diferenças individuais e sua importância em semiótica” que trabalhava com as teorias de Kretschmer foi divulgada em jornais de grande circulação. Nesta, o citado médico desenvolvia uma análise das estruturas morfológicas do corpo humano, buscando identificar semelhanças físicas no conjunto maior das diferenças para o estabelecimento de tipos característicos. Ele empregava como referências teóricas os trabalhos de “Castellino, Pende, Viola sobre a constituição individual e a personalidade; de Mac-Aullife sobre os temperamentos; Sigaud, Chailtou e De Giovanni sobre a morfologia humana” e as ideias de Kretschmer sobre os caracteres psíquicos. No comentário desenvolvido no Editorial d’A *Folha Médica*, e republicado em *O Jornal*, sobre o trabalho de Berardinelli, duas questões mereceram uma maior atenção dos editores: a primeira delas era a oposição entre lamarckistas e darwinistas, apresentada na tese. Os primeiros eram descritos como defensores da ideia de que “na natureza não existem nem classes, nem ordens, nem espécies constantes, mas sim indivíduos que se sucedem uns aos outros e se assemelham aos que os produziram”; enquanto para os darwinistas as diferenças presentes nos órgãos vitais precisavam ser consideradas, tanto do ponto de vista fisiológico como classificatório, pois poderiam variar, inclusive, entre indivíduos da mesma espécie (*O JORNAL*, 21/12/1929: 6). Esta oposição entre lamarckistas e darwinistas era destacada porque os médicos constitucionalistas defendiam a ideia de que a especificidade individual deveria ser analisada minuciosamente.

Outro ponto ressaltado pelos comentadores como relevante na tese de Berardinelli era a discussão sobre o conceito de “normalidade”. Os editores destacavam que o “indivíduo humano é um sistema sujeito às relações internas que se equilibram com relações externas, todas elas variáveis”, de modo que a normalidade coincidia com o mais frequente nas estatísticas. Eles observavam que o “conceito de normalidade é, assim, relativo e abstrato, e só pode ser admitido como instrumento do espírito, destinado a facilitar a apreensão das infinitas variações individuais” (*O JORNAL*, 21/12/1929: 6). A definição entre o “normal” e o “patológico” ganhava um contorno diverso neste período, pois já não era tão importante definir as doenças, teoricamente já conhecidas, mas era imprescindível, entretanto, caracterizar o tipo de “indivíduo médio”, de cada raça, gênero e nação, que estaria apto a ser classificado como “normal”. Ao partir da identificação das características marcantes, potencialidades físicas, psíquicas e intelectuais, assim como das predisposições patológicas de tais indivíduos, a



medicina constitucional moderna pretendia por oposição definir a categoria de doente, enquanto um desvio do padrão de “normalidade”.

Na tese de Berardinelli e em suas publicações posteriores, as teorias de Kretschmer, Pende, Viola, Mario Barbára, Mac-Aullife, Sigaud, Chailtou e De Giovanni, dentre outros pesquisadores da medicina constitucional, apareciam sob o signo da “biotipologia”, em alguns momentos usado como um conceito genérico, capaz de abarcar a diversidade de ideias e conceitos defendidos por todos estes autores, em outros se confundindo com a “biotipologia humana”, nomeada e defendida por Pende. Em seus escritos, Berardinelli, além de apresentar as teorias de cada estudioso citado, também buscava relacioná-las entre si e com o contexto brasileiro, incluindo pesquisas desenvolvidas por ele e por outros médicos locais. A análise deste autor foi bastante influente entre outros divulgadores das citadas teorias afetando o modo como a circulação destas se deu no contexto carioca.

Nas décadas de 1930 e 1940, o termo biotipologia continuou sendo usado para referir-se a um conjunto ampliado de autores, muitas vezes em um esforço de comparação e aproximação das várias correntes da medicina constitucional moderna. Estas obras formaram a base para uma multiplicidade de apropriações feitas por alguns mediadores nos campos da educação, higiene, literatura, artes e política. Cumpre destacar que uma parte do que foi divulgado em jornais e revistas sobre tais teorias para um público mais amplo resultava da leitura e apropriação de vários médicos, ressignificada de acordo com os objetivos de cada mediador. Assim, as teorias de Kretschmer, antes analisadas isoladamente, a partir dos anos de 1930 passaram a ser identificadas como parte de um grupo mais amplo – o da “biotipologia”. Um exemplo deste processo de apropriação e ressignificação do termo acima citado pode ser percebido na forma como as obras de Berardinelli foram divulgadas nos jornais.

Por ocasião do lançamento, em 1932, do primeiro livro de Berardinelli sobre o tema, *Noções de biotipologia*, foram publicados alguns comentários sobre a obra e pequenos artigos do autor em jornais. Em um deles, publicado no *Diário de Notícias*, o livro era apresentado como uma interessantíssima e encantadora leitura, repleta de “sugestões filosóficas nas suas claras páginas científicas” e recomendado para “quem tenha no espírito a tendência de ir além das coisas, gostando de viajar pelos mistérios da vida, à procura da sua explicação”. No artigo foi reproduzido um trecho do prefácio do livro, onde o autor definia a biotipologia como sendo a “ciência das constituições, temperamentos e caracteres”, assim nomeada por Pende. Advinda do empirismo hipocrático e galênico, a biotipologia teria sido antes denominada “crasiologia”

por Brotbeckius e “fisiognomia” por Lavater, ambos no século XVII (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 27/03/1932: 8).

Para Berardinelli, esta ciência teria sido obscurecida no século XIX pelas teorias de Pasteur, ressurgindo no XX em escolas diversas e sob várias denominações, como “tipologia (Varnnier, Carton e Cormann), caracterologia (Kretschmer), ciência do individual (Viola), biologia diferencial (Leignel-Lavastine) e biologia da pessoa (Brugsch)”. Independentemente das diferentes tendências, o autor a definia como “ciência da personalidade”, cujo objetivo era o de estudar as “unidades biológicas, os indivíduos nas suas peculiaridades, nos seus característicos próprios, genuínos”, em separado “dos outros indivíduos da mesma espécie”. Em resumo, a ela interessava analisar as diferenças entre os indivíduos, sem a preocupação de estabelecer leis gerais. O uso de tipologias, ele esclarecia, seria apenas um instrumento de estudo, necessário para reunir em grupos as infinitas variações individuais, mas que estaria só a meio caminho da meta final daquela ciência, a individualização. Sob este ponto de vista, o conhecimento da biotipologia era recomendado não só para médicos, como ao orientador profissional, ao diretor de esportes, e, principalmente, aos educadores (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 27/03/1932: 8).

Em outra matéria publicada no mesmo ano, intitulada “Biotipologia” e assinada por Jorge Xavier, o livro de Berardinelli também foi comentado, desta vez sob um viés mais pragmático, buscando apresentar os benefícios e aplicações práticas daquela ciência. Segundo Xavier, a biotipologia teria surgido “como reação contra o individualismo anárquico do espírito democrático do século passado”, com a finalidade de “orientar, de maneira científica, o homem na sociedade”. Assim, para o autor, um dos campos que mais se beneficiaria com tais pesquisas era o da educação, com a aplicação da psicologia individual no uso de métodos de aprendizagem para os “supra e infra normais” e no desenvolvimento de técnicas de ensino que se adaptassem às variações qualitativas da inteligência. Outros campos seriam o da orientação profissional, da medicina em geral e, mais especificamente, da patologia, com o surgimento de um “espírito de reação aos exageros da escola de Pasteur, na parte que se refere à importância das causas externas” (XAVIER, 1932: 2).

Apesar de tratar da biotipologia de forma geral neste comentário, Xavier só fazia referência direta ao trabalho de Kretschmer, ao afirmar que o médico alemão conseguiu demonstrar que a “constituição é a confissão morfológica do caráter”, não citando autores da escola italiana. Finalizando sua matéria, Xavier caracterizava a biotipologia como “indispensável a todas as ciências que se ocupam do homem” e qualificava o livro de

Berardinelli como sendo útil tanto ao médico ou cirurgião, que conheceria um “critério mais exato de normalidade”, quanto ao patrão ou ao chefe militar na seleção de seus empregados ou soldados e, mais uma vez, para os educadores. Para o comentador, o médico se revelava uma verdadeira autoridade no assunto, bem “mais que um desses vulgarizadores hábeis em pôr as coisas de ciências ao alcance do grande público” (XAVIER, 1932: 2).

Berardinelli, mesmo apresentando as diferentes teorias e escolas constitucionalistas em suas publicações em uma tentativa de aproximação destas, utilizava o termo “biotipologia” como se este representasse um bloco homogêneo de teorias sobre a correlação do físico, mental e moral. Entretanto, este tipo de leitura generalista não foi utilizado apenas por ele, mas outros intelectuais mediadores, em suas obras e artigos de divulgação, apresentavam uma interpretação muito próxima desta. O que dificultava para os leitores de jornais e revistas efetuar a diferenciação entre a “biotipologia humana”, proposta pela “escola italiana”, e as teorias de outros autores como Kretschmer. Esta é uma questão relevante para pensarmos como tais teorias foram apropriadas, possibilitando a constituição de um conceito de “biotipologia” bastante elástico e genérico. E também como foram divulgadas, principalmente durante as décadas de 1940 e 1950, quando ocorreu o crescimento da propaganda antifascista no Brasil. Neste período, o posicionamento político e ideológico de cientistas como Pende, que era militante do partido fascista italiano, começava a ser combatido em uma relação direta com a ciência desenvolvida por ele, afetando a circulação de todas as teorias que aqui foram reconhecidas como biotipológicas, inclusive a caracterologia segundo Kretschmer. Portanto, para compreender como as teorias de Kretschmer foram apropriadas por intelectuais brasileiros, em várias áreas do conhecimento, é necessário, primeiramente, considerar esta chave de leitura generalista utilizada por muitos deles.

O médico, escritor e jornalista João Peregrino Jr. foi um dos divulgadores das teorias de Kretschmer, no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1930 e 1940, cumprindo um papel de intelectual mediador, na medida em que buscava apresentar e explicar tais teorias para os leitores de revistas de variedades como *Careta* e *Vamos Lêr!*. Nestes periódicos ele discutia os tipos de temperamento em relação às suas respectivas constituições físicas de maneira clara e didática, apresentava publicações recentes que tratavam sobre a temática e produzia análises próprias sobre “gênios criativos” existentes entre escritores brasileiros, os quais eram diagnosticados à luz das teorias constitucionalistas.

Em uma coluna fixa na revista *Careta*, dedicada à crítica literária e de variedades, Peregrino Jr. publicou seu primeiro artigo sobre tal temática, datado de 1930. Sob o título de

“Dostoievsky, caso clínico”, tal ensaio começava por apresentar um balanço sobre as novas produções literárias tão em moda naquele momento, que procuravam “fixar, narrar e comentar a vida dos grandes homens”, fosse para o “encanto, espanto ou edificação das criaturas”. Entre os eleitos como dignos de estudo estavam “santos, poetas, sábios ou loucos”, aqueles que “legaram à humanidade alguma obra imperecível de bondade, de beleza, de sabedoria ou de extravagância”. O médico ensaísta apresentava este tipo de literatura como novidade no Brasil, apesar de já ser muito comum em países como a França, Inglaterra e EUA, onde, segundo o autor, estas despertavam excepcional interesse. O gênero do “romance da vida” – que reunia no grupo dos seus ilustres biografados nomes como Napoleão, Luís XIV, Pasteur, Dostoievsky, Anatole France, Shelley, Byron, Bismark, dentre outros – apresentava como subcategoria as patografias, definidas por Peregrino Jr. como “diagnósticos retrospectivos e estudos clínicos póstumos dos grandes homens” (PEREGRINO JR., 19/07/1930: 28-29).

O autor apresentava como populares no Brasil os trabalhos do médico, escritor e político argentino José Maria Ramos Mejía (1849-1914) sobre os “caudilhos dos pampas”, como *La neurosis de los hombres célebres en la historia argentina* (1878) e *La locura de la historia* (1895). Entretanto, o objetivo principal do autor, neste ensaio, era o de analisar um texto do médico Artemio Moreno, publicado na *Revista de Criminologia, Psiquiatria e Medicina Legal*, sobre a epilepsia de Dostoievsky. Peregrino Jr. procurava desconstruir o principal argumento defendido por Moreno, de que haveria uma equivalência entre a genialidade e a doença mental, mais especificamente a epilepsia. Para o médico brasileiro, o autor estava equivocado e defendia teorias há muito ultrapassadas, haja vista o número crescente nos manicômios de enfermos em contradição com o desaparecimento dos “gênios”. Ele defendia que indivíduos considerados geniais como Dostoievsky, Gustav Flaubert e Machado de Assis sofriam da mesma enfermidade. No caso particular de Dostoievsky, ele destacava a presença das crises típicas e de dois estigmas daqueles que padecem do “mal sagrado”, a “laringite afônica e o amor à solidão”, o que o levava a classificar o escritor russo também como esquizoide, segundo a classificação de Kretschmer. O médico ensaísta identificava ainda como características do adoecimento de Dostoievsky a fixação pelo tema da loucura em sua obra, o fato de seus personagens serem todos degenerados e uma certa atração, embebida de prazer, pelo “espetáculo da dor humana” demonstrada pelo escritor russo (PEREGRINO JR., 19/07/1930: 28-29).

Ainda no ano de 1930, Peregrino Jr. apresentou mais um artigo sobre o tema, em sua coluna, comentando duas obras, segundo ele “interessantíssimas” do ponto de vista literário e

científico, publicadas no ano anterior. A primeira era um ensaio médico psicológico sobre o caso clínico do poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867), de autoria de Photis Scouras (SCOURAS, 1929), onde era discutida tanto a sua herança familiar – considerada mórbida, fruto de uma “união heterogênea e infeliz” de seus pais e de uma “carga pesadíssima de taras neuropáticas” – quanto a sua condição de “emotivo constitucional”, dotado de uma sexualidade incipiente, agravada pela condição de neurastênico sífilítico e toxicômano. O segundo texto comentado era um estudo realizado por René Tatin (TATIN, 1929) sobre a “história mórbida hereditária” do poeta francês Alphonse Lamartine (1790-1869) e a influência da tuberculose na obra deste. Tatin defendia uma relação direta entre a enfermidade e a produção artística do poeta, argumentando que seus melhores trabalhos teriam sido produzidos em momentos de maior padecimento. Os dois trabalhos estavam diretamente ligados à chamada Escola de Lyon, dedicada ao estudo de “clínica literária” (PEREGRINO JR., 29/11/1930: 28-29).

Dois anos depois, por ocasião do centenário da morte de Goethe, Peregrino Jr. reeditou em sua coluna um artigo publicado originalmente em 1930, sobre mais um exemplo de patografia. Nas duas ocasiões, 1930 e 1932, ele escolheu comentar, dentre as várias produções sobre o escritor alemão e sua obra, um estudo que tratava da vida sexual de Goethe pelo viés da psicanálise. Este estudo, realizado por Felix Aaron Theilhaber, intitulado *Goethe, Sexus und Eros* e publicado na Alemanha em 1929, analisava a sexualidade do escritor alemão, defendendo a ideia de que mesmo que ele tenha mantido vários relacionamentos amorosos, estes não se concretizaram do ponto de vista sexual, conservando um caráter platônico. A explicação de Theilhaber para tal questão era a de que o poeta sofria de um complexo que recalcava sua vida sexual, produzindo fantasias, de modo que seu desejo só podia se realizar pela via da sublimação na forma da produção lírica. Assim, ele defendia que em Goethe ocorria uma “transferência espiritual”, de modo que “o amor se transfigurava em poemas” (PEREGRINO JR., 1932: 28-29).

No ano seguinte, Peregrino Jr. apresentou o recém-publicado estudo do médico uruguaio José Maria Estapé (1894-?), também sobre a psicopatologia de Goethe. Diferentemente do estudo realizado por Theilhaber, Estapé desenvolvia uma análise da vida amorosa e da genealogia do poeta alemão, procurando estabelecer correlações entre a morfologia, o caráter, a posição social e a ocorrência de mortes prematuras e patologias mentais de seus familiares e descendentes. Segundo Peregrino Jr., o trabalho de Estapé poderia ser classificado como um “estudo de psicopatologia histórica”, com pretensões de chegar a ser uma “patografia integral”. Neste, o autor utilizava as teorias de Kretschmer em combinação com o estudo das “taras

hereditárias” de Goethe, realizado por Paul Julius Möbius, para concluir que o fator psicopatológico foi altamente determinante no destino tanto da ascendência como da descendência de Goethe. Desta maneira, o médico uruguaio defendia que o gênio teria surgido em uma família em processo de degeneração que se encaminhava para uma progressiva diminuição do número de descendentes concomitante ao crescimento da mortalidade (PEREGRINO JR., 1933: 28-29).

Em um artigo publicado na revista *Vamos Lêr!*, em 1937, Peregrino Jr. utilizou uma abordagem diferente de divulgação das teorias da medicina constitucional, afastando-se das críticas literárias sobre patografias que tinha publicado até então. Neste artigo, em um espaço de cinco páginas, ele discorria sobre os fundamentos da “biotipologia”, procurando apresentá-la como uma ciência muito antiga cujos precursores remontariam a Santo Alberto Magno, frade dominicano alemão, filósofo e teólogo do século XIII, e, principalmente, ao filósofo e teólogo protestante Johann Kaspar Lavater (1741-1801), enquanto pensadores preocupados em relacionar o físico com o moral (PEREGRINO JR., 1937: 4). Nesta apresentação da biotipologia, Peregrino Jr. afastava a origem desta ciência das escolas mais modernas, buscando fugir às críticas sofridas por estas, no período, de submeter às esferas do mental e do moral ao determinismo do físico.

A preocupação de Peregrino Jr. em buscar na história exemplos que legitimassem a “moderna biotipologia” estava aliada a uma visão crítica da psicologia, pois, para ele, os psicólogos do final do século XIX e início do XX, ao proporem classificações de tipos humanos, usavam de um critério “unilateral, fragmentário e incompleto”, por considerarem apenas a “face psicológica”, sem levar em conta o componente morfológico. Sua crítica era dirigida às classificações psicológicas desenvolvidas por Ribot, Jung, William James, Adler, Klages, Lazurski, Freud e Bleuler. Segundo o autor, a “orientação moderna”, que era “unitária e correlacionalista”, defendia a ideia de que “o organismo humano é um todo”, pois “as suas funções guardam, entre si, correlações íntimas e permanentes. Não existem compartimentos estanques na economia humana.” Portanto, “as criações psíquicas do indivíduo” não poderiam “ser autônomas nem independentes; tinham que subordinar-se, por força, aos caracteres morfológicos e dinâmico humorais”. Neste ponto, ele se baseava nas teorias de Pende para defender que a personalidade humana é a soma total destes três aspectos, o psíquico, o morfológico e o dinâmico humoral, este último diretamente ligado às funções endócrinas (PEREGRINO JR., 1937: 4-5).

Além de apresentar os conceitos de Pende, Peregrino tentava relacioná-los com os tipos de temperamento e constituição física defendidos por Kretschmer, observando que a classificação construída por este último estava fundamentada na observação de um grande grupo de pessoas consideradas “normais, subnormais e anormais”. Segundo o médico e escritor brasileiro, os resultados das pesquisas de Kretschmer eram contundentes em afirmar “que determinadas tendências psíquicas – que marchavam no mesmo sentido sempre, desde a saúde até a doença – eram peculiares, invariavelmente, dos indivíduos que apresentavam determinada compleição corporal” (PEREGRINO JR., 1937: 6).

Em 1938, Peregrino Jr. publicou o livro *Doença e constituição de Machado de Assis*, pela editora José Olympio, onde desenvolvia uma patografia do escritor, utilizando as teorias de Kretschmer combinadas com a de outros autores, qual será comentada no capítulo 6. Neste período, seu renome como biotipologista começava a se popularizar entre os leigos. Isto ocorreu, em parte, pelas matérias publicadas em revistas de variedades e jornais, desde o início da década de 1930, e pelos seus primeiros livros sobre a temática, ambos lançados em 1936, *Interpretação biotipológica das artes plásticas e Biotipologia e educação*.<sup>79</sup>

Em 1940, no programa de rádio “Hora médica do Brasil”, da Sociedade Rádio Transmissora, foram transmitidas algumas conferências médicas diretamente da Alemanha. Uma destas foi apresentada por Kretschmer, falando sobre o “tônus psicofísico e a influência do médico sobre o mesmo”. Não temos informações se, durante a transmissão em alemão, houve algum tipo de tradução ou comentários de médicos brasileiros depois da conferência (*CORREIO DA MANHÃ*, 26/07/1940: 11). A circulação das teorias do médico alemão também ocorreu com a publicação de alguns livros no ano de 1941, que aplicavam as teorias kretschmerianas à pedagogia, como o livro de Everardo Backheuser, *Biotipologia Educacional* e o livro de Bastos de Avila, *Antropometria e desenvolvimento físico*.

Segundo os comentários de Everardo Backheuser publicados no *Jornal do Brasil*, neste livro Bastos de Avila apresentava os “tipos constitucionais de Kretschmer” aplicados à infância escolar, a partir de farto material de pesquisa colhido nas escolas do Distrito Federal. Para Backheuser, o livro, que possuía um caráter de estudo antropológico, era acessível tanto para médicos escolares como para os professores, principalmente para aqueles interessados em educação física. “Bastos de Avila consegue atingir ápices da ciência utilizando de linguagem

---

<sup>79</sup> O livro *Biotipologia e educação* foi publicado pela Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social, reunindo palestras apresentadas pelo médico a professores primários, no ano anterior. Nestas palestras, ele defendia a importância dos professores conhecerem as relações entre o temperamento, caráter, constituição e o *habitus* de seus alunos, para o melhor desenvolvimento de sua tarefa educativa.

simples e tão amena que os mais difíceis problemas se tornam acessíveis ao grande público” (BACKHEUSER, 1940: 6).

Na área da criminologia, ainda nos anos 1940, também foram publicados textos que mobilizavam as teorias de Kretschmer, junto com outros autores da biotipologia e com a psicanálise, no contexto dos debates sobre o novo Código Penal Brasileiro, aprovado em 1942, e as prerrogativas da medicina e da criminologia no tratamento dado aos delinquentes, como já foi mencionado anteriormente. Já no campo das artes e literatura, as teorias de Kretschmer continuaram a ser apropriadas, como nos anos de 1930, no estudo da personalidade de indivíduos célebres. Entretanto, tais teorias também foram incorporadas a uma discussão mais ampla que implicava a ideia de “arte pura” e a relação entre medicina e literatura.

Em um dos números da revista *Educação Física*, de 1941, foi publicado um artigo do médico Hélio Vecchio Maurício, intitulado “Biotipologia, o cinema e a arte”. Neste texto, o autor apresentava a classificação de tipos de temperamento dividida entre dois polos, o esquizofrênico e o maníaco depressivo, tendo como estágios intermediários o esquizotímico e o ciclotímico. O comentador frisava que uma das grandes contribuições do trabalho de Kretschmer foi demonstrar que “as fronteiras entre o juízo e a anormalidade são suaves, esbatidas e entrepenetrantes e não rígidas e antagônicas como se acreditara outrora”. O médico se utilizava da classificação de Kretschmer para identificar nas artes representantes de cada tipo (esquizotímico e ciclotímico). Ele fez um levantamento de nomes famosos da história, da música, da literatura, da dança, das artes plásticas e personagens da ficção literária, de modo que ele identificava, por exemplo, Nietzsche, Wagner, o Marquês de Pombal e Don Juan como esquizotímicos, e, por outro lado, São Tomás de Aquino, Goya, Bach, Napoleão e Tartufo como ciclotímicos. O autor também empregava tal divisão para autores da literatura brasileira, de modo que eram vistos como esquizotímicos Machado de Assis, Casemiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Raul Pompéia, dentre outros; e como ciclotímicos Manuel Antônio de Almeida, Portinari, Villa Lobos, Carlos Gomes etc... Na sua análise também ganhavam destaque personagens que se tornaram famosos pela oposição dos tipos, como Dom Quixote e Sancho Pança, Popeye e Brutus (MAURÍCIO, 1941: 44-45).

Ainda em 1941, na coluna “Um sorriso para todas” da revista *Careta*, Peregrino Jr. se confessava incapaz de escrever um artigo que lhe foi encomendado em homenagem ao poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade, segundo ele por “timidez e incapacidade”. E se justificava dizendo que “egresso da literatura, sou hoje apenas médico. Não faço artigos. Faço diagnósticos. Se fosse escrever sobre Carlos Drummond, em vez de um artigo faria certamente



um diagnóstico. Colocaria talvez uma etiqueta biotipológica no poeta. Um rótulo conciso e simples: esquizotímico”. Para o médico, aquela era uma palavra definidora da personalidade de Drummond, pois representava bem a “complexidade interior, a dolorosa inadaptação, a introversão agreste e triste, o mistério subterrâneo do poeta”, esse “homem noturno”, tão solitário e estranho, um homem grave, frio, mordaz e sarcástico, tão distante de todos que o único contato que mantinha com os outros homens se dava pela poesia (PEREGRINO JR., 27/09/1941: 25).

Em resposta a este comentário de Peregrino Jr. a respeito de Drummond, José Cesar Borba escreveu para *O Jornal* um artigo intitulado “Literatura de médicos”, onde ele partia da premissa de que os médicos literatos brasileiros nunca se separavam completamente de sua condição de médicos, ou pelo menos de seu “preconceito científico”. “Temem o abandono completo e desinteressado à pura sedução artística.” Borba dividia os médicos literatos em dois grandes grupos, os que, mais apegados à medicina, descreviam a sociedade como uma grande enfermaria ou laboratório, e outros, mais numerosos, que traziam para a literatura uma infinidade de “adjetivos especializados”, “termos médicos irreduzíveis” e compêndios de “doenças, acidentes e anormalidades”. Estes seriam especialistas em catalogar seus “heróis” como paranoicos, esquizotímicos, maníaco-depressivos, mantendo a ciência na superficialidade onomástica, fazendo o jogo de levar o leitor ao dicionário, não para instruí-lo, mas, simplesmente, para que os “autores-médicos” pudessem “destilar sua ciência suprindo as lacunas de sua imaginação”. O uso abusivo destes termos, que só serviriam para desorientar o leitor na opinião de Borba, além de incômodos e perigosos, seriam uma “revelação quase grotesca da mediocridade intelectual” destes “autores-médicos” (BORBA, 1941: 1).

Para Borba, estes médicos utilizavam a literatura não como uma “fuga” da sua atividade profissional, mas para reafirmar o valor da medicina, não se permitindo uma produção puramente artística. Ele citava, como exemplos, as crônicas publicadas por médicos como Clementino Fraga e Antônio Austregésilo falando sobre o amor e o mar, respectivamente. Estes, em meio a muita retórica e filosofia, atiravam pérolas, ou, melhor dizendo, pílulas de medicina aos leitores, como na citação de Clementino Fraga de que o “amor é um reflexo provocado por hormônios” ou no caso de Austregésilo que, ao tratar de Poseidon, o deus do mar, não esquecia da análise dita freudiana, sempre presente em seus textos do período, sobre os “três fatores bióticos, fames, libido e ego” (BORBA, 1941: 2).

Borba mostrava-se ainda mais incomodado frente ao comentário tecido por Peregrino Jr. sobre Carlos Drummond. Para ele, Peregrino, não parecia egresso da literatura, como o

próprio dizia. Pelo comentário que teceu sobre o poeta mineiro e por outras crônicas que publicava semanalmente na revista *Careta*, Peregrino Jr, parecia praticar medicina dentro da literatura. Outros “autores-médicos” citados por Borba como acostumados a fazer ciência e medicina dentro da literatura, desvirtuando os objetivos de uma “verdadeira obra de arte”, eram Gastão Cruls e Cláudio de Souza. O primeiro impregnava seus romances de elementos provenientes da medicina e de experimentações dos campos da biologia e psiquiatria, como, por exemplo, em *Amazônia misteriosa* e *Vertigem*, porém guardando um certo estilo e bom gosto literário. Já o segundo era responsável pela “deturpação e corrupção” tanto da literatura como da medicina, na constituição de romances “pseudocientíficos”, dentre eles *As mulheres fatais* e *Os infelizes*. Borba acusava Cláudio de Souza de, nestes livros, fundir “sua precária medicina a uma literatura falsa e libertina”. As únicas exceções entre os “autores-médicos” apontadas pelo autor do artigo eram Jorge de Lima e Afrânio Peixoto, o primeiro por manter a arte a salvo da ciência e o segundo por efetuar uma mistura equilibrada da medicina com a literatura (BORBA, 1941: 1-2).

Ao longo da década de 1940, apesar de um crescimento no número de referências a Kretschmer no período como um todo, os artigos que faziam menção direta ao psiquiatra alemão tornaram-se menos frequentes entre os anos de 1942 e 1945, período em que o Brasil aderiu ao grupo dos países aliados contra as forças do Eixo, durante a Segunda Guerra. Neste contexto, a campanha antinazista se intensificou nas revistas e jornais, e tudo que era relativo à Alemanha foi rechaçado, ou pelo menos evitado, de maneira que não era raro encontrar, neste período, referências às teorias de Kretschmer sem que seu nome fosse citado<sup>80</sup>. Esta forma de apropriação pode ser visualizada no artigo “Etnogênese das caatingas e formação do cangaço”, de 1942, publicado na revista *Cultura Política*, em que Djacir Menezes analisava a questão do esquizoidismo e do ciclotinismo em negros e índios brasileiros. Neste, a apresentação dos termos segundo Kretschmer não foi incluída, como era comum anteriormente em artigos deste tipo. Em substituição, o autor utilizou estudos de médicos como Álvaro Fróes da Fonseca, Berardinelli, Cunha Lopes e Ulisses Pernambucano para analisar tipos étnicos brasileiros (MENEZES, 1942: 35-36). Também na mesma revista e ano, o texto de João Pedro Müller sobre “A doutrina da periculosidade criminal no novo Código Penal” defendia, não apenas a importância da psicanálise, mas também da biotipologia (incluindo a caracterologia kretschmeriana) e da endocrinologia para os estudos em criminologia (MÜLLER, 1942: 136).

---

<sup>80</sup> O exemplo maior disto é o estudo biográfico de Cláudio de Araújo Lima sobre Stefan Zweig, publicado em 1942, e sobre o qual volto a tratar no capítulo 6.

Já na coluna “Diário Astrológico” do *Diário Carioca*, a teoria de Kretschmer foi apropriada a partir de estudos nacionais sobre as diferenças entre o temperamento e o caráter dos indivíduos a partir da constituição étnica assim como pelas influências do meio geográfico, sendo, porém, ressignificada dentro dos objetivos de uma previsão astrológica. Assim, era apresentado que “o temperamento dos nascidos no Sul é ciclotímico, enquanto os nascidos no Norte e Nordeste é esquizotímico” (*DIÁRIO CARIOCA*, 26/07/1944: 6).

Com o final da Segunda Guerra, pouco a pouco a circulação das teorias de Kretschmer e a referência explícita a ele, retornou aos jornais e revistas de forma diversificada e animada, sobretudo devido à publicação de *Constitución y Carácter* em 1947, tradução espanhola da principal obra do médico alemão. O que explica o aumento considerável das referências ao autor em comparação a década anterior. São exemplos os anúncios de palestras no CEJM, ministradas por José Madalena sobre os estudos mais recentes sobre os tipos de Kretschmer e do curso ministrado para professores por Faria Gois Sobrinho, já citado, em que uma das aulas era dedicada ao estudo da classificação desenvolvida por Kretschmer (*CORREIO DA MANHÃ*, 30/04/1948: 12; *JORNAL DO BRASIL*, 20/01/1949: 6).

Neste período, as teorias de Kretschmer também foram utilizadas como inspiração para o teatro. Em entrevista ao crítico de teatro do *Correio da Manhã*, que assinava como P. C. M., o médico e dramaturgo Silveira Sampaio afirmava que os personagens de sua nova peça, “A inconveniência de ser esposa”, que estreava no Teatro Íntimo do Leme, eram exemplos típicos da classificação “fisiopsíquica” de Kretschmer (P. C. M., 1948: 27). O crítico teatral fez questão de conferir tal afirmação e seguiu em uma jornada de pesquisa, começando com o *Tratado de Biotipologia* de Berardinelli, passando por textos de Rocha Vaz e Peregrino Jr. até chegar ao próprio Kretschmer, na versão espanhola. O resultado de sua pesquisa ele apresentou em sua coluna de maneira bastante didática e acessível aos leitores do jornal, fazendo paralelos explicativos com a peça de Silveira Sampaio no intento de identificar nos personagens desta os tipos definidos pelo psiquiatra alemão. O médico alemão também foi lembrado em estudos sociológicos, como quando Gilberto Freyre, escrevendo para o *Diário de Notícias*, utilizou-se das teorias de Kretschmer para tratar dos ingleses, especulando sobre a possibilidade de estabelecer um tipo físico característico destes e também determinar como a figura dos ingleses foi representada pelo imaginário popular brasileiro. Para Freyre, no Brasil a imagem dos ingleses, muitas vezes, teria sido associada com a de um bode, enquanto representação do próprio diabo (FREYRE, 1948: 1).

Na década de 1950, a circulação das ideias de Kretschmer recebeu o estímulo de novas traduções e publicações sobre suas teorias. Em 1953, já podiam ser adquiridos no Brasil as traduções espanholas dos livros *Estudos psicoterapêuticos* e *Psicologia médica*, ambas pela Editora Glem (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 24/03/1953: 3). Também surgiram publicações como *Compleição física e as faculdades psíquicas*, escrita pelo médico alemão Wilhart S. Schlegel, diretor do Instituto da Constituição, em Hamburgo. Este teria utilizado as teorias de Kretschmer como ponto de partida para estudar as relações entre a constituição física e as características psíquicas do indivíduo. Neste livro, porém, o autor teria criticado e modificado significativamente algumas das teorias defendidas por Kretschmer, apesar de chegar à mesma conclusão básica (*DIÁRIO CARIOCA*, 01/12/1957: 4).

Estas novas produções trouxeram as teorias de Kretschmer de volta às colunas de aconselhamentos dos jornais e revistas, das quais se encontravam distantes desde o período da Segunda-Guerra. Na coluna “Medicina para todos”, o médico Álvaro Vieira citava Kretschmer e outros autores da medicina constitucional italiana e francesa, comparando tais estudos com a frenologia desenvolvida por Gall e esta com a “moderna” neurologia, no reconhecimento das funções psicofísicas nos indivíduos (VIEIRA, 17/09/1957: 2). Este autor também utilizou as teorias kretschmerianas ao responder à pergunta de um leitor sobre o que seria um indivíduo hiperestênico. Ele apresentava este como sendo um dos tipos definidos por Kretschmer, junto com o astênico, pícnico e displástico. O hiperestênico, segundo o colunista, poderia ser descrito como sendo um indivíduo de corpo avantajado em suas medidas, não aprofundando em maiores explicações (VIEIRA, 18/09/1957: 2).

Em 1957, o psicólogo Wolf Rinsk, na coluna “Consultório psicológico”, mencionava os tipos de temperamento definidos por Kretschmer ao lado dos estudados por Jung, no artigo “Tipos individuais”, para explicar aos seus leitores as diferenças na personalidade das crianças (RINSK, 1957). Em um artigo publicado pelo mesmo autor no ano seguinte, desta vez sob o título de “Caracteres psicológicos”, o autor buscava definir de forma simples os tipos esquizotímicos e ciclotímicos segundo Kretschmer. Neste texto, Rinsk citava vários nomes de personagens da história, filosofia e das ciências como forma de ilustrar tais definições, de maneira que Pasteur era definido como ciclotímico extrovertido e Kant como esquizotímico com tendência autista (RINSK, 1958a). Ainda em 1958, Rinsk voltava a fazer um paralelo entre os tipos individuais definidos por Kretschmer e Jung no texto “Os anormais” (RINSK, 1958b).

Ao longo da década de 1950, houve um decréscimo considerável no número de artigos que mobilizavam as teorias de Kretschmer no campo da literatura. Nos jornais e revistas

consultados foi encontrado apenas o artigo de Peregrino Jr. sobre os retratos de Machado de Assis, onde o autor relacionava as mudanças na fisionomia do escritor, ao longo da vida, com variações em seu caráter (PEREGRINO JR., 1958: 5). Tal redução nos artigos literários que citavam o psiquiatra alemão demonstra uma mudança considerável em relação aos demais períodos aqui analisados, onde eram frequentes as menções às teorias de Kretschmer no estudo da personalidade de escritores a partir de suas obras, principalmente nas patografias. Tal desinteresse pode ser explicado em parte pelas críticas a este tipo de biografias médicas, principalmente por parte de intelectuais marxistas, como veremos no capítulo 6.

\*\*\*\*\*

Neste capítulo foi apresentado um panorama da concomitante circulação de duas teorias médico-psicológicas – a freudiana e a kretschmeriana – divulgadas por Claudio Araújo Lima e por um grupo de intelectuais mediadores por meio de jornais e revistas cariocas, desde a década de 1920 até 1959. Verificamos que desde a década de 1920, estas passaram por períodos de expansão, crítica e retração, e também ressignificação, sendo apropriadas em áreas diversas, mas sobretudo na literatura, criminologia, educação e artes cênicas. No caso da psicanálise percebe-se uma rápida popularização dos seus principais conceitos, como inconsciente (subconsciente), recalque, complexo de Édipo etc... e em especial do nome de Freud, em textos que seguiam uma variedade de formatos como contos, romances, biografias, roteiros teatrais. Este processo possibilitou que, nas décadas de 1940 e 1950, estes termos fossem incorporados ao vocabulário corrente, passando a fazer parte da cultura local.

Nos jornais e revistas de grande circulação, as teorias de Kretschmer foram apropriadas e divulgadas como parte da “biotipologia”, que não deve ser confundida com a “biotipologia humana” cunhada por Pende e ligada à escola de medicina constitucionalista italiana, pois este era um termo bastante genérico e plástico que englobava escolas, autores e teorias diversas. Um dos grandes colaboradores para o desenvolvimento desta biotipologia local foi o médico Waldemar Berardinelli, cujas publicações foram amplamente divulgadas e apropriadas não apenas nos círculos acadêmicos como também nos populares. Ao longo do capítulo também vimos que intelectuais católicos leram as teorias de Kretschmer a partir de referências neotomistas, enquanto outros mediadores usavam a medicina hipocrática e a filosofia aristotélica como chave de leitura para interpretar esta teoria.

Com o intuito de demonstrar como se dava a prática de mediação cultural de intelectuais dedicados a divulgar tais teorias, vimos que estes intelectuais possuíam perfis profissionais variados – médicos, jornalistas, críticos literários, escritores, editores, educadores ou juristas –

desempenhando ao mesmo tempo diferentes papéis, pois médicos de formação assumiam funções de jornalistas, biógrafos, romancistas, enquanto escritores, críticos, educadores e juristas também tratavam de questões do campo da medicina e da psicologia. Na análise das práticas de mediação desenvolvidas por estes intelectuais em jornais e revistas, percebemos que não era possível estabelecer uma divisão hierárquica entre uma “elite médica” que fazia divulgação e os demais mediadores, uma vez que os próprios personagens não se apresentavam nestes termos. Médicos como Araújo Lima, Gastão Pereira da Silva e Peregrino Jr., dentre outros, buscavam ser reconhecidos como escritores, pelo público leitor e demais intelectuais, e não como diletantes que escreviam nas horas vagas. Entretanto, do ponto de vista de alguns escritores que não eram médicos havia uma desvalorização da divulgação de ideias médico-psicológicas que os literatos médicos publicavam. Parece que nesse grupo dos intelectuais mediadores se configurava mais uma zona de tensão e disputa do que de hegemonia da escrita dos médicos, ainda que, de qualquer modo, as ideias divulgadas fossem advindas do campo médico psicológico.

Observa-se, portanto, que correntes teóricas dispare, como a caracterologia de Kretschmer e a psicanálise freudiana, se somaram então a outras teorias médico-psicológicas, igualmente divulgadas nos jornais e revistas cariocas: o organicismo alemão definido por Kraepelin, a psicologia individual de Adler, a reflexologia segundo Pavlov e a medicina psicossomática. Como foi discutido nestes capítulos 2 e 3, a circulação de todas essas teorias coexistiram ao longo das décadas de 1920 a 1950 – não sem tensões, negociações e disputas – por meio dos escritos nos jornais diários e revistas ilustradas, femininas, literárias e católicas. Tais teorias circularam em um contexto permeado por disputas políticas, religiosas e científicas, servindo como munição e argumento para debates diversos, como entre a criminologia e a medicina, o que influenciava o modo como eram divulgadas. Assim, vimos por meio dos impressos citados que a psicologia individual de Adler foi mais difundida por sua relação com o campo da pedagogia que da psicologia propriamente dita; a reflexologia segundo Pavlov foi inicialmente rechaçada por intelectuais católicos e anticomunistas, sendo posteriormente reabilitada nos anos de 1950 com a intervenção da própria Igreja Católica e pelo esforço de profissionais interessados em trabalhar com a hipnose. Por sua vez, a medicina psicossomática teve uma rápida inserção em clínicas e consultórios do Distrito Federal, sendo, porém, pouco discutida nas páginas dos jornais e revistas.

Neste contexto, o debate sobre a relação entre “corpo e alma”, uma questão filosófica mais ampla e antiga, influenciou diretamente como estas teorias foram apropriadas e

ressignificadas, de maneira que, para os defensores de uma visão unívoca do indivíduo, teorias como a caracterologia de Kretschmer, a psicologia individual e sobretudo a medicina psicossomática foram vistas como uma solução de meio termo entre a polarização das teorias idealistas (psicanálise) e biologistas (Kraepelin e Pavlov).

Este processo de circulação foi compreendido como uma atividade de apropriação em fluxos, que implicava em tradução, ressignificação e divulgação do conhecimento ressignificado, ou, dito de outra forma, a produção de novos olhares sobre o conhecimento apropriado. E, principalmente, resultava em uma combinação de teorias diferentes dando origem a um processo de “hibridação”, ou seja, um novo conhecimento interligado ao contexto e às demandas locais. Assim, a psicanálise foi combinada a teorias bem diversas, como a psicologia individual definida por Adler e a higiene mental, por mediadores como Danilo Perestrello no campo da educação infantil, enquanto Pimentel Jr. defendia uma aglutinação das teorias de Freud com biotipologia, endocrinologia e eugenia. Já a caracterologia segundo Kretschmer foi ora aproximada da biotipologia, ora relacionada com a medicina psicossomática.

Partindo do contexto apresentado nos capítulos 2 e 3, sobre a circulação de teorias médico-psicológicas várias para um público mais amplo, apresento no capítulo seguinte como a psicanálise, a caracterologia segundo Kretschmer e as ideias sobre a subjetividade humana presentes na obra de Proust foram divulgadas por Araújo Lima em dois romances – *Babel* e *A bruxa* –, observando também como estes saberes sobre a psiquê circularam no contexto brasileiro por meio do chamado romance psicológico.

## CAPÍTULO 4

### A CIRCULAÇÃO DE TEORIAS PSICOLÓGICAS NA LITERATURA

Neste capítulo observo como os saberes psicológicos se fizeram presentes na literatura brasileira das décadas de 1930-1940, considerando que tais saberes já faziam parte da literatura internacional desde o século XIX. Tomando tal contexto como ponto de partida, analiso os dois primeiros romances escritos por Cláudio de Araújo Lima – *Babel* e *A bruxa* –, ambos publicados na década de 1940, dentro do movimento de constituição do romance psicológico no Brasil. Os romances de Araújo Lima foram tomados como exemplos de obras que foram pensadas tanto como formas de arte e entretenimento, quanto como veículos de mediação de determinados conhecimentos sobre o funcionamento da psiquê humana, a saber: a psicanálise, as teorias kretschmerianas e, com destaque especial, os conceitos psicológicos presentes no romance proustiano.

O argumento central deste capítulo é de que este movimento, expresso nos romances chamados de psicológicos, intimistas ou introspectivos,<sup>81</sup> possibilitou uma maior circulação de teorias científicas advindas da psiquiatria, psicologia e psicanálise para o público em geral. Estes conhecimentos sobre a mente foram popularizados a partir das leituras e apropriações realizadas pelos romancistas, que os utilizaram como parte de suas narrativas e para a própria constituição estética do texto, transformando e modificando tais saberes científicos no processo. Simultaneamente, médicos dedicados ao estudo das teorias psiquiátricas, psicológicas e psicanalíticas se utilizaram das narrativas ficcionais, de maneira combinada à biografia de seus autores, como forma de popularizar estas ciências, exemplificar suas teorias e também como fonte para suas investigações sobre a personalidade e o comportamento humano em sua relação com a sociedade, como veremos no sexto capítulo.

---

<sup>81</sup> Segundo o crítico literário Massaud Moisés, existe uma diferença significativa entre o chamado romance psicológico e o romance intimista ou introspectivo. Para ele, o primeiro engloba a categoria “romance” em sua quase totalidade, uma vez que há uma relação direta entre a constituição da personalidade dos personagens e o uso da psicologia para isso. No romance psicológico, os conflitos vivenciados pelos personagens permanecem ao nível dos relacionamentos sociais, sem uma sondagem de causas mais íntimas ou analogias psíquicas que revelem uma estrutura mais complexa e variada de possibilidades além do campo ético ou sentimental. Ao contrário do romance psicológico, que situa os conflitos no nível da consciência, o romance introspectivo ou intimista adentra o inconsciente, representado nos sonhos, devaneios, na memória, monólogos interiores, lapsos de linguagem, associações involuntárias de ideias. Ver: MOISÉS, 1996: 99.



A literatura é aqui considerada tanto como uma fonte para a constituição de uma história cultural da psiquiatria, psicologia e psicanálise, quanto como um instrumento para a compreensão do processo de circulação das teorias produzidas nestas áreas especializadas, uma vez que possibilita investigar como tais teorias estavam sendo apropriadas e divulgadas para um público mais amplo que o especializado. Neste capítulo, destaco a participação de dois grupos de intelectuais mediadores que considero como fundamentais para este processo de circulação – os romancistas e os críticos literários. Em ambos os grupos encontramos também médicos e psiquiatras que desempenharam o duplo papel de médico e escritor.

Os dois primeiros romances escritos por Araújo Lima, *Babel* e *A bruxa*, podem ser considerados como práticas de mediação dos saberes sobre a mente empreendidas pelo autor e, ao mesmo tempo, como tentativas de inserção de suas obras em uma corrente literária que, no Brasil, ganhou destaque como movimento a partir da década de 1930: o romance psicológico moderno. Nas obras de Araújo Lima estão presentes alguns elementos de sondagem psicológica, como a análise da subjetividade do indivíduo em sua relação com seu “eu”, com o “outro” e com a sociedade como um todo, que estavam sendo debatidos tanto no campo das ciências como das artes. Um elemento chave para a compreensão deste movimento literário é pensar a categoria do “homem comum”, uma espécie de anti-herói, sem atributos ou virtudes especiais, vivendo uma vida comum. Esta categoria está presente em obras produzidas em contextos diversos, seja na Europa ou nas Américas, entre as décadas de 1910 e 1940.

Assim, neste capítulo analiso as experiências de Araújo Lima na literatura intimista como ponto de partida para investigar o desenvolvimento de um movimento literário brasileiro preocupado em pensar e representar a subjetividade do indivíduo comum e seus conflitos interiores frente às questões implícitas na vida moderna. Porém, para uma melhor compreensão de tal movimento, início esta investigação com a apresentação da obra de alguns escritores da literatura internacional, como Dostoiévski, Joyce e Proust, dentre outros, que trabalharam com essa temática. Estes influenciaram direta ou indiretamente aos romancistas brasileiros, e assim, por esta razão, observo o processo de recepção e apropriação de suas obras pelos escritores e críticos locais. Em um segundo momento, discuto como tal movimento se constituiu no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, identificando suas principais características, influências e integrantes, destacando a participação de médico e escritor Dyonélio Machado como exemplo de intelectual mediador. Finalizando, apresento os romances *Babel* e *A bruxa*, de Araújo Lima, analisando a temática central de ambos, sua recepção entre os leitores e principais influências, tanto provenientes da literatura como das áreas médicas e psicológicas.

#### 4.1 O romance psicológico e seus autores

As obras literárias que apresentam sondagens psicológicas não são uma invenção do século XX, pois, guardadas as devidas diferenças de estilo e contexto histórico, podemos considerar que suas raízes remetem a um passado rico e variado, de obras dos séculos XVII e XVIII, escritas por autores como Madame de Lafayette, Prevost, Samuel Richardson, Jean-Jacques Rousseau, dentre outros. Isto, entretanto, não significa falar de uma completa similaridade do conceito utilizado em épocas diversas e desconsiderar a ideia de transformações históricas na produção literária. O romance psicológico moderno, na forma como o conhecemos hoje, começou a se estabelecer como estilo literário a partir da primeira metade do século XIX (BELKNAP, 2004: 134).

Algumas das obras do escritor russo Fiódor Dostoiévski foram fundamentais para a constituição deste gênero literário. Dostoiévski, a partir do segundo livro de sua carreira como romancista, *O Duplo*, publicado em 1846, dedicou-se ao estudo da dualidade e dos desdobramentos da personalidade, uma questão que perpassou boa parte de sua obra posterior, como *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios*, *O adolescente* e *Os irmãos Karamázov* (BEZERRA, 2011: 237). O romance *O Duplo*, uma das obras de Dostoiévski menos trabalhadas em análises literárias, é fundamental para compreendermos como este autor desenvolveu este tipo humano dividido em sua subjetividade, oprimido pela realidade que o rodeia, vivendo no limiar entre o desastre e a redenção, esta espécie de anti-herói, que aparece em toda sua obra e que foi tão influente para autores da literatura internacional e brasileira como um todo.

Em *O Duplo*, o escritor russo apresenta o amanuense Yákov Pietróvitch Golyádkin, um pequeno funcionário público sem chances de progressão social que, sufocado pela gigantesca máquina burocrática russa, enlouquece frente ao caos da grande cidade, neste caso São Petersburgo. Ele vive uma vida modesta, mas com certo conforto, de modo que consegue poupar o suficiente para alugar roupas novas para ele e para seu criado, e até mesmo uma carruagem que lhe possibilita ir a um jantar de gala em comemoração ao aniversário da filha do chefe da chancelaria onde o amanuense trabalha. O problema é que “nosso herói”, como o autor ironicamente o denomina, nem sequer foi convidado para tal jantar (DOSTOIÉVSKI, 2011: 9-32). Este é o início das intempéries que compõem o drama vivido por Golyádkin, um homem que sofre de solidão aguda, sempre na angustiante busca pelo convívio e ascensão social.

No ápice de sua solidão, ao andar errante e desorientado pelas ruas de São Petersburgo, após ser escorraçado como intruso do jantar de gala para o qual imaginou ter sido convidado,

ele encontra seu duplo, Golyádkin segundo que será inicialmente um alento para sua solidão. Os longos diálogos entre suas duas facetas deixam transparecer toda a subjetividade do personagem em uma fala truncada, tortuosa, marcada pelo delírio. Seu duplo imaginário, de confidente, torna-se um inimigo, um usurpador de tudo que ele almeja, amigos, reconhecimento no trabalho, ascensão social, sendo a causa final de sua loucura (DOSTOIÉVSKI, 2011).

As perturbações de Golyádkin são resultado de um estado patológico agravado pelas condições do meio, sua impossibilidade de ascender socialmente e seu trabalho. Neste romance, o jovem escritor tomou como ponto de partida a tradição do realismo russo para operar uma transmutação estética, em que o realismo se aproxima da análise psicológica. A novidade apresentada nesta obra não era a tematização da loucura, já trabalhada por outros autores como Nikolai Gógol, mas sim o uso da análise psicológica intrinsecamente ligada à narrativa literária enquanto recurso de representação do funcionamento do “mundo caótico da consciência humana”. Para o autor, o que interessava era compreender o “homem interior” na luta cotidiana entre desejos e fracassos, sonhos e realidade. Ele considera que o “pensamento, a consciência, a sensação do seu ‘eu’ e de seus direitos são os mais altos valores que norteiam o comportamento do homem”, e em seus romances tais valores são sempre postos frente a uma tensão constante, beirando o conflito, entre o “eu” e a sociedade (VÁSSINA, 2011; BEZERRA, 2011: 237-240).

O *Duplo* é também o primeiro romance de Dostoiévski que retratava o processo de enlouquecimento de um homem, em paralelo às práticas de um médico que tentava tratá-lo. Esta situação se repetiu em outros livros do autor, publicados na década de 1840, onde os personagens parecem precisar de auxílio psicológico, cada um deles apresentando um conjunto de diferentes sintomas. Para Robert Belknap, é como se “Dostoiévski estivesse explorando o mundo da psicopatologia de uma maneira científica”. Em sua obra, o que podemos chamar de “psicopatologia” segue na verdade a sintomatologia tradicional de sua época, onde a loucura se caracteriza: pela atribuição de vontade a coisas inanimadas; a criação e interação com personagens inexistentes, que no geral são a personificação de aspectos sombrios da personalidade do doente; o obscurecimento do limiar entre a fantasia e realidade e, por fim, a perda total do senso de realidade (BELKNAP, 2004: 133).

Na época do romancista russo, não existia uma separação nítida entre as categorias de ciência e filosofia, de modo que o estudo da psiquê humana, da religião, da política e de toda a natureza estavam intrinsecamente conectados. As duas maiores correntes de saberes sobre a mente eram a neurologia e o alienismo. Dostoiévski, que era filho de um médico e passou boa

parte de sua infância no hospital em que seu pai trabalhava, procurou se manter sempre informado das pesquisas científicas e principalmente das práticas de cura nestas duas áreas. No âmbito do estudo dos nervos, uma série de teorias podem ser enumeradas como sendo de conhecimento do autor, como: a teoria hipocrática dos humores; a frenologia desenvolvida por Franz Joseph Gall; a aplicação do método positivista na medicina por Claude Bernard; os trabalhos de Ivan Sechenov (1829-1905), um importante neurologista russo, que foi professor do Ivan Pavlov (1849-1936), e também de Carl Gustav Carus (1789-1869) e George Henry Lewis (1817-1878) (BELKNAP, 2004: 131-132; 134).

Entre os alienistas do período, o mesmerismo e depois o hipnotismo tiveram grande destaque. Em uma época onde a literatura foi muito influenciada por estas teorias, são exemplos desta relação alguns dos autores favoritos de Dostoiévski: Hoffmann, Dumas, Dickens, Poe e novelistas góticos ingleses. O escritor russo, apesar de ter conhecimento sobre as principais teorias contemporâneas na área da neurologia, não concordava filosoficamente com estas (BELKNAP, 2004: 131-132; 134), como demonstra a ironia do seguinte trecho do romance *Os Irmãos Karamázov*:

– Imagino: isso é lá nos nervos, dentro da cabeça, ou seja, lá dentro do cérebro há esses nervos (o diabo que os carregue!) ... há uns rabinhos, esses nervos têm uns rabinhos, pois bem, é só eles começarem a tremer... ou seja, fito alguma coisa com os olhos, assim, e eles, os rabinhos, começam a tremer... e assim que começa a tremer aparece uma imagem, não aparece logo, mas ao cabo de um instante, (...) eis porque eu contemplo e depois penso... porque há os rabinhos, e nunca porque eu tenha uma alma e seja uma imagem qualquer e semelhança sei lá do quê, tudo isso são tolices. Essa ciência é magnífica...! Um novo homem há de surgir, isto eu compreendo... (DOSTOIÈVSKI, 2008: 765).

No contexto europeu, entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, tanto a neurologia como o alienismo/psiquiatria e a nascente psicologia experimental passaram por um processo de institucionalização, expansão dos seus campos de atuação, especialização e surgimento de novas teorias, como a psicanálise. Este processo influenciou de maneira decisiva muitos escritores, paralelamente, a situação geográfica e política dos contextos nacionais foi determinante para a elaboração de suas obras.

Desde o início do século XX, os súditos do Império Austro-Húngaro, em um processo acelerado de dissolução que chegou ao ápice na Primeira Guerra Mundial, produziram obras que respondiam a esse contexto. Eles passaram a adotar, em suas narrativas, elementos que rompiam com o romance realista do século XIX, como a multiplicidade “quase pré-cubista” do ponto de vista, a anulação da distância habitual entre autor e conteúdo e, por fim, “as várias

soluções técnicas ligadas ao monólogo interior, ao fluxo de consciência e à associação de ideias ritmadas”, todas estas características refletindo “uma irremediável perda de centro” e um destaque maior dado ao tempo em suas obras. Esses escritores não se sentiam integrados ao “grande corpo não coeso do Estado austro-húngaro”, que continha muitas nacionalidades e línguas diferentes; assim, podemos dizer que autores como Italo Svevo, nascido em Trieste, à época parte do império e que escrevia em italiano, Franz Kafka, nascido em Praga e que escrevia em alemão, e mesmo Robert Musil, de Viena e que escrevia em alemão, se sentiam divididos e marginalizados, entre outros fatores porque todos eles eram de origem judaica, em um contexto de franca expansão do antissemitismo (LUNETTA, 2011: 7).

Diante de tal situação, alguns autores adotaram uma visão niilista em suas obras, bastando citar os nomes de Musil, autor de *O homem sem qualidades*, e de Kafka, com suas obras onde os personagens são oprimidos por situações que não podem controlar e contra a qual não conseguem lutar. Assim como o personagem Golyádkin de Dostoiévski, esse homem sem qualidades é um tipo de anti-herói, um sujeito comum em cuja vida não acontece nada de extraordinário, mas que, ao mesmo tempo, possui uma vida interior muito rica, descrita com grande detalhamento. Simultaneamente, todos os autores valiam-se da psicanálise, que, não por acaso, foi elaborada por um outro judeu vivendo no Império Austro-Húngaro, Sigmund Freud (LUNETTA, 2011: 7).

No período do entre guerras, pesava sobre os intelectuais europeus uma certa nostalgia pelo “mundo de ontem”<sup>82</sup>, que teria findado com a Primeira Guerra, destruindo as certezas de progresso e civilização e envolvendo o pensamento ocidental em um mal-estar que prenunciava novos conflitos. Ao mesmo tempo, políticas massificadoras de resposta às crises econômicas e à crise da democracia liberal dissolviam a individualidade do homem no anonimato do todo. Frente a tal conjuntura, o interesse pela análise psíquica e moral tornou-se crescente, influenciando autores como John dos Passos, Ernest Hemingway, William Faulkner, D. H. Lawrence, André Malraux, Alberto Moravia, Conrado Álvaro, dentre outros. A tentativa, nas obras destes autores, de resgatar o “homem” menosprezado em sua subjetividade seguiu pela via do realismo psicológico “bruto” combinado à crítica política, influenciando, entre os brasileiros, as obras de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Marques Rebêlo (BOSI, 1980: 437).

---

<sup>82</sup> Stefan Zweig, que vivenciou este contexto, publicou uma autobiografia intitulada *O mundo de ontem: memórias de um europeu*, em 1941.

Por um outro caminho, escritores cristãos também exploraram as análises subjetivas, porém utilizando uma composição que ressaltava a posição do indivíduo angustiado e dividido em meio ao conflito eterno entre o mundano e o divino. Foram estes Georges Bernanos, Saint-Exupéry, Julien Green, Evelyn Waugh e Graham Greene, que influenciaram autores brasileiros como Octávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna e Jorge de Lima, com destaque especial para Julien Green, que foi bastante divulgado no Brasil (BOSI, 1980: 437).

Dentre os autores da literatura internacional que se dedicaram à narrativa de introspecção, as obras de dois escritores – o irlandês James Joyce (1882-1941) e o francês Marcel Proust (1871-1922) – se destacaram como fortes influências para a constituição do romance psicológico moderno.

O principal livro de James Joyce dentro deste estilo intimista, *Ulysses*, publicado em 1922, ampliou a experiência da análise psicológica no texto literário subvertendo a própria estrutura textual, através da priorização do monólogo interior e do uso do fluxo de consciência. Anteriormente, o escritor irlandês havia publicado os livros *Dublinenses* (1914) e *Retrato do artista quando jovem* (1916) ainda durante a Primeira Guerra Mundial, porém a obra que o consagrou internacionalmente foi *Ulysses*. Este foi escrito entre 1914 e 1921, entre Trieste, Zurique e Paris – onde foi concluído –, cidades nas quais o autor se exilou durante os anos marcados pelo conflito mundial e no imediato pós-guerra. *Ulysses* foi lançado no ano seguinte por uma modesta livraria de Paris, Shakespeare & Co., pertencente à americana Sílvia Beach, depois de ser recusado por diversas editoras nos Estados Unidos e Inglaterra. Neste período, *Ulysses* começava sua incrível odisséia, repleta de “repressão, aviltamento, adulação, pirataria, queimas públicas e privadas e contrabando”, devido à forte repercussão negativa nos países de língua inglesa, onde foi considerado como literatura “suja”, e obscena dada a liberdade com que falava do corpo, das funções fisiológicas e do gozo feminino. Contudo, outros motivos também influenciaram na perseguição ao livro de Joyce, como o seu posicionamento pacifista, antimilitarista e declaradamente contrário ao nacionalismo irlandês. Somente em 1933 o livro foi liberado da censura sofrida, por ordem judicial nos EUA e mais tarde na Inglaterra, ganhando repercussão mais ampla internacionalmente. Para Anthony Burgess, o reconhecimento da importância da obra de Joyce para a literatura só aconteceu quase vinte anos após sua morte, nos anos de 1960 (BURGESS, 1994: 87).

A narrativa de *Ulysses* transcorre em Dublin em um único dia, 16 de junho de 1904, e é narrada através de três personagens centrais – Leopold Bloom, Molly Bloom e Stephen Dedalus. Segundo Burgess (1994) a obra de Joyce condensa “o épico e o drama gregos

encerrados na estrutura de um romance burguês moderno”, enquanto para Antônio Houaiss, o primeiro tradutor brasileiro do romance, a linguagem utilizada por Joyce vai do “poema à ópera, do sermão à farsa”, sobrepondo termos da prosa clássica à mais vulgar gíria e criando novos elementos com base em seus conhecimentos de latim, grego, sânscrito e mais outros vinte idiomas modernos. O paralelo com a *Odisseia*, de Homero, empregado por Joyce, nos proporciona uma viagem experimental ao mundo moderno a partir de uma visão panorâmica de suas descobertas científicas, seus problemas sociais, religiosos, estéticos e sexuais. Na versão de Joyce, *Ulysses* é a imagem de um ser arrasado, traído pela mulher, o total contrário do invencível herói criado por Homero (HOUAISS, 1983).

Mesmo considerando as singularidades do contexto de produção e do processo criativo e subjetivo de cada autor, temos em *Ulysses* o auge da constituição do herói moderno, que é um anti-herói, um homem comum sem atributos especiais, vivendo uma vida comum, por vezes beirando a mediocridade, que goza dos prazeres e sofre as frustrações que a vida moderna lhe oferece. Um homem fragilizado, muitas vezes cindido em sua subjetividade, sempre em busca de se reencontrar. O mesmo homem representado por Dostoiévski, Machado de Assis, Proust, Musil, dentre outros. Este homem representado nas páginas destes romancistas difere de outros personagens da tradição literária pelo nível de introspecção e análise que é capaz de produzir sobre si mesmo e o mundo que o rodeia.

Segundo Burgess, a introspecção e a sondagem psicológica na narrativa de Joyce é um “interminável comentário das personagens principais sobre as informações que a vida lhes atira, mas não dito, com frequência caótico, as vezes chegando ao limiar da mente inconsciente”. Um recurso anteriormente utilizado por outros autores ingleses, como Charles Dickens, Samuel Butler e Jane Austen, porém jamais na escala empregada por Joyce, que teve contato com as teorias de Freud, sendo influenciado, em parte, por estas. O criador de *Ulysses* levou ao limite extremo a tentativa de representar o funcionamento da mente humana em seus “devaneios, sem se deter em nada por muito tempo, voltando com frequência ao mesmo ponto, de novo e de novo, mas raramente ficando nele”. Tal recurso não é uma representação naturalista do funcionamento da consciência, mas cumpre um interesse artístico que faz convergir as mentes dos três personagens principais para um ponto em comum (BURGESS, 1994: 88-90).

A recepção da obra de Joyce no Brasil, nos jornais e revistas locais, começou ainda na década de 1920<sup>83</sup>. Para Mutran (1992), nesta década as referências a Joyce e suas obras

---

<sup>83</sup> Apesar da primeira edição brasileira de *Ulysses* só ter sido publicada em 1965, pela Editora Civilização Brasileira.

consistiram basicamente de pequenas citações em resenhas sobre outros autores, publicadas em revistas dedicadas à crítica literária. São exemplos desta recepção: uma resenha publicada na revista *Estética* de 1924, sobre o livro *England, my England* de D. H. Lawrence, onde Joyce é situado entre autores como Aldous Huxley, Wyndham Lewis, T. S. Eliot, W. L. George e G. Cannan, destacados como escritores mais modernos e de maior peso nas correntes literárias inglesa; os artigos de Teixeira Soares sobre literatura moderna publicado na *Revista do Brasil*; e o de Amoroso Lima na *Revista Verde* de 1929 sobre as obras do escritor italiano Luigi Pirandello (1867-1936)<sup>84</sup>, que à época era muito mais conhecido entre os brasileiros que Joyce (MUTRAN, 1992: 428; LIMA, 1929: 19-20).

Entretanto, encontramos no levantamento de jornais e revistas algumas análises mais detalhadas e aprofundadas sobre o livro *Ulysses*, já na década de 1920.<sup>85</sup> O que me leva a discordar de Mutran (1992), ao considerar o início da recepção das obras de Joyce no Brasil como tardia. Considero que a circulação da obra de Joyce no Brasil, a pesar das dificuldades em adquirir seus livros, que eram muitas vezes obtidos por vias clandestinas, e principalmente em traduzi-lo, se inicia ainda nos anos de 1920, por meio do estranhamento, da resistência, das críticas de mediadores culturais, assim como das leituras a partir de comentadores; práticas que fazem parte do processo de recepção e apropriação de uma obra.

Em 1924, apenas dois anos após a publicação de *Ulysses* em sua primeira edição, Gilberto Freyre publicou uma resenha no jornal *Diário de Pernambuco* sobre o livro. Nesta, o escritor pernambucano, que tomara contato com o livro em sua estada em Oxford, apesar da censura e das restrições à sua circulação, o definia como:

*Ulysses* é como uma reportagem taquigráfica de flagrantes mentais. Do muito que se pensa sem ter coragem de dizer. Do muito que é recalcado na vida mental do homem pelo ‘censor’ da teoria freudiana. Joyce criou uma espécie de método taquigráfico para apanhar esses flagrantes da vida mental interior. Vida sem olhos e sem boca, porém vida. Vida sem disciplina moral. (...) *Ulysses* traz um ritmo novo para o romance. Nunca se escreveu um romance

---

<sup>84</sup> Pirandello foi um poeta, romancista e dramaturgo para quem os “cânones éticos e estéticos não [tinham] um valor em si universal, mas apenas relativo ao sujeito, ao momento e ao lugar”. Entre suas obras mais conhecidas estão as peças teatrais “Seis personagens à procura de um autor” e “Assim é, se lhe parece”, e os romances *O falecido Matias Pascal* e *Um, Nenhum e Cem Mil*. Ver: D’ONOFRIO, 1981.

<sup>85</sup> Paralelamente à recepção de *Ulysses*, outro livro de Joyce, *O retrato de um artista quando jovem*, publicado em 1916, começava a ser divulgado nos jornais brasileiros, em 1924, também como uma obra polêmica e revolucionária. Este interesse tardio se deu por ocasião do lançamento de sua primeira tradução para o francês, por Ludmila Savitzky, sob o título de *Dedalus*, obra que, segundo os jornais brasileiros, teria vendido cerca de quatrocentos mil exemplares nos países latinos, uma vez que a versão inglesa censurada era de difícil aquisição e alto custo. Esta obra também foi traduzida para o espanhol em 1926, por uma editora de Madri, o que possibilitou sua maior circulação no Brasil que o livro *Ulysses* (*O ESTADO*, 15/07/1924: 2; *CORREIO DA MANHÃ*, 26/08/1924: 2). Em 1945, *O retrato do artista quando jovem* foi traduzido pela primeira vez para língua portuguesa por um brasileiro, o romancista José Geraldo Vieira (MUTRAN, 1992: 428).



assim. A análise da vida interior que aí se faz é duma transparência e duma complexidade perturbantes (FREYRE, 1924: 1).

No mesmo ano foi publicada uma nota crítica sobre Joyce na revista *América Brasileira*, dirigida por Elysio de Carvalho, em que o autor da coluna “Repertório” apresentava Joyce como um jovem escritor cuja fama mundial fora conquistada da noite para o dia, fruto do “puritanismo e da imbecilidade burguesa”. Já seu livro *Ulysses* era descrito como uma mistura de “realismo, fantasia, análise introspectiva do inconsciente e expressionismo”, onde todos estes elementos eram combinados a uma “sátira aguda e cortante”, um “humorismo estridente” e uma “linguagem popular muito crua”, o que teriam lhe valido a fama de “obsceno, imundo e imoral”. Concluindo, o crítico observava que esta era uma obra muito comentada, mas pouco lida, e sobre a qual começavam a surgir muitas análises (*AMÉRICA BRASILEIRA*, set. 1924: 297).

Na revista *Movimento Brasileiro*, dirigida por Renato Almeida, foi publicado em 1929 um artigo intitulado “O romance moderno na Inglaterra”, que apresentava com entusiasmo a literatura introspectiva de língua inglesa. Tal artigo, que não era assinado, trazia um resumo crítico da obra de Joyce, com destaque para o uso do artifício literário do encurtamento do tempo, onde o processo do tempo mental abrevia o tempo material, de modo que a ação que se passa na mente de um personagem é mais lenta que na sequência tradicional do livro de ficção. “A análise interior retarda a vida”, o que, para o crítico, poderia levar ao risco da monotonia em obras que abusavam deste processo, como o próprio *Ulysses*, de Joyce, *Legenda*, de Clemence Dare, *Nocturno*, de Frank Swinnerton, *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf e *Bly Martal*, de Bernard Gilbert (*MOVIMENTO BRASILEIRO*, 1929: 13).

Nos escritos destes autores, uma grande influência apontada seria a obra de Freud, cujas pesquisas sobre o inconsciente eram combinadas com as ideias do filósofo francês Henri Bergson (1859-1951) sobre a memória e as tendências da arte moderna, como o cubismo e o futurismo. A intensidade do romance inglês articulava realismo e introspecção, de maneira que a “vida, assim contada, pode ser fixada com maior minúcia e tirada de seus fatos mais íntimos e imperceptíveis todas as possíveis e impossíveis consequências psicológicas”. A literatura, neste contexto, era vista como algo a mais que uma construção artística; ela passava a ser pensada como um espaço de teorização e construção do conhecimento sobre o funcionamento da subjetividade e da psiquê do indivíduo, ou dito de outra forma, um “processo de laboratório, não à maneira dos realistas, mas pelo pampsiquismo, desdobramento da realidade além do real, real oculto, verdade inconsciente”. Tal tendência foi vista como uma forma de evasão do real, uma fuga da realidade, mesmo que “através da realidade”, para uma “terra de ninguém”. Além dos autores já citados, foram considerados como engajados nesta literatura psicológica autores

como D. H. Lawrence (*The Fox; Sons and Lovers*) e Rebeca West (*The Judge*), com forte influência freudiana (*MOVIMENTO BRASILEIRO*, 1929: 13).

No ano de 1930, Mário de Andrade, ao ler *Ulysses* em uma edição francesa, escreveu em suas notas que

a primeira impressão que se tem é que Joyce não teve medidas de espécie alguma e o que teve de dizer disse. (...) Essa impressão vem de que ninguém até agora teve coragem de dizer o que Joyce disse. Porém, a verdade verdadeira é, não sei se terrível, mas profundamente humana é que Joyce não disse tudo (ANDRADE, *apud* MUTRAN, 1992: 430).

As anotações deixadas na marginalia dos livros de Mário de Andrade nos ajudam a compreender seu papel como leitor de Joyce, e, por sua posição privilegiada no meio intelectual brasileiro da época, a influência que tal leitura pode ter exercido sobre outros leitores de Joyce em potencial. Mário, ao tratar do uso do monólogo interior ou, como ele o chama, “solilóquio interior” em *Ulysses*, diz:

Trouxe ele com isso uma solução, uma verdade nova? Artisticamente me parece que não. Joyce não adianta um passo sobre Mme. De La Fayette. Pelo contrário, atrasou sobre ela. Porque com ele, e também com Proust, embora menos, as personagens confundem-se. Perdem aqueles traços mais incisivos, por assim dizer exteriores, que formam o caráter de um ser psicológico, porque esses traços são na análise sem planos, como é especialmente a de Joyce, de igual importância e intensidade que os outros, os que nós temos de toda gente em nós. Ora se os heróis de Shakespeare à Molière, pela gigantização de seus caracteres típicos, perdem como realidade humana, nem por isso eles deixam de ser profundamente humanos, perdendo em realismo humano o que ganham como valores morais (ANDRADE, *apud* MUTRAN, 1992: 430).

Para Mutran, após a morte de Joyce, em 1941, revistas literárias brasileiras, como a *Revista do Brasil* e a *Revista Clima*, dedicaram maior espaço à análise da obra de Joyce. Nesta o escritor irlandês foi colocado, lado a lado, com escritores como Virginia Woolf e Aldous Huxley. Joyce, porém, diferentemente destes autores, principalmente do segundo, ainda era pouco conhecido não só do público como dos críticos. Os críticos que mais se dedicaram a analisar a obra de Joyce, neste período, foram Otto Maria Carpeaux, Almiro Rolmes, João Gaspar Simões. Após 1950, o interesse pelos livros de Joyce teria aumentado nos suplementos literários de jornais como *O Estado de São Paulo*, que passaram a falar do autor de maneira mais detalhada e informativa, ao mesmo tempo que quase desapareceram as referências a ele nas revistas literárias (MUTRAN, 1992: 432-436).

Além dos livros de Joyce, outra obra de grande influência na constituição do romance moderno, na primeira metade do século XX, foi escrita por Marcel Proust. *À la Recherche du Temps Perdu* (*Em busca do tempo perdido*) foi publicada entre os anos de 1913-1927, em sete

volumes, contribuindo para o desenvolvimento de um novo estilo literário e uma nova percepção do mundo que privilegiava um viés introspectivo embasado nas categorias da memória involuntária, do tempo internalizado e da dissociação da personalidade.

Esta obra trouxe como contribuição marcante para a literatura moderna, em especial para a categoria literária conhecida como romance psicológico, o rompimento com a linearidade temporal no desenrolar da narrativa, possibilitado pelo uso da categoria da memória enquanto elo entre espaço e tempo. Ela é composta pelas memórias de um narrador em primeira pessoa, que trabalha tanto com elementos do consciente como do inconsciente, ao descrever suas experiências desde a infância até a idade adulta, vivenciadas entre a velha aristocracia francesa e os salões burgueses entre o fim do século XIX e início do XX. Proust usa do artifício da lembrança para criar um mundo unificado pela sensibilidade do narrador no qual cada pedaço de uma vida fictícia é recuperado em todas as suas minúcias e nuances (DAVIS, 2002: 16).

Walter Benjamin, ao analisar a obra de Proust, nos textos *A imagem de Proust*, de 1929 e *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire*, escrito dez anos depois, destacava a relevância da memória em articulação com a consciência e o tempo para a composição do universo proustiano. O entendimento da categoria da memória na obra de Proust só é possível se considerarmos que o mais “importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração”, uma vez que a experiência vivenciada é finita, encerra-se em si mesmo, na esfera do vivido, enquanto a lembrança não tem limites, pois representa uma ponte entre passado e presente. Na obra de Proust não existe uma linearidade para a narrativa, como não há para o tempo, para a recordação ou para a própria vida, de forma que as intermitências, lacunas e rupturas da ação são preenchidas pelo *continuum* da recordação (BENJAMIN, 1994: 37-38).

A categoria da memória em Proust também está diretamente ligada ao conceito de tempo, pela interação entre envelhecimento e reminiscência. A eternidade, para ele, não está relacionada ao tempo infinito, e sim ao tempo entrecruzado. Seu interesse concentra-se no fluxo do tempo real, que se manifesta de maneira articulada na relação entre a reminiscência (internamente) e o envelhecimento (externamente). Nesta relação, a memória involuntária aparece como uma “força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento” (BENJAMIN, 1994: 45-48). Benjamin defende que Proust além de ter sido influenciado pelos postulados sobre a memória e a consciência propostos por Bergson, também pôs à prova toda a teoria da experiência desenvolvida pelo filósofo francês. Ele observa que, para Bergson, existe um antagonismo entre a *vita activa* e a *vita contemplativa*, esta última estritamente ligada à

memória, e que a transposição entre os dois estados se daria por um ato voluntário. Para Proust, pelo contrário, a “memória pura” surge sem nenhum aviso prévio, independente da vontade consciente, daí a oposição entre a memória involuntária e a voluntária, estando esta outra subordinada à inteligência (BENJAMIN, 2015: 108).

Proust não chegou a conhecer ou ler Freud diretamente, pois as traduções da obra do último para o francês só aconteceram após a morte do romancista. *A Interpretação dos Sonhos*, considerado o livro base do início da psicanálise só foi traduzido em 1926. Entretanto, nas primeiras décadas do século XX, alguns dos estudos de Freud já eram citados nos salões franceses e nos círculos literários profundamente fascinados pela psicologia moderna. Ambos escritores partilhavam de um mundo de letras, medicina e ciências, a ponto do romancista psicológico Paul Bourget (1852-1935) ser considerado pelos especialistas no romance proustiano como inspirador da personagem Bergotte. As pesquisas de Proust e Freud, sobre a vida interior, realizadas paralelamente, mesmo que por caminhos diversos, se aproximam em tantos pontos que um ajuda a entender o outro (BUNGART NETO, 2014: 156-157).

Dentro do discurso proustiano, também se percebe a influência das teorias de Freud, em especial no que diz respeito à relação entre a consciência e a memória. Benjamin chama atenção para o fato de que, para Proust, apenas seria possível integrar-se à memória involuntária o que não foi experimentado pelo sujeito de forma consciente, o que retoma a premissa de Freud de que “a tomada de consciência e a permanência dos vestígios na memória são inconciliáveis no mesmo sistema”, uma vez que os “resíduos da lembrança são mais intensos e duradouros quando o processo que os deixou nunca chegou ao nível do consciente”. Assim, a consciência não registraria nenhum vestígio da memória (BENJAMIN, 2015: 108).

#### **4.2 A “psicologia proustiana” na literatura brasileira**

Inicialmente a obra de Proust foi lida no Brasil diretamente do francês, ou por meio de traduções lusitanas ou espanholas, e por textos de comentadores franceses e brasileiros, pelo menos até a segunda metade da década de 1940, quando os primeiros volumes da obra foram traduzidos no Brasil. Jayme Adour da Câmara rememorando o período inicial da recepção de Proust no Brasil, no início dos anos de 1920, diz que os intelectuais brasileiros, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, na época envolvidos na “campanha modernista” e a par dos escritores da vanguarda europeia, foram tomados de surpresa pela obra de Proust, o efeito desta sobre eles foi de “desnorreamento” quase total. Mas, este impacto inicial incomodo e desconcertante não impediu que a obra do escritor francês começasse a circular nos meios literários brasileiros, e

até mesmo a impulsionou neste sentido. Rapidamente, Proust tornou-se assunto das rodas literárias, reuniões de intelectuais e nos salões da elite carioca e paulista. Ele era o escritor da moda, o motivo de todas as atenções (CÂMARA, 1950: 87-88). O que não significa dizer que o processo de leitura e apropriação da obra de Proust tenha sido fácil.

Por outro lado, as notícias que chegavam de além-mar por meio de revistas francesas, antes mesmo de sua morte, apontavam para críticas severas de alguns dos escritores franceses seus contemporâneos. Henri Massis, por exemplo, considerava aquela obra “um amontoado de horror”, e Curtis a definia como uma “obra asquerosa e impregnada de vícios”. Porém, paralelamente também chegava a notícia que os primeiros volumes do romance proustiano haviam sido laureados com o prêmio da Academia Goncourt, tornando o autor conhecido internacionalmente. A diversidade de opiniões sobre a obra provocava curiosidade, inquietação e acalorados debates (CÂMARA, 1950: 87-89).

Proust começou a ser citado por alguns escritores e críticos literários brasileiros, ainda antes de sua morte em 1922, mas com poucas análises de sua obra. Em geral, ele era apresentado apenas como parte da moderna geração de escritores franceses que vinham revolucionando as artes, como fez Sérgio Buarque de Holanda, em 1921, em um artigo publicado na revista de variedades *Fon-Fon*. Este citava Proust, juntamente com Romain Rolland, Barbusse, Apollinaire, Picabia, Tzara, como um dos “moderníssimos” franceses que estavam influenciando artistas brasileiros denominados por ele como os “futuristas de São Paulo”. O mesmo se repetiu dois anos depois quando Renato de Almeida procurou falar das novas vertentes da arte moderna e seu impacto no Brasil (HOLANDA, 1921: s.p.; ALMEIDA, 1923: 1).

Haviam também aqueles que tentavam explicar a obra de Proust, mesmo que por leituras indiretas, como fez Carlo Bosleli, em 1923, ao procurar definir a obra de Proust a partir da crítica do madrilenho Bellestero de Mantos. Para este crítico, o romancista francês, seguindo o estilo do romance russo contemporâneo a ele, usou esta forma literária não como uma simples narrativa da vida de seus personagens, mas como um pretexto para “contar as sensações mais íntimas, analisar personagens e descrever minuciosamente os acontecimentos de suas vidas, os mais significativos e os mais triviais” (BOSLELI, 1923: 248).

Porém, a partir de 1925, um número maior de intelectuais brasileiros passou a se dedicar a uma análise mais minuciosa da obra de Proust, na intenção de compreendê-lo e mesmo apresentá-lo ao público brasileiro. Segundo Marta Laus Oliveira, os primeiros modernistas brasileiros que escreveram sobre Proust foram Graça Aranha, Carlos Drummond de Andrade,

Tristão de Athayde, Augusto Meyer, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Brito Broca, Humberto de Campos e João Ribeiro (OLIVEIRA, 1993: 229). A estes podemos somar muitos outros autores que, escrevendo artigos, crônicas literárias e até mesmo contos em jornais, citaram Proust em seus textos, como exemplo de grande escritor moderno ou mesmo de literatura maçante e difícil. Também existiram aqueles que, em menor número, procuraram realmente penetrar nos meandros do mundo proustiano. De qualquer modo, Proust foi usado como figura de autoridade para avaliar as ideias de seus comentadores, criando uma tendência que se expandiu na década seguinte, de que citar Proust dava ao leitor e/ou comentador um status de estudioso e “cosmopolita”, por tratar-se de uma literatura considerada densa, hermética, enfim, para poucos.

O poeta e crítico literário mineiro Carlos Drummond de Andrade, escrevendo para *A Revista*<sup>86</sup>, em 1925, partiu do texto do crítico literário e tradutor francês Benjamin Crémieux (1888-1944), autor do livro *XX<sup>e</sup> Siècle*, para fazer sua própria análise da obra de Proust. Drummond considerava o escritor francês como o mais difícil do século XX, por sua ausência de estilo, que “confunde, perturba, despreza o leitor”, tornando a leitura um sacrifício. Independente desta opinião negativa, Drummond destacava que o mais importante na obra de Proust não era o enredo, a trama, quase que inexistente, mas a análise psicológica dos personagens levada ao extremo, embasada na decomposição e recomposição do caráter dos indivíduos. O crítico brasileiro concordava com Crémieux ao afirmar que Proust, como um doente hipersensível, dotado de memória e imaginação anormais e sensibilidade hipertrofiada, utilizou-se destas características para “renovar segundo sua estética a visão de homem e de mundo”. Proust poderia ser considerado como o “romancista do subconsciente”, cuja obra fornecia “dados importantíssimos para o estudo das relações entre consciente e inconsciente” (ANDRADE, 1925: 52-53).

Este comentário de Drummond, apesar de reforçar a imagem da obra de Proust como uma leitura difícil, abriu espaço para um novo tipo de visão sobre ela, até então não explorada nos impressos brasileiros, como sendo um estudo psicológico das relações entre as esferas do consciente e do inconsciente. Esta forma de leitura foi defendida também por outros críticos literários, como Prudente de Moraes Neto, que, no mesmo ano de 1925, foi mais longe que Drummond na aproximação entre psicologia e arte, a partir da obra de Proust. Prudente, em um

---

<sup>86</sup> Periódico modernista criado em 1925, em Minas Gerais, que teve como seus fundadores Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo. Esta circulou apenas durante o ano de sua criação, publicando três números. Esta revista foi o terceiro periódico modernista publicado no Brasil, sendo antecedida por *Klaxon* (1922) e por *Estética* (1924). Ver: NAVA, 1978.

artigo crítico que também se referia a um texto do escritor francês Crémieux, neste caso publicado na *Nouvelle Revue Française*, observava que, para este autor, os últimos 25 anos da literatura francesa foram dedicados à busca pela personalidade. Tal fato teria levado muitos escritores a tornarem-se seguidores de Freud, Proust e Pirandello, que acreditavam que o homem padecia de uma imperfeição psicológica e que aceitavam a ideia da dissolução do “eu”. Uma ideia muito forte na obra de Proust, base do que Crémieux denominava como “psicologia proustiana” (MORAES NETO, 1925: 159).

O crítico literário católico Tristão de Athayde também se dedicou a compreender e explicar Proust. Ele incorporou à sua crítica sobre obras literárias com temáticas diversas uma visão proustiana sobre a subjetividade do homem moderno, ao longo das décadas de 1920, 1930 e início de 1940. Da mesma forma utilizou Proust como figura de autoridade para definir o lugar do romancista e do poeta moderno. Muito mais do que falar sobre Proust, Tristão passou a falar a partir de Proust, em um processo de apropriação e ressignificação do conteúdo das obras do escritor francês, a partir de uma leitura que reunia espiritualismo, filosofia e psicologia. Ou seja, o romancista francês passou a ser menção constante nos textos de Tristão de Athayde como um legitimador das ideias do próprio crítico.

Em sua coluna dominical “Vida Literária” de *O Jornal*, Tristão citava Proust, em frases curtas, pensamentos e ensinamentos atribuídos ao romancista para falar de assuntos diversos, como a decadência espiritual do indivíduo e da sociedade na modernidade; a arte modernista em suas várias expressões e vertentes; o homossexualismo; o feminismo; as oposições entre “arte pura” e “arte engajada”; a religião frente ao materialismo e o determinismo social. E, principalmente, sobre a divisão entre corpo e alma e os extremos da psicologia, classificada por Tristão em dois polos, a “super materialista” (experimental e orgânica) e a “super espiritualista” (freudiana) (ATHAYDE, 21/02/1926: s.p.; 15/08/1926: 4; 22/08/1926: 4; 22/07/1928: 4; 21/10/1928: 4).

Em 1928, Tristão de Athayde publicou em seu livro *Estudos – Segunda Série* um capítulo intitulado “Marcel Proust”, onde defendia a tese de que o aspecto mais revolucionário e inédito da “topografia humana” desenvolvida por Proust em sua obra foi o modo como tratou da “dissociação da personalidade”. Para o crítico tal questão, que até então “era considerada como fenômeno de *anormalidade mental*, objeto apenas da psicopatologia”, foi vista por Proust de modo contrário: ele não só considerou a dissociação “como um fenômeno *normal* da personalidade, mas ainda como um elemento *fundamental* da vida do espírito”. Tristão destacava que este tipo de orientação empregada por Proust sobre a personalidade vinha sendo

utilizada mais efetivamente pela “psiquiatria moderna” desde 1921, com a publicação da obra de Kretschmer, *Körperbau und Charakter* (Físico e Caráter). Neste livro, o psiquiatra alemão, segundo Tristão, buscava entender todas as “anormalidades do espírito” a partir do estudo da personalidade em seus vários aspectos, ou seja, no âmbito do físico (constitucional), do psicológico (temperamento) e da moral (caráter) (LIMA, 1934: 132).

Dentre os críticos brasileiros que se dedicaram a comentar a obra de Proust, Tristão foi o primeiro a procurar definir o que seria uma “psicologia proustiana”. Para ele, esta psicologia estava fundada em três elementos básicos: a dicotomia entre a memória voluntária (da inteligência) e a memória involuntária (da sensibilidade e do corpo); o “tempo puro”, que é o tempo interior, regido pela memória involuntária, que traz para o presente evocações supostamente perdidas no passado como se estas acabassem de ocorrer; e a teoria das “intermitências do coração”. Proust afirmava que a realidade interior e a exterior não obedecem à mesma cronologia, de modo que sentimentos desencadeados por acontecimentos passados, não processados no exato momento do ocorrido, poderiam emergir com maior intensidade anos depois (LIMA, 1934: 138-139).

Ao definir esta psicologia baseada na visão de mundo proustiana, Tristão procurava delimitar muito claramente os objetivos desta “psicologia dos verdadeiros romancistas” em contraposição à psicologia feita por psiquiatras e psicólogos. A primeira era, para ele, uma “psicologia espontânea, fluída, que brota do tempo, ainda inconsciente do que será o momento seguinte”; por isso mesmo, ela estaria em contato estreito com a vida, mantendo contato com suas raízes, o “lado misterioso, invisível, inconsciente e imprevisível” desta. Ao contrário, a psicologia dos psiquiatras era definida como uma ciência “morta, recomposta e cristalizada, já independente do tempo e do imprevisível”, uma psicologia seccionada de suas raízes, feita a frio. Para ele, “o ambiente psicológico ou cronológico que cerca um determinado ato do espírito altera radicalmente esse ato”, daí a impossibilidade do ato de prever ou reviver precisamente, uma vez que estes são sempre afetados pelo ato de ser, enquanto uma forma inteiramente diversa das demais (LIMA, 1934: 140).

Este texto de Tristão de Athayde sobre Proust, foi comentado na revista *Ilustração Brasileira* por Jarbas Peixoto, que reforçava a imagem de que se tratava de uma obra de difícil compreensão. Considerava-a um texto “pesado”, nascido da doença, do sofrimento, da amargura e do isolamento do autor, o que remetia à necessidade de mediação para um melhor entendimento da maior parcela do público leitor. Assim, Jarbas Peixoto atestava a posição de Tristão de Athayde como “explicador” autorizado de Proust, defendendo que o crítico brasileiro



apresentava aos leitores um “Proust integrado na sua verdade e no seu princípio”, sob um olhar humanizado, que os franceses não foram capazes de ter. Por conseguinte, o comentarista entusiasmado defendia a ideia de que o texto de Amoroso Lima deveria inclusive ser traduzido e divulgado na França, nos *Cahiers Marcel Proust* (PEIXOTO, 1929: s.p.).

Assim, para os leitores da revista *Ilustração Brasileira*, fossem estes conhecedores da obra de Proust ou não, o que era divulgado sobre esta, a partir de Amoroso Lima e de Jarbas Peixoto, era a ideia de que Proust foi o criador de uma “topografia humana” diferenciada da obra de outros autores como Balzac, pela sua super sensibilidade que impregnava o plano criativo. Esta sensibilidade exacerbada, vista como patológica, seria ao mesmo tempo sua ruína e o motor da sua arte, uma vez que esta possibilitou a Proust, segundo Peixoto, ir além dos limites da filosofia e da psicologia clássica, se antecipando à psicanálise, ao desenvolver na literatura, um vislumbre de um “subconsciente supranormal”. A ideia defendida pelo comentador era de que Proust “antecedia-se à ciência” em sua compreensão do indivíduo e na sua arte de criar subjetividades (PEIXOTO, 1929: s.p.).

Entre as décadas de 1920 e 1950, a circulação das ideias sobre a subjetividade, presentes na obra de Proust, ou dito de outra forma, de uma “psicologia proustiana”, para um público mais amplo, se deu principalmente a partir das colunas de crítica literária de jornais e revistas<sup>87</sup>, que procuraram apresentar e explicar sua obra. Um dos elementos que dificultou uma leitura direta da obra do romancista francês, foi a constituição da ideia, que rapidamente se tornou corrente, que a obra de Proust era muito difícil, de leitura densa e cansativa, daí ler um comentarista nas páginas de jornais era mais acessível. Entretanto, não podemos afirmar que tal divulgação se deu apenas entre eruditos, primeiro porque as leituras não se restringem apenas ao ato solitário, individual, elas transbordam em comentários nas rodas de conversa. E segundo, justamente pelo grau de dificuldade atribuído à obra de Proust, ela se tornou entre os brasileiros letrados sinônimo de alta cultura. Assim, podemos dizer que nas primeiras décadas da circulação da obra de Proust no Brasil, ele parece ter sido muito mais citado e comentado, do que realmente lido. E este acesso foi facilitado pela ação de intelectuais mediadores como Alceu de Amoroso Lima, dentre outros.

---

<sup>87</sup> Além de crítica literária que foi muito forte na divulgação da obra de Proust na década de 1920, outras formas de apropriação aconteceram por meio de romances como: *A festa inquieta*, de Andrade Muricy, de 1926. Trata-se de um relato da experiência vivenciada pelo autor durante dois anos em um sanatório da Suíça, neste ponto muito semelhante a *Der Zauberberg [A Montanha Mágica]* (1924) de Thomas Mann, mas que difere do estilo realista escolhido pelo romancista alemão, sendo profundamente influenciado por Proust. Segundo Tristão de Athayde, “um livro todo subjetivo, de prolongamentos interiores, de análises proustianas e de incessante inquietude” (ATHAYDE, 1926c: 4).

Na década de 1930, outros autores além dos já citados, lançaram seu olhar sobre a obra de Proust, produzindo em suas crônicas e críticas literárias novas interpretações sobre ela. Neste período da circulação das ideias proustianas no Brasil, destaca-se o maior número de conferências e cursos realizados na capital federal para discutir *À la Recherche...*, alguns deles ministrados por críticos como o francês Benjamin Crémieux, já conhecido e citado por brasileiros, e por outros como Ferdinand Baldansperger e Robert Garric (*O JORNAL*, 1930: 5; *CORREIO DA MANHÃ*, 14/09/1930: 2; 18/09/1930: 5; 19/09/1930: 3; 17/08/1933:7; *JOÃO JOSÉ*, 01/08/1933: 6; 13/08/1933:2).

Também podemos destacar a produção de estudos nacionais como os de Jorge de Lima (*Dois Ensaios*), que apesar de publicado em 1929, repercutiu entre a crítica especializada no ano seguinte (CAVALCANTE, 1930), e os artigos e crônicas em jornais e revistas assinados por: Tristão de Athayde (05/01/1930:4; 12/10/1930: 4), Heitor Moniz (07/07/1931:4; 14/06/1932:4), João José (21/02/1931:6; 26/05/1932:7; 26/08/1932:5), Leopoldo de Freitas (13/07/1930:4), A. Deicola dos Santos (08/06/1930:1, 12/07/1931:1), Graça Aranha (24/08/1932:5), João Carioca (20/03/1930, 01/06/1935:6), A. Pereira Nunes (06/11/1932:2)<sup>88</sup>, Oliveira Franco (18/08/1935:2) e Gilberto Freyre (12/01/1938:4), dentre muitos outros. Somada à esta fortuna crítica temos também o crescimento do número de romances de introspecção fortemente influenciados pela obra de Proust, que foram publicados por autores brasileiros como: José Geraldo Vieira (*Território humano*, 1936), Lúcio Cardoso (*A luz no subsolo*, 1936), Nobre de Mello (*Experiência*, 1937), Octávio Faria (*Mundos Mortos*, 1937) e Cyro dos Anjos (*O Amanuense Belmiro*, 1937), dentre outros.

O crítico literário Augusto Meyer, em uma série de publicações sobre o tema e seguindo o exemplo de críticos já citados da década de 1920, aproximou Proust e Freud a partir da exploração dos níveis mais recônditos do inconsciente. Para Meyer, por caminhos diferentes, Proust e Freud estabeleceram métodos que possibilitaram o questionamento de muitos dos “chavões consagrados pela introspecção fácil da psicologia oficial”, a partir de uma análise obrigatória dos elementos advindos do inconsciente. Segundo o cronista gaúcho, a psicologia proustiana estaria baseada no resgate do “eu”, que “se volta para o passado com a intenção de reconquistar ao longo dos anos vividos a memória integral da personalidade”, exigindo de si mesmo “a imagem mais sincera e mais crua que for possível reconstruir” (BUNGART NETO, 2014: 236-237).

---

<sup>88</sup> Os textos de João Carioca e Pereira Nunes destacam-se dos demais citados por buscarem popularizar o nome de Proust e uma ideia ampla sobre sua obra a partir de contos.

Na década de 1940, temos o surgimento de um novo analista da obra de Proust, o jornalista e crítico literário pernambucano Álvaro Lins (1912-1970), que em sua coluna semanal do jornal *Correio da Manhã*, sempre dedicou um espaço a Proust, fosse em pequenas citações, argumentos de autoridade ou em análises sobre o desenvolvimento do romance psicológico brasileiro e a própria forma de pensar a vida interior e o “eu” a partir do romance proustiano. Este mesmo autor defendeu em 1958, a tese em literatura *A técnica do romance em Proust*, depois publicada como livro. Nesta obra ele reuniu muitas das ideias apresentadas na sua coluna de crítica literária escrita ao longo da década de 1940. Podemos citar alguns pontos principais que foram defendidos pelo crítico. O primeiro considera que no livro de Proust a realidade se apresentava “transposta, transfigurada e transformada numa visão estética”. O segundo ponto destaca que no romance proustiano só o passado e o futuro teriam significado. Nestes termos o presente seria doloroso, frágil e fugaz, enquanto que o futuro ganharia substância pela imaginação e o passado pela memória. Por fim, Álvaro Lins defendia que o ponto de partida e elemento essencial na obra de Proust era a ideia de que a memória voluntária, ou memória da inteligência, não restituiria integralmente o passado. Este só poderia ser acessado pela memória involuntária que recriaria a realidade, obedecendo a um tempo que não seria cronológico, mas emocional. A ênfase no papel da memória involuntária em acessar a realidade foi definida por Lins como uma espécie de lei psicológica básica repetida em vários momentos da obra, e que servia de eixo para o romance proustiano (LINS, 1968: 199; 209; 211-215).

Ainda na década de 1940, temos um acontecimento importante para a circulação da obra de Proust no Brasil. O ano de 1948 marcou o início da publicação das traduções para o português dos volumes que compõe a obra de Proust, pela editora Globo de Porto Alegre, em paralelo com a publicação de grande número de artigos sobre o romancista. Sobre o lançamento do primeiro volume – *No caminho de Swann* – traduzido por Mário Quintana, comentava Otto Maria Carpeaux que se tratava de um verdadeiro “acontecimento literário”. O “acontecimento” não se devia ao fato de Proust ser uma novidade naquele momento, haja visto ser ele um velho conhecido, de pelo menos vinte anos, de uma parcela dos leitores brasileiros. Proust era inclusive “mais admirado na América Latina inteira, que em qualquer outro lugar do mundo” (CARPEAUX, 1950: 109). O motivo para considerar aquele momento um “acontecimento” devia-se ao fato de que este era sem dúvida um momento importante para a divulgação do romance proustiano no Brasil, pois “Proust, autor difícil, espécie de propriedade reservada de certos grupos da elite, torna-se agora por meio daquela iniciativa editorial, geralmente acessível” (CARPEAUX, 1950: 110). Para este crítico, na obra de Proust estava implícito um verdadeiro

sistema de psicologia – a “lição de Proust” – que não se resumia aos conceitos filosóficos de Bergson. Esta era uma relação aludida por muitos comentadores, mas que teria sido negada pelo próprio Proust. Para Carpeaux a psicologia de Proust estava muito mais próxima do associacionismo psicológico do século XIX<sup>89</sup>, e mesmo do racionalismo freudiano do que de Bergson, por ser este considerado irracionalista (CARPEAUX, 1950: 109-111).

Alguns dos artigos sobre Proust publicados até 1948 foram organizados e republicados por Saldanha Coelho, em 1950, na *Revista Branca*, sob o título de “Proustiana Brasileira” (COELHO, 1950). Esta reuniu publicações que circularam desde a década de 1920, como os artigos redigidos por Tristão de Athayde, Lúcia Miguel Pereira, Otto Maria Carpeaux, Augusto Meyer, Josué Montelo, Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros. Alguns deles faziam uma relação direta entre o romance proustiano e a psicologia, como “Marcel Proust” de Tristão de Athayde, já comentado, “Relendo Marcel Proust” por Augusto Meyer, “Marcel Proust e o realismo dos dois lados” de Evaristo de Moraes Filho, “A neurose de Proust” por Eustáquio Duarte e “Marcel Proust – um físico do subconsciente” de Henrique Maron.

O panorama de produções internacionais que seguiram pelo viés da narrativa introspectiva – desde os romances de Dostoiévski, ainda no século XIX, até as publicações de autores como Joyce e Proust – foram bastante influentes para a constituição de um movimento literário, no contexto brasileiro dos anos de 1930, voltado para o desenvolvimento de um romance psicológico nacional, como veremos a seguir.

### **4.3 O romance psicológico brasileiro (1930-1940)**

No Brasil, autores do século XIX, como Machado de Assis e Raul Pompéia<sup>90</sup>, embora ligados ao realismo literário, também desenvolveram obras de fundo mais intimista, onde o tempo linear é substituído pelo psicológico regulado pelas memórias, ao mesmo tempo em que a investigação da vida interior de seus personagens, representada por pensamentos, intenções, temores e frustrações, ganha destaque. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de

---

<sup>89</sup> Corrente psicológica influenciada pelo empirismo inglês dos séculos XVII e XVIII, cujos principais representantes foram John Locke e David Hume, que defenderam que a associação de ideias seria o mecanismo de origem da dinâmica psíquica (ARAÚJO, 2011: 99).

<sup>90</sup> Raul Pompéia, em seu romance *O Ateneu*, também empregou a lembrança da adolescência para narrar as desventuras de Sérgio, personagem principal e alter ego do autor, em um colégio interno. Porém, não obteve grande repercussão e influência na produção literária brasileira, em parte por sua morte prematura. Ao contrário de Machado, que buscava manter um certo distanciamento da narrativa, Raul Pompéia empregou uma forte carga de passionalidade, com toques de impressionismo e expressionismo na descrição de alguns personagens e ambientes impregnados por uma aura nervosa, funesta e até mesmo grotesca que compõe o mundo do adolescente Sérgio. Ver BOSI, 1980: 204.

Assis começava a desenvolver um especial interesse pela “análise das máscaras que o homem afivela à consciência tão firmemente que acaba por identificar-se com elas”. Com este livro, o autor desenvolveu uma nova experiência narrativa, marcante para a literatura brasileira como um todo. Ele abriu mão do formalismo estético do realismo assim como dos tipos psicológicos esquematizados, optando por uma estrutura textual mais aberta ao “registro das sensações e dos estados de consciência mais díspares” somados às lembranças casuais e aos cortes digressivos, enquanto representações do que é o contínuo da psiquê humana (BOSI, 1980: 197-200). Já em *Dom Casmurro*, o próprio Bentinho, personagem principal da trama e narrador em primeira pessoa desta, definia o tom introspectivo e memorialístico da narrativa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo (ASSIS, 1994: 1327).

O crítico literário Jorge Jobim, em um artigo sobre o romance psicológico brasileiro na década de 1930, destacava a influência do “romance de análise” escrito por Machado de Assis nestas produções. Para ele, Machado “partia do particular para o geral, estudava casos individuais, para chegar à generalização de conceitos”. Um método oposto, segundo Jobim, ao utilizado por autores como Miguel de Cervantes, Eça de Queirós ou Anatole France, que sintetizaram os casos individuais em suas criações, agrupando-os em manifestações gerais do ridículo, posteriormente reproduzidas no meio social (JOBIM, 1938: 28-29).

Essa proposta literária machadiana foi ressignificada nas décadas de 1930 e 1940, em um contexto onde se fizeram presentes três correntes muito marcantes para a literatura nacional: a ficção regionalista, também denominada de romance social, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna, focalizando a relação entre o ‘eu’, a sociedade e a natureza. O romance introspectivo, também denominado de intimista ou psicológico, foi a maior expressão desta última corrente, que revelava a influência das obras de autores e tendências internacionais anteriormente citados. Entre os romancistas brasileiros, este tipo de narrativa, em parte, resgatava uma herança deixada por autores do século XIX, como Dostoiévski e Machado de Assis, e por outro lado, respondia às inquietações do movimento modernista brasileiro. Este movimento, em sua primeira fase, buscou a superação de um recalque psicológico nacional pela via do “freudismo-surrealista” e do “freudismo-expressionista”, promovendo uma renovação na própria estética literária e artística brasileira através de uma ruptura com os padrões ditados pelo realismo (BOSI, 1980: 432-433).

Estas questões estiveram presentes de forma mais contundente nas experiências e produções da primeira geração do Modernismo, principalmente em autores como Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Outros modernistas que também se utilizaram dos conceitos freudianos em suas obras foram Manoel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Alcântara Machado, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. Estes se apropriaram dos conceitos da psicanálise como “um novo olhar”, que possibilitava a eles repensar o ato da escrita, sua subjetividade e sua posição como intelectuais. Ao mesmo tempo, ampliando seu campo de visão, eles passaram a repensar o Brasil e o brasileiro sob um viés analítico distinto dos modelos anteriores, e a se afastar das discussões raciais e das propostas higienistas e civilizatórias de modernização, inspiradas em padrões europeus (FACCHINETTI, 2003: 121).

Os anos de 1930 corresponderam a um período de intensa produção de romances brasileiros, somente comparado aos anos entre 1880 e 1910. A geração de romancistas que estreou neste contexto, ainda marcado pelas ideias do modernismo, resgatou em parte as questões acima citadas, seja no romance “intimista” como no “social”, utilizando, porém, de formas diversas para tratar das relações entre o indivíduo, seu *ego* e a sociedade. Os romances de autores e estilos diversos que, no citado período, buscaram alcançar a mais profunda penetração psicológica têm em comum a preocupação em discutir os conflitos que afetavam o homem em sociedade, buscando vislumbrar os “sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa”. De modo geral, pode-se dizer que o “socialismo, o freudismo e o catolicismo existencial” foram as bases ideológicas do romance engajado dos anos de 1930 e 1940 (BOSI, 1980: 436-437). Este gênero de romance estava mais preocupado com a vida do homem comum, um anti-herói, dito entre psiquiatras – o “homem normal”.

Lucien Goldmann, em *Sociologia do romance*, aponta a dificuldade em se manter separações muito rígidas entre o romance social e o psicológico, visto que em muitas obras estas duas categorias analíticas se combinavam. Ele ressalta, sobretudo, a necessidade de se estudar o contexto de produção da obra, que, no caso do romance moderno, seria a sociedade burguesa, onde a temática geral dos romances gira em torno da tensão entre ego-sociedade, mundo objetivo e mundo estético. Nos romances intimistas esta tensão apareceria interiorizada, de modo que o “eu-herói” da trama não enfrenta a “antinomia eu-mundo pela ação: evade-se subjetivando o conflito” (GOLDMANN, *apud* BOSI, 1980: 438-440). Este tipo de preocupação com a complexidade e dificuldade em se definir o romance ou enquadrá-lo em subtipos fechados já era expressa e discutida por críticos literários nos anos de 1940, como José Régio em *À volta duma definição de romance* (RÉGIO, 19/01/1946: 6).

Além desta dificuldade em classificar e diferenciar categoricamente, pelo conteúdo das obras, como exemplo do romance social ou intimista, duas questões são relevantes para a análise das produções dos anos de 1930 e 1940 e de seu impacto na história da literatura brasileira. A primeira questão diz respeito à necessidade de diferenciarmos o uso do termo “romance psicológico” naquele período histórico, em que foi empregado de forma muito mais abrangente do que em sua incorporação posterior às diversas classificações realizadas por críticos literários e historiadores da literatura. Autores que foram consagrados pela história da literatura brasileira como representantes do gênero do romance social, como José Lins do Rêgo (*Pureza*), Graciliano Ramos (*São Bernardo* e *Angústia*) e Raquel de Queirós (*João Miguel*, *Caminho de Pedras* e *Três Marias*), apareciam, em vários momentos, nos jornais e revistas de época que se dedicavam à crítica literária, classificados como psicológicos (ANDRADE, 21/04/1938: 65-69; *Vamos Lêr!*, 11/07/1940: 14; *Vamos Lêr!*, 03/09/1942: 8-9). O livro *Angústia*, de Graciliano Ramos, considerado por críticos literários do período como sendo de fundo introspectivo, é um exemplo claro desta questão, pois valeu ao autor, inclusive, críticas de Aídano de Couto Ferraz por estar se afastando do modelo da literatura socialmente e politicamente engajada, que era considerada como mais lida pelo público em geral (BUENO, 2006: 439-440).

A definição desta suposta literatura engajada remete à nossa segunda questão. É possível pensar em uma literatura dos anos de 1930 socialmente desinteressada e alienada das questões que permeavam seu contexto de produção? Autores como Bosi tendem a responder esta questão apresentando toda forma literária como engajada de algum modo, fosse do ponto de vista católico, freudiano ou marxista. Entretanto, aqui nos interessa pensar como estas categorias de literatura engajada (romance social) *versus* desinteressada (romance psicológico) se constituíram historicamente. Bueno (2006) aponta para dois movimentos que contribuíram neste sentido.

O primeiro movimento se iniciou no período de produção destas obras, mas perpassou boa parte do século XX, se desenvolvendo em contextos em que regimes políticos autoritários de direita levaram a uma reação da intelectualidade de esquerda, que tendeu a sobrevalorizar a dita “literatura engajada”, enquanto aquela que tocava em questões caras aos movimentos de esquerda, em contrapartida às demais produções literárias (BUENO, 2006: 17). Como exemplo deste primeiro movimento, podemos citar uma certa tendência à polarização entre a literatura produzida por escritores provenientes do Norte e Nordeste como empenhada em discutir as questões pertinentes à realidade nacional (literatura “engajada”), em oposição àquela

proveniente do Sul e Sudeste, apresentada muitas vezes como elitista, desconectada da realidade, em uma tentativa de fuga para a vida interior do indivíduo. Neste ponto, não só os regionalistas criticavam o último grupo como os próprios escritores e defensores desta linha intimista também contribuíram para o estabelecimento de tal dicotomia entre o romance de elite e o proletário, ao defender sua posição como um retorno à “arte pela arte”, uma espécie de purismo literário, alheio a discussões sociais, políticas ou econômicas. Nesta busca pela “arte pura”, muitos dos adeptos deste movimento intimista incluíram em sua prosa tanto o lirismo característico da poesia, quanto experimentos com a forma textual inspirados nos movimentos modernistas. Isto levou uma parte dos críticos contemporâneos, como Álvaro Lins, a classificar alguns deles como “descuidados e mal-arranjados”, uma vez que fugiam em muito aos padrões estabelecidos pelo romance nacional que, naquele período, estava calcado no modelo do realismo do século XIX (BUENO, 2006: 19-20). Mas a principal acusação feita pelos críticos da época ao romance moderno, social ou psicológico, era de ter abandonado sua própria feição, se impregnando de ideias políticas e de teorias científicas, como o caso da psicologia, vistas como objetos extraliterários (MARTINS, 1978: 215).

O segundo movimento diz respeito à marginalização da literatura intimista dentro da tradição literária nacional. Bueno observa que boa parcela das obras de história da literatura brasileira vem, ao longo dos anos, construindo a imagem de um romance “regionalista e localista triunfante” em oposição a “uma acabrunhada literatura psicológica”. Assim, o denominado “romance de 30” foi repetidamente definido como sendo majoritariamente “o romance social de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas, que beiram a reportagem ou o estudo sociológico”. Neste tipo de narrativa, o romance psicológico aparece como uma “segunda via” extremamente secundária e pouco representativa, que não conseguiu se estabelecer como viés possível para o desenvolvimento do romance no Brasil (BUENO, 2006: 18-19). O que de certa forma explica porque escritores dedicados a escrever este tipo de literatura, inclusive com certo destaque no contexto de sua produção, foram relegados ao ostracismo e esquecimento como foi caso de Araújo Lima.

Para alguns críticos brasileiros da década de 1930, a solução para a dicotomia entre o romance social e o psicológico estava em um compromisso de meio termo: um romance que mesclasse uma visão objetiva-social com uma subjetiva-individual. Tal empreitada teria sido tentada nas páginas de *Pureza* por José Lins do Rêgo, enquanto um novo caminho para o romance nacional (ANDRADE, 21/04/1938). Para outros, no entanto, o debate sobre o lugar



do romance psicológico, que se estendeu desde meados dos anos de 1930 até a metade da década seguinte, não tinha razão de ser. Críticos como Wilson Martins começavam por esvaziar o conteúdo da contenda, partindo do pressuposto de que todo romance é, de antemão, psicológico em sua essência. Dito isto, ele considerava que aqueles que buscavam um nível de maior aprofundamento na análise da alma humana deviam considerar que o “que no próprio homem vale verdadeiramente é a sua realidade ontológica, incomparável com a realidade quotidiana que nada mais é que um reflexo longínquo e tosco da primeira”. Para o crítico, as classificações empregadas para definir romances como psicológicos, de tese, sociais, proletários, religiosos e de aventura reduziam as obras em generalizações grosseiras, com o uso de categorias transitórias e acidentais (MARTINS, 1944: 4; 7). A intenção do crítico era, sem dúvida, por uma pá de terra no debate, enterrando a própria categoria do romance psicológico enquanto um gênero independente.

No romance psicológico como gênero narrativo – no qual podem ser incluídos os dois primeiros romances de Araújo Lima, particularmente *A Bruxa* –, os conteúdos da consciência vêm à tona sob a forma da memória, fantasia ou reflexão, em prejuízo ao meio que se torna pálido e esfumado frente a tais conteúdos, rompendo-se assim com a tradição das longas e detalhadas descrições do ambiente, presentes nos romances realistas do século XIX. Paralelamente, o eixo da trama se desloca do tempo objetivo ou cronológico para a “duração psíquica do sujeito”, em uma clara influência da obra proustiana. Tomando como inspiração a psicanálise, algumas das narrativas intimistas podem ser classificadas como “romances do ego” (memorialistas, analíticos) ou os “romances do id” (sondagens oníricas, regressões, simbolizações), estes últimos embasados nas obras de Carl Jung, como o *Homem moderno em busca de uma alma*<sup>91</sup>. Nos dois casos, a narrativa ficcional trabalha com a cisão homem-mundo em uma busca pelo retorno ao sujeito (BOSI, 1980: 441-442).

Em um primeiro grupo de romancistas brasileiros que seguiu este viés temos autores que publicaram seus romances a partir do fim da década de 1920, como o advogado, político e educador Barreto Filho, que escreveu o livro *Sob o olhar malicioso dos trópicos* em 1929. Estes primeiros romances foram seguidos por *A mulher que fugiu de Sodoma* (1933), de José Geraldo Vieira; *Vertigem* (1934), do médico Gastão Cruls; *Fronteira* (1935), de Cornélio Penna; *Desespero* (1936), de Joel Silveira; *Mundos Mortos* (1937), de Octávio Faria; *Espelho de casados* (1938), de José Vieira; *A estrela sobe* (1939), de Marques Rebêlo. Todos estes

---

<sup>91</sup> Coleção de ensaios escritos por Jung, publicada em inglês em 1933. Entre os ensaios reunidos, estão um sobre “Psicologia e literatura” e um sobre os contrastes entre Freud e Jung. Ver JUNG, 1933: v-vi.

escritores centraram suas narrativas no ambiente carioca. A este grupo, ao longo da década de 1930, foram se incorporando autores de outras regiões do país, como os mineiros Cyro dos Anjos, autor de *O Amanuense Belmiro* (1937), e Lúcio Cardoso, autor de *A luz no subsolo* (1936) e os gaúchos Dyonélio Machado, autor de *Os ratos* (1934) e Érico Veríssimo, autor de *Um lugar ao sol* (1937), dentre outros (CANDIDO; CASTELLO, 1997: 30).

Se focarmos no período mais próximo à publicação dos romances de Araújo Lima, os anos entre 1940 e 1945, temos outros romances que desenvolveram uma análise da vida psicológica e intelectual de seus personagens, como *Anjo de Pedra*, publicado por Octávio Faria (de quem trataremos mais adiante) e, *Vida e Aventuras de Pedro Malasarte*, de José Vieira, ambos publicados em 1944. E além destes, temos exemplos de romances publicados por estreantes na prosa intimista como: *O agressor* (1943) e o *Livro de João*, de Rosário Fusco; *A marca*, de Fernando Sabino; *O quarteirão do meio*, de Amadeu de Queirós; *Vidas avulsas*, de Alfredo Mesquita; *Vida feliz*, de Aníbal Machado; *A escolha*, escrito por Xavier Placer; *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector; *João Urso*, de Breno Acióli; *Intervalo passionnal*, de Reinaldo Moura, dentre outros. Todos estes últimos não datados foram publicados no fecundo ano de 1944. No ano seguinte, Rui Coelho também publicava *Introdução ao método crítico*, um estudo literário sobre a obra de Proust (MARTINS, 1978: 212-213).

Dentre esta geração de romancistas que se dedicaram às obras de sondagem psicológica aliadas à crítica da sociedade burguesa decadente, observa-se que alguns autores, apesar da forte influência de suas obras no período de seu lançamento, como José Geraldo Vieira e Cornélio Penna<sup>92</sup>, hoje são pouco conhecidos do público em geral e mencionados apenas rapidamente nos livros de história da literatura brasileira. Outros, por sua vez, são raramente citados mesmo nestas obras, como é o caso de Joel da Silveira, Alfredo Mesquita, Cláudio de Araújo Lima e Rosário Fusco; isto sem contar aqueles que, no auge do romance psicológico no Brasil, faziam suas estreias nas letras com este tipo de obra e foram completamente esquecidos pela história, só podendo ser rastreados pelas páginas dos periódicos da época. São exemplos: Cruz Cordeiro (*Uma sombra que desce*, 1939); Oton Costa (*Ressurreição*, 1939), Sara Novak (*Levanta-te e luta!*, 1944); Ondina Ferreira (*Inquietação*, 1945), dentre outros (VAMOS LÊR!

---

<sup>92</sup> As obras de Cornélio Penna, e de outros autores atualmente pouco citados em histórias da literatura, como Afrânio Peixoto e Adelino Magalhães, faziam parte da primeira série da Biblioteca Luso-Brasileira, uma coleção da editora brasileira Aguilar, inspirada na *Bibliothèque de la Pléiade* francesa, cuja publicação se iniciou em 1958 e que se pretendia representativa dos melhores e mais renomados escritores em língua portuguesa. Nas reedições de livros da coleção, a partir da década de 1990 com o selo editorial de Nova Aguilar, estes e outros autores não são mais considerados como fazendo parte da série. Ver “História da Editora José Aguilar”.

27/04/1939: 12-13; CABRAL, 13/07/1944: 55; ABREU, 15/07/1939: 6; VESENTINI, 20/04/1946: 7).

Neste processo de apagamento e desqualificação do romance psicológico no Brasil, percebe-se um duplo movimento: se por um lado produzia-se o esquecimento de alguns autores por motivos diversos, inclusive por questões que não são inerentes à qualidade e ao conteúdo de suas obras, por outro lado proporcionava-se a construção de mitos da nossa literatura, como é o caso de Clarice Lispector (1925-1977) e Guimarães Rosa (1908-1967). O caso específico de Clarice Lispector é o que mais nos interessa, pelo tipo de temática que abordava em seus primeiros trabalhos, podendo ser considerada como fazendo parte da geração de autores que escreveram romances intimistas na década de 1940. A questão que se coloca neste caso é justamente pensar como o “renome” desta autora foi constituído como um caso singular, dentro de uma literatura introspectiva considerada como inexpressiva. Teria ela conseguido unicamente pela força de seu talento e capacidade criativa tirar do nada suas obras e legitimá-las frente a um panorama estranho e hostil a este tipo de produção? Ou será que a história que se construiu sobre a ficção psicológica na literatura brasileira, ao desmerecer experiências valiosas para a construção deste campo, acabou por criar tais anomalias?

Bueno defende que, quando da recepção imediata de *Perto do coração selvagem*, livro de estreia de Clarice, já havia sido constituído no ambiente literário brasileiro um campo de possibilidades favoráveis à sua recepção entre parte do público e da crítica. Isto permitiu posições bastante dispares no lançamento deste livro. Por um lado, Álvaro Lins, conhecido por sua ortodoxia, fez sérias críticas ao trabalho como uma “experiência incompleta”. Por outro, o crítico literário e romancista experiente Lúcio Cardoso, amigo de Clarice e que também fora alvo do severo crítico, fez a sua defesa nos jornais, apadrinhando a obra (BUENO, 2006: 30-35).

Já o crítico literário Sérgio Milliet, escrevendo no mesmo ano de estreia da autora, em 15 de janeiro de 1944, ressaltava que a obra de Clarice surgia no panorama literário brasileiro como “a mais séria tentativa de romance introspectivo”. Para ele, era a primeira vez que “um autor nacional” conseguia ir além e penetrar “até o fundo da complexidade psicológica da alma moderna, [ela] alcança em cheio o problema intelectual, vira no avesso, sem piedade nem concessões, uma vida eriçada de recalques”. Ele apresentava o romance como um texto de “linguagem fácil e poética” que inovava ao utilizar soluções pouco ortodoxas, sem por isso cair no “hermetismo nem nos modismos dos modernistas”. Desconsiderando toda a produção literária de linha introspectiva publicada por autores brasileiros desde o final dos anos de 1920,

apresentada anteriormente, Milliet defendia que o livro inaugural da autora só podia ser comparado com as obras do francês André Gide e do inglês Charles Morgan (MARTINS, 1978: 212). Com este comentário, o crítico literário inaugurava um processo de recepção da obra de Clarice, que perdurou durante anos, isolando e alienando seus romances do contexto histórico e literário em que foram produzidos.<sup>93</sup>

Dentre os escritores de romances psicológicos, destaco aqui cinco autores cujas obras tiveram ampla divulgação em jornais e revista: Octávio Faria, Lúcio Cardoso, Cyro dos Anjos, Rosário Fusco, e em especial Dyonélio Machado, como exemplo de intelectual mediador. Nas obras destes autores, publicadas nas décadas de 1930 e 1940, podemos encontrar alguns dos elementos centrais do romance psicológico brasileiro, fundamentais na construção narrativa utilizada por Araújo Lima em seus romances, como veremos nos próximos tópicos.

Octávio Faria (1908-1980), ensaísta e romancista católico, escreveu a *Tragédia Burguesa* em treze volumes,<sup>94</sup> onde narra o processo de desmoroamento de uma classe social, a burguesia, em uma sociedade em evidente conflito existencial e moral. O personagem central de sua obra é o homem em crise com seu destino, sua liberdade, suas crenças. O primeiro volume desta sequência, *Mundos mortos*, narra a história de um grupo de adolescentes no auge das descobertas sobre a vida, que são colocados na crise existencial de seguir ou não a moral católica. Ao ser lançado, em 1937, este livro causou estranhamento entre leitores e críticos do período, por ser uma obra de grande extensão (mais de trezentas páginas) onde a descrição do ambiente é desprezada, concentrando-se em uma análise densa da alma dos personagens, abrindo mão, porém, de teorias psicológicas como as freudianas, bastante empregadas em romances da época, em prol de uma visão cristã da subjetividade do indivíduo (SERRANO, 1937: 266-267). Em suas obras, os conflitos internos do homem comum foram representados através de uma alma dilacerada entre as forças do bem e do mal, em uma análise moral e metafísica da modernidade. Sua obra estava vinculada a de autores católicos estrangeiros como Julien Green, Bernanos, Léon Bloy, Malégué e Wassermann (NEJAR, 2011: 515-517).

Lúcio Cardoso (1913-1968) esteve ligado desde a década de 1930 a um grupo de escritores que se auto intitulavam como católicos e espiritualistas, do qual faziam parte, além de Octávio Faria, Cornélio Pena, Jorge de Lima e Vinícius de Moraes. Cardoso publicou até o fim da década de 1940 uma série de romances e novelas de sondagem psicológica, como

---

<sup>93</sup> Atualmente a escritora feminista e crítica literária francesa Helene Cixous vem desenvolvendo uma leitura das obras de Clarice como sendo de uma escrita feminina, impregnada pelas questões sociais e de gênero discutidas na época (CIXOUS, 1991: 24).

<sup>94</sup> Composta por: *Mundos mortos*, 1937; *Os caminhos da vida*, 1939; *O lodo das ruas*, 1942; *O anjo de pedra*, 1944; *Os renegados*, 1947; *Os loucos*, 1950, dentre outros.

*Histórias da Lagoa Grande* (1939), *O desconhecido* (1940), *Dias perdidos* (1943), *Inácio* (1946), *A professora Hilda* (1946) (BOSI, 1980: 464-465). Nesta geração de prosa modernista, além da presença poética nos romances e da forte adesão a uma perspectiva da vida interior, tem-se uma constante menção ao sobrenatural e ao espiritual. Na obra de autores como Lúcio Cardoso e Cornélio Pena, percebe-se o desenvolvimento de uma segunda atmosfera mais importante que o ambiente paisagístico, em uma franca oposição ao realismo. Em seu primeiro romance, *A luz no subsolo*, de 1936, Lúcio Cardoso narra o processo de enlouquecimento de um casal, Madalena e Pedro, após a chegada da nova empregada, Emanuela, que rapidamente se converte em objeto de desejo e disputa entre Pedro e Bernardo, seu cunhado. A sensação que envolve o casal é de terem sido engolidos pelas trevas mais densas, “a realidade não é a realidade, pois premidos num subsolo, nós não a podemos ver senão de um modo arbitrário e confuso” (CARDOSO, 2003).

Em *O amanuense Belmiro* (1937), o jornalista e romancista Cyro dos Anjos (1906-1994) relatava o cotidiano de um escriturário concentrado em suportar o vazio que se interpõe entre o seu exuberante mundo interior e o cinzento ofício diário, até se apaixonar, quando então penetra em um mundo repleto de longos devaneios, onde o limiar entre a realidade e o sonho praticamente não existem. Os poucos personagens que habitam tal narrativa se opõem em suas ações e pensamentos, compondo uma espécie de “labirinto de antinomias”, em uma franca alusão ao romance *O duplo*, de Dostoiévski (PÉCORRA, 2006: 230-231; 235-239). A vida do homem comum, tema central desta trama, está representada nos pequenos burocratas ou nos grupos subalternos, dos quais também fazem parte personagens centrais de outros autores já citados anteriormente: Proust (o narrador), Kafka (Josef K.) e Joyce (Leopold Bloom). Algo semelhante ao que acontece em *Abdias* (1945), seu segundo romance (MARQUES, 2006: 224-225).

Nos romances de Cyro dos Anjos, a relação entre tempo e espaço é o eixo central da narrativa; um tempo que, de antemão, está perdido e um espaço que só pode ser recuperado pela linguagem. Em sua obra é perceptível a tentativa proustiana de “recuperar da memória o que se perdeu de vida, até que a memória seja a vida”. O autor parte de uma vida sem horizonte, onde o presente está perdido, para uma nova existência, ora no passado ou no presente imaginado, já que o tempo é uma dimensão da infância na eternidade (NEJAR, 2011: 580-581), a exemplo do que comentara Walter Benjamin sobre Proust, como vimos anteriormente.

Rosário Fusco (1910-1977), poeta, dramaturgo, crítico literário e advogado, foi um dos fundadores da revista *Verde*, em 1927, um espaço da estética modernista fora do eixo Rio-São

Paulo, em Cataguases, Minas Gerais. Esta teve como colaboradores Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava e Mario de Andrade, dentre outros, sendo este último amigo pessoal e correspondente de Rosário Fusco. Além de livros de poesias e de crítica literária, este autor publicou na década de 1940 os romances *O agressor* (1943) e *O Livro de João* (1944). Politicamente, Rosário Fusco esteve ajustado ao governo Vargas, o qual considerou “um autêntico governo do povo para o povo”. Rosário Fusco também foi articulista da revista *Cultura Política*, o principal veículo de divulgação das ideias do Estado Novo, mantida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (HEDEN, 2008: 4-5). O primeiro romance de Araújo Lima, *Babel*, do qual falaremos no próximo tópico deste capítulo, foi dedicado a Rosário Fusco.

Além dos escritores citados anteriormente, destaco a participação de Dyonélio Machado, que foi romancista, ensaísta e médico psiquiatra, atuando como intelectual mediador. Ele utilizou dos romances psicológicos como forma de divulgação de teorias psicanalíticas e de inspiração proustiana, além de crítica social ao sistema político e econômico brasileiro, sob o viés marxista. Não esquecendo, porém, que seus romances também são uma obra estética. Ele publicou o romance *Os ratos* em 1934, livro que o consagrou como autor, e pelo qual recebeu, em 1936, o prêmio literário Machado de Assis da ABL, criado em 1911. Neste romance, considerado por alguns como proletário e por outros como introspectivo, o autor elegeu como tema principal a demência.

Tal qual Graciliano Ramos em *Angústia* (1936), Dyonélio tratava do “esmagamento do homem pelo Sistema”. Entretanto, enquanto que o personagem principal do livro de Graciliano, Luís da Silva, mesmo oprimido, se negava a queda final – “não sou um rato, não quero ser” – para os personagens criados por Dyonélio não existiam fronteiras entre a sanidade e a loucura, o humano e o ser desumanizado pela opressão. “O universo de seus personagens é torturante e torturado, ocluso, com forte carga psicológica”. Para o escritor gaúcho, o capitalismo e o meio ambiente são fontes de opressão, diferente de Graciliano que só considera o primeiro (NEJAR, 2011: 583-584).

Em 1935, por ocasião do Levante Comunista, Dyonélio foi preso sendo libertado quase dois anos depois a partir de intensa mobilização de intelectuais, da qual Araújo Lima participou, como referido no primeiro capítulo. Em 1941, sofrendo de cardiopatia, Dyonélio ditou para esposa e a filha o seu segundo romance o *Louco do Catí*, que foi publicado em 1942, pela Editora Globo de Porto Alegre. Neste o autor tratava do homem que é subjugado e tratado como animal. A loucura é analisada não só com o olhar de médico psiquiatra, mas de quem a

presenciou no cárcere. Dois anos depois ele publicou o romance *Desolação* pela Editora José Olympio, e em 1946, *Passos Perdidos*, pela Martins Editora de São Paulo, ambos em um período em que ele já tinha dificuldades para encontrar uma editora que publicasse seus livros, devido ao estigma de comunista. Estes três livros escritos na década de quarenta compõem uma saga, cujo último livro, *Nuanças*, só foi publicado em 1981. Estes livros mesclam as lembranças pessoais do autor sobre a experiência no cárcere com a ficção fantástica para narrar os dramas do “louco” e do mecânico Maneco Manivela, onde o autor construiu nos quatro romances uma espécie de “rito de passagem humana, de um estado de consciência simples, quase mítica, para o de conscientização do homem como ser social, vivendo situações limite de opressão e perseguição” (GRAWUNDER, 1995: 22).

Em o *Louco do Catí*, o autor utilizou das teorias de Freud e Jung para construir sua narrativa sobre o “homem-cão, sem rosto, sem nome, sem passado, perseguido por seus fantasmas interiores, simbolizando o inconsciente e a marginalidade” (GRAWUNDER, 1995: 22), que vivia no limiar entre a condição de ser humano e animalidade, a realidade e o devaneio, ora fruto de sua imaginação, ora de suas reminiscências do passado. Dyonélio traz muito da visão de Proust sobre a memória inconsciente para construir o monólogo interior que perpassa toda obra (MACHADO, 1942). Os quatro romances estão centrados na problemática das relações entre o “eu” e o “outro”, no meio social e principalmente do homem com o seu inconsciente. Também é perceptível a tentativa de “denúncia do processo de dominação exercido contra a liberdade de pensamento divergente e também se lê a crença no valor do processo histórico e de conscientização que pode produzir a reafirmação, reabilitação e liberdade” (GRAWUNDER, 1995: 23-25).

#### **4.4 A divulgação de teorias psicológicas nos romances *Babel* e *A Bruxa***

Numa travessa do Flamengo, onde as árvores de espessas copas se entrelaçam ao alto para torná-la ainda mais sombria e triste, o carro estancou em frente a uma casa em via de demolição. Ele enfiou pela vidraça embaçada de chuva o olhar cheio de ternura, fixando o velho casarão de três andares, ao qual imensas e sólidas paredes, descoradas pelo tempo e pelas intempéries, davam o ar solene de uma fortaleza em ruínas. E ficou mudo e imóvel, numa quase atitude de êxtase, a contemplar aquele monumento, cuja visão lhe despertava um mundo de evocações tumultuosas, saturadas de comovedoras emoções. Era primeiro, a revivescência de um dia luminoso de verão, em que ficava a ver de longe, pouco antes da hora do ajantarado, regressarem os grupos de banhistas, moços, velhos, crianças, na mais grotesca confusão de atitudes e formas. (...) [Contudo], a sombra da noite fria e úmida já havia engolido o casarão, e diante de seus olhos as recordações

faziam bailar dezenas de fantasmas, a se debaterem dentro da fortaleza, numa só angústia sinistra e infindável. (...) Ali, onde cada quarto, cada canto, cada ângulo, guardava uma história, um romance ou um drama, ele vivera a vida em uma síntese, toda, por inteiro. Naquela travessa do Flamengo, existira outrora a Pensão de Madame Babel, cuja crônica desfilava agora, vertiginosamente, em sua imaginação (LIMA, 1940: 9; 11).

Assim começa o romance *Babel*, primeiro livro de Cláudio de Araújo Lima, publicado em 1940, pela Companhia Editora Panorama de São Paulo.<sup>95</sup> A evocação do passado, através das memórias do protagonista Felício, nos remete a narrativa de Proust, no primeiro volume de sua obra *Em busca do tempo perdido*, sobre a experiência de ser transportado, sem pedido ou consentimento, de volta à infância, no momento em que degusta uma *madeleine*.

A obra de Proust, acima citada, pode ser identificada como uma das principais referências para o autor de *Babel*, não apenas literária e esteticamente como também teoricamente, para pensar o funcionamento da memória em relação à matéria e o efeito dos sentidos sobre a denominada “memória involuntária”, algo que já vinha sendo discutido, desde o final do século XIX, por Bergson (BERGSON, 1896), teórico influente no romance proustiano, e também, na de Araújo Lima. Assim como a obra de Proust, o romance *Babel* não segue uma trajetória temporal linear e também se encerra com a proposta de um paradoxo para os leitores, a decisão de um dos personagens de escrever o livro que acabara de ser lido. Dividida em três partes, a trama se inicia com as recordações de Felício, segue com o desenrolar das vidas dos antigos moradores da pensão e é encerrada pela descoberta do passado secreto de Madame Babel, dona da mesma pensão onde a trama se inicia, o que revela o caráter cíclico da obra.

Na primeira parte do romance, Araújo Lima, por meio das recordações de Felício, narra as memórias, encontros e desencontros de uma pequena “legião de inquietos e incompreendidos”, reunidos em uma velha casa de pensão do Rio de Janeiro. Os personagens ali viveram entre o final dos anos de 1920 e início dos anos 1930, quando a pensão foi posta à venda, sendo, alguns anos depois, demolida. A casa de pensão pertencia a uma cigana espanhola chamada Madame Babel, que na juventude fora mulher de um seringueiro, vivendo no Acre. Ela abrigava estudantes na dependência mais precária do casarão – o porão –, moças emancipadas no segundo pavilhão e mesmo famílias inteiras de mais posses nos andares superiores. O romance, que é narrado em terceira pessoa, se inicia com as memórias de um

---

<sup>95</sup> Esta editora foi uma das principais apoiadoras do movimento integralista em São Paulo, publicando livros de Plínio Salgado, como *O estrangeiro*, e de outros autores manifestadamente anticomunistas.



antigo hóspede da pensão, Felício – o pintor “aleijado” –, que ao vislumbrar o casarão em vias de ser demolido para dar lugar a um arranha céu, relembra os tempos em que lá viveu, os hóspedes, seus amores e intrigas. A memória e as revivescências produzidas por esta constituem elementos de destaque na construção da narrativa de Araújo Lima, como os últimos bastiões contra o caos da modernidade, promotor do esquecimento das tradições.

O tema principal do romance *Babel* é a natureza complexa e, por vezes, paradoxal da personalidade humana, que o autor procurou caracterizar em seus personagens. Para ele, a pensão de Madame Babel podia ser descrita como “um verdadeiro laboratório de pesquisas sobre a condição humana”, ou uma pequena amostra dos tipos psicológicos característicos da sociedade brasileira no entreguerras. Na pensão viviam os estudantes de medicina Bertoldo, Nagib, Gustavo e Marcos. Os dois primeiros eram tipos frios, sempre preocupados em se autopromoverem e se vangloriarem de sua inteligência, fortuna e distinção, mantendo distância dos demais estudantes e das moças da pensão. Bertoldo, que se dizia filho de um conde, era na verdade filho de um sapateiro calabrês, residente em São Paulo, enquanto Nagib, cujo pai era um comerciante de secos e molhados em Beirute, não se cansava de narrar a importância deste no Oriente Médio, um descendente direto de Gengis Khan. Ambos viviam entre as fantasias e os delírios de grandeza. Gustavo tinha um comportamento diferente dos dois companheiros de quarto, apesar de também sustentar a fantasia de ser filho de um estancieiro gaúcho, quando na verdade era de uma família de caboclos cearenses. Já Marcos era um estudante nordestino, pobre, de “alma impetuosa e revoltada”, sempre sarcástico e gozador, que não perdoava os deslizes de nenhum dos moradores e, talvez por isso, era antipatizado por todos (LIMA, 1940: 15-17).

Outros que por entre aquelas paredes vagavam em uma quase inexistência, dada a vida medíocre que levavam, eram Dona Dunga, “uma velha terrível, ar de feiticeira, de ouvidos vigilantes e sequiosos por segredos da vida alheia”; Noêmia, sempre espevitada, um turbilhão em constante movimento, amiga de todos, mas que dissimulava com o ar brejeiro a atitude por vezes maldosa; Alda, sua companheira de quarto, de tez pálida, olhar morto e “cismarento”, que vivia entregue aos seus estudos médicos, distante do que se passava entre os demais hóspedes da pensão. Além delas temos as três irmãs Berrêdo, a grande fonte de informação sobre as mazelas da alta sociedade carioca, e o elegante e galanteador Paulo, sempre envolto em uma aura de mistério e sedução (LIMA, 1940: 23-45).

Por fim, temos o casal Maria e Carlos de Sousa. Ela tinha a aparência meiga e amável, mas controlava o marido com punho de ferro, ou pelo menos era o que parecia. Carlos era um

homem de poucas palavras e sorriso generoso, vacilando entre a beatitude e a monotonia. Vivia bem com os demais pensionistas, desfrutando o “venturoso direito de viver sem pensar”, posto que a esposa o fazia por ele. Entre os hóspedes, era ele quem desfrutava dos melhores aposentos, custeado pelos honorários de funcionário público em disponibilidade acrescidos da prática da agiotagem. Mas não podemos esquecer de Lucí, o duplo da “bem-aventurada” Tereza, sua antítese viva. Lucí era a “mulher que tudo exige sem dar um pedaço mínimo de si”. Dentre as moças do andar das solteiras, ela era, sem dúvida, a mais independente e obstinada, e dizia que gostava de viver perigosamente. Possuía certa inclinação para a excentricidade, com uma “maneira de ser cética” e uma “alma teatral”. Sua “vida mental” era constituída pelas leituras de Anatole France, Ibsen, Nietzsche, Baudelaire e Dostoiévski. Era “apaixonada confessa de todos os vícios, fumava, bebia e jogava mais ou menos abusivamente. Fazia-o, contudo, não sem íntima repulsa” (LIMA, 1940: 51-61).

Em um pequeno apartamento nos fundos da pensão vivia Felício, dono de uma “alma serena e sem conflitos, pela própria compreensão da irremediabilidade (sic) de sua desventura, não sofre nunca a dolorosa angústia da expectativa, que corrompe e aniquila os seres fisicamente perfeitos” (LIMA, 1940: 18). Seu corpo é “deformado e monstruoso”, paralisado da cintura para baixo, nunca soube o que é estar de pé ou caminhar. “Arqueado por uma deformação horrenda, que lhe faz o tronco agigantado de uma banda e quase infantil de outra, tudo o que há de propriamente humano, naquele aspecto de batráquio, são os braços que sustentam mãos paradoxalmente belas e a cabeça ativa”. Sua fisionomia combina a fealdade física com a altivez dominadora “que exprime e sintetiza toda a complexa beleza de sua inteligência” (LIMA, 1940: 18-19).

Ali também vivia, em um quartinho de fundos, a “bem-aventurada” Tereza, cafuza entroncada que durante o dia trabalhava nos serviços domésticos da pensão e à noite recebia em seu quartinho a “sensualidade insatisfeita dos faunos da pensão”. Era uma amante comum e tranquila, de sorriso alvo e benevolente, sem conflitos e disputas, livre de angústias torturantes da competição, sempre pronta a atender aos desejos e devaneios dos hóspedes. “O enxovalhar contínuo e coletivo de suas carnes não lhe maculava nem de leve a alma pura e angelical”. Pois, ela “dava-se numa renúncia, numa atitude permanente de marasmo, num quase estado de graça, num alheamento que tinha algo de êxtase religioso” (LIMA, 1940: 47-49).

Estes são os membros da “legião de inquietos e incompreendidos” que habitavam a pensão. À frente desta trupe estava Madame Babel, sempre solícita e maternal, mas, sobretudo, misteriosa. Uma verdadeira incógnita proposta pelo autor, cuja personalidade e passado só se

revelam ao final do romance, após sua morte. Conceição Babel era seu nome, nascida em um acampamento cigano no interior da Boemia, viveu sua infância e adolescência na Espanha, até fugir de casa, ainda muito jovem, após ser enganada por um toureiro sedutor, casado e com cinco filhos. A partir daí fez da sua beleza e juventude suas melhores armas para seduzir, sem nunca se deixar envolver. Frequentou os salões e a mais alta sociedade de Viena, Budapest, Berlim e Paris como cortesã, sempre deixando atrás de si um rastro de amantes desenganados. Até que decidiu tentar a sorte do outro lado do Atlântico. E foi assim que ela trocou os salões parisienses por Manaus, em 1900, e no auge do ciclo da borracha ela realmente obteve sucesso servindo em um bordel local. Mas, os anos se passaram rapidamente, e aos trinta e poucos, ela já não podia competir com o frescor da beleza das mocinhas que não paravam de chegar. Assim, quando surgiu uma chance, Conceição comprou uma passagem de navio para o Rio de Janeiro, e uma vida nova como dona de uma pensão de estudantes (LIMA, 1940: 179-187).

Em *Babel*, Araújo Lima realizou uma análise detalhada da personalidade dos moradores da pensão, estabelecendo superposições entre a condição física, o caráter ou, “maneira de ser”, e o temperamento, área mais recôndita da “alma” humana. Assim, seus personagens se apresentavam em pares de opostos entre si, e em si mesmos, numa tentativa de configurar toda a dualidade, complexidade e conflito da existência humana, a exemplo da duplicidade e dualidade da alma humana presente na obra de Dostoiévski, onde a própria personalidade está dividida.

A contradição entre personalidades é bastante evidente entre dois dos personagens masculinos centrais: Paulo e Felício. O primeiro era descrito como belo, atlético, rico, galante e conquistador, de caráter sereno, imperturbável, quase frio; contudo, seu intelecto era medíocre e sua alma atormentada, sobretudo por seu complexo de “donjuanismo”, que, o impedia de se vincular a qualquer relacionamento e o tornava impotente. Por sua vez, Felício, o personagem central da trama, era caracterizado como fisicamente monstruoso, possuindo de similar ao humano apenas as mãos. Porém, era dotado de talento para as artes e de uma inteligência e gostos apurados, que se completavam pela benevolência e simplicidade de seu caráter, ampliados pela grande sensibilidade e sabedoria de seu temperamento. O destino destes dois personagens, narrado por Araújo Lima, rompe com os estigmas da degeneração e do domínio do biológico sobre o psíquico e o social, pois transforma um “miserável aleijado”, rejeitado pela família desde o nascimento, em uma espécie de sábio e conselheiro, aquele que, além de saber escutar, podia ver além das aparências, enquanto Paulo, o galante aristocrata paulista, escondia sob a máscara da beleza uma “alma deformada”. A trajetória destes dois

personagens também é encerrada de forma contraditória, com o suicídio de Paulo e o gozo de uma vida tranquila e feliz para Felício, o mais “imperfeito” de todas as “perfeitas” criaturas que passaram pela pensão de Madame Babel, único a poder desfrutar de tal privilégio.

Contudo, o exemplo que melhor evidencia o argumento sustentado pelo autor, sobre as diferenças e mesmo contraposições existentes entre o caráter e o temperamento, é o da jovem Lucí. Emancipada desde muito cedo, vivia sozinha na pensão e era bastante independente em suas finanças e hábitos. Entretanto, Felício, que podia ver além das aparências, a definia como aquela que carregava a “máscara de cortesã a torturar a face de uma madona”. Era “triste o destino dela”, que “vivera toda a sua vida de moça numa luta tremenda entre os impulsos profundos de seu temperamento e as aparências com que seu caráter conseguia mascarar as tendências inatas” (LIMA, 1940: 132).

Segundo Araújo Lima, o caráter seria moldado no contato com o meio, estando estritamente relacionado com critérios morais, enquanto o temperamento era tomado como uma categoria inata, sendo ambas fundamentais na constituição da personalidade de um indivíduo (LIMA, 1940: 132). Tais categorias utilizadas por Araújo Lima, em sua tentativa de criar tipos, remete às influências literárias, de Dostoiévski na leitura psicológica, de Anatole France na utilização do modelo de uma crítica de costumes, e aos estudos de Kretschmer sobre a constituição do indivíduo, do qual tratamos no terceiro capítulo.

No enredo do romance *Babel* temos também um estudo da conduta moral dos personagens frente a questões sociais e políticas, como forma de avaliar o lado mais íntimo da personalidade dos indivíduos, através da imposição de situações limites. A análise da conduta moral ganha importância no romance na medida em que o autor desenvolve uma tese de que a “modernidade” e o caos da vida urbana implicavam, dentre outros aspectos, na superficialidade das relações sociais e no rompimento do indivíduo com sua alma, resultando em uma supervalorização das aparências em prejuízo da essência. Este é o caso do personagem Marcos, estudante de medicina, caracterizado como migrante nordestino, pobre e revoltado, preterido e hostilizado pela maioria dos moradores da pensão, que alimentava o desejo de ser um revolucionário comunista. Porém, este acaba por se envolver com uma mulher casada, D. Maria, também pensionista, vivendo em um triângulo amoroso, em que era sustentado pelo marido conivente, Seu Carlos, inclusive em suas doações à causa comunista. Em um período em que a perseguição aos comunistas é acirrada e ele é preso, a amante consegue, junto a um influente político do governo Vargas, sua libertação e uma colocação como funcionário público e assim se encerra sua carreira como revolucionário. Desta maneira, o autor desenvolve uma crítica

bem-humorada do que ele considerava ser o “caráter plástico do brasileiro”, adaptável, tanto do ponto de vista ideológico como moral, às situações apresentadas pelo contexto social e político. Esta também é uma sátira a alguns revolucionários e intelectuais comunistas que, após a fase mais acirrada da ditadura do Estado Novo, onde muitos foram presos, torturados e alguns exilados, começaram a ser cooptados para participar da estrutura governamental.

A recepção do livro *Babel*, entre os críticos do período não foi favorável dentro do gênero literário em que pretendia se encaixar. Um dos primeiros críticos literários do período a citar o romance foi Álvaro Lins, para quem o autor não tinha qualidades de romancista ou escritor (LINS, 26/04/1941: 2). Tristão de Athayde também foi categórico em afirmar que o autor possuía um “estilo ralo, vulgar, inconsistente”, escrevendo mal; entretanto, via o romance como uma “estreia apreciável, que permitia esperanças”.<sup>96</sup> No ano seguinte à publicação de *Babel*, o poeta e cronista mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que na época era chefe de gabinete do Ministro da Educação Gustavo Capanema, fez uma crítica concisa e demolidora do livro. Para ele, o romance tinha a forma de um “relatório, de linguagem espessa e desprovida de qualquer virtude literária”. Por outro lado, o autor apresentava qualidades de ficcionista, que “surpreendiam em meio a tantas debilidades” (ANDRADE, 2000: 57).

Na narrativa de *Babel*, é possível perceber, mesmo que de forma incipiente, uma tentativa de aliar a literatura de estilo psicológico com teorias provenientes da medicina constitucional, em especial da caracterologia defendida por Kretschmer, que foram influentes na medicina legal, criminologia, psicologia e psiquiatria brasileiras, dentre outras áreas, principalmente nos anos de 1930. Nesta obra, também é perceptível o interesse do autor pela psiquiatria social, em sua tentativa de estudar o “homem normal”, aquele que compõe as massas.

Os estudos do médico alemão estavam baseados na ideia de que as correlações externas conduziriam às internas, e estas seriam as vias para chegar à “essência das coisas, ao limite do cognoscível”. Os médicos, então, precisavam voltar a servir-se de seus olhos minuciosamente, “sem o microscópio ou o laboratório”; tratava-se de um convite do psiquiatra alemão para “primeiro ver, depois calcular e medir”, seguindo um viés influenciado tanto pela biologia e antropologia como pela matemática e principalmente pela estatística (KRETSCHMER, 1954: xvii). Para Kretschmer, a constituição era o “conjunto de todas as qualidades individuais baseadas na herança, isto é, de raiz genotípica”; entretanto, o autor defendia a impossibilidade

---

<sup>96</sup> A crítica de Amoroso Lima foi publicada no periódico *O Jornal*, seção “Vida Literária”, de 27/04/1941, e depois reproduzida na revista católica *A Ordem*. Ver: *A ORDEM*, jan.-jun. 1941: 559-561.

de desconsiderar a influência das modificações exercidas pelos estímulos externos sobre a predisposição hereditária, acreditando que tanto a constituição humana como a de qualquer ser vivo só poderia ser pensada como produto da relação entre predisposição e ambiente. A constituição poderia ser afetada por muitos fatores, como genética, doenças, trabalho e nutrição, sendo tal conceito considerado “psicofísico e panbiológico”, no sentido de que era orientado pela confluência entre o somático e o psíquico (KRETSCHMER, 1954: 18-23).

Quatro anos depois da publicação de *Babel*, Araújo Lima publicou pela Livraria José Olympio Editora seu segundo romance, *A Bruxa* (1944). A repercussão entre os críticos literários foi melhor que a da obra anterior, observando-se uma maior divulgação em jornais e revistas cariocas. Na coluna “Movimento Literário” da revista *Carioca*, Araújo Lima foi descrito como um autor que “escreve de uma maneira muito agradável e que conhece bem a técnica do romance. Tem originalidade, brilho e espontaneidade”, de modo que “seu romance interessa durante o tempo todo”. Neste período, Araújo Lima não era conhecido como romancista, devido à repercussão negativa de *Babel* entre os críticos e a pouca vendagem nas livrarias, mas havia se destacado como ensaísta, devido ao sucesso que obteve com o estudo biográfico sobre Stefan Zweig, em 1942. Assim, o colunista da revista citada recomendava ao final de seu comentário que os leitores que já o apreciavam como ensaísta precisavam conhecê-lo como romancista (CARIOCA, 1944: 9).

No *Diário Carioca*, o crítico que assinava apenas como A.P. a coluna “À Margem dos Livros” também apontava para o fato de Araújo Lima ter firmado seu nome como escritor com o livro sobre Zweig. Para este crítico, *A Bruxa* era uma “brilhante contribuição para o enriquecimento da literatura brasileira”, por revelar-se um “romance vivo e humano”, em um “estilo elegante e agradável”. O autor, nesta obra, trazia para o leitor uma visão de mundo repleta de “um realismo que nos prende à contemplação da vida como ela é, cheia de misérias, de decepções, de angústias sem fim”. Enfim, um livro que, para este comentador, valeria a pena ser lido (A.P., 1944: 2).

O crítico Roberto Lyra, escrevendo na coluna “Semana Literária” do jornal *A Noite*, definiu o romance em questão como uma literatura difícil. “É um desses livros que não se oferecem às simpatias superficiais dos leitores e mesmo dos críticos.” Porém, apresentava uma “linguagem precisa, correta, adequada e sobretudo simples” que fugia aos vícios profissionais da terminologia complicada. O autor descrevia os meandros da vida psicológica com autoridade de cientista, entretanto sem prejuízo do “interesse profano” do leitor, que era apanhado pelos lances romanescos e pela devassa feita na sociedade de alto a baixo, dos salões aos cabarés.

Segundo Lyra, Araújo Lima conseguiu “tratar do amor a fundo e ao vivo, sem incidir nos dois extremos responsáveis pela desvirtuação do problema – a fantasia dos hipócritas e a grosseria dos canalhas” (LYRA, 1944: s.p.).

Na coluna “Livros do Dia” do jornal *A Manhã*, o crítico que assinava A. F. fez uma análise mais profunda do romance *A Bruxa*, em relação ao panorama literário da época. Ele iniciava seu comentário citando o psicólogo estruturalista britânico Edward Bradford Titchener (1867-1927), para quem a “linguagem não exprime os sentimentos, exprime as ideias. Eles, [os sentimentos] não se expressam de um modo completo, não se esgotam, mas se conservam um pouco em silêncio porque, sendo a linguagem acanhada, não os satisfaz”. Partindo desta premissa, o crítico apresentava “a debilidade verbal no momento de expressar uma ação de caráter sensorial” como sendo o maior problema do romance em questão, e, ao mesmo tempo, uma característica marcante neste estilo literário (A.F., 1944: 3).

Para este crítico, romancistas como André Gide e o próprio Araújo Lima, embora de uma forma menos precisa, tomaram o único caminho possível para contornar tal obstáculo, “intelectualizando os sentimentos”. Assim, tanto em *A Bruxa* como antes em *Babel*, o psiquiatra e romancista brasileiro teria seguido pelo caminho do “triunfo consciente sobre a linguagem”, produzindo, por conseguinte, um “enfraquecimento verbal”. Tal situação se revelava na trama em “momentos afetivos” impulsionados por “ideias canalizadas” que produziam o “espontâneo abrandamento dos instintos e a desvalorização de todos os elementos físicos em favor da imaginação”. Esta era utilizada no romance, como “a única força capaz de sustentar sua vida e seu movimento”. Ao fim e ao cabo, esta empreitada de Araújo Lima, no âmbito da literatura, foi vista, pelo citado comentador, como uma “aventura difícil”, porém “notável”, ao executar no romance brasileiro “um salto dos sentimentos em efervescência para a imaginação desregrada”, apesar de “intelectualizada” (A.F., 1944: 3).

O romance *A Bruxa* é estruturado por uma narrativa indireta da vida psíquica de um único personagem – Ricardo –, através do artifício literário do monólogo interior. Toda a trama é contada por meio do ponto de vista deste personagem, e, principalmente, se desenvolve a partir de suas lembranças, seus pensamentos e sentimentos em relação a cada acontecimento. Cada fato, cada personagem secundário ganha vida pelos olhos de Ricardo, de modo que ele se torna um alter-ego do próprio autor. No decorrer da narrativa, Ricardo revela-se um homem angustiado, amedrontado, com as emoções à flor da pele, profundamente abalado pelo sofrimento da esposa e pelo próprio. Entretanto, e antes de mais nada, ele é considerado um homem comum pelo autor.

O livro se inicia em uma madrugada chuvosa, em que Ricardo, caminhava errático pela zona portuária do centro da cidade, atormentado por lembranças do seu passado, próximo e distante, que o perseguiram. A evocação de um pesadelo recente, somada às recordações do seu passado, que ele julgava há muito sepultadas no recanto mais fundo de sua memória, o angustiavam. Ao mesmo tempo, fatos corriqueiros traziam à tona lembranças da infância e da sensação de proteção proporcionados pela proximidade materna. Um turbilhão de pensamentos e sentimentos conflitantes, temor, raiva, culpa povoavam sua mente e dilaceravam sua alma.

O grande motivo da angústia de Ricardo, naquele momento, era sua esposa Júlia, com a qual se casara poucos meses antes, e que enlouquecera em plena viagem de lua de mel. Seu conflito íntimo se desenrolava entre o desejo ardente de possuí-la ou a vontade de abandoná-la e a consciência moral de suas obrigações para com ela. Ele queria tê-la perto, não aceitava a sugestão dos médicos de que ela precisava ser tratada em um hospício, mas, por outro lado, não suportava vê-la em tão deplorável estado, “pálida, abatida, com um sorriso de beatitude e olhar perdido” ou transformada em “algo amedrontador”, capaz de “gritos horrendos, quase inumanos” (LIMA, 1944: 27). Ele ansiava por uma vida livre e sem freios, onde pudesse pensar mais em si e se permitir aventuras e prazeres que nunca havia experimentado. Mas, logo em seguida, era tomado pelo remorso, “convencia-se de que não passava de um monstro”. “E eis que, de repente, num instante de reflexão se descobria a si mesmo, e se defrontava com o ser hediondo que ele próprio ignorava existir no fundo de sua alma” (LIMA, 1944: 17-18).

Sonhava com “filhos fortes e másculos, que pudesse exibir como um desagravo a si mesmo” (LIMA, 1944: 9), diante dos companheiros mais velhos que o assediavam na infância devido à sua aparência frágil e feminina, que a ternura materna teimava em cultivar. Mas agora, tudo estava perdido. O eco de seus passos na chuva martelava em seus ouvidos, ele continuava seu caminho sem rumo, usava da sua “vontade consciente” para ora apertar ora afrouxar o passo, mas não podia, da mesma forma, controlar seus pensamentos (LIMA, 1944: 9-12).

Não conseguindo alcançar a felicidade ao lado de Júlia, Ricardo pede a anulação do casamento, e logo depois contrai novas núpcias com Olga, representante dos mais altos círculos da sociedade carioca. Entretanto, seu novo casamento também não vai bem. A culpa por abandonar Júlia o persegue, a vida com Olga é cheia de insultos e agressões, um casamento para consumo externo. Então, Ricardo conhece Carmem, a garota circense, a mulher idealizada, seu amor absoluto, com quem também não consegue ser feliz. Ele segue como alguém incapaz de adaptar-se no mundo, condenado ao eterno recomeço, angustiado e perseguido pela própria



imaginação. Vivendo em um contínuo “ciclone subjetivo”, Ricardo segue com uma “alma dividida” (LIMA, 1944).

Neste romance, o interesse do psiquiatra amazonense não estava em discutir como determinadas perturbações mentais afetariam os indivíduos. Ao contrário, ele especulava sobre o funcionamento do psiquismo do sujeito dito “normal”, frente a fatores internos e externos que pudessem afetá-lo. A loucura de Júlia, com suas causas e evolução, por exemplo, não foi considerada pelo autor como um tema de interesse; ela é citada apenas como uma das causas do padecimento de Rodrigo. Júlia simplesmente enlouqueceu, partiu para a esfera do inacessível, tornou-se um “ser desumanizado”. O foco do autor concentra-se no comportamento daqueles que poderiam ser considerados normais, sendo a relação entre o pensamento e as emoções o ponto crucial de sua análise. Como o físico, o mental e o moral interagem entre si e frente às influências do social? Esta é uma das questões principais que perpassam toda a narrativa.

A angústia, o desespero, as frustrações, os sonhos, os recalques sexuais, traumas da infância e complexos são a matéria prima para a construção do texto. Para tanto, Araújo Lima utilizava explicitamente alguns dos principais conceitos psicanalíticos. Em primeiro lugar, a relação entre consciente e inconsciente, com o último sendo a instância principal do psiquismo, sobre o qual a atitude consciente não tem controle. A seguir, os traumas da infância, como a experiência no colégio, onde seus atributos físicos (cabelos louros, pele branca e grandes olhos azuis) foram vistos como um certo ar feminino, abrindo as portas para sua “tragédia íntima”. A certeza da sua masculinidade em desenvolvimento fez com que as pilhérias dos outros garotos lhe causassem uma “martirizante revolta”, germinando em sua alma a desconfiança e o ódio gratuito por todo tipo de “homem valentão”.

Mas, o “complexo de Édipo” não resolvido, que o fazia lamentar a ausência da proteção materna, é sem dúvida o conceito analítico mais explorado pelo autor em sua narrativa. Este seria a causa íntima para sua dificuldade em construir um relacionamento feliz e o estopim para o desenvolvimento de uma imaginação doentia beirando a paranoia. E, por fim, a importância atribuída aos sonhos enquanto instância privilegiada para acessar o inconsciente, que se reflete nos “fragmentos do pesadelo sinistro” e recorrente que o atormentava, aquele “que lhe enegrecera toda a meninice, despertando-o quase todas as madrugadas, numa angústia medonha”.

Além dessas referências, o romance tematiza, sobretudo, o funcionamento de dois aspectos comuns a qualquer indivíduo – a imaginação e a memória. A imaginação é apresentada

em seu aspecto doentio, entre o neurótico e o paranoico, quase alucinado, pois “tudo lhe passava pela imaginação”, sempre com o “amargor de um trágico pressentimento”. Já a memória é vista como uma força sobre-humana – incontrolável, imensurável e involuntária –, proposição bastante discutida dentro da psicologia, entre o final do século XIX e início do XX. As lembranças surgem espontaneamente, sem motivo aparente, e se interpõem ao pensamento, comandam os sentimentos, alheios à vontade do indivíduo. A memória é assim descrita como uma “evocação tão viva, tão cruel, que ao reproduzir-se, restaura com a mesma brutalidade a emoção há tantos e tantos anos sepultada” (LIMA, 1944: 7).

Esta última frase destacada do romance *A Bruxa* é uma alusão direta à obra de Proust e, principalmente, ao que se convencionou chamar, entre autores brasileiros, de “psicologia proustiana”. Esta seria fruto dos processos de recepção e apropriação do romance proustiano no Brasil combinados à leitura feita por seus comentadores franceses. Portanto, como vimos neste capítulo, dentre os intelectuais mediadores que se empenharam na circulação da obra proustiana, entre leitores brasileiros da década de 1920 a 1940, destaca-se a participação do escritor e crítico literário Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde). Para este escritor, a “psicologia proustiana” estava fundamentada na dicotomia entre a memória voluntária e a memória involuntária; no tempo interior, regido pela memória involuntária, que traz para o presente evocações do passado como se estas acabassem de ocorrer; e na teoria das “intermitências do coração” que sustentava que emoções latentes, desencadeadas por acontecimentos passados, poderiam emergir e ser sentidas com maior intensidade anos depois (LIMA, 1934: 138-139). Estes três elementos estão claramente descritos na definição da memória apresentada por Araújo Lima em seu romance, como mencionado acima.

Araújo Lima também concordava com a leitura feita por Tristão, de que o homem proustiano é essencialmente um ser que dissocia a realidade ao seu redor, sempre precária frente aos seus sentidos, e que, ao mesmo tempo, dissipa e dissocia a si mesmo. A realidade se apresenta em uma contínua transformação e decomposição, onde o indivíduo experimenta uma constante fragmentação da “unidade do espírito”. Este é um retrato perfeito do protagonista Ricardo, frente ao mundo que o rodeia. Na constituição do enredo, Araújo Lima, assim como Proust, tomou como ponto de partida as recordações, ideias e sensações como elementos dissociativos da personalidade, somando a estes, como peça fundamental do “ciclone subjetivo” vivenciado por Ricardo, a “imaginação desregrada” enquanto impulsionadora de todos os atos do personagem. Estes elementos dissociativos, presentes no espírito humano, seriam em parte esquecidos, e, em parte, permaneceriam ocultos, adormecidos no inconsciente. Tal parcela

escondida, protegida da ação do tempo e do esquecimento, poderia vir à tona a qualquer momento na forma de uma memória involuntária (LIMA, 1934: 133-134).

Contudo é possível observar uma profunda discordância entre a leitura feita por Araújo Lima e a realizada por Tristão de Athayde a respeito do mecanismo de dissociação da personalidade, presente na obra de Proust. Para Tristão, a dissociação da personalidade não representaria uma consequente dissolução do eu, mas sua multiplicação (LIMA, 1934: 136). Já no romance *A Bruxa*, o efeito de fragmentação do “eu” e dissolução da personalidade, em um emaranhado composto por ideias, delírios imaginativos, sentimentos conflitantes e memórias reveladoras, é completo. Não existem limites exatos entre o real e o imaginado, as ideias e os sentimentos, estes elementos se confundem e se alimentam.

\*\*\*\*\*

Neste capítulo vimos como o romance de introspecção ou psicológico moderno ganhou destaque na literatura internacional, entre o final do século XIX e início do XX, devido ao trabalho de escritores como Dostoiévski, Joyce e Proust, dentre outros. Também observamos a recepção das obras de Joyce e Proust entre críticos literários e escritores brasileiros, que escreveram em jornais e revistas, entre as décadas de 1920 e 1950. Como pontos em comum entre estes dois romancistas temos, primeiro, a concentração em questões subjetivas em seus romances, alterando inclusive a estética de sua escrita em função disto; segundo, o interesse destes autores em se apropriar e ressignificar teorias psicológicas, como as definidas por William James e Freud (Joyce) e por Bergson (Proust). Um terceiro ponto diz respeito ao processo de recepção da obra destes dois autores no Brasil, marcado em seus primeiros anos por um forte estranhamento e mesmo desagrado por parte de alguns intelectuais brasileiros.

No caso específico de Proust, vimos que uma das ideias bastante divulgadas nas páginas de jornais e revistas era a de que, por ser uma leitura densa e difícil, a obra proustiana precisava ser explicada para os leitores brasileiros. Intelectuais como Alceu de Amoroso Lima procuraram, desde a década de 1920, fazer este papel por meio de críticas literárias, de maneira que sua leitura do romance proustiano e do que ele identificava como sendo uma “psicologia proustiana” foram amplamente divulgadas.

Na década de 1930, o movimento literário que buscou constituir um romance psicológico brasileiro, em contraposição ao romance social, não foi influenciado apenas pelas obras de escritores como Joyce e Proust, mas também por elementos apropriados da psicanálise, da psicologia e da psiquiatria. O romance psicológico foi considerado por alguns intelectuais a

partir desta mesma década, como sendo um romance de elite, não engajado com as questões locais e, por isso, menos relevante dentro da literatura brasileira se comparado ao chamado romance social. Contudo é notável que este tipo de literatura possibilitou uma maior circulação de conhecimentos científicos sobre a mente para o público em geral, popularizando conceitos, autores e teorias psicológicas.

Também observamos neste capítulo a participação de críticos literários e romancistas como intelectuais mediadores de teorias como a psicanálise freudiana, ao mesmo tempo em que realizavam análises psicológicas influenciados pelas obras de Dostoiévski, Proust e Joyce, dentre outros. Nestes grupos estavam inseridos médicos e psiquiatras que trabalharam na intersecção entre as áreas da medicina e literatura como mediadores de teorias médico-psicológicas, como foi o caso de Araújo Lima e Dyonélio Machado, que exerceram as funções de psiquiatra e escritor.

Neste contexto, temos a estreia de Araújo Lima como escritor de romances introspectivos, atuando, por essa via, como intelectual mediador das teorias médico-psicológicas. Nesses seus dois livros ele procurou trabalhar com a tensão homem-sociedade, sob o ponto de vista constitucionista, analisando a dicotomia temperamento e caráter em conjunto com questões psicológicas, psicanalíticas e filosóficas como a memória e a subjetividade do sujeito em relação ao tempo. Ao tratar do “homem comum” – com seus traumas, complexos e dificuldades de se adaptar aos padrões sociais estabelecidos pela vida moderna – apropriou-se de elementos da psicanálise, como o complexo de Édipo; das teorias kretschmerianas sobre a relação entre o temperamento e o caráter; e dos conceitos psicológicos desenvolvidos por Proust sobre a memória e fragmentação do “eu”.

Além de se dedicar à mediação cultural de teorias médico-psicológicas para um público leitor de romances, Araújo Lima também atuou na divulgação das citadas teorias em revistas médicas no papel de editor e articulador, como veremos no capítulo a seguir.

## CAPÍTULO 5

### MEDICINA, ARTE E MILITÂNCIA NAS REVISTAS DE DIVULGAÇÃO MÉDICA

Neste capítulo procuro analisar a atuação de Cláudio de Araújo Lima e de outros intelectuais mediadores na circulação de teorias médico-psicológicas, nas décadas de 1940 e 1950, por meio de três revistas de divulgação médica, a *Pasteur*, a *Psyke* e a *Revista Latino Americana de Psiquiatria (RLAP)*. O argumento central deste capítulo é que, nestas revistas, Araújo Lima, em conjunto com outros brasileiros e latino-americanos, contribuiu como intelectual mediador nos debates sobre qual o tipo ideal de medicina a ser praticada – a vista como “arte de cura” ou uma visão mais técnica e especializada da profissão. Estas revistas apresentavam, em comum, o objetivo de questionar e discutir o próprio estatuto da medicina enquanto ciência, o papel social de seus praticantes e a relação da medicina com a sociedade, frente ao contexto político e social vigente. Dentro dos debates veiculados por estas revistas sobre o papel da medicina, foram discutidas teorias médico-psicológicas várias, inclusive as defendidas por Freud e Kretschmer, assim como a relação entre literatura e medicina, já vistas nos capítulos anteriores.

A atuação destes intelectuais mediadores, que colaboravam com estas revistas, se deu frente aos defensores de outras correntes teóricas da medicina em geral e dos saberes “psi”, entre comunidades de médicos de localidades diversas, e também no que diz respeito a diferentes tipos de leitores alvos destas revistas. Destas três revistas, a *Pasteur* trazia artigos e temas voltados para a medicina em geral, tendo como público alvo não só os médicos como também seus familiares. Já a *Psyke* era a que apresentava um formato editorial mais técnico, dedicado à divulgação e discussão de pesquisas e questões referentes às especialidades da psiquiatria, psicologia e psicanálise. Por sua vez, a *RLAP* possuía um caráter híbrido, pois, ao lado de discussões especializadas e artigos técnicos sobre psiquiatria, também eram publicados resenhas e artigos sobre livros e temas políticos e sociais mais amplos. Além da participação de Araújo Lima, destaco como exemplos de intelectuais mediadores nestas publicações o médico Antônio Austregésilo, o educador Everardo Backheuser e o médico argentino Gregório Bermann, por sua atuação na mediação de ideias diversas para um público heterogêneo.

A influência de Araújo Lima, como diretor destas revistas, na circulação de teorias médico-psicológicas está diretamente ligada ao seu perfil de intelectual mediador, como

anteriormente mencionado. Seu posicionamento levou as três publicações a se colocarem, pelo menos teoricamente, como um espaço aberto para a discussão entre os mais diversos posicionamentos ideológicos dentro da medicina, e sobretudo, entre os praticantes da medicina mental, com suas diferentes qualificações. Contudo, este aparente posicionamento democrático não significava a ausência de um posicionamento teórico-ideológico do corpo editorial destas publicações. Nas três revistas a participação de Araújo Lima como autor de textos foi muito discreta, quase imperceptível. Ele atuou basicamente na direção e editoração dos periódicos, de modo que suas ideias e posicionamentos políticos só podem ser rastreados observando a forma como foi delineada a linha editorial de cada uma delas e como foi feita a escolha de temas e seleção de artigos e autores.

Assim, neste capítulo, apresento o contexto de criação de cada uma das revistas, seus objetivos centrais, questões debatidas e temas recorrentes, assim como seus principais colaboradores. Também analiso alguns dos artigos publicados, que servem para demonstrar as principais questões discutidas, durante os anos em que as revistas circularam. No caso da revista *Pasteur*, se destacavam os debates em torno do estatuto e prática da medicina; já na *Psyke* os questionamentos sobre a prática médica foram aplicados às áreas da psiquiatria, psicologia e psicanálise; enquanto que na *RLAP*, o estatuto da psiquiatria como ciência e a multiplicação de suas linhas teóricas era apresentado como temática central da revista. Nos artigos que serão analisados, também busco identificar como as teorias de Freud e Kretschmer foram apropriadas e divulgadas, no caso destas terem sido referidas.

### **5.1 Debates sobre medicina e arte na revista *Pasteur***

No primeiro período de sua carreira como intelectual-médico, a década de 1940, Araújo Lima foi diretor-editor de uma revista de cultura médica e geral, *Pasteur: Mensário de Cultura Médico-Social*, que circulou entre julho de 1940 e dezembro de 1943, procurando alcançar tanto o público médico especializado como o leigo, formado pelos familiares dos médicos.

Os médicos que participaram da publicação desta revista podem ser divididos em dois grupos geracionais: o primeiro era formado por médicos já estabelecidos na profissão, pelo menos um deles já aposentado e outros com um nome já consolidado na área. Estes foram convidados por Araújo Lima a participarem como consultores. Estes em sua maioria haviam sido professores do psiquiatra amazonense. Já o segundo grupo era formado por jovens médicos, recém-formados, com poucos anos de atuação no campo, alguns amigos de Araújo Lima, que foram convidados a colaborar como redatores efetivos. Entretanto, além destes

redatores a revista recebia textos de vários colaboradores esporádicos e reproduzia textos publicados em outros periódicos especializados ou não.

**Quadro VI:** Médicos brasileiros colaboradores da revista *Pasteur* (1940-1943)

<b>Quadro dos médicos colaboradores da revista <i>Pasteur</i></b>		
<b>Médicos</b>	<b>Cargo ocupado no período</b>	<b>Função na revista</b>
Cláudio de Araújo Lima	Psiquiatra forense e médico legista do IML	Diretor e editor
Júlio Paternostro	Médico sanitarista e psiquiatra	Redator auxiliar
Telésio Perdigão	Diretor técnico de Saúde do Estado de São Paulo	Redator em SP
Austregésilo de Mendonça	Psiquiatra do Instituto Raul Soares - MG	Redator em MG
Aloysio de Castro	Ex-Professor e diretor da FMRJ. Presidente da ANM	Consultor
Antônio Austregésilo	Professor de neurologia da FMRJ	Consultor
Heitor Carrilho	Diretor do Manicômio Judiciário	Consultor
Helion Pova	Professor de patologia geral da FMRJ	Consultor
Adauto Botelho	Diretor da Assistência a Psicopatas	Consultor
Hamilton Nogueira (1897-1981)	Professor de Medicina Legal da FMRJ	Consultor
Nobre de Mello	Psiquiatra da Assistência a Psicopatas e do Manicômio Judiciário	Redator efetivo
Edgard Almeida (1910-1986)	Médico psiquiatra e codiretor do Sanatório Santa Alexandrina	Redator efetivo
Lutero Vargas (1912-1989)	Cirurgião-chefe do Centro Médico-Pedagógico Osvaldo Cruz	Redator efetivo
Paulo Eleijade	Psiquiatra da Assistência a Psicopatas	Redator efetivo
Francisco de Sá Pires	Informação não encontrada	Redator efetivo
Quintanilha Jr	Informação não encontrada	Redator efetivo

A revista estava dividida em cinco seções: a coluna editorial, intitulada “Ângulo”, assinada por Araújo Lima; as seções “Novas Ideias e Novos Fatos”; “Ciência e Experiência” e “Letras de Médicos”, dedicada à literatura, e uma última seção cujo conteúdo variava de acordo com os números, incluindo os itens “De Tudo, de Todos e de Toda Parte”, “Seleção”, “Revista das Revistas”, “Para a Esposa do Médico”, onde eram publicados contos, anedotas e notícias sobre moda e cinema e “Para o Filho do Médico”, com estórias em quadrinhos sobre medicina e ciências em geral. A partir do segundo número da revista, a coluna “Todas as Teorias” foi incorporada à publicação. Em 1943, último ano de circulação da revista, aconteceram algumas modificações nas colunas da revista como o destaque dado à coluna “Seleção” que passou a reunir um número maior de artigos reproduzidos de outros periódicos.

Nos números da revista analisados<sup>97</sup>, há assuntos vários tratados nos artigos, observando que boa parte destes textos não era original, pois já havia sido publicada anteriormente em outros veículos da imprensa diária ou nas revistas especializadas em medicina. Esta prática de republicação era comum à época, tanto nos periódicos leigos como nos dedicados a uma especialidade. O que surpreende é o número extremamente reduzido de artigos escritos exclusivamente para a revista, sendo a maior parte reedição de textos. Isto significa que o editor da revista, assim como o conselho de redação da mesma, tinha um papel diverso de outras publicações, pois, mais que sugerir temas e encomendar textos aos colaboradores ou revisar artigos enviados pelos autores, seu principal papel era o de selecionar temas e artigos já publicados e debatidos por outras publicações. Tal singularidade da revista nos possibilita especular que ela tenha funcionado, no pouco tempo em que circulou, como um indicador dos principais temas discutidos sobre medicina, tanto interna como externamente à profissão. Dentre os vários assuntos discutidos na revista foi possível reuni-los em sete temas centrais.

**Quadro VII:** Tema dos artigos publicados na revista *Pasteur* (1940-1943)

<b>Temática dos artigos na <i>Pasteur</i></b>
Prática da medicina e o papel social de seus praticantes
A identidade do médico e sua relação com seus pacientes
O crescimento de um mercado cooperativo de medicina privada
A relação entre medicina e literatura
A dualidade “corpo e alma” na medicina
A influência dos fatores biológicos, sociológicos e psicológicos na constituição dos indivíduos, das sociedades e raças
Aplicações da biotipologia na educação

Nesta revista, três questões foram identificadas como centrais por permear, direta ou indiretamente, diversos temas e discussões presentes nos artigos, e por se relacionar com o objetivo central da revista que era discutir e divulgar um ideal de medicina “humanizada”. A primeira destas questões era sobre qual a melhor forma de se fazer medicina em pleno século XX, e qual o papel do médico neste contexto. A medicina deveria tornar-se cada vez mais técnica e especializada, estando o médico voltado para o estudo de uma determinada enfermidade ou parte do corpo adoecida? Ou deveria ser promovido um retorno a uma visão mais humanista e holística da medicina enquanto uma “arte de cura”? Esta questão estava

<sup>97</sup> Foram consultados os números: 1-4; 10-13. Os únicos localizados durante esta pesquisa.



diretamente ligada a discussões em torno da identidade profissional do médico e de sua relação com seus pacientes.

A segunda questão dizia respeito à relação da medicina com as mais diversas expressões artísticas, como a literatura, o teatro, a poesia, a fotografia e a pintura, analisadas enquanto formas de expressão estética de médicos artistas, modos de representação da medicina e do indivíduo adoecido pela arte e práticas terapêuticas. Já a terceira questão tratava da visão da medicina sobre o indivíduo, englobando o plano físico, moral e mental. A medicina e seus praticantes deveriam pensar o indivíduo apenas do ponto de vista físico, biológico? Ou seria possível para a medicina uma visão holística do homem, como um ser total, onde corpo e alma são inseparáveis? Estas três questões, apesar de serem independentes, no contexto das discussões da revista se mostravam interligadas e complementares.

No número de lançamento da revista, Araújo Lima discutia no editorial, intitulado “Medicina e estética”, os novos rumos tomados pela profissão médica no período entreguerras. Para ele, um “obsessivo sociologismo” do pós-guerra, ao mesmo tempo que combateu a visão sacerdotal da medicina, também restringiu a “arte médica” a um simples ramo da atividade técnica especializada. Ele observava que o processo de decadência que se abateu sobre a Europa possibilitou que os EUA tomassem para si o papel de centro hegemônico de produção de novas doutrinas e investigações científicas, que se espalhavam por toda a Europa e América. Estas novas doutrinas estavam, porém, embasadas em uma “mentalidade grosseiramente técnica da arte de curar”, aliada a “novas regras de conduta mental e ética” que visavam uma divisão extrema do trabalho, uma “superespecialização” (LIMA, 1940: 1).

Este processo, chamado por Araújo Lima de proletarização da medicina, teria levado ao desenvolvimento de uma consciência de classe que fez penetrar “insidiosamente” no espírito médico a noção política de conflito entre sua profissão e o Estado, em muitos casos seu empregador, e também na relação com os demais clientes, enquanto membros de uma classe social. Esta noção política teria polarizado a vida do médico em dois eixos: o laboratorial-hospitalar por um lado, e o sindical-político por outro. O argumento do psiquiatra amazonense era o de que este processo levou à “despersonalização do médico”, reduzindo-o a uma “simples peça de uma coletividade em luta”, que esqueceu “de si mesmo como ser humano, como ser pensante, como unidade espiritual”. Entretanto, este mesmo processo que, através da concepção política e técnica, buscou acabar com a visão sacerdotal da medicina proporcionou, “dialeticamente”, o surgimento de um novo viés na medicina que buscava ver além da solução imediata dos problemas da “vida objetiva e exterior” (LIMA, 1940: 1).

A defesa de Araújo Lima era a de que, por este caminho, os médicos deveriam reconhecer o vazio que se espalhava sobre sua “vida subjetiva e interior”, amesquinhada pelo seu “conhecimento unilateral e pobre”, desprovida de “vivências culturais e estéticas que o ajudassem a conhecer a si mesmo”, e fazer um retorno ao seu próprio “eu”. Tal retorno também configurava um resgate do passado, da medicina enquanto arte de curar, tomando como exemplos Claude Bernard, que também escreveu uma tragédia em versos, ou Charcot, considerado pelo autor como “um artista nato do pincel, da palavra e da medicina” (LIMA, 1940: 1).

A questão central defendida no editorial era de que a formação médica precisava não só do desenvolvimento da técnica, mas da humanização no sentido de uma apreciação do belo e do subjetivo na natureza humana, tanto quanto nas artes. Também podemos perceber que o editorial de Araújo Lima apontava para dois sentidos: primeiro, o do aprimoramento pessoal dos médicos por meio de uma formação mais diversificada e de um autoconhecimento de sua subjetividade; e segundo, uma crítica à politização médica e ao desenvolvimento de uma consciência e organização dos médicos como grupo profissional.

Esta questão apresentada no editorial de lançamento da *Pasteur* não se encerrava neste texto, pois ela é sentida, em outros artigos e números da revista, como uma espécie de tensão entre os defensores de uma “medicina moderna”, que deveria ser profissional, científica, técnica e altamente especializada, e aqueles que criticavam este modelo. Este último grupo de médicos, do qual Araújo Lima fazia parte, defendia um retorno à visão da “arte médica de cura”, uma medicina definida por eles como humanista e científica, sem deixar de lado a interligação com a filosofia e as artes. Eles acusavam a dita “medicina moderna”, enquanto fruto dos desmedidos progressos técnicos, causadores de alguns dos “grandes males da civilização” como as guerras, de desconhecer o homem como um todo, uno e indivisível, em favor de suas enfermidades. Para estes médicos, o paradigma microbiológico, desenvolvido em grande parte graças às pesquisas de Pasteur e centrado no fundamento orgânico, desumanizou a medicina quando concentrou seu interesse nas patologias e seus agentes causadores. Uma visão que não deixava de ser paradoxal em relação ao próprio nome da revista.

Esta discussão sobre o estatuto da medicina é antiga podendo ser remetida a pelo menos o final do século XIX, que foi marcado por desenvolvimentos tecnológicos na medicina e pela constituição de um novo paradigma médico-científico microbiológico/bacteriológico. Entretanto, na virada do século, também surgiu um movimento de reação a estes eventos, baseado no ideal hipocrático, que defendia o lema de que o paciente deveria ser visto como

pessoa e se contrapunha ao ideal de medicina científica praticado nas universidades e seus laboratórios. Médicos como o inglês William Gull e o canadense William Osler defendiam o princípio de que os médicos deveriam tratar o doente e não a doença, seguindo uma postura mais humanista da medicina. Os defensores desta visão holística da medicina pensavam o indivíduo enfermo em sua totalidade, “corpo e alma”, em uma visão mais metafísica que biológica da medicina, que reunia influências da filosofia aristotélica e neotomista, assim como da medicina constitucional, inspirada em um retorno aos ensinamentos de Hipócrates e Galeno (PORTER, 2004: 58-61).

A ocorrência de debates em torno do ideal de uma medicina mais humanizada e holística em oposição a uma visão técnica e especializada da área, no contexto brasileiro influenciou nas disputas entre os clínicos gerais e os médicos especialistas por espaços de atuação, a partir dos anos de 1920 (PEREIRA NETO, 2001: 43). Entretanto, estas disputas não foram uma singularidade brasileira, sendo muito presente em países como a Inglaterra e os EUA, na primeira metade do século XX. Segundo Porter, na Inglaterra, o atendimento médico primário permaneceu concentrado nos clínicos gerais (os médicos de família), sustentado por um sistema médico público baseado na Lei do Seguro Nacional, criada em 1911, e reafirmada pelo Serviço Nacional de Saúde de 1948. Neste contexto os clínicos gerais foram afastados do atendimento nos hospitais e da pesquisa médica de ponta, mas mantiveram sua clientela, assumindo o papel de guardiões dos encaminhamentos para atendimentos especializados e hospitalares. Já nos EUA, com o rápido processo de especialização e implantação de novas tecnologias na medicina, desde o entreguerras, o clínico geral perdeu rapidamente sua clientela para os especialistas, reduzindo em muito o número de médicos dedicados ao atendimento familiar (PORTER, 2004: 61-62).

Segundo Cristina Fonseca, após 1930 tem-se uma ampliação e centralização do sistema de proteção social de saúde no Brasil a partir de dois órgãos da administração pública, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que controlava a assistência médica individual para os trabalhadores, e o Ministério da Educação e Saúde Pública, que desenvolvia ações de saúde, combate e prevenção de endemias entre a população em geral (FONSECA, 2007: 43; 47). Neste contexto ocorre uma modificação no mercado de trabalho médico brasileiro visto que o Estado ampliava sua rede assistencial e surgiam grandes corporações hospitalares e clínicas, assim como planos de assistência médica coletivos ligados aos sindicatos.

Estas questões repercutiram nos artigos originais assim como nos republicados na revista, dividindo os autores em dois grupos, um formado por aqueles que como Araújo Lima

defendiam uma visão filosófica de uma medicina mais “humanizada” e vista como “arte de cura”, e outro composto por adeptos de um perfil mais técnico e especializado como era o caso de Quintanilha Jr., J. Manso Pereira, Ypiranga dos Guarany's etc... Como exemplo de defensores de uma medicina vista como arte, temos, no segundo número da *Pasteur*, a publicação do prólogo do livro dos médicos Walther Meerhoff e Arnold A. Meerhoff, intitulado *Sintesis de nuestro concepto del arte médico. El arte médico que vendrá*. Neste, os autores contestavam a “ciência médica”, desenvolvida naquele período, por negar os processos vitais e pretender manter e prolongar a vida. Para eles, esta era uma medicina antropomorfa, estritamente ligada ao contexto e às teorias materialistas da época. Eles tomavam como base teórica as obras de autores como Goethe, Nietzsche e Schopenhauer, e sobretudo, o neoespiritualismo e vitalismo segundo Bergson para criticar o positivismo e materialismo nas ciências e, no caso da medicina, o modelo mecanicista e organicista (W. MERRHOFF; A. MEERHOFF, 1940: 3). Por outro lado, na revista *Pasteur* também eram publicados textos de autores como Ypiranga dos Guarany's, que era cirurgião chefe da clínica do Hospital Miguel Couto no Distrito Federal. No texto, intitulado “Reações mentais pré e pós-operatórias”, Guarany's defendia um modelo bastante técnico e especializado de medicina. Ele analisava por meio da pesquisa clínica e laboratorial os traumas causados por procedimentos cirúrgicos tomando como base o bioquimismo humoral dos pacientes (GUARANY'S, 1940: 11).

Nos números consultados da revista *Pasteur*, percebe-se que, diretamente ligada aos debates entre estas duas tendências – a medicina arte e a medicina técnica – estava a questão da identidade do médico e sua relação com os pacientes, uma vez que para os defensores de ambos lados a formação médica, assim como a identidade profissional do praticante era influenciada de acordo com o ideal de medicina vigente. O que estava em discussão, ao fim e ao cabo, era o lugar do médico na sociedade, assim como seu espaço em um mercado de trabalho em processo de modificação, uma vez que a medicina deixava de ser uma atividade altamente individualizada para tornar-se um empreendimento coletivo em instituições públicas ou privadas. Ainda no ano de 1940, no terceiro número da *Pasteur*, a coluna “De tudo, de todos e de toda parte” trazia o artigo intitulado “Cliente Ruim”, assinado pelo médico Edgar Braga, que relembra os tempos idos em que a medicina era vista como um sacerdócio, o que para ele havia mudado com o crescente desenvolvimento técnico do “mundo moderno”. Ele defendia a ideia de que o médico não podia ser visto apenas como um técnico, ou como qualquer outro assalariado, pois a medicina não poderia ser considerada simplesmente uma técnica e o médico um mero operário. Para ele, diferente do operário que lida com uma caldeira em uma fábrica, o

médico que assiste um paciente precisa ter, além do conhecimento técnico e a cultura médica, um forte sentimento de empatia e solidariedade frente ao sofrimento humano. Este artigo de Edgar Braga era na verdade uma resposta ao texto do escritor Mário de Andrade em *Publicações Médicas* de agosto do mesmo ano, sob o título de “Médico Ruim”, onde Andrade argumentava contra as críticas generalizadas à classe médica. Braga apresentava um posicionamento de defesa da profissão e da classe médica, justificando que, se existiam médicos ruins, isto se dava principalmente pela má formação recebida pelos estudantes, candidatos à carreira da medicina (BRAGA, 1940: 31-32).

Na citada revista, também foi veiculada uma enquete, em 1940, que questionava se, frente ao momento de crise vigente, política, econômica, social e ideológica, que afetava inclusive a profissão médica, causando o desaparecimento do “velho e confidente médico de família”, a medicina deveria ser socializada. “Os clientes serão mais beneficiados com o trabalho de profissionais agrupados em serviços clínicos?” “Os médicos serão mais felizes com o desaparecimento da ‘fama pessoal’ e com o engrandecimento da organização a que pertencem?”, citando como exemplo o “grande Centro Médico de Nova York” (PASTEUR, 1940: 25). Esta era uma tentativa do corpo editorial de provocar o debate sobre os novos rumos da profissão médica entre os leitores da revista, mas não há, infelizmente, informações sobre o resultado da enquete nos números consultados.

O segundo grande tema de debate explorado por seu editor e colaboradores era a relação da medicina com as mais diversas expressões artísticas, como a literatura, o teatro, a poesia, a fotografia e a pintura. Como procurei demonstrar anteriormente, Araújo Lima, assim como alguns dos colaboradores da revista, era partidário da causa de que a medicina deveria voltar a ser pensada como uma forma de arte e não como uma técnica, e seus profissionais como artistas da cura e não meros operários, de maneira que torna-se compreensível a disposição de aproximar medicina e arte nas páginas da revista. Nos editoriais, artigos e colunas da *Pasteur*, esta relação entre medicina e arte foi apresentada de três formas: como expressão estética desenvolvida por médicos artistas; como maneiras de representação da medicina e do indivíduo adoecido pela arte; e como formas de terapia.

Assim, em meio aos artigos que discutiam sobre o estatuto da medicina, temos críticas literárias realizadas por médicos colaboradores da revista sobre romances publicados por outros médicos brasileiros e estrangeiros. O primeiro exemplo é a análise realizada por Nobre de Mello sobre o romance psicológico *Contraponto*, escrito pelo médico, ensaísta e romancista britânico Aldous Huxley e publicado em língua inglesa em 1928. Para Nobre de Mello, o romance de

Huxley era um verdadeiro marco de renovação na literatura mundial, que estaria em crise desde o início do século XX, assim como outras formas de arte pura, que vinham sendo suplantadas pelo pensamento utilitário em todas as manifestações intelectuais. No campo da literatura de ficção, o romance social teria tentado converter a literatura em “propaganda doutrinária”, levando o romance psicológico ao declínio (MELLO, 1940: 22).

No contexto vivido por Nobre de Mello, o romance de Huxley aparecia como parte de um movimento desencadeado entre a década de 1920 e 1930, buscando um retorno à “arte pura”, da qual o romance psicológico seria uma expressão. Segundo o médico brasileiro, em *Contraponto*, Huxley, influenciado por Proust e Dostoiévski, “escalpela a condição humana em cada uma de suas personagens”, e se comprazia “em observá-las, primeiramente em seu aspecto exterior, para a seguir mostrá-las pelo avesso, pondo em evidência os contrastes mais chocantes entre a ação explícita e a sua motivação subjetiva” (MELLO, 1940: 22).

O médico brasileiro, ao descrever alguns dos principais personagens do romance, se utilizava de uma leitura psicanalítica dos mesmos. Ele citava Lord Edward, o homem da ciência dissociado de uma realidade pragmática e cada vez mais “sublimado” nas pesquisas de seu laboratório; Beatrice, com seu horror invencível ao contato masculino, produto de um “trauma psíquico” de natureza sexual ocorrido na adolescência; e Spandell, o vagabundo nato, cheio de estranho ressentimento contra a figura materna, objeto de uma terrível “fixação edípica” (MELLO, 1940: 23). Nesta crítica literária, Nobre de Mello além de ressaltar a relevância do romance de Huxley para os escritores brasileiros da última década, a de 1930, principalmente para aqueles que se dedicavam ao romance psicológico, deixava claro que quem tinha competência e conhecimento para falar sobre os lugares mais recônditos da alma humana, mesmo que através da literatura, eram os médicos.

Além deste tipo de análise, que destacava o pendor artístico de médicos para expressar questões íntimas do ser humano, foram publicados na revista textos que teciam considerações sobre a influência da medicina na obra de grandes escritores. O médico Heitor Péres, em um artigo publicado originalmente na revista *Cultura Médica*, em abril de 1940 e depois transcrito para a *Pasteur* no mesmo ano, analisava a influência da medicina na obra de Émile Zola, assim como sua contribuição para a divulgação das teses científicas e médicas. O argumento central defendido por Péres era de que o trabalho do romancista teria inaugurado um novo estilo literário, o naturalismo como sucessor do realismo, projetando, para os leitores em geral, “as doutrinas da hereditariedade mórbida, da medicina experimental e da antropologia criminal”.

Para o médico brasileiro, Zola teria difundido mais as teorias de Claude Bernard, Prosper Lucas e Lombroso do que teria difundido as ideias de Darwin, Taine e Spencer (PÉRES, 1940: 15).

Zola teria se utilizado, principalmente, da obra de Claude Bernard, *Introdução aos estudos de medicina experimental*, para aplicar na literatura os postulados da experiência científica, sob a denominação de “romance experimental”. Péres defendia a ideia de que, na construção da “história natural e social” da família Rougon-Macquart pelo escritor francês, este teria se utilizado do conceito de hereditariedade patológica, muito em voga na segunda metade do século XIX, a partir das obras de Lucas, Morel e Magnan, para explicar pela “degenerescência alcóolica” os destinos e a decadência da citada família.<sup>98</sup> Já no livro *Besta humana*, Zola teria utilizado como principal fonte a obra de Lombroso, o *Homem criminoso*, para substituir na literatura as figuras dos criminosos loucos ou passionais de Shakespeare e Dostoiévski pelo “criminoso-nato” (PÉRES, 1940: 15).

Também foram publicados na *Pasteur* artigos que analisavam a relação entre a genialidade do artista e a loucura, como “Poesia e loucura”, assinado por Jamil Almansur Haddad. Neste artigo, o médico analisava teorias desde Platão, passando por Morel, Lombroso até chegar a Freud, em busca da compreensão das possíveis aproximações entre a loucura e a genialidade na arte. Ele começava por discordar tanto de Platão, que via na loucura um sopro divino, como da explicação de Freud sobre a existência de um “subconsciente, lugar tenebroso e vago, onde fermentam os impulsos, as manias, as tendências todas que, conforme a direção que assumam, podem dar tanto no louco furioso como no artista” (HADDAD, 1941: 25). Para Haddad, tanto Platão como Freud mantinham a questão na obscuridade. O argumento central defendido por este autor era de que, por mais que os loucos durante as crises e os artistas e gênios em momentos de criação apresentassem comportamentos e uma sintomatologia fisiológica muito próxima, poucos foram os artistas e gênios que poderiam ser considerados como genuinamente loucos (HADDAD, 1941: 25).

Na *Pasteur*, também foi defendida a relevância da arte nos processos de cura. Na coluna “Para a esposa do médico”, José Aranha publicou um curto artigo intitulado “A cura pelo teatro”, onde procurou defender as propriedades curativas do teatro pela imitação da vida, exploração de uma grande variedade de sentimentos e dramas humanos e, principalmente, como forma catalizadora das pulsões mais terríveis dos indivíduos. Ele partia da ideia das catarses, desenvolvida por Aristóteles em relação a tragédia grega, que defendia que, ao inspirar sentimentos doentios por meio da ficção, ela nos purga dos mesmos. Aranha vinculava a esta

---

<sup>98</sup> Sobre a discussão a respeito da eugenia e da degeneração no Brasil da época, ver STEPAN, 2004.

ideia a teoria de Schiller de que “o teatro é uma instituição complementar da religião e das leis, podendo mais facilmente fazer com eficácia a obra do sacerdote e dos governos” (ARANHA, 1941: 36). Esta articulação das ideias de Aristóteles com as de Schiller sobre o teatro servia como base para o argumento central de Aranha, de que estes elementos teriam sido o ponto de partida de Freud na defesa dos poderes curativos das artes de imitação.

Além das duas questões anteriormente apresentadas – as disputas entre os ideais de medicina como “arte de cura” ou como técnica e a relação entre a medicina e as artes – uma terceira questão foi discutida nos artigos publicados na revista *Pasteur*. Esta dizia respeito ao modo como a medicina do século XX e seus praticantes pensavam o indivíduo. Este poderia ser encarado como um dado da estatística epidemiológica, ou, por outro lado, como uma pessoa cujo equilíbrio vital fora perturbado. São exemplos de posicionamentos díspares, frente a estas discussões, os artigos de três médicos e um educador que foram publicados pela *Pasteur*. Trata-se dos artigos dos médicos Josué de Castro, Antônio Austregésilo e Adalberto de Lira Cavalcante e do educador Everardo Backheuser. Estes apresentavam posições diferentes frente à primazia do biológico na explicação das enfermidades, e mesmo do físico sobre o moral. Os textos que serão aqui analisados estão inseridos de alguma maneira em debates mais amplos e antigos dentro das ciências, entre posturas racionalistas e empiristas, monistas e dualistas. Os autores agrupados nesta análise estavam preocupados em discutir sobre o fator de influência do biológico em três esferas diferentes: a social, a racial e a individual.

No primeiro artigo do número inaugural da revista, o neurologista Antônio Austregésilo tratava sobre o egoísmo nas origens das sociedades humanas e sua influência no “progresso das civilizações”. Ele partia do pressuposto de que “as leis biológicas regem as leis psicológicas, sociológicas e morais”, para defender, como seu principal argumento, que o homem é prioritariamente um “animal gregário”, tal qual os outros animais. Porém, o homem se diferenciaria dos demais animais devido ao seu “egoísmo aperfeiçoador” que o impeliria na busca por conseguir os “meios úteis a humanidade”, o que o possibilitava “evoluir”. As conquistas adquiridas, nesta busca, seriam mantidas pela hereditariedade e também armazenadas nas lembranças, costumes e tradições. Na biologia humana estariam contidos os elementos explicativos dos comportamentos, da inteligência, do conhecimento, da civilização, da religião e da moral (AUSTREGÉSILO, 1940: 2). O argumento defendido pelo autor estava baseado em uma visão orgânica da constituição das sociedades, em que estas estariam regidas pelos mesmos princípios e eventos que afetavam um organismo vivo. Por este viés, as sociedades passariam por fases evolutivas desde sua constituição até seu declínio.



O segundo texto sobre este assunto, publicado no mesmo número da revista, apresentava uma visão biológica do indivíduo pelo viés racial mesclado ao cultural. Neste, o médico e filósofo Josué de Castro (1908-1974),<sup>99</sup> que na época estava envolvido na criação e organização do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS)<sup>100</sup> (CALICCHIO, s.d.), apresentava uma discussão sobre “raça e constituição”. Neste artigo, Josué de Castro focalizava sua investigação em possíveis “tendências constitucionais das raças negras” que determinariam tipos comportamentais. O médico defendia a ideia de que, dentro do grupo mais amplo, o da espécie humana, as raças se diferenciavam devido à variabilidade orgânica combinada a outros fatores, tais como “a adaptação, a seleção e a segregação”. Para ele, os caracteres raciais hereditários não teriam valor absoluto, sofrendo com maior ou menor intensidade a ação do meio envolvente, visto que o homem sofre um alto grau de coação denominado de “domesticação ou cultura”. Citando o antropólogo norte-americano Franz Boas, Castro observava que a “ação da domesticação se realizaria, sobretudo, através da alimentação, modo de vida, seleção voluntária e cruzamentos”, o que influenciaria na constituição das raças para além dos fatores biológicos (CASTRO, 1940: 6).

Nos dois exemplos de artigos anteriormente citados, que buscavam explicar a constituição das sociedades e das raças humanas por um viés que combinava o físico (biológico), o mental (psicológico) e o moral (social), é perceptível a predominância da esfera biológica sobre as demais. Apesar de Austregésilo defender que o “egoísmo” humano seria o fator diferenciador das demais espécies de seres vivos, este não é apresentado como uma característica psicológica individual, mas como um elemento biológico, inerente a todas as sociedades humanas pensadas como organismos biológicos. Já Josué de Castro, mesmo considerando a importância da cultura e influência do meio sobre o indivíduo e os grupos étnicos em geral, concentrava-se na ação das glândulas internas para explicar a constituição física, assim como os tipos psicológicos representativos de toda uma “raça”.

Ainda se tratando dos debates sobre a influência do biológico no comportamento humano, o médico Adalberto Cavalcante e o educador Everardo Backheuser, também em

---

<sup>99</sup> Antes de adentrarmos na análise do artigo de Josué de Castro, é importante frisar que este mantinha uma relação de amizade com Cláudio de Araújo Lima, de maneira que, na década de 1940, quando Josué estava escrevendo seu livro *Geografia da Fome*, Araújo Lima lhe confiou os originais inéditos de um estudo da autoria de seu pai, o médico e sociólogo José Francisco de Araújo Lima, na época já falecido, acerca da alimentação na Amazônia. Este trabalho tinha sido apresentado por José Francisco no Congresso Médico Amazônico, reunido em 1939, em Belém, do qual Josué de Castro também participou. O estudo em questão tratava sobre aspectos da dieta dos habitantes da região amazônica (CASTRO, 1948: 33).

<sup>100</sup> O SAPS foi fundado no mês seguinte à publicação do número inaugural da revista, pelo Decreto-Lei nº 2.478, de 5 de agosto de 1940, como organismo subordinado ao Ministério do Trabalho (CALICCHIO, s.d.).

artigos publicados na *Pasteur*, estavam preocupados em discutir a citada questão no plano individual relacionada à educação. Seus estudos, tratavam da personalidade humana a partir de tipos característicos, divergindo entre si sobre o nível de influência dos elementos biológicos e sociais na formação destes tipos. Entre estes autores existia em comum, além da preocupação com a psiquê do indivíduo, a adesão às teorias que relacionavam o físico, o moral (espiritual, sensual) e o mental, a partir de uma combinação de elementos da medicina constitucional com correntes teóricas como a psicologia experimental, a psicanálise freudiana, a Gestalt, dentre outras.

No caso da medicina constitucional, esta foi aplicada de maneiras diversas, mas, em se tratando da psiquiatria, ela foi adotada principalmente por pesquisas que buscavam definir tipos de personalidade, estabelecendo uma ligação entre caracteres físicos e temperamentos. Uma das suas aplicações práticas se deu pelo viés da caracterologia e da biotipologia enquanto formas consideradas como eficazes para estudar a psicologia infantil e, sobretudo, promover ações e instrumentos de intervenção na formação da personalidade da criança em idade escolar. Um dos autores brasileiros que seguiu tal tendência foi o médico Adalberto de Lira Cavalcante, que, em um artigo publicado no segundo número da *Pasteur*, defendia a importância da biotipologia como instrumento de investigação e profilaxia no campo da higiene mental de crianças em idade escolar. Para ele, o método da “escola ativa”, do qual era defensor, em seu objetivo de investigar a “alma infantil”, deveria olhar com o máximo de interesse para a biotipologia, pois tal método poderia funcionar como “um laboratório aberto de clínica endócrino-psiquiátrica” (CAVALCANTE, 1940: 4).

O argumento central defendido por Cavalcante era o da escola como o local mais propício para o desenvolvimento de pesquisas sobre a “mentalidade humana”, pois, entre os escolares, seria possível observar e inclusive intervir no desenvolvimento físico, mental e moral do indivíduo. Ele observava que nas últimas décadas, os anos de 1920 e 1930, a “metafísica da pedagogia” foi sendo paulatinamente substituída pela psicologia experimental, enquanto o “intelectualismo transformou-se em biologia positiva”. Assim, a definição do perfil psicológico seria a base para a psicologia e a pedagogia assentadas na biotipologia (CAVALCANTE, 1940: 4-6; 9). Neste texto, Cavalcante fez uma leitura da biotipologia como fundamentalmente organicista e estritamente ligada à higiene mental e à eugenia.

No mesmo número em que Cavalcante defendia o viés biológico e eugenista da compreensão da personalidade humana, como condicionada pelos hormônios, e vendo na higiene mental do escolar atrelada à biotipologia o melhor caminho para a autonomia do

educando, outro artigo, que também tratava do uso da biotipologia na educação, seguia uma linha de raciocínio diversa. O artigo do engenheiro, geógrafo e educador católico Everardo Backheuser seguia um outro viés interpretativo da biotipologia, centrando sua análise na teoria estruturalista empreendida por Spranger sobre a personalidade, que explorava a ideia de que a alma poderia ser dividida em estruturas, conformando uma tipologia psicológica de acordo com elementos predominantes do comportamento de cada indivíduo. Assim, existiriam os tipos econômico, religioso, esteta, social e político. Para cada um destes tipos de personalidade, Backheuser desenvolveu uma adaptação para o uso no ambiente escolar pelos educadores, na intenção de melhor conhecer o perfil psicológico dos alunos, suas “tendências naturais”, seus limites e deficiências a serem corrigidas (BACKHEUSER, 1940: 19).

Backheuser foi membro fundador da ABE, militante da “Cruzada pela Escola Nova”, entre 1930 e 1931, presidente da Associação Fluminense dos Professores Católicos, entre 1930 e 1932, e fez parte do grupo de intelectuais católicos que deixaram a ABE em 1932. A análise de seu posicionamento em relação aos debates sobre educação possibilita a compreensão sobre algumas das múltiplas apropriações da biotipologia no campo educacional. Em seus artigos em revistas e colunas de jornais, ele procurou defender um caminho intermediário, entre os “liberais” defensores da Escola Nova e os católicos mais conservadores, para pensar a educação nacional que passava pela ciência (ROSA; TEIVE, 2016: 48-49). Este viés foi adotado por muitos intelectuais do período, que vislumbraram a ciência como única forma de alcançar a desejada modernidade, principalmente nas áreas da saúde e da educação. Paralelamente, o uso dos métodos e conhecimentos ditos “científicos” investia-os de autoridade, valorizando e legitimando sua área de atuação (ROCHA, 2016: 17).

A aplicação da biotipologia à educação, entretanto, não foi um debate restrito às páginas da revista *Pasteur*; pelo contrário, os trabalhos veiculados neste periódico fizeram parte de um contexto de discussões mais amplo. No Distrito Federal, as décadas de 1930 e 1940, período de maior divulgação da biotipologia nos jornais e revistas, foram marcadas por amplas discussões e contendas sobre os destinos da educação no Brasil. Segundo Rocha, estas discussões envolveram não só educadores como médicos e outros intelectuais, que apresentavam projetos políticos e filosóficos diversos. Entretanto, eles partiam de um ponto comum, a ideia, difundida desde os anos de 1920, de que a educação poderia ser um elemento eficaz de transformação do país, capaz de “regenerar” e “civilizar” o povo brasileiro, possibilitando a constituição de uma identidade nacional e de uma “nação moderna”, segundo os moldes europeus (ROCHA, 2016: 17-18).

Entre intelectuais brasileiros, preocupados com a construção de uma educação nacional, existiram aqueles que pensaram a caracterologia definida por Kretschmer como parte inseparável da biotipologia. A leitura realizada por tais mediadores foi permeada por, pelo menos, três posicionamentos teóricos diversos, mas não excludentes, sobre a utilização da biotipologia nesta área: o primeiro posicionamento buscava constituir uma psicologia educacional brasileira como uma ciência da educação, tendo por base as teorias da Escola Nova combinadas à biotipologia. Este foi o caso do livro do docente de psicologia, historiador e romancista Henrique Geenen, intitulado *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo*, que foi bastante divulgado e comentado em jornais e revistas da década de 1930. Observa-se que o posicionamento de Adalberto Cavalcante, no artigo da revista *Pasteur* anteriormente citado, em que o autor buscava por uma combinação entre os métodos da Escola Nova com a biotipologia não era tão incomum.

Já o segundo posicionamento teórico partia de um viés higienista que pensava a intervenção médica no lar e na escola como fundamental, para formação de pais e educadores conscientes de seu papel na constituição do “caráter infantil”. Dentre os intelectuais mediadores que defenderam a importância da biotipologia para a educação, sob o viés da eugenia e da higiene mental, foi destacado o papel do farmacêutico Renato Kehl na circulação de tais ideias, por meio de livros de divulgação e em colunas de revistas científicas e de variedades. Na coluna de “Conselhos Sociais”, do periódico de variedades *Revista da Semana*, que estava estrategicamente localizada entre as novas tendências de pijamas modernos, vestidos florais e anúncios de pomada Minâncora e pasta dental Kolynos, a leitora encontrava conselhos sobre a educação de seu filho ou aluno. Nesta coluna, em 1939, Kehl destacava o papel do médico na orientação de pais e mestres sobre a necessidade de conhecer a individualidade e a personalidade de cada criança. Para ele, o estudo da individualidade implicava a “observação das condições físicas do aluno, isto é, sua saúde, índice de nutrição, seu regular ou mau desenvolvimento”. Por sua vez, o estudo da personalidade dizia “respeito aos caracteres psíquicos, às tendências, às vocações, às qualidades de fácil ou de difícil **domesticidade** escolar e, também, às inclinações ou ojerizas intelectuais”. Assim, era função do “médico clínico, do psicólogo ou do especializado” proceder com uma avaliação da criança estabelecendo um “perfil somato-psíquico” com base no “problema hereditário, psicológico, doméstico e pedagógico”, seguindo os parâmetros da eufrenia<sup>101</sup> (KEHL, 1939: 42-43, grifo do autor).

---

<sup>101</sup> Os serviços clínicos preventivos e terapêuticos para a infância, criados na década de 1930, foram conhecidos como clínicas de eufrenia, higiene mental infantil ou clínicas da conduta. São exemplos destas clínicas criadas nesta década, ligadas direta ou indiretamente às escolas públicas: a Clínica de Eufrenia, criada em 1932, pela Liga

Por sua vez, o terceiro posicionamento utilizava a biotipologia vista pelas lentes do catolicismo, como forma de legitimar cientificamente um programa católico de ensino religioso, tanto nas escolas públicas como privadas. Neste último grupo temos o posicionamento de Backheuser, como exemplo de intelectual mediador que contribuiu para a circulação das teorias de Kretschmer, vistas como parte da biotipologia, ao defender o desenvolvimento de um modelo de biotipologia educacional.

Em um artigo de 1941, na *Revista Brasileira*, Backheuser apresentou, no artigo “Novos rumos à pedagogia?”, uma prévia do seu livro *Ensaio de biotipologia educacional*, lançado naquele ano, concentrando-se no estudo da influência da “biotipologia” no campo educacional. Para ele, tal ciência, “permitindo a correlação entre as funções anímicas, de temperamento e de caráter, com as proporções relativas do esqueleto humano”, representava “o feliz consórcio, dentro rigorosamente de moldes científicos, da ciência do corpo (biologia) com a ciência da alma (psicologia), sem subordinação de uma a outra, antes em perfeito equilíbrio de condições” (BACKHEUSER, 1941: 194).

No campo educacional, a biotipologia forneceria ao educador, segundo Backheuser, algo que as teorias psicológicas ou pedagógicas anteriores, ou qualquer outra ciência, jamais proporcionaram – “índices tangíveis, índices objetivos, índices a bem dizer materiais, como são as mensurações do corpo do aluno” (BACKHEUSER, 1941: 198) A partir destes “índices biotipológicos”, o professor poderia, em um curto espaço de tempo, determinar o temperamento e o caráter do educando, e, posteriormente, partindo destas informações, identificar o tipo psíquico do último. Em um segundo momento, os alunos eram classificados e agrupados, sempre partindo do seu tipo psíquico, em categorias como as de “sociáveis e retraídos”, propensos à especialização ou ao enciclopedismo e “amantes da meditação ou da ação” (BACKHEUSER, 1941: 197-198).

Estes posicionamentos estavam presentes nos artigos publicados na revista *Pasteur*, que relacionavam educação e biotipologia. Dois deles no artigo de Cavalcante, que combinava elementos da Escola Nova com a higiene mental e a eugenia, e o posicionamento católico no texto de Backheuser. Esta discussão sobre a aplicação da biotipologia no campo educacional é um indicativo da multiplicidade de apropriações por que esta teoria passou, inclusive possibilitando inúmeras combinações com outros saberes, e desencadeando o surgimento de teorias híbridas.

---

Brasileira de Higiene Mental (LBHM) e dirigida pelo médico Mirandolino Caldas; o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, criado, em 1934, por Arthur Ramos, as duas no Distrito Federal, e a Clínica de Orientação Infantil fundada em 1938, por Durval Marcondes, em São Paulo (MONARCHA, 2009: 274).

Nas páginas da revista *Pasteur* a circulação destas teorias consideradas híbridas, já que combinavam elementos provenientes de outras teorias, foi muito forte. Nas discussões em torno de temas como o estatuto da medicina e a identidade profissional de seus praticantes, os médicos adeptos do ideal de uma medicina mais humanizada mobilizavam conhecimentos vários como a filosofia aristotélica, as ideias de Hipócrates e Galeno sobre a prática médica, junto com elementos da biotipologia e do campo das artes.

## 5.2 A revista *Psyke* na divulgação dos saberes “psi”

Na década de 1940, Araújo Lima também foi diretor da revista *Psyke – Revista didática e científica de Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*, que circulou entre 1947 e 1948, sendo publicada a cada bimestre. Ela foi uma das primeiras revistas brasileiras a se especializar no estudo simultâneo destas três áreas dos saberes “psi”. Esta revista surgiu em um contexto de crescimento e diversificação de tendências e escolas nas áreas da psiquiatria, psicologia, psicanálise e psicoterapias, de maneira que os editores de *Psyke* propuseram que esta fosse um espaço aberto para o diálogo entre vertentes diversas, porém com o intuito de definir quais os caminhos válidos a serem seguidos no estudo da psiquê humana.

Ela era um periódico independente, no sentido de que não estava ligado a qualquer instituição médica ou governamental, sendo publicada, no Rio de Janeiro, pela editora de mesmo nome, possivelmente constituída para este fim. A editora *Psyke* também funcionava como representante de outras duas revistas, a francesa *Psyché – Revue internationale des sciences de l’homme et de psychanalyse* e a italiana *Psicoanalisi – Applicata alla medicina, pedagogia, sociologia, letteratura ed arte*, sendo todas as três vendidas em livrarias da capital federal e divulgadas nos jornais de grande circulação como sendo uma leitura fundamental na “educação para um mundo novo” (*CORREIO DA MANHÃ*, 11/04/1948: 24). Na sede da administração da *Psyke*, que ficava no centro do Rio, também era possível adquirir os números atrasados das três publicações, solicitar entrega postal para qualquer estado brasileiro ou para outros países e também fazer assinaturas anuais, sendo que a revista brasileira também era comercializada em bancas de jornal (*PSYKE*, 1947: contracapa).

A revista francesa *Psyché* foi lançada em novembro de 1946 e circulou até 1963, sendo dirigida pela jornalista e escritora Maryse Choisy (1903-1979), juntamente com seu marido Maxime Clouzet, também jornalista. Choisy, neste mesmo período, foi fundadora da Associação Internacional de Psicoterapia e de Psicologia Católica. No grupo editorial, a revista contou com a participação mais constante dos psicanalistas André Berge, Françoise Dolto, René

Laforgue e Octave Mannoni, e, esporadicamente, com a colaboração de intelectuais de outras áreas, como o escritor André Maurois, os filósofos Pierre Teilhard de Chardin e Martin Heidegger, os antropólogos Georges Dumézil e Claude Lévi-Strauss e o psiquiatra e filósofo Karl Jaspers, dentre outros (COSNIER, 2005: 1349-1350). Esta publicação influenciou a revista brasileira não só no nome como também no conteúdo, uma vez que, desde seu lançamento, a revista *Psyke* buscou manter uma relação de proximidade com a homônima francesa, inspirando-se na sua proposta editorial aberta ao diálogo com as ciências humanas e reservando um amplo espaço de divulgação em suas páginas para as notícias oriundas da revista francesa.

A revista italiana *Psicoanalisi* era a publicação oficial do movimento psicanalítico italiano do pós-guerra, fundada e dirigida pelo psiquiatra e psicanalista polonês radicado na Itália Joachim Flescher (1907-1976), sendo editada em Roma no período de 1945 a 1948, pela Editora Scienza Moderna. O principal objetivo da revista, segundo seu editor, era divulgar para a classe médica e os intelectuais italianos o desenvolvimento da psicanálise nos países que não foram diretamente atingidos pela guerra. Esta publicação esteve ligada à Società Italiana di Psicoanalisi desde sua reconstituição em 1946 até 1948, quando o presidente desta, Nicola Perroti, criou a revista *Psiche*, outra homônima da revista francesa (MANN, 2007: 259). A aproximação dos membros da brasileira *Psyke* com a citada revista italiana se deu por intermédio do médico sanitarista, psiquiatra e psicanalista Júlio Paternostro, que, em 1946, viajou para a Itália para realizar sua formação em psicanálise sob a direção de Joachim Flescher.

Sob a direção geral de Araújo Lima, a revista contou com a participação do médico, filósofo e professor de psicologia Nilton Campos (1898-1963), que ficou responsável por dirigir a seção de psicologia, enquanto a seção dedicada ao estudo da psiquiatria ficou a cargo do psiquiatra e psicólogo espanhol Emílio Mira y López, que neste período estava envolvido na organização do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), no Rio de Janeiro, inaugurado no mês seguinte à criação da revista. Já a seção de psicanálise foi dirigida por Júlio Paternostro.

O jovem imigrante italiano Fabrizio Napolitani (1924-1996) também foi convidado por Araújo Lima a participar do conselho de redação da revista *Psyke* e a trabalhar com ele na Clínica Psiquiátrica Santa Alexandrina, como assistente de psicólogo, em 1947. Outros membros do conselho editorial da revista foram o filósofo e professor de psicologia Euryalo Cannabrava (1906-1981) e a professora Edith Ramos, que nos meses seguintes passaram a fazer parte do corpo de funcionários do recém-inaugurado ISOP (*PSYKE*, 1947: capa; ROSAS, 1997: 16, 21-22). No segundo ano de circulação da revista, Araújo Lima passou a dividir a direção

desta com Júlio Paternostro e Ruy Jacobina, e no conselho editorial foi incorporado o nome da psiquiatra Nise da Silveira.

Os editores da revista *Psyke* apresentavam, no editorial de lançamento, como principal objetivo da publicação a intenção de “ser como que um ponto de contato entre os cultores das ciências psicológicas”, e também um espaço para o “debate honesto dos fatos e opiniões”, buscando um “ajustamento das divergências doutrinárias que, por sua contínua multiplicação, alongam em vez de encurtar o caminho para elucidação dos problemas, que fazem a alma humana dia a dia mais ignorante de si mesma” (*PSYKE*, 1947: 1). Uma questão cara aos editores da revista era o fato de que o homem, na “ânsia de envolver e dominar o mundo natural”, procurou alcançar “as mais ousadas conquistas da técnica, construindo o monumento da moderna física, que o levou aos prodígios da televisão e da bomba atômica, porém desesperou de conhecer o mecanismo profundo de seu espírito”; portanto, era parte fundamental do trabalho dos “cultores das ciências psicológicas” resgatarem a “alma” do homem (*PSYKE*, 1947: 1).

Nos números consultados da revista<sup>102</sup> percebe-se um esforço editorial de apresentar tendências e caminhos vários dentro das ciências médico-psicológicas, como forma de tentar sanar uma crise que para os editores era epistemológica do campo da medicina mental, mas que também estava envolvida em um contexto social bastante conturbado, onde o homem perdera contato com seu “eu”. Assim a temática da revista seguia no sentido de apresentar aos leitores, estudantes de medicina, médicos ou curiosos o que eles consideravam como mais moderno na prática da psiquiatria, psicologia e psicanálise. Os principais temas apresentados nos artigos eram:

**Quadro VIII:** Temas dos artigos publicados na revista *Psyke* (1947-1948)

Temática da revista <i>Psyke</i>	
Temas	Autores
Novas técnicas aplicadas nas áreas da psiquiatria, psicocirurgia e psicologia	Mario Yahn e Aloysio Mattos Pimenta; Helena Antipoff;
Psicopatologia	Araújo Lima, Joachim Flescher, Achim Fuerstenthal
Epistemologia das ciências (psicologia, psicanálise)	Júlio Paternostro e Fabrizio Napolitani; Euryalo Cannabrava
Novos espaços de assistência médica e atuação profissional (psiquiatria e psicologia)	Araújo Lima, André Repond, Mira y López, Andre Breton (carta)
Novas especialidades profissionais	Vasco Soares, Mira y López

<sup>102</sup> Foram consultados os números 1, 2 e 3 da revista *Psyke*, os únicos localizados durante a pesquisa.



Psicologia escolar	Aniela Meyer Ginsberg, Noemi da Silveira, Virginia L. Bicudo
Psicologia na adolescência	Vasco Soares, Mira y López
Arte como terapia	Araújo Lima, Júlio Paternostro

No primeiro número da revista, temos como exemplo desta diversidade temática, um artigo publicado, na seção de psiquiatria, pelos médicos Mario Yahn e Aloysio M. Pimenta, onde estes discutiam sobre o desenvolvimento das “psicocirurgia” e apresentavam a técnica desenvolvida pelo neurologista português Egas Moniz da leucotomia pré-frontal, juntamente com as técnicas constituídas como variações desta cirurgia, pelo próprio Egas, pelos americanos W. Freeman e J. W. Watts e também pelos autores do artigo, no Hospital do Juqueri (YAHN; PIMENTA, 1947: 36-40). Nesta mesma seção do periódico, foi publicado um artigo de Araújo Lima sobre psicoses de involução, onde ele apresentava os resultados de um estudo realizado durante 15 anos com um volume total de 189 casos de pacientes, de instituições diversas, incluindo homens e mulheres de nacionalidades e raças diferentes, com idades entre 40 e 60 anos. Em suas conclusões, ele observava que a investigação clínica sobre a psicose pré-senil, diferente dos outros tipos de psicose, estava sendo excluída dos métodos mais recentes de investigação psicopatológica, sob a orientação de teóricos como Bleuler, Kretschmer, Birnbaum, Kahn e Hofmann. Para ele, os estudos sobre psicose pré-senil ainda obedeciam a uma orientação “puramente descritiva da escola de Kraepelin”, ou baseavam-se em um “esquematismo simplista da escola francesa” (LIMA, 1947a: 55; 60).

Na seção de psicologia da revista, Mira y López era referência para trabalhos de autores diversos, que tratavam do estudo de testes psicotécnicos e de psicodiagnóstico. Na edição de lançamento do periódico foi publicado um trabalho de considerável extensão, o “Teste das Mãos”, da psicóloga e educadora russa Helena Antipoff (1892-1974), onde ela buscava apresentar a metodologia e resultados da aplicação do teste, enquanto instrumento individual, mas que poderia ser aplicado coletivamente. Este teste foi desenvolvido por Antipoff em 1943, e foi aplicado inicialmente em grupos de alunas-professoras da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte. Após algumas reformulações, o teste também passou a ser aplicado pela autora no Centro de Orientação Juvenil do Departamento Nacional da Criança, onde trabalhou junto com Mira y López (ANTIPOFF, 1947: 3-6).

Na seção destinada à discussão da psicanálise foi publicado, também no primeiro número da revista, uma curta nota biográfica sobre Freud, elaborada por Júlio Paternostro, que se confundia com a própria história das origens da psicanálise. Nesta, o psiquiatra declarava

que a leitura das obras de Freud, sob certos aspectos, provocava-lhe a “impressão de caos; extasia-nos pela grandeza e a profundidade de seus pensamentos”, tal qual Euclides da Cunha, citava Paternostro, que, ao defrontar-se com o rio Amazonas, teria declarado que este era “uma página inédita e contemporânea do Gênese” (PATERNOSTRO, 1947: 62-64). Esta nota era seguida por artigo que propunha uma apresentação didática dos princípios básicos da psicanálise, assinado por Paternostro e Napolitani (PATERNOSTRO; NAPOLITANI, 1947: 66).

Ainda nesta seção da revista eram apresentados livros recém-publicados sobre a mesma área e revistas internacionais, europeias e americanas, dedicadas ao estudo e divulgação da psicanálise. Dentre estas, duas receberam uma especial atenção por parte dos editores da revista brasileira – as revistas *Psyché* e *Psicoanálisi* (*PSYKE*, 1947: 80). Ainda no primeiro número de *Psyke*, dois relatórios produzidos pelo psiquiatra e psicanalista suíço André Repond (1886-1973), para a revista francesa, sobre os Congressos de Psicanálise e de Psicologia Aplicada, ambos ocorridos entre julho e setembro de 1946, na Suíça, foram traduzidos na íntegra para a revista brasileira. O segundo congresso citado foi dedicado à discussão sobre as várias correntes psicoterápicas reunidas sobre o título de Psicologia Aplicada. Foram produzidos 14 pontos considerados comuns às diferentes escolas psicoterápicas, após muitas discussões e quatro redações, pelos participantes do congresso<sup>103</sup> (REPOND, 1947: 75-78).

Neste primeiro número da revista *Psyke*, assim como no conselho editorial da mesma, é perceptível uma influência grande da psicologia aplicada, principalmente entre aqueles que haviam trabalhado com Mira y López, como Helena Antipoff, ou estavam envolvidos no processo de constituição do ISOP, em paralelo à editoração da revista. Assim, na fase inaugural da publicação, a seção de psicologia da revista funcionou basicamente como veículo de divulgação da psicologia aplicada e dos testes psicológicos já desenvolvidos pelo núcleo de pesquisadores, envolvidos na época com a inauguração do ISOP.

Entre os temas discutidos na *Psyke*, nos números seguintes, destacam-se as notas editoriais e os artigos que tratavam sobre novos espaços de atuação para a psiquiatria e também sobre a constituição de uma psicologia científica e seu campo de atuação, em relação às ciências

---

<sup>103</sup> Participaram desta discussão o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da psicologia analítica; o psiquiatra francês Pierre Janet (1859-1947); o psiquiatra escocês Hugh Crichton-Miller (1877-1959), fundador da Clínica Tavistock, em Londres, que foi bastante influenciado pelas teorias de Jung; o psiquiatra inglês John Rawlings Rees (1890-1969), que foi o primeiro presidente da Federação Mundial para a Saúde Mental em 1948; o psiquiatra e psicanalista suíço Gustav Bally (1893-1966); o médico e psicoterapeuta sueco Poul Bjerre (1876-1965), dentre outros. Importante ressaltar que naquele período, na Suíça, já haviam se desenvolvido várias correntes psicoterápicas, como a Gestalt-terapia, a técnica de Szondi, o psicodrama e terapia familiar. Ver: REPOND, 1946: 75-76; ROUDINESCO; PLON, 1998.

“naturais” e do homem. Ao mesmo tempo, nas páginas da revista, como decorrência desta temática de ampliação do campo da psiquiatria e conformação da psicologia em uma especialidade técnica, surgiam questões relacionadas ao desenvolvimento de novas profissões, como de orientador vocacional e na assistência social.

Dentre os textos, publicados na *Psyke*, que buscaram repensar os espaços de atuação do médico psiquiatra, temos um editorial assinado por Araújo Lima, sob o título de “The right man”, em que este discutia o problema cada vez mais grave da “delinquência juvenil” no Brasil. Seu argumento central era de que, ao longo dos anos, os diversos governos improvisaram na escolha de técnicos das mais variadas formações para administrar as instituições asilares para menores, sem, porém, cotejar a participação de psiquiatras e psicólogos especializados para tal tarefa. Ele defendia a ideia de que a estes profissionais é que cabia, “de fato e de direito”, a tarefa de administrar este tipo de instituição. Seria a execução da máxima “o homem certo, no lugar certo...” (LIMA, 1947b: 1). Também sobre a atuação de psiquiatras em espaços diferentes da tradicional instituição asilar, temos um texto intitulado “Unidades psiquiátricas em hospitais gerais”, atribuído a André Repond. Nele, o autor defendia a importância da aproximação de psiquiatras, clínicos gerais e cirurgiões através da experiência da constituição de serviços psiquiátricos integrados aos hospitais gerais. Seu argumento central era o de que as “unidades psiquiátricas provaram ser uma invenção de valor extraordinário”, para a tendência que se acentuava no período, no contexto norte-americano, de atribuir “aos hospitais, não somente a função restrita de socorro e reparação da saúde física, mas de aproveitar as oportunidades de contato com o doente e sua família para uma reeducação mental útil às condições atuais da vida” (REPOND, 1947b: 55).

No mesmo número da revista, Mira y López, em um artigo intitulado “Psicotécnica hospitalar”, defendia que o processo de humanização pelo qual haviam passado os hospitais modernos, deixando de gerar medo e aversão aos pacientes como nos tempos antigos para inspirar a esperança e a busca pela saúde, devia-se em grande parte pela inserção da psicologia no ambiente hospitalar. Movimento similar teria ocorrido nas escolas e penitenciárias, onde a aplicação da psicologia teria tornado estes ambientes mais humanizados e voltados para a integração (escola) e reintegração (penitenciária) dos indivíduos na vida social. Para o autor, o médico via o doente como um organismo que padecia de um “desvio biológico” que precisava ser curado e tratando da esfera somática da personalidade, já o psicólogo teria como papel fundamental no ambiente do hospital o de “readaptação da personalidade social”(MIRA Y LÓPEZ, 1947: 45-48).

A demarcação do campo de atuação de cada uma das três áreas – psiquiatria, psicologia e psicanálise – era uma questão importante para os editores e colaboradores da revista. Em um período em que as práticas e instituições tradicionais da medicina mental estavam sendo questionadas por uma grande quantidade de novas correntes teóricas, métodos, técnicas e tecnologias, era preciso repensar o próprio perfil do psiquiatra e suas formas e áreas de atuação. Principalmente, porque neste período, frente aos acontecimentos desencadeados pela Segunda Guerra, os psiquiatras, psicólogos e psicanalistas voltaram sua atenção para os cuidados com o indivíduo considerado “normal”, pois passavam a vê-lo como alguém que também padecia de sofrimento psíquico, frente às exigências da vida moderna. A ideia então era a de promover uma adaptação, “readaptação da personalidade” ou “reeducação mental” para a vida em sociedade.

No caso da psicologia, este processo de avaliação de suas formas e áreas de atuação envolvia o movimento de pensar o próprio lugar da psicologia como uma ciência autônoma, se inserida na área das ciências naturais ou humanas. Euryalo Cannabrava, no texto intitulado “A psicologia como ciência natural”, identificava uma crise epistemológica desta especialidade, que se estendia desde pelo menos a década de 1930. Para ele, faltava à psicologia, enquanto ciência, o desenvolvimento de uma base teórica própria, independente da filosofia, da biologia ou da física. Esta ausência de um fundamento teórico autônomo seria a principal causa da crise, identificada por ele, na psicologia, de modo que seria fundamental que os psicólogos e especialistas em teoria da ciência fornecessem a esta especialidade uma “estruturação teórica” equivalente aos progressos que esta havia alcançado com a observação e metodologia empírica. Ele observava que houve um franco desenvolvimento das aplicações da psicologia nas áreas da medicina, educação, indústria e trabalho, sem que este, no entanto, fosse acompanhado de uma elaboração paralela dos critérios de sistematização teórica. Como forma de solucionar tal questão, o autor indicava que deveria ser feito uma “reflexão crítica” das teorias psicológicas através da estrutura lógica de suas leis e princípios, como na física (CANNABRAVA, 1947: 3;13). O argumento central do autor era de que os processos psíquicos estavam sujeitos a leis, como nas ciências exatas, e cuja definição analítica se apresentava como condição necessária e suficiente para se considerar a psicologia uma ciência autônoma. Para ele, tal autonomia só seria possível se a psicologia desenvolvesse seu próprio arcabouço teórico, independente da biologia e da filosofia.

Na revista, outras áreas de atuação profissional, além da psicologia vistas como auxiliares da psiquiatria e da medicina em geral, também foram mencionadas. Uma delas era a

do “orientador vital”, que teria um papel híbrido, uma mistura de psicanalista e orientador vocacional, cuja função primordial seria auxiliar o indivíduo a se fortalecer para resolver seus próprios problemas (SOARES, 1947: 15-17). Esta nova especialidade técnica surgia interligada a um segmento da psicologia que ainda estava se desenvolvendo no Brasil, a psicologia para a adolescência, vista como uma fase que requer cuidados específicos, por isso um segmento em separado da psicologia infantil e escolar. Na revista *Psyke* trataram deste tema Vasco Soares e Mira y López (SOARES, 1947; MIRA Y LÓPEZ, 1947b). Além dos orientadores, também eram mencionados os “trabalhadores sociais”, que não seriam equiparados a meras visitadoras, ou diletantes caridosas, mas profissionais que deveriam cursar alguns anos de psicologia e ter uma formação equivalente à universitária. Estes últimos deveriam continuar a obra iniciada pelos psicólogos de readaptação social do indivíduo fora dos hospitais (MIRA Y LÓPEZ, 1947: 48).

Nesta revista, Araújo Lima e o grupo de médicos, psicólogos e educadores que colaboraram com ela buscaram estabelecer um diálogo entre as três áreas, psicologia, psiquiatria e psicanálise, apontando inclusive para uma maior aproximação entre psicanalistas brasileiros e grupos da psicanálise francesa e italiana. Dentre os temas discutidos em suas páginas, uma questão pertinente para o grupo envolvido na sua editoração era a demarcação das áreas médico-psicológicas e mesmo o estatuto destas ciências frente às transformações sociais, provenientes de acontecimentos históricos como a Segunda Guerra, ou culturais, ocasionadas pela maciça exposição às novas tecnologias de massa, como o rádio e a televisão. Também influenciavam consideravelmente neste debate epistemológico as inovações teóricas trazidas pela psiquiatria e psicologia social, medicina psicossomática, vertentes psicoterápicas como a junguiana e técnicas como as psicocirurgias e os testes de psicodiagnóstico. Podemos observar, paralelamente, que, no pouco tempo de duração da revista *Psyke*, formou-se, no seu conselho editorial e entre seus colaboradores, um grupo de especialistas formado por Mira y López, Nilton Campos, Napolitani, Canabrava, Nise da Silveira que foi bastante influente, posteriormente, para o desenvolvimento no Brasil dos campos da psicologia e da psicoterapia.

Para a análise empreendida nesta pesquisa, a revista *Psyke* também teve um papel relevante se considerarmos a afirmativa de Araújo Lima de que a *Revista Latino-Americana de Psiquiatria* (RLAP), criada em 1951 por ele e o médico argentino Gregorio Bermann, seria uma fusão entre a revista *Psicoterapia*, editada por este último em 1936, e a já citada revista dirigida pelo psiquiatra brasileiro.

### **5.3 Revista Latino-Americana de Psiquiatria: uma parceria transcultural**

A *Revista Latino-Americana de Psiquiatria* (RLAP), que circulou entre os anos de 1951 e 1954, foi dirigida pelos médicos Cláudio de Araújo Lima e Gregorio Bermann, mantendo sede dupla nas cidades de Córdoba, na Argentina, e do Rio de Janeiro, no Brasil. Ela foi uma revista independente, pois não se vinculava diretamente a nenhuma instituição médica associativa, assistencial ou educacional, e pretendeu ter um alcance continental em sua circulação. Enquanto uma revista especializada na área da psiquiatria, a RLAP apresentava como diferencial em relação a outras publicações do mesmo período o fato de não se limitar à apresentação e discussão de casos clínicos, pois defendia uma proposta de promover debates em torno da epistemologia da psiquiatria na América Latina face à produção do conhecimento psiquiátrico na Europa e nos Estados Unidos.

Nas páginas da *RLAP*, seus editores e colaboradores buscaram discutir formas diversas de fazer psiquiatria, procurando se diferenciar de outras práticas psiquiátricas, produzidas em lugares como os EUA e alguns países da Europa, por preocupar-se com questões médico-sociológicas e políticas que eles consideravam como próprias dos países latino-americanos. Entretanto, este posicionamento não significava um rompimento com o conhecimento produzido fora da América Latina, mas sim um movimento de apropriação destes saberes, de acordo com a diversidade do contexto local e de incentivo à produção e circulação de pesquisas desenvolvidas por psiquiatras latino-americanos.

#### **5.3.1 A criação da *RLAP*: a colaboração de Bermann e os debates produzidos**

O psiquiatra e médico legista argentino Gregorio Bermann (1894-1972) esteve no Brasil pela primeira vez em 1949, mais especificamente na capital federal, depois indo a São Paulo e Belo Horizonte, onde passou alguns dias realizando conferências e visitas a instituições locais e pesquisando para seus estudos de psiquiatria comparada. Esta viagem foi organizada a partir do contato entre Bermann e o psiquiatra brasileiro Henrique Roxo, que, no período, desempenhava as funções de catedrático de psiquiatria da FMRJ e presidente da SBNPML. Bermann escreveu uma carta ao amigo brasileiro em maio de 1949, mencionando a possibilidade de atender a um convite anterior e finalmente realizar seu desejo de conhecer o Brasil juntamente com sua esposa, centrando sua visita, a princípio, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, durante os meses de julho e agosto. Em sua carta, ele informava a Roxo que, através de suas pesquisas em psiquiatria comparada, ele vinha comprovando já há algum tempo “a estreita relação entre a natureza e a forma das neuroses e psicoses com a estrutura

social”. Ele admitia que tal abordagem não era novidade no campo, mas acreditava que, naquele momento, alcançava grande destaque entre as atualidades psiquiátricas, de modo que considerava ser de grande relevância, tanto para a etiologia como para a assistência. Ele mencionava a iniciativa de Kraepelin, que, em seus últimos anos de vida, dedicou-se ao estudo da geografia psiquiátrica, embora deixando-a ainda de forma incipiente. Assim, sua intenção era conhecer as pesquisas brasileiras nesta área e compará-las com o contexto argentino. Na mesma carta, Bermann sugeria temas para conferências que ele poderia apresentar.<sup>104</sup>

Na capital federal, Bermann realizou duas conferências sob convite do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, dirigido, à época, pelo psiquiatra Maurício de Medeiros. Nestas conferências, que foram realizadas entre os dias 16 e 20 de setembro daquele ano no auditório do Ministério da Saúde e Educação, Bermann tratou sobre “Civilização e cultura” e sobre “Antagonismo contemporâneo entre as doenças mentais e as demais doenças”, sendo que as duas palestras foram públicas (*DIÁRIO DA NOITE*, 14/09/1949: 9). Também foi apresentada por ele uma palestra na Academia Nacional de Medicina, em 15 do mesmo mês, intitulada “Psiquiatria Comparada”; esta sessão fez parte do V Congresso Brasileiro de Urologia (*JORNAL DO BRASIL*, 10/09/1949: 9).

Ainda durante sua estadia no Brasil, Bermann viajou a Minas Gerais, acompanhado por sua esposa e Araújo Lima, que havia conhecido poucos dias antes e que já tratava como amigo. Em Minas, o médico argentino foi recebido pelo psiquiatra Austregésilo de Mendonça, professor catedrático e diretor do Instituto Raul Soares, seguindo depois para São Paulo, onde visitou o Instituto Butantã e o Sesi.<sup>105</sup> Durante sua estada no Brasil, Bermann também concedeu uma entrevista que foi reproduzida em vários jornais brasileiros sobre o estágio da psiquiatria na Argentina, a questão da delinquência juvenil e a psicanálise. A respeito do desenvolvimento do campo psiquiátrico na Argentina, Bermann foi contundente ao declarar que os estudos psiquiátricos em seu país poderiam estar mais desenvolvidos se não fosse o processo de exclusão da universidade de seus melhores elementos. Este era o caso de muitos intelectuais argentinos militantes da esquerda, que, de maneira semelhante ao próprio Bermann, foram exonerados de suas funções durante os consecutivos períodos de ditadura militar. Já em relação à psiquiatria brasileira, o médico argentino se declarava entusiasmado com o “alto grau de adiantamento”, graças a nomes como os de “Juliano Moreira, Nina Rodrigues, Afrânio Peixoto,

---

<sup>104</sup> BERMANN, Gregorio. “Carta para Henrique Roxo”. Maio de 1949. Arquivo Gregorio Bermann, Universidade Nacional de Córdoba.

<sup>105</sup> BERMANN, Gregorio. “Caderneta”. S.d. Arquivo Gregorio Bermann, Universidade Nacional de Córdoba.

Henrique Roxo, Maurício de Medeiros, Austregésilo, e uma equipe de novos, que já ultrapassavam as fronteiras do seu país” (BERMANN, 1949: 5).

Sobre a psicanálise, ele afirmava acreditar que estava em processo de declínio, primeiramente devido à fragmentação do campo psicanalítico em diversas correntes sem uniformidade, e, em segundo lugar, pelo interesse gerado em torno de novas correntes psicológicas como a psicossomática, e, principalmente, pelo desenvolvimento de uma preocupação com os aspectos sociais da psiquiatria, que ele procurava chamar de “socio psiquiatria”. Apesar de reconhecer os benefícios proporcionados pela psicanálise para o conhecimento do homem e para o tratamento de determinadas psicopatias, ele considerava que sua interpretação psicológica dos fenômenos humanos e coletivos era superficial. E, em relação à utilização da psicanálise com o objetivo de regenerar criminosos, ele declarava que os resultados eram incipientes, devido ao caráter antieconômico da psicanálise e às condições do delinquente na prisão, que dificultavam este tipo de tratamento. Para ele, a redução do número de presos deveria estar baseada em reformatórios modelos, laborterapia, psicoterapia, estando estes associados ao estudo prévio dos fatores psicopatológicos e criminológicos de tais delinquentes. Em relação aos menores delinquentes, Bermann apontava para causas sociais do problema, como a desorganização familiar e a ignorância (BERMANN, 1949: 5).

Nesta ocasião em que Bermann veio ao Brasil, em 1949, ele foi recebido entre médicos, intelectuais e jornalistas como médico especialista e intelectual militante, representante da América Latina na comissão técnica preparatória da Organização Sanitária Mundial (OMS) na Assembleia Geral da ONU. Mas quem era Gregorio Bermann? Qual seu posicionamento como médico e militante no contexto argentino e internacional?

Bermann, que era natural de Buenos Aires, nasceu em uma família de imigrantes judeus poloneses. Graduou-se em medicina e filosofia pela Universidade Nacional de Buenos Aires (UBA), em 1919, com a tese *El determinismo en la ciencia y en la vida*, em que mesclava seus interesses nas duas áreas do conhecimento, optando, porém, pelo título de doutor em medicina. Enquanto discípulo de José Ingenieros (1877-1925)<sup>106</sup>, ele foi profundamente influenciado, no início de sua carreira, por este intelectual, tanto em sua prática médica como professor de

---

<sup>106</sup> José Ingenieros, inspirado pelo cientificismo positivista e também pelo socialismo, além da sua produção na área da psiquiatria, dedicou-se à filosofia, sociologia e história, procurando analisar em seus livros e artigos as raízes da identidade argentina, tanto do ponto de vista sociopolítico como moral. Entre suas obras mais conhecidas estão *El hombre mediocre* (1913), *Evolución de las ideas argentinas* (1914) e *Hacia una moral sin dogmas* (1917). Em 1925, Ingenieros e José Vasconcelos (1881-1959) fundaram a União Latino-Americana, com a intenção de “coordenar a ação dos escritores, intelectuais e professores como meio de alcançar uma progressiva identificação política, econômica e moral em harmonia com os novos ideais da humanidade”. Ver RODRÍGUEZ DE MAGIS, 1993: 87-88.



Medicina Legal e Toxicologia da Universidade Nacional de Córdoba, onde lecionou entre 1921 e 1936, como do ponto de vista filosófico e político (CELENTANO, 2006: 54).

O psiquiatra argentino iniciou suas atividades na militância estudantil em 1915 e, em 1918, assumiu a função de Presidente da Federação Universitária de Buenos Aires e delegado dos estudantes portenhos dentro do movimento de Reforma Universitária<sup>107</sup>, iniciado na Universidade Nacional de Córdoba naquele mesmo ano. Neste mesmo período, Bermann se filiou ao Partido Socialista de Córdoba, junto com outros jovens líderes da Reforma, como Deodoro Roca, Saúl Taborda, Arturo e Raúl Orgaz. Na década de 1930, ele se aproximou de outros intelectuais argentinos militantes do Partido Comunista Argentino (PCA), sem, porém, se filiar a este (CELENTANO, 2004: s.p.).

Em seus primeiros trabalhos publicados, Bermann estava preocupado em discutir temas como a questão do conhecimento, das ciências e da reforma universitária em artigos como “El fatalismo y el determinismo en sociología ante los problemas actuales” (1919); “La revolución estudantil argentina” (1920), e nos livros *El problema del conocimiento ante el relativismo contemporáneo* (1923), *Toxicomanias* e *Psicogénesis de la locura moral* (1934). Ao mesmo tempo, Bermann publicou em várias revistas da militância de esquerda argentina, como a *Claridad: revista de arte, crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*.<sup>108</sup>

Bermann, que no início da década de 1930 havia se entusiasmado pela psicanálise, inclusive visitando Freud, criou, em 1936, uma revista denominada *Psicoterapia*, que publicou apenas quatro edições naquele mesmo ano. Esta revista apresentava um programa que ampliava a utilização da psicoterapia para além da técnica, incluindo uma função política progressista de renovação da psiquiatria (PLOTKIN, 2001: 26-27). A revista *Psicoterapia*, que não estava ligada a nenhuma instituição assistencial, de classe ou ensino, apresentava em seus números iniciais uma grande diversidade de propostas a partir da psicanálise, fenomenologia e psiquiatria social, dentre outras, o que se modificou em seus últimos números, quando a temática de discussão passou a focalizar a questão da Guerra Civil Espanhola. Tal interesse de

---

<sup>107</sup> O movimento conhecido como Reforma Universitária, que foi liderado por Deodoro Roca e outros dirigentes estudantis, rapidamente espalhou-se por outras cidades argentinas, influenciando também estudantes de outros países da América Latina. Ele tinha como principais reivindicações: a autonomia universitária; a gestão compartilhada com participação de docentes e estudantes; a extensão universitária, que visava ampliar a participação da universidade na comunidade; a liberdade das cátedras para a pesquisa e ensino; o ensino universitário público e gratuito e a solidariedade entre as organizações e universidades latino-americanas. Ver “La Reforma Universitária de 1918”.

<sup>108</sup> A revista *Claridad* surgiu em julho de 1926, como uma tribuna para ideias que, segundo seu programa inaugural, buscava refletir em suas páginas “as inquietudes do pensamento esquerdista em todas as suas manifestações”, se aproximando mais das lutas sociais que das manifestações puramente literárias. *Claridad* reuniu entre seus colaboradores jovens escritores de países como Peru, Bolívia, Chile, México, Colômbia, Venezuela, Cuba e também do Brasil. Ver CASSONE, 1998.

Bermann pela questão política espanhola, compartilhado com grande parte da intelectualidade argentina, o levou a encerrar as atividades da revista e partir para a Espanha, junto com o psiquiatra cordobês B. Serebrinsky, para colaborar com a causa republicana. Neste período Bermann trabalhou com Mira y López, na organização da assistência ao exército republicano espanhol (ROSSI, 2008: 24; 138-139).

Após a Guerra Civil Espanhola, retornando à Argentina em 1939, Bermann, na década seguinte, além de manter seu posicionamento na luta antifascista, dedicou-se a mobilizações e movimentos pacifistas no imediato pós-guerra. Suas ações neste sentido repercutiram na imprensa brasileira. Em 19 de janeiro de 1946 apareceram as primeiras notícias em vários jornais da imprensa carioca<sup>109</sup> sobre a denúncia do governo argentino realizada por Bermann junto à Assembleia da ONU, reunida em Londres. O psiquiatra argentino, enquanto representante da Liga Internacional dos Direitos do Homem, apresentou à Assembleia um memorando em que solicitava que a organização tomasse medidas contra o governo argentino liderado por Juan Domingo Perón, que, para ele, estava sabotando o continente (*JORNAL DO COMMERCIO*, 19/01/1946: 1).

Pensar a participação de Bermann, como médico e militante, nas décadas de 1930 e 1940 pressupõe o reconhecimento dele como parte de uma tradição da esquerda psiquiátrica e psicológica argentina, que remonta a Ingenieros e Aníbal Ponce, em que o discurso médico-científico estava associado com as tarefas intelectuais e de escritor. Essa herança, assumida por Bermann, considerava que a medicina se estendia até a filosofia e que as ações de saúde pública deveriam estar interligadas às políticas de transformação da sociedade e do Estado (VEZZETTI, 2016: s.p.).

Em 1951, dois anos depois de se conhecerem no Brasil, Bermann e Araújo Lima publicaram, como diretores, o primeiro número da *RLAP*. Araújo Lima participara no ano anterior das reuniões em Córdoba do conselho de redação para a constituição da revista. Vezzetti observando a *RLAP* sob o ponto de vista exclusivo de seus colaboradores argentinos considera que a revista, apesar de ter uma dupla direção, com sede em dois países, e uma rede de colaboradores que incluía médicos de outros países da América Latina, era a consolidação de um projeto individual de Bermann. Por meio da criação da revista, Bermann retomava uma antiga proposta de renovação do campo psiquiátrico, que havia iniciado em 1936 com a revista *Psicoterapia*, e, ao mesmo tempo, a utilizava como instrumento para intervir na luta ideológica

---

<sup>109</sup> A denúncia feita por Bermann foi notícia no *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca* e *A Manhã*, repercutindo também em periódicos de outros estados brasileiros, como *O Combate*, do Maranhão e o *Diário de Pernambuco*.

e conquistar aliados para o PCA. Dentro do novo cenário internacional, com o campo da medicina mental ainda sob o efeito dos temas discutidos no Congresso de Higiene Mental, realizado em Londres em 1948, e dos debates sobre as políticas e o próprio conceito de saúde mental, a *RLAP* apresentava uma “recepção crítica da nova psiquiatria e reproduzia quase todos os tópicos que faziam parte da virada para o social, focalizados sobretudo nos ‘aspectos patológicos da vida coletiva’” (VEZZETTI, 2016: sp.).

Apesar de não estar oficialmente vinculada ao PCA, Vezzetti aponta que, na revista, se formou um círculo psiquiátrico de esquerda ligado ao partido, composto por Bermann, que não era oficialmente membro, José Bleger, Jorge Thenon e César Cabral, estes sim membros do PCA. A revista era representativa do que esse grupo de psiquiatras comunistas podia mobilizar, do consenso teórico possível e dos tópicos aceitos por eles como legítimos, frente à agenda de prerrogativas internacionais do stalinismo sobre a ciência e a medicina em geral, aos debates suscitados entre psiquiatras filiados ao Partido Comunista Francês (PCF) e mesmo em relação às diretrizes do PCA. Na *RLAP*, apesar da diretriz inicial de constituir “um espaço de recepção das novas ideias psiquiátricas e das transformações internacionais da disciplina, acabaram prevalecendo as posições de uma fração reduzida de psiquiatras alienados pela esquerda comunista” (VEZZETTI, 2016: s.p.). A análise apresentada por Vezzetti segue o mesmo viés analítico de Alejandro Dagfal, que defende que, apesar da *RLAP* ter sido apresentada em seu programa como um espaço “plural e aberto ao debate”, ela acabou se provando uma verdadeira “tribuna para a psiquiatria marxista”, oriunda das revistas francesas *La Pensée* e *La Raison*, principalmente, nos debates e controvérsias desenvolvidos entre psiquiatras argentinos (DAGFAL, 2009: 71-72).

Estes psiquiatras argentinos, ainda segundo Vezzetti, teriam copiado o modelo de debate político-psiquiátrico defendido em *La Raison*, também criada em 1951, por psiquiatras ligados ao PCF. Nesta revista, a produção e o debate científico estariam submissos às prerrogativas do Partido Comunista e às diretrizes vindas da URSS. Assim, o programa dominante em *La Raison*, entre 1953 e 1956, sob a influência da ortodoxia soviética, era o lisenkismo,<sup>110</sup> fundamentado no determinismo social e no partidarismo nas ciências, tendo o pavlovismo como base científica exclusiva para as ciências do psiquismo, centradas na neurofisiologia e nos reflexos condicionados. A revista teria funcionado como um órgão do pavlovismo militante na

---

<sup>110</sup> O agrônomo Trofim Denisovich Lysenko acreditava poder utilizar os princípios do materialismo dialético e da luta de classes nas ciências, principalmente em relação à biologia e à genética, pois, contra a tradição mendeliana, Lysenko afirmava que “era possível operar sobre o meio para regular a herança”. O lisenkismo se consagrou em 1948 como teoria biológica e modelo de ciência do Partido Comunista da URSS (VEZZETTI, 2016: sp.).

França, com forte influência entre alguns psiquiatras argentinos militantes do PCA. Segundo Victor Lafitte, em artigo publicado em *La Raison* no ano de 1951, Pavlov e a “escola soviética” eram a representação de uma “concepção dialética e experimental que permitiria abordar a patologia na totalidade de suas funções orgânicas e mentais e em seu condicionamento biológico e social” (VEZZETTI, 2016: sp.). Em outro número da mesma revista, publicado em 1954 e dedicado inteiramente a comentários sobre a obra de Pavlov, os editores afirmavam que era “necessário retomá-la sem cessar para apreender a solidez, o caráter admiravelmente científico – e a fecundidade daquela obra” (*LA RAISON*, 1954: 3).

Uma das questões discutidas entre a segunda metade da década de 1940 e o início da década seguinte era sobre a origem dos transtornos psiquiátricos. Vezzetti observa que a teoria clássica das constituições estava superada, ou pelo menos questionada, de modo que muito se discutia sobre a psicogênese das neuroses e psicoses. Em 1946, uma das Jornadas Psiquiátricas de Bonneval, organizada por Henri Ey, tratou deste tema. Nesta, foram apresentadas versões diversas para explicar a psicogênese dos transtornos mentais, fosse pela via psicanalítica defendida por Lacan, pela psiquiatria social de Bonnafé ou pela orientação “organo-dinâmica” de Ey. Dentre estas correntes teóricas, o pavlovismo se apresentava como uma “concepção que integraria os mecanismos fisiológicos e os fatores sociais em uma doutrina materialista: a mera psicogênese se estendia e se transformava em um paradigma sócio-físio-genético” (VEZZETTI, 2016: s.p.).

Vezzetti observa que, na *RLAP*, existiam tensões entre o projeto de uma socio psiquiatria defendida por Bermann, inspirado na psiquiatria social militante defendida por Bonaffé, importante colaborador de *La Raison* em seus primeiros anos, e a ortodoxia pavloviana defendida por Thenon, para definir as bases de uma nova psiquiatria materialista. Esta serviria como projeto doutrinário e político de intervenção no campo psiquiátrico argentino. Neste sentido, “o pavlovismo era mais que uma ideologia científica, mais que uma linguagem e um sistema de representações nascido dos próprios cientistas. Era um imperativo da organização política”. A *RLAP*, vista unicamente a partir do núcleo argentino, foi direcionada pelas discussões políticas de denúncia ao imperialismo norte-americano e apoio à URSS e franca oposição ao existencialismo e à psicanálise, funcionando como uma extensão do PCA e de *La Raison*, na prerrogativa da criação de uma “psicologia e psicopatologia comunistas”. A revista latino-americana teria sido responsável por introduzir no contexto psiquiátrico argentino uma recepção sistemática das ideias defendidas pelos psiquiatras comunistas franceses, porém

“atravessada por alternativas modificadas, deslocamentos de sentido e mal-entendidos” (VEZZETTI, 2016: s.p.).

O contexto psiquiátrico argentino das décadas de 1940 e 1950, como assinala Dagfal, era bastante conturbado, pois, se, por um lado, era marcado pelo processo de institucionalização e especialização da psiquiatria, em paralelo à consolidação institucional da psicanálise, por outro este processo abria espaço para lutas e disputas pela hegemonia do campo entre a reflexologia pavloviana e a psicanálise. Este período teria sido marcado pela superação do paradigma do higienismo mental, muito forte no entreguerras, com o advento de uma nova concepção de saúde mental, a partir do pós-Segunda Guerra, da qual a psiquiatria social era tributária (DAGFAL, 2009: 70-71; 74).

A análise apresentada por Vezzetti sobre o contexto político argentino e internacional da Guerra Fria, onde se ampliam os movimentos de doutrinação política e cultural liderados pelos EUA e URSS, situa muito bem o momento em que surge a *RLAP*. Ele apresenta inclusive as novas prerrogativas e diretrizes discutidas no congresso de 1948, já citado, assim como no Congresso Mundial de Psiquiatria, realizado em Paris, em 1950, para se fazer psiquiatria (VEZZETTI, 2016: s.p.). Já Dagfal destaca como estas discussões sobre as contribuições da reflexologia e as críticas à psicanálise e ao existencialismo na psiquiatria que apareciam na *RLAP* estavam diretamente relacionadas às disputas pela hegemonia no processo de institucionalização do campo psiquiátrico argentino. Entretanto, considero que, ao focalizarem sua análise exclusivamente no grupo de psiquiatras argentinos, mais especificamente em Bermann, Thenon e Bleger, ligados ao PCA, tanto Dagfal como Vezzetti restringem em muito a amplitude de temas e debates suscitados nas páginas da revista, porque, ao tomar como válido e representativo da publicação apenas o posicionamento do grupo de argentinos, as agendas políticas, científicas e assistenciais defendidas por outros colaboradores da revista são descartadas, assim como os contextos locais e institucionais em que estas foram produzidas.

Defendo, portanto, a necessidade de analisar a complexidade dos debates, a pluralidade teórica e a polifonia ideológica percebida na *RLAP* quando pensada como um todo, considerando a participação dos diversos colaboradores e as perspectivas díspares apresentadas por estes sobre a prática psiquiátrica. Também não considero que as apropriações e ressignificações feitas por estes psiquiatras possam ser caracterizadas, como aponta Vezzetti, como uma recepção deficiente “atravessada por alternativas modificadas, deslocamentos de sentido e mal-entendidos”, mas as vejo como parte de um processo de circulação de conhecimentos, que implica em disputas, negociações, ressignificações e resistências. Sempre

observando que os novos conhecimentos que possam resultar deste processo estão impregnados pelas questões locais, seja no âmbito da medicina, da ciência, da política ou da cultura como um todo.

A exemplo de Bermann, o grupo de psiquiatras que colaborou com a revista foi influenciado por debates sobre a psiquiatria social, reflexologia pavloviana, medicina psicossomática, sociologia médica, antropologia cultural e por correntes filosóficas como a fenomenologia, o existencialismo, a dialética materialista, além de correntes psicanalíticas e psicológicas. Em seus textos aparecem com destaque especial, dentre outros temas, os debates sobre o lugar da psiquiatria em relação à medicina em geral e sobre o seu estatuto de ciência autônoma. Também foi discutido nas páginas desta revista o papel da psiquiatria e seus especialistas frente a questões políticas e sociais muito debatidas na época, como as consequências da Segunda Guerra Mundial, as disputas entre fascismo/antifascismo, comunismo/anticomunismo, latino-americanismo/pan-americanismo, pacifismo/corrída armamentista e a expansão do neocolonialismo dos EUA em relação à América Latina.

Na *RLAP*, fica muito claro como era importante para os psiquiatras participantes daquela empreitada fazer um balanço do que já havia sido feito na área, apontando seus problemas, e escolher, dentre as tendências contemporâneas, qual o melhor caminho a seguir no desenvolvimento de uma nova forma de fazer psiquiatria em países latino-americanos. A *RLAP* surgiu como uma proposta de aproximar as comunidades de psiquiatras do Brasil e da Argentina, facilitando a circulação do conhecimento entre estas culturas, e, posteriormente, ampliar sua área de atuação a fim de abarcar toda a América Latina. Como vimos, Araújo Lima e Bermann já possuíam experiência na editoração de revistas especializadas como a *Psyke* e a *Psicoterapia*, respectivamente. De modo que, no primeiro número da *RLAP*, os editores apresentavam sua decisão de encerrar definitivamente o “ciclo individual” das duas revistas – *Psicoterapia* e *Psyke* –, unindo seus programas, objetivos e colaboradores em uma única publicação. Entretanto, é importante ressaltar que no período de lançamento da *RLAP* as duas revistas anteriores já não estavam circulando. A justificativa apresentada pelos editores da nova revista era de que os graves problemas de saúde mental enfrentados pelos países no período não poderiam ser tratados individualmente, nem por equipes de um só país, dadas a multiplicidade de causas e sua amplitude. Assim, a ideia era que a revista servisse como um meio inicial de aproximação entre especialistas de vários países da América Latina e, posteriormente, também de outros continentes (*RLAP*, 1951a: 104).

Participaram da *RLAP* como membros do conselho de redação (MCR) ou publicando artigos médicos, psicólogos e educadores residentes em países da América Latina como a Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, México e Cuba (ver anexo V). Os diretores e editores da revista, apesar de atuarem nas mesmas áreas – medicina legal e psiquiatria –, apresentavam perfis intelectuais bem diferentes. Bermann se destacava como ensaísta militante e Araújo Lima dedicava-se à literatura e editoração de revistas, como vimos nos capítulos anteriores. Esta diversidade de perfis se refletiu na participação de ambos na revista, pois enquanto o psiquiatra argentino, além da direção da revista, também atuou como autor de mais de 13 artigos e instigador de polêmicas, Cláudio de Araújo Lima mantinha uma atividade de bastidores, exercendo a função de coeditor e de articulador entre os grupos de colaboradores brasileiros do Rio de Janeiro, São Paulo, e demais capitais brasileiras e os argentinos de Córdoba e Buenos Aires. Este posicionamento mais discreto de Araújo Lima coincide com a sua prática como editor nas revistas que havia publicado anteriormente – a *Pasteur* e a *Psyke* –, já apresentadas. Mas a relevância de sua participação fica evidente quando observamos que o grupo de residentes no Brasil que colaborou com a *RLAP* era formado em sua maioria por autores ligados às redes profissionais de Araújo Lima, como era o caso de Austregésilo, Mira y López, Napolitani, Nise da Silveira, Maurício de Medeiros, Mario Yahn, Heitor Péres, Austregésilo de Mendonça e José Alves García, que, inclusive, também colaboraram com as outras revistas dirigidas por ele.

Apesar de se apresentar como uma revista continental, a editoração final da *RLAP*, assim como a autoria da maior parte dos artigos publicados, estava concentrada no grupo de médicos residentes na Argentina, uma vez que a revista era impressa em Córdoba, mas, como havia uma sede no Rio de Janeiro, autores brasileiros também participaram de parte dos números da revista, seguidos, em menor escala, por colaboradores do México, Chile, Equador, Venezuela, Peru e Cuba. Dentre os números consultados da revista<sup>111</sup>, percebe-se que esta teve como período de maior circulação o ano de 1952, com maior número de artigos publicados, apresentando um decréscimo nos números dos anos seguintes. Quanto à participação de autores residentes no Brasil, temos uma queda no número de artigos publicados a partir do ano de 1953, e uma total ausência em 1954, como demonstra a tabela abaixo. Esta ausência pode ser explicada em parte pelo afastamento temporário de Araújo Lima da direção da revista durante o ano de 1954, quando ele esteve em viagem de estudos à França, e onde permaneceu por quase dois anos. Para suprir tal ausência e ampliar a divulgação da revista no continente, Bermann

---

<sup>111</sup> Foram consultados os números 1 a 9 e 11, não sendo localizado no Brasil e Argentina o número 10.

criou em 1954 novos comitês de redação no Chile, Uruguai, Venezuela, Cuba e México. Porém, tal iniciativa parece não ter contribuído para o fortalecimento da revista, que encerrou sua publicação naquele mesmo ano por motivos desconhecidos até o momento.

**Quadro IX:** Número de artigos publicados na *RLAP* por ano e país dos autores

Tabela: Número de artigos publicados na <i>RLAP</i> por ano e local					
Países	1951 (n.1)	1952 (n.2-5)	1953 (n.6-9)	1954 (n.11)	Total
Argentina	05	29	20	02	56
Brasil	05	14	8	00	27
Chile	00	01	02	00	03
Peru	01	02	00	00	03
México	00	02	01	00	03
Venezuela	00	00	01	01	02
Cuba	00	00	00	01	01
Equador	00	01	00	00	01
Local não identificado	00	00	07	03	10
Total	11	49	39	07	106

Em seu editorial de lançamento, a revista foi apresentada por seus diretores como um “empreendimento de solidariedade científica e humana”, que pretendia “abstrair as fronteiras nacionais, visto como os graves problemas de saúde mental” já não podiam “ser enfrentados pelas equipes científicas de um único país” (*RLAP*, 1951b: 5). Os editores destacavam o fato de que, mesmo com a multiplicação dos congressos e conferências internacionais, “os estudiosos de cada país ou região ainda [permaneciam] solitários, consumindo-se em esforços as vezes estéreis”. E reforçavam que “apesar de nossa origem comum e de um evidente destino comum, permanecemos hoje quase tão fragmentados e isolados como nos tempos coloniais, por absurdos motivos que não são precisamente o dos seus homens de ciência” (*RLAP*, 1951b: 5). Neste contexto, acreditavam Bermann e Araújo Lima que “a *RLAP*, de âmbito continental, com espírito americano e universal”, seria “o ponto de confluência dos esforços particulares para uma obra de progresso científico e social, que impõe a ação conjugada e solidária” (*RLAP*, 1951b: 6).

A revista, em seu programa de lançamento, buscava uma aproximação com outras disciplinas científicas, tais como a psicologia, psicopatologia, a antropologia cultural e a sociologia, como forma de contribuir para o “descobrimento e aperfeiçoamento do Homem Americano”, tarefa que implicava “tanto maior responsabilidade [por se tratar] de uma época



de crise e de um século em efervescência criadora” (*RLAP*, 1951b: 5). Para a efetiva realização de tal tarefa, eles consideravam de fundamental importância, no campo da psiquiatria, “compreender o homem e suas perturbações mentais, dentro de sua época e de seu meio”, caracterizando como um grave erro, “sobretudo entre os médicos, considerar separadamente o homem e a sociedade” (*RLAP*, 1951b: 6). Assim eles defendiam a tese de que “o indivíduo é sempre o membro de sua família, do seu ambiente, da sua coletividade, da sua nação, do seu mundo” e deveria ser assim compreendido frente a uma “realidade complexa, rica, unitária e, ao mesmo tempo incessante, que é a América, que é o Mundo” (*RLAP*, 1951b: 7).

Durante os anos em que a *RLAP* circulou, várias questões relacionadas à psiquiatria foram debatidas, as quais podemos resumir em cinco temáticas centrais, apresentadas no quadro a seguir.

**Quadro X:** Principais temáticas debatidas na *RLAP* (1951-1954)

<b>Principais temáticas debatidas na <i>RLAP</i></b>	
<b>Temas</b>	<b>Nº de artigos</b>
Vertentes da psiquiatria atual e perspectivas futuras	36
Psicopatologia	25
Psicoterapias	17
Assistência psiquiátrica	8
Psiquiatria e neuropsiquiatria infantil	8
Outros temas	11

Entre os autores que publicaram artigos na revista temos, pelo menos nos primeiros oito números da publicação, posicionamentos políticos e teóricos diversos, independentes em relação ao direcionamento ideológico imaginado pelos editores da revista. Assim, em alguns números, é possível encontrar o mesmo tema sendo tratado a partir de teorias diversas. Dentre as temáticas acima citadas, aquela que, por seu caráter mais amplo, ganhou maior centralidade entre os participantes do periódico foi a reflexão epistemológica sobre as principais vertentes da psiquiatria na década de 1950 e as perspectivas futuras para a especialidade. Este tema incluiu uma série de questões e discussões interligadas, como o caráter científico desta disciplina, sua relação com a medicina em geral e com outras ciências biológicas, sociais e psicológicas, e a própria forma, ou melhor dizendo, as formas de se fazer psiquiatria.

Os editores da revista partiam da premissa de que a psiquiatria, antes considerada a “bastarda das especialidades médicas” pelo seu caráter pouco empírico, e, portanto, julgada por alguns como menos científica, no período do pós-guerra teria assumido bruscamente um papel

de destaque, tanto do ponto de vista clínico, como do científico e social. Para eles, as razões para esta suposta mudança de posição da psiquiatria estavam relacionadas com o momento histórico, em que ficava evidente a fragilidade da saúde mental dos indivíduos no mundo moderno, somada ao crescente desejo nutrido por estes em “satisfazer as próprias necessidades corporais e anímicas” e, ao mesmo tempo, por sua “constante busca em esclarecer os motivos que impulsionavam e orientavam sua conduta, para melhor corrigi-los” (*RLAP*, 1951b: 5).

Araújo Lima e Bermann apresentavam como um dos principais objetivos da revista a busca por definir os fundamentos da psiquiatria naquele período e suas perspectivas futuras. Eles identificavam aquele momento da história da psiquiatria como de crise mundial dos modelos clássicos, e, por conseguinte, de definição de novos modelos. Assim, nos números da revista publicados entre 1951 e 1954, foram reunidos artigos que pretenderam fazer um balanço crítico do que foi feito em termos de psiquiatria desde o final do século XIX e, ao mesmo tempo, analisar a situação em que tal disciplina se encontrava ao final da primeira metade do século XX, apontando caminhos a seguir nos anos futuros. Se enquadram neste perfil os artigos assinados por Emílio Mira y López, Iracy Doyle, Gregorio Bermann, Pedro Díaz Colodero, José Torres Norry, Miguel Sorín, Jorge Thenon, Joseph Wortis, Aníbal da Silveira, Jurandyr Manfredini, Héctor O. Lestani, Alberto L. Merani, dentre outros.

Nestes artigos foram comentadas, criticadas ou apoiadas teorias médico-psicológicas várias, possibilitando uma maior circulação destas entre o público leitor da revista. Na tabela abaixo são citadas algumas daquelas que foram mencionadas com maior frequência nos artigos.

**Quadro XI:** As teorias médico-psicológicas presentes na *RLAP* e seus comentadores (1951-1954)

<b>Teorias médico-psicológicas na <i>RLAP</i> e seus comentadores</b>	
<b>Teorias médico-psicológicas</b>	<b>Comentadores</b>
Psiquiatria social	Bermann, Júlio Endara, Mira y López, Telma Reça, Jurandir Manfredini, Fabrizio Napolitani
Psicanálise freudiana	Iracy Doyle, Mira y López, Bermann, Jorge Thenon, Fabrizio Napolitani, Austregésilo, César Augusto Cabral
Análise existencial e psicopatologia fenomenológica	Bermann, César Augusto Cabral
Neuro-reflexologia pavloviana	Konstantin Gavrilov, Miguel Sorín, Jorge Thenon, Alberto L. Merani, José A. Itzigsohn, Joseph Wortis
Medicina Psicossomática	Iracy Doyle, C. Alberto Seguin, Miguel Sorín, Sylvia Bermann
“Sóciopsiquiatria”	Bermann, Jorge Thenon
Psicocirurgias e neurocirurgias	Graciano F. Camblor, César Augusto Cabral

Dentre os autores que publicaram pela *RLAP*, a psiquiatria social, a psicanálise e a reflexologia segundo Pavlov foram bastante comentadas. A psiquiatria social foi influente principalmente nas análises sobre os problemas relacionados ao casamento, à família e à infância, como nos textos de Fabrizio Napolitani, José Bleger, Sylvia Bermann, Telma Reça, Júlio Peluffo, Maria Manhães, Jurandir Manfredini. Porém, isso não significava a ausência de artigos onde era defendida uma psiquiatria e psicopatologia de cunho mais fisicalista, como a apresentada pelos brasileiros Antônio Austregésilo, que também se utilizava da psicanálise, José Alves Garcia e Aníbal da Silveira. Dentre estas teorias que seguiam um viés mais fisiológico, a neurofisiologia e a reflexologia desenvolvida por Pavlov foi bastante discutida por autores como Konstantin Gavrilov, Miguel Sorín, Alberto L. Merani, José A. Itzigsohn e Joseph Wortis, grupo formado, na maior parte, por psiquiatras argentinos. Por sua vez, a psicanálise possuía adeptos e críticos entre os autores que publicavam na revista. Médicos como Austregésilo, Iracy Doyle e o psicólogo Fabrizio Napolitani eram defensores das teorias de Freud desde que combinadas a outras teorias como a filosofia segundo Bergson, a medicina psicossomática e a psiquiatria social. Por outro lado, eram avessos à teoria psicanalítica os médicos Mira y López, Jorge Thenon, César Augusto Cabral e sobretudo, Bermann.

A partir da análise do conjunto de teorias médico-psicológicas que foram publicadas na *RLAP* e seus comentadores, dois pontos precisam ser destacados. Primeiro, percebe-se que entre brasileiros, argentinos e demais colaboradores da *RLAP* existia uma certeza de que a psiquiatria estava atravessando uma crise, que podemos denominar como de paradigmática, pois os métodos e teorias utilizados na primeira metade do século XX já não eram vistos como sendo suficientes para tratar seja do indivíduo considerado “normal”, frente às angústias e incertezas do mundo moderno, como também daqueles diagnosticados como mentalmente enfermos. Segundo, não havia um consenso do melhor caminho a seguir sobre como superar esta crise e fazer psiquiatria no pós-guerra. O que se apresenta nesta publicação é uma polifonia decorrente da multiplicidade de posicionamentos teóricos, ideológicos e políticos que não podem ser reduzidos a uma tendência ou escola, ou mesmo à representação de seguidores de um só partido político. Esta polifonia se reflete em algumas controvérsias entre membros da revista e em artigos onde foram mobilizadas mais de uma teoria sendo combinadas entre si, como veremos a seguir

Bermann, além de editor, assumiu uma importante função de polemista na revista, apresentando críticas a escolas psiquiátricas ligadas ao existencialismo, à psiquiatria social inglesa e norte-americana e à psicanálise, ao mesmo tempo que propunha como modelo de

psiquiatria mais eficiente – a socio psiquiatria.<sup>112</sup> Segundo Bermann, a década de 1950 foi marcada por uma multiplicidade de tendências teóricas em psiquiatria que causavam confusão, perplexidade e desorientação entre os seus praticantes, sendo muitas destas escolas, diretamente ou indiretamente, influenciadas por correntes filosóficas como a fenomenologia e o existencialismo e também pela psicanálise. Para ele, naquele contexto, era necessário ter cautela e até certa desconfiança, frente à grande quantidade de teorias que tomavam o homem em sua individualidade desconsiderando a ligação fundamental deste com as condições sociais de seu meio (BERMANN, 1960b: 78).

Este posicionamento de Bermann gerou críticas e controvérsias que envolveram membros do conselho de redação da revista como o psiquiatra peruano Honório Delgado, no caso da aproximação entre psiquiatria e existencialismo, e o psiquiatra argentino Jorge Thenon que criticou a ideia de uma socio psiquiatria defendida por Bermann. Outros intelectuais como o escritor Arturo Capdevilla e leitores da revista também se posicionaram contra as críticas feitas pelo psiquiatra argentino, desta vez em relação à psicanálise.

No artigo publicado na *RLAP*, em 1951, sob o título de “A propósito de una obra representativa de la psiquiatria actual en España”, Bermann criticava algumas obras do psiquiatra espanhol Juan José Lopez Ibor (1906-1991), publicadas entre 1936 e 1950, principalmente, o livro intitulado *Los problemas de las enfermedades mentales*, lançado em 1949. Ibor, na citada obra, analisava os “direcionamentos psicológicos na pesquisa psiquiátrica, os somáticos e biológicos”, assim como “o problema do corpo-alma” e as questões relacionadas à formação profissional psiquiátrica, dando uma especial atenção para a análise das escolas e tendências que se desenvolveram na Alemanha do entreguerras (BERMANN, 1951a: 127).

A principal crítica de Bermann ao livro de Ibor e a muitos dos psiquiatras espanhóis que permaneceram no país a partir do advento do franquismo consistia no fato destes utilizarem o que ele denominava de uma “filosofia irracionalista” para compreender os problemas da clínica psiquiátrica (BERMANN, 1951: 128). O que Bermann caracterizava como “filosofia irracionalista” provinha da fenomenologia desenvolvida por Max Scheller (1874-1928), discípulo de Edmund Husserl (1859-1938) e do existencialismo apresentado por Martin Heidegger (1889-1976) e suas derivações no campo dos saberes mentais, como a analítica existencial concebida por Ludwig Binswanger (1881-1966) e a psiquiatria defendida por Kurt Scheneider, este último muito influenciado por Scheller e Binswanger. O psiquiatra argentino,

---

<sup>112</sup> Este modelo, além de ter sido bastante discutido por Bermann, nas páginas da *RLAP*, foi o viés adotado por Araújo Lima nos anos seguintes à sua participação como editor da revista, causando uma profunda modificação na sua atuação como intelectual mediador no contexto brasileiro.

em sua análise, foi além da crítica às obras de Ibor, ao existencialismo heideggeriano e à análise existencial desenvolvida por Binswanger para apresentar uma forte crítica à sociedade e à psiquiatria falangista que se desenvolveu na Espanha com a implantação do regime franquista. Sua crítica estendia-se também ao nacional-socialismo como um todo, e, na sua forma mais extremada, ao nazismo.

Logo após a publicação deste artigo de Bermann, Honório Delgado enviou uma carta à direção da revista, considerando que tal publicação não se ajustava “aos princípios fundamentais do espírito científico, uma vez que [caía] nos extremos de um ‘libelo’, dedicada ao periodismo político”, solicitando inclusive seu afastamento do conselho de redação da revista. Bermann publicou a carta de Delgado e a sua réplica na sequência, onde acusava Delgado de se ofender por ele ter “desentranhado o que [estava] submerso sob o embuste de uma psicopatologia metafísica e confusa”, questionando-o se a psiquiatria que ele defendia para as novas gerações de médicos, para os seus discípulos, era aquela baseada em ideias provenientes do “existencialismo falangista” e do pensamento neocolonialista (BERMANN, 1951a: 134).

Este artigo de Bermann apontava para um projeto intelectual do autor, em que este considerava a psiquiatria e as outras ciências como elementos primordiais na prática social e política. Para ele, a ideia de uma ciência distanciada da sociedade e apolítica era uma falácia, produtora de uma mentalidade estéril sobre os limites entre a ciência e seu contexto de produção. A crítica que ele desenvolveu contra o livro do psiquiatra espanhol López Ibor passava tanto pelos aspectos teóricos de suas obras como pela utilização destes, enquanto lastro “científico” das práticas higienistas e eugênicas desenvolvidas na psiquiatria durante o regime franquista na Espanha. Na *RLAP*, o psiquiatra argentino, enquanto seu editor, buscou guiar os debates na defesa de uma psiquiatria vinculada a prática social e política, porém encontrou resistências.

O psiquiatra argentino Jorge Thenon, que também era membro do conselho de redação da *RLAP*, em um artigo publicado na revista em 1952, sob o título de “La psiquiatria a mediados del siglo XX”, compartilhava do posicionamento de Bermann contra a aproximação da psiquiatria com correntes filosóficas como a fenomenologia e o existencialismo. Porém, ele via a psiquiatria como uma disciplina estritamente médica, que precisava reafirmar seu caráter científico por meio de um viés mais organicista que social. Para ele, a especialidade se convertera em um espaço de disputas entre “as concepções idealistas e materialistas da vida e do pensamento” (THENON, 1952: 5-6).

Além das críticas aos modelos psiquiátricos influenciados pelo existencialismo, na *RLAP* também surgiram polêmicas e controvérsias sobre alguns modelos de psiquiatria social e de psicanálise, estimuladas pelas severas objeções a estes feitas em artigos assinados por Bermann. No artigo intitulado “Desintegración social y deterioración mental”, Bermann criticava determinados autores e tendências da psiquiatria social, como as teorias de Halliday sobre a “sociedade enferma”, que além da psiquiatria social, utilizava um ponto de vista psicossomático. A análise etiológica desenvolvida por este autor para explicar o aumento das doenças psicossomáticas considerava como fatores fundamentais as mudanças sofridas no meio em que tinham vivido as crianças e adultos na Inglaterra, entre 1870 e 1930. Bermann desenvolveu uma forte crítica à ideia de uma “sociedade enferma”, empregada por Halliday e também por outros intelectuais naquele período, considerando-a como predominantemente “psicologista” e equivocada, por utilizar uma metodologia e uma terminologia médica para explicar os fenômenos sociais (BERMANN, 1951b:31-32). Seu argumento central neste artigo era o de que, ao invés do uso da “linguagem médica e dos critérios organicistas ou psicologistas para compreender o fenômeno psiquiátrico” daquele período, seria mais adequado empregar a ideia de desintegração social para explicar os efeitos da crise que o Ocidente atravessava na primeira metade do século XX (BERMANN, 1951b: 34).

Para ele, a desintegração social em uma comunidade se daria em etapas sucessivas e em diferentes graus, até atingir um determinado ponto em que suas instituições fundamentais não seriam mais capazes de suprir as necessidades individuais e coletivas – pelo contrário, as obstruiriam –, causando um completo desequilíbrio social. Frente a este estado de crise, o psiquiatra argentino considerava que o conhecimento necessário do fenômeno psiquiátrico contemporâneo não poderia ser alcançado pelo estudo de casos psiquiátricos em particular, por mais detalhados que estes fossem. Seria necessário compreender o lugar do homem na sociedade, o que demandava da psiquiatria do pós-guerra um novo olhar sobre o problema. Ele observava que, paralelamente ao grande progresso alcançado pela psiquiatria em termos de meios terapêuticos, toda a estrutura da “psiquiatria clássica, sua nosologia, os fundamentos doutrinários, as aplicações práticas e profiláticas” estavam em crise (BERMANN, 1951b: 35; 37; 39).

O caminho escolhido por Bermann como alternativa para a psiquiatria, na segunda metade do século XX, seria a constituição de uma socio psiquiatria, que seria diferente da psiquiatria social, primeiro por não “superestimar, nem subestimar os fatores ambientais” e, segundo, por empregar uma metodologia de pesquisa que ele considerava adequada. Ele

defendia a realização de um estudo rigoroso que possibilitasse distinguir a socio psiquiatria das inúmeras escolas de psiquiatria social, como as de Sullivan, Karen Horney e Oswald Schwarz, que ele considerava ser possível agrupar sob o termo de “psicossociologia”, tendo todas elas em comum a tendência “anticientífica” de colocar “a mente do homem” à frente da “realidade objetiva” (BERMANN, 1951b: 46).

A socio psiquiatria defendida por Bermann, era fortemente influenciada pelas ideias do psiquiatra francês Bonaffé que identificava na psicanálise e outras teorias consideradas “idealistas” uma das causas da crise epistemológica enfrentada pela psiquiatria naquele momento, por ter ampliado o distanciamento, já existente, entre a psiquiatria e a medicina em geral. Uma forma de superar tal crise, segundo Bermann seria promover a integração da psiquiatria às ciências médicas, pela aproximação da psiquiatria com a fisiologia e também da sociologia, o que se daria por meio da socio psiquiatria (BERMANN, 1951b: 48). Ou seja, para resolver a velha questão do dualismo entre “corpo e alma” na medicina, Bermann inseria o social como fator determinante do físico e do mental. A socio psiquiatria seria uma hibridização da sociologia marxista com a neurofisiologia e o caráter preventivo da higiene mental.

No número quatro da *RLAP*, Jorge Thenon voltou a se posicionar, desta vez fazendo uma crítica ao conceito de socio psiquiatria definido por Bermann. Em seu texto, Thenon definia a socio psiquiatria como uma disciplina “artificial e efêmera”, pois não só as doenças mentais como todas as enfermidades, em graus variados, deveriam ser vistas como sociais. As mentais seriam duplamente sociais, por se expressarem através da conduta, causando um problema social, e também porque elas se desenvolviam de acordo com as condições de vida do homem. O ponto que ele colocava em dúvida sobre a socio psiquiatria defendida por Bermann era se esta disciplina poderia ser considerada como científica, já que ela conciliava “a clássica higiene mental” com o conhecimento do meio social em que se desenvolviam as enfermidades mentais. Na sua opinião, esta nova disciplina não possuía um caráter experimental, contribuindo apenas para encobrir os “desvios sociológicos” cometidos pela psicologia e pela psiquiatria social (THENON, 1952: 15).

Em sua resposta, Bermann concordava em parte com a crítica de Thenon, no sentido de que para ele, sob a denominação de psiquiatria social havia sido produzida uma ampla “literatura pseudocientífica” (BERMANN, 1960b: 65). Bermann acreditava que o principal problema das escolas que se autodenominavam de “psiquiatria social” era “a pretensão de explicar os grandes ou pequenos fenômenos sociais e políticos mediante a psiquiatria e em termos psicopatológicos”. Para ele, era preferível empregar o termo socio psiquiatria do que o

conceito de psiquiatria social, “porque ao fazer preceder a palavra psiquiatria por sócio, dá a entender a prioridade das condições materiais de existência (sociais) sobre a consciência que as reflete (psicológicas)” (BERMANN, 1960: 66).

Esta oposição entre Bermann e Thenon, ambos defensores de uma psiquiatria de caráter materialista de inspiração marxista, se dava pelo fato do primeiro defender um posicionamento mais próximo da psiquiatria social francesa, enquanto o segundo defendia uma psiquiatria voltada para a neurofisiologia soviética. Na *RLAP* as tensões entre estes dois autores e formas de fazer psiquiatria pode ser percebida principalmente no último número da revista publicado em 1954. Neste, a publicação se divide em artigos de adeptos de cada uma destas duas correntes. Neste número Thenon escreveu sobre a assistência neuropsiquiátrica na URSS, enquanto Bermann lançava os fundamentos da sua socio psiquiatria.

Além das duas controvérsias analisadas, sobre a psiquiatria existencialista e a social, Bermann também se envolveu em uma polêmica sobre a psicanálise, reproduzida e reaberta, em 1952, nas páginas da *RLAP*, que novamente funcionou como palco de disputas. Desta vez, a contenda se deu entre o médico argentino e o escritor Arturo Capdevilla, tendo início nas páginas da recém-criada revista *Nueva Gaceta*, de Buenos Aires, em 1949. Bermann escreveu para o primeiro número do citado periódico um artigo intitulado “El psicoanálisis enjuiciado”, posteriormente reproduzido na *RLAP* juntamente com a crítica feita por Capdevilla. No citado artigo, Bermann analisava um manifesto publicado 1949, na revista *La Nouvelle Critique*, em que um grupo de psiquiatras comunistas franceses criticava a psicanálise por esta centrar-se na consciência do indivíduo solitário. Tal individualismo impossibilitaria a defesa da transformação da ordem social e serviria como uma explicação e sustentação psicológica para a ideologia burguesa. Os autores do manifesto, segundo Bermann, buscavam demonstrar que a aplicação direta das teorias psicanalíticas na compreensão de importantes questões sociais resultava em um posicionamento reacionário, na medida em que considerava as lutas de classes e movimentos sociais como revoltas de origem sexual, também atribuídos à agressividade e ao ressentimento dos líderes populares. Para Bermann, a crítica apresentada neste manifesto demonstrava que as teorias de Freud e seus seguidores desprezavam toda a ação coletiva, tanto na medicina como na higiene mental e também nos cuidados com a infância (BERMANN; CAPDEVILA, 1952: 97-99).

Frente a esta crítica, Arturo Capdevila respondeu com uma inquietação: como sustentar que a psicanálise não cuida do social, mas apenas do individual, se a sociedade é composta de seres que sofrem solitariamente? O cuidado que se tem com cada indivíduo não se reflete na



cura da coletividade? E, da mesma forma, os cuidados da saúde coletiva não são sentidos em cada indivíduo? Como separar estas duas instâncias, quando o ideal seria harmonizá-las? (BERMANN; CAPDEVILA, 1952: 99-101). A resposta ao texto de Capdevila, Bermann não chegou a publicar em 1949, na *Nueva Gaceta* devido ao encerramento das atividades desta, mas publicou em 1952, na *RLAP*. Neste texto, o médico argentino defendia que a obra de Freud se caracterizava por um “ultra individualismo”, que considerava que “os conflitos dos instintos e impulsos irracionais, tanto no homem doente como no saudável, moveriam sua mente e sua conduta”, não percebendo que estes conflitos eram reflexos das dificuldades e problemas do mundo real, composto por sua família, educação, trabalho, pobreza, opressão etc... Assim, um enfoque histórico e das forças sociais em luta seria fundamental para conhecer tanto os neuropatas como os indivíduos saudáveis (BERMANN; CAPDEVILA, 1952: 104; 106). A reprodução desta contenda nas páginas da *RLAP*, mesmo depois de três anos de sua origem, reacendeu a questão com a participação de leitores que se posicionaram sobre o tema através de cartas.

Outro autor que apresentou um posicionamento radicalmente contrário à psicanálise, na *RLAP*, foi o psiquiatra e legista argentino César Augusto Cabral, médico do Hospital Nacional Neuropsiquiátrico de Mulheres de Buenos Aires (antigo Hospicio de las Mercedes), que, no artigo “Volvamos al buen sentido. Del psicoanálisis a la lobotomía”, defendia a necessidade de desenvolvimento de uma base teórica científica para a psiquiatria. Esta base, no entanto, só poderia ser desenvolvida com um retorno à clínica médica e à pesquisa experimental, precedido pela negação de todas as correntes psicológicas e psicanalíticas irracionistas, que negavam a materialidade das patologias e o protagonismo do cérebro no funcionamento da psiquê humana. Para o autor, a psicanálise transformara a mente humana em uma arena, em que o “ego” e seus adversários “ello” [id] e “superego” se digladiavam em uma disputa sem fim.<sup>113</sup> Ao mesmo tempo, Freud agrupava o sofrimento mental em complexos insolúveis, substituindo o “fatalismo degenerativo de Morel” pelo “incognoscível subconsciente” e pelo “predomínio desenfreado da vida instintiva”. Para o autor, eram fundamentais os ensinamentos de Kretschmer sobre a interrelação entre a constituição física e a personalidade, assim como os de Pavlov sobre a necessidade de unir o “fisiológico e o psicológico, o objetivo e o subjetivo” em uma fusão efetiva. Assim, a psiquiatria só poderia seguir por dois caminhos: o da neurobiologia, segundo

---

<sup>113</sup> Esta visão crítica das teorias freudianas sobre o funcionamento do aparelho psíquico como um campo de disputas e conflitos também foi apresentada por Mira y López no primeiro número da *RLAP*. Para ele, as teorias psicanalíticas definiriam o homem pela oposição de núcleos energéticos, “luto, logo existo”, parafraseando Descartes. Nestas teorias, “a vida psíquica aparece como instável, dolorosa, borrada síntese de contrários”, daí terem sido qualificadas tais doutrinas como dinâmicas (MIRA Y LÓPEZ, 1951).

o médico argentino Cristofredo Jakob, e o da teoria dos reflexos condicionados segundo Pavlov, ambos defensores do funcionalismo do cérebro (CABRAL, 1953: 67-69).

Entretanto, os posicionamentos críticos de autores como Bermann, Thenon e Cabral em relação a teorias como a medicina psicossomática, psiquiatria social e psicanálise não era uma unanimidade na revista, como já foi mencionado. Principalmente entre o grupo de autores residentes no Brasil existiam aqueles que tinham uma visão mais favorável destas teorias. Este foi o caso da psiquiatra e psicanalista Iracy Doyle, que na época era livre docente de Psiquiatria da Universidade do Brasil e diretora da Clínica de Repouso da Tijuca. Doyle, em um artigo intitulado “Psiquiatria contemporânea e perspectiva futura”, publicado no primeiro número da *RLAP*, destacava a importância da psicanálise para o desenvolvimento da psiquiatria e da medicina geral, na primeira metade do século XX, mesmo que tal fato não tenha sido reconhecido por boa parte da classe médica. Para ela, os progressos da anatomopatologia nervosa desde o século XIX, assim como as conquistas da técnica bioquímica, não foram suficientes para a elaboração de uma explicação causal, base do pensamento médico do período, das psicoses e psiconeuroses. Freud teria sido o primeiro a “explorar a realidade neurótica” pelo método psicológico (DOYLE, 1951: 61).

A psiquiatria, antes calcada no estudo e tratamento de casos plenamente desenvolvidos de doença mental, praticamente sem oportunidades de recuperação, por meio da psicanálise deslocou seu olhar para um grupo maior de indivíduos, pessoas emocionalmente desajustadas, neuróticos e psicóticos potenciais, que, por se encontrarem em estados fronteiriços, não recebiam a atenção médica. Para a autora, esta vertente da psiquiatria que incorporava as ideias de Freud, como de outros autores, sob a denominação de psiquiatria dinâmica, se afastara ao longo dos anos da parte somática do indivíduo e também da social (DOYLE, 1951: 62-63).

Apesar de também apresentar ressalvas às teorias psicanalíticas e à psiquiatria dinâmica, a análise da autora seguia em um sentido conciliatório entre distintas correntes médico-psiquiátricas e psicológicas, diverso do empregado por Bermann. Para Doyle, a psiquiatria dinâmica, alicerçada na psicanálise, precisava se aproximar da medicina psicossomática e da psiquiatria social, como um caminho possível para a crise epistemológica instalada na especialidade. Seria necessário o reconhecimento dos “fatores culturalmente determinados na formação da personalidade e na estruturação das neuroses”, para que fosse possível “imprimir aspecto novo ao ideal preventivo em psiquiatria” (DOYLE, 1951: 65). Este era o ponto central do argumento da autora, a defesa de uma nova faceta da psiquiatria como disciplina autônoma com um método próprio, que tivesse como objetivo central a “prevenção coletiva” das doenças

mentais, tal qual a epidemiologia em relação às patologias infectocontagiosas. Um caminho privilegiado pela autora para o desenvolvimento deste caráter preventivo da psiquiatria seria a orientação psicológica na infância. A ideia de uma nova faceta da psiquiatria, segundo Doyle, também passava por um processo de combinação entre teorias diversas como a psicanálise, a medicina psicossomática e a psiquiatria social.

Assim, nas páginas da *RLAP* temos como exemplos demonstrativos da polifonia entre seus autores, as críticas radicais de Bermann à psiquiatria social e à psicanálise e a defesa feita por Doyle, em prol da aproximação destas disciplinas mediada pela medicina psicossomática. Apesar destes diferentes posicionamentos de Bermann e Doyle em relação as citadas teorias, ambos concordavam em pelo menos dois pontos. O primeiro era a crença na forte influência do meio sobre a saúde mental do indivíduo, que por vezes se aproximava de uma visão que revisitava o determinismo social do século XIX, bastante influenciada pelo lamarkismo e, em segundo lugar, a defesa do caráter preventivo em psiquiatria, que alimentava a chama do ideal de higiene mental, tão forte no entreguerras, mesmo que com uma nova roupagem conceitual e política.

Além de Doyle, outro autor brasileiro, o neurologista Antônio Austregésilo, apresentou na *RLAP* seu posicionamento sobre os novos caminhos para a psiquiatria do século XX. Para ele a psicanálise, apesar de fundamental para a compreensão da personalidade, não seria suficiente para desvendar os “segredos da alma humana”. Ele partia do pressuposto de que corpo e alma são elementos indissociáveis, para defender que a nutrição, a reprodução e a consciência ou “eu” (fames, libido e ego) formavam o trinômio essencial da vida, o “*élan vital*” segundo Bergson, portanto essenciais para qualquer análise mental e psicoterapia. Se a nutrição e a reprodução eram consideradas como fundamentais para a manutenção da vida e da espécie, a consciência era vista como a condição maior para a diferenciação do humano dos demais seres vivos. Austregésilo se utilizava de uma “filosofia biológica” para defender que, sendo estes três elementos os “cimentos bióticos da vida”, qualquer tentativa da psiquiatria, assim como da psicologia e outras psicoterapias, de compreender a personalidade do indivíduo, obrigatoriamente precisava passar por eles (AUSTREGÉSILO, 1952: 9-11;15).

Esta teoria da “filosofia biológica”, embasada nos três elementos bióticos da vida, já havia sido discutida anteriormente por ele na revista *Pasteur*, no ano de 1940, no artigo intitulado “A ânsia do maior e do melhor...”, já analisado neste capítulo. Comparando os dois artigos, percebe-se que o posicionamento do autor em relação à influência do fisiológico sobre a esfera do mental permaneceu, porém foi permeado por uma leitura social dos fatores que

afetam as condições de vida dos indivíduos. O método de aproximação escolhido pelo autor para contemplar estas esferas dentro de uma mesma ciência envolvia uma combinação do método psicanalítico com a biotipologia e os estudos médico-sociológicos sobre nutrição, como forma de abarcar os aspectos constitucionais, psicopatológicos e sociais.

No artigo de 1952, Austregésilo concentrava-se na questão da nutrição, destacando o problema da fome como de enorme influência sobre os fenômenos nervosos. Para ele, era “incontestável que a fraqueza da raça, a falta de desenvolvimento do nacional, as afecções nervosas orgânicas e funcionais” (AUSTREGÉSILO, 1952: 12) eram fruto das deficiências nutricionais. Austregésilo unia, em sua análise, uma leitura do conceito de complexo inferioridade, segundo Adler, aplicado à coletividade, com elementos da psicanálise freudiana e as teorias de Kretschmer sobre as interligações entre constituição física e mental, para apontar um novo caminho para a psiquiatria, psicanálise e psicoterapias. Nos artigos de Iracy Doyle e Austregésilo encontramos posicionamentos que buscavam conciliar o aspecto psíquico com o orgânico como um possível viés para a psiquiatria, através da união de medicina clínica somática com a psicanálise.

Nas páginas da revista, também encontramos aqueles que defendiam o uso da psicanálise na psiquiatria como forma de psicoterapia. Um deles era o médico Ivan Ribeiro, do Hospital do Servidor Municipal, no Rio de Janeiro. Este autor, ao defender a psicanálise como forma de terapia para neurose, utilizava elementos da psicanálise de cunho social-marxista defendida pelo psicanalista germano-americano Eric Fromm. No artigo intitulado “Introdução ao estudo do sentimento do tempo perdido”, este autor defendia que, no desenvolvimento do trabalho psicoterápico, o paciente poderia apresentar um quadro de arrependimento e culpa por fatos passados de sua vida, um estado emocional comumente acompanhado pela melancolia, devido ao reconhecimento do “tempo perdido” e não recuperável de sua existência. Ribeiro, em alusão à obra de Proust, usava do termo “tempo perdido” como um conceito psicológico para expressar um sentimento que Fromm definiu como um momento de tomada de consciência e florescimento da culpa, proveniente das “violências exercidas sobre o *self* pela neurose”. Entretanto, a sensação de “tempo perdido” não seria comum apenas na neurose, mas no indivíduo “normal” também se faria presente (RIBEIRO, 1952: 53) No artigo de Ribeiro, ele faz uma aproximação com a literatura de Proust para melhor desenvolver seu conceito de “tempo perdido” e de retomada deste enquanto uma memória involuntária. Seu argumento central era o de que o psiquiatra ou psicoterapeuta para lidar com esta experiência, de maneira menos traumática para o paciente e mais proveitosa para seu tratamento, não poderia abrir mão

do instrumental fornecido pelas teorias psicanalíticas. Porém, estas não seriam utilizadas pelo viés freudiano ortodoxo, mas a partir da leitura realizada por Eric Fromm.

\*\*\*\*\*

Neste capítulo foram analisadas as revistas *Pasteur*, *Psyke* e *Revista Latino Americana de Psiquiatria (RLAP)*, onde Araújo Lima, junto com outros intelectuais, desenvolveu práticas de mediação que visavam contribuir para a divulgação e o debate de novas teorias médico-psicológicas, nas décadas de 1940 e 1950. Nestes periódicos, Araújo Lima como editor, em colaboração com outros médicos e psicólogos como Bermann, Mira y López, Paternostro, Napolitani, procurou criar um espaço para a discussão de temas como o estatuto da medicina enquanto ciência; a relação da medicina com a sociedade; o papel social de seus praticantes; a relação entre medicina e arte, e os debates sobre o dualismo “corpo e alma”. Também foram exploradas questões como a crise epistemológica na medicina mental das décadas de 1940 e 1950, identificada pelos médicos que participaram da revista como fruto da multiplicação e diversificação de tendências e escolas, e suas ideias de como superar tal crise.

Na revista *Pasteur* foram publicados artigos de partidários de uma medicina técnica, pautada no paradigma da microbiologia, defensora da prevalência do físico sobre o moral e altamente especializada; e, por outro lado, também havia aqueles que criticavam este modelo, defendendo um retorno à visão da “arte médica de cura”, uma medicina definida por eles como humanista, holística e científica, porém sem deixar de lado as contribuições da filosofia e das artes para a melhor compreensão da subjetividade do indivíduo e da “natureza humana” como um todo indivisível. Esta visão humanista da medicina influenciava o modo como os médicos pensavam o indivíduo. Este não poderia ser visto simplesmente como o portador de uma doença, mas como uma pessoa cujo equilíbrio vital fora perturbado. O espaço para o debate esteve aberto na revista, apesar de seu editor, Araújo Lima, ser claramente adepto do segundo modelo, e procurar em seus editoriais defender o ideal de uma medicina mais humanizada e menos especializada. Como entre o grupo de consultores e redatores efetivos existiam adeptos dos dois grupos, a escolha dos artigos originais ou a serem reproduzidos na revista contemplava os dois lados da questão.

Esta questão da medicina técnica *versus* medicina como arte de cura estava interligada às mudanças no contexto da prática médica brasileira e internacional, por um lado, marcado pela ampliação dos sistemas estatais e sindicais de assistência médica e por outro pela formação de uma visão empresarial da medicina com a criação de grandes complexos médicos privados.

Neste contexto de disputa por espaço no mercado de trabalho, a posição do médico generalista dedicado ao atendimento familiar se tornava cada vez mais frágil, ao mesmo tempo que era exigido dos novos praticantes de medicina um alto grau de especialização. Nesta revista a relação entre medicina e arte também foi bastante explorada nas mais diversas expressões desta última, como o teatro, a poesia, a fotografia, a pintura, e principalmente por meio da literatura, em contos, críticas literárias etc... Foram analisadas as formas de expressão estética de médicos artistas, assim como os modos de representação da medicina e do indivíduo adoecido e como a arte poderia ser incorporada ao arcabouço médico enquanto prática terapêutica.

Na revista *Psyke*, Araújo Lima, juntamente com o conselho editorial, buscou estabelecer um diálogo entre as três áreas, psicologia, psiquiatria e psicanálise, ao mesmo tempo que indicava a possibilidade de uma maior aproximação entre psicanalistas brasileiros e grupos da psicanálise francesa e italiana. Nas suas páginas, os principais temas debatidos foram a psicologia aplicada, as psicocirurgias, o estatuto da psicologia como ciência humana ou natural, os conceitos básicos da psicanálise, a assistência psiquiátrica em hospitais gerais, a profissionalização da psicologia e o lugar de seus praticantes no mercado de trabalho.

Também vimos que, na década de 1940, médicos e psiquiatras brasileiros, colaboradores das revistas *Pasteur* e *Psyke*, identificavam aquele período como um momento de crise mundial, do ponto de vista político, social, ideológico e científico, que se refletia na prática médica. A cultura e o modelo de civilização ocidental precisavam ser repensados após as duas grandes guerras e, neste quadro mais amplo, para estes médicos, era necessário também repensar a medicina como um todo e, em especial, o papel que a psiquiatria, a psicologia e psicanálise desempenhavam no tratamento dos indivíduos e dos grupos sociais. Nas duas revistas, apropriações e combinações teóricas foram estabelecidas a partir de influências díspares provenientes das diversas escolas psicológicas, da psicanálise, da biotipologia, caracterologia e correntes filosóficas, no intuito de estabelecer novos caminhos para a psiquiatria. Já a década de 1950 foi um período de grande efervescência no âmbito da psiquiatria em alguns países da Europa e das Américas, devido à multiplicação de correntes teóricas e influências interdisciplinares, processo iniciado ainda na década anterior. Esta profusão de novas tendências e abordagens foi vista por alguns psiquiatras como sinônimo de crise, mas por outros como possibilidade de progresso. Neste momento, tinha-se, por um lado, críticas diversas à medicina organicista e, por outro, um grande número de novas propostas de como se fazer psiquiatria.

Neste contexto, a *RLAP* foi publicada por Araújo Lima, Gregorio Bermann e colaboradores com o objetivo de analisar as várias vertentes da psiquiatria, procurando se diferenciar de outras práticas psiquiátricas norte-americanas e europeias, em um movimento de apropriação destes saberes, a partir do contexto local. Eles também buscaram incentivar a produção e circulação de pesquisas desenvolvidas por psiquiatras latino-americanos. Para os psiquiatras participantes desta revista, era fundamental identificar o que eles consideravam como avanços e problemas no campo psiquiátrico das primeiras décadas do século XX, para então apontar correntes teóricas que possibilitassem o desenvolvimento de novas práticas psiquiátricas em países latino-americanos. A *RLAP* surgiu como uma proposta de aproximar e facilitar a circulação do conhecimento entre as comunidades médico-psicológicas de toda a América Latina, o que funcionou parcialmente durante seus primeiros dois anos de circulação. A aproximação entre médicos brasileiros e argentinos foi maior nos primeiros números da revista, tornando-se menos frequente à medida que Araújo Lima se distanciava da publicação. Quanto aos outros países latino-americanos, percebe-se uma participação muito reduzida na publicação de artigos, apesar da presença de representantes de vários países no conselho de redação da revista.

Durante os anos em que a *RLAP* circulou, as principais questões relacionadas à psiquiatria que foram debatidas em suas páginas podem ser resumidas nos seguintes temas: primeiro as discussões sobre o estatuto da psiquiatria como ciência médica, incluindo sua relação com a medicina em geral e seu status de científica. Esta temática, por sua amplitude e relevância entre os psiquiatras, destacou-se na revista como aquela que gerou mais textos, debates e controvérsias. Paralelamente, eram debatidos temas da psicopatologia, como a origem das doenças mentais e neuroses em sua relação com fatores orgânicos e sociais, e propostos uma variedade de tratamentos psicoterápicos, que iam desde as neurocirurgias até o emprego da arte como terapia. A polifonia teórica e ideológica, assim como o hibridismo de conceitos e teorias empregadas pelos autores nas páginas da *RLAP*, torna ainda mais rico e complexo o conjunto das temáticas discutidas nesta revista.

No capítulo seguinte, veremos que Araújo Lima além da escrita de romances e editoração de revistas de divulgação médica, também se dedicou a escrita de biografias médicas (patografias), vistas como expressões literárias, políticas e formas de mediação cultural de teorias médico-psicológicas.

## CAPÍTULO 6

### AS PATOGRAFIAS DE STEFAN ZWEIG E GETÚLIO VARGAS

Neste capítulo procuro analisar as biografias médicas, também chamadas de patografias, assim como as de inspiração psicológica ou psicanalítica, enquanto obras que se diferenciavam dos demais estudos biográficos, por destacar a influência das enfermidades na personalidade e na obra de grandes artistas e personalidades políticas. Defendo que estas, além de obras estéticas e literárias, foram utilizadas por intelectuais mediadores como veículos de circulação de teorias médico-psicológicas, no contexto carioca, das décadas de 1930 a 1950, período de grande produção destes textos no Brasil.

Afim de demonstrar como estes mediadores contribuíram para a circulação das citadas teorias, por meio de estudos biográficos, em um primeiro momento, analiso aqueles que se debruçaram sobre a vida e a obra de Machado de Assis. A ampla produção de biografias sobre o romancista brasileiro, inspiradas em teorias médio-psicológicas, foram fundamentais para o desenvolvimento deste tipo de literatura no Brasil, a partir dos anos de 1930. A análise das patografias e biografias psicanalíticas sobre Machado de Assis me possibilita compreender o contexto mais amplo de produção e circulação deste tipo de escrita no Brasil, desde o seu auge na década de 1930, até o surgimento de vertentes críticas a este tipo de produção científico literária, entre as décadas de 1940 e 1950.

Em seguida, analiso duas patografias produzidas por Araújo Lima – *Ascensão e queda de Stefan Zweig* (1942) e *Mito e Realidade de Vargas* (1955) – que se inserem neste contexto. Comparando estas as duas biografias escritas por Araújo Lima, podemos perceber que a análise que o autor fez da personalidade de Zweig está basicamente referenciada pelas teorias de Kretschmer. Por outro lado, na patografia de Vargas, o autor utilizou novos elementos teóricos, como a psicanálise e o marxismo, para pensar o biografado em relação ao contexto histórico em que ele estava inserido. Nas duas biografias, percebe-se um esforço do autor em se adequar ou superar os aspectos mais comumente criticados nas patografias, a partir dos anos de 1940, o desprezo ao elemento criativo na análise dos artistas e a dissociação entre o indivíduo e a sociedade.

No ensaio biográfico sobre Vargas ele buscou superar este último aspecto, de maneiras diversas: mesclando as teorias de Kretschmer com a de outros autores do campo da caracterologia e, ao mesmo tempo empregando o materialismo histórico combinado às ideias



de outros autores das áreas da filosofia e da psicologia, como fios condutores de sua análise. Para compreender a utilização deste método de análise por Araújo Lima, nesta obra, precisamos considerar sua aproximação, a partir de 1951, do grupo de médicos argentinos ligados ao comunismo, que participaram da *RLAP*, dentre eles Gregorio Bermann, apresentado no capítulo anterior, que empregavam em sua análise como principais referências, o materialismo dialético e histórico.

O fato destas duas obras terem sido produzidas, com um intervalo de mais de dez anos, marca contextos políticos e sociais diversos e momentos do itinerário profissional do autor, também, diferentes. O que torna sua análise comparada um desafio. Entretanto, tal empreitada mostra-se proveitosa pois possibilita uma melhor compreensão das mudanças e permanências ocorridas no projeto intelectual de Araújo Lima. Ao mesmo tempo, procuro identificar suas influências teóricas, em cada uma destas obras, assim como seu posicionamento político, frente aos contextos de produção de cada um dos livros.

## 6.1 Patografias e biografias psicanalíticas

Os temas da genialidade e da influência da hereditariedade na inteligência, muito discutidos entre intelectuais brasileiros na primeira metade do século XX, não constituíam, entretanto, uma novidade no âmbito de discussões da psiquiatria e psicologia que já tratavam de tais questões desde o século XIX.<sup>114</sup> Porém, podemos afirmar que no contexto brasileiro a circulação dos estudos de Kretschmer, sobre tipos psicofísicos e a genialidade, como também de outros teóricos, foi fundamental para reavivar o interesse pelo estudo dos “gênios”, e a produção de biografias sobre eles. Nestas produções os gênios são analisados como um tipo humano excepcional, reacendendo a polêmica sobre o lugar de tais indivíduos em uma escala de variação entre o “normal e o patológico”.

---

<sup>114</sup> Um dos autores que contribuíram no século XIX para os estudos sobre as habilidades intelectuais humanas foi o antropólogo Francis Galton (1822-1911). Ele estava interessado em comprovar a transmissão hereditária de tais habilidades, influenciado pela obra de Darwin, *Origem das espécies* (1859). Em seu livro *Gênio Hereditário* (1869), Galton concluiu que a transmissão das “altas habilidades mentais” – o gênio – era maior entre famílias que gozavam da melhor reputação na sociedade inglesa, cunhando a partir daí o termo eugenia, significando “bem nascido”, em 1883. Os estudos de Galton influenciaram no desenvolvimento da psicologia diferencial inglesa e da eugenia como uma ciência autônoma (PORTUGAL, 2005: 108-109), que manteve uma estreita relação com a psiquiatria nos séculos XIX e XX. Na psiquiatria do final do século XIX temos os estudos de Lombroso sobre *Gênio e loucura* (1874) e Möbius sobre Rousseau (1889), Goethe (1890, 1898), Schopenhauer (1899) e Nietzsche (1900) (LANG, 2017). No início de XX, também se dedicaram a esta temática os médicos Ferdinand Probst, *Edgar Allan Poe*, de 1906; Reibmayr, *Die Entwicklungsgeschichte des Talentes und Genies* (História evolutiva do talento e do gênio), de 1908; Sadger, *Konrad Meyer, eine pathologisch-psychologische studie*, de 1908; Freud, Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910); Kretschmer, *Körperbau und Charakter* (Físico e Caráter), de 1921; Lange-Eichbaum, *Genie, Irrsinn und Ruhm* (Gênio, loucura e fama), de 1928.

Assim, as patografias, um gênero muito antigo da literatura médica, baseado no estudo descritivo de casos clínicos, ou, dito de outra forma, variações da narrativa biográfica que buscavam analisar o sujeito sob a ótica do seu adoecimento, ganharam um maior destaque na literatura de divulgação científica nas primeiras décadas do século XX. Araújo Lima, dentre outros intelectuais brasileiros, dedicou-se a produção deste tipo de literatura, de maneira que é imprescindível apresentar o contexto em que este estilo literário e médico se desenvolve, especialmente no Brasil.

Surgida na segunda metade do século XIX, a patografia moderna diferenciou-se do modelo clínico clássico de análise de qualquer indivíduo adoecido para se debruçar no estudo de um grupo específico – os intelectuais e artistas considerados gênios criativos –, assumindo um tom generalizante e estigmatizante, ao mesmo tempo em que se tornava uma forma de divulgação e popularização das teorias médicas na Europa. Psiquiatras e psicanalistas desenvolveram estudos de caso da psiquê dos gênios, considerados como indivíduos excepcionais, que envolviam investigações de aspectos da sua vida familiar, sexualidade e também sua produção artística. No contexto literário europeu, em particular no de língua germânica, a antropologização e a idealização eram as duas principais características presentes nas narrativas biográficas. A primeira buscava aproximar os indivíduos “geniais” dos indivíduos comuns, e a segunda exaltava a diferença entre indivíduos “excepcionais” e o restante da sociedade. Nos estudos de caso produzidos por psiquiatras e psicanalistas existia assim uma tendência para a generalização, onde o estudo das personalidades de artistas e intelectuais era utilizado como ilustração para a defesa de teorias médicas já estabelecidas que poderiam ser aplicadas à população em geral (LANG, 2017: 54-57).

O psiquiatra alemão Paul Julius Möbius foi um dos primeiros autores a procurar identificar estigmas de degeneração na obra, no corpo e na genealogia de escritores famosos, analisando-os na forma de patografias. Estas eram informadas pelas modernas teorias médicas, que buscavam mapear características físicas correspondentes a traços do caráter. Este tipo de estudo tinha como principal função divulgar as mais recentes teorias médicas para um público mais amplo de uma forma simples e atrativa, considerando que, no final do século XIX, se formava um público ávido por informações da vida particular dos “homens célebres”. Entre a classe média germânica, Möbius, que foi profundamente influenciado em seus trabalhos pelos estudos desenvolvidos por Emil Kraepelin, seu amigo de longa data, baseou sua análise nos tipos de personalidade psicopática defendidas por Kraepelin: o criminoso nato, o mentiroso patológico, os querelantes e os compulsivos (LANG, 2017: 58-59).

A patografia do romancista e poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), realizada por Möbius, é representativa deste estilo literário ressignificado no século XIX para representar e explicar, a partir da análise do peculiar, as características do comportamento humano em geral. Na obra *Über das Pathologische bei Goethe*, publicada em 1890 e reorganizada em 1898, o psiquiatra alemão analisava a incidência e representação da doença mental na vida e obra de Goethe, desenvolvendo uma narrativa biográfica do escritor e sua família estruturada sobre o tema da degeneração. Uma complementação deste trabalho foi publicada pelo autor em 1903, onde este fez uma análise ainda mais centrada em características biológicas de Goethe, correlacionando-as a dados biográficos. Ele observava o formato da face, formas de expressão fisionômica, detalhes morfológicos, tendo como grande influência os estudos do neuroanatomista e craniologista Franz Joseph Gall (1758-1828). Esta linha de interpretação desenvolvida por Möbius, na patografia sobre Goethe, Friedrich Nietzsche (1902) e sobre o compositor Robert Schumann (1906), dentre outros, foi bastante criticada entre a *intelligentsia* alemã, que viu tal iniciativa como uma forma de denegrir e estigmatizar como degenerados autores então considerados como representativos da mais alta cultura alemã (LANG, 2017: 59-61).

A virada do século XX foi marcada, também, pelo desenvolvimento de outras abordagens analíticas na escrita de patografias, que buscavam combinar elementos da psiquiatria com as teorias de Freud, além, é claro, das patografias de cunho psicanalítico propriamente dito, desenvolvidas pelo próprio Freud<sup>115</sup> e alguns de seus discípulos, como Otto Rank. O médico e psicanalista austríaco Isidor Sadger (1867-1942), discípulo de Freud que tinha grande preocupação com a questão da sexualidade, foi um dos primeiros a empregar as teorias da psicanálise em combinação com teorias psiquiátricas sobre degeneração. Ele utilizou as teorias psicanalíticas para estudar a personalidade dos indivíduos considerados “gênios”, devotando boa parte de sua obra à análise da representação da degeneração na literatura moderna. Ele defendia que muitos dos poetas que se tornaram famosos antes de 1870 eram degenerados, mesmo que eles buscassem ocultar isto em suas obras. Enquanto que, por outro lado, os escritores modernos, sendo predominantemente sãos, posavam de doentes, tirando daí boa parte de sua audiência. Para ele, o “nervosismo”, como uma suposta característica dos poetas, não passava de uma idealização da doença mental e identificação dos modernistas para com esta, enquanto estratégia de auto representação. Sadger adotou em suas obras, como

---

<sup>115</sup> As principais obras de Freud que tratam da genialidade são os estudos biográficos sobre Leonardo da Vinci (1910), já citada, seguida pelos textos *Moisés de Michelangelo* (1914) e *Dostoiévski e o parricídio* (1928).

modelo analítico, a história de vida dos escritores, desvinculando-se de uma análise estritamente biológica como a realizada por Möbius. As patografias escritas por ambos foram criticadas por intelectuais do período, por não levar em conta a criatividade e a fantasia nas obras de seus biografados, interpretando os elementos estéticos da ficção apenas como sinais de adoecimento e degeneração (LANG, 2017: 63-65).

Por meio da pesquisa em jornais e revistas, percebe-se que no Brasil, a década de 1930 ficou marcada como um período de ampla circulação de exemplares deste gênero literário – as patografias – provenientes da França, Inglaterra, Alemanha e países latino americanos, assim como pela publicação de livros nacionais e ensaios inspirados por este tipo de narrativa. Estes foram divulgados em propagandas e resenhas publicadas em jornais de circulação diária, periódicos de divulgação científica, revistas femininas, todos voltados para a formação de um público leitor não especializado em medicina, mas que, desde a metade da década de 1920, vinha sendo educado e incentivado a tornar-se um consumidor de ideias, teorias e interpretações psicológicas tanto por médicos como por escritores leigos.

As patografias e biografias psicológicas e psicanalíticas sobre Machado de Assis, são um exemplo demonstrativo da ampla circulação deste tipo de obra literária, desde os anos de 1930, no Distrito Federal. Dentro do proposto neste capítulo, a análise destas obras possibilita: primeiro, compreender o contexto de produção deste tipo de biografia, onde as obras de Araújo Lima se inserem a partir da década de 1940. Segundo cotejar a circulação de várias teorias médico-psicológicas, a partir das patografias, e por fim, analisar a aproximação dos saberes “psi” com a literatura. Por meio da análise das patografias sobre Machado de Assis, observo que médicos, ao escreverem patografias sobre literatos, políticos e artistas famosos, se utilizaram de elementos extraídos das suas vidas e obras para definir a personalidade destes e assim exemplificar e popularizar suas teorias médico-psicológicas. Ao mesmo tempo, escritores e críticos literários desenvolviam biografias que mobilizavam teorias do campo da psiquiatria, psicologia e psicanálise.

Ao longo de todo o século XX e até a atualidade, as análises sobre a vida e obra de Machado de Assis renderam assunto para estudos acadêmicos, críticas literárias e biografias, dentre outras produções, sob os mais diversos prismas analíticos e ideológicos, servindo inclusive como base para se tratar de temas vários, desde a política e economia nacional, a produção artística, questões de gênero, racismo e escravidão etc... Segundo Hélio Guimarães, desde a década de 1870, foram raras as personalidades intelectuais brasileiras que não se pronunciaram sobre Machado de Assis e sua obra, ganhando este autor certa projeção

internacional a partir da metade do século passado. Segundo os levantamentos realizados por estudiosos da obra machadiana como José Galante de Sousa, Jean-Michel Massa e Ubiratan Machado foram produzidos cerca de 3.200 itens, entre livros, capítulos, resenhas, artigos e outros sobre o escritor entre os anos de 1857 e 2003, o que constitui um conjunto numeroso e diversificado compondo a fortuna crítica mais ampla, longa e complexa da literatura brasileira (GUIMARÃES, 2017: 12). Entre os anos de 1930 e 1960 encontram-se dois marcos relevantes para a produção de narrativas sobre Machado de Assis. O primeiro é o ano das comemorações do seu centenário de nascimento, 1939, e o segundo marca cinquenta anos de sua morte, em 1958. Nestes dois momentos, no contexto das comemorações e efemérides em homenagem ao escritor, percebe-se um significativo crescimento do número de produções literárias a seu respeito, principalmente do tipo biográfico.

Dentre as variadas facetas de Machado de Assis, apresentadas neste amplo acervo, as produções que focalizavam o aspecto físico e moral do escritor pelo viés da enfermidade, começaram a ser produzidas nos anos de 1930. Neste contexto em que as patografias também começavam a circular e ser comentadas com maior frequência na imprensa carioca, o autor de *Dom Casmurro* foi o romancista brasileiro mais analisado sob o viés médico-psicológico. Ao mesmo tempo, as biografias sobre Machado de Assis nos possibilitam observar de perto o auge das patografias no Brasil, entre os anos de 1930 e 1940, com seus principais intelectuais mediadores, e o surgimento de vertentes críticas a estas entre o final dos anos de 1940 e início da década seguinte. A construção do mito de Machado de Assis como patrono da literatura brasileira, nas primeiras décadas do século XX, somado às particularidades de sua vida e obra, o transformaram na figura ideal para o desenvolvimento de obras biográficas, inclusive as patografias, situação semelhante à de Goethe no âmbito da literatura alemã. Segundo Guimarães, estas análises se deram principalmente ao longo dos anos de 1930, período marcado internacionalmente pelos estudos biográficos e pelas análises sedimentadas na psicologia, psicopatologia (GUIMARÃES, 2017: 12-16) e na psicanálise. Nestas, elementos destes campos do conhecimento médico-psicológico se combinavam para explicar a personalidade do indivíduo e sua produção artística a partir de características físicas, psíquicas e também pelas correlações entre o adoecimento e a produção criativa.

Dentre as narrativas biográficas que seguiram o estilo da patografia, algumas focalizavam a enfermidade como elemento central para compreender Machado de Assis e sua obra, enquanto outras reconstruíam a personalidade do autor a partir de seus personagens, de maneira que a doença passava a ser apenas mais um elemento analítico na constituição da figura

machadiana. Analiso algumas destas patografias, biografias e críticas literárias sobre o autor, com o intuito de identificar as influências teóricas destas produções e compreender como estas mobilizaram todo um segmento da literatura brasileira – o biográfico – marcando-o e o transformando ao longo das décadas de 1930 a 1950.

Dentro do contexto mais amplo de produções sobre Machado de Assis temos, em linhas gerais, duas tendências que possibilitam agrupar estas obras: a primeira, iniciada ainda durante a vida do autor, construiu a figura do escritor de exceção cujas obras não se adequavam às expectativas e produções literárias vigentes na segunda metade do século XIX. Os principais expoentes nesta direção foram Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo. A segunda tendência se desenvolveu já nas primeiras décadas do século XX, com a constituição da figura de Machado de Assis como mito nacional (GUIMARÃES, 2017: 19). As conferências realizadas por Alfredo Pujol entre 1915 e 1917, assim como umas das primeiras biografias do escritor publicada, em 1921, por Alberto Oliveira e Jorge Jobim procuraram construir a imagem do grande escritor nacional, o mestre da literatura brasileira, o fundador da ABL. Segundo Guimarães, este viés interpretativo ganhou maior fôlego a partir da década de 1930, com o investimento do Estado Novo na imagem de Machado de Assis, enquanto representativo da intelectualidade e do povo brasileiro. Em conexão com esta linha de análise destacam-se obras como as de Augusto Meyer, Astrogildo Pereira, Lúcia Miguel Pereira e Eugênio Gomes, produzidas entre os anos de 1930 e 1950 (GUIMARÃES, 2017: 19-20). Porém, o que é pouco mencionado e praticamente não foi analisado sobre o biografismo deste período da crítica machadiana são as patografias sobre o autor, que corriam em paralelo ao viés acima citado, desconstruindo em parte o mito, ao humanizar e generalizar a personalidade do escritor.

Um dos primeiros trabalhos sobre a vida e obra do autor de *Dom Casmurro* que segue o viés da patografia foi escrito por Américo Valério e publicado em 1930, sob o título de *Machado de Assis e a psicanálise*. Neste, o autor descreve Machado de Assis como o “espírito mais incompreendido e incompreensível do ambiente nacional”. Para Valério, o escritor era “portador de latente psicose epiléptica”, agravada pela herança mista alcoólica e sífilítica que predispunha ao câncer, o que, somado ao fato de ser descendente de negros e muito pobre e desamparado durante a infância, poderia explicar seu “retraimento e submissão, que sempre foram o apanágio de sua existência torturada, impondo-lhe o caráter discreto, tímido e concentrado”, o que, porém, mal dissimulava uma “alma indomável” (VALERIO, 1930: 12-13).

Este autor utilizava como referência teórica para sua análise os trabalhos de Freud, apontando Machado de Assis como “avô do freudismo” no Brasil, para demonstrar que, desde o início de sua carreira literária, o escritor condensou em suas obras, e mais especificamente na constituição do “subconsciente” de seus personagens, elementos característicos de seu próprio adoecimento. Tais personagens eram descritos como repletos de emoções, “impulsões conscientes e inconscientes” (sic), obsessões e alucinações, enquanto frutos de uma “alma anormal” e da observação de tipos patológicos que o escritor retirou da “tragicomédia humana” (VALERIO, 1930: 15-16).

As observações que Valério desenvolveu sobre Machado de Assis, enquanto um estudo de caso, lhe serviam de oportunidade para apresentar uma leitura própria sobre os conceitos de “normalidade” e “anormalidade” pelo viés da psicanálise. Para ele, a dificuldade na diferenciação entre estes dois conceitos se dava principalmente pelo fato da maioria das pessoas se encontrarem em um estado fronteiro, nestes casos as emoções recalcadas se manifestariam através das aptidões literárias, artísticas e científicas. Porém, segundo o autor, no caso de indivíduos considerados “anormais”, como Machado de Assis, tais aptidões viriam acompanhadas de obsessões, alucinações, ideias delirantes, dissociações de consciência e personalidade. Seriam exemplos de tal condição personagens da obra machadiana como Quincas Borba, Luiz Garcia e Brás Cubas, enquanto “decalques exatos do próprio Machado de Assis” (VALERIO, 1930: 15-17).

Seguindo um viés diferente do apresentado por Valério, o crítico literário Augusto Meyer (1902-1970) publicou em 1935 um livro composto por dez artigos sobre Machado de Assis. Neste estudo, segundo apontava o diplomata e escritor Alberto da Costa e Silva, ao prefaciar a obra, Meyer apresentava uma visão bem diferente da que então prevalecia sobre o escritor, pois, em lugar do céptico criador de *Dom Casmurro*, a figura de Machado de Assis construída pelo crítico gaúcho era a de um escritor que, nas entrelinhas de suas obras, mostrava-se aos seus leitores como “um ser subterrâneo, demoníaco, trágico, perverso no seu ódio à vida, um monstro cerebral que esfolava com cuidado e perfeição as suas criaturas” (COSTA E SILVA, 2008:10). Em o “Homem Subterrâneo”, primeiro capítulo do citado livro, Meyer observava que o que estava presente na escrita de Machado, por trás da graça incomparável com que manipulava as palavras, sempre cheias de “perfidias finas”, era um indisfarçável “pírronismo niilista” presente na raiz de seu pensamento. Para o crítico, o criador de Brás Cubas era a imagem e semelhança de sua criação, “um homem perdido em si mesmo, isto é, engaiolado

na autodestruição do seu niilismo”. Comparado ao homem subterrâneo de Dostoievski, Machado carregava consigo “um ódio entranhado da vida” (MEYER, 2008: 15-16).

Nesta análise psicológica do romancista a partir de sua obra, Meyer defendia como regra no estudo da personalidade dos escritores de ficção o fato de que estes “se confessam através das encarnações imaginárias, indiretamente, com uma sinceridade mais honesta do que na correspondência ou nos cadernos íntimos”. Assim, a leitura desenvolvida por Meyer sobre Machado e sua obra procurava demonstrar que existia, sob o verniz do escritor “sereno, amigo do equilíbrio e da moderação, cético, atento e amável, quase anatoliano”, um outro Machado de Assis, camuflado sob suas atitudes que não passariam de uma simples aparência (MEYER, 2008: 19-20). A análise desenvolvida por Meyer sobre Machado faz um caminho inverso aos demais autores de biografias. Ele parte dos aspectos psíquicos e morais do adoecimento do escritor, para alcançar o elemento físico. Para Meyer, o adoecimento do criador de Brás Cubas era em sua essência o drama moral de uma “consciência doentia”, alheia a própria vida, combinado a um niilismo autodestrutivo que o condenava a uma existência estéril, acre, uma espécie de morte em vida (MEYER, 2008: 197). A visão de Meyer, como a de Valério, apresentada anteriormente, foi fundamental para trabalhos posteriores, pois construía uma figura de Machado de Assis mais humana, e ao mesmo tempo, possibilitava pensar o escritor como uma alma cindida, em permanente conflito entre seu temperamento e o caráter que deixava transparecer.

Partindo desta abordagem humanizada, no ano seguinte à publicação do livro de Meyer, a crítica literária Lúcia Miguel Pereira publicou *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*. Para a autora, a personalidade do homem Machado de Assis e do escritor estariam marcadas pela origem pobre, pela cor da pele, a epilepsia e o temperamento nervoso. Algo que o escritor, sempre discreto, teria confessado por meio de seus personagens e de sua obra. Assim como Meyer, ela defendia a ideia de que Machado de Assis não foi quem tentou aparentar ser, pois, por trás da figura oficial do homem polido, culto, educado, frio e indiferente, estava sua alma “escondida sob uma carapaça de impassibilidade”. Entretanto, seus escritos seriam reveladores do verdadeiro Machado de Assis, de maneira que não seria “possível estudar a obra sem estudar-lhe a vida, sem procurar entender-lhe o caráter” (PEREIRA, 1988: 20-22).

“Tendo de lutar contra a inferioridade da educação, de sopitar impulsos de nevropata, de desmentir o proverbial espevitamento do mestiço, querendo impor-se aos brancos, aos bem-nascidos, Machado de Assis num movimento instintivo de defesa, tratou de se esconder dentro de um tipo, que não era bem o seu, mas que lhe representava o ideal: o homem frio, indiferente, impassível. Meteu-se na pele dessa



personagem, crendo sem dúvida que se elevava, na realidade amesquinhando-se, esquecido de que seus livros o traíam ou o salvavam” (PEREIRA, 1988: 25).

Para Pereira, a doença foi um aspecto marcante tanto na vida como na obra de Machado. Seu retiro forçado em Nova Friburgo para convalescer do esgotamento nervoso e de problemas oculares e intestinais, entre outubro de 1878 e março de 1879, marcaria uma revolução em sua escrita, pois este seria o hiato entre o “romancista medíocre” em *Iaiá Garcia* e o “grande romancista” em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A análise da autora sobre a personalidade de Machado toma como aspecto central a caracterização deste enquanto um nevropata, embasada na ideia defendida por Adler, em seu livro *Le tempérament Nerveux*, de que era a insegurança que impulsionava o nervoso para o campo da ficção. As tentativas de compensar tal sentimento se dariam por meio da criação de um “ideal de personalidade, síntese de todos os dons e de todas as possibilidades de que se julga frustrado” (PEREIRA, 1988: 25; 168).

A esquizofrenia e a epilepsia, ainda segundo Pereira, seriam os dois diagnósticos marcantes na personalidade do criador de Quincas Borba e de certa forma explicativos da sua obra, profundamente influenciada por estes. Para a autora, a vida reclusa de Machado somada aos inúmeros tipos mórbidos presentes em sua obra representava vestígios contundentes de tendências esquizoides. Neste ponto, Pereira utilizava os trabalhos da psiquiatra de origem polonesa Françoise Minkowska (1882-1950) para apontar características predominantes dos esquizoides como a “hiperestesia, a anestesia afetiva, o autismo e o desinteresse pela realidade acompanhado de uma predominância relativa ou absoluta da vida interior” (PEREIRA, 1988: 82) que também estavam presentes na vida e na obra de Machado. Ao mesmo tempo, a autora defendia que, sendo Machado de Assis acometido por ataques epilépticos, o escritor apresentaria uma constituição do tipo epileptoide ou gliscróide<sup>116</sup> que era marcante em seu temperamento, aparecendo como o “apego aos mesmos hábitos e a volta aos mesmos temas” além da “afetividade viscosa e colante”. Ainda segundo as pesquisas realizadas por Minkowska, o fator epiléptico abrandava a esquizoidia, pela interferência da necessidade de apoio frente ao anseio por se isolar. Assim Machado de Assis teria vivido em um constante conflito entre estas

---

<sup>116</sup> O tipo de constituição gliscróide ou epileptoide foi definido por Minkowska ao desenvolver pesquisas genealógicas em um asilo de Zurich sob a direção de Bleuler. Ela pesquisou famílias de lavradores suíços, cuja ascendência conhecida mais antiga havia sido de epilépticos ou esquizofrênicos, concluindo, a partir deste estudo, que existiria um fator de regeneração na natureza que poderia contrabalançar os efeitos da degeneração. Com base nestes estudos, ela escreveu a patografia *Van Gogh, sua vida, sua moléstia, sua obra*, publicada em 1932, também se posicionou contra a lei de esterilização compulsória, defendida pelo psiquiatra alemão Ernest Rüdin no Congresso Internacional de Higiene Mental, realizado em Paris, em 1937. Ver: YAHN, 1952.

duas forças díspares, não podendo compartilhar nem se afastar totalmente da realidade ao seu redor (PEREIRA, 1988: 82-83).

A questão da mestiçagem é outro ponto que se destaca na leitura que a autora fez sobre a personalidade de Machado de Assis. Este era descrito por Pereira como um “racionalista que tinha laivos de animista, do animismo do homem primitivo, herança talvez de seus avós africanos”, e ao mesmo tempo “um digno descendente dos portugueses e representante da mestiçagem brasileira”. Uma visão não tão negativa da mestiçagem, baseada na ideia da existência de um temperamento das raças (GUIMARÃES, 2007: 21-22).

Outro livro sobre Machado de Assis foi publicado em 1938, pelo médico, jornalista e intelectual mediador Peregrino Jr., sob o título de *Doença e constituição de Machado de Assis*, onde este desenvolvia uma patografia do escritor. Neste período, seu renome como biotipologista começava a se popularizar entre os leigos. Isto ocorreu, em parte, pelas matérias publicadas em revistas de variedades e jornais, desde o início da década de 1930, e pelos seus primeiros livros sobre a temática, ambos lançados em 1936, *Interpretação biotipológica das artes plásticas* e *Biotipologia e Educação*.<sup>117</sup>

Em uma das colunas de crítica literária de *Vamos Lêr!*, o livro *Doença e constituição de Machado de Assis* foi apresentado, dentre outros lançamentos no mesmo período, como “um estudo bastante completo do temperamento de Machado de Assis”, escrito por uma “indiscutível autoridade de biotipologista”. Segundo o comentário publicado na citada revista, o autor analisou o “temperamento mórbido” do romancista, concluindo que este era composto por um “componente esquizoide, de caráter normal e um componente gliscróide,<sup>118</sup> de caráter patológico”. Tal diagnóstico levava em consideração os antecedentes familiares do romancista, assim como suas relações com amigos e conhecidos, o apego à cidade natal, o comportamento tímido, “a perda inesperada e rápida do controle pessoal, a ambivalência do pensamento e do sentimento”, assim como suas preferências sexuais por olhos, braços e cabelos das mulheres que revelavam a existência de complexos freudianos, juntamente com a repetição anormal de nomes e episódios em sua obra e a preocupação excessiva com a loucura na elaboração de seus personagens, o que fez da obra do romancista uma galeria “variada, complexa e numerosa” de

---

<sup>117</sup> O livro *Biotipologia e educação* foi publicado pela Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social, reunindo palestras apresentadas pelo médico a professores primários, no ano anterior. Nestas palestras, ele defendia a importância de os professores conhecerem as relações entre o temperamento, caráter, constituição e o *habitus* de seus alunos, para o melhor desenvolvimento de sua tarefa educativa.

<sup>118</sup> Em torno do uso do conceito de gliscróide para definir a personalidade de Machado de Assis, houve uma certa polêmica, pois Peregrino Jr., na introdução de seu livro, em 1938, reivindicava para si a primazia de seu emprego em um artigo publicado em *O Jornal* de 8 de julho de 1935, ressaltando que a escritora Lúcia Miguel Pereira, na biografia sobre o romancista, o utilizava sem um maior aprofundamento da questão.

psicopatas (PEREGRINO JR., 07/07/1938: 15). Segundo Peregrino Jr., Machado de Assis “teve da loucura, até certo ponto, uma visão antecipadora: compreendeu agudamente os dramas humanos e morais dessas inversões e deslocamentos arbitrários da razão, que subvertem o espírito sem apagá-lo nem suprimi-lo” (PEREGRINO JR., 13/10/1938: 17-18).

Neste livro, Peregrino Jr. procurava combinar a componente gliscróide ou epileptoide com o temperamento esquizoide para explicar não só o comportamento de Machado de Assis, como a sua obra. Ele observava que os antecedentes hereditários do autor, apesar das raras informações sobre sua família, apontavam para dois estigmas, o da morte prematura e o da esterilidade. Caracterizando-o com um tipo físico leptossômico com um certo grau de displasia, através da análise de algumas fotografias do escritor e mesmo da estátua erguida em sua homenagem. Quanto ao humor e afetividade de Machado de Assis, o autor defendia a ideia de que a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, as obras do escritor refletiam a profunda tristeza e a melancolia, assim como uma tendência para o niilismo, o masoquismo e o sadismo, como também assinalava Augusto Meyer. Segundo Peregrino Jr. esta mudança humoral devia-se ao agravamento da epilepsia afetando diretamente suas características psicológicas assim como sua produção literária (PEREGRINO JR., 1976: 41-46; 122).

Em 1939, por ocasião das comemorações do centenário do nascimento de Machado de Assis<sup>119</sup>, além das novas publicações sobre a vida e a obra do escritor, foi realizada uma exposição com documentos e depoimentos inéditos sobre o autor. Tais festividades, organizadas principalmente pelo Instituto Nacional do Livro em parceria com outras instituições, foram encampadas pelo Estado Novo, que no período investia em políticas culturais que, dentre outros objetivos, visavam à construção de novos mitos nacionais, o que influenciou a constituição da imagem oficial do escritor neste período (GUIMARÃES, 2007: 16).

Durante as citadas comemorações do centenário de Machado, a *Revista do Brasil* dedicou um espaço especial, nos números de junho e julho, para homenageá-lo; nestes números foram publicados artigos de Almir Andrade, Lia Correa Dutra, Aurélio Buarque de Holanda, Alceu de Amoroso Lima, dentre outros.<sup>120</sup> Também foram publicadas novas edições de biografias de Machado e lançados novos livros.<sup>121</sup> Dentre eles, é considerável o número de

---

<sup>119</sup> Segundo Jean-Marie Goulemot e Éric Walter a comemoração é uma estratégia de construção de uma memória coletiva que busca relacionar o presente a uma leitura do passado legitimada por determinados grupos sociais, políticos, científicos etc... para que o acontecimento festejado esteja ligado às regras de uma memória nacional homogênea e reconfortante. Ver: GOULEMOT; WALTER, 1997: 355.

<sup>120</sup> Ver: ANDRADE, 1939; DUTRA, 1939; HOLANDA, 1939.

<sup>121</sup> Ver: ABREU, 1939; BITTENCOURT, 1939; COELHO, 1939, dentre outros.

trabalhos que, entre 1939 e 1941, se dedicaram a explicar a vida e a obra do autor brasileiro sob o fundamento de teorias psiquiátricas e psicanalíticas.<sup>122</sup>

Dentre estes últimos, destaco o artigo do neurologista Antônio Austregésilo, então presidente da ABL, que também foi publicado em 1939, na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, sob o título de “Alguns aspectos psicológicos de Machado de Assis”. Neste artigo, originalmente apresentado como conferência naquela instituição, o médico procurava analisar Machado de Assis sob os seguintes aspectos: o fato de ser mestiço, a enfermidade e a produção literária. Diferente de Peregrino Jr., que não mencionava a questão racial na análise da morfologia do escritor, Austregésilo ia direto ao ponto, refutando as teorias e autores defensores da pureza racial e da ideia de que a mestiçagem era sinônimo de degeneração. Para ele, estava comprovado que Machado de Assis, assim como outros mestiços brasileiros que se destacaram, estavam mais próximos da genialidade do que da degeneração. Em relação à análise do temperamento do escritor, Austregésilo concordava totalmente com a classificação apresentada por Peregrino, porém incorporando mais um elemento analítico, o estudo grafológico dos escritos de Machado. Para o neurologista, por meio do estudo da grafologia e da fisionomia, componentes da caracterologia, seria possível compreender a “sensibilidade, vontade, inteligência e o caráter” de um indivíduo. Para finalizar ele observava que a presença constante de tipos mórbidos, psicopatológicos, entre os personagens de Machado de Assis serviam-lhe como locutores de sua filosofia, possibilitavam ironizar a tudo e a todos, tal qual Cervantes em *Dom Quixote* e Shakespeare em *Hamlet*. Em sua análise, o neurologista concluía que Machado de Assis foi, além da “maior expressão literária brasileira”, “um redentor das raças” (AUSTREGÉSILO, 16/07/1939: 6).

Já no ano de 1958, em que foram lembrados os cinquenta anos sem Machado de Assis, uma nova onda de publicações e reedições biográficas sobre o escritor pode ser observada. Trabalhos como os de Augusto Meyer (1935) e Astrojildo Pereira (1939) foram ampliados e reeditados; o livro de Lúcia Pereira (1936) que já havia alcançado sua quinta edição em 1953 com algumas reformulações recebeu bastante destaque, e novas obras foram publicadas entre aquele ano e o seguinte, como as de Octávio Brandão, Eugênio Gomes, José Galante de Sousa, dentre outros.

Concomitantemente ao desenvolvimento deste tipo de produção biográfica, as críticas às patografias foram crescendo, entre o final dos anos de 1930 e ao longo dos anos de 1940.

---

<sup>122</sup> Ver: AUSTREGÉSILO, 1939; JUCÁ FILHO, 1939; ALMEIDA, 1939; PONTES, 1939; MATOS, 1939; DOMINGUES, 1941.

Tais críticas seguiam duas vertentes principais, a primeira, surgida ainda no final do século XIX, que acusava estas análises de desprezarem o potencial criativo dos artistas e outra, mais recente, que apontava para o fato da trajetória e obra dos biografados, assim como seu perfil psicológico, serem estudados isoladamente do contexto social e histórico em que viveram. Esta última vertente prevaleceu, inicialmente, entre críticos e escritores simpatizantes do marxismo e defensores do materialismo histórico.

No Brasil, o ensaio do crítico Astrogildo Pereira, de 1939, intitulado “Machado de Assis, Romancista do Segundo Reinado”, foi um dos primeiros trabalhos sobre o escritor a apresentar um viés que foge ao modelo da patografia ou da biografia estritamente assentada em análises psicológicas da vida e obra do autor, adotando uma leitura marxista que enfatizava a relação entre a produção literária de Machado e o contexto político e social brasileiro do Segundo Reinado. Ele define o escritor brasileiro como uma “singular junção de contrastes” pois era tímido, pacato e comedido, e no entanto, um “autêntico homem forte”; era “solitário, encaramujado, pessimista” e ao mesmo tempo gozava de um amplo círculo social entre os intelectuais cariocas; era “um enfermo constitucional, mas sua existência decorreu toda ela normalmente, com a saúde equilibrada”. O escritor é apresentado como um desdobramento do homem do povo, como um dos mais característicos da literatura nacional brasileira. Em sua obra estaria representada, segundo o crítico, a tessitura do meio social brasileiro do período histórico em que sua obra foi produzida. A literatura, mais do que o reflexo do seu criador, é tomada como um espelho do contexto em que foi produzida (PEREIRA, 1959: 13-17).

Outros autores brasileiros, como Otávio Brandão, procuraram desenvolver uma crítica às biografias de Machado de Assis produzidas nos anos de 1930 e 1940, utilizando o viés da análise marxista. Em 1958, ele publicou o ensaio crítico e biográfico intitulado *O niilista Machado de Assis* onde ele ressaltava a importância da utilização do materialismo histórico como base científica para a análise da vida e obra do escritor brasileiro. Ele buscava responder nesta obra a duas questões básicas: “como os acontecimentos nacionais e internacionais repercutiram na obra de Machado de Assis e em que medida uma e outra refletiram estes momentos?” Sua reflexão seguia no sentido de que a biografia de um indivíduo não pode estar descolada do contexto e das questões sociais em que o biografado viveu. Sua crítica é contundente contra os primeiros biógrafos do escritor, que teriam procurado construir uma imagem de “mito nacional”, de um Machado de Assis que era “mestre, guia, modelo e patrono”. Para ele, Machado foi um analista dos homens, observador e dissecador de certos aspectos negativos da realidade. Porém, produziu uma análise frouxa e frágil da mesma, sem base

científica. “Era na verdade um formalista, burocrático, bizantino, ambicioso e carreirista” (BRANDÃO, 1958: 10; 11; 16).

Sobre as patografias e biografias centradas na análise psicológica do criador de *Capitu*, Brandão apresentava uma crítica mais superficial e contraditória, de maneira que acabava por repetir o perfil patológico do escritor, já apresentado por outros, combinando a enfermidade com o niilismo defendido primeiramente por Augusto Meyer, em 1935. Para Brandão, Machado era um tipo doentio, patológico que sofria de convulsões repentinas, fruto de uma moléstia sem cura, que procurou dissimular e esconder. O escritor apresentava sestros e taras, era triste, desconfiado e displicente. Temia a morte, a loucura e a solidão, enquanto morria, na verdade, de tédio. “Sua alma era cheia de secura e ironia, desprezo e amargor”. Para ele, não era por acaso, que sua obra estava repleta de tipos mórbidos – “mistura de hospício, hospital e museu de psiquiatria”. Um farto material tanto na vida quanto na obra para a pesquisa psiquiátrica (BRANDÃO, 1958: 191).

Este tipo de análise, como a defendida por Brandão que procurou conciliar a crítica marxista com uma análise psicológica, desenvolvida a partir dos anos de 1940, tentou romper com o padrão da patografia sem deixar, porém, de considerar a importância da correlação entre o físico e o moral no estudo da vida e obra de artistas. Na busca pela contextualização das trajetórias dos biografados, em oposição ao determinismo biológico presente nas patografias, estes autores acabaram por desenvolver uma análise que se baseava em uma visão determinista do social sobre o indivíduo.

Foi neste contexto de ampla circulação e também de críticas às patografias, das décadas de 1940 e 1950, que Araújo Lima escreveu suas obras sobre Stefan Zweig e Getúlio Vargas. Na primeira seguindo por um viés da caracterologia e na segunda tentando unir a filosofia marxista aos postulados psiquiátricos e psicológicos, como veremos a seguir.

## **6.2 Zweig, um “ciclotímico” atormentado?**

O segundo livro da carreira de Cláudio de Araújo Lima como escritor, a biografia *Ascensão e queda de Stefan Zweig*, que foi lançada pela Livraria José Olympio, em 1942, serviu como passaporte para o ingresso do autor no meio intelectual carioca. Entretanto, a visibilidade alcançada por este livro de Araújo Lima deve ser analisada dentro do seu contexto de produção e lançamento. O escritor austríaco havia cometido suicídio poucos meses antes, juntamente com a esposa, em sua casa em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Sua morte trágica teve

grande repercussão na imprensa e entre os meios intelectuais brasileiros, pelas razões apresentadas a seguir.

A primeira visita de Stefan Zweig ao Brasil, em 1936, foi muito breve, pouco mais que duas semanas, porém, bastante intensa para o autor, que visitou São Paulo, além da capital federal onde desembarcou. Esta era uma viagem de trabalho, com destino final em Buenos Aires, onde ele apresentaria algumas conferências no PEN Club da capital Argentina. Sua escala no Brasil foi a convite oficial do Itamaraty, pois o ministro das Relações Exteriores, Macedo Soares, estava investindo intensamente em formas de intercâmbio intelectual. No Rio de Janeiro, Zweig foi recebido pelo presidente Getúlio Vargas no palácio do Catete e participou de alguns eventos públicos. Este primeiro contato com o Brasil causou uma forte impressão ao escritor austríaco, que prometeu voltar e escrever sobre o país (*CORREIO DA MANHÃ*, 19/11/1936: 3).

Em seu livro publicado em 1941, *Brasil, o país do futuro*, Zweig defendeu a tese da “mescla livre e sem estorvo” e da “ausência de preconceitos étnicos no caráter do povo brasileiro”, o que, para o editor chefe do jornal *Correio da Manhã*, Costa Rego, constituía um exagero sem apoio histórico, repleto de enganos e generalizações cometidos pelo autor devido à sua pesquisa superficial e apressada, sem consulta as produções de autores brasileiros, que poderiam auxiliar a compreender a questão da formação do povo brasileiro, como por exemplo, Gilberto Freyre, citado pelo jornalista (REGO, 1941: 2). Carlos Maul, no mesmo jornal, criticou a análise de Zweig sobre a formação do povo brasileiro, apresentada como sendo constituída por criminosos recém libertos, indivíduos estigmatizados e escravizados, exceto pelos “cristãos novos” – judeus recém convertidos. Para Maul, a ideia defendida no livro era a de que “florescemos graças ao esterco da colonização”. Em resumo, para este crítico, o livro de Zweig era repleto de equívocos e tendencioso, a pior propaganda que se poderia fazer do Brasil no estrangeiro, uma vez que não reconhecia nenhuma forma de desenvolvimento cultural ou econômico local, exceto aqueles que ele atribuía à influência dos imigrantes no Brasil; de resto, exaltava as belezas e riquezas naturais de um país que ainda não era, mas que poderia vir a ser (MAUL, 1941: 4).

Além do *Correio da Manhã*, foram publicados em outros jornais comentários de críticos literários contra o livro de Zweig, como Newton Braga, que destacou as “impropriedades” escritas<sup>123</sup> pelo médico e escritor Afrânio Peixoto (1876-1947), e Osório Borba que criticou o

---

<sup>123</sup> O prefácio do livro escrito por Afrânio Peixoto é no mínimo intrigante, pois, na tentativa de desconstruir as críticas feitas sobre a aproximação interessada de Zweig em relação ao governo Vargas, mostra-se tão pouco hábil que parece irônico, principalmente quando afirma: “Podendo estar festejado nos EUA (...), ou na Argentina, aqui

distanciamento político do autor, em um momento como aquele de efervescência política mundial (DINES, 2009: 20). Outros elementos do livro também serviram como munição aos críticos locais, como o título que estava sujeito a múltiplas interpretações, inclusive com sentido pejorativo, e a tradução brasileira feita pelo médico Odilon Gallotti. A epígrafe do livro que remetia ao conde Arthur Gobineau, conhecido no Brasil pela sua visão pessimista em relação à mestiçagem brasileira também foi alvo de muitas críticas. Além destes elementos, os elogios ao livro feitos por Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), publicados na versão em inglês da obra e no jornal *A Noite*, eram para muitos críticos literários uma propaganda negativa. Lourival Fontes era responsável pela acirrada censura da época (DINES, 2009; *A NOITE*, 01/08/1941: 3).

Zweig colocava-se politicamente como apertado e pacifista, de maneira que mesmo sendo um judeu exilado, devido à ocupação nazista no seu país de origem, ele não se comprometeu com o esforço de guerra contrário a Hitler. Sua posição era antibelicista. Porém, seu posicionamento em relação à situação política brasileira foi diferente. Por desconhecimento, como alega Alberto Dines, seu biógrafo, ou por interesse, o fato é que, desde sua primeira viagem ao Brasil, em 1936, Zweig esteve muito próximo do governo Vargas. Isto é revelado tanto por homenagens oficiais como por entrevistas prestadas por ele ao jornal *A Noite* exaltando a figura do presidente (*A NOITE*, 22/09/1940a: 1-2; *A NOITE*, 22/09/1940b: 4) e, principalmente, pelo fato de que foi feito um arranjo com o governo federal para que, em troca do livro de propaganda, o autor e sua esposa recebessem seus vistos de residência permanente no país, o que foi feito discretamente no consulado brasileiro em Buenos Aires, (DINES, 2009: 20). Este fato acirrou as críticas ao seu livro e produziu especulações na imprensa diária de que o autor teria se vendido ao Estado Novo.

O fato de ser um intelectual internacionalmente conhecido, somado à condição trágica em que sua morte aconteceu, contribuiu para que nos meses que se seguiram a seu suicídio, se desenrolasse nos jornais toda uma série de especulações acerca da motivação do casal para cometer tal ato. Esta repercussão era acompanhada avidamente pelos leitores de Zweig e curiosos em geral. Para alguns jornais, o suicídio teria sido uma forma de protesto do autor contra o regime nazista, o ato extremo de um pacifista contra a insanidade da guerra. Outros, como os jornais *A Noite* e *Correio da Manhã*, acreditavam que se tratava de uma atitude de desespero fruto da “exaustão” causada por duas guerras e do “desânimo frente à brutalidade das

---

está, aqui esteve, sem ruído, no Brasil. Aqui, não foi ao Catete, nem ao Itamaraty, nem às embaixadas... Andou, virou, passeou, viajou, viveu. Não quis nada.” Ver: PEIXOTO, 1941: 8.



perseguições raciais e políticas”. Também haviam aqueles que especulavam sobre a possibilidade de tratar-se de um duplo homicídio orquestrado por membros da “quinta coluna”<sup>124</sup> nazista no Brasil. A discussão chegou ao ponto em que parte da imprensa defendia que Zweig se matara porque dava como certa a vitória dos nazistas, enquanto outros defendiam que sua última declaração, traduzida apressadamente, continha uma centelha de esperança na vitória dos aliados.<sup>125</sup>

Os acalorados debates na imprensa diária carioca e paulista sobre a morte de Zweig escamoteavam questões mais profundas a respeito do posicionamento dúbio do Brasil frente ao conflito mundial. Naquele mesmo ano de 1942, em janeiro, o Brasil rompeu relações com o Eixo, e em maio assinou um acordo político-militar secreto com os Estados Unidos. Neste período, a política norte-americana da “boa vizinhança”, estabelecida desde o entreguerras com países latino-americanos, baseava-se em uma expansão político-ideológica e econômica das áreas de controle dos EUA. E paralelamente, a propaganda ideológica do “Pan-americanismo” encontrava adeptos em solo brasileiro. Por outro lado, o governo Vargas tinha algumas afinidades ideológicas com a Alemanha, contando com apoiadores do Reich entre os representantes da cúpula militar brasileira e também mantinha relações econômicas baseadas na ampla participação do capital alemão no comércio exterior brasileiro. Porém, apesar destes fatores, o governo brasileiro acabou cedendo às pressões internas de grupos formados por políticos e empresários simpatizantes dos EUA, entrando na guerra ao lado dos Aliados, em agosto de 1942, após ter cinco navios mercantes afundados por submarinos alemães (FAUSTO, 1994: 379-382).

As obras sobre a “vida e morte” de Zweig foram produzidas em uma velocidade impressionante, de maneira que poucos meses após sua morte o mercado nacional já contava com alguns trabalhos sobre o escritor austríaco. Posso citar como exemplo, a coletânea de artigos de vários autores sobre Zweig, onde um breve estudo biográfico foi publicado por Raul de Azevedo, diretor da revista *Aspectos*, em que defendia a teoria mais repetida no período, de que a morte do autor foi fruto de seu desânimo frente ao avanço do nazismo, e que o Brasil lhe trouxe ao menos um breve período de paz. Neste livro participaram, com depoimentos e cartas, vários amigos e conhecidos de Zweig, tanto brasileiros como estrangeiros, alguns colhidos após sua morte, e também de período anterior. Dentre eles podemos destacar a participação de

---

<sup>124</sup> Expressão utilizada para designar possíveis informantes e/ou simpatizantes do nazifascismo, desde a Guerra Civil Espanhola.

<sup>125</sup> Ver: *A NOITE*, 24/02/1942: 1, 3; *GAZETA DE NOTÍCIAS*, 01/03/1942: sp.; *DANTAS*, 26/04/1942: sp.; *MAJOY*, 1942: 2; *CHAVES*, 1943: 3; *FIGUEIREDO*, 1943: sp.

Lindolfo Collor, Georges Bernanos, Mucio Leão, Afonso Arinos de Melo Franco, Carolina Nabuco, Costa Rego, Maria Eugênia Celso e Albertina Bertha (AZEVEDO, 1942).

Araújo Lima também publicou nesta coletânea uma breve análise das possíveis causas do suicídio de Zweig, sobre o ponto de vista psicológico. Nesta análise, ele ressaltava que “os fenômenos psicológicos, como os físicos e biológicos, não se interpretam senão pelo seu condicionamento, pelas suas reações, por suas exteriorizações, ignoradas ainda na sua essência, no seu dinamismo íntimo e imperscrutável”. Ele destacava a dificuldade em estabelecer “os limites entre sanidade e anormalidade, somática e psíquica que são às vezes imperceptíveis”. No caso de Zweig, tal dificuldade de diagnóstico se ampliava pelo fato do escritor austríaco ter um “espírito” elevado, com uma “inteligência acima do comum”, e “se não era gênio, pairava nas fronteiras da genialidade”, dada sua destacada “inteligência criadora”. Segundo o psiquiatra, Zweig possuía “dotes extraordinários, excepcionais, que transpunham e desfaziam prevenções de pátrias ou raças, para elegê-lo escritor universal”. E citando Lombroso, sob a inspiração de Aristóteles, ele ratificava que “não há grande homem sem um traço de loucura” (LIMA, 1942a: 122-124).

“Doença moral ou doença mental?” Esta era a questão principal da análise de Araújo Lima. Ele apresentava como principal hipótese para o suicídio de Zweig, a ideia de que o escritor judeu estando em um “estado fronteiriço aos da doença mental, um estado de inquietação interiormente trepidante, de obsessão corrosiva, de impotência desesperada, em face do fenômeno hitleriano” (LIMA, 1942a: 123), teria cometido o ato de desespero. A tal estado somava-se o “desencadeamento de uma crise melancólica, de depressão ansiosa, no curso de uma psicose cíclica”, cujos indícios já estavam esboçados “no desalinho do traje, no retraimento, na desolação irremediável, na desesperança inconsolável”, que só se agravou até levar a sua morte (LIMA, 1942a: 124).

O estudo biográfico sobre Zweig, escrito por Araújo Lima, em 1942, foi apresentado na imprensa diária como um trabalho “psiquiátrico eminentemente científico, conciso, mas que estava ao alcance de qualquer leitor”. Nele, o autor explicava o suicídio de Zweig, não por causas políticas, mas como “o desfecho trágico de um processo mórbido”, diagnosticado como um “grave estado neurótico”. Este seria um estudo da constituição de um “temperamento ciclotímico” (*A MANHÃ*, 05/02/1943: 8; CHAVES, 1943: 3; FIGUEIREDO, 1943: sp.).

O objetivo principal do autor nesta obra não era o de escrever uma biografia propriamente dita de Zweig, mas desenvolver uma “interpretação psicológica de sua morte”, baseando sua análise nos dados encontrados nos livros do escritor austríaco e especialmente em

sua autobiografia. Tal interpretação cumpria o papel de desmistificar a hipótese do suicídio de Zweig como um “arreatado gesto simbólico” frente à guerra, pois, para Araújo Lima, esta era uma ideia derrotista e perigosa, pois visava difundir entre os adversários do nazifascismo a prática desesperada do suicídio em série e em massa. Assim, ele acreditava que seu estudo poderia contribuir como uma “obra indireta de higiene mental coletiva”, destinada principalmente para intelectuais não iniciados na medicina, enquanto formadores de opinião em vários segmentos sociais (LIMA, 2012: 11-12).

Apesar de tratar-se de uma obra de divulgação para o público leigo, o psiquiatra forense desenvolveu na primeira parte do livro uma apresentação bem detalhada dos principais conceitos da teoria de Kretschmer sobre temperamento e caráter. Araújo Lima expõe a teoria de maneira bem simples e didática, sem jargões técnicos da medicina, em um texto de fácil compreensão para os leitores em geral. Nesta obra, ele apresentava o temperamento como um “conjunto de particularidades profundas que definem para cada indivíduo uma certa maneira de ser”, ou, dito de outra forma, “um núcleo psicológico que representa a força máxima do comportamento humano frente ao meio”. O estudo dos tipos de temperamentos estaria baseado na relação entre a hereditariedade e as formas de resposta ao meio social. Assim, o temperamento era descrito como “produto exclusivo de misteriosas formas da herança e da reprodução”, representando “algo de imutável, de fatal, de preestabelecido em relação às diretrizes do tipo de reação frente ao meio” (LIMA, 2012:16).

Já o caráter era apresentado como uma “segunda maneira de ser”, que se formava ao longo do tempo, como resposta à ação dos fatores externos, “superpondo-se à primeira, ajustando-se a determinada fisionomia como uma espécie de máscara”. Porém, nem sempre a máscara se ajustava de maneira flexível e harmoniosa ao rosto que procurava dissimular, de maneira que “frequentemente, as particularidades adquiridas do caráter, ao contrário do que seria ideal, se expressam de modo contraditório às qualidades congênitas do temperamento, sem confundir-se jamais em uma verdadeira fusão”. Entre o temperamento e o caráter estaria a inteligência como fator de intermediação entre os dois primeiros, funcionando como reguladora dos efeitos das influências exteriores sobre o temperamento. Sobre esta questão, o autor defendia a ideia de que o “mesmo tipo de influência do meio, atuando sobre o mesmo tipo de temperamento, poderá produzir resultados absolutamente distintos, conforme se trate de um indivíduo dotado de maior ou menor capacidade intelectual, e de acordo com a extensão e profundidade de sua cultura” (LIMA, 2012: 17).

Para analisar o caso Zweig, o autor utilizou as duas principais categorias de temperamento definidas por Kretschmer, a de ciclotímico e a de esquizotímico, ambas representativas dos indivíduos considerados mentalmente sãos, ou seja, do “homem normal”. Aqueles classificados dentro do tipo ciclotímico ou sintônico caracterizavam-se “por uma permanente adaptação à realidade, com tal constância que toda a personalidade se integra, unívoca e mais ou menos intensamente, nesta ou naquela situação afetiva, sempre de forma rigorosamente adequada ao momento vivido”. No polo oposto estariam os esquizotímicos, que eram dotados de uma atitude fundamentada pela “intensa predominância da vida interior sobre a exterior, da qual se mantém mais ou menos distanciados no que concerne à profundidade de suas relações de contato afetivo” (LIMA, 2012: 19).

Nos primeiros capítulos do ensaio, o autor dedica-se a descrever detalhadamente o temperamento ciclotímico em seus dois polos: o expansivo (alegre, comunicativo, exuberante) e o depressivo (triste, tímido, retraído), para na segunda parte do livro introduzir a análise do temperamento de Zweig como predominantemente sendo ciclotímico expansivo, com episódios depressivos. Contudo, ele observava que a alegria e a tristeza são dois polos que oscilam na “alma ciclotímica”, não se excluindo ou contradizendo; são “duas caras antitéticas de uma única maneira de ser, cuja alternância presta ao temperamento o mais característico aspecto fisionômico.” Entretanto, quando ocorre uma exacerbação de um dos dois polos, esta é geralmente determinada pela superação do limite de tolerância do ambiente social, que dita a tênue fronteira entre o “normal” e o “patológico”. O autor considerava que as reações afetivas intensas, e portanto, patológicas – as distímias –, poderiam se manifestar na mania, com a excessiva exuberância do polo alegre, ou na melancolia com a amplificação do polo depressivo (LIMA, 2012: 27-29).

No caso de Zweig, Araújo Lima o definia, através da observação de seu semblante, sorriso e gestos, como alguém dotado de uma exuberância afetiva, sempre à flor da pele, tanto nos momentos de exaltação artística como nos de depressão. Uma personalidade arrebatadora e fascinante, marcada por um sincero otimismo e pela capacidade de estimar ao semelhante sem distinções. Nas obras do escritor austríaco, Araújo Lima identificava como traço fundamental, não só do seu estilo literário, como do seu temperamento, a avassaladora paixão com que descrevia seus personagens. Ele observava como Zweig procurava “humanizar” e até mesmo converter o amoral em moral, o déspota em incompreendido, o libertino em sofredor. Os casos de Fouché, Maria Antonieta, Casanova, Stendhal e Dostoiévski, que dentre outros foram biografados por Zweig, eram exemplos de sua “capacidade verdadeiramente fascinante (...) de

vislumbrar o bem onde quer que esteja, e onde jamais esteve”. E ao mesmo tempo, suas tentativas “de defender, de reabilitar, de exumar do inumano algo humano. De exaltar este resquício de humanidade até torná-lo divino” (LIMA, 2012: 39-45).

Analisando seu estilo literário – exuberante e vertiginoso –, o psiquiatra forense observava traços característicos do temperamento ciclotímico na forma como o pensamento de Zweig era processado, uma “maneira de pensar, veloz, caudalosa, incontínente, desdobrando-se em detalhes, multiplicando-se em parêntesis, em um encadeamento”, onde, “inconscientemente, cada ideia gera outras dez, cada frase faz germinar um assunto, cada obra marca a iminência de uma segunda, seja o contraste psicológico da primeira, seja sua continuação natural”. Neste ponto, Araújo Lima se utilizava dos postulados da psicanálise a respeito do funcionamento do inconsciente para defender que, mesmo em obras cronologicamente distantes, como a biografia de Tolstói, era possível perceber o gérmen do estudo sobre Dostoiévski, enquanto uma antecipação produzida pelo inconsciente do autor. Este tipo de encadeamento que marcou a obra de Zweig, segundo o médico amazonense, estava presente tanto em *Luta contra o demônio*, onde o escritor austríaco analisava as biografias de Hördelin, Nietzsche e Kleist, como em *A cura pelo espírito*, que abarca Mesmer, Mary Baker e Freud – “o profeta, a fanática e o revelador dos segredos da alma humana”. Nestas obras estavam ligadas “a intuição, a vesânia e a genialidade, confundidas em um círculo comum, em cujo centro repousa a eterna inclinação do homem pelo desconhecido, pela arte de ser compreendido e de compreender” (LIMA, 2012: 51).

Para Araújo Lima, Zweig era ao mesmo tempo um “devorador da realidade” e um prestidigitador desta. Esta era uma marca de seu temperamento expressa em suas obras, a necessidade de estar em contato permanente com o real, “esse real que sabia digerir como ninguém, até poder dar forma singela e transparente aos problemas mais complicados e nebulosos.” A capacidade de exteriorizar o pensamento sob uma forma universal, que aparecia em seus livros dedicados à divulgação das “grandes vidas e grandes ideias” para os adultos de pouca instrução, mas que tocava também aos mais cultos, revelava a marca essencial de sua sintonia instintiva, e, sobretudo, o “desejo ardente de se comunicar com o próximo” (LIMA, 2012: 54-56).

Na última parte do ensaio, o autor, se dedicou a descrever a trajetória de Zweig, desde a infância na segurança de uma família burguesa, passando pela juventude boêmia e nômade, seguido do sucesso profissional e do exílio involuntário da maturidade. Ele procurou demonstrar como, ao longo destes períodos, a vida de Zweig foi um processo contínuo de

ascensão, um acúmulo de vitórias, prazeres e glórias, e que mesmo, os dissabores ocasionados pela Primeira Guerra, não o abalaram fortemente em sua vida psíquica, sempre muito intensa, possibilitando que ele contornasse os problemas. Entretanto, ao completar sessenta anos, Zweig teria entrado em um processo de decadência e abatimento afetivo e moral, que Araújo Lima identificava como sendo muito comum no limiar entre o fim da idade adulta e início da velhice para qualquer indivíduo. Para ele, este momento era marcado por uma “perigosa travessia”, uma crise existencial, que levava o indivíduo a fazer um balanço do que havia vivido até então. “E depois da inevitável crise, de maior ou menor duração, uma nova personalidade se criará à custa de sublimações e modificações subjetivas, que trarão a final uma nova concepção de vida, uma atitude resignada e serena frente a inexorável contingência de envelhecer” (LIMA, 2012: 82-85). Um processo que, segundo o psiquiatra amazonense, Zweig soube descrever com perfeição na biografia que publicou sobre Tolstoi:

- Como poderei salvar-me? Como devo viver? Assim é o grito que Tolstoi solta, esse grito que as garras da crise lhe arrancam do coração palpitante. (...) Já não crê mais na mensagem de felicidade que emana dos sentidos, a arte já não o consola mais, a despreocupação se acabou, a ardente embriaguez da juventude se dissipou cruelmente; por toda parte se propaga um frio glacial saído das profundezas do nada, da morada invisível da Morte, que ronda em torno de sua vida (LIMA, 2012: 85-86).

Mas, chegada sua hora, o escritor austríaco, não soube ou não pôde identificar, quando semelhante crise se abateu sobre ele e o engoliu. Para Araújo Lima, a comparação entre Tolstoi – o biografado – e Zweig – seu biógrafo – servia para reforçar sua tese de que mesmo as mentes mais lúcidas, padecem e decaem sob o efeito de um temperamento tumultuado, cheio de altos e baixos, frente à crise gerada pelo envelhecimento e pela desesperança e pessimismo que a acompanham. No caso de Zweig, o psiquiatra procurava descartar uma causa única que fosse predominante para sua depressão e posterior suicídio. Ele trabalhava com a hipótese de causas múltiplas: a constituição de sua alma ciclotímica, marcada pela variação entre alegria e tristeza, possibilitando o aparecimento de episódios depressivos; o enfraquecimento físico, afetivo e moral ocasionado pelo envelhecimento e o fator externo dos horrores da guerra que lhe infligiam o medo da extradição e da perda do refúgio construído para a velhice. Como é possível perceber, Araújo Lima, em sua análise, se esforça por desacreditar as principais hipóteses que se constituíram sobre as possíveis causas da morte de Zweig e sua esposa Lotte, entre os círculos sociais que eles frequentavam e que repercutiram entre a população em geral; primeiro a ideia do suicídio como ato de protesto ou desespero frente à guerra; a decadência econômica como

fator preponderante; a melancolia e as saudades da terra natal causadas pelo exílio forçado; a perseguição ao povo judeu por parte dos nazifascistas e antisemitas em geral.

O ato suicida de Zweig, para o médico, era fruto de um “estado psíquico anormal, que era uma possibilidade completamente concebível considerando a sua disposição temperamental”. Ele sofrera de uma crise depressiva, ocasionada pela “ampliação excessiva das muitas e habituais oscilações de sua dinâmica afetiva”, que o tornavam, ora expansivo e exuberante, ora deprimido e inseguro, e que fora agravada pela entrada na velhice. Em resumo, “um suicídio de melancólico, de vítima de uma depressão climatérica, agravada por fatores reativos externos da mais alta significação psicológica”, que caminhou cegamente como um possesso, arrastando consigo sua esposa. Assim, o autor procurava despir o duplo suicídio de qualquer fantasia romântica ou conspiratória, apresentando-o como uma simples fatalidade clínica, que poderia acometer enfermos de qualquer patologia (LIMA, 2012: 96-98).

A recepção desta obra de Araújo Lima pela crítica em geral foi favorável, como demonstrado pelo *Jornal do Commercio*, que apresentava este trabalho como muito interessante e original na medida em que procurava fazer uma “interpretação psicológica” da morte de Zweig, trazendo elementos novos em relação à bibliografia produzida, até então, sobre o tema. A nota ressaltava que Araújo Lima buscava, em sua análise, combinar a observação “anátomo-psicológica” com uma investigação detalhada dos sentimentos e intenções do morto, presentes em seus escritos (*JORNAL DO COMMERCIO*, 11/06/1944: 5). Outro elemento que indica uma boa recepção no meio intelectual foi o fato de que, no período em que sua biografia de Zweig alcançou maior repercussão, 1943, Araújo Lima foi indicado para concorrer ao prêmio Paulo Barreto da ABL (*A MANHÃ*, 23/06/1943: 2). Em uma das reuniões desta Academia, que antecedeu à premiação, o neurologista e acadêmico Antônio Austregésilo defendeu a candidatura do livro de seu antigo pupilo para ser premiado por aquela associação, o que acabou não se concretizando.

Neste ensaio biográfico-psicológico dedicado a analisar a motivação do suicídio de Stefan Zweig, Araújo Lima, apesar de ser psiquiatra forense e médico legista, faz uma leitura um pouco diferente da obra de Kretschmer, da que estava sendo feita no campo da psiquiatria e criminologia médica brasileira. A análise de Araújo Lima estava embasada em uma leitura que considerava como elementos relevantes na formação da personalidade do indivíduo, o temperamento, a inteligência e o caráter, desconsiderando, no caso do escritor austríaco, o elemento físico e endocrinológico que, no entanto, eram centrais na teoria kretschmeriana. Por outro lado, o escritor amazonense se afiliava, por meio desta produção, a uma tendência literária

muito em voga no período, que era a de desenvolver estudos biográficos – as patografias – dotados de análises psicológicas de figuras históricas ou do meio literário e artístico.

### 6.3 Getúlio Vargas, “glacial ou vulcânico”?

*Mito e Realidade de Vargas* foi escrito por Araújo Lima entre os meses de agosto e novembro de 1954. Pelas datas registradas ao final do livro, o autor teria iniciado seu trabalho em 25 de agosto, dia seguinte ao suicídio de Vargas. Neste período, ele encontrava-se em Paris, a serviço da Comissão Internacional de Polícia Criminal. Este livro, o psiquiatra forense dedicou a seu amigo e companheiro de infância Coronel Syseno Sarmiento, que, segundo o autor, “na guerra, lutou em defesa da democracia contra a tirania nazifascista, e que, na paz, se tornou um dos expoentes mais legítimos da moderna geração militar, agora empenhada na batalha de salvação material e moral do Brasil” (LIMA, 1955). A batalha a qual Araújo Lima se referia era a pressão exercida por Sarmiento e um grupo de outros coronéis para que Vargas renunciasse à presidência, nos dias que antecederam seu suicídio.

No início deste ensaio, Araújo Lima apresentava seus motivos e intenções de fazer mais que uma “obra de pura interpretação psicológica”, e chegar a “dizer a verdade sobre um homem que marcou, com o selo de sua discutida personalidade, todo o último quarto do século da história brasileira”. Uma “verdade” que para o autor não era abstrata, da categoria da “especulação metafísica”, mas de outro tipo, uma “verdade pirandelliana,<sup>126</sup> que é concreta, prática, numa palavra – existencial” (LIMA, 1955: 11). Em sua análise do perfil político-psicológico de Vargas, o autor utilizou outros instrumentos além da sua especialização profissional, “que lhe daria uma visão por demais unilateral ou até mesmo viciosa dos fatos”. Ele empregou o método que denominou de “avaliação histórica do processo”, enquanto estrutura analítica capaz de lhe ensinar que “em todos os momentos excepcionais de crise social – seja de revolução ou de contrarrevolução – os homens que o destino entroniza no poder nunca são, de fato, a ‘causa’ da fenomenologia política<sup>127</sup> que parecem dirigir com a marca de sua individualidade”. Sua análise parte da premissa de que os agentes históricos são colocados no

---

<sup>126</sup> Referência a Pirandello, para quem o tema da verdade em sua obra de dramaturgia foi frequentemente discutido em relação ao que é “real” e o que é aparência, questionando a ideia de uma realidade objetiva e apresentando a possibilidade de uma verdade fragmentada, existencial. Ver: D’ONOFRIO, 1981.

<sup>127</sup> A fenomenologia política começou a ser desenvolvida, sobretudo, pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), logo depois da publicação de sua obra *Fenomenologia da Percepção*, em 1945. Influenciado pela teoria fenomenológica desenvolvida pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), Merleau-Ponty defendeu a ideia de uma fenomenologia responsável por descrever a participação dos indivíduos na política, partindo de sua relação com a sociedade. Ver: MELANÇON, 2010.



poder pela própria sociedade, como “efeito” de uma conjuntura política, econômica e social específica. Tal situação, entretanto, em casos como o de Vargas, sofreria uma variação do fenômeno de “causa e efeito”, de maneira que o indivíduo deixaria de ser apenas “efeito”, determinado por uma conjuntura, para assumir o papel de “causa”, ou, melhor dizendo, de determinante deste mesmo contexto que lhe possibilitou assumir o poder (LIMA, 1955: 12).

Araújo Lima citava como exemplos de tal teoria dois casos historicamente paradoxais, o de São Francisco de Assis e o de Hitler. Para ele, ambos poderiam ser estudados dentro do mesmo esquema analítico usado para Vargas, uma vez que São Francisco seria o “efeito histórico” da crise do cristianismo ameaçado pela “corrupção papal” e do movimento para salvá-lo desta crise. O “santo-poeta veio ao encontro de uma necessidade coletiva inconsciente, que exigia o aparecimento de um ser superior que promettesse reintegrar a religião periclitante nos fundamentos que lhe dera o próprio Cristo”. Assim, o movimento franciscano teria deixado de ser apenas uma tentativa de superação da crise do cristianismo e passado a representar uma nova “concepção de vida” e religiosidade. Ou no caso de Hitler, que se destacou em um contexto histórico em que o povo alemão, aflito com a derrota sofrida na Primeira Guerra e as punições impostas pelo Tratado de Versalhes, estava “amedrontado, faminto e humilhado”, esperando “por alguém que encarnasse seu desejo obstinado de uma recomposição material e espiritual da força perdida”. Hitler seria o “efeito” desta conjuntura, personificando “um pensamento nacional em evolução subterrânea, que clamava por um chefe autoritário que lhe anunciasse segurança e pão”. Este, porém, uma vez no poder, impingiu sua “concepção bélico-mística do mundo à alma do povo que criara, inconscientemente, as condições históricas do seu aparecimento” (LIMA, 1955: 13-14).

Para Araújo Lima, o caso de Vargas seria semelhante ao de Hitler, já que este era o “símbolo humano” que personificava “os princípios de um movimento que, em suas origens, pugnava por um programa de renovação política”. Tal movimento seria fruto da “ânsia por transformação” de uma geração política que buscava “criar um campo de aplicação para a nova filosofia do progresso, à base de uma política nacionalista, capaz de realizar todas as potencialidades da nação em marcha” (LIMA, 1955: 14). Esta geração política a qual o autor se referia, adepta da filosofia positivista e do nacionalismo, em oposição ao regime oligárquico da Primeira República, era formada principalmente pelos “tenentes”, grupo do qual o próprio Araújo Lima participou na década de 1920. Entretanto, o “‘efeito’ dessa necessidade histórica de reestruturação”, que seria o próprio Vargas, teria fugido ao controle dos que o apoiaram, e de simples consequência de determinadas circunstâncias, tornou-se a “‘causa’ da mentalidade

que se foi modelando no Brasil, à custa de um trabalho indicioso de replasmar a alma brasileira, até dar-lhe a forma aberrante em que hoje, desgraçadamente, ela se encontra” (LIMA, 1955: 15).

Este movimento de forças que perpassam as estruturas de poder e se modificam de acordo com o contexto histórico vigente, composto por variáveis dos planos político, econômico, social e das ideias, sempre em mutação, foi explicado pelo autor com base no materialismo histórico e dialético. Araújo Lima fez uma leitura do processo histórico enquanto uma força independente que em “algum instante de sua evolução exige, para tornar-se de potência em ato,<sup>128</sup> a personificação de suas necessidades em uma determinada forma contingente”. Esta “forma contingente”, em momentos de crise estrutural, seria personificada na forma do “líder”, do “salvador” (LIMA, 1955: 12).

Araújo Lima mobilizava elementos do materialismo dialético e histórico para analisar a participação do sujeito histórico, que, para ele, era até certo ponto condicionada pelas condições materiais. Segundo Karl Marx, “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Assim, as condições materiais determinariam o surgimento de indivíduos que personificariam a ideologia de um grupo, mas que não teriam autonomia para modificar o processo (MARX, 2008: 47-48).

Porém, na análise do psiquiatra amazonense aparecem elementos que fogem ao esquema marxista, pois o indivíduo gerado dentro de uma conjuntura específica e que personifica, até certo ponto, as ideias e anseios do grupo que lhe possibilitou ascender ao poder, uma vez nesta posição torna-se agente. Neste ponto, o determinismo do materialismo histórico cede lugar a uma concepção do sujeito histórico como dotado de uma individualidade e subjetividade que influencia suas ações, sendo estas decisivas no desenrolar dos acontecimentos. Esta capacidade de agência individual, entretanto, na análise de Araújo Lima, está condicionada ao acesso dos sujeitos às posições de poder institucionalizadas. Nestes casos, seria imprescindível o estudo do “temperamento” do indivíduo, entendido como “conjunto indissolúvel de particularidades psíquicas, que define, para cada indivíduo humano, uma certa maneira de ser, cuja primeira pedra de toque é o comportamento em face do meio”. Daí a necessidade de, por meio da psiquiatria e psicologia, compreender a influência do “temperamento” de Vargas em suas ações,

---

<sup>128</sup> Referência à filosofia de Aristóteles (384-322 a.C.), que, em sua obra *Metafísica*, define o movimento como sendo a atualização de uma potencialidade. Um exemplo seria a diferença entre o homem que enxerga, mas está com os olhos fechados e outro que é cego, pois só o primeiro tem a potencialidade de ver, ou seja, transformar a potência em ato. Ver: SACHS, s.d.

ao longo do período em que esteve na Presidência da República, entre os anos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954 (LIMA, 1955: 15).

No ensaio sobre Vargas, Araújo Lima iniciava sua análise psicológica-psiquiátrica caracterizando o ex-presidente como pertencente ao “grupo dos que tem a sensibilidade principalmente voltada para dentro de si mesmos, donos de uma alma sempre enclausurada em egoística torre de marfim” (LIMA, 1955: 15). Os indivíduos deste tipo passariam a maior parte de sua existência indiferentes aos significados exteriores do momento vivido. O autor os caracteriza como “autistas”, segundo o psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939), ou esquizotímicos, por manterem-se afetivamente dissociados do meio em que vivem, apresentando comportamentos que variam entre dois polos: a frieza e o embotamento afetivo e as explosões de irritabilidade e hiperestesia. O tipo contrário seria o ciclótico, o indivíduo cuja atitude afetiva estava totalmente adequada ao meio. Ter um temperamento esquizotímico explicaria atitudes extremas como o homicídio, ou, no caso de Vargas, o suicídio, em consequência de provocações que, em outros momentos, teria suportado com a maior indiferença. Para o autor, o modo de pensar do esquizotímico era tortuoso; variando de acordo com as bruscas alternâncias de temperamento, ele podia oscilar entre a teimosia e a desordem associativa. Os esquizotímicos preocupados apenas com seu próprio “eu”, isolados da realidade, ao assumir o poder poderiam, por vezes, tornarem-se violentos, brutais, despóticos, e calculistas na busca por seus objetivos e por se manter no poder. Para Araújo Lima, eram exemplos deste tipo de temperamento, Robespierre, Calvino, Fouché e Vargas (LIMA, 1955: 16-20).

Araújo Lima atribuía a estas particularidades do “temperamento” de Vargas, somadas à sua total falta de qualidades morais como líder, o fato da sua longevidade política. Ao mesmo tempo, ele observava que a presença do ditador gaúcho no poder, por tantos anos, foi a “causa” geradora da “espúria mentalidade”, então denominada de “getuliana”. Esta era definida como uma “filosofia da existência, que se reduz a uma espécie de conformismo risonho, algo cínico, em que a presente geração se conserva, mesmo diante do abismo em que ameaça dissolver-se a vida econômica, social e espiritual do Brasil” (LIMA, 1955: 21). Ele procurava com isso assumir uma posição contrária ao “tradicional conceito de que o psiquiatra deve ser aquele modelo de incondicional tolerância” mesmo frente a uma “sociedade enferma”,<sup>129</sup> assumindo

---

<sup>129</sup> Esta é uma referência direta ao trabalho de James L. Halliday. *Psychosocial Medicine. A Study of the Sick Society*, publicado em New York em 1948, mencionado no capítulo anterior.

uma função social que, para ele, também era a de “combater pela regeneração moral da pátria ameaçada” (LIMA, 1955: 23).

A análise psicológica de Vargas começava pelas características físicas, como o sorriso “estereotipado” e “inexpressivo”; os “gestos parcos” e econômicos, contrários à “maneira de ser brasileira”, sempre exuberante e de abundantes gesticulações; a voz “pobre de inflexões, descolorida”; o “olhar frio”. Para o autor, Vargas era “glacial ou vulcânico”, a depender de seus interesses; mas particularmente frio na maior parte do tempo (LIMA, 1955: 27). As categorias definidas por Kretschmer aparecem na análise de Araújo Lima, mas de forma alterada, pois ele rompe com o modelo alemão para definir Vargas, que, mesmo tendo o tipo físico “pícnico”, foi diagnosticado pelo psiquiatra brasileiro como um esquizotímico. A análise do autor brasileiro desconsiderava questões fundamentais na teoria das “constituições”, como a hereditariedade e o sistema hormonal. Para ele, o físico, no caso específico de Vargas, interferia no plano psíquico indiretamente, não pela via constitucional, mas por meio de estigmas e frustrações relacionados à aparência, que o indivíduo não conseguia processar. Portanto, em seu estudo da personalidade de Vargas, ele combinava elementos da teoria de Kretschmer com conceitos psicanalíticos e também utilizava em menor escala da caracterologia de Klages<sup>130</sup> e Szondi,<sup>131</sup> dentre outros.<sup>132</sup>

Araújo Lima concentrava sua análise em três aspectos da personalidade de Vargas: a esfera da afetividade, o domínio da inteligência e a esfera conotativa ou da ação. O autor também apresentava uma série de fatos de ordem pessoal ocorridos na vida de Vargas, entre os anos de 1930 e 1940, como a prisão do amigo fiel, o médico Pedro Ernesto,<sup>133</sup> a morte do pai e de um dos filhos do presidente assim como de outras pessoas diretamente ligadas a ele no

---

<sup>130</sup> Araújo Lima fez uso da caracterologia para estudar Vargas, principalmente no aspecto fisionômico, nos gestos e atitudes, como demonstrado anteriormente. Um dos principais estudiosos deste campo foi o psicólogo e filósofo alemão Ludwig Klages (1872-1956), radicado na Suíça, para quem “os gestos, as atitudes, e sobretudo a grafia”, eram fundamentais para conhecer “as camadas mais recônditas da alma”, sendo ele um dos maiores defensores do estudo da fisionomia e da grafologia (LEBOVIC, 2006: 23).

<sup>131</sup> Araújo Lima também utilizou na análise dos indivíduos que assessoravam Vargas, a teoria do neuropsiquiatra e psicanalista suíço Leopold Szondi (1893-1985), para quem cada indivíduo teria um “genotropismo”, um tipo de “inconsciente familiar”, que determinaria suas escolhas tanto na esfera afetiva como profissional. Influenciado pelo freudismo, assim como pela psicologia existencial segundo Binswanger (1881-1966), pela psicologia analítica de Jung, a fenomenologia de Husserl e também pelos desenvolvimentos na área da genética, Szondi desenvolveu o conceito de “análise do destino”, enquanto uma forma de estudo das genealogias baseada no inconsciente (ROUDINESCO; PLON, 1998: 747).

<sup>132</sup> No âmbito da caracterologia temos, também, os trabalhos produzidos, entre os anos de 1930 e 1950, pelos filósofos franceses René Le Senne (1882-1954) e Gaston Berger (1896-1960); pelo psicólogo alemão Alfred Adler (1870-1937); pelo filósofo espanhol Antônio A. de Linera y Grund (1888-1961), pelo psiquiatra austríaco Rudolf Allers (1883-1963), pelo neurologista brasileiro Antônio Austregésilo, pelo psicólogo francês Francis Baud; o psicólogo e filósofo argentino Pedro Ciklic, dentre outros. Ver: DÍAZ; SANTOS-ESCUADERO, 1982: 270.

<sup>133</sup> Pedro Ernesto, além de político de destaque na cúpula do governo Vargas, era amigo pessoal e médico do ditador pelo menos até 1936, sendo responsável por intervenções cirúrgicas cruciais para manter vivos um dos filhos e a esposa de Vargas, ambos feridos após acidentes automobilísticos.

governo. O relato desses acontecimentos visava demonstrar a insensibilidade do ditador frente a fatos poderiam abalar emocionalmente a maioria das pessoas. Segundo o autor, por ocasião da morte do filho de Vargas, ainda muito jovem, o então presidente foi fotografado pelo jornal *A Noite*, poucos dias depois do enterro, participando de um churrasco festivo, enquanto sua esposa entrava em um processo de profunda depressão pela morte do filho (LIMA, 1955: 30-33). Para o psiquiatra, esta seria uma das inúmeras provas dadas por Vargas do seu sentimento de “invulnerabilidade” e do seu “ânimo inquebrantável” frente aos reveses da vida, como consequência de uma “alma adoecida” e de um “temperamento tortuoso” (LIMA, 1955: 70).

O perfil psicológico do ditador também foi construído pelo médico escritor observando as influências intelectuais do governante. Para Araújo Lima, Vargas, ao se colocar como alguém que está “*além do bem e do mal*”,<sup>134</sup> seguia o pensamento de Nietzsche, procurando encarnar o conceito do “super-homem”. Este seria o indivíduo que promoveria a “transvaloração”, ou seja, a criação de novos valores e reavaliação dos antigos, o que, para Araújo Lima, não passava de uma inversão dos valores morais vigentes em sua época. A crença nestas ideias, somada a suas peculiaridades psíquicas, permitiram que Vargas se sentisse acima das ofensas dos adversários políticos, de maneira que estes poderiam, em um segundo momento, ser convidados a ocupar uma embaixada ou um ministério, contanto que se comprometessem a não questionar a sua posição no governo, porque, neste caso, a “geleira” daria lugar ao “vulcão” em toda sua cólera. Nestes momentos, os mínimos acontecimentos ou uma simples palavra que pudesse ameaçar-lhe “a vaidade, o gozo e ambição do poder eterno” seriam motivos suficientes para a punição com a prisão, a tortura e o desterro, como aconteceu inclusive com amigos e antigos aliados do líder gaúcho, como Borges de Medeiros, Flores da Cunha, o já citado Pedro Ernesto e Lindolfo Collor (LIMA, 1955: 32-34). Todos estes foram aliados de Vargas no golpe de outubro de 1930, mas, ao questionarem sua manutenção no poder, a partir da ditadura do Estado Novo (1937-1945), foram presos e exilados.

Em Vargas, a análise das suas funções intelectuais não deveria estar baseada na sua habilidade de se manter no poder, visto que esta capacidade, na opinião de Araújo Lima, resultaria da sua “concepção amorala da existência” e não de uma “superior dotação intelectual” (LIMA, 1955: 46), como era apregoada na época. O autor destacava os discursos escritos e os de improviso, assim como sua técnica de oratória como um material valioso para a análise da “vida mental” do ditador. Nos discursos de Vargas, mesmo que não fossem exatamente de sua

---

<sup>134</sup> Referência ao título do livro de Nietzsche, *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*, publicado em 1886.

autoria, Araújo Lima via a marca das principais ideias do governante, pois para ele, autor não seria apenas quem executa o ato formal da escrita, mas também aquele que define o conteúdo e escolhe quem irá realizar o trabalho, visto que tal escolha obedeceria a “indisfarçáveis afinidades subconscientes” (LIMA, 1955: 47).

Em resumo, a análise do intelecto de Vargas traçada por Araújo Lima o caracterizava como frio e vazio em seus discursos, colérico nos improvisos e lacônico nos diálogos, sendo em geral desprovido de qualquer forma de imaginação, inclusive para escolher seus ministros e assessores mais próximos e também para desenvolver um pensamento ideológico. Vargas seria um governante sem “ideal político, religioso ou filosófico”, um “ditador sem ideologia”, tal qual um “catequista sem fé” (LIMA, 1955: 53). A ideia propagada pelos apologistas ou pelos inimigos do ditador de que este era maquiavélico, no sentido de que ele era extremamente inteligente para os primeiros e amoral para os últimos, é contraposta pelo psiquiatra amazonense como uma grande injustiça contra seu caráter, visto que seu tipo de inteligência limitada não permitiria tamanho esforço criador (LIMA, 1955: 58-59).

Aprofundando sua análise do ponto de vista psicológico, Araújo Lima estudava o que denominou de “tríplice núcleo de frustrações” de Vargas, a saber a física, a militar e a amorosa. A primeira era explicada pela deformidade do corpo de pernas curtas e ventre protuberante, que lhe dava um porte “insignificante” quando precisava ser “marcial”, e “ridículo” quando sua posição exigia que fosse “dramático”, daí a necessidade de poder como forma de compensar a baixa estatura, se colocando acima de todos. A segunda frustração, a militar, do gaúcho da fronteira para quem “pelear” era uma vocação fundamental, no caso de Vargas seria algo que só se realizou com a tomada do poder em 1930, quando ele, que não chegou a ser “tenente”, passou a comandar até generais, e que durante a II Guerra, para todos os efeitos, assumiu o posto de marechal. Para finalizar, o autor apresentava a frustração amorosa de Vargas, baseada na sua incapacidade de se relacionar afetivamente e sexualmente com uma mulher. Ele partia da premissa de que o poder torna os homens propensos à exacerbação do “donjuanismo”, enquanto uma característica latente do “brasileiro” que afloraria com sua ascensão a posições de destaque. No caso de Vargas, porém, seria o contrário, ele era um solitário, pois sua esposa mantinha-se afastada, só participando das cerimônias oficiais; a suposta amante, a vedete Virgínia Lane, segundo o autor, não passava de um embuste, criado por aqueles que precisavam proteger o “orgulho nacional, preocupados em não permitir que justamente o ídolo, o símbolo da pátria, fugisse à regra da hipervirilidade, tão grata ao patriotismo erótico”. A solidão do

presidente era fruto de sua “alma fria”, capaz apenas de receber e nunca de compartilhar um pouco de si (LIMA, 1955: 70; 98).

Em sua análise da psicologia de Vargas, Araújo Lima indiretamente traçava o perfil do “brasileiro normal”, uma figura estereotipada de “alma calorosa”, “espírito aberto e alegre”, sempre muito falante, um “bom-papo” e que, ao mesmo tempo, é “erótico, sentimental, romântico e sensual”, (LIMA, 1955: 75) o contrário em todos os aspectos do ditador. Como exemplo de líder, também, contrastante em relação ao presidente, o autor elegia o “gentleman” paulista, Armando de Sales Oliveira (1887-1945), que fora interventor de São Paulo, de “porte aristocrático a afrontar o jeitão prosaico de estancieiro da fronteira” de Vargas (LIMA, 1955: 76). Era a contraposição entre o cidadão cortês contra o campônio rude. Armando de Sales, candidato à presidência nas eleições programadas para 1938, era um insulto às debilidades físicas de Vargas e um drama para a sua “alma”, de maneira que, na opinião do psiquiatra amazonense, o presidente escolheu apoiar como seu candidato o político paraibano José Américo de Almeida (1887-1980) não por este ter uma “brilhante inteligência” ou um “rígido caráter”, ou mesmo por ter alguma chance de vitória, mas por ser “feio” (LIMA, 1955: 79).

O autor defendia a ideia de que as “necessidades inconscientes de superar seus complexos” levavam o governante a se cercar de homens que se enquadravam em uma “escala estética que ia de Caliban a Quasimodo” (LIMA, 1955: 75). Os sete homens “feios”, tanto por dentro como por fora, que apoiaram Vargas no golpe de 1937, que instalou a ditadura do Estado Novo, eram maquiavélicos e dirigidos por fortes propósitos ideológicos. Eram estes o político mineiro Francisco Campos (1891-1968); o general Góes Monteiro; o general Eurico Gaspar Dutra (1883-1974); Agamenon Magalhães (1893-1952); Lourival Fontes (1899-1967); Newton Cavalcanti (1885-1965), e, por fim, Plínio Salgado (1895-1975) (LIMA, 1955: 75-79).

No seu “libelo” sobre Vargas, Araújo Lima não estava preocupado em determinar o agente biológico ou o fator psicológico determinante no “temperamento” do governante, ou o que ocasionou em sua vida afetiva o adoecimento. Para ele, o importante era determinar como seu estado mental e afetivo comprometido por um “temperamento esquizotímico” e uma “alma fria” afetaram suas relações pessoais e seu posicionamento político e em que medida este foi responsável pelo surgimento de um tipo de “mentalidade coletiva” política e social que modificava o comportamento do “povo brasileiro”.

#### 6.4 “A alma do povo brasileiro”: Araújo Lima e os debates sobre o “caráter nacional”

Araújo Lima, no ensaio biográfico que escreveu sobre Getúlio Vargas, além de estudar o temperamento e o caráter do ex-presidente, sob a luz das teorias de Kretschmer e da psicanálise procurou definir, por oposição a Vargas, a alma do brasileiro, ou, dito de outra forma, o “caráter nacional”. Para ele, o temperamento e o caráter típicos dos brasileiros eram o completo oposto dos apresentados pelo ex-chefe de Estado. A personalidade do brasileiro típico “normal” era calorosa, alegre, expansiva, sempre muito falante, que combinava a isto o fato de ser extremamente erótico e sentimental. Daí a anomalia, identificada pelo psiquiatra amazonense, entre a personalidade do presidente, líder da nação, e o povo que era representado por ele. Tal descompasso teria gerado um “caráter mórbido”, fruto de uma “mentalidade coletiva” amoral, difundida durante o governo de Vargas, influenciando diretamente as novas gerações.

A análise que Araújo Lima, indiretamente, fez da alma do brasileiro está inscrita em uma tradição intelectual de escritores, historiadores, médicos e juristas preocupados, desde o século XIX, em definir a “alma”, a “identidade nacional”, ou já no entre guerras, o “caráter nacional” do povo brasileiro. No entanto, esta tradição não foi uma exclusividade do Brasil. Segundo Maria Helena Capelato, entre as décadas de 1930 e 1950, muitos intelectuais latino-americanos buscaram definir “os elementos constitutivos do ser nacional” em seus países, assim como os problemas decorrentes de tal “caráter” e as possibilidades de superá-los, com o intuito de atingir um nível cultural superior. O referencial utilizado por muitos escritores e ensaístas do período passava por teorias provenientes da antropologia cultural, sociologia, psicologia social, psicanálise, filosofia (CAPELATO, 2009: 59-60) e, como procuro demonstrar, também a biotipologia e a caracterologia foram apropriadas e mobilizadas no contexto destas discussões.

Nas primeiras décadas do século XX, muitos foram os intelectuais brasileiros que seguindo linhas teóricas e políticas diversas se preocuparam em explicar os elementos formadores da “nação” e de seu povo<sup>135</sup> (LEITE, 1992: 147-148). Para a maioria destes autores, a influência das “raças formadoras” e da mestiçagem foi um fator preponderante para pensar a constituição do território brasileiro e de seu povo. O objetivo final de suas análises seria determinar as características intrínsecas dos habitantes do país e os problemas nacionais, vistos como provenientes de uma herança colonial que dificultariam a constituição de uma identidade

---

<sup>135</sup> São exemplos de intelectuais preocupados com esta temática: Oliveira Vianna, Alfredo Elis Jr., Arthur Ramos, Afonso Arinos de Mello Franco, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Cassiano Ricardo, Fernando de Azevedo, dentre outros.



nacional autêntica. Em geral, o diagnóstico apresentado por estes autores era permeado pelo pessimismo, por estereótipos e preconceitos étnicos, mas não pelo fatalismo, presente nas teorias deterministas e evolucionistas do final do século XIX (CAPELATO, 2013: 162-163).

No período entreguerras, sobretudo nos anos de 1930, delineou-se uma perspectiva diversa da que orientou a ideia de uma “identidade nacional” até o início do século XX. Se antes da Primeira Guerra Mundial o modelo de “nação moderna” e “povo civilizado” estava baseado nos países europeus, ao fim desta, o ideal da América como um “novo mundo” se contrapôs à decadência e à barbárie do “velho continente”. Neste contexto, a obra *A decadência do Ocidente*, do historiador alemão Oswald Spengler (1880-1936), teve bastante difusão e influência na América Latina. Publicada em 1918, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, a obra buscava fazer uma história das várias civilizações que teriam se sucedido ao longo dos tempos, vistas pelo autor como organismos vivos, com ciclos de ascensão, decadência e morte. Spengler, influenciado por Goethe e Nietzsche, defendia uma visão pessimista de que a civilização ocidental, representada pela Europa, estava passando por um processo de decadência. No entanto, o livro de Spengler foi lido e apropriado por intelectuais latino-americanos de maneira diferente. A ideia da decadência da Europa, e de seu modelo de civilização foi vista como algo positivo, que poderia abrir espaço para uma maior autonomia de outras culturas.<sup>136</sup> Se antes da Primeira Guerra o modelo europeu que influenciava os intelectuais brasileiros variava entre o francês e o alemão, no entreguerras surgiram críticas contra as ideias e identidades copiadas das europeias e o desejo de constituir um caráter autêntico, o que não significou, ao fim e ao cabo, um rompimento no fluxo de importação das mesmas (CAPELATO, 2013: 163). Entretanto, por meio desta nova perspectiva, os intelectuais latino-americanos puderam idealizar formas de redimir suas respectivas nações de seus “males de origem”. No caso brasileiro, isto foi pensado por meio da erradicação de doenças epidêmicas e da educação da população, sobretudo, nas décadas de 1910 e 1920 (LIMA; HOCHMAN, 1996: 23-40). Araújo Lima, enquanto médico e intelectual, educado entre os anos de 1920 e 1930, compartilhava destes referenciais, sobretudo em relação à influência da educação na formação dos povos, que para ele, como para outros, moldava o caráter.

---

<sup>136</sup> A obra nunca foi traduzida integralmente para o português, ao contrário de outras línguas como o inglês e o italiano, e especialmente o espanhol, a tradução que obteve mais difusão na América Latina. Nesta língua, o livro foi traduzido logo após a publicação do segundo volume em alemão, em 1923, com um prólogo do filósofo José Ortega y Gasset, no qual ele diz que o livro “é, sem dúvida, a peripécia intelectual mais estrondosa dos últimos anos”. No Brasil apenas foi traduzida uma edição abreviada, organizada após a morte do autor por Helmut Werner. Ver SPENGLER, 1923.

Na metade da década de 1950, quando o psiquiatra amazonense escreveu seu estudo da personalidade de Vargas, apesar do contexto ser diverso do anteriormente mencionado, ainda se mantinham pontos de confluência entre os dois períodos. Os acirrados debates sobre os nacionalismos, a questão das diferenças entre raças e a determinação do caráter nacional, no imediato pós-guerra, foram sobrepujados por novas demandas. Dentre estas, podemos citar a criação de instituições internacionais como a ONU, a OMS e a UNESCO, destinadas a pensar a reorganização da geopolítica mundial e novos protocolos de desenvolvimento da saúde e da educação dos povos em escala global. Paralelamente, cresceram as mobilizações pela paz mundial, em oposição à Guerra Fria, marcada pela corrida armamentista e pela bipolarização da política internacional. Neste contexto, repleto de traumas deixados pela guerra e do crescente temor de que esta pudesse se repetir em escala nuclear, os debates sobre a existência de um “caráter nacional” ganharam novos contornos.

O conceito de raça, fortemente contestado pela antropologia cultural desde a década de 1930, principalmente pelo antropólogo Franz Boas e seus discípulos, começava a ser lentamente substituído, ao longo dos anos de 1950, pelo uso do termo “cultura”, enquanto forma de nomear o conjunto de elementos representativos de povos diferentes. Ao mesmo tempo, a ideia de uma “humanidade”, indivisível e compartilhada em suas características básicas, ganhava forma. Para alguns intelectuais deste período, a preocupação majoritária era pensar o “homem”, enquanto ser social frente a um contexto de crise, angústias e inseguranças.

Nos Estados Unidos, estudos sobre o “caráter nacional” foram desenvolvidos, durante e depois da Segunda Guerra, por pesquisadores ligados à antropologia psicológica, dentre os quais destacaram-se Ruth Benedict, Eduard Sapir, Kardiner e Ralph Linton, estes últimos criadores do conceito de “estrutura básica”. Além destes, Cora Du Bois defendeu a existência de uma “personalidade modal”, e por conseguinte, da ideia de que, embora ocorram sempre variações individuais, cada cultura favorece o desenvolvimento de tipos ou de um tipo particular que serão os mais comuns naquela cultura. O sociólogo norte-americano Alex Inkeles, escrevendo sobre o caráter nacional no mesmo período, apontava para três perspectivas tradicionais que utilizavam tal conceito; a primeira o via como determinado pelos padrões institucionais (políticos, sociais e econômicos) típicos de uma nação; as outras como uma história dos comportamentos e ações e como temas culturais (valores, religiões, ethos, artes). Ele propunha, como uma alternativa mais moderna, a substituição do conceito de caráter nacional pelo de estrutura modal da personalidade, anteriormente citado (INKELES, 1997).

No Brasil, uma nova literatura sobre o “caráter nacional” começou a ser escrita por um viés crítico e revisionista das obras produzidas nas décadas anteriores. Um exemplo destas novas produções foi a tese do psicólogo Dante Moreira Leite defendida em 1954, nesta, o autor, concentrou-se em apresentar uma análise crítica dos trabalhos de intelectuais brasileiros anteriormente citados. O “brasileiro” idealizado por Araújo Lima, neste mesmo período, era visto, por um lado, como indivíduo de temperamento “normal”, perfeitamente “sintônico” em relação ao meio, segundo Kretschmer; por outro lado, seu caráter fora corrompido pela mentalidade “mórbida” que regia o meio social. Diferente dos pensadores dos anos de 1930 e 1940, Araújo Lima não estava preocupado com a questão racial, mas com o viés social, pois sua análise parte de dois pressupostos aparentemente contraditórios, mas que em seu texto tornam-se complementares. Primeiro, a ideia de que existe uma “alma do povo” brasileiro que é unitária e dotada de um “inconsciente coletivo” suscetível ao controle de um líder, no caso Vargas; e segundo, que este foi legitimado por uma parcela da população, a “classe média”, que em um movimento consciente se deixou corromper pelo aceno do poder. Entretanto, os conceitos de “alma do povo”, “inconsciente coletivo”, “caráter nacional” e “mentalidade de classe”, empregados por Araújo Lima, não são sinônimos e têm uma história, por isso procuro analisar como estes foram concebidos e apropriados no estudo sobre a personalidade de Vargas e do “brasileiro típico”.

O primeiro elemento deste estudo que precisa ser discutido é o conceito de “alma do povo”, que o autor utilizava para explicar o comportamento do povo alemão e, também, do brasileiro em relação ao surgimento de lideranças como a de Hitler e Vargas. Este conceito está presente na obra do médico e sociólogo francês Gustave Le Bon (1841-1931), *Psicologia das Multidões*, de 1895 e foi depois comentado por Freud em “Psicologia das massas e análise do eu”, em 1921. Para Le Bon, a alma do povo era constituída por um “conjunto de características comuns impostas pelo meio e pela hereditariedade a todos os indivíduos de um povo” (LE BON, 2008: 29), entretanto sob determinadas circunstâncias, uma aglomeração humana – a multidão ou massa – poderia assumir características diversas daquelas de cada indivíduo que a compunha e da sua raça ancestral. Nestas ocasiões, “a personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades orientam-se numa mesma direção” (LE BON, 2008: 30), formava-se então a “alma coletiva” com características bem marcadas, porém de caráter transitório. Esta coletividade é denominada por Le Bon como uma “multidão psicológica”, enquanto um único ser (LE BON, 2008: 31).

Nestas condições, segundo Le Bon, os instintos, paixões e sentimentos, seja em matéria de “religião, política, moral, afetos e antipatias”, assim como o caráter e as crenças, todos estes regidos pelo inconsciente e compartilhados pela “maioria dos indivíduos normais de uma raça”, serão nas multidões incorporados. Ou seja, para o autor, “na alma coletiva, apagam-se as aptidões intelectuais dos homens e conseqüentemente sua individualidade”. Esta alma faz com que os indivíduos sintam, pensem e ajam de maneira diversa do seu comportamento comum, de forma que determinadas ideias e sentimentos se manifestam ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em multidões (LE BON, 2008: 32).

Segundo Le Bon, “a vida consciente do espírito não representa senão uma pequenina parte, comparada à sua vida inconsciente”. Sendo a parte consciente composta por atos que derivam de um “substrato inconsciente”. Este último, por sua vez, seria formado por influências hereditárias que constituem a “alma da raça” (LE BON, 2008: 33). Já para Freud, o inconsciente ou “id”, estando ligado a uma “herança arcaica da alma humana”, é reprimido por esta mesma herança (FREUD, 2011: 16), o que não aparece em Le Bon, uma vez que na multidão o indivíduo encontra-se em condições que permitem livrar-se das repressões dos seus “impulsos instintivos inconscientes”, estando em verdadeiro estado hipnótico (LE BON, 2008: 36).

Freud, por sua vez, defendia que as teses de Le Bon sobre o caráter negativo das manifestações da “alma coletiva” deveriam ser reavaliadas e relativizadas em virtude do caráter contraditório das coletividades. Não desconsiderando o que já havia sido afirmado sobre estas, ele observava que as massas poderiam moralizar os indivíduos e também seriam capazes de grandes criações intelectuais como demonstrado pela constituição linguística de um povo, ou sua cultura “folclórica” (FREUD, 2011: 32-33). Já o conceito de “inconsciente coletivo” empregado por Araújo Lima, se revelava próximo da ideia de “alma da raça”, defendida por Le Bon, enquanto elementos de um passado comum que poderiam ser compartilhados na multidão (LE BON, 2008: 33-34). Para Jung o “inconsciente coletivo” seria uma instância compartilhada por toda a humanidade desde seu surgimento, em oposição a Freud que só acreditava na instância individual, e a Le Bon que defendia um inconsciente coletivo ligado a raça e a nacionalidade.

Para Araújo Lima, os conceitos de alma do povo e inconsciente coletivo eram fundamentais para explicar contextos históricos como os regimes ditatoriais nazifascistas, ou Estado Novo no Brasil, e a adesão de grande parcela da população aos ideais compartilhados, em cada um destes casos. Tanto no caso brasileiro como no alemão as multidões que seguiram as ideologias varguista e fascista, respectivamente, estavam sendo regidas por líderes que

sabiam como manipular o inconsciente coletivo das massas. Por conseguinte, feito tal ressalva, o autor defendia a existência de uma essência original e imutável do brasileiro e da alma deste povo, ou seja, do seu temperamento, que diferia de seu líder (LIMA, 1955).

Historicamente, o conceito de alma do povo e caráter nacional foi utilizado, ao longo do século XIX e XX, em tentativas de escamotear as diferenças sociais, provenientes das desigualdades e lutas de classes, por governos em contextos diversos, procurando transformar conflitos sociais existentes no interior das sociedades em discrepâncias em relação ao caráter nacional, que poderiam ser suprimidas. Uma destas tentativas consistiu em incorporar o conceito de “alma do povo” a discursos ultranacionalistas e nazifascistas, que defendiam ideias racistas, eugênicas e xenóforas, empregados em situações diversas contra minorias sociais como homossexuais e doentes mentais, ou étnicas como ciganos e judeus, em sua forma mais extrema. No Brasil, entre os anos de 1930 e 1940, também foi produzido um discurso de unidade nacional, por parte da intelectualidade brasileira, que buscava se sobrepôr às divergências internas provenientes das desigualdades sociais, exaltando um sentimento nacionalista e ressaltando as contradições entre brasileiros e estrangeiros. Este discurso foi ampliado, principalmente durante o Estado Novo, alimentando a desconfiança em relação aos imigrantes e gerando medidas de vigilância e controle em relação a estes, somada a um crescente sentimento antissemita (KUPERMAN, 2009: 365-366).

O discurso oficial do Estado procurava legitimar uma certa ordem política e social, em que Vargas personificava os anseios da “alma brasileira”, fortemente expresso em momentos como a Campanha de Propaganda contra o Comunismo, organizada pelo Ministério do Trabalho, tendo como alvo principal os operários. Esta campanha foi apoiada por seguimentos da população como os órgãos católicos, a exemplo da Coligação Católica Brasileira. Neste órgão, era defendida pelo Conde Afonso Celso uma ideia de que o catolicismo seria a “única barreira capaz para barrar o comunismo” (CELSO, 1935: 5), o que aparecia também em jornais católicos ou os de grande circulação como *A Noite*, *Jornal do Brasil*, dentre outros. A dicotomia entre fascismo e comunismo estava muito presente entre os intelectuais brasileiros, como em outras partes do mundo, gerando, em alguns casos, posicionamentos dúbios entre aqueles que se declaravam contrários a ambos os lados.

Na análise de Araújo Lima sobre a “alma do povo brasileiro” e o “brasileiro típico”, percebe-se que estes conceitos se aproximam muito da ideia de um “caráter nacional” que para ele não tinha como fator determinante a raça, mas a estrutura social. Além dos conceitos anteriormente citados, ele mobiliza o conceito de “mentalidade de classe” para analisar o tipo

de relação que se estabeleceu entre Vargas e o “povo brasileiro”. Para ele, a classe média brasileira foi mais suscetível ao fascínio exercido por Vargas, e ao mesmo tempo a maior disseminadora do que ele denominava de “mentalidade getuliana” baseada no conformismo cínico (LIMA, 1955: 22). Sua análise da influência de Vargas sobre a mentalidade da classe média no Brasil, e o papel desta na reprodução de suas ideias entre outros setores da população estava baseada na combinação das teorias psicanalíticas com o marxismo.<sup>137</sup>

\*\*\*\*\*

Neste último capítulo foram analisadas as patografias e biografias psicológicas enquanto obras literárias e veículos de informação, que se diferenciavam das demais narrativas biográficas por privilegiar o estudo da influência de enfermidades na trajetória de escritores, artistas e políticos de renome. As obras literárias analisadas neste capítulo, além do seu propósito estético, também foram utilizadas como veículos de divulgação de teorias médico-psicológicas defendidas por Kretschmer, Freud, Adler e Madame Minkowska, dentre outros. Vimos que as patografias, enquanto um gênero literário que reunia traços da biografia histórica e romanceada assim como dos relatórios médicos, foram produzidas e divulgadas por intelectuais mediadores que atuavam profissionalmente como escritores, críticos literários e também como médicos e psicólogos. Este tipo de narrativa biográfica teve uma ampla circulação em jornais e revistas onde eram reproduzidos trechos destas, apresentados comentários críticos e principalmente propagandas.

Na literatura brasileira, as patografias e biografias psicológicas representaram um espaço privilegiado para a circulação de teorias médico-psicológicas, mas não somente delas. Assim, nas biografias sobre Machado de Assis percebe-se que os autores destas obras buscaram humanizar a figura do escritor por meio do estudo da influência das enfermidades na trajetória e obra do literato. Porém, além de criar uma imagem mais humanizada do patrono da literatura nacional, este tipo de biografia foi influente na construção de uma nova figura machadiana – a do grande escritor psicologicamente doente. Mesmo quando este estilo literário, a patografia, passou a ser contestado a partir dos anos de 1940, estudos biográficos que remetiam a esta imagem continuaram a ser produzidos, muitos deles utilizando as enfermidades atribuídas ao autor como fator determinante na análise de suas obras. A imagem do enfermo colou-se a do

---

<sup>137</sup> A análise de Araújo Lima a respeito da influência de Vargas sobre a classe média brasileira a partir da psicanálise combinada ao marxismo se aproxima muito do estudo realizado pelo psicanalista Erich Fromm, em 1941, ao discutir como o nazismo foi percebido por classes diferentes da sociedade alemã. Ver: FROMM, 1962.

grande escritor de tal maneira na história da nossa literatura que se tornou difícil observá-las separadamente.

Como objeto central do capítulo, foram analisadas as patografias produzidas por Araújo Lima sobre Stefan Zweig (1942) e Getúlio Vargas (1955), observando as principais influências teóricas na argumentação do autor. Percebe-se que o psiquiatra amazonense tomou as teorias de Kretschmer como base teórica nas duas obras, mesmo estas tendo sido produzidas em contextos bem diferentes, inclusive em relação à divulgação das teorias do psiquiatra alemão no Brasil. O estudo sobre Zweig foi publicado no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando a circulação das teorias de Kretschmer sofria um declínio, enquanto a biografia de Vargas foi escrita em um período de retomada de tal circulação, que se iniciou no imediato pós-guerra.

Nas duas obras, Araújo Lima utilizou os conceitos de ciclotímico e esquizotímico, apresentados por Kretschmer, para estudar as patologias mentais que poderiam ter acometido os dois biografados, e, principalmente, para avaliar as correlações entre o físico e o moral em relação a Zweig e Vargas. No caso do estudo sobre Zweig, ele se preocupava, primordialmente, em explicar a patologia que o levou ao suicídio, dando mais ênfase aos fatores orgânicos e sua influência sobre o psicológico do que às questões sociais. No período em que esta obra foi publicada, imediatamente após o suicídio de Zweig, era grande o número de textos e matérias publicados na imprensa carioca especulando sobre os motivos de tal ato. Ao publicar tal estudo, o que Araújo Lima procurou fazer foi apresentar uma explicação centrada em fatores considerados como científicos segundo a psicopatologia e a caracterologia para se diferenciar das demais explicações baseadas em fatores políticos e sociais, que eram divulgadas nos jornais e revistas da época.

No caso da biografia de Vargas seu objetivo era diverso do apresentado no livro sobre Zweig. Araújo Lima procurava explicar como um homem psicologicamente doente pode levar todo um povo ao desenvolvimento de uma mentalidade amoral. Nesta obra, além das teorias de Kretschmer, ele incorporou à sua análise as teorias psicanalíticas e também a filosofia marxista. Araújo Lima estabeleceu uma combinação teórica nova ao aproximar a psicanálise das teorias de Kretschmer e do marxismo, afim de estudar o perfil psicopatológico de Vargas e sua influência na “mentalidade” da classe média brasileira. O resultado desta aproximação entre a psicanálise freudiana e a caracterologia kretschmeriana, no estudo da personalidade de Vargas, é algo diverso das teorias isoladas de Freud e Kretschmer, em parte por responder a demandas locais. No caso de Araújo Lima, a questão era como definir o perfil psicológico e a trajetória de um caudilho amado e odiado por tantos, poucos meses depois deste deixar o cenário político

em circunstâncias trágicas através do suicídio. Portanto, o livro sobre Vargas escrito por Araújo Lima procurava responder às perguntas que circulavam na imprensa da época sobre Getúlio Vargas através da análise psicopatológica, psicanalítica e político-social deste.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos da tese foram analisadas as práticas de mediação cultural desenvolvidas por intelectuais que contribuíram com a circulação de teorias médico-psicológicas, por meio de jornais diários, revistas e biografias dirigidos ao público em geral, na capital federal, entre as décadas de 1920 e 1950. Estes intelectuais mediadores exerceram atividades profissionais variadas, como médicos, psicólogos, escritores, juristas, jornalistas, mas não se reconheciam como um grupo social de divulgadores. A pesquisa em jornais nos possibilitou reuni-los em um grande grupo, que, além de muito variado em suas ocupações profissionais e nas teorias que divulgavam, era também multifacetado. Assim, por um lado, médicos como Peregrino Jr., Gastão Pereira da Silva, Antônio Austregésilo e Dyonélio Machado também exerceram funções de escritores, romancistas e críticos literários, enquanto, por outro lado, escritores, como o crítico literário Alceu Amoroso Lima, falavam de teorias médico-psicológicas em suas colunas, se posicionando sobre estas e sua aplicação no contexto brasileiro em áreas como a literatura e a educação.

Nosso estudo de caso, esteve centrado na análise das práticas de mediação desenvolvidas pelo médico legista, psiquiatra e escritor Cláudio de Araújo Lima. Este divulgou por meio de suas obras mais de uma teoria – as ideias de Freud, Kretschmer e Proust –, utilizando meios diversos como romances, revistas, peças teatrais, ensaios e biografias. Seu caso é representativo das práticas desenvolvidas por este grupo maior, reunido nesta pesquisa sob a denominação de intelectuais mediadores de teorias-médico psicológicas. Estas práticas incluíam a escrita de textos ficcionais, informativos, biográficos e educativos; dramatizações teatrais; palestras e cursos; programas de rádio e radionovelas; programas de auditório; aconselhamento ao leitor, crítica de bibliografia nacional e internacional e traduções. O argumento central defendido foi o de que estes mediadores culturais foram os principais agentes responsáveis pela circulação dos conhecimentos médico-psicológicos para além das instituições acadêmicas e científicas, utilizando como veículos de circulação os jornais diários e revistas direcionados para um público mais amplo, dentre outros meios.

No primeiro capítulo foram analisados quatro aspectos centrais da trajetória de Araújo Lima, como médico, escritor e intelectual mediador. O primeiro deles é a sua formação em medicina entre os anos de 1927 e 1932, amplamente influenciada pelo exemplo e incentivo do pai, José Francisco, que era clínico geral e sanitarista. Porém, vimos que, segundo ele, sua escolha inicial pela especialização na área da clínica psiquiátrica se deu mais pela conveniência

de estagiar em local próximo à sua residência, o Hospício Nacional, do que por um desejo pessoal. Neste período, ele estabeleceu redes de amizade e contato profissional que foram importantes no desenvolvimento de sua carreira. Este foi o caso de sua relação com o catedrático de neurologia e escritor Antônio Austregésilo, que, além de mestre, tornou-se seu amigo e parceiro em projetos intelectuais, nas décadas seguintes. O segundo aspecto diz respeito aos primeiros anos de sua participação na vida política do país, já na década de 1930. Este é o momento em que ele esteve vinculado a movimentos contestatórios a algumas medidas adotadas pelo governo de Getúlio Vargas, como as prisões de militantes de esquerda, após o Levante Comunista de 1935, dentre os quais estava o médico e escritor gaúcho Dyonélio Machado, sobre quem também falamos neste capítulo. O posicionamento político de Araújo Lima contrário ao governo Vargas estava diretamente ligado à exclusão de seu pai da política nacional e regional, após o golpe de 1930, e ao seu desencanto com os rumos tomados pelo movimento tenentista, do qual fez parte no início dos anos de 1920.

Ainda no primeiro capítulo, observei que, no mesmo período em que iniciava sua militância política, Araújo Lima também buscava uma colocação na carreira de psiquiatra e médico legista. Este terceiro aspecto da trajetória do psiquiatra amazonense, sua inserção no campo médico profissional, mostrou-se cheio de percalços, pois, mesmo conseguindo colocações como psiquiatra da Assistência a Psicopatas e da Secretária de Saúde do Distrito Federal, ele foi exonerado de ambas as posições ainda na década de 1930, provavelmente por conta de seu posicionamento contrário ao governo. Devido a tais dificuldades, Araújo Lima só conseguiu se estabelecer no campo médico na década seguinte, por meio tanto de seu trabalho como diretor técnico e coproprietário da clínica Santa Alexandrina quanto de sua nomeação como perito médico do IML. O quarto e último aspecto analisado é o desenvolvimento de seus primeiros projetos intelectuais como escritor e mediador de teorias médico-psicológicas, a partir dos anos de 1940. Estes se concretizaram na forma de romances, revistas e biografias, vistos como obras estéticas e também como veículos de divulgação, os quais foram analisados de maneira mais aprofundada no quarto, quinto e sexto capítulos respectivamente.

O segundo capítulo foi dedicado à análise da circulação de quatro teorias médico-psicológicas, por meio de jornais e revistas publicados durante as décadas de 1920 a 1950 na capital federal. Estas teorias – a psiquiatria organicista segundo Kraepelin, a psicologia individual definida por Adler, a reflexologia pavloviana e a medicina psicossomática – foram escolhidas dentre um grupo maior de teorias divulgadas neste período, devido à sua ampla circulação na imprensa local. Percebe-se que estas teorias foram divulgadas por profissionais

de várias áreas, como médicos, jornalistas, críticos literários, escritores, editores, educadores e juristas. Este grupo maior de divulgadores foi responsável por uma intensa circulação de tais teorias fora da academia e das instituições profissionais e científicas. Este processo de circulação foi compreendido como uma atividade que implicava a recepção, apropriação e divulgação de conhecimentos ressignificados a partir das agendas locais, em um contexto permeado por disputas, rejeições e negociações.

Dentre o grande número de profissionais que participaram deste processo apresentados no segundo capítulo, é possível afirmar que os médicos Danilo Perestrello e Augusto Nobre de Mello estabeleceram práticas de mediação que envolviam a aproximação entre teorias inicialmente consideradas díspares. O primeiro, ao divulgar a psicologia individual de Adler, procurava combiná-la com a psicanálise freudiana, a higiene mental e a medicina psicossomática ao defender uma forma mais eficaz de educação infantil. Já o segundo afirmava que a psiquiatria deveria seguir um viés “ecclético científico”, baseado na possibilidade de estabelecer este tipo de combinações teóricas, de maneira que ele usava da caracterologia de Klages combinada às teorias de Adler para o estudo das neuroses, sem descartar a importância da psicanálise e da medicina psicossomática.

Observo que este tipo de prática de apropriação e divulgação não era algo incomum entre os intelectuais mediadores, de modo que em seus textos encontramos teorias híbridas, enquanto resultado da combinação de mais de uma teoria originária, cujos elementos são associados no intuito de responder a questões locais (ver anexo IV). Também percebo que entre os divulgadores que realizavam combinações teóricas diversas a maioria era composta por médicos, seguida por críticos literários. Mapeando os casos de intelectuais mediadores citados, ao longo da tese, identifico a psicanálise como sendo a principal teoria a passar por este processo de hibridização, seguida pelas ideias de Kretschmer e Adler. Na amostra aqui analisada temos como principal questão discutida a educação infantil e escolar, a qual mobilizou intelectuais mediadores no sentido de apresentarem propostas fundamentadas cientificamente, que contribuíssem para a constituição de uma proposta de educação nacional. As questões sociais como a fome e a criminalidade também foram tema de discussões, sobre as quais mediadores se posicionaram a partir da apropriação e combinação de mais de uma teoria.

Também foi analisado neste capítulo o papel desempenhado por intelectuais católicos na recepção da reflexologia pavloviana na área da educação. O crítico literário Alceu Amoroso Lima, assim como os educadores Theobaldo Miranda e Silvio Elía, se opunham veementemente, nos jornais, a esta teoria por considerá-la como estritamente materialista e

biológica. Nas décadas de 1940 e 1950 é perceptível um acirramento nos debates entre os defensores de teorias consideradas materialistas e aquelas definidas como idealistas. Dentro deste contexto polarizado, as ideias de Pavlov foram vistas como materialistas, enquanto a psicanálise era tomada como idealista ou mentalista. Esta disputa entre os defensores de tais teorias também era influenciada pelo posicionamento político destes e a imagem que projetavam sobre as citadas ideias, de modo que a psicanálise era tomada por alguns como parte de uma ideologia burguesa e a reflexologia como uma teoria comunista. Os intelectuais católicos enquanto mediadores culturais apresentavam um posicionamento crítico em relação aos dois lados, defendendo uma solução de meio termo.

No terceiro capítulo foi estudada a circulação das duas principais teorias divulgadas por Araújo Lima: a caracterologia segundo Kretschmer e a psicanálise freudiana. Vimos que, entre os anos de 1920 e 1959, estas teorias foram ressignificadas de acordo com as questões pertinentes às diversas áreas em que foram apropriadas. As áreas que mais divulgaram as ideias de Freud e Kretschmer, nos jornais e revistas, foram a literatura, a educação, a criminologia e as artes cênicas, mas sobretudo as duas primeiras. Os médicos e escritores Gastão Pereira da Silva e Peregrino Jr. foram apresentados como intelectuais mediadores da psicanálise e da caracterologia segundo Kretschmer, respectivamente. Os dois escreveram colunas em revistas de variedades como *Vamos Lêr* e *Carioca*, dentre outras, o primeiro seguindo a prática do aconselhamento e o segundo pela crítica literária.

Também podemos observar que, na década de 1930, houve um maior esforço por parte dos mediadores na divulgação dos conceitos psicanalíticos, de maneira que nas duas décadas seguintes, percebe-se que termos como ego, consciente, subconsciente, inconsciente, libido, complexos, recalques, dentre outros, passavam a ser incorporados ao vocabulário popular. Estes termos, assim como o nome de Freud, eram mencionados em contos, colunas de aconselhamento e de crítica literária publicados em jornais e revistas, sem que houvesse a necessidade de uma definição detalhada por parte do autor. Neste período, críticas à psicanálise também se tornaram frequentes na imprensa carioca, constituindo uma outra forma de divulgação desta.

Já as teorias de Kretschmer foram apropriadas e ressignificadas tanto por médicos que as consideraram parte da biotipologia – sendo vista como uma teoria biológica e constitucional – como por médicos, escritores e educadores que fizeram uma leitura diversa da obra de Kretschmer. Este último grupo desenvolveu uma leitura metafísica e mesmo espiritualista da caracterologia, enquanto uma teoria que lhes dava a possibilidade de pensar a união entre corpo

e alma. Neste caso, a ideia de “alma” englobava a esfera mental e a espiritual. Debates sobre a questão da dualidade entre corpo e alma estiveram presentes como pano de fundo nas discussões sobre a aplicação de teorias sobre o funcionamento da mente e do comportamento humano, de modo que, como vimos, a psicanálise foi vista como uma teoria focada no plano mental e a reflexologia pavloviana como uma teoria organicista. Como meio termo entre estes dois polos, aparecem citadas a caracterologia de Kretschmer, a medicina psicossomática e mesmo a psicologia de Adler. De forma semelhante ao que foi visto no capítulo anterior, os divulgadores das ideias de Kretschmer e Freud procuravam mobilizar elementos das citadas teorias, que não foram simplesmente transmitidos, mas ressignificados de acordo com as agendas políticas e intelectuais locais.

No capítulo seguinte, o quarto, observei como as análises sobre a subjetividade do indivíduo e a fragmentação do “eu”, desenvolvidas pelos romancistas Dostoiévski, Proust e Joyce e também por teóricos da psiquiatria e psicologia foram apropriadas, combinadas e divulgadas por críticos literários e romancistas brasileiros. Nestes grupos estavam inseridos médicos que também eram escritores, como Araújo Lima e Dyonélio Machado. Também foram analisados os romances *Babel* (1940) e *A bruxa* (1944), que marcaram a estreia de Araújo Lima como escritor e mediador das teorias médico-psicológicas. Nestas obras, ele utilizou elementos provenientes das teorias de Freud e Kretschmer combinados às visões sobre memória e subjetividade do sujeito, segundo Proust.

O principal argumento defendido neste capítulo é de que o movimento de constituição do romance psicológico no Brasil, na década de 1930, contribuiu para uma maior circulação de teorias científicas advindas da psiquiatria, psicologia e psicanálise para um público leitor mais amplo. Tais teorias científicas sobre a psiquê do indivíduo foram popularizadas a partir das apropriações desenvolvidas pelos romancistas. Estes, ao introduzir elementos de tais teorias em suas obras, alteravam a própria constituição estética do texto, e também influenciavam tais saberes científicos no processo. Por sua vez, médicos se utilizaram dos romances psicológicos como veículo de divulgação e exemplificação das citadas teorias.

Já no quinto capítulo foram analisadas as revistas *Pasteur*, *Psyke* e *Revista Latino Americana de Psiquiatria (RLAP)*, por meio das quais Araújo Lima, em parceria com outros intelectuais, procurou divulgar e debater sobre questões referentes à prática médica e também sobre novas teorias médico-psicológicas nas décadas de 1940 e 1950. Nestas revistas, ele atuou como diretor e editor, desenvolvendo atividades de articulador entre os membros das revistas, tendo poucos textos publicados, em geral curtas notas editoriais.

Nestes periódicos foi discutido, como tema central, o ideal de medicina a ser praticada em meados do século XX, frente às questões políticas e sociais, às mudanças culturais provenientes das novas tecnologias e às perspectivas para o futuro. Em torno desta questão principal foram debatidos temas mais específicos, mas que estavam diretamente ligados a ela. O primeiro deles que apareceu na revista *Pasteur* (1940-1943) foi a polarização entre o ideal da medicina como “arte de cura” *versus* uma concepção técnica da profissão. Este estava ligado a outros dois temas de debate, a relação da medicina com a sociedade e o papel social de seus praticantes. Para os defensores do ideal de medicina como arte de cura, como Araújo Lima, a medicina não poderia ser vista como uma ciência exata e seus praticantes como técnicos especializados. Era preciso tomar o indivíduo enfermo em sua totalidade, como um ser uno que padece de um desequilíbrio vital. Por outro lado, os partidários de uma medicina técnica defendiam um grau cada vez maior de especialização por parte de seus praticantes e a adesão às inovações tecnológicas no campo médico.

As outras duas revistas – a *Psyke* (1947-1948) e a *RLAP* (1951-1954) –, também dirigidas por Araújo Lima em conjunto com outros médicos, eram especializadas nas áreas da psiquiatria, psicologia e psicanálise. Elas apresentavam em comum o objetivo de discutir uma crise epistemológica que estava afetando as citadas áreas naquele período, identificada por praticantes que colaboravam com as revistas. Os médicos participantes destas publicações diagnosticavam tal crise como sendo causada pela ausência de uma teoria unificada que funcionasse como parâmetro para responder aos problemas e dificuldades na clínica das psicopatologias e neuroses. Para eles, teorias organicistas que foram muito influentes na primeira metade do século XX, como a definida por Kraepelin e a eugenia, já não respondiam às questões vigentes. Em paralelo eles viam a multiplicação de escolas, tendências teóricas e psicoterápicas como uma espécie de caos epistemológico que contribuía para o aprofundamento da crise.

Assim, muitos dos autores colaboradores da revista se concentraram em apresentar suas sugestões sobre as possíveis formas de solucionar o problema. Entretanto, mesmo no âmbito das revistas, sobretudo da *RLAP*, não existia um posicionamento unívoco sobre o melhor caminho a seguir. Percebe-se que colaboradores com posicionamentos teóricos e ideológicos diversos defenderam teorias diversas como a psicanálise, a neuro-reflexologia pavloviana, a caracterologia segundo Kretschmer, a medicina psicossomática, a psiquiatria social, a socio psiquiatria e a higiene mental. Esta polifonia gerada pela multiplicidade de visões teóricas torna-se ainda mais complexa ao considerarmos que a maior parte dos autores não empregavam

apenas uma teoria em seus textos, defendendo combinações entre a psicanálise e a psiquiatria social, ou com a medicina psicossomática, ou mesmo entre a socio psiquiatria e a higiene mental, dentre outras.

No último capítulo foram analisadas as patografias e biografias psicológicas enquanto práticas de mediação cultural, utilizadas na divulgação de teorias médico-psicológicas. Este gênero literário, no contexto brasileiro, tornou-se corrente entre escritores, críticos literários e médicos a partir dos anos de 1930. Vimos que as patografias e biografias psicológicas e psicanalíticas se diferenciavam das demais narrativas biográficas por destacarem a influência de uma determinada enfermidade ou característica psíquica na trajetória e obra de artistas, escritores e políticos eminentes. Nestas produções literárias eram analisados aspectos físicos e mentais dos biografados, assim como elementos presentes em suas obras, no intuito de estabelecer seu perfil psicológico e um diagnóstico sobre possíveis patologias ainda não detectadas.

As patografias e biografias representaram, no contexto literário da época, um dos principais meios de circulação de teorias médico-psicológicas, frente às demandas sociais e científicas do contexto local. Após a análise das patografias e biografias psicanalíticas sobre Machado de Assis, podemos afirmar que estas influenciaram na constituição da imagem do escritor adoecido e atormentado por problemas psicológicos, o que sem dúvida modificou a análise feita de suas obras. Ainda neste capítulo foram analisadas as patografias produzidas por Araújo Lima sobre Stefan Zweig (1942) e Getúlio Vargas (1955), observando que as principais influências teóricas na argumentação do autor foram as teorias de Kretschmer – que serviu como o eixo de ligação entre as duas obras – e a psicanálise freudiana.

Nas duas obras, Araújo Lima utilizou os conceitos de ciclotímico e esquizotímico definidos por Kretschmer para traçar o perfil psicopatológico dos dois biografados, estabelecendo correlações entre as dimensões física e moral dos sujeitos estudados. Entretanto, as correlações desenvolvidas pelo autor eram fruto de sua apropriação e combinação da caracterologia com a psicanálise, não seguindo fielmente o esquema de relações entre caráter e temperamento estabelecido por Kretschmer. No caso do estudo sobre Zweig, ele se preocupava, primordialmente, em explicar a patologia que o levou ao suicídio, procurando responder pela via da ciência aos vários questionamentos sobre tal fato que eram publicados na imprensa local. No caso da biografia de Vargas, seu principal objetivo era declaradamente político. Araújo Lima procurou demonstrar que um homem como Vargas, cujo temperamento e caráter eram

instáveis e as atitudes de moral duvidosa, em uma posição de poder poderia levar todo um povo ao desenvolvimento de uma mentalidade distorcida e amoral.

No livro sobre Vargas, Araújo Lima se utilizou das teorias de Kretschmer, combinadas com as teorias psicanalíticas e também com a filosofia marxista para estudar a influência do perfil psicopatológico do político gaúcho sobre a “mentalidade” da classe média brasileira. Para o autor, existia um temperamento e caráter típico do brasileiro que eram bem diferentes do apresentado pelo presidente, o que demonstrava a incompatibilidade entre o povo e seu líder. Porém, Vargas teria se utilizado da classe média, a camada social mais suscetível à influência do político, para corromper a “alma do povo” ou, dito de outra forma, o “caráter nacional” do povo brasileiro.

Ao concluir esta tese podemos afirmar que, a partir da década de 1930, ocorreu um movimento de crescimento da circulação de teorias médico-psicológicas em jornais e revistas publicados no Distrito Federal. Este movimento pode ser explicado a partir da combinação de quatro elementos. Primeiramente, pelo investimento na diversificação de práticas de mediação cultural por intelectuais preocupados em tornar populares as citadas teorias. Em segundo lugar, pelo interesse conjugado da imprensa carioca, divulgadores e do mercado editorial local na constituição de um segmento do público leitor voltado para o consumo de obras identificadas com esta temática. O terceiro elemento é o crescente interesse dos leitores em conhecer mais sobre si mesmo, sobre sua personalidade e comportamento, demonstrado no grande número de colunas sobre tais assuntos nos veículos de comunicação, observando-se também uma maior participação dos leitores por meio de cartas aos jornais e revistas. Por fim, cabe citar a multiplicação de correntes teóricas e psicoterápicas nos meios acadêmicos que prometiam explicar e tratar das questões referentes à mente e à subjetividade do indivíduo. Os romances psicológicos e as patografias e biografias psicológicas e psicanalíticas, cujo período de maior circulação se deu na década de 1930, são representativos deste contexto. Assim, nas décadas de 1940 e 1950, o público leitor de jornais e revistas já estava acostumado com a temática psicológica, em suas variadas formas.

No contexto intelectual carioca a trajetória de Cláudio de Araújo Lima demonstra como funcionava o trabalho dos intelectuais mediadores na produção e divulgação de novos conhecimentos sobre a mente. Ele contribuiu para a circulação de mais de uma teoria médico-psicológica, apresentando-as muitas vezes de forma combinada, e utilizando múltiplas práticas de divulgação, no caso a escrita biográfica e ficcional, a dramaturgia e a editoração de revistas médicas. Desta maneira, a análise de sua trajetória intelectual nos permite compreender melhor



o modo como se deu o processo mais amplo de circulação, divulgação e popularização de teorias médico-psicológicas no Brasil das décadas de 1940 e 1950.

## ANEXOS

### ANEXO I: Lista de fontes (jornais e revistas)

<b>Periódicos pesquisados</b>	
<b>Jornais</b>	<b>Período consultado</b>
A Batalha	(1930-1939)
A Manhã	(1940-1959)
A Noite	(1930-1959)
Correio da Manhã	(1920-1959)
Correio Paulistano	(1940-1949)
Diário Carioca	(1930-1959)
Diário da Noite	(1940-1959)
Diário de Notícias	(1930-1959)
Diário de Pernambuco	(1920-1949)
Diário Nacional	(1920-1929)
Gazeta de Notícias	(1940-1959)
Jornal do Brasil	(1920-1959)
Jornal do Comércio - Manaus	(1920-1978)
Jornal do Commercio – RJ	(1940-1959)
O Dia	(1940-1949)
O Estado	(1920-1929)
O Imparcial	(1920-1949)
O Jornal	(1920-1960)
O Mundo Ilustrado	(1950-1957)
O Radical	(1930-1939)
O Rebate	(1930-1939)
Tribuna da Imprensa	(1950-1959)
Última Hora	(1950-1959)
<b>Revistas</b>	-----
A Casa	(1920-1929; 1940-1949)
A Cena Muda	(1940-1949)
A Ordem	(1930-1949)
A Revista	(1925)
América Brasileira	(1920-1929)
Careta	(1930-1959)
Carioca	(1930-1959)
Ciência Política	(1940-1949)
Cultura Política	(1940-1949)
Dom Casmurro	(1930-1949)
Educação Física	(1940-1949)
Estética	(1925)
Fon-Fon	(1920-1929)
Ilustração Brasileira	(1920-1929)
Jornal das Moças	(1940-1959)
Manchete	(1950-1959)
Momento Feminino	(1940-1949)
Movimento Brasileiro	(1920-1929)
O Cruzeiro	(1920-1929; 1940-1949)
Revista Brasileira	(1940-1949)

Revista da ABL	(1939-1940)
Revista da Semana	(1930-1939)
Revista do Brasil	(1920-1939)
Revista do Livro	(1950-1960)
Revista Verde	(1920-1929)
Vamos Lêr!	(1930-1949)
Vida Doméstica	(1940-1949)
Visão Brasileira	(1940-1949)

## ANEXO II: Cronologia de Cláudio de Araújo Lima (1908-1978)

**1908:** Nasceu em Manaus, filho de José Francisco de Araújo Lima e Branca Machado de Araújo Lima.

**1924:** Araújo Lima, aos 16 anos, participou de uma das revoltas “tenentista” ocorrida em Manaus, sendo exilado no Acre por alguns meses ao final desta.

**1927:** Mudou-se para a capital federal, onde iniciou seus estudos na FMRJ.

**1930:** Iniciou sua militância acadêmica no Diretório Acadêmico da FMRJ.

**1930-1931:** Trabalhou como assistente no serviço de fisiologia e anatomia patológica do HNA, sob a supervisão de Helion M. Póvoa.

**1931:** Participou de um movimento liderado por médicos da FMRJ, contrário ao ensino religioso obrigatório nas escolas.

**1932:** Concluiu seus estudos na FMRJ.

**1933:** Araújo Lima se filiou ao Partido Autonomista e foi aprovado no concurso para psiquiatra da Assistência a Psicopatas, mas não foi nomeado imediatamente.

**1933-1934:** Assumiu a função de assistente do médico Antônio Austregésilo, neurologista-chefe do serviço de Clínica Neurológica da FMRJ. Austregésilo, além de mestre, tornou-se amigo de Araújo Lima ao longo dos anos.

**1934:** Araújo Lima participou de um concurso para o cargo de médico legista da polícia, no qual não foi aprovado, no primeiro momento.

**1935:** Participou de um movimento articulado por jovens médicos comunistas pela libertação do psiquiatra e escritor gaúcho Dyonélio Machado, presidente da ANL no Rio Grande do Sul e autor do romance *Os ratos* (1934). Neste mesmo ano, Araújo Lima assumiu o cargo de médico psiquiatra do laboratório de antropologia criminal da Penitenciária de Niterói – serviço dirigido por Heitor Carrilho.

**1936:** Araújo Lima foi nomeado neuropsiquiatra auxiliar da Secretaria Geral de Saúde e Assistência do Distrito Federal e também foi aprovado como livre docente da cadeira de psiquiatria da FMRJ.

**1938:** Foi exonerado do cargo de neuropsiquiatra auxiliar da Secretaria de Saúde do Distrito Federal e da vaga de psiquiatra da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal. Neste mesmo ano, Araújo Lima foi nomeado médico legista interino do IML, mas só conseguiu assumir a vaga efetivamente no ano seguinte. Também em 1938, fundou juntamente com o pai a Casa de Saúde Santa Alexandrina da qual foi diretor técnico e proprietário até a década de 1970.

**1939:** Araújo Lima passou a exercer efetivamente o cargo de médico legista do IML, tornando-se conhecido dos jornais diários por sua participação em casos policiais de grande repercussão nos meios jurídicos e jornalísticos.

**1940:** Publicou seu primeiro livro, o romance *Babel*, pela Sociedade Editora Panorama de São Paulo. Neste ano, Araújo Lima também fundou e dirigiu a *Revista Pasteur*, dedicada à discussão científico-literária e ao entretenimento dos médicos e suas famílias. Participaram deste projeto de divulgação médicos com o nome já estabelecido no campo como Aluízio de Castro, Antônio Austregésilo, Aduino Botelho etc... E também um grupo mais jovem, alguns deles amigos de Araújo Lima como Josué de Castro, Nobre de Mello, Júlio Paternostro, dentre outros.

**1942:** Lançou o ensaio biográfico sobre o escritor austríaco Stefan Zweig, publicado pela editora José Olympio e traduziu o livro *Visionários e precursores*, do escritor inglês Aldous Huxley, juntamente com o escritor e crítico literário Eloy Pontes. Este livro foi publicado pela editora Vecchi.

**1944:** Araújo Lima publicou o romance *A bruxa*, com forte apelo psicológico, também pela editora José Olympio. Ainda em 1944, Araújo Lima traduziu o livro do médico e escritor judeu-alemão, radicado nos EUA, Martin Gumpert, *História da Cruz Vermelha*, publicado pela Editora Ocidente.

**1947:** Lançou a revista *Psyke*, sob sua direção geral, mas com participação no corpo editorial de Emílio Mira y Lopez, Nilton Campos e Júlio Paternostro, dentre outros colaboradores. Neste mesmo ano, Araújo Lima traduziu o livro *Mistérios da ciência*, escrito por Arthur Woods Haslett, professor do King's College de Cambridge, também publicado pela editora José Olympio.

**1948:** Araújo Lima traduziu o livro do médico norte-americano George W. Corner, *Os hormônios na reprodução humana*, novamente pela editora José Olympio, na coleção de divulgação científica "Ciência de Hoje".

**1949:** Traduziu e prefaciou o livro *Quatro Gigantes da Alma* de autoria de Mira y Lopez, que também foi publicado pela Ed. José Olympio. Neste mesmo ano, Araújo Lima conheceu o médico legista e psiquiatra argentino Gregório Bermann, na ocasião em viagem ao Brasil para a realização de palestras e pesquisas, o que iniciou um processo de mudança na carreira do psiquiatra brasileiro como intelectual mediador.

**1950:** Araújo Lima realizou uma viagem para a Argentina, a convite da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria de Córdoba, para apresentar conferências sobre psiquiatria.

**1951:** Retornou a Buenos Aires e a Córdoba, apresentando conferências. Também participou da reunião do 1ª Conselho da *Revista Latino-Americana de Psiquiatria*, fundada em parceria com Bermann.

**1952:** O psiquiatra brasileiro assumiu o cargo de diretor do corpo de legistas do Departamento Federal de Segurança Pública. Neste ano, ele também publicou seu segundo estudo biográfico, *Plácido de Castro, um caudilho contra o imperialismo*, pela Coleção Brasileira, da Editora Nacional.

**1953:** Lançou a peça “A Volta” no teatro Duse, de propriedade de Pascoal Carlos Magno que foi um grande amigo de Araújo Lima. Neste mesmo ano, ele foi designado para participar da delegação brasileira na Assembleia Geral da Comissão Internacional de Polícia Criminal (depois conhecida como INTERPOL), realizada em Oslo.

**1954:** Realizou uma nova viagem à Europa, tendo como destino a França, onde permaneceu por quase dois anos com o objetivo de realizar estudos sobre a jurisprudência à luz das teorias psiquiátricas e psicológicas. Em Paris participou da Comissão Internacional de Polícia Criminal.

**1955:** Araújo Lima publicou *Mito e realidade de Getúlio Vargas*, pela Editora Civilização Brasileira.

**1956:** Concorreu a cátedra de psiquiatria da FMRJ, com a tese *Contribuições ao estudo psiquiátrico dos crimes contra a vida*, mas não foi aprovado.

**1959-1960:** Publicou *Ensaio de psicologia médica*, pelo editor Bruno Buccini e *Imperialismo e angústia: Ensaio sobre as bases de uma sócio psiquiatria da classe média brasileira na era imperialista*, novamente pela Civilização Brasileira. Estes dois livros são complementares e marcam uma profunda mudança nos projetos intelectuais de Araújo Lima, que a partir daí passa a se utilizar de novos referenciais teóricos.

**1960-1970:** Publicou novos livros de ensaios e romances, que não serão analisados nesta tese.

**1978:** Faleceu no Rio de Janeiro.

**ANEXO III: Quadro dos divulgadores com suas atividades profissionais**

<b>Quadro de divulgadores e suas atividades profissionais</b>	
<b>Divulgadores*</b>	<b>Atividades profissionais</b>
A. Austregésilo	Médico neurologista, escritor e professor da FMRJ
A. J. Figueiredo	Crítico literário
A. Nobre de Mello	Médico e escritor
Adauto Botelho	Médico psiquiatra
Alfredo Neves	Médico, jornalista, político e professor
Alfredo Vervloet	Médico e professor da FMRJ
Alfredo Vieira	Informação não encontrada
Álvaro Vieira	Médico
André Ombredane	Médico psiquiatra francês
Aristides Ricardo	Médico
Arnaldo de Moraes	Médico
Beatrice Berle	Médica
C. A. Barbosa de Oliveira	Informação não encontrada
Carlos Foá	Médico italiano, professor da FMSP
Danilo Perestrello	Médico psiquiatra e psicanalista
Diógenes Pereira da Silva	Médico
Edgar S. dos Anjos	Médico psiquiatra
Edmundo Maia	Médico psiquiatra
Elso Arruda	Médico psiquiatra e psicanalista
Eugenio Gomes	Escritor e crítico literário
Euryalo Cannabrava,	Professor de filosofia e psicologia
Flávio de Souza	Médico psiquiatra
Flávio Pereira	Escritor e vice-presidente da Sociedade Interplanetária Brasileira de São Paulo
Floriano de Lemos	Médico
Francisco Sá Pires	Médico
Gilbert Dreyfus	Médico
Guilherme Figueiredo	Crítico literário
H. Schuman	Informação não encontrada
Hans Selye	Médico endocrinologista, professor da Universidade de Montreal
Hélio Silva	Médico
Helion Povóa	Médico
Hélios Pereira da Silva	Escritor
Iedda Cavalcanti	Professora da Faculdade de Serviço Social da Prefeitura do Rio de Janeiro
J. Bellini Burza	Médico
J. Vicente de Almeida	Médico clínico psicanalizado, especializado em doenças de fundo emocional
Jarbas de Carvalho	Jornalista, escrevia a coluna “Na seara dos livros”
Jean-Paul Valabrejo	Professor do Centro Nacional de Pesquisas Científicas na França, autor de livro sobre as teorias psicossomáticas
João de Campos Gatti	Médico
Jones Rocha	Escritor e crítico literário
Jorge de Serpa Filho	Escritor e sociólogo
José de Faria Góis Sobrinho	Médico e educador

José Leal	Político
José S. Rocha Filho	Médico psiquiatra, residente no hospital da Universidade de Maryland na década de 1950
Joseph J. Baicich	Jornalista da agência de notícias United Press
Júlio Paternostro	Médico
L. C. Rollemberg Dantas	Escritor e crítico literário
Lawrence Gould	Psicólogo norte-americano
Lêdo Ivo	Poeta, escritor e jornalista brasileiro, membro da ABL
Leonardo van Acker	Escritor
Leonídio Ribeiro	Médico
Licínio Santos	Médico
Luís Hildebrando H. Barbosa	Engenheiro
M. R. Caldeira	Informação não encontrada
M. Santos Silva	Médico
Martha Silva Gomes	Delegada do Paraná no II Congresso Feminista Internacional
Maurício de Medeiros	Médico psiquiatra, jornalista e escritor
Muniz Viana	Crítico literário e de cinema
Octávio Rodrigues Lima	Médico
Odilon Braga	Médico
Orlando M. Fontes	Médico
Oscar Carvalho	Médico, especializado em psicossomática
Oswaldo Domingues de Moraes	Médico psiquiatra e psicanalista
Otto Schneider	Crítico literário
Paul Bourget (trad. não assinada)	Psicólogo francês
Peregrino Jr.	Médico e escritor
Pompeu de Sousa	Crítico literário, autor da coluna “Livros da semana”
Robert Wallis	Cientista
Rudolph Dreikurs	Psiquiatra austríaco radicado nos EUA
Silvio Elia	Educador
Theobaldo Miranda	Educador
Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima)	Escritor, jornalista e crítico literário
Werther Leite Ribeiro	Médico
Wolf Rinski	Médico e psicólogo
Xavier de Oliveira	Médico

\* Esta tabela inclui apenas os divulgadores citados no capítulo 2



**ANEXO IV: Quadro de combinações teóricas realizadas por divulgadores**

<b>Combinações teóricas, seus divulgadores e questões locais</b>		
<b>Atores</b>	<b>Combinações teóricas</b>	<b>Questões debatidas</b>
Araújo Lima – psiquiatra	Kretschmer, Freud e Marx	A influência de Vargas na formação do caráter nacional brasileiro
Araújo Lima – psiquiatra	Freud, Proust e Kretschmer	O homem dividido e sua relação com a sociedade
Danillo Perestrello – psiquiatra e psicanalista	Adler, Freud, Med. Psicossomática e Higiene Mental	A constituição de uma educação infantil pautada em critérios científicos segundo a pedagogia e psicologia moderna
Augusto Nobre de Mello – médico	Adler, Klages e a Med. Psicossomática	A defesa de um “ecletismo científico” na psiquiatria brasileira
Odilon Braga – médico	Adler, J. Dewey e Ralph W. Emerson	Educação escolar
Rudolf Dreikurs psiquiatra	Adler, Med. Psicossomática	Infância e sexualidade; med. psicossomática
Austregésilo - neurologista	Adler, Freud e Kretschmer	O problema da fome no Brasil como causador de neuroses
Lúcia Miguel Pereira – crítica literária	Adler e Françoise Minkowska	Doença mental e temperamento nervoso de Machado de Assis
Iracy Doyle psiquiatra e psicanalista	Med. Psicossomática, Freud, psiquiatria social e Higiene Mental	Novos caminhos para a psiquiatria
F. M. Pimentel Jr.	Freud, endocrinologia e biotipologia	Novo Código Penal Brasileiro
Al Netto	Freud e higiene mental	Educação infantil
Arthur Ramos - psiquiatra	Kretschmer e Freud	A personalidade de Augusto dos Anjos
Augusto Meyer - crítico literário	Freud e Proust	O inconsciente e a memória
Dyonélio Machado - psiquiatra	Freud, Jung, Proust e Marx	O limiar entre a condição de ser humano e a animalidade, opressão do sistema capitalista
Renato Kehl – farmacêutico	Kretschmer, biotipologia, higiene mental e eugenia	Educação escolar
W. Berardinelli – médico	Kretschmer e biotipologia	Aplicação das teorias biotipológicas ao contexto nacional
Everardo Backheuser - educador	Kretschmer e o neotomismo	Educação escolar
Alceu de Amoroso Lima – crítico literário	Pavlov e behavioristas	Crítica a Escola Nova e a influência do marxismo na pedagogia brasileira
José Torres Norry – psiquiatra	Pavlov e a hipnose médica	Aplicação da hipnose em cirurgias e na odontologia
Membros do clero católico	Pavlov e hipnose	Campanhas contrárias ao transe no espiritismo e no candomblé
Adalberto de Lira Cavalcante – médico	Higiene mental, eugenia e biotipologia	O desenvolvimento da Escola Ativa no Brasil pautada nas citadas teorias
Bermann – psiquiatra	Neurofisiologia, higiene mental e marxismo	Definição de uma “socio psiquiatria”

**Anexo V: Quadro de colaboradores da *Revista Latino Americana de Psiquiatria (RLAP)***  
(1951-1954)

<b>Quadro de colaboradores da <i>RLAP</i></b>		
<b>Membros</b>	<b>Local de residência</b>	<b>Função na revista</b>
Antônio Austregésilo	Rio de Janeiro/Brasil	MCR* e autor de artigos (03)
Cláudio de Araújo Lima	Rio de Janeiro/Brasil	Editor e articulador
Emílio Mira y Lopez	Rio de Janeiro/Brasil	MCR e autor de artigos (04)
Fabrizio Napolitani	Rio de Janeiro/Brasil	Secretário de redação e autor de artigos (04)
Héitor Pérez	Rio de Janeiro/Brasil	MCR
Iracy Doyle	Rio de Janeiro/Brasil	Autora de artigos (03)
José Alves García	Rio de Janeiro/Brasil	MCR e autor de artigo (01)
Jurandir Manfredini	Rio de Janeiro/Brasil	Autor de artigos (02)
Maria Thereza Vinhaes	Rio de Janeiro/Brasil	Autora de artigo (01)
Maurício de Medeiros	Rio de Janeiro/Brasil	MCR e autor de artigo (01)
Nise da Silveira	Rio de Janeiro/Brasil	Autora de artigo (01)
Maria P. Manhães	Rio de Janeiro/Brasil	Autora de artigo (01)
Austregésilo de Mendonça	Belo Horizonte/Brasil	MCR e autor de artigo (01)
Elso Arruda	Pernambuco/ Brasil	Autor de artigo (01)
José Lucena	Recife/Brasil	MCR
Aníbal da Silveira	São Paulo/Brasil	MCR e autor de artigo (01)
Caio Prado Jr.	São Paulo/Brasil	Autor de artigo (01)
Mario Yahn	São Paulo/Brasil	Autor de artigo (01)
Graciano F. Cambor	Córdoba/Argentina	Autor de artigo (01)
Gregorio Bermann	Córdoba/Argentina	Editor, autor de artigos e polemista (13)
Jorge Orgaz	Córdoba/Argentina	Autor de artigos (02)
Juan Sorrentino	Córdoba/Argentina	Autor de artigo (01)
Miguel Sorin	Córdoba/Argentina	Secretário de redação e autor de artigos e (05)
Ricardo Podio	Córdoba/Argentina	Autor de artigo (01)
Sylvia Bermann	Córdoba/Argentina	MCR e autora de artigos (04)
Alberto L. Merani	Buenos Aires/Argentina	Autor de artigos (05)
César Augusto Cabral	Buenos Aires/Argentina	Autora de artigo (02)
César Coronel	Buenos Aires/Argentina	MCR e autor de artigo (01)
Jorge Thenon	Buenos Aires/Argentina	MCR e autor de artigos (03)
José Arias Montaldo	Buenos Aires/Argentina	Autor de artigos (02)

José Bleger	Buenos Aires/Argentina	MCR e autor de artigos (06)
José Torres Norry	Buenos Aires/Argentina	Autor de artigos (02)
Julio L. Peluffo	Buenos Aires/Argentina	MCR e autor de artigo (01)
Nerio Rojas	Buenos Aires/Argentina	MCR
Pedro J. Díaz Colodero	Buenos Aires/Argentina	MCR e autor de artigos (03)
Telma Reza	Buenos Aires/Argentina	Autora de artigo (01)
Bernardo Serebrinsky	La Plata/Argentina	MCR
Konstantin Gavrilov	Tucumán/Argentina	Autor de artigos (02)
Wenceslao C. Martín	Tucumán/Argentina	Autor de artigo (01)
Daniel L. Murgía	Montevideo/Uruguai	MCR
Élio Garcia Austt	Montevideo/Uruguai	MCR
Ventura C. Darder	Montevideo/Uruguai	MCR
Alonso Asenjo	Santiago/Chile	Autor de artigo (01)
Carlos Nassar G.	Santiago/Chile	MCR
Gustavo Mugica Cervantes	Santiago/Chile	MCR e autor de artigos (02)
Isaac Horvitz	Santiago/Chile	MCR
J. Pasmanik	Santiago/Chile	Autor de artigos (02)
Miguel Estay	Santiago/Chile	MCR
Octavio Peralta	Santiago/Chile	MCR e autor de artigo (01)
R. Salgado	Santiago/Chile	Autor de artigo (01)
W. Lifschitz	Santiago/Chile	Autor de artigo (01)
Alfonso Millán	Cidade do México	MCR
José E. Iturriaga	Cidade do México	Autor de artigo (01)
José Luis Patiño	Cidade do México	MCR (1953)
Raúl González Enriquez	Cidade do México	MCR e autor de artigos (02)
Carlos F. Mora	Guatemala	MCR
J. Alberto Martínez Z.	Sucre/Bolívia	MCR
Júlio Endara	Quito/ Equador	MCR
Abel Sánchez Pelaéz	Caracas/Venezuela	Autor de artigo (01)
Pedro Reyes E.	Caracas/Venezuela	MCR e autor de artigo (01)
Edmundo Rico	Bogotá/Colômbia	MCR (1952)
J. Socarrás	Bogotá/Colômbia	MCR (1952)
Juan B. Castaño	Bogotá/Colômbia	MCR (1953)
Frisso Patís	Havana/Cuba	Autor de artigo (01)
José Angel Bustamante	Havana/Cuba	MCR

Carlos Alberto Seguín	Lima/Peru	MCR e autor de artigo (01)
Emilio Majluf	Lima/Peru	MCR (1952) e autor de artigos (02)
Frederico Sal y Rosas	Lima/Peru	Autor de artigo (01)
Honorio J. Delgado	Lima/Peru	MCR
Ricardo Sal y Rosas	Lima/Peru	Autor de artigo (01)
Joseph Wortis	EUA	Autor de artigo (01)
Arturo M. de San Martín	Local não identificado	Autor de artigo (01)
E. M. Jellinek	Local não identificado	Autor de artigo (01)
Erik Jacobsen	Local não identificado	Autor de artigo (01)
Héctor O. Lestani	Local não identificado	Autor de artigos (02)
John Mac Leish	Local não identificado	Autor de artigo (01)
José A. Itzigsohn	Local não identificado	Autor de artigo (01)
L. Capedeville	Local não identificado	Autora de artigo (01)
Lydia F. de Coriat	Local não identificado	Autora de artigo (01)
Mário A. Puga	Local não identificado	Autor de artigo (01)
Paulino Moskovich	Local não identificado	Autor de artigo (01)
R. Poblet	Local não identificado	Autor de artigo (01)
Simón Markovich	Local não identificado	Autor de artigo (01)

\*MCR – Membro do Conselho de Redação

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

#### Obras de Cláudio de Araújo Lima

Medicina e estética. *Pasteur*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1940, p. 1.

*Babel*. São Paulo: Companhia Editora Panorama, 1940.

Corpo e alma. *Pasteur*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, jan.-fev. 1941, p. 1.

O sentido da morte de Zweig. In: AZEVEDO, Raul. *Vida e Morte de Stefan Zweig* Edição Especial da *Revista Aspectos*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Alba, 1942.

*Ascensión y caída de Stefan Zweig*. Madri: Ed. Alento, 2012 [versão brasileira 1942].

*A bruxa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

Psicoses de involução. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1947a, pp. 51-61.

The Right Man. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, set. 1947b, p. 1.

*Plácido de Castro, um caudilho contra o imperialismo*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1952.

*Mito e realidade de Vargas*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1955.

*Contribuição ao estudo psiquiátrico dos crimes contra vida. Comentário dos artigos 121 a 128 do código penal*. (Tese de concurso para a cátedra de clínica psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina – Universidade do Brasil) Rio de Janeiro: Gráfica Ed. Aurora, 1956.

*Ensaio de psicologia médica: Nota crítica sobre o conceito de medicina psicossomática*. Rio de Janeiro: Bruno Buccini Editor, 1959.

*Imperialismo e angústia: ensaio sobre as bases de uma sócio-psiquiatria da classe média brasileira na era imperialista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

#### Arquivos:

BERMANN, Gregorio. “Caderneta”. S.d. Arquivo Gregorio Bermann, Universidade Nacional de Córdoba.

\_\_\_\_\_. “Carta para Henrique Roxo”. Maio de 1949. Arquivo Gregorio Bermann, Universidade Nacional de Córdoba.

#### Jornais:

A.F. O romance *A Bruxa*. Coluna “Livros do dia”, *A Manhã*, 29/09/1944, p. 3.

ALMEIDA, Renato. Arte nova. *O Jornal*, 01/04/1923, p. 1.

AL NETTO. Disciplina e justiça. *Diário da Noite*, 24/03/1952, p. 8.

ANDRADE, Oswald de. Civilização. *Correio da Manhã*, 12/08/1947, p. 2.

- A.P. Movimento Literário. *Carioca*, 1944, p. 9.
- ARANHA, Graça. Sobre Proust. *Correio da Manhã*, 24/08/1932, p. 5.
- ATHAYDE, Tristão de (LIMA, Alceu de Amoroso). Brasileirismo. *O Jornal*, 21/02/1926a, s.p.
- \_\_\_\_\_. A música em Stendhal e Proust. *O Jornal*, 15/08/1926b, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Contos e novelas. *O Jornal*, 22/08/1926c, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Mal sagrado. *O Jornal*, 1927.
- \_\_\_\_\_. Duas valsas. *O Jornal*, 22/07/1928a, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Romances. *O Jornal*, 21/10/1928b, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Cá e lá. A psicologia gestual. *O Jornal*, 05/01/1930, p.4.
- \_\_\_\_\_. Prosa feminina. *O Jornal*, 12/10/1930, p.4.
- \_\_\_\_\_. Filosofia pedagógica II. *O Jornal*, 31/05/1931, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Caracterologia. *O Jornal*, 06/05/1934, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Caracterologia II. *O Jornal*, 20/05/1934, p. 4.
- \_\_\_\_\_. O existencialismo IV. *O Jornal*, 10/08/1941, p. 6.
- AUSTREGÉSILO, Antônio. O busto de Juliano Moreira. *Jornal do Commercio*, 27/06/1943, p. 4.
- BACKHEUSER, Everardo. Ciência e experiência. *Jornal do Brasil*, 20/02/1940, p. 6.
- A BATALHA. 31/12/1938, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A tragédia de Marechal Hermes. 07/02/1939, p. 1.
- BERARDINELLI, W. Loucos, médicos e ... viúvas em Machado de Assis. *O Jornal*, 20/03/1949, p. 2.
- BERMANN, Gregorio. Entrevista. *Diário de Pernambuco*, 25/09/1949, p. 5.
- BORBA, José Cesar. Literatura de médicos. *O Jornal*. 07/12/1941, pp. 1-2.
- BOTELHO, Adauto. Alcoolismo nos hospitais psiquiátricos do Brasil. *Jornal do Commercio*, 07/05/1953, pp. 4-5.
- BRAGA, Odilon. A função da escola. *Correio da Manhã*, 23/11/1940, p. 3.
- BRISSET, Pierre. Os mistérios do hipnotismo. *Correio da Manhã*, 06/05/1956, p. 7.
- CALDAS, Mirandolino. A psicanálise na teoria e na prática. *Jornal do Brasil*, 05/01/1958, p. 8; 2º caderno, p. 4.
- CALDEIRA, M. R. Os testes e sua aplicação na matemática. *Gazeta de Notícias*, 11/12/1942, p. 2.
- CALLADO, Antônio Carlos. Inferioridade. *Jornal do Brasil*, 22/04/1934: 16, 18.

- CANABRAVA, Euryalo. Theodor Haecker (O que é o homem). Letras estrangeiras. *O Jornal*, 23/08/1930, p. 3
- \_\_\_\_\_. Walther Malmsten Schering (Caráter e comunidade). Letras estrangeiras. *O Jornal*, 04/07/1937, p. 2.
- CARPEAUX, Otto Maria. O subconsciente e a realidade I e II. *Correio da Manhã*, 01/11/1942, pp. 1-2; 08/11/1942, p. 1.
- \_\_\_\_\_. A verdade sobre Édipo. *Correio da Manhã*, 16/06/1956, p. 7.
- CASTRO, Olyntho de. Doenças do coração. *Correio da Manhã*, 23/07/1939, p. 17.
- CAVALCANTE, Waldemar. Dois ensaios. *O Jornal*, 1930.
- CELSO, Afonso. “Coligação Católica Brasileira”. *Jornal do Brasil*, 01/06/1935, p. 5.
- CHAVES, Tulio. Doenças da moda. *A Manhã*, 17/05/1942, p. 3.
- \_\_\_\_\_. “Resenha Científica: Ascensão e Queda de Stefan Zweig”. *A Manhã*, 14/02/1943, p. 3.
- CHEDI, F. Nem todos cedem ao hipnotizador. *Correio da Manhã*, 30/05/1956, p. 3.
- COELHO, Saldanha. Um livro de ensaios. *Letras e Artes* (suplemento de *A Manhã*), 18/02/1951, p. 10.
- CORREIO DA MANHÃ**. Um livro de sensação. Rio de Janeiro, 26/08/1924, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Benjamin Cremieux regressa à França. 14/09/1930, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Benjamin Cremieux na ABL. 18/09/1930, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Benjamin Cremieux na ABL. 19/09/1930, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Contra o ensino religioso nas escolas. 28/06/1931, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Conferência do Prof. Garric na ABL. 17/08/1933, p.7.
- \_\_\_\_\_. Stefan Zweig. 19/11/1936, p. 3.
- \_\_\_\_\_. A hospitalização não é só um dever como uma necessidade. 13/04/1939, p. 13.
- \_\_\_\_\_. Sanatório Santa Alexandrina, ano de 1939.
- \_\_\_\_\_. Rádio. 26/07/1940, p. 11.
- \_\_\_\_\_. A alma da criança. 14/09/1940, p. 3.
- \_\_\_\_\_. A Livraria Quaresma. 04/02/1941, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Cinemas. 17/07/1941, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Eu fui médico de Hitler. 23/09/1942, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Médicos e Sanatórios, ano de 1943.
- \_\_\_\_\_. Molestias nervosas. 16/01/1944, p. 3.
- \_\_\_\_\_. La psicología individual y la escuela. 27/05/1945, p. 24.

- \_\_\_\_\_. Ensino. 03/07/1945, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Prof. Dr. José de Araújo Lima, missa de 7º dia. 18/07/1945, p. 7.
- \_\_\_\_\_. Medicina Psicossomática. 13/09/1946, p. 11.
- \_\_\_\_\_. Alguns aspectos da medicina psicossomática. 29/03/1947, p. 13.
- \_\_\_\_\_. Fundamentos da medicina psicossomática. 30/07/1947, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Curso sobre psiconeuroses. 03/09/1947, p. 11.
- \_\_\_\_\_. Violento ataque à psicanálise. 28/02/1948, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Ensino. 30/04/1948, p. 12.
- \_\_\_\_\_. Educação para um mundo novo. 11/04/1948, p. 24.
- \_\_\_\_\_. Curso de extensão sobre o tratamento das neuroses. 07/05/1949, p. 12.
- \_\_\_\_\_. Atos do Prefeito. 24/11/1951, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Novos métodos de psicodiagnóstico e pesquisas da personalidade. 06/12/1951, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Várias. 13/03/1952, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Os barés amaldiçoam sua terra natal. 22/09/1952, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Psiquiatra Cláudio de Araújo Lima estreará como dramaturgo. 11/01/1953, p. 11.
- \_\_\_\_\_. Teatro. 14/05/1953, p. 11.
- \_\_\_\_\_. Favorável o Papa ao parto sem dor. 10/01/1956, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Parto sem dor, método psicoprofilático. Seu estudo e difusão no Brasil. 27/05/1956, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Curso de hipnose médica e sono prolongado medicamentoso. 27/06/1956, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Aula inaugural do curso sobre reflexos condicionados de Pavlov. 27/11/1956, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Iniciado o curso sobre reflexos condicionados de Pavlov. 09/12/1956, p. 10.
- \_\_\_\_\_. Tipos nervosos segundo Pavlov. 21/04/1957, p. 11.
- \_\_\_\_\_. Cartazes. 16/03/1958, 5º caderno, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Telepatia e hipnose de novo na televisão. 28/06/1958, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Curso sobre hipnose terapêutica na odontologia. 20/08/1958, p. 11.
- \_\_\_\_\_. Terapêutica pelo sono nos hospitais da URSS. 29/08/1958, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Fenômenos do espiritismo provocados por um Marista. 23/09/1958, p. 7.
- \_\_\_\_\_. Teatro das letras. 11/04/1959, p. 7.
- \_\_\_\_\_. Letras estrangeiras. 23/05/1959, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Ciência russa alcança êxito em transplante de coração e fígado. 21/08/1959, p. 2.



- \_\_\_\_\_. Fisiologistas russos farão conferências. 23/08/1959, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Gatos pardos. 19/09/1959, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Médico vai acionar Estado. 06/05/1966, p. 9.
- DANTAS, Júlio. “Stephan Zweig”. *Correio da Manhã*, 26/04/1942, sp.
- DANTAS, L. Rollemberg. Retrospecto sobre a obra de Zola. *Correio da Manhã* (suplemento), 08/12/1940, p. 1.
- DIÁRIO CARIOCA*. Trágico fim de um aventureiro. 22/04/1939, p. 1.
- \_\_\_\_\_. A ciência de viver. 01/09/1940, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Diário Astrológico. 26/07/1944, p. 6.
- \_\_\_\_\_. À Margem dos Livros. 17/09/1944, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Intervenção na Argentina pedida às Nações Unidas. 19/01/1946, pp. 1; 11.
- \_\_\_\_\_. Cinemas. 10/08/1950, p. 7.
- \_\_\_\_\_. Abdias Nascimento encenará “Laio se matou”. 09/04/1952, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Análise da escrita como psicodiagnóstico. 02/07/1954, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Físico e caráter tem relação. 01/12/1957, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Médico alemão investiga o caráter pelas orelhas. 05/04/1959, p. 2.
- DIÁRIO DA NOITE*. Conferências do Professor Bermann... 14/09/1949, p. 9.
- \_\_\_\_\_. A Escola de Polícia e o Instituto de Medicina Legal. 07/06/1950, p. 3.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. Biotipologia e educação. 27/03/1932, p. 14.
- \_\_\_\_\_. Publicações. 17/04/1932, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Libros en castellanos. 24/03/1953, p. 3.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO*. Vitoriosa a ação do sr. João Mangabeira – Concedido o habeas-corpus para Dyonélio Machado. 23/11/1935, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Reprimindo o extremismo. 07/08/1936, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Diário Social. 05/02/1937, p. 6.
- O ESTADO*. Um livro de sensação. Santa Catarina, 15/07/1924, p. 2.
- FABIÃO. Grafologia. *Tribuna da Imprensa*, 11/08/1952, p. 4.
- FARIAS, Elson. Cláudio de Araújo Lima na Academia. *Jornal do Comércio*, Manaus, 24/09/1978, p. 7.
- FERREIRA, Moacyr. Os barés amaldiçoam sua terra natal. *Correio da Manhã*, 21/09/1952, p. 2.
- FIGUEIREDO, A. J. de. O romance naturalista e o romance moderno. *Letras e Artes* (suplemento de *A Manhã*), 15/03/1953, pp. 6-7; 10-11.

- FIGUEIREDO, Guilherme. “Zweig no Brasil”. *Diário de Notícias*, 12/09/1943, sp.
- FONTES, Orlando M. Os papa-leite. *Jornal do Brasil*, 31/03/1946, p. 3.
- FRANCO, Oliveira. Em torno de Marcel Proust. *Correio da Manhã*, 18/08/1935, p. 2.
- FREITAS, Leopoldo de. Escritor Maurois. *Correio da Manhã*, 13/07/1930, p. 4.
- FREITAS, Madeira de. O diabete e seu tratamento especializado. *Correio da Manhã*, 06/08/1939, p. 18.
- FREYRE, Gilberto. James Joyce: o criador de um ritmo novo para o romance. *Diário de Pernambuco*, 11/12/1924, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Sociólogos Românticos. *Correio da Manhã*, 12/01/1938, p. 4.
- \_\_\_\_\_. O Cafuné: sua psicanálise. *Correio da Manhã*, 19/06/1941, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A propósito de ingleses. *Diário de Notícias*, Letras e Artes, 12/09/1948, quarta seção, p. 1.
- GATTI, João de Campos. O que todos devem saber: O problema das crianças retardadas sob o ponto de vista médico. *A Noite*, 19/12/1943, p. 6.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. O caso Zweig. 01/03/1942, sp.
- \_\_\_\_\_. O jubileu de um grande sábio. 01/09/1946, pp. 1-4; 7.
- \_\_\_\_\_. Ivete Vargas vai a Paris. 31/05/1953, p. 2.
- GOMES, Eugênio. Proust e Rilke. *Letras e Artes* (suplemento de *A Manhã*), 17/12/1950, pp. 1, 4.
- GONÇALVES, Aluízio. Bons resultados com o emprego da hipnose em odontologia. *Correio da Manhã*, 01/07/1956, p. 10.
- GOULD, Lawrence. “É o seu caso?” *A Noite*, 31/03/1950, p. 16; 12/04/1951, p. 14.
- HUGGINS, Elizabeth. A peça de Nelson Rodrigues. *Diário Carioca*, 07/07/1957, p. 3.
- HUNGRIA, Nelson. O novo Código Penal. *Correio da Manhã*, 14/11/1941, p. 4.
- O IMPARCIAL. Departamento Nacional de Indústria e Comércio. 18/08/1938, p. 6.
- JAJA, Van. Marcel Proust e o amor. *Letras e Artes* (suplemento de *A Manhã*), 07/08/1949, p. 12.
- JOÃO CARIOCA. Doido de juízo. *Correio da Manhã*, 20/03/1930.
- \_\_\_\_\_. Falar difícil. *Correio da Manhã*, 01/06/1935, p. 6.
- JOÃO JOSÉ. Curso em torno de Proust. *Correio da Manhã*, 01/08/1933, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Conferências de Robert Garric. *Correio da Manhã*, 13/08/1933, p.2.
- \_\_\_\_\_. A propósito de Proust. *Correio da Manhã*, 21/02/1931, p. 6.

- \_\_\_\_\_. O livro de Graça Aranha – Espírito Moderno. *Correio da Manhã*, 26/05/1932, p. 7.
- \_\_\_\_\_. Uma pastiche de Proust por Maurois. *Correio da Manhã*, 26/08/1932, p. 5.
- O JORNAL*. As diferenças individuais e o conceito de “normal”. Editorial d’A Folha Médica de 15/12/1929. 21/12/1929, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Conferência de Benjamin Cremieux sobre Proust (anti-materialista). 18/09/1930, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Agitada a classe médica em torno da libertação de Dyonélio Machado. 18/10/1935, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Injustiça que vai ser reparada. 30/11/1938, p. 4.
- \_\_\_\_\_. A ciência da natureza humana. 28/04/1940, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A ciência de viver. 22/09/1940, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Reuniões. 21/03/1945, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Medicina psicossomática. 07/07/1946, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Conferências. 14/09/1946, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Centro de Estudos Juliano Moreira. 18/11/1949, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Até onde não é pecado eliminar as dores do parto. Suplemento Feminino, 01/04/1956, p. 5.
- \_\_\_\_\_. 16/01/1960, p. 2.
- \_\_\_\_\_. *Por que sou nervosa?* 11/02/1960: 3.
- JORNAL DO BRASIL*. Pela instrução, 04/12/1927, p. 25.
- \_\_\_\_\_. Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina. 15/11/1930, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal. 02/05/1934, p. 23.
- \_\_\_\_\_. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal. 04/05/1934, p. 19.
- \_\_\_\_\_. Coluna Educação e Ensino. 11/05/1934, p. 14.
- \_\_\_\_\_. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal. 15/05/1934, p. 21.
- \_\_\_\_\_. Revista Justitia. 15/05/1934, p. 27.
- \_\_\_\_\_. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal. 17/05/1934, p. 20.
- \_\_\_\_\_. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal. 08/06/1934, p. 21.
- \_\_\_\_\_. Em torno de um concurso. 07/09/1934, p. 13.
- \_\_\_\_\_. Concurso para médicos legistas. 18/09/1934, p. 13; 19/09/1934, p. 13; 05/10/1934, p. 13.
- \_\_\_\_\_. Coluna Transcrições e Resumos. 21/11/1934, p. 14.

- \_\_\_\_\_. Coluna Transcrições e resumos. 28/11/1934, p. 14.
- \_\_\_\_\_. Atos do Governo. 28/08/1935, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Atos do Prefeito. 05/11/1936; 24/07/1937.
- \_\_\_\_\_. Educação e ensino. 24/11/1936, p. 14.
- \_\_\_\_\_. Secretaria Geral de Saúde e Assistência. 14/02/1937, p. 35.
- \_\_\_\_\_. Prefeitura. 12/01/1938, p. 10.
- \_\_\_\_\_. Atos do Governo. 21/12/1938, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Atos do Governo. 23/12/1938, p. 6.
- \_\_\_\_\_. A ciência da natureza humana. 28/04/1940, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A ciência de viver. 22/09/1940, p. 4.
- \_\_\_\_\_. Associações. 25/03/1945, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Associações. 15/05/1946, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Curso de Medicina Psicossomática. 29/07/1947, p. 8.
- \_\_\_\_\_. Curso de Medicina Psicossomática. 13/08/1947, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Curso de férias para aperfeiçoamento de professores secundários. 20/01/1949: 6.
- \_\_\_\_\_. V Congresso Brasileiro de Urologia. 10/09/1949, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Crítica. 06/04/1957, p. 10.
- \_\_\_\_\_. Resultados dos testes do programa 900 segundos. 20/09/1958, p. 10.
- JORNAL DO COMÉRCIO*. Os fatos do momento, 05/09/1924: 1; 10/09/1924: 1
- \_\_\_\_\_. *Manaus Social*, 24/01/1928: 1
- \_\_\_\_\_. Dr. Cláudio de Araújo Lima. 07/03/1937, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Academia Nacional de Medicina. 03/07/1941, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Tribunal de apelação. 26/07/1941, p. 78.
- \_\_\_\_\_. Psicopatologia de Guerra. 31/01/1943, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Livros Novos. 11/06/1944, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Discurso de Posse. 22/06/1945, p. 4.
- \_\_\_\_\_. A proteção dos direitos do homem. 19/01/1946, pp. 1-2.
- \_\_\_\_\_. As acusações ao governo argentino. 07/02/1946, p. 1.
- KOHNEN, Mansueto. O anti-cristo e Cristo, Nietzsche e Francisco ... *A Ordem*. Nov. dez. 1936, p. 348.
- LEÃO, Múcio de. Minhas memórias dos outros. *Jornal do Brasil*, 1934.
- LIMA, Cláudio de Araújo. Carta publicada na Coluna Cidade Aberta. *Última Hora*, 26/05/1956, p. 7.

LINS, Alvaro. Caminhos opostos. *Correio da Manhã*, 26/04/1941, p. 2.

LOUSADA, Wilson. A máscara que não caiu. *A Manhã*, 16/10/1946, p. 4.

LYRA, Roberto. Crítica do romance *Casa de Saúde*. *A Noite*, 04/08/1938, p. 2.

\_\_\_\_\_. Semana Literária. *A Noite*, 1944: s.p.

MAJOY, Stephan Zweig. *Correio da Manhã*, 16/05/1942: 2

A MANHÃ. Novas vítimas da “lei de segurança”. 17/10/1935, p. 7.

\_\_\_\_\_. Os médicos querem a liberdade do sr. Dyonélio Machado. 17/10/1935, p. 7; 18/10/1935, p. 6.

\_\_\_\_\_. Que crime cometeu o doutor Dyonélio Machado? 19/10/1935, p. 2.

\_\_\_\_\_. Queremos mobilizar todo povo em prol da liberdade de Dyonélio Machado. 22/10/1935, p. 2.

\_\_\_\_\_. O doutor Dyonélio Machado, vítima da lei monstro. 26/10/1935, p. 3.

\_\_\_\_\_. Justiça contra o povo. 07/11/1935, p. 1.

\_\_\_\_\_. Mais um atentado contra a liberdade preciosa de Dyonélio Machado. 09/11/1935, p. 1.

\_\_\_\_\_. Já que não puderam matá-lo... 10/11/1935, p. 2.

\_\_\_\_\_. Habeas-corpus em favor de Dyonélio Machado será julgado pela Suprema Corte. 22/11/1935, p. 2.

\_\_\_\_\_. Livros do dia. 05/02/1943, p. 8

\_\_\_\_\_. ABL – Concursos Literários de 1943. 23/06/1943, p. 2.

\_\_\_\_\_. Livros do dia. 13/07/1944, p. 6.

\_\_\_\_\_. O governo argentino constitui grave ameaça para a segurança mundial – afirma o Sr. Gregório Bermann. 19/01/1946, pp. 1;7.

\_\_\_\_\_. Movimento Forense. 30/08/1947, p. 8.

\_\_\_\_\_. Condenado Antônio Bento. 03/04/1948, pp. 1-2.

\_\_\_\_\_. Livros de Ciência. Suplemento *Ciência para Todos*, 27/06/1948, p. 15.

\_\_\_\_\_. Outra brilhante iniciativa do Teatro do Estudante. 08/07/1952, p. 5.

\_\_\_\_\_. Estreia de “A Volta”, no Teatro Duse. 16/01/1953, p. 6.

MARTINS, Wilson. De Wassermann a Rosário Fusco. *O Dia*, 10/09/1944, pp. 4; 7.

MATA, José Nogueira da. Coronel de Barranco. *Jornal do Comércio*, 08/02/1976, p. 5.

MAUL, Carlos. “Um livro mau”. *Correio da Manhã*, 08/08/1941, p. 4.

MEDEIROS, Maurício. Médico de Hitler. *Correio da Manhã*. 30/08/1942, p. 6.

MELLO, A. Nobre de. Neurose e psicanálise. *Jornal do Commercio*, 30/04/1950, p. 3.

MELLO, SÉRVULO. Manequins de carne. *A Manhã*, 02/12/1949, p. 4.

MILLET, Sérgio. Um livro sobre Eça de Queiroz. *A Manhã*, 01 e 02/01/1949, p. 13.

MONIZ, Heitor. Segundo Proust. *Correio da Manhã*, 07/07/1931, p. 4.

\_\_\_\_\_. O teatro de André Gide. *Correio da Manhã*, 14/06/1932, p. 4.

MORAIS, Arnaldo. De parto não se deve morrer. *Correio da Manhã*, 20/08/1939, p. 17.

M.R. Consultório psicanalítico. *Diário da Noite*, 15/09/1952, p. 4.

NEVES, Alfredo. As neuroses de guerra. *Jornal do Commercio*, 15/03/1942, p. 3.

A NOITE. Curso de aperfeiçoamento pedagógico. 05/04/1937, p. 5.

\_\_\_\_\_. Livros. 27/04/1939, p. 2.

\_\_\_\_\_. O sonho chave da vida. 27/05/1939, p. 3.

\_\_\_\_\_. O Presidente Vargas fez um novo Brasil. 22/09/1940, pp. 1-2.

\_\_\_\_\_. O Presidente Vargas, nas impressões de Stefan Zweig. 22/09/1940, p. 4.

\_\_\_\_\_. Um hino de louvores e de fé no Brasil. 01/08/1941, p. 3.

\_\_\_\_\_. Exausto. 24/02/1942, pp. 1; 3.

\_\_\_\_\_. A medicina psicossomática. 05/07/1948, p. 2.

\_\_\_\_\_. Cláudio de Araújo Lima conta a história de “A Volta”. 17/01/1953, p. 6.

NUNES, A. Pereira. No mundo dos remédios. Um caso interessante. *Correio da Manhã*, 06/11/1932, p. 2.

NUNES, Duarte. Próstata: infecção focal. *Correio da Manhã*, 30/07/1930, p. 13.

OLIVEIRA, Xavier de. Professor Austregésilo – Mestre dos mestres. *Jornal do Commercio*, 25/06/1944, p. 5.

PAIVA, Mauro. Flores, florestas e poesia para os doentes mentais. *O Mundo Ilustrado*, 1957, pp. 32-33.

PALEOLOGO, Constantino. Ensaio sobre a obsessão homicida de Dostoievski. *O Jornal*, 24/12/1944, p. 3.

\_\_\_\_\_. O gênio enigmático de Poe. *O Jornal*, 11/04/1948, p. 1.

P. C. M. A medicina na peça de Silveira Sampaio “A inconveniência de ser esposa”. *Correio da Manhã*, 17/10/1948, p. 27.

PEDROSA, Mário. Da abstração a auto expressão. *Jornal do Brasil*, 19/12/1959, p. 15.

PEREGRINO JR. Iconografia de Machado de Assis. Estudo da evolução fisionômica do autor através dos seus retratos. *Jornal do Brasil*, 22/06/1958, p. 5.

PIMENTEL JÚNIOR, F. de Menezes. À margem do novo Código Penal. *Correio da Manhã*, 29/10/1941, p. 2.

*O RADICAL*. O Povo Carioca se alista nas fileiras do Partido Autonomista. 24/03/1933, p. 2.

RAMOS, Arthur. Augusto dos Anjos à luz da psicanálise. *O Jornal*, 26/09/1926, p. 18.

*O REBATE*. Viajantes. 18/12/1938, p. 4.

REGO, Costa. “Milhões de Zweig”. *Correio da Manhã*, 06/08/1941, p. 2.

REZENDE, Francisco Barbosa de. Amiel, o diário e o casamento. *Correio da Manhã*, 27/01/1946, p. 1.

RIBEIRO, Fábio Alves. São Bento e o mundo moderno. *A Ordem*, 1947, p. 89.

RIBEIRO, Leonídio. “Estudos” de Tristão de Athayde. *O Imparcial*, 21/12/1928, p. 6; *Diário Nacional*, 10/03/1929, p. 4.

\_\_\_\_\_. Revelações da Psiquiatria. *O Jornal*, 03/09/1947, p. 4.

RICARDO, Aristides. A nocividade do álcool. *O Imparcial* (suplemento), 21/12/1941, p. 5.

RINSK, Wolf. Erros propalados e atos falhos no falar. *Correio da Manhã*, 1955, p. 36.

\_\_\_\_\_. Complexos. *Correio da Manhã*, 1956, p. 34.

\_\_\_\_\_. Tipos individuais. *Correio da Manhã*, 1957.

\_\_\_\_\_. Caracteres psicológicos. *Correio da Manhã*, 1958a.

\_\_\_\_\_. Os anormais. *Correio da Manhã*, 1958b.

SANTANA, Nuto. Livros Novos. *Correio Paulistano*, 07/12/1947, p. 20.

SANTOS, A. Deicola dos. Anatole France e os garotos de Montparnasse. *Correio da Manhã*, 08/06/1930, p.1.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre os Goncourt. *Correio da Manhã*, 12/07/1931, p.1.

SANTOS, Licínio. A tuberculose tem preferência por certos tipos. *A Noite* (suplemento), 26/03/1946, p. 42.

SANTOS, Theobaldo M. dos. A educação e a vida. *A Manhã*, 09/01/1947, p. 4.

\_\_\_\_\_. A educação e a personalidade. *A Manhã*, 22/05/1947, p. 4.

\_\_\_\_\_. A criança e a educação. *A Manhã*, 03/07/1947, p. 4; 8.

\_\_\_\_\_. A educação e o progresso. *A Manhã*, 10/07/1947, p. 4.

\_\_\_\_\_. Pais e filhos. *A Manhã*, 14/01/1949, p. 4.

SILVA, H. Pereira da. Psicanálise e literatura. *Diário Carioca*. 26/08/1951, p. 12.

SILVA, M. Santos. Parto sem dor. *Correio da Manhã*, 22/07/1956, p. 2.

SOBRINHO, Faria Góis. O processo de adolescência. *Jornal do Brasil*, 19/01/1949, p. 9.

VAN ACKER, Leonardo. Reflexões sobre a objetividade na filosofia. *Letras e Artes* (suplemento de *A Manhã*), 16/04/1950, p. 4.

VIEIRA, Alvaro. Medicina para todos. *O Jornal*. 17/09/1957, p. 2.  
\_\_\_\_\_. Indivíduo hiperestênico. *O Jornal*. 18/09/1957, p. 2.  
\_\_\_\_\_. Por que sou nervosa? *O Jornal*, 11/02/1960, p. 3.  
\_\_\_\_\_. Medicina para todos. *O Jornal*, 12/02/1960, p. 3.  
WEISSMANN, Karl. Nenhum perigo na hipnose em medicina. *Correio da Manhã*, 02/08/1956, p. 3.  
WIENITZER, Louis. Tennessee Williams e Carson MacCullers. *Letras e Artes* (suplemento de *A Manhã*), 20/07/1952, pp. 6-7.  
XAVIER, Jorge. Biotipologia. *Correio da Manhã*, 20/03/1932, p. 2.

### **Revistas:**

ABNP (ARQUIVOS BRASILEIROS DE NEURIATRIA E PSIQUIATRIA). Boletim da SBNPML, 1925 (sessão de 21/10/1924), p. 225.  
\_\_\_\_\_. Boletim da SBNPML, 1928 (sessão de 07/11/1927), p. 64.  
\_\_\_\_\_. Resenha do *Livro Jubilar do Professor Austregésilo*. In: “Bibliografia”. Ano XVIII, n. 3, mai.-jun. 1935, pp. 161-162.  
ABREU, Modesto. Três momentos no romance brasileiro. *Dom Casmurro*, 15/07/1939, p. 6.  
ACCIOLY NETTO, A. Teatro no Rio. *O Cruzeiro*, 27/09/1952, p. 29.  
AMÉRICA BRASILEIRA. Resenha da Atividade Nacional. “James Joyce”. Set. 1924, p. 297.  
ANDRADE, Almir de. Tendências atuais do romance brasileiro. *Vamos Lêr!*, 21/04/1938, pp. 65-69.  
\_\_\_\_\_. “Machado de Assis, o Romancista”. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 2, jun. 1939.  
ANDRADE, Carlos Drummond. Os livros e as ideias. *A Revista*, n. 2, ago. 1925, pp. 52-53.  
ANTIPOFF, Helena. Teste das Mãos. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1947, pp. 3-24.  
ARANHA, José. A cura pelo teatro. *Pasteur*, ano I, n. 4, jan.-fev. 1941, p. 35.  
AUSTREGÉSILO, Antônio. “Alguns aspectos psicológicos de Machado de Assis”. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, 58, jul.-dez. 1939.  
\_\_\_\_\_. Alguns aspectos psicológicos de Machado de Assis. *Jornal do Comércio*, 16/07/1939, p. 6.  
\_\_\_\_\_. A ânsia do maior e do melhor na origem do progresso e da civilização. *Pasteur*, ano I, n. 1, jul. 1940.



- \_\_\_\_\_. Alimentação e análise mental. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 1952, pp. 9-16.
- BACKHEUSER, Everardo. Os dois polos da Terra: ensaio anti-bolchevista. *A Ordem*, 1931, pp. 221-222.
- \_\_\_\_\_. O estruturalismo de Spranger. *Pasteur*, ano I, n. 2, ago. 1940.
- \_\_\_\_\_. Novos rumos à pedagogia? *Revista Brasileira*, jun. 1941.
- BANDEIRA DE MELO, Nelson. O diagnóstico antropométrico dos biótipos de Kretschmer. *Revista de Medicina Militar*, n. 1, 1941.
- BERMANN, Gregorio. Una encuesta sobre la familia obrera en Córdoba. *Claridad: revista de arte, crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*. Buenos Aires, ano XIII, n. 277, mai. 1934: s.p.
- \_\_\_\_\_. A propósito de una obra representativa de la psiquiatria actual en España. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1951a.
- \_\_\_\_\_. Desintegración social y deterioración mental. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1951b.
- BERMANN, Gregorio; CAPDEVILA, Arturo. Polemica sobre el psicoanálisis. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 1952.
- BOSLELI, Carlo. Marcel Proust e Gomez de la Serna. *América Brasileira*, 1923, p. 248.
- BRAGA, Edgar. Cliente ruim. *Pasteur*, ano I, n. 3, 1940.
- CABRAL, César Augusto. Volvamos al buen sentido. Del psicoanálisis a la lobotomía. *RLAP*, ano III, n. 9, pp. 67-70.
- CABRAL, João C. da Rocha. Um bom romance realista. *Vamos Lêr!*, 13/07/1944, p. 55.
- CANNABRAVA, Euryalo. A psicologia como ciência natural. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, set. 1947, pp. 2-13.
- CARETA. As vespas. 14/03/1953, p. 30.
- \_\_\_\_\_. O Tímido. 17/03/1956, pp. 30-31.
- \_\_\_\_\_. Higiene Mental. 1958, p. 41.
- CARIOCA. Mensagem aos leitores. 1935, p. 5.
- \_\_\_\_\_. O criador do complexo de inferioridade. 1940, p. 9.
- \_\_\_\_\_. Medeiros e Albuquerque visto por Antônio Austregésilo. 02/11/1940, pp. 11, 59.
- \_\_\_\_\_. Marília Batista. 1945, pp. 25, 57.
- \_\_\_\_\_. A ciência de viver de Adler. 07/09/1946, p. 23.
- \_\_\_\_\_. Noticiário. 1950, p. 48.

- \_\_\_\_\_. Aspectos da psicologia infantil. 1952, p. 33.
- A CASA. 1923, 1940-1952.
- CASTRO, Josué de. Raça e constituição. Tendência constitucional das raças negras. *Pasteur*, ano I, n. 1, jul. 1940.
- CAVALCANTE, Alberto de Lira. Considerações sobre a higiene mental da criança no período escolar. *Pasteur*, ano I, n. 2, ago. 1940, pp. 4-9.
- CLARA, Maria. Do meu cantinho para o seu lar. *Carioca*, 1953, p. 70.
- O CRUZEIRO. "Assim falou Freud" no teatro de bolso. 18/02/1950, p. 37.
- \_\_\_\_\_. O hipnotismo entre duas batinas. 31/05/1958, pp. 47-49.
- \_\_\_\_\_. Fácil hipnotizar? Depende do paciente. 11/10/1958, pp. 23-26.
- DOYLE, Iracy. Psiquiatria contemporânea e perspectiva futura. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1951.
- DUTRA, Lia Correa. "Algumas Mulheres de Machado de Assis". *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, 2, jun. 1939.
- ELIA, Silvio. Pedagogia socrática. *A Ordem*, jun. 1944, p. 46.
- GASPARINI, Savino. Escola antiga e escola moderna. *Visão Brasileira*, out., 1941, p. 6.
- GOLD, Max. Os doutores do rádio. *Carioca*, 1950, pp. 12-15, 59-60.
- GOMES, Martim. Biotipologia feminina. *Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre*, fascículo I, 1938.
- GUARANYNS, M. D. Ypiranga dos. *Pasteur*, ano I, n. 3, nov. – dez. 1940, pp. 11-14.
- HADDAD, Jamil Almansur. Poesia e loucura. *Pasteur*, ano I, n. 4, jan.-fev. 1941, pp. 25-27.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. "Linguagem e Estilo de Machado de Assis". *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3, jul.-ago. 1939.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O futurismo paulista. *Fon-Fon*, 10/12/1921, s.p.
- \_\_\_\_\_. O lado oposto e outros lados. *Revista do Brasil*, n. 3, out. 1926.
- JOBIM, Jorge. Machado de Assis. *Vamos Lêr!*, 04/08/1938, pp. 28-29.
- JORNAL DAS MOÇAS. Jornal das Moças. Ano I, n. 1, 21/05/1914, p. 5.
- \_\_\_\_\_. Expediente. 1940.
- KEHL, Renato. As Constituições em Psiquiatria. *Boletim de Eugenia*, v. I, n. 1, jan. 1929a.
- \_\_\_\_\_. Hereditariedade e inteligência. *Boletim de Eugenia*, v. I, n. 6-7, jun.-jul. 1929b, p. 8.
- \_\_\_\_\_. A colaboração dos pais, médicos e mestres na educação da criança. *Revista da Semana*, 10/06/1939, pp. 42-43.

- KRETSCHMER, E. Genealogia de homens eminentes. *Boletim de Eugenia*, v. 1, n. 5, mai. 1929, pp. 2-3.
- LEAL, José. Agamenon, o anjo diabólico. *O Cruzeiro*, 08/05/1948, pp. 27-28; 32; 92.
- LEITÃO, Arnaldo Câmara. O que eles disseram. *Careta*, 30/04/1955, p. 10.
- LIMA, Alceu de Amoroso (ATHAYDE, Tristão de). Pirandello. In: Feira de Amostras. *Revista Verde*, 1929, pp. 19-20.
- LOBO, Fábio Leite. Sonhos e pesadelos de veranistas. *Vamos Lêr*, 25/08/1938, p. 25.
- LOPES, I. da Cunha. Contribuição ao estudo dos tipos morfológicos na mulher psicopata. *Arquivos da Polícia Civil de São Paulo*, v. IV, 1942.
- MAIA, Edmundo. A importância do próximo congresso de psiquiatria. *Vida Doméstica*, nov. 1948, p. 137.
- MANCHETE, 1957, pp. 71-72.
- MAROF, Tristan. La obra de Bermann, *Menores desamparados y delincuentes en Córdoba y su interes social*. *Claridad: revista de arte, crítica y letras, tribuna del pensamiento izquierdista*. Buenos Aires, ano XIII, n. 277, mai. 1934: s.p.
- MAURÍCIO, Hélio Vecchio. Biotipologia, o cinema e a arte. *Educação Física*, mai. 1941, pp. 44-45.
- MELLO, A. L. N. O romance psicológico de Aldous Huxley. *Pasteur*, ano I, n. 1, jul. 1940.
- MENEZES, Djacir. Etnogênese das caatingas e formação do cangaço. *Cultura Política*, fev. 1942, pp. 35-36.
- MENON, Rudo. Claudette Coubert tem o juízo perfeito. *Carioca*, 1950, pp. 28-29, 60.
- MERRHOFF, W.; MEERHOFF, A. Síntesis de nuestro concepto del arte médico. El arte médico que vendrá. *Pasteur*, ano I, n. 2, 1940.
- MIRA Y LÓPEZ, Emilio. Psicotécnica hospitalar. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, set. 1947, pp. 45-48.
- \_\_\_\_\_. Integración y síntesis de la conducta humana. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1951.
- MOCHEL, Arcelina. Nossos problemas. *O Momento Feminino*, 25/07/1947, p. 2.
- MONIZ, Edmundo. Branca de Neve e o complexo familiar. *Carioca*, 20/07/1940, p. 3.
- \_\_\_\_\_. A tragédia de Dostoiévski. *Carioca*, 18/11/1944, pp. 8, 41.
- \_\_\_\_\_. A vida de Castro Alves. *Carioca*, 1948, p. 8.
- \_\_\_\_\_. A luta contra Freud. *Carioca*, 18/11/1948, p. 8.
- MORAES, Mário de. Hipnose terapêutica. *O Cruzeiro*, 17/11/1956, pp. 47-49.

- MORAES NETO, Prudente. Sobre a sinceridade. *Estética*, ano II, v. I, jan.-mar. 1925, p. 159.
- MOVIMENTO BRASILEIRO. Crítica e Informação. O romance moderno na Inglaterra. Ano 1, n. 6, jun. de 1929, p. 13.
- MÜLLER, João Pedro. A doutrina da periculosidade criminal no novo Código Penal do Brasil. *Ciência Política*, ano II, n.18, ago. 1942, pp. 125-137.
- NAVA, Pedro. Apresentação. *A Revista*. Ed. Fac-símile. 1978 [1925].
- A ORDEM*. Livros. Jan.-jun. 1941, pp. 559-561.
- \_\_\_\_\_. Bibliografia. Ago. 1941, pp. 90-91.
- PASTEUR. Inquérito. Ano I, n. 3, nov.-dez. 1940, p. 25.
- PATERNOSTRO, Julio. Nosso segredo. *Pasteur*, ano I, n. 3, nov.-dez. 1940, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Sigmund Freud (1856-1939). *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1947, pp. 62-65.
- PATERNOSTRO, Julio; NAPOLITANI, Fabrizio. Introdução ao estudo dos princípios básicos da psicanálise. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1947, pp. 66-72.
- PEIXOTO, Jarbas. Como o sr. Tristão de Athayde vê Pirandello e Marcel Proust. *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1929: s.p.
- PEREGRINO JR., João. Dostoiévsky, caso clínico. *Careta*, 19/07/1930, pp. 28-29.
- \_\_\_\_\_. Diagnósticos retrospectivos. *Careta*, 29/11/1930, pp. 36-37.
- \_\_\_\_\_. O amor e as mulheres na vida de Goethe. *Careta*, 16/04/1932, pp. 28-29.
- \_\_\_\_\_. A psicopatologia de Goethe. *Careta*, 01/07/1933, pp. 28-29.
- \_\_\_\_\_. Somos iguais? Somos diferentes uns dos outros? Segredos e revelações da constituição individual. *Vamos Lêr!*, 1937, pp. 4-8.
- \_\_\_\_\_. “O temperamento de Machado de Assis”. *Panorama Literário, Vamos Lêr!*, 07/07/1938, p. 15.
- \_\_\_\_\_. “A preocupação da loucura em Machado de Assis”. *Panorama Literário, Vamos Lêr!*, 13/10/1938, pp. 17-18.
- \_\_\_\_\_. A timidez de Machado de Assis e a de Amiel. *Revista Brasileira*, ano I, n. 2, set. 1941, pp. 129-139.
- \_\_\_\_\_. Um sorriso para todas. *Careta*, 27/09/1941, p. 25.
- PÉRES, Heitor. Émile Zola e a medicina. *Pasteur*, ano I, n. 3, nov.-dez. 1940, p. 15.
- PERESTRELLO, Danilo. Crianças amordaçadas. *Momento Feminino*, 1948: s.p.
- \_\_\_\_\_. A educação psicológica da infância. *A Casa*, abr. 1949a, p. 77.
- \_\_\_\_\_. Educando para a vida. *A Casa*, mai. 1949b, p. 81.

- \_\_\_\_\_. O “Complexo do Pavão”. *A Casa*, jul. 1949c, p. 81.
- P. M. C. Baudelaire, o enigma. *Manchete*, 05/06/1954, p. 27.
- PSYKE*. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1947.
- QUEIRÓS, Raquel de. Macabra. *O Cruzeiro*, 04/10/1947, p. 90.
- LA RAISON*. Introduction à l'étude du Pavlovisme. N. 8, mai. 1954, pp. 3-4.
- RAMOS, Arthur. Estudos de Folclore. Teorias psicanalíticas. *Revista Brasileira*, 1945, pp. 84-93.
- RÉGIO, José. À volta duma definição de romance. *Dom Casmurro*, 19/01/1946, p. 6.
- REIS, Brandão. Em câmara lenta... *A Cena Muda*, 27/12/1949, pp. 25-26.
- REPOND, A. Congresso de psicologia aplicada e os quatorze pontos de Zurich. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, jul. 1947a, pp. 75-78.
- \_\_\_\_\_. Unidades psiquiátricas em hospitais gerais. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, set. 1947b, p. 1.
- REVISTA DO LIVRO*. Bibliografia. 1958, p. 318.
- \_\_\_\_\_. Bibliografia. 1960, p. 255.
- REVISTA LATINO-AMERICANA DE PSIQUIATRIA (RLAP)*. Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1951a.
- \_\_\_\_\_. Editorial. Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1951b.
- RIBEIRO, Iván. Introdução ao estudo do sentimento do tempo perdido. *RLAP*, Córdoba/Rio de Janeiro, ano I, n. 3, 1952, pp. 53-55.
- RIBEIRO, Werther. Os mimos das vovós e o “chicote com açúcar”. *Jornal das Moças*, 29/07/1954, p. 62.
- ROXO, Henrique. Resenha do livro de Gregorio Bermann *Menores desamparados y delinquentes en Córdoba*. In: Bibliografia. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano XVII, n. 2, mar.-abr. 1934, pp. 100-101.
- DR. SÁ BICHÃO. O americano e o micróbio. *Careta*, 09/03/1940, pp. 30, 39.
- SANT'ANNA, Graciete. Fora da onda. *Careta*, 1959, s.p.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. O problema da aprendizagem na pedagogia moderna. *A Ordem*, set. 1940, pp. 61-78.
- SERRANO, Jonatas. Letras contemporâneas. *A Ordem*, 1937, pp. 266-267.
- SILVA, Gastão P. da. Psicanálise... em gotas. *Carioca*, 1940, p. 61.
- \_\_\_\_\_. Dostoiévski. *Vamos Lêr!*, 1941, pp. 28, 52.

\_\_\_\_\_. Respondendo aos ouvintes de “No mundo dos sonhos”. *Carioca*, 01/01/1952, p. 58.

SILVA, H. Pereira da. Megalomania de Machado de Assis. *Carioca*, 1949, pp. 41, 57.

\_\_\_\_\_. O complexo de compensação em Braz Cubas. *Carioca*, 1953, pp. 48, 56.

SOARES, Vasco. Orientação vital na adolescência. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, set. 1947.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEUROLOGIA, PSIQUIATRIA E MEDICINA LEGAL (SBNPML). Ata da Sessão de Psiquiatria de 21/10/1935. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano XIX, n. 3-4, mai.-ago. 1936, pp. 153-154.

THENON, Jorge. La psiquiatria a mediados del siglo XX. *RLAP*, ano I, n. 4, jul. 1952, pp. 1-16.

VAMOS LÊR! 27/04/1939, pp. 12-13.

\_\_\_\_\_. Panorama Literário. 11/07/1940, p. 14.

\_\_\_\_\_. Aldous Huxley. 11/06/1942, p. 20.

\_\_\_\_\_. Graciliano escolheu. 03/09/1942, pp. 8-9.

\_\_\_\_\_. A gula dos leitores brasileiros. 12/10/1944, p. 20.

VAN ACKER, Leonardo. São Tomás de Aquino e a Escola Nova. *A Ordem*, 1931.

VESENTINI, Maria. Inquietação. *Dom Casmurro*, 20/04/1946, p. 7.

YAHN, Mário; PIMENTA, Aloysio Mattos. Psicocirurgia. *Psyke*, Rio de Janeiro, ano I, n.1, jul. 1947.

\_\_\_\_\_. “In Memoriam Dra. Françoise Minkowska”. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, São Paulo, vol. 10, n. 1, jan.-mar. 1952.

### **Livros e coleções de artigos:**

ABREU, Modesto de. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Norte Editora, 1939.

ALMEIDA, Heloisa L. de. *A vida amorosa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Liv. Central, 1939.

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Conversa de Livraria*. Porto Alegre: Ed. Age; São Paulo: Ed. Giordano, 2000 [1941 e 1948].

ANDRADE, Mário de. “Marginalia Vária”. Acervo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- AZEVEDO, Raul. *Vida e Morte de Stefan Zweig*. Edição Especial da *Revista Aspectos*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Alba, 1942.
- BERARDINELLI, Waldomiro. *Tratado de biotipologia*. 4ª ed. Rio de Janeiro, 1942.
- BERMANN, Gregorio. “Psicoterapia” (1935). In: \_\_\_\_\_. *Nuestra Psiquiatria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1960a.
- \_\_\_\_\_. *Nuestra Psiquiatria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1960b.
- \_\_\_\_\_. “Dialética del facismo y su psicopatología”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas psiquiátricos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1966.
- \_\_\_\_\_. “Estudios Psicopatológicos: Psicogénesis de la ‘locura moral’”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas Psiquiátricos*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1966.
- BITTENCOURT, Liberato. *Machado de Assis ou o desrespeito ao ídolo acadêmico*. Rio de Janeiro, Oficina do Ginásio 28 de Setembro, 1939.
- BRANDÃO, Octávio. *O nihilista Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958.
- CÂMARA, Jayme Adour. “Depoimento sobre Proust”. In: COELHO, Saldanha. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950, pp.87-91.
- CARDOSO, Lúcio. *A luz no subsolo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Lição de Proust” In: COELHO, Saldanha. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950, pp. 109-114.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome – Fome no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A., 1948.
- COELHO, Machado. *Machado de Assis*. Belém: Gráfica Norte, 1939.
- COELHO, Saldanha. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950.
- DOMINGUES, Octávio. A concepção hereditária no “*D. Casmurro*”. Rio de Janeiro; Ed. do Autor, 1941.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo: poema petersburguense*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- FREUD, Sigmund. *Basic Writings*. BRILL, A. A. (Ed. e Trad.). Nova York: Modern Library, 1938.
- \_\_\_\_\_. Carta a D. Luis López-Ballesteros y de Torres. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Vol. 1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996a, p. xli.

- \_\_\_\_\_. Los recuerdos encubridores. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1996b [1899], pp. 330-342.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a [1921].
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b [1930].
- \_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GRASSET, Joseph. *Les limites de la biologie*. Paris: Félix Alcan Editeur, 1902.
- JUCÁ FILHO, Cândido. *O Pensamento e a Expressão em Machado de Assis*. Rio de Janeiro, L. Fernandes, 1939.
- KLAGES, Ludwig. *Los fundamentos de la caracterologia*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1959.
- KRETSCHMER, Ernst. *Constitución y carácter*. Buenos Aires: Editorial Labor, 1954.
- LAFORGUE, René. *L'Échec de Baudelaire (étude psychanalytique sur la névrose de Baudelaire)*. Paris: Denoël & Steele, 1931.
- LIMA, Alceu Amoroso (ATHAYDE, Tristão de). *Estudos. Segunda série*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Quadro sintético da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica Editora, 1969.
- LINS, Álvaro. *A técnica do romance em Marcel Proust*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MACHADO, Dyonélio. *O louco do Cati*. Editora Globo, Porto Alegre, 1942.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).
- MARAÑÓN, Gregório. *El Conde-Duque de Olivares*. Espasa Calpe, Argentina, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Ensayo histórico sobre Enrique IV de Castilla y su tiempo*. Ed. Mundo Latino, 1930.
- MATOS, Mário. *Machado de Assis, o homem e a obra; os personagens explicam o autor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- MEYER, Augusto. *Machado de Assis 1935-1958*. 4ª. ed. RJ José Olympio/ABL, 2008 [1935].
- MIRA Y LÓPEZ, Emílio. *Psiquiatria en la guerra*. Buenos Aires: Editorial Médico-Quirúrgica, 1944.



- PEIXOTO, Afrânio. Prefácio. In: ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro, 1941.
- PEREGRINO JR., João. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro; José Olympio/MEC, 1976 [1938].
- PEREIRA, Astrogildo. “Machado de Assis, Romancista do Segundo Reinado”. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis. Ensaios e Apontamentos Avulsos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*. 6ª. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988 [1936].
- PONTES, Eloy. *A vida contraditória de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.
- PORCHÉ, François. *La vie douloureuse de Charles Baudelaire*. Paris: Plon-Nourrit, 1926.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann (Em busca do tempo perdido, vol. 1)*. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- SCOURAS, Photis. *Essai médico-psychologique sur Charles Baudelaire*. Lyon: Bosc & Riou, 1929.
- SILVA, H. Pereira da. *Gastão Pereira da Silva. De filho para pai*. Rio de Janeiro: Perspectiva Editora, s.d.
- SZONDI, L. *Introdução à Psicologia do Destino*. São Paulo: Editora Manole, 1975.
- TATIN, René. *Essai médico-psychologique sur Lamartine*. Lyon: Bosc & Riou, 1929.
- THENON, Jorge. *Robespierre y la psicopatología del héroe*. Buenos Aires: Ediciones Meridion, 1958.

### **Referências bibliográficas**

- ACCORSI, Giulia Engel. *Entre a moléstia e a cura: a experiência da malarioterapia pelos psiquiatras do Rio de Janeiro (1924-1956)*. Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.
- ALBRIZIO, A. Biometry and Anthropometry: from Galton to Constitutional Medicine. *Journal of Anthropological Sciences*, v. 85, 2007.
- ALCÂNTARA, Josiane Silva de. *Vitrine das ciências: a divulgação científica nas revistas cariocas Kósmos, Século XX e Renascença (1904-1909)*. Dissertação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.
- ALVES, Iracélli da Cruz. Os movimentos feminista e comunista: história, memória e política. *Tempos Históricos*, v. 1, 2º sem. 2017, pp. 107-140.
- ARAÚJO, Saulo de Freitas. “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”. In: JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.).

- História da psicologia: rumos e percursos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011, pp. 93-104.
- BALÁZS, Pedro. “Dados biográficos”. In: SZONDI, L. *Introdução à Psicologia do Destino*. São Paulo: Editora Manole, 1975.
- BARBOSA, Marialva Carlos. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- \_\_\_\_\_. Leitores e leituras dos jornais do Rio de Janeiro no início do século. *Intexto*, v. 1, n. 3, jan.-jul. 1998, pp. 1-14.
- BAUMANN, Gino. *Los voluntarios latino-americanos en la Guerra Civil Española*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2009.
- BELKNAP, Robert L. “Dostoevskii and psychology”. In: LEATHERBARROW, W.J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Dostoevskii*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- \_\_\_\_\_. A imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERCHERIE, Paul. *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- BERGSON, Henri. *Matière et Mémoire. Essai sur la relation du corps à l'esprit*. Paris: Editions Félix Alcan, 1896.
- \_\_\_\_\_. *Matière et Mémoire*. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres. Édition du Centenaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963: 161-382.
- BENSAUDE-VINCENT, B. Splendeur et décadence de la vulgarization scientifique. *Questions de communication*.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud and Man's Soul*. Nova York: Vintage Books, 1984.
- BEZERRA, Paulo. “O laboratório do gênio”. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BORAGINA, Jerónimo; SOMMARO, Ernesto. “Mar del Plata y la Guerra Civil Española”. *Todo es História*, Buenos Aires, n. 468, 2006.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. Champ intellectuel et projet createur. *Les temps modernes*, nov. 1966, pp. 865-906.

- \_\_\_\_\_. Le fonctionnement du champ intellectuel. *Regards Sociologiques*, n. 17/18, 1999, pp. 5-27.
- \_\_\_\_\_. “A ilusão biográfica”. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- BUNGART NETO, Paulo. *Augusto Meyer Proustiano: A reinvenção memorialística do eu*. 2014. Disponível em [http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/Augusto\\_Meyer\\_Proustiano.pdf](http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/Augusto_Meyer_Proustiano.pdf). Consultado em 30/12/2018.
- BURGESS, Anthony. *Homem comum enfim: uma introdução a James Joyce para o leitor comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: Modernismo, história e antologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CANDOTTI, E. Ciência na educação popular. In: MASSARANI, L. et al (orgs.). *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- CAPELATO, Maria Helena. “Intelectuais latino-americanos”: o caráter nacional em questão. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, jul. 2009.
- \_\_\_\_\_. Ensaio latino-americanos: “caráter nacional” e construção de estereótipos. *História (São Paulo)*, v. 32, n. 1, jan.-jun. 2013.
- CARDOSO, Lúcio. “Mundos Mortos”, In: FARIA, Octavio de. *Tragédia Burguesa. Vol. I Mundos mortos*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969.
- CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: história dos Diários Associados*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Assis Chateaubriand, 1999.
- CARONE, Edgard. *A República Velha II: Evolução Política 1889-1930*. 3ª. ed. São Paulo: DIFEL, 1977.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. São Paulo: Leya, 2011.
- CARVALHO, Carolina da Costa de. Entre o consultório e o confessionário: as leituras da educação sexual segundo a psicanálise e o Catolicismo (década de 1950). Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde— Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2019.

- CARVALHO, Carolina da Costa de; MATHIAS, Cátia; MARCONDES, Sérgio. The communication of psychiatry in Brazilian press, 1930-1940. *JCOM – Journal of Science Communication*, v. 16, n. 3.
- CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, 2000, pp. 123-152.
- CARVALHO, Marta Maria C. *Molde Nacional e Forma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.
- CASSONE, Florencia Ferreiro de. *Claridad y el internacionalismo americano*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1998.
- CASTRO, Rafael Dias de. *A sublimação do “id primitivo” em “ego civilizado”*: o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944). Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- CELENTANO, Adrian. Psiquiatria, psicología y política de izquierdas en Argentina del siglo XX: La historia intelectual de Gregorio Bermann. *História Unisinos*, 10 (1), jan.-abr. 2006.
- CERQUEIRA, Ede. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.
- CERTEAU, Michel de. “Ler: uma operação de caça”. In \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHAGAS FILHO, Carlos. *Um aprendiz de ciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora Fiocruz, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- CIXOUS, Helene. *Readings: The Poetics of Blanchot, Joyce, Kafka, Kleist, Lispector and Tsvetayeva*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.
- COSNIER, Jacqueline. Verbete “Psyché”. In: MIJOLLA, Alain de (Ed.). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Farmington Hills, MI: Macmillan Reference Books, 2005, 3v.
- COSTA, B. E. G. da. *Ciência na imprensa brasileira no pós-guerra: o caso do suplemento Ciência para Todos (1948-1953)*. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

- COSTA, Cecília. *Diário Carioca: o jornal que mudou a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.
- COSTA E SILVA, Alberto. “Prefácio”. In: MEYER, Augusto. *Machado de Assis 1935-1958*. 4ª. ed. RJ José Olympio/ABL, 2008 [1935].
- CUPELLO, Priscila Céspedes. A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933). Dissertação de Mestrado em História das Ciências e da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2013.
- DAGFAL, Alejandro. *Entre París y Buenos Aires. La invención del psicólogo (1942-1966)*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2009.
- DANTAS, Pedro. “Vida da Estética e não estética da vida”. In: *Estética – Edição comemorativa dos 50 anos*, Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- DARNTON, Robert. *Mesmerism and the End of the Enlightenment in France*. New York: Harvard University Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DAVIS, Lydia. Introduction. In: PROUST, Marcel. *Swann’s Way*. Londres: Penguin Books, 2002.
- DIAS, Allister Andrew Teixeira. *Arquivos de ciências, crimes e loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.
- DÍAZ, Gonzalo Díaz; SANTOS-ESCUADERO, Ceferino. *Bibliografía Filosófica Hispánica (1901-1970)*, Madrid: Editorial CSIC Press, 1982.
- DINES, Alberto. *Stefan Zweig no país do futuro: A biografia de um livro*. Rio de Janeiro: EMC; Casa Stefan Zweig e Fundação Biblioteca Nacional, 2009.
- D’ONOFRIO, Salvatore. “A verdade fragmentária no teatro de Pirandello”. *Revista de Letras*, vol. 21, São Paulo: Unesp, 1981.
- DUTRA, Eliane de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.) *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 10ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ELIAS, Norbert. *Mozart. Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 [1939]. 2v.

- ENGEL, M. G.; SOUZA, F. F.; GUERELLUS, N. S. (Orgs.) “Apresentação”. In: *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X – Faperj, 2015.
- Ezabella, Alessandro. Hernani de Irajá: arte e ciência de um sexólogo brasileiro 2010. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FACCHINETTI, Cristiana. *Deglutindo Freud: sobre a digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Tese de Doutorado em Teoria Psicanalítica. UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.
- FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise Modernista no Brasil: um recorte histórico. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 13(1): 115-137, 2003.
- FACCHINETTI, Cristiana. Psicanálise para Brasileiros: história de sua circulação e sua apropriação no entre-guerras. *Culturas Psi*, v. 1, p. 45-62. 2012.
- FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2013, pp. 239-262.
- FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos. De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, São Paulo, VII (11), jun. 2003, pp. 59-83.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FERLA, Luis. El determinismo biotipológico y su red de sustentación a través de eugenistas españoles, brasileños y argentinos. In: MIRANDA, Marisa; VALLEJO, Gustavo (Org.). *Una historia de la eugenesia: Argentina y las redes biopolíticas internacionales, 1912-1945*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2012.
- FERREIRA, T. M. T. B. As origens da resenha no Brasil: as experiências de *O Patriota*. In: CARVALHO, J. M. de; NEVES, L. M. B. P. das (orgs.) *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- FIGUEIRÔA, S. e LOPES, M. M. A difusão da ciência e da tecnologia através da imprensa e dos periódicos especializados (São Paulo 1890 – 1930). Rio de Janeiro: Anais do VI Seminário Nacional de História da C&T, 1997, pp. 4-7.
- FONSECA, Cristina M. O. *Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- FONSECA, M. R. F. da. As ciências biomédicas nas Conferências Populares da Glória. In: PRIEGO, N.; LOZANO, S. (coords.) *Paradigmas, culturas y saberes. La transmisión del conocimiento científico en Latinoamérica*. Madri; Frankfurt: AHILA; Iberoamericana; Vervuert, 2007.

- FOUCAULT, Michael. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- GEISON, Gerald. *A ciência particular de Louis Pasteur*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Contraponto, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GOLDAR, Ernesto. *Los argentinos y la Guerra Civil Española*. Buenos Aires: Contrapunto, 1986.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. “Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo”. In: \_\_\_\_\_ (orgs.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GONZÁLEZ, L.; BORAGINA, J.; SOMMARO, E.; DORADO, G. *Voluntários de Argentina en la Guerra Civil Española*. Buenos Aires: Centro Cultural de Cooperación, 2008.
- GOULEMOT, Jean-Marie e WALTER, Éric. Les centennaires de Voltaire et de Rousseau. In: NORA, Pierre (Dir.). *Les lieux de mémoire, vol. I*. Paris: Quarto Gallimard, 1997.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. “Sob o signo da solidão: Dionélio autobiográfico”. In: MACHADO, Dyonélio. *O cheiro de coisa viva*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê: as figuras machadianas através da crítica e das polêmicas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo: Edusp., 2005.
- HEDEN, Anthony. *Rosário Fusco e o Estado Novo*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro, 1870-1937*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1996.
- HONORATO, Mariano R. *Freud y los chilenos: Historia de la recepción de la psicoanálisis em Chile (1910-1949)*. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade do Chile, 2013.
- HOPFENGÄRTNER, Johanna. “Apuntes para una biografía de Bela Székely”. *Revista de Psicología*, n. 12, 2011-2012.
- HOUAISS, Antônio. In: JOYCE, James *Ulisses*, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

- INKELES, Alex. *National Character: A psych-social perspective*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *Modern Man in Search of the Soul*. Londres: Kegan Paul, Trench, Tubner, 1933.
- KENNEDY, Shawan G. Beatrice Berle, 90, a doctor, teacher and medical writer. *The New York Times*, 14/06/1993.
- KIBERD, Declan. “Introdução” In: JOYCE, James. *Ulysses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- KODAMA, Kaori. “A vulgarização científica nas obras de Louis Figuier e suas traduções no Brasil”. In: GOMES, Angela de C.; HANSEN, Patricia S. (orgs.). *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- KREINZ, G. “Em busca do infinito”. In: PAVAN, C. e KREINZ, G. (org.) *A espiral em busca do infinito: ensaios sobre o divulgador científico José Reis*. São Paulo: ECA/NJR, 1998.
- \_\_\_\_\_; PAVAN, C. (org.). *José Reis, jornalista, cientista e divulgador científico*. São Paulo: NJR/ECA/USP, 2001.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 [1962].
- KUPERMAN, Esther. “Judeus e Estado no Brasil: repensando o conceito de integração”. In: LEWIN, Helena (Org.). *Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- KURY, Lorelai. “Descrever a pátria, difundir o saber”. In: \_\_\_\_\_. *Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Biblioteca Nacional, 2007.
- \_\_\_\_\_. A ciência útil em O Patriota (Rio de Janeiro, 1813-1814). *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul.-dez., 2011, pp. 115-124.
- LANG, Birgit. “Fin-de-siècle investigations of the ‘creative genius’ in psychiatry and psychoanalysis”, In: LANG, Birgit; DAMOUSI, Joy; LEWIS, Alyson. *A history of the case study*. Manchester: Manchester University Press, 2017.
- LATOUR, B. e WOOLGAR, S. *A vida do laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008 [1895].
- LEBOVIC, Nitzan. Fascism, Nazism: Cultural Legacies of Reaction. *South Central Review*, v. 23, n. 1, prim. 2006.



\_\_\_\_\_. *The Philosophy of Life and Death: Ludwig Klages and the Rise of a Nazi Biopolitics*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1992

LIMA, Nisia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condensado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In MAIO, Marcos Chor (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. In: \_\_\_\_\_; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 149-175.

\_\_\_\_\_. *A Revista do Brasil: uma diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

LUNETTA, Mario. “Introduzione a Italo Svevo”. In SVEVO, Italo. *Tutti i romanzi e i racconti*. Roma: Newton Compton, 2011.

LUSTOSA, Isabel. “A imprensa e impressos brasileiros: do surgimento à modernidade”. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, pp. 29-43.

MANN, Sabina Lambertucci. “La psicanalisi in Itália” In: BOURDIN, Dominique. *Cento anni di psicoanalisi. Da Freud ai giorni nostri*. Bari: Edizione Dedalo, 2007.

MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. “Nós, os charlatães”: Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

MARQUES, Reinaldo. “Um mundo suspenso”. In: ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. São Paulo: Globo, 2006.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. “Pelos caminhos da imprensa no Brasil”. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 7- 19.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira, vol. III (1933-1960)*. São Paulo: Editora Cultrix/EDUSP, 1978.

MARX, Karl. “Prólogo”. In: *Contribuição à crítica de economia política*. 2ª ed. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

- MASSARANI, L. *A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20*. Dissertação de mestrado. IBICT-ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.
- MASSARANI, L., MOREIRA, I. C. e BRITO, F (org.) *Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- MELANÇON, Jérôme. “Merleau-Ponty’s phenomenology of politics. A humanism in extension”. *Philosophy & Social Criticism*, v. 36, n. 5, 2010.
- MELLONI, Maria Teresa Saraiva. *O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro (1937-1959): um processo de institucionalização*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.
- MENDES, Francielle M. M. *Coronel de Barranco: a literatura no imaginário social da Amazônia no primeiro ciclo da borracha*. Tese de doutorado em História Social. FFLCH-USP, São Paulo, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Librairie Gallimard/NRF, 1945.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- MOLINA, Andrés Ríos (coord.) *La psiquiatría más allá de sus fronteras. Instituciones y representaciones em el México contemporâneo*. México: UNAM, 2017.
- MONARCHA, Carlos. Psicoclínicas e cuidados da infância. *Bol. Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 29, n. 2, dez. 2009.
- MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Por una psiquiatría experimental y de laboratorio: la formación de una comunidad alemano-brasileña de la medicina mental (1900-1914). *Universitas Psychologica*, [S.l.], v. 13, n. 5, jul. 2014, pp. 1967-1981.
- \_\_\_\_\_. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.
- MUTRAN, Munira H. “A recepção de James Joyce no Brasil”. In: NESTROVSKI, Arthur. *Riverrun: ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya Editora, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- OLIVEIRA, Carmen Lucia M. V. de. L'implantation du mouvement psychanalytique à São Paulo. Tese (Doutorado em Sociétés Occidentales – temps, espace & civilisation). Université Paris VII – Denis Diderot, Paris – França, 2001.
- OLIVEIRA, Carmen Lucia M. V. de. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan-jun. 2002.
- OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *História da psicanálise São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta, 2005.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Marta Laus P. *A recepção crítica da obra de Marcel Proust no Brasil*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993, 450 p. Tese de Doutorado.
- PAZ, Octavio. *Tradução: literatura e literalidade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Cadernos Viva Voz). Disponível em [http://www.letras.ufmg.br/padroao\\_cms/documentos/eventos/vivavoz/traducao2ed-site.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/documentos/eventos/vivavoz/traducao2ed-site.pdf). Consultado em 15/01/2019.
- PÉCORRA, Alcir. “Um romance reticente”. In: ANJOS, Cyro dos. *Abdias*. São Paulo: Globo, 2006.
- PEREIRA NETO, André de F. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- PERESTRELLO, Marialzira. “Tentativas para obter a formação psicanalítica”. In MARCHON, Paulo (Coord.). *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, pp. 127-129.
- PLOTKIN, Mariano Ben. *Freud in the Pampas: The Emergence and Development of a Psychoanalytic Culture in Argentina*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Psychoanalysis, Transnationalism and National Habitus: A Comparative Approach to the Reception of Psychoanalysis in Argentina and Brazil (1910s–1940s)”. In: DAMOUSI, Joy; PLOTKIN, Mariano Ben (Ed.). *The Transnational Unconscious: Essays in the History of Psychoanalysis and Transnationalism*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2009, pp. 145-178.
- POE, Edgar Allan. “O coração denunciador”. In: CALVINO, Ítalo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PONTIERO, Giovanni. “Afterword”. In: LISPECTOR, Clarice. *Near to the Wild Heart*. Manchester: Carcanet Press, 1990.

- PORTER, Roy. *Das tripas coração. Uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- PORTUGAL, Francisco Teixeira. “Comparação e genealogia na psicologia inglesa do século XIX”. In: JACÓ-VILELA, Ana; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Org.). *História da psicologia: rumos e percursos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011, pp. 105-120.
- PRESTES, Anita L. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Os Militares e a Reação Republicana: As Origens do Tenentismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- QUIJADA, Mónica. *Aires de República, Aires de Cruzada: la Guerra Civil Española*. Barcelona: Sendai, 1991.
- RAJ, Kapil. Beyond postcolonialism... and postpositivism – circulation and the global history of science. *Isis*, 104 (02), 2013, pp. 337–347.
- RAJ, Kapil. “Circulação não é fluidez”. Entrevista realizada por Matheus Duarte. *Boletim da SBHC*, n. 9, jun. 2016, sp. Disponível em: [https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=944](https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=944). Consultado em: 15/01/2017.
- REIS, Vera Lúcia dos. *Perfeito escriba. Política e letras em Alceu de Amoroso Lima*. São Paulo: Annablume, 1998.
- RITO, Marcelo. *Carne recortada, almas expostas: da visualização escolanovista à utopia do homem aprimorável*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 2015.
- ROCHA, Ana C. S. M. *Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935)*: Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.
- RODRÍGUEZ DE MAGIS, María Elena. “Latinoamérica en la consciencia argentina”. In: ZEA, Leopoldo. *Fuentes de la cultura latinoamericana*. v. II. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ROIG-SANZ, Diana; MEYLAERTS, Reine (Ed.). *Literary Translation and Cultural Mediators in ‘Peripheral’ Cultures. Customs Officers or Smugglers?* S.l.: Palgrave Macmillan, 2018.
- ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

- ROSA, José Almerindo. “Sob o ritmo do remo”. In: LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. 2ª ed. revista. Manaus: Ed. Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2002.
- ROSA, Maristela da; TEIVE, Gladys M. G. Everardo Adolpho Backheuser: expoente de um escolanovismo católico. *Revista NUPEM*, Campo Mourão PR, v. 8, n. 14, jan.-jun. 2016, pp. 48-49.
- ROSAS, Paulo. “O ISOP no tempo de Mira”. In: SILVA, Suely B.; ROSAS, Paulo (Org.). *Mira y López e a psicologia aplicada no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- ROSSI, Lucía A. El diseño de las publicaciones periódicas en Argentina y el discurso psicológico; La psicología en las publicaciones periódicas en Argentina en la década del 30. *Revista de Historia de la Psicología en Argentina*. Buenos Aires, n. 1, 2008.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- \_\_\_\_\_. A psicanálise enquanto processo civilizador: um projeto para a nação brasileira. *Cadernos IPUB (UFRJ)*, v. 16, nº 18, p. 10-20, 2000.
- SANTOS, Eloína M. dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*. 2ª. ed. Manaus: SUFRAMA/Gráfica Lorena, 1990.
- SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. *Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no estado do Amazonas, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ-FGV, 1996, pp. 231-270.
- SMADJA, Éric. *The Œdipus Complex. Focus of the Psychoanalysis-Anthropology Debate*. New York: Routledge, 2018.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SPENGLER, Oswald. *La decadencia de Occidente. Bosquejo de una morfología de la historia universal*. Madrid: Espasa-Calpe, 1923.
- STEPAN, Nancy. Eugenia no Brasil, 1917–1940. In: HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego (Org.). *Cuidar, controlar, curar. Ensaios históricos sobre saúde e doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, pp. 331-390.

- TEIXEIRA, M. “Pressupostos do Jornalismo de Ciência no Brasil”. In: MASSARANI, L. et all (Orgs.). *Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, pp. 133-141.
- TODES, Daniel P. *Ivan Pavlov. A Russian Life in Science*. New York: Oxford University Press, 2014.
- TOLEDO, M. Rita de A. “A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros”. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010, pp. 139-156.
- VÁSSINA, Elena. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. O Cruzeiro. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930, vol. 2*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A Ordem: uma revista de doutrina, política e cultura católica. *Revista de Ciência Política*, Rio de Janeiro, jul./set. 1978, pp. 117-160.
- VENANCIO, Ana Teresa. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 14, n. 2, 2004, pp. 283-301.
- VENANCIO, Ana Teresa; CARVALHAL, Lázara. “A classificação psiquiátrica de 1910: ciência e civilização para a sociedade brasileira”. In JACÓ-VILELA, Ana Maria et al. (Org.). *Clio-Psyché ontem: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro”. In DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane; VENANCIO, Ana Teresa (Org.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. Ler ciência no Brasil do século XIX: a Revista Popular, 1859-1862. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 20, supl., nov. 2013, pp. 1153-1162.
- VERGARA, Moema. Ensaio sobre o termo ‘vulgarização científica’ no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul./dez. 2008, pp. 137-145.
- \_\_\_\_\_. *A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República*. Tese de Doutorado em História Social da Cultura, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2003.

VEZZETTI, Hugo. *Psiquiatria, psicoanálisis y cultura comunista: batallas ideológicas en la Guerra Fría*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VILLASANTE, Olga. Gregorio Bermann y la neurosis de guerra en el Madrid de la Guerra Civil Española. *Temas de la Historia de la Psiquiatria Argentina*, n. 27, outono 2009.

VIMIEIRO-GOMES, Ana Carolina. Biotipologia, regionalismo e construção de uma identidade corporal brasileira no plural, década de 1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, supl., dez. 2016.

ZEM EL-DINE, Lorena Ribeiro. *A alma e a forma do Brasil: o modernismo paulista em verde-amarelo (anos 1920)*. Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz-Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

WADI, Yonissa M. *A história de Pierina. Subjetividade, crime e loucura*. Minas Gerais: Edufu, 2009.

#### **Sites de Internet:**

ABREU, Alzira A. “Partido Autonomista do Distrito Federal”. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC, s.d. (a). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-autonomista-do-distrito-federal>. Consultado em 08/12/2017.

\_\_\_\_\_. “Revolta Comunista de 1935”. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC, s.d. (b). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolta-comunista-de-1935>. Consultado em 08/12/2017.

“Antônio Austregésilo”. S.d. Disponível em: [www.anm.org.br](http://www.anm.org.br) e <http://www.academia.org.br/academicos/Antonio-austregesilo>. Consultado em 08/10/2017.

BAO, Ricardo Melgar. “El exiliado boliviano Tristán Marof: tejiendo redes, identidades y claves de autoctonía política”. *Pacarina del Sur*, ano 3, n. 12, jul.-set. 2012: s.p. Disponível em: <http://www.pacarinadelsur.com/home/figuras-e-ideas/480-el-exiliado-boliviano-tristan-marof-tejiendo-redes-identidades-y-claves-de-autoctonia-politica>. Consultado em 03/05/2018.

BRANDI, Paulo. “Pedro Ernesto Batista”. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-ernesto-batista>. Consultado em 08/12/2017.

BRASIL, Bruno. “Correio da Manhã”. Artigos da Hemeroteca Digital Brasileira, 2014a. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/> Consultado em 28/05/2019.

\_\_\_\_\_. “Diário Carioca”. Artigos da Hemeroteca Digital Brasileira, 2014b. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-carioca>. Consultado em 28/05/2019.

\_\_\_\_\_. “O Jornal”. Artigos da Hemeroteca Digital Brasileira, 2015a. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/> Consultado em 28/05/2019.

\_\_\_\_\_. “Jornal do Commercio”. Artigos da Hemeroteca Digital Brasileira, 2015b. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro>. Consultado em 28/05/2019.

CALICCHIO, Vera. “Josué de Castro”. *In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC, s.d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/josue-de-castro>. Consultado em 08/10/2018.

CELENTANO, Adrián. “El humanismo de Gregorio Bermann”. *In: GONZÁLEZ, Pablo Guadarrama; BIAGINI, Hugo (Dir.). El pensamiento latinoamericano de siglo XX ante la condición humana*, 2004. Disponível em <http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/argentina/bermann.htm>. Consultado em 12/12/2017.

“Departamento Administrativo do Serviço Público” (DASP). S.d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/>. Consultado em 08/11/2017.

FORJA, Maria Cecília Spina. “Tenentismo” *In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC, s.d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tenentismo>. Consultado em 08/08/2018.

FRAGOSO, Heleno. “Lei de Segurança Nacional”. *In: Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-de-seguranca-nacional>. Consultado em 08/12/2017.

“História da Editora José Aguilar”. Disponível em <https://novaaguilar.blogspot.com/2014/06/historia-da-editora-jose-aguilar.html>. Consultado em 20/01/2019.

INTERPOL. Outcome from 22nd General Assembly Meeting, 1953, Oslo. Disponível em <https://www.interpol.int/About-INTERPOL/History/1914-2014/INTERPOL-1914-2014/GA-RIPC-1946-2000/Outcomes-from-General-Assembly-meetings,-1946-to-2000>. Consultado em 01/02/2019.

JOHNSTON, Arthur C. *Szondi test and its interpretation*, 2012. Disponível em [www.szondiforum.org](http://www.szondiforum.org);

“La Reforma Universitária de 1918”. Disponível em <http://www.unc.edu.ar/sobre-la-unc/historia/reforma>. Consultado em 01/03/2019.



SACHS, Joe. "Aristotle: Motion and its Place in Nature". In: *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: [www.iep.utm.edu](http://www.iep.utm.edu)

SALES, Pau Pérez. "La psiquiatria en la Guerra Civil Española: un estudio bibliográfico". s.d. Disponível em <http://www.pauperez.cat/en/thematic/articles/psicologia-social/4-la-psiquiatria-en-la-guerra-civil-espanola/file>. Consultado em 18/03/2019.

SANTOS, Delfim. "Psicologia e caracterologia". *Boletim do Instituto de Orientação Profissional*, II série, nº 4, pp. 459-460. Disponível em: <http://www.delfimsantos.org>. Consultado em 28/12/2017.

SANTOS, Juberto. "A Comuna de Manaus". S.d. Disponível em <http://www.historianet.com.br>. Consultado em 13/10/2017.

TRIPICCHIO, Adalberto. "Teste de Szondi". 2008. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2008/02/13/teste-de-szondi/>

URBINATI, Inoã P. Carvalho. "José Francisco de Araújo Lima" *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. FGV-CPDOC, s.d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica>. Consultado em 20/05/2018.